

XXVII Reunião Anual de Psicologia

Outubro de 1997 USP Ribeirão Preto SP

***Resumos de
Comunicações
Científicas***



Sociedade Brasileira de Psicologia

XXVII REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA

22 A 26 DE OUTUBRO DE 1997

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, RIBEIRÃO PRETO**

RESUMOS DE COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA - SBP

SECRETARIA EXECUTIVA

Eliane Cristina Almeida Lima
Adriana Almeida Balthazar

LOGÍSTICA

Aplauso
Gramacho Turismo

APOIO DE SECRETARIA E LOGÍSTICA

Antonio Pereira Macedo
Célia Celeste Moi
Cristiane Almeida Lima
Edna Alci B. Torres
Elson Rodrigues de Souza

ASSESSORIA

José Felipe Beaklini Filho (Depto. Física, Universidade de Brasília)
José Aparecido da Silva (FFCL, USP - Ribeirão Preto)
Luiz Marcelino de Oliveira (Depto. Psicologia e Educação, USP - Ribeirão Preto)
Telma Vitoria (Depto. Psicologia e Educação, USP - Ribeirão Preto)
Victor Moreira Motta (Depto. Proc. Psicologicos Básicos, Universidade de Brasília)
Zélia Maria Mendes Biasoli Alves (Depto. Psicologia e Educação, USP - Ribeirão Preto)

PROJETO GRÁFICO DE CAPA E CARTAZ

Andrea R. Castello Branco
Marcelo Ortega Júdice

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL

Marcus Vinícius Mota de Araújo

FINANCIAMENTOS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPDF - Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos

APOIO GERAL

Universidade de São Paulo
Universidade de Brasília

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA. Resumos de
Comunicações Científicas. XXVII Reunião Anual de Psico-
logia. Ribeirão Preto, SP: SBP, 1997 (xyz pp)

1. PSICOLOGIA

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOLOGIA

(Sucessora da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto)

Fundada em 25.09.1971, declarada de

Utilidade Pública Municipal pela Lei 2920/74 e 6623/93

OBJETIVOS DA SOCIEDADE

Promover o desenvolvimento científico e técnico em Psicologia.

Incentivar a investigação, o ensino e a aplicação da Psicologia.

Defender a ciência e os cientistas em Psicologia, bem como os psicólogos que trabalham na aplicação dos conhecimentos da Psicologia.

Congregar e integrar os psicólogos e outros especialistas em áreas afins.

DIRETORIA

Maria Angela Guimarães Feitosa (Presidente)

William Barbosa Gomes (Vice-Presidente)

Ileno Izídio da Costa (Secretário)

Nilton Pinto Ribeiro Filho (Secretário)

Rosana Maria Tristão (1a. Tesoureira)

CONSELHO

André Jacquemin

Carolina Martuscelli Bori

Deisy das Graças de Souza

Isaías Pessotti*

José Aparecido da Silva

José Lino de Oliveira Bueno

Luiz Marcellino de Oliveira

Maria Clotilde Rossetti Ferreira*

Reinier Johannes Antonius Rozestraten

Ricardo Gorayeb*

Edna Maria Marturano

Célia Maria Lana da Costa Zannon

Márcia Regina Bonagamba Rubiano

Maria Amélia Matos

Olavo de Faria Galvão

* Membros que não estão em exercício no biênio

COMISSÃO CIENTÍFICA

- Dr. Almir Del Prette
Dr. Luiz Marcellino de Oliveira
Dr. Marco Antonio de Castro Figueiredo
Dra. Maria Angela Guimarães Feitosa
Dra. Mariza Japur
Dr. William Barbosa Gomes
Dra. Zélia Maria Mendes Biasoli Alves

CONSULTORES AD HOC

- | | |
|----------------------------------|--------------------------------------|
| Álvaro Pacheco Duran | Luiz Pasquali |
| Ana Maria Torezan | Mara Ignez Campos de Carvalho |
| Anamaria Ribeiro Coutinho | Marcelo Tavares |
| Antonio Celso de Noronha Goyos | Márcia Regina Bonagamba Rubiano |
| Antônio de Freitas Ribeiro | Maria Auxiliadora Dessen |
| Antônio Pedro de Mello Cruz | Maria Benedita Pardo |
| Antonio Virgilio B. Bastos | Maria da Graça Bompastor Borges Dias |
| Bartholomeu T. Tróccoli | Maria Emília Yamamoto |
| Carolina Lampreia | Maria Helena Fávero |
| Cecília Guarnieri Batista | Maria Izabel Pedrosa |
| Célia Maria Lana da Costa Zannon | Maria Lúcia Bustamante Simas |
| César Alexis Galera | Maria Lúcia de Faria Moro |
| Cláudio Hutz | Maria Lucia Seidl de Moura |
| Deisy das Graças de Souza | Maria Stella Alcântara Gil |
| Diva Maria M.A. Maciel | Olavo de Faria Galvão |
| Edna Maria Marturano | Quinha de Oliveira |
| Elenice Seixas Hanna | Rachel C. Nunes |
| Elisabeth Barham | Rachel Guzzo |
| Elisabeth Bomfim | Rachel Kerbauy |
| Emmanuel Zagury Tourinho | Regina Helena Campos |
| Eucia Beatriz Lopes Petean | Sadao Omote |
| Eucia Beatriz Lopes Petean | Sérgio Sheiji Fukusima |
| Geraldo Paiva | Silvia Helena Koller |
| Gerson Américo Janczura | Sonia Santa Vitalino Graminha |
| Gláucia Ribeiro Starling Diniz | Sylvia Leser de Mello |
| Jairo Eduardo Borges Andrade | Telma Vitoria |
| Jorge M. de Oliveira Castro Neto | Thereza Pontual de Lemos Mettel |
| Lorismário Ernesto Simonassi | Vera Sobral |
| Luiz Augusto Celes | Zilda Aparecida Del Prette |

SUMÁRIO

MINI CONFERÊNCIAS

- 3 As Transformações no Mundo do Trabalho e o Novo Perfil de Trabalhador.
- 3 Educação Superior, Neoliberalismo e Produção de Subjetividades.
- 3 Relações entre Fundamentos e Fundamentos, e entre Fundamentos e Aplicações na Formação do Psicólogo.
- 4 Linguagem e Cognição: Uma Síntese do Debate Filosófico desde Descartes.
- 4 Desenvolvimento da Criança com Deficiência Visual - Enfoques e Resultados de Pesquisas.
- 5 A Retórica dos Afetos em Sermões de Exéquias de A. Vieira.
- 5 O Self Redescrito: A Perspectiva de Daniel Dennett.
- 5 Aspectos Psicossociais do Cooperativismo Agrário.
- 6 Contribuições da Psiconeurologia Cognitiva para o Estudo dos Processamentos de Leitura do Português.
- 6 Implicações da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde para a Pesquisa Psicológica com Seres Humanos e Animais.
- 6 A Nova Interpretação do Condicionamento Clássico e a Sua Interdisciplinariedade.
- 7 O Indivíduo e a Família no Processo de Globalização.
- 7 A Morte e o Morrer: Uma Questão Ética.
- 7 A Família Enquanto Contexto de Desenvolvimento Humano.
- 8 Inteligências Múltiplas e Habilidades Sociais.

CONFERÊNCIAS

- 11 A Globalização na Virada do Século.
- 11 Liberdade, Identidade, Trabalho e Cidadania.
- 11 Muda a Psicologia com a Reintrodução da Consciência?
- 12 Psychophysical Scaling with Applications in Medicine, Ergonomics, and Sports.

MESAS REDONDAS

- 15 Formação em Psicologia: como Avaliar?
- 15 Condições de Princípio para Desenvolvimento e Implementação de Mecanismos de Avaliação de Ensino de Psicologia.
- 15 Que Profissional um Novo Currículo de Graduação Deveria Formar?
- 15 Diretrizes Curriculares para os Cursos de Psicologia: o Perfil Profissional.
- 15 O Objeto da Psicologia ou a Psicologia como Objeto.
- 16 Quê Profissional Formar ou como Formar o Profissional em Psicologia?
- 16 Psicologia do Esporte: Ansiedade, Agressão, Estresse e Produção Científica.
- 16 A Contribuição da Psicobiologia na Formação e Atuação do Psicólogo Clínico.
- 16 Porque a Psicoterapia Funciona?
- 16 A Contribuição da Psicofarmacoterapia para a Formação do Psicólogo Clínico.
- 16 Os Domínios da Psiquiatria e Sua Interação com a Clínica Psicológica.
- 17 Aspectos Políticos/Profissionais na Interação Psicólogo/Psiquiatra.

SIMPÓSIOS

- 21 A Psicologia do Desenvolvimento Cognitivo: Articulações entre a Pesquisa Básica e a Prática de Intervenção
- 21 Teorias de Conceitos e Implicações para o Ensino.
- 21 A Pesquisa em Desenvolvimento Cognitivo e a Prática de Ensino da Matemática.
- 21 Pesquisa e Compreensão de Texto e Prática Educacional: Aplicação de Estratégia em Sala de Aula.
- 21 Mediação Semiótica e Compreensão Textual: Articulação entre Questões Teóricas e a Prática de Sala de Aula.

- 22 Habilidades Textuais em Crianças, Adolescentes e Adultos: as Implicações da Pesquisa em Psicologia para a Educação.
- 22 Compreensão de Textos: Habilidades Gerais ou Específicas?
- 22 A Mediação do Outro no Desenvolvimento da Compreensão de Texto.
- 23 O Conhecimento de Adultos Pouco Escolarizados Sobre Diferentes Tipos de Texto.
- 23 Análise de Narrativas Produzidas Por Alunos de 5ª Série do 1º Grau.
- 23 Linguagem, Interação, Relações Sociais: Um Ensaio de Interdisciplinaridade.
- 23 Vínculo Interpessoal: Realização da Filogenia na Ontogênese.
- 23 Do “Arranjo” ao “Atrator”: Evolução Conceitual na Análise de Interações Sociais.
- 24 A Linguagem Literária Organizando o Olhar na Situação de Ensino.
- 24 Cotidiano, Ciência e Arte: Falas e Linguagens.
- 24 Organização de Serviços de Saúde Mental para Adolescentes: Diferentes Demandas, Pressupostos Teóricos e Modelos de Assistência
- 24 O Impacto das Transformações Recentes no Mercado de Trabalho Sobre a Formação e Atuação do Profissional de Saúde Mental Junto à Clientela Adolescente.
- 25 Pesquisa e Avaliação Sobre as Necessidades Assistenciais em Psiquiatria de Adolescentes.
- 26 Organização de Serviços Ambulatoriais para o Atendimento ao Adolescente Psicótico.
- 26 Rede de Tratamento e Prevenção ao Abuso de Álcool e Outras Drogas: a Experiência de Implantação do NAPS-F no Município de Ribeirão Preto.
- 26 O Psicólogo no Processo Saúde-Doença.
- 26 Orientação Familiar em Situação Natural para Portadores de Síndrome de Down.
- 27 O Doente Mental e Adesão ao Tratamento.
- 27 Os Fatores de Risco Cardiovasculares: a Literatura e o Relato em Ambulatório.
- 28 Intervenção na Deficiência Visual: Variáveis Orgânicas e Ambientais.
- 28 A Experiência Religiosa como Campo de Pesquisa para a Psicologia.
- 28 Relações Entre Ciência e Religião na Academia.
- 28 Experiência Religiosa: Constituição de Um Campo de Pesquisa.
- 28 Experiência Religiosa: Dizer Tu ao Mistério Presente na Realidade.
- 29 Questões Epistemológicas Surgidas Durante Uma Pesquisa Descritiva da Experiência Religiosa.
- 29 Percursos Piagetianos: Possibilidades e Limites da Teoria Piagetiana.
- 29 A Inteligência Piagetiana.
- 29 A Teoria Piagetiana e os Modelos Mentais.
- 29 Para Um Estudo Psicológico da Honra.
- 30 As Questões Linguísticas na Obra de Piaget: Apontamentos para Uma Reflexão Crítica.
- 30 Políticas de Atenção à Criança e ao Adolescente: Contribuições da Psicologia.
- 30 Políticas de Atendimento à Criança e ao Adolescente no Rio Grande do Sul: Contribuição da Psicologia do Desenvolvimento.
- 30 Agressão, Aliança e Reconciliação no Contexto Pré-Escolar.
- 30 Adolescência, Aspirações Profissionais e Cotidiano Social.
- 31 Capacitação de Educadores de Creches: a Experiência do Programa Minas Por Minas - Universidade Presente.
- 31 Análise do Comportamento: Alguns Desenvolvimentos Teórico-Metodológicos e Suas Aplicações.
- 31 Relações Condicionais na Aquisição da Leitura.
- 31 Formação de Classe de Estímulo e Aplicação ao Ensino.
- 32 Toxicologia Comportamental: Contribuições dos Estudos com Radiação Ionizante.
- 32 Complexidade Discriminativa: Proposta Teórica, Dados Preliminares e Algumas Possíveis Aplicações.
- 32 Psicologia e Gênero: Um Desafio.
- 32 Gênero no Trabalho Clínico.
- 32 Gênero e Subjetividade Humana.
- 32 Gênero e Ambiente de Trabalho.
- 33 Gênero na Pesquisa Psicológica.
- 33 Métodos Qualitativo e Quantitativo em Psicologia Social.
- 33 Métodos Qualitativos para Acessar as Representações de Trabalhadores Expostos a Mercúrio.
- 33 O Uso da Análise de Correspondência para Captar Relações Entre Práticas e Representações Sociais de Um Bairro de Periferia.
- 33 Análise Psicossocial Em Instituições: Questões Metodológicas.
- 34 Entrevista e Grupo Focal Enquanto Abordagem Qualitativa na Pesquisa em Saúde Pública.

CURSOS

- 37 Atendimento Psicológico à Criança com Câncer em Unidade de Saúde.
- 37 Bases Construtivistas para a Psicoterapia.
- 37 Neuroses e Psicoses da Adolescência: Questões Diagnósticas.
- 38 Prevenção de Droga na Escola: Uma Abordagem Psicodramática.
- 38 História da Psicologia no Brasil.
- 38 Método de Rorschach: Introdução ao Sistema Integrador de Exner.

MINI CURSOS

- 43 Terapia Cognitivo-Comportamental da Depressão.
- 43 Análise do Escrever e Relatar Experimento e Caso Clínico.
- 43 A Avaliação Diagnóstica Relacional Familiar: Da Metodologia de Pesquisa à Entrevista Clínica.
- 43 Cognição nas Organizações.

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO

- 49 Modelagem do Comportamento de Formular Regras Enquanto Descrições de Contingências.
- 49 Desempenho e Aquisição Repetida de Sequências de Respostas em Ratos: Alguns Efeitos da Radiação Ionizante.
- 49 Comportamento Adjuntivo: Possíveis Relações Entre Comportamento Agressivo e Reforçamento Independente.
- 50 A Função de Estímulos Sinais na Aquisição e Extinção do Comportamento de Esquiva.
- 50 Repetir ou Variar? a Influência de Contingências de Variabilidade.
- 50 Efeitos do Midazolam Sobre a Variabilidade Comportamental.
- 51 Diversidade Nos Produtos das Respostas e Facilitação do Comportamento de Variar.
- 51 Comportamento Momentaneamente Privado: Relações Efetivas com Outros Comportamentos?
- 51 Relações Entre Exposição às Contingências e Descrição: Uma Reanálise de Dados.
- 52 Reforçamento Independente da Resposta como Produtor de Agressividade.
- 52 Efeitos de Uma História de Reforçamento Sobre o Seguimento de Regras.
- 53 Efeitos de Mudanças nas Contingências Sobre Comportamento Verbal e Não Verbal.
- 53 Eventos Privados e Seleção Por Consequências.
- 53 O Controle Contextual na Formação de Classes de Estímulos Equivalentes.
- 54 Equivalências Formadas a Partir de Estímulos Posicionais.
- 54 Efeitos do Número de Pares Sobre a Diminuição da Resposta Auxiliar.
- 55 Aprendizagem de Pares Associados: Diminuição da Resposta Auxiliar Entre Sessões.
- 55 Efeitos de Estímulos Ameaçadores na Emergência da Equivalência.
- 55 Composição das Relações Condicionais Treinadas e a Emergência do Controle Contextual.
- 56 Efeitos da Ordem de Treino Sobre a Emergência do Controle Contextual.
- 56 A Natureza Hierárquica do Controle de Estímulos: Aspectos Empíricos e Metodológicos.
- 56 Aprendizagem do Conceito de Proporção: Interação entre Equivalência de Estímulos e Instruções.
- 57 Efeitos da Oralização de Palavras Sobre a Aquisição de Comportamento Textual.
- 57 Transferência do Controle de Estímulos Usuais para Não Usuais com Fading.
- 58 Efeitos da Oralização de Palavras Sobre o Controle por Unidades Mínimas.
- 58 Simetria de Posição em Cebus Apella.
- 58 Recordação de Eventos e a Formação de Classes de Estímulos Equivalentes.
- 59 Discriminações Simples ou Condicionais Formam, Igualmente, Relações de Equivalência.

PSICOBIOLOGIA E NEUROCIÊNCIAS

- 63 Interação Mãe-Filhote em Macacos-Aranha (*Ateles Paniscus*).
- 63 Efeito do Aumento à Exposição ao Choque Imediato no Condicionamento Contextual de Medo.
- 63 Diferenças Emocionais Entre Ratos Wistar e Long-Evans a Estímulos Aversivos.
- 64 Bloqueio do Condicionamento ao Som pelo Condicionamento Aos Estímulos Contextuais.
- 64 A Resposta de Congelamento como Função da Intensidade do Choque Elétrico.
- 64 A Brincadeira no Hamster Dourado: Caracterização Comportamental e Espacial.
- 65 A Brincadeira no Hamster Dourado: Efeitos do Sexo do Parceiro.
- 65 O Conhecimento das Expressões Faciais de Emoções: Tarefas de Produção.
- 65 O Conhecimento das Expressões Faciais de Emoções: Tarefas de Julgamento, Reconhecimento e Descrição.

PSICOLOGIA CLÍNICA

- 69 Tratamento do Comportamento Agressivo em Uma Criança: Um Estudo de Caso.
- 69 Condições de Risco Significativamente Associadas a Problemas Psicológicos na Infância.
- 69 Controle Percebido como Preditor de Bem-Estar Subjetivo Infantil.
- 70 Promoção da Qualidade e Avaliação na Educação Infantil: Uma Experiência.
- 70 Uma Aproximação ao Mundo Mental de Mães de Adolescentes com Problemas.
- 71 Aderência ao Atendimento Psicoterápico: Um Estudo Retrospectivo com Pacientes Adolescentes.
- 71 "Desejo Pela Paternidade": Estudo Exploratório Sobre a Intenção de Ter Filhos Entre Estudantes Universitários.
- 71 A Queixa dos Pais e o Foco em Psicoterapia Breve Infantil.
- 72 Intervenções Breves: Um Modelo de Atendimento em Uma Clínica Escola.
- 72 Intervenções Breves: Reflexões Sobre a Experiência na Clínica Psicológica São Marcos.
- 72 Separação Conjugal: Intervenção em Grupo Sobre os Comportamentos de Pais e Filhos.
- 73 Avaliação e Intervenção Grupal Junto a Pessoas com Dificuldades de Relacionamento Afetivo-Sexuais.
- 73 Sexo e Queixa: Adequação do Atendimento à Demanda em Serviço Ambulatorial.
- 74 Configuração Adaptativa e o Nível de Maturidade dos Mecanismos de Defesa.
- 74 Temperamento e Personalidade: Pesquisas Nacionais e Internacionais, Situação em 1996.
- 74 Avaliação da Aliança Terapêutica de Pacientes com Distúrbios Graves de Personalidade.
- 75 Representação de Objeto e das Relações Objetais: Aplicação da Escala de Mutualidade da Autonomia Revisada (M.O.A.-R) às Respostas do Rorschach.
- 75 O Exame Psicológico na Esquizofrenia: Avaliação Psicodinâmica das Alterações Comportamentais e Emocionais Observadas Clinicamente.
- 75 O BBT como Instrumento Diagnóstico em Orientação Profissional e Psicoterapia.
- 76 A Experiência Subjetiva na Esquizofrenia: Avaliação Sintomatológica de Pacientes Crônicos.
- 76 Comunicação Intensa entre Terapeuta e Cliente: Análise Fenomenológica de Depoimentos.
- 77 Subjetividade e Inconsciente: Investigando os Limites da Palavra.
- 77 O Projeto Inconsciente de Machado de Assis.

PSICOLOGIA COGNITIVA

- 81 O Desempenho de Lesados Cerebrais em Tarefas Envolvendo Silogismos e Provérbios.
- 81 O Efeito da Acessibilidade Conceitual na Produção Lingüística e Julgamentos de Tipicidade.
- 81 A Influência da Força Associativa em Julgamentos Classificatórios.
- 82 Dimensões da Inteligência Social Segundo a Opinião de Especialistas.
- 82 Modelos de Categorização Difusa em Psicologia Cognitiva.
- 82 A Compreensão de Sentenças Envolvendo Todos e Cada.
- 83 Desenvolvimento Cognitivo, Condições Sócio-Experienciais e Aquisição do Conceito de Morte.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

- 87 Papel da Estruturação Pedagógica na Interação Educador-Criança e Criança-Criança em Creche.
- 87 Avaliação Pela Educadora do Processo de Adaptação de Bebês em Creche.
- 87 Processos Metacomunicativos Entre Dúades de Crianças: Estudo Microgenético em Contexto Estruturado.
- 88 Padrões Interativos Mãe-Criança em Contexto Estruturado para Realização de Tarefa
- 88 Episódios Agonísticos Entre Crianças: o Que Eles Revelam?
- 88 Interação Mãe-Criança com Distúrbio Específico de Linguagem.
- 89 Aspectos Psicossociais na Caracterização da Preferência Lúdica.
- 89 Estudo Comparativo de Crianças Paulistanas e do Interior do Piauí: Aleitamento.
- 89 Estudo Comparativo de Crianças Paulistanas e do Interior do Piauí: Sono.
- 90 Comparação Entre Parceiros Privilegiados e Preteridos em Dupla na Creche.
- 90 Promoção da Qualidade e Avaliação na Educação Infantil: Uma Experiência.
- 91 Disputa de Objetos: Como as Crianças Pré-Escolares Resolvem Este Conflito.
- 91 Crianças em Situação de Rua e o Trabalho - Um Estudo em Porto Alegre.
- 91 O Desejo em Crianças Brasileiras e Colombianas.
- 92 As Expectativas de Futuro de Crianças e Adolescentes em Situação de Rua na Cidade de Porto Alegre.
- 92 Competência Social e Empatia em Crianças Escolares de Nível Sócioeconômico Baixo.
- 92 Música Tonal Versus Música Atonal: Um Estudo da Preferência em Bebês Humanos.
- 93 Tipos de Brincadeiras de Pais e Mães com Seus Bebês de Oito Meses.
- 93 Amamentação em Creche no Local de Trabalho da Mãe.
- 93 O Papel da Interação Social na Manifestação da Inferência Causal.

- 94 Inferência de Crianças Pequenas em Interação Social ou em Situação Experimental.
- 94 O Desenvolvimento do Conceito de Inimigo em Crianças e Pré-adolescentes.
- 94 O Desenvolvimento do Conceito de Amizade em Crianças e Pré-adolescentes.
- 95 Controle Percebido e Contextos Familiares de Crianças de Nível Sócio-econômico Baixo.
- 95 Proximidade de Pais e Mães em Crianças em Situação de Risco.
- 95 Eventos Disruptivos e Mudanças na Participação da Criança como Membro do Grupo Familiar: Um Estudo Longitudinal.
- 96 Estudo Comparativo do Desenvolvimento Moral em Crianças de Diferentes Contextos Sociais.
- 96 A Representação Social de Tipologias Corporais em Crianças de Diferentes Faixas Etárias.
- 96 Interação Social em Diferentes Ambientes de Creches: Adultos e Crianças como Parceiros do Desenvolvimento.
- 97 Padrões de Comunicação Entre Adulto e Criança em Situação de Creche.
- 97 A Explicação das Origens do Conhecimento em Crianças Pré-escolares.
- 98 Avaliação do Desenvolvimento de Crianças com Hipotireoidismo Congênito.
- 98 A Influência da Idade e do Sexo na Confissão do Delito em Uma População de Classe Média da Grande Vitória.
- 98 Resiliência: Um Estudo com Brasileiros Institucionalizados.
- 99 Vivência Feminina da Primeira Relação Sexual.
- 99 Vida Sexual, Prevenção e Contracepção: o Que Pensam os e as Adolescentes.
- 99 A Adolescência e o Bem-Estar Subjetivo.
- 100 Maternidade na Adolescência: Sexualidade Gravídica e Puerperal.
- 100 Maternidade na Adolescência: Relação Materno X Filial.
- 101 A Construção Psicológica do Processo de Menstruação.
- 101 Estereótipo Sobre Adolescentes em Estudantes Universitários.
- 101 O Que Preocupa os Adolescentes?
- 102 A Influência do Pai na Escolha Profissional.
- 102 Quem É o Adolescente do Ponto de Vista de Estudantes Universitários.
- 102 Avaliação dos Estados de Ânimo de Idosos Praticantes de Exercício com Música.

PSICOLOGIA ESCOLAR E DA EDUCAÇÃO

- 105 Apreciação Docente de Fatores Relacionados ao Desempenho Acadêmico do Aluno.
- 105 Características de Alunos Universitários com Diferentes Orientações para a Aprendizagem Acadêmica.
- 105 Perfil do Aluno Universitário na Opinião de Professores.
- 106 Produção do Fracasso Escolar no Cotidiano: Experiência de Intervenção em Escola Pública.
- 106 Iconicidade e Ensino de Reconhecimento de Símbolos em Sistemas Computadorizados de Comunicação Alternativa.
- 106 Identificação de Crianças com Alto e Baixo Rendimento Acadêmico.
- 107 A Auto-Imagem do Adolescente Estudante de Segundo Grau.
- 107 Relações Perceptivas no Ensino de Quinta Série de Primeiro Grau.
- 108 Construindo uma Sexualidade Adolescente (Proposta de Intervenção Psicológica em Instituição Educacional).
- 108 Análise de Aspectos Quanto à Orientação de Estudos do Aluno Secundarista.
- 108 Habilidade de Pensamento Criativo em Professores de Escolas Tradicionais e Inovadoras.
- 109 Dificuldades de Leitura: Aplicação de Recursos Multimídia e de Formação de Classes de Estímulos Equivalentes.
- 109 Integração da Pessoa Portadora de Deficiência no Ensino Regular: Estudo Exploratório.
- 110 O Laudo Psicológico e a Classe Especial: Uma Análise de Laudos Psicológicos Utilizados no Encaminhamento de Crianças às Classes Especiais.
- 110 O Procedimento de Programação de Ensino Aplicado à Múltipla Deficiência.
- 110 As Representações de Professores de Classe Especial em Fortaleza - CE.
- 111 Memória de Trabalho do Paralisado Cerebral: Efeitos de Primazia e Recência.
- 111 Sala de Recursos: Uma Proposta Viável.
- 111 Preparação Profissional e Social do Portador de Deficiência Mental para o Mercado de Trabalho.
- 112 Conhecimento Físico e Lógico-matemático em Atividades de Manipulação de Materiais.
- 112 Capacitação de Atendentes: Tornando Independentes Crianças Portadoras de Deficiência Mental Severa, Institucionalizadas.
- 112 Distorções das Idéias de Piaget no Contexto Brasileiro.
- 113 Mudanças Ocorridas na Prática Pedagógica de Professores Durante Inovação Educacional Construtivista.
- 113 Análise das Ações da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (Gestão 93-96).
- 114 Dificuldades de Aprendizagem: Um Estudo de Caso.
- 114 Promoção de Interação Entre Alunos em Sala de Aula: Condições Facilitadoras.

- 114 A Pergunta como Estratégia Facilitadora da Participação do Aluno em Classe.
- 115 Pintando o 7: Construindo Estratégias Psicopedagógicas Através de Oficina de Expressão.
- 115 Caracterização da Atividade Lúdica Segundo a Perspectiva de Professoras de Educação Infantil.
- 116 O Jogo em Duas Pré-escolas: Caracterização e Questionamentos.
- 116 A Percepção de Mães Sobre Seus Filhos em Início de Escolarização.
- 116 A (In) Disciplina nas Interações Educadora-criança e Criança-criança na Creche.
- 117 Representações de Educadoras Sobre as Mães e Famílias das Crianças da Creche.
- 117 Cidadania e Escolarização Formal: Relações Sociais em Sala de Aula.
- 117 A Apropriação da Atividade no Processo de Ensinar/Aprender a Renda de Bilro.

PSICOLOGIA DA FAMÍLIA E COMUNITÁRIA

- 121 Características e Desejos de Pessoas Cadastradas para Uma Adoção.
- 121 Adoção Nacional e Internacional: Compreensão das Diferenças.
- 121 Política de Atendimento Psicológico à Criança Sexualmente Abusada em São Paulo.
- 122 Procedimento Jurídico como Fator Patogênico na Estruturação do Vínculo Mãe-Filha Adotiva.
- 122 Família e Deficiência Mental: Transformações nas Expectativas de Mães.
- 122 Família e Deficiência Mental: as Mães Diante do Julgamento Alheio.
- 123 Depressão e Suporte Familiar Paterno: Perspectivas de Adolescentes e Suas Mães.
- 123 Adolescentes e Seus Relacionamentos Amorosos: Um Estudo Comparativo Entre Adolescentes de Famílias Intactas e Desfeitas.
- 124 Interação Trabalho-família em Mulheres Profissionais da Área da Saúde.
- 124 “Ainda Somos os Mesmos...” - A Concepção de Casamento Numa Perspectiva Trigeracional.
- 124 “Ninho Vazio”: As Mudanças que Ocorrem no Relacionamento do Casal, Quando os Filhos saem de Casa.
- 125 Família, Escolha Profissional e do Parceiro Amoroso: O Relato de Idosos.
- 125 Ciclo Vital da Família.
- 125 A Família em Fase de Aquisição.
- 126 A Família em Fase Adolescente.
- 126 A Família em Fase Madura e em Fase Última.

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

- 129 Nível de Interesse dos Alunos Quanto ao Conteúdo da Disciplina de Psicologia Geral no Ensino Médio em Uma Escola Particular da Cidade de São Paulo.
- 129 Psicologia: Expectativas para o Ano 2000.
- 129 Escolha da Psicologia como Profissão: Um Estudo dos Motivos.
- 130 Psicologia e Escolha Profissional: A Imagem da Profissão no RN.
- 130 O Não-exercício Profissional Entre os Egressos da UFRN.
- 130 A Questão do Gênero na Psicologia: Um Estudo Preliminar.
- 131 A Motivação como Mediadora do Processo de Formação em Psicologia.
- 131 Autismo Infantil: Concepções de Psicólogos e Intervenções Realizadas em Educação Especial.
- 132 A Formação Universitária e a Veiculação da Cultura Universal.

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

- 135 Condições Sócio-patogênicas da Histeria Conforme Médicos Higienistas Baianos do Século XIX.
- 135 A “Melancolia” dos Índios Brasileiros, na Visão de Viajantes e Missionários do Século XVI.
- 135 Problemas da Psicologia: Um Caminho para Estudo da História da Área.
- 136 “Teorias Psicológicas” da Antiguidade: Agostinho e Gregório de Nissa.

METODOLOGIA DE PESQUISA E INSTRUMENTAÇÃO

- 139 A Iniciação Científica de Estudantes Universitários da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- 139 Estudo Preliminar: Estudantes de Psicologia Conseguem Identificar a Mentira?
- 139 Levantamento de Opinião e Reconhecimento dos Sinais Não-Verbais Identificadores de Mentira.
- 140 A Influência do Sexo e da Idade na Escolha Amorosa.
- 140 Validação da Medida de Procura de Emprego (MPE).

PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO

- 143 A Relação Motivação, Aplicabilidade, Estrutura e Aprendizagem na Avaliação do Treinamento.
- 143 A Psicologia Ambiental e o Estudo de Problemas Relacionados a Situações de Trabalho.
- 143 Desamparo Aprendido e Ansiedade: Correlações em Sujeitos Desempregados do Sexo Masculino.
- 143 Aprimoramento de um Instrumento de Comportamentos de Cidadania Organizacional.

- 144 Influência da Idade e do Gênero no Comportamento de Cidadania Organizacional.
- 144 Ocupação Profissional de Pessoas com História de Deficiência: de Inativos a Promotores de Atividades Artísticas e de Lazer Junto às Instituições de Amparo à Velhice.
- 144 Prioridades Axiológicas, Tempo de Serviço e Cidadania Organizacional.
- 145 Análise Organizacional: a Aplicação do Conhecimento Gerado na Universidade.
- 145 Escala de Estilos Políticos da Organização: Ferramenta para a Análise Organizacional.
- 146 Representação Social da Vida Pessoal e Profissional de Condutores de Ônibus Urbano em Belém do Pará.
- 146 Petroleiros em Bases Terrestre e Marítima: Comparando Perfis de Sofrimento Psicológico.
- 146 Condições de Vida e de Trabalho em Plataforma Marítima de Petróleo.
- 147 Acidente de Trabalho Incapacitante na Construção Civil: Re(des) Adaptação, Identidade e Estigma.
- 147 Participação nas Decisões e Comprometimento Organizacional.
- 148 Importância de Fatores Pessoais e Organizacionais no Vínculo Indivíduo/Organização.

PERCEÇÃO E PSICOFÍSICA

- 151 Funções Psicofísicas Perceptivas e Mnemônicas de Área e Volume Familiares e Não Familiares Sob Instruções Aparente e Objetiva.
- 151 Interações entre Faixa Etária, Escolaridade, Percepção e Memória para Área Julgada.
- 151 Partição de Tamanhos Lineares em Diferentes Orientações.
- 151 Ação da Paralaxe Binocular Entre Distâncias Relativas Ortogonais Distais em Ambiente Natural.
- 152 Sensibilidade a Frequências Angulares em Novas Fases.
- 152 Percepção de Faces Familiares Centradas no Ponto Cego: Um Estudo Piloto do Fenômeno de Muitas-Faces.
- 153 Reconhecimento Háptico de Objetos Tridimensionais: Um Estudo da Influência de Distratores.
- 153 Verificação da Percepção Tátil em Sujeitos Cegos: Como os Cegos “Vêem” os Objetos.
- 153 Possíveis Efeitos do Envelhecimento no Sentar e no Levantar. Dados Preliminares.

PSICOLOGIA DA SAÚDE

- 157 Limiar da Sensibilidade Dolorosa em Pontos Dolorosos - Tender Points.
- 157 Questionário de Dor da McGill para Avaliar Qualitativa e Quantitativamente a Dor de Pacientes Fibromiálgicos.
- 157 Trabalhando com Alcoolistas e Suas Famílias.
- 158 Prevenção de Deficiência Mental na Saúde Pública da Grande Vitória/ES.
- 158 Representação Depressiva em Pacientes com Câncer Ginecológico Antes de Quimioterapia.
- 158 O Modelo da Teoria da Ação Racional e a Intenção de Praticar o Auto-exame da Mama em Mulheres de Baixa Renda.
- 159 Atividades em Sala de Espera na Prevenção do Câncer Cérvico-Uterino.
- 159 Doença Crônica e Equipe Multiprofissional: o Desafio do Diabetes.
- 159 Grupo de Pais no Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza.
- 160 A Inserção do Psicólogo na Rede Pública de Saúde de Brasília - DF: Descrição Geral de Dados Obtidos.
- 160 Prática do Sexo Seguro e a Prevenção do Hiv/Aids: Levantamento Preliminar.
- 161 Atividade Física e Bem-estar Psicológico em Pacientes Diabéticos e Hipertensos.
- 161 Pessoas Convivendo com o Hiv/Aids: Aspectos Demográficos e Psicossociais.
- 162 A Mulher e a Aids: Um Estudo Baseado na Teoria da Ação Planejada.
- 162 Adolescente e a Sexualidade: Um Programa de Intervenção.
- 162 Caracterização das Estratégias de Enfrentamento Empregadas Por Indivíduos Aidéuticos.
- 163 Maternidade na Adolescência: Corpo Gravídico e Puerperal.
- 163 Maternidade na Adolescência: Corpo e Sexualidade Pré-Gravídica.
- 163 Levantamento das Principais Preocupações de Mães com Seus Bebês nas Primeiras Semanas Pós-Parto: Estudo Exploratório.
- 164 Influência das Aulas em Leito Sobre a Auto-Estima do Paciente Hospitalizado.
- 164 Fatores Psicossociais e Desgaste dos Dentes.
- 164 Fatores Psicossociais e Periodontite Rapidamente Progressiva.
- 165 Estudo da Interação Cirurgião-Dentista Vs Paciente Especial Visando a Capacitação do Profissional.
- 165 Estratégias Não-Aversivas no Controle do Comportamento de Pacientes Não-Colaboradores.

PSICOLOGIA SOCIAL

- 169 Variáveis Favorecedoras ao Avanço do Sinal Vermelho Nos Cruzamentos de Belém.
- 169 Comportamentos de Pedestres Durante a Travessia de Vias Sinalizadas, em Belém-PA.
- 169 Análise das Categorias e Atividades de Lazer em Estudantes Universitários.
- 170 Crenças Sobre Sexualidade e Comportamento Sexual de Adolescentes.

- 170 Representação Social do Trabalho Entre Adolescentes: Gênero e Inserção Social.
- 170 Experiência e Vida Cotidiana: Um Estudo Intergeracional das Concepções de Violência.
- 171 Experiências de Profissionais Universitários Relativas a Trotes Escolares.
- 171 Aspectos do Trote Escolar no Brasil Revelados em Dados da Imprensa.
- 172 O Ciúme Romântico - Uma Comparação Entre Universitários e Não Universitários.
- 172 Errâncias e Errantes: Estudo com Andarilhos de Estrada.
- 172 Morro Vermelho: Confronto Histórico de Relatos Sobre o Dinamismo da Comunidade.
- 173 Flagelados de Desastres Naturais: Produção Identificada na Literatura da Área da Psicologia.
- 173 O Bem-estar de Participantes em Grupo de Alcoólicos Anônimos.
- 173 Redes de Apoio no Cotidiano de Mulheres de Classe Média.
- 174 Carreira Profissional e Maternidade: o Discurso das Mulheres Não-Mães Por Opção.
- 174 Propriedades Psicométricas do Questionário de Premissas Sócio-Culturais Sobre a Família Brasileira.
- 174 Premissas Sócio-culturais Sobre a Família em Função do Sexo e da Idade.
- 175 Quando Se Começa a Ser Velho?
- 175 Conselhos de Saúde: Representações Sociais do SUS e da Participação Popular.
- 176 Serviços Públicos na Perspectiva dos Moradores da Periferia da Serra/ES.
- 176 Alternativas para Ação Comunitária na Visão de Moradores da Periferia da Serra/ES.
- 176 Práticas e Representações Sociais - Elementos Centrais e Periféricos do Campo Representacional
- 177 Representações de Crime e Justiça em Estudantes Universitários.
- 177 Estudos Sobre Preservação do Ambiente na Área da Psicologia Ambiental.
- 177 Doação de Órgãos: Meu Corpo, Minha Sociedade.
- 178 Ornamental II: a Casa como Poesia.
- 178 Identidade Social e Vitalidade Etnolinguística. Um Estudo com Comunidades Alemãs em Santa Catarina.
- 178 Theodor Adorno e a Psicologia do Anti-semitismo.
- 179 Julgamento Moral em Estudantes de Direito e Engenharia.
- 179 Diferenças nas Prioridades Axiológicas de Músicos e Advogados.
- 179 Prioridades Axiológicas, Tempo de Serviço e Cidadania Organizacional.
- 180 Influência da Idade e do Gênero no Comportamento de Cidadania Organizacional.
- 180 "Atração Pelo Sagrado": Uma Análise Psicológica das Escolhas Religiosas.
- 180 A Responsabilidade Social do Indivíduo Religioso.
- 181 Superstições Comuns e Suas Relações com Tipos de Raciocínio.
- 181 Atribuição de Causalidade ao Sucesso e ao Fracasso.
- 181 As Formas de Comunicação Não-Verbal na Criança Portadora de Deficiências.

TÉCNICA DO EXAME PSICOLÓGICO

- 185 SSQ (Student Styles Questionnaire) Validação de Construto na Avaliação do Temperamento.
- 185 Procedimento de Avaliação Cognitiva Assistida Através de Resolução de Problemas.
- 185 O Que as Mães Comunicam Através de Seus Desenhos? Uma Tentativa de Compreensão dos Psicodinamismos Familiares a Partir da Aplicação de Uma Bateria de Técnicas Gráficas Projetivas.
- 186 Adaptação da Escala de Satisfação de Vida de Estudantes.
- 186 Validação da Medida de Disposição Afetiva (MDA).
- 187 Inventário de Barreiras à Criatividade Pessoal.
- 187 Perfil do Motorista Infrator.

COMUNICAÇÕES TÉCNICAS

- 191 Estimulador Eletrônico para Experimentos em Animais Submetidos a Condições de Estímulos Aversivos.
- 191 Formules 2.0: Sistema Computadorizado para Análise Experimental do Comportamento Momentaneamente Privado.
- 191 O Tesouro de Havilok 1.0: Sistema Computadorizado para Análise Experimental do Efeito de Instruções e Descrição de Contingências.
- 192 Construindo Recursos Didáticos para Estudar o Desenvolvimento Infantil.
- 192 REL 1.0: Sistema Computadorizado para o Ensino de Discriminações Simples e Condicionais.
- 192 Internet: o Que o Psicólogo Precisa Ter e Saber para Ficar "Plugado".

ÍNDICE DE CÓDIGOS UTILIZADOS

CÓDIGOS DE LOCAIS DE REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

ANF D	Faculdade de Filosofia, Sala de Seminários da Psicobiologia
ANF H	Faculdade de Filosofia, Bloco H, Anfiteatro
ANF LL	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, Anfiteatro Lucien Lison
ANF P	Faculdade de Filosofia, Anfiteatro da Patologia
FILO 1	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 1º andar, Sala 1
FILO 2	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 1º andar, Sala 2
FILO 3	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 1º andar, Sala 3
FILO 4	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 1º andar, Sala 4
FILO 5	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 1º andar, Sala 5
FILO 6	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 1º andar, Sala 6
FILO 8	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 2º andar, Sala 8
FILO 9	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 2º andar, Sala 9
FILO 10	Faculdade de Filosofia, Bloco Didático, 2º andar, Sala E
HALL C	Faculdade de Filosofia, Bloco C, Hall
08H	Faculdade de Filosofia, Bloco H, Sala de Dinâmica de Grupo
28E	Faculdade de Filosofia, Bloco E
SALA E	Faculdade de Filosofia, Bloco E, Sala de Pós-Graduação em Psicologia

CÓDIGOS DE CATEGORIAS DE ATIVIDADES

CONF	Conferência
CUR	Curso
ENC	Encontro
EXP	Exposição
LANC	Lançamento de Livro
MnCONF	Mini-Conferência
MnCUR	Mini-Curso
MR	Mesa Redonda
SIMP	Simpósio
WORK	Workshop

CÓDIGOS DE CATEGORIAS DE COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

AEC	Análise Experimental do Comportamento
BIO	Psicobiologia e Neurociências
CLIN	Psicologia Clínica
COG	Psicologia Cognitiva
DES	Psicologia do Desenvolvimento
ESC	Psicologia Escolar e da Educação
FAM	Psicologia da Família e Comunitária
FORM	Formação em Psicologia
HIST	História da Psicologia
METD	Metodologia de Pesquisa e Instrumentação
ORG	Psicologia Organizacional e do Trabalho
PERC	Percepção e Psicofísica
SAU	Psicologia da Saúde
SOC	Psicologia Social
TEP	Técnica do Exame Psicológico

CÓDIGOS DE CATEGORIAS DE COMUNICAÇÕES TÉCNICAS

CT	Comunicações Técnicas
----	-----------------------

MINI CONFERÊNCIAS

MnCONF 1.01

AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO E O NOVO PERFIL DE TRABALHADOR. *Antonio Virgílio B. Bastos*. Universidade Federal da Bahia.

A configuração de uma sociedade pós-industrial (Bell, 1973; Piori e Sabel, 1984) é marcada pelo crescente papel do conhecimento e tecnologia como força produtiva e por profundas discontinuidades que sinalizam a falência de múltiplas instituições da sociedade industrial (Hage, 1995). O desemprego estrutural, a crescente violência social, a incerteza quanto ao futuro, a crise no interior dos grupos familiares, a crise do estado de bem-estar social são alguns dos indicadores da referida falência.

Esse movimento, complexo e heterogêneo por natureza, espalha-se com ritmo próprio em diferentes contextos nacionais, produzindo impactos distintos sobre as diferentes classes sociais e, em especial, sobre os indivíduos.

Os inúmeros problemas e incertezas que cercam esse momento de mudança mostram-se particularmente aguçados na esfera do trabalho humano, quer nos contextos ou condições em que ele se concretiza, quer no seu conteúdo e forma de organização. O processo de reconversão industrial em curso tem tido profundo impacto nas organizações, gerando a necessidade de novas arquiteturas organizacionais e novos processos de gestão. Parte de tais alterações se vinculam à busca das organizações em se ajustarem e/ou agirem proativamente ao contexto social, cultural, econômico e político em acelerada transformação, cenário muitas vezes descrito através do conceito de globalização.

As características organizacionais emergentes (mais enxutas, mais orgânicas, mais articuladas em redes, como processos mais flexíveis, por exemplo) revelam arranjos institucionais mais complexos que, como lentes, filtram as influências sociais e tecnológicas e, assim, diferenciam, com as suas políticas, os impactos sobre os trabalhadores.

Na presente mini conferência busca-se discutir um modelo integrativo que possibilite compreender as mudanças nos processos de trabalho e nas organizações de trabalho de forma articulada com as demandas que tais mudanças colocam ao trabalhador em termos de habilidades, atitudes e valores.

Ênfase especial será dada à discussão do próprio conceito de qualificação que tem comportado diferentes enfoques com implicações importantes para a análise dos impactos tecnológicos e organizacionais sobre a força de trabalho.

Mesmo partindo-se do pressuposto da heterogeneidade como marca básica deste processo de mudança, pretende-se vincular o que a literatura aponta como requisitos para trabalhadores inseridos no segmento de ponta desse contexto em mutação à discussão sobre qualificação e requalificação para o trabalho. Tal discussão revela-se, hoje, requisito indispensável para repensar as práticas do psicólogo que atua em organizações de trabalho.

-oOo-

MnCONF 1.02

EDUCAÇÃO SUPERIOR, NEOLIBERALISMO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES. *Deise Mancebo*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Estudos críticos sobre o neoliberalismo têm apontado para as graves repercussões destas políticas para a educação pública. Esta conferência discute as principais repercussões das políticas neoliberais na educação pública superior brasileira, com destaque à produção de subjetividades “adequadas” a este contexto. O

trabalho foi construído a partir do levantamento e análise de documentos oficiais, legislação e seminários produzidos, nos quatro últimos anos, pelo governo federal. Discute os dispositivos privatizantes que vêm sendo utilizados, através da imposição material e simbólica de uma verdadeira política de reforma cultural, que postula a anulação da educação democrática e pública. Analisa, mais detidamente, duas estratégias de cunho mercadológico, que têm permitido aos setores neoliberais avançar e estender sua concepção de modernização conservadora na esfera educacional e, especificamente, na universidade: (a) o discurso hegemônico que articula o universo educacional e o do trabalho e (b) o discurso da qualidade, transposto do campo empresarial para a análise das políticas e da gestão educativas. Busca articular estas estratégias com as propostas neoliberais mais gerais (política, econômica, social e cultural), destacando o seu paradoxal caráter liberal e, ao mesmo tempo, intervencionista. Chama atenção para aspectos de dimensão simbólica, instituídos na matriz neoliberal e para as “novas” representações construídas sobre o homem e sua relação com a sociedade. Neste ponto, o trabalho destaca a construção de uma nova economia das subjetividades, que implica a reestruturação de ações, comportamentos, afetos e sentimentos de uma forma sutil, através da valorização da noção de intimidade e da preocupação com o “eu” enquanto algo precioso, um tesouro a ser conservado, recolhido e ampliado através da competição. A outra face desta dinâmica é uma profunda indiferença e desinteresse do homem pelo mundo público e pela construção coletiva. Assinala, deste modo, o exercício de um individualismo exacerbado, que tem encontrado na interface dos campos educacional e psicológico um espaço privilegiado de desenvolvimento e proliferação. Conclui, propondo a crítica e “desconstrução” dos discursos e práticas neoliberais, através da produção de alternativas materiais e culturais de organização da sociedade, o que inclui o ensaio de novas subjetividades e a postulação de projetos de educação igualitários e democráticos. (CNPq, UERJ, FAPERJ)

-oOo-

MnCONF 1.03

RELAÇÕES ENTRE FUNDAMENTOS E FUNDAMENTOS, E ENTRE FUNDAMENTOS E APLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO. *William B. Gomes*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Discussões sobre a formação do psicólogo devem considerar em seus estudos e propostas as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de psicologia ao tentarem estabelecer relações integrativas, complementares e contrastantes entre as disciplinas do curso. Em geral, espera-se que um currículo seja capaz de contribuir para a relação de dependência complementar entre partes na constituição de um domínio técnico e crítico, e na constituição de uma consciência ética dos limites das prescrições e intervenções profissionais. Sabe-se também que os currículos devem privilegiar nos primeiros semestres uma formação básica sobre os fundamentos de uma determinada área de conhecimento. Na maioria dos campos, a formação básica é progressiva e hierárquica. O domínio de uma temática pressupõe o domínio de temática anterior e assim por diante. No entanto, em outros a seqüência curricular é arbitrária e os estudantes podem compor o próprio programa de estudos. Em muitos cursos universitários, à medida que o currículo avança as escolhas de disciplinas tornam-se mais flexíveis e voltadas à interesses específicos. Em outros, contempla-se uma formação geral sob o argumento de possibilitar uma compreensão abrangente do campo e facilitar o início das ativi-

dades profissionais. Ocorre que no ensino de psicologia depara-se, freqüentemente, com um sério conflito entre a possibilidade de um currículo progressivo e hierárquico e a possibilidade de um currículo arbitrário e flexível. Como agravante, as partes curriculares (as disciplinas) ao invés de apresentarem-se como recurso de fundamentação, complementação e contraste impõem-se como um fundamento absoluto e suficiente. As implicações desta ética curricular são graves. Estudantes que se deixam seduzir precocemente por partes curriculares correm o risco de obterem uma formação baseada em uma ética de adesão. Em contraste, o desejado seria o desenvolvimento de uma formação baseada numa ética de descoberta e inovação que privilegiasse a autonomia crítica. Não uma crítica absoluta e subjetivada mas uma crítica constituída e reconstituída por movimentos reversivos entre procedimentos profissionais de realização (subjetividade) e atualização (objetividade). Acontece, que os problemas apontados ultrapassam os limites de qualquer reforma curricular. No ensino de psicologia sérias dificuldades impedem o diálogo entre o ensino de fundamentos e o ensino de aplicações. Professores envolvidos no ensino e pesquisa de fundamentos nem sempre apontam para as implicações concretas e imediatas destes fundamentos na prática psicológica. Estão muito mais empenhados e envolvidos com as descobertas que ocorrem em seus laboratórios e no debate com a literatura específica. Anote-se que no Brasil são ainda poucos os cursos de graduação que têm o privilégio de contar com estes profissionais em seus quadros docentes. Por outro lado, profissionais envolvidos com a prática preferem concentrar-se nos fundamentos particulares de suas teorias, dando conotação de poderes indiscutíveis às suas intervenções. Neste grupo, o número de profissionais envolvidos em pesquisa ainda é singelo e o exercício crítico não é uma prática habitual. As conseqüências são óbvias: uma formação fragmentada e polêmica. O debate entre as diferenças caracteriza-se pela ironia e não por uma metáfora que venha contribuir para soluções dos impasses da nossa ciência, dos limites das nossas práticas, e da conquista de espaços profissionais para os nossos estudantes. Em outras palavras, a questão que se coloca é: como superar velhos impasses e concentrar-se no exame dos novos impasses? Nesta exposição argumenta-se que é possível, através da história da psicologia, obter-se tanto uma configuração global do grande campo psicológico quando a especificação de hierarquias conceituais de fundamentos indispensáveis para a compreensão dos grandes debates, dos grandes impasses e dos grandes avanços da nossa ciência. Ademais, aponta-se para a necessidade de estudos e comparações transteóricas, numa perspectiva "politicamente correta", tendo em vista o fortalecimento da formação e a autonomia do novo profissional. Enfim, deseja-se que a velha e repetida expressão da relação entre todo e partes efetive-se na nossa compreensão do grande campo psicológico, uma vez que teremos muito maior clareza das partes se mantivermos o sentido de todo da nossa área de conhecimento e profissão.

-oOo-

MnCONF 1.04

LINGUAGEM E COGNIÇÃO: UMA SÍNTESE DO DEBATE FILOSÓFICO DESDE DESCARTES. *Carolina Lampreia.* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A concepção que temos a respeito da linguagem e do pensamento/cognição, assim como de sua relação, pode ser considerada básica para a psicologia, na medida em que ela fundamenta nossa visão de sujeito. Diferentes concepções estão impregnadas de

pressupostos filosóficos que precisam ser desvelados a fim de evitarmos confusões conceituais. Para alguns, a forma de pensamento fundamentalmente humana é dada desde o início e a linguagem é vista como sua expressão. Neste caso, o pensamento é concebido como uma capacidade da mente que forma representações da realidade e a linguagem como representação do pensamento. É a posição representacional de pensamento e linguagem. Para outros, ao contrário, o pensamento humano é visto como sendo constituído pela própria linguagem que é concebida como uma forma de ação. É a posição não-representacional de pensamento e linguagem. Desde Descartes, o principal tema de interesse da filosofia tem sido a questão do conhecimento, e a visão predominante a da representação. Em um primeiro momento, até o final do século 19, as discussões giram em torno da questão da possibilidade de conhecimento, isto é, da possibilidade de se formar representações corretas, ou verdadeiras, da realidade. É o reinado da Epistemologia. Mas, dada a impossibilidade de se atingir diretamente o pensamento, e o fato de ele muitas vezes distorcer a realidade, a questão do conhecimento passa a ser abordada a partir de questões relativas à linguagem. Instaura-se, assim, em princípios do século 20, a Filosofia da Linguagem que divide-se em duas vertentes: a da filosofia analítica que permanece fiel à posição representacional, e a da filosofia lingüística que propõe uma visão não-representacional de pensamento e linguagem. Mas sua influência tem uma curta duração já que a partir das décadas 50/60, com a Revolução Cognitiva, há um ressurgimento de interesses relativos à Filosofia da Mente com uma volta à visão representacional. O objetivo desta apresentação é fazer uma revisão histórica deste desenvolvimento, no âmbito da filosofia, e buscar implicações para a psicologia. Isto será feito procurando-se, em um primeiro momento, caracterizar as discussões mais relevantes em Teoria do Conhecimento, Filosofia da Linguagem e Filosofia da Mente para, em seguida, tentar mostrar de que maneira elas acarretam diferentes visões de sujeito.

-oOo-

MnCONF 1.05

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL - ENFOQUES E RESULTADOS DE PESQUISAS. *Cecilia Guarnieri Batista.* Universidade Estadual de Campinas.

De acordo com Warren (1994), existem basicamente duas abordagens ao estudo do desenvolvimento da criança com deficiência visual (DV): o **enfoque comparativo** e o **enfoque diferencial**. Quando se adota o **enfoque comparativo**, as características de crianças com deficiência visual são avaliadas em relação às características correspondentes de crianças videntes, sempre em relação à idade cronológica. Essa abordagem assume implicitamente um modelo de "cegueira como déficit", em que as diferenças reveladas são atribuídas à variável que diferencia os dois grupos, ou seja, a presença ou ausência de visão. Trata-se de comparações *entre populações*, baseadas em normas de desenvolvimento. Já o **enfoque diferencial** busca explicar diferenças *dentro de uma população*, levantando as seguintes questões: qual é a natureza, e quais são as causas, de variação dentro de uma população? Para respondê-las, o primeiro passo é a descrição das características dessa população, destacando as variações. O segundo é identificar os correlatos e, se possível, a causalidade da variação. Warren destaca como vantagens dessa abordagem: a) apontar a grande gama de variação no desenvolvimento das crianças DV; b) favorecer a geração de conhecimentos que fundamentem a intervenção, de forma a otimizar o desenvolvimento dessas crianças. Uma extensa revisão de literatura realizada por esse autor indicou os

seguintes resultados: a) Existe uma considerável literatura utilizando o **enfoque comparativo**, que conclui pela existência de um atraso no desenvolvimento em relação às crianças videntes. Segundo o autor, isso leva a uma redução nas expectativas quanto ao desenvolvimento da criança DV. Um profissional, procurando ser realista e assegurador, poderá dizer a frase típica: “Você não deve esperar uma taxa normal de desenvolvimento, e não deveria ficar desapontado por um ritmo mais atrasado do que o de seus filhos videntes”. b) Já a análise sob o **enfoque diferencial** indicou que praticamente em todas as áreas do desenvolvimento existem crianças DV cujo progresso no desenvolvimento acompanha e, em alguns casos ultrapassa, as normas para crianças videntes. Foram estabelecidas correlações entre esses resultados e variáveis ambientais, indicando diferentes formas pelas quais o ambiente favoreceu a ocorrência dos mesmos. Concluindo, Warren considera que a referência a uma literatura que enfatize a variação, e especialmente os limites superiores (bem como os inferiores) de desenvolvimento e suas relações com a qualidade do ambiente da criança, provavelmente influenciará pais e profissionais a serem ativos em sua busca pelos melhores ambientes possíveis para suas crianças DV.

-oOo-

MnCONF 1.06

A RETÓRICA DOS AFETOS EM SERMÕES DE EXÉQUIAS DE A. VIEIRA. *Alcir Pécora*, Universidade Estadual de Campinas.

Os sermões de exéquias tem um lugar preciso na obra de Antônio Vieira em relação àqueles que tratam igualmente do tema da morte como os de Quarta feira de Cinzas, os quais o tomam universalmente e não aplicando à morte física de uma pessoa particular. Um aspecto chama logo a atenção aqui: a relevância da situação em que a morte recente ou rememorada favorece a produção de provas construídas de modo a inclinar as paixões do ouvinte. E esta se dá a partir de uma estrutura rígida da “dispositio” em três partes: encarecimento da dor, elogio do morto e consolação dos vivos. Os sermões de exéquias ainda permitem observar a sua constituição como ‘espelho do príncipe’, quando a morte em questão dá-se no interior da Casa real. Então, as provas conduzem também à decigração de uma ‘política do Céu’, isto é de um modelo político equilibrado entre a ‘razão de estado’ e as virtudes cristãs.

-oOo-

MnCONF 1.07

O SELF REDESCRITO: A PERSPECTIVA DE DANIEL DENNETT. *Sérgio da Costa Oliveira*. Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação, Rio de Janeiro.

O objetivo do presente estudo é apresentar, de forma contextualizada, a perspectiva contemporânea de Daniel C. Dennett acerca do *self*. Seu ponto de partida para a descrição do sujeito, explicitado em seus próprios textos, é o da descrição objetiva, de terceira pessoa, característico das ciências naturais. Observamos neste autor uma convergência para com os esforços realizados, neste século, no sentido de esvaziar daquela noção a idéia de *essência*, de *núcleo irreduzível*, consagrada pelos prios filósofos cristãos. Aqui, portanto, se mostrará como projeto fundamental

de Dennett redescrever o *self* de forma completamente alheia também a linguagem cartesiana. Mais precisamente, será realizada em dois momentos básicos a crítica de Dennett à forma cartesiana de se entender a subjetividade. A primeira crítica diz respeito à idéia de que o sujeito tenha acesso cognitivo, de alguma forma, privilegiado a suas ocorrências internas (*privilégio da primeira pessoa*): O eu, assim, não será entendido como uma espécie de todo consciente com acesso imediato a si próprio. A segunda crítica incide sobre a idéia de que o eu seja uma *substância* (uma “coisa”) que engendre o pensamento. O objetivo principal de Dennett, portanto, é, precisamente, reatualizar a idéia de Gilbert Ryle, quando este afirmava não haver qualquer eu profundo por trás dos comportamentos observados. Para o autor aqui analisado não há nenhuma instância oculta a criar as narrativas que estruturam a trajetória do organismo no decurso da vida. O eu, assim entendido, não se esconderia por trás da tessitura do comportamento, mas emergiria exatamente nas narrativas tecidas para entender a atividade do organismo. Tendo-se por base o trabalho de Dennett, o *self* deve ser entendido tão-somente como um *centro de gravidade narrativa*. Neste sentido, inverte-se a perspectiva tradicional com que foi pensado o eu, à medida que este *self* deixa de ser *fonte* para ser entendido como *produto* de tais narrativas.

-oOo-

MnCONF 2.01

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DO COOPERATIVISMO AGRÁRIO. *Francisco José Batista de Albuquerque*. Universidade Federal da Paraíba

As organizações cooperativas têm proliferado em todo o mundo principalmente a partir de meados do século passado. Sua origem remonta às necessidades dos agricultores, artesãos e operários se organizarem como forma de defesa frente às situações de mercado. Muitas são as atividades econômicas nas quais o sistema cooperativo exerce um papel de destaque. Segundo Martinez (1995), atualmente mais de setecentos milhões de pessoas fazem parte de alguma maneira de associações cooperativas. Os tipos de cooperativas mais comuns, são as cooperativas agrárias, habitacionais, de consumo, de serviços, bancárias e muitas outras mais. Neste trabalho nos interessa analisar particularmente as cooperativas agrárias de pequeno porte e de produção direta que têm sido muito incentivadas na sua criação por organismos governamentais e não governamentais como as Secretarias de Agricultura dos Estados, Instituto de Colonização e Reforma Agrária - INCRA ou pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e pelas Organizações Estaduais de Cooperativas - OCEP'S. Diferentemente do que afirmam os representantes destes organismos, nossos estudos têm mostrado que estas cooperativas criadas a partir de influências externas, tendem a fracassar, Albuquerque (1994, 1996). Estes fracassos devem-se a maneira como se dá a sua formação, aos conflitos entre os sócios, conflitos de papéis e ao pouco comprometimento dos sócios para com a cooperativa. Além disto, cooperativas de produção de alimentos são mais susceptíveis de fracasso que aquelas de transformação ou de serviços. Desta forma, teria um retorno social e econômico mais adequado a formação de cooperativas de transformação que propiciam uma melhor compatibilidade entre os objetivos individuais e organizacionais. Assim, espera-se chamar a atenção dos pesquisadores na área para este campo das organizações cooperativas, e mais que tudo, salientar a sua importância como organizações nas quais os pesquisadores em psicologia social e das organizações podem

em muito contribuir alocando novos dados e pesquisando formas alternativas de enfrentamento de suas dificuldades e peculiaridades frente aos outros tipos de organização.

-oOo-

MnCONF 2.02

CONTRIBUIÇÕES DA PSICONEUROLOGIA COGNITIVA PARA O ESTUDO DOS PROCESSAMENTOS DE LEITURA DO PORTUGUÊS *Maria Alice de Mattos Pimenta Parente*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Uma posição atual da Psiconeurologia é aceitar a modularidade da mente, conceito proposto por Fodor, que postula ser a mente humana organizada por módulos cognitivos relativamente independentes. No estudo de lesados cerebrais, modularidade é definida por dissociações: duas funções cognitivas são independentes se, após lesão cerebral, uma fica falha e outra mantida. Fodor acreditava serem modulares apenas as funções automáticas e inatas, entretanto, perda seletiva de algumas funções aprendidas durante a vida do indivíduo evidenciam sistemas relativamente independentes. As dissociações também indicaram uma micromodularidade em uma mesma habilidade. Esta forma de entender funções mentais teve repercussão nas dislexias adquiridas. Em 1974, Marshall e Newcombe, observaram consistência nos erros de leitura de acordo com características ortográficas e dois processamentos paralelos: um lexical e outro fonológico ou perilexical. Esta análise permitiu investigar de que forma diferentes processamentos de leitura são alocados em função das características do sistema de escrita. Estes, frutos da capacidade humana de inventar diferentes códigos abstratos, diferem-se quanto à forma de representação: lexical, evidente nos sistemas logográficos, ou fonológica, nos sistemas silábicos e nos alfabéticos. Nestes últimos, alguns códigos, como o inglês e o francês, são opacos: a representação sonora nem sempre corresponde à fonologia da palavra. Outros códigos, como o português, italiano e espanhol, são transparentes por terem uma regularidade na representação sonora. Os estudos de lesados cerebrais, leitores do sistema de escrita do português, têm mostrado que falhas na via lexical prejudicam menos a eficiência de leitura do que na via fonológica. Pacientes nisseis, leitores de três sistemas - logográfico e silábico do japonês e alfabético do português - evidenciam diferentes sistemas neurocognitivos para os processamentos lexicais e sublexicais, confirmando a maior importância dos últimos na leitura do português. Por outro lado, durante o processo de envelhecimento patológico (doença de Alzheimer), a capacidade de leitura mantém-se por mais tempo do que a linguagem oral e a produção escrita; quando a leitura apresenta deteriorizações, a via fonológica mantém-se e, nos estágios mais avançados, evidencia-se uma leitura totalmente automática. Tais estudos contribuíram à psiconeurologia do "como?": a compreensão dos mecanismos que formam a atividade de leitura. A psiconeurologia do "onde?", ou seja, o conhecimento de seus substratos orgânicos, ficou estagnada nos anos 70, devido às dificuldades metodológicas de correlação entre funções cognitivas e registros cerebrais estáticas (observações cirúrgicas e tomografias computadorizadas). Imagens de fluxo sanguíneo (SPECT, PET e RMF) reativaram, nos anos 90, o interesse pelo "onde?". Serão discutidas os estudos sobre leitura e suas restrições metodológicas, mostrando que a atraente perspectiva de correlação função cognitiva/fluxo cerebral requer conceitos atuais de mecanismos funcionais.

-oOo-

MnCONF 2.03

IMPLICAÇÕES DA RESOLUÇÃO 196/96 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE PARA A PESQUISA PSICOLÓGICA COM SERES HUMANOS E ANIMAIS. *Claudio S. Hutz*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esta Miniconferência tem por objetivo básico trazer à atenção de pesquisadores e estudantes de psicologia algumas questões éticas na condução de pesquisas com humanos e animais e discutir como elas são tratadas pela resolução 196/96 do CNS. Esta Resolução tem efeitos de lei e obriga pesquisa está em concordância com princípios éticos. Embora esta Resolução seja um grande avanço, ainda assim há problemáticas específicas da pesquisa com populações em situação de risco (crianças em situação de rua, indivíduos vivendo em condições de extrema pobreza, etc.). Aponta-se alguns dos principais dilemas éticos que pesquisadores nesta área encontram (detecção de casos de abuso sexual, uso de drogas, comissão de crimes, situações de alto risco que exigem uma intervenção imediata, etc.) e discute-se as formas encontradas para enfrentá-los. A questão do consentimento informado com essas populações, especialmente na pesquisa com crianças em situação de risco, apresenta também um conjunto de problemas que requer uma discussão específica. Finalmente, apresenta-se algumas sugestões sobre a constituição de comitês de ética para a avaliação da pesquisa psicológica, insistindo na necessidade de comitês qualificados para avaliar projetos em várias áreas.

-oOo-

MnCONF 2.04

A NOVA INTERPRETAÇÃO DO CONDICIONAMENTO CLÁSSICO E A SUA INTERDISCIPLINARIEDADE. *J. Landeira-Fernandez*, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

O condicionamento clássico é possivelmente um dos fenômenos experimentais mais antigos dentro da psicologia. Mesmo antes de Pavlov, ou da própria origem da psicologia como uma ciência independente, a idéia de que processos associativos é um fenômeno importante na atividade psicológica humana já estava presente entre filósofos Gregos como Aristóteles e Platão e principalmente entre os empiristas ou associacionistas Ingleses tais como Locke, Berkeley, Hume, James Mill e John Stuart Mill.

Embora o estudo experimental dos processos envolvidos na formação do condicionamento clássico tenha ganhado grande interesse a partir da década de 30, somente nos últimos anos teorias com amplo poder explicativo começaram a surgir. Posições tradicionais, que acreditam que respostas condicionadas classicamente estão envolvidas exclusivamente com reações autonômicas e que a aquisição dessas respostas se deve ao pareamento ou contiguidade temporal entre estímulos tem se mostrado completamente inadequadas. Hoje, o condicionamento clássico é descrito em termos de aprendizagem entre eventos que permite o organismo representar de forma consciente o seu meio ambiente. Mais ainda, a formação de um condicionamento clássico ocorre também, de forma inconsciente, alterando processos relacionados com a motivação e a emoção.

Sabe-se hoje, que todos que o sistema nervoso central controla o funcionamento da atividade somática, visceral e imunológica do indivíduo. A relação do sistema nervoso central com o seu meio é, na maior parte das vezes, determinada através da associação entres estímulos. Dai, a importância do condicionamento clássico no controle das mais variadas respostas de um indivíduo, como

por exemplo respostas imunológicas, controle homeostático e o uso e abuso de drogas. Pretende-se, nesta mini-conferência, discutir esta nova visão de condicionamento clássico e mostrar como ela tem sido utilizada entre as mais variadas áreas de conhecimento tais como a psiconeuroimunologia, psicofisiologia e a psicofarmacologia. Esta nova concepção tem também permitido reinterpretar fenômenos importantes da etologia (por exemplo, padrão fixo de ação) e da análise experimental do comportamento (por exemplo, respostas operantes). Finalmente, existe uma grande relação entre esta nova abordagem do condicionamento clássico e técnicas desenvolvidas pela terapia comportamental.

-oOo-

MnCONF 2.05

O INDIVÍDUO E A FAMÍLIA NO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO. *Júlia S. N. F. Bucher*, Universidade de Brasília

O processo da globalização tem sido amplamente analisado sob as mais variadas perspectivas: econômica, ambiental-ecológica, política, jurídica e outras. As análises psico-sociais acerca das repercussões desse processo no indivíduo e na família são raras. As consequências do processo da globalização têm afetado profundamente o indivíduo e a família. Um dos problemas é o seu impacto no mercado de emprego cujo fenômeno conhecido como "jobless growth" afeta o indivíduo na sua vida pessoal, familiar colocando em questão os valores sociais e culturais até então assimilados. A globalização cultural também tem acarretado situações nas quais são questionados os valores até então vigentes levando a mudanças rápidas de comportamentos nas novas gerações sem tempo contido para uma reflexão, e posterior assimilação deixando muitas vezes as gerações mais velhas numa perplexidade criando um fosso profundo na comunicação. A invasão da esfera privada pela grande quantidade de informações tem levado a mudanças profundas na organização das fronteiras inter, intra e extra familiares afetando a distribuição dos papéis de gênero e daqueles vinculados a dimensão temporal. Nesta comunicação apresentaremos algumas reflexões sobre questões relacionadas com a cultura, a transformação dos valores, o trabalho, os papéis de gênero, o privado e o público, as fronteiras inter, intra e extra familiares, os ritos, os mitos, a AIDS e questões epidemiológicas. Uma definição do conceito de família é uma das questões cruciais nesse processo de reflexão. O indivíduo convive hoje com a incerteza, a perda de identidade no que concerne as esferas profissional, parental, conjugal entre outras. Este status quo leva as necessidades da discussão do papel dos psicólogos e dos educadores como elemento facilitador da construção de novos valores e de novos parâmetros existenciais compatíveis com as necessidades do indivíduo na sociedade e na família nesta nova ordem social. Este é um grande desafio neste processo de globalização.

-oOo-

MnCONF 2.06

A MORTE E O MORRER: UMA QUESTÃO ÉTICA. *Wilma da Costa Torres*. (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nas últimas décadas, as discussões sobre temas limites vida-morte estão suscitando dilemas tão cruciais que a Ética, até então um ramo quase esquecido da Filosofia, renasce com todo o vigor, podendo-se falar de uma "explosão ética". Dois movimentos so-

ciais importantes concorreram para esse renascimento: a revolução tecnológica e a revolução social a partir dos anos 60. A revolução tecnológica levou a prática médica e a instituição hospitalar a uma ênfase nos procedimentos técnicos - transplantes de órgãos, ressuscitação cardiovascular, quimioterapia, engenharia genética, tecnologia de reprodução, etc. - com o conseqüente abandono dos aspectos psicossociais e emocionais no trato da doença, suscitando, assim, inúmeras implicações no campo da Ética. A revolução social - movimentos dos direitos civis dos anos 60, movimento estudantil, movimento de mulheres, etc. - projetou a importância da pessoa leiga no processo decisório introduzindo, assim, no campo da Ética, temas - regulamentação do aborto, eutanásia, prolongamento artificial da vida, etc. - que não haviam sido abordados anteriormente, e assinalando o início do debate leigo sobre a ética da morte e do morrer. Esta projeção da importância da pessoa leiga no processo decisório repercutiu diretamente na pessoa do paciente, determinando uma preocupação ética acerca de seus direitos: o de ter acesso às informações sobre seu diagnóstico, o de participar das decisões acerca de tratamentos aplicáveis ao seu caso, incluindo o direito de recusar algum tipo de tratamento, sendo que no caso de tratamentos experimentais, o consentimento esclarecido é um imperativo ético. Finalmente, a revolução ética ampliou-se, deslocando-se para o âmbito dos problemas sociais - mortalidade infantil, preconceito médico em relação às minorias, às mulheres e à velhice - em relação aos quais a discussão ética assume um caráter de urgência pois, em última instância, podem refletir uma política "pró-eutanásia" embora não explicitada. Em resumo, todas estas questões que abalaram os alicerces da Ética, obrigando-a a abandonar a postura teórica - protegida pelas paredes das salas de aula onde códigos de ética profissional eram abstratamente ensinados - para mergulhar vivencialmente nas complexas realidades deste paradoxal fim de século, constituem desafios para as ciências humanas, incluindo a psicologia. Cumpre destacar que esse diálogo ético não pode acontecer sem um sólido embasamento filosófico a fim de que a revolução Ética não se transforme em uma revolução aética de escusos e perversos interesses econômicos e políticos.

-oOo-

MnCONF 2.07

A FAMÍLIA ENQUANTO CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. *Ana Cecília de Sousa Bastos* (Universidade Federal da Bahia).

Discute-se a relação família, saúde & desenvolvimento humano, analisando-se os modos como a família enfrenta problemas de saúde, utiliza-se de recursos sócio-sanitários, e transmite conhecimento sobre saúde, no contexto doméstico, como parte de um conjunto de práticas de criação de filhos culturalmente estruturadas. Quando se trata do cuidado à saúde, a família surge como um sujeito coletivo, com seus processos internos de mediação e diferenciação e seu potencial assimétrico para poder e acesso a recursos. O estudo da família implica, por outro lado, em examinar o indivíduo concretamente constituído, concebendo a subjetividade como um processo, construída socialmente a partir de um contexto heterogêneo que supõe a existência de "processos de coordenação de diferentes subjetividades pessoalmente construídas" (Valsiner, 1994), os quais contribuem diretamente para a qualidade de vida no grupo familiar. Quando o objeto é a atenção à saúde no contexto doméstico, a vida cotidiana se torna naturalmente um foco de análise. A partir de Shutz (1987), Berger

e Luckman (1993) e Heller (1992), pode-se afirmar que cotidiano é uma construção histórico-social cuja dinâmica se configura tal qual uma gramática viva. Como em outros aspectos de significado coletivo para o grupo familiar, há regras, valores e um *saber fazer* sendo transmitidos e re-construídos ao longo de situações cotidianas, sejam elas normativas ou disruptivas. Escolhas ao longo dos itinerários terapêuticos adotados por familiares (mães, sobretudo) variam com a natureza do problema de saúde, as características particulares da história de vida individual, o lugar do doente na estrutura familiar e os recursos sócio-sanitários disponíveis. Conclui-se com uma síntese de possíveis alvos de investigação do binômio família-saúde: (1) Análises do ambiente de desenvolvimento; (2) Identificação e descrição de fatores e mecanismos de proteção e risco. O contínuum *vulnerabilidade - resiliência* ao longo do curso de vida. (3) Descrição de itinerários terapêuticos e de sistemas de suporte social (expressos, socializados e transmitidos no espaço familiar). (4) Avaliação de modelos e práticas assistenciais em saúde coletiva com ênfase na família. (5) Situações e grupos (crianças, adolescentes, gestantes, idosos) de risco no contexto da família. (6) Avaliação da relação usuários-serviços de atenção à saúde. Finalmente, faz-se uma breve análise das perspectivas abertas pela implantação recente do Programa de Saúde da Família na Bahia, do ponto de vista da investigação e da formação de técnicos em saúde.

-oOo-

MnCONF 2.08**INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E HABILIDADES SOCIAIS.**

Almir Del Prette, Universidade Federal de São Carlos

Este trabalho aborda, resumidamente, alguns conceitos-chave da teoria das Inteligências Múltiplas (IM) de H. Gardner, analisando o aparecimento da teoria no contexto das insatisfações com os conceitos correntes de inteligência, a partir de sua aceitação e impacto, primeiramente fora do ambiente acadêmico e, posteriormente nos institutos de pesquisa e nas universidades. Discute-se a longevidade dos conceitos predominantes de inteli-

gência de base lógico-matemática, com medidas psicométricas tradicionais, explicitando-se a presença de um *zeitgeist* favorável ao redescobrimto e emergência do interesse sobre as relações interpessoais e intergrupais, dada a existência de novos paradigmas culturais que valorizam a dimensão estético-expressiva do ser humano. Considera-se, ainda, a pressão das demandas por novas explicações para o comportamento social e as interações sociais bem como a busca de encaminhamentos educacionais para a solução de problemas nessa área. Defende-se, como outras consequências, que esses desafios e tendências têm influenciado o aparecimento de abordagens que procuram integrar diferentes dimensões do funcionamento psicossocial do homem. Considera-se que a natureza multifacetada da Psicologia tem propiciado a coexistência de campos próximos de investigação e aplicação de conhecimento que se desenvolvem de forma independente, embora focalizem o mesmo fenômeno. Levando-se em consideração as dimensões intra-pessoal e interpessoal de inteligência, tal como propostas por Gardner, examina-se a possibilidade de aproximação entre a teoria das IM e várias abordagens que têm como objeto o comportamento social e as interações sociais. Nesse sentido, situa-se a abordagem das HS como um campo promissor para uma análise comparativa dessa natureza. Descreve-se a matriz conceitual das HS, originária de diversos modelos teóricos da Psicologia, esclarecendo-se alguns equívocos associados à disseminação de seus conceitos e aplicações e enfatizando-se o seu potencial enquanto instrumento de análise e promoção de relações diádicas e intergrupais mais equilibradas e satisfatórias. Procura-se estabelecer um contraponto entre o campo teórico-prático das HS e alguns aspectos da teoria das IM. Essa comparação é feita principalmente com base, de um lado, nas múltiplas dimensões que caracterizam o conceito de HS e, de outro, na complexidade das dimensões intra-pessoal e interpessoal da teoria das IM. Defende-se que uma articulação entre os esforços de investigação desses dois campos, passa, necessariamente pela explicitação de seus recortes na análise dos fenômenos ligados ao desempenho social.

-oOo-

CONFERÊNCIAS

CONF 1.01

A GLOBALIZAÇÃO NA VIRADA DO SÉCULO. *Günther Maluschke*, Universidade Federal do Ceará.

Hoje em dia, a palavra “globalização” está se tornando expressão corriqueira, usada por todas as mídias e evocando inúmeras associações. Para fins científicos surge, nesta situação, a necessidade de ligar o uso da palavra a regras mais adequadas. Temos de lembrar, em primeiro lugar, que a globalização é um fenômeno que acompanha a humanidade desde séculos. De certa maneira, ela poderia ser considerada até mesmo como um elemento normal de qualquer sociedade humana. A globalização é nada mais do que a expansão do espaço da ação além das fronteiras até agora costumeiras do mundo da vida das pessoas e a influência recíproca entre os dois ou até mais mundos, da vida das pessoas. Segundo Markus Lusser (presidente do diretório do Banco Nacional da Suíça), um membro de uma tribo em Páua Nova Guiné, que nunca teve contatos com o mundo fora da sua aldeia, experimenta a descoberta da existência de outros seres humanos na sua civilização. Nos séculos 3 e 2 a .C., os habitantes do Norte da África viveram o colapso da produção da cerâmica local como consequência da ocupação pelos Romanos. Roma, que se tornara grande potência marítima, baixou os preços dos transportes e a Companhia, centro de cerâmica na Itália, conseguiu baixar também os custos de produção. A isto os produtores norte africanos nada podiam opor e simplesmente desapareceram do mercado: perdedores da globalização no mundo antigo. O homem da Renascença percebeu de repente que as descobertas de ouro e prata no Novo Mundo, do outro lado do oceano, diminuía o valor de seu dinheiro: outro exemplo de globalização. Anthony Giddens definiu “globalização” como “intensificação das relações mundiais que ligam localidades distantes, de tal maneira que os acontecimentos locais são moldados por eventos que estão há muitos quilômetros de distância, e vice-versa”. Hoje, a globalização tem, não obstante, características bem diferentes do que antes: ela é mais extensa, mais intensa e decorre muito mais rapidamente. Essas novas qualidades devem-se a meios de transporte cada vez mais numerosos, seguros, rápidos e baratos, possibilitando assim contatos frequentes e intensos entre membros e culturas diferentes, e, na economia e no comércio, cujas tendências globalizantes são o assunto principal das mídias, acrescem-se ainda as medidas de liberalização e desregulação do comércio mundial e de revitalização da competição entre as várias economias nacionais. Apesar da persistência de decisões protecionistas (dificultando importação de certas mercadorias estrangeiras), pode-se perceber uma predominância das tendências de liberalização do comércio mundial, de modo que alguns analistas já estão prevendo o fim das economias nacionais, dando lugar a uma economia totalmente globalizada, isto é, mundial. E neste contexto que abordaremos as características específicas da globalização do nosso tempo. Os efeitos aparentemente contraditórios da globalização ou seja a homogeneização dos aparelhos técnicos dos processos de produção, dos conhecimentos científicos e profissionais e o confronto entre as culturas e economias nacionais serão analisados na perspectiva das chances e dos perigos da globalização (os ganhadores e os perdedores), bem como, o conflito entre comopolitismo e cidadania como uma das consequências da globalização e a necessidade de uma nova ética (bem diferenciada das éticas tradicionais).

-oOo-

CONF 1.02

LIBERDADE, IDENTIDADE, TRABALHO E CIDADANIA. *Sylvia Leser de Mello*, Universidade de São Paulo.

Após muitos anos de trabalho com as classes populares alguns problemas, que não são mais objeto de estudo sistemático da Psicologia, passam a constituir um desafio para o pesquisador interessado na compreensão do universo psicossocial daquelas classes. Há um certo número de elementos encontrados em pesquisas que parecem sugerir a dificuldade de formação de uma consciência clara de cidadania. Mais ainda, a imensidão do país, as diferentes regiões, com elementos culturais distintos, não favorecem o aparecimento espontâneo de um sentimento de comunidade nacional e as diferenças, de caráter sócio-econômico só fazem aprofundar as distâncias, dificultando sobremaneira a consolidação do sentimento de sociedade comum. Há, pois, um problema relevante no estudo das questões relativas à distância social e às concepções de liberdade, próprias dos diferentes segmentos sociais, que envolvem a definição da identidade dos sujeitos, seu pertencimento a grupos sociais muito distintos e o trabalho que os coloca em níveis diferentes da hierarquia social. O problema da cidadania e da identificação com os valores democráticos não é estudo alheio ao campo da Psicologia Social.

-oOo-

CONF 1.03

MUDA A PSICOLOGIA COM A REINTRODUÇÃO DA CONSCIÊNCIA? *Arno Engelmann*, Universidade de São Paulo.

Estudar a consciência era o objetivo principal da psicologia ao ser proposta como matéria científica por Wundt em 1879. Com o advento de escolas behavioristas, predominantes nos Estados Unidos, o estudo da consciência foi, de modo geral, deixado de lado. Nos últimos anos, houve de novo um florescimento de artigos e livros sobre consciência. Todavia, sessenta anos passaram. Nesse período, ao reintroduzir a consciência, o seu lugar no conjunto dos conceitos psicológicos é diferente daquele que mantinha cem anos antes, ainda que cada psicólogo pressupõe a sua própria maneira de enxergá-la. Além disso, não são apenas os psicólogos que escrevem sobre a consciência, mas também neurofisiólogos, psiquiatras e filósofos. A minha maneira de encontrar o ou os conceitos de consciência revela algumas asserções paradoxais. Entretanto, por mais paradoxais que sejam, são asserções, do meu ponto de vista, corretas. A primeira asserção é que, cientificamente, não existe uma consciência só, mas duas. Toda observação, toda experimentação, toda teorização começa por uma pessoa, não por várias. É o início do processo de conhecimento. Entretanto, o processo passa, a seguir, por várias etapas e essas etapas são construídas tendo em vista a colaboração de várias pessoas. Não é a pessoa o início, mas unicamente a sua consciência. E, além disso, é sua consciência do momento e não a sua consciência que a pessoa lembra através da memória. A outra consciência é aquilo que concebemos nas outras pessoas. Temos inúmeros dados que nos “certificam” da “realidade” das consciências nos outros. Além disso, no observador, através de suas lembranças, ele tem “certeza” também de consciências passadas. A consciência momentânea do observador chamo de consciência-imediata. As consciências das outras pessoas denomino de consciências-mediatas. Conforme essa última ser do observador ou de outras pessoas recebe o nome de consciência-mediata-do-observador ou consciência-mediata-de-outros. A segunda asserção é que tudo que ocorre na consciência-imediata é verdadeira.

deiro e que tudo que ocorre fora da consciência-imediata é probabilístico. As consciências-mediatas, ocorrendo em pessoas e, de acordo comigo, também em animais não-humanos fazem parte do universo mediato e, portanto, são probabilísticas. A terceira asserção é que, ainda que algumas coisas são verdadeiras e a grande parte das outras são probabilísticas, o universo é um só e não dois. A quarta asserção é que atribuindo à consciência-imediata o primeiro elo no conhecimento não implica que o animal é motivado mais pela consciência-mediata-de-outros do que por fatores não-conscientes. Além dessas, há outras asserções que chamo também de mais ou menos paradoxais.

-oOo-

CONF 2.03

PSYCHOPHYSICAL SCALING WITH APPLICATIONS IN MEDICINE, ERGONOMICS, AND SPORTS. *Gunnar Borg*, Stockholm University, Sweden.

The sensory organs are part of a great information system with an enormous capacity, helping us to adapt to our environment. Our sensory perceptions make it possible to detect, identify, discriminate and grade incoming stimuli. We thus get knowledge about the world and possibilities to identify dangerous stimuli both in our external environment and in our internal, bodily environment. To facilitate determination and communication of the quality and quantity of the sensory information we need a good methodology. Since our perception is subjective, both private and somewhat uncertain, the methods have to be very good, if valid reports are to be obtained. The scientific field that is dealing with these problems is called psychophysics and has its roots in experimental studies from the 19th century. In the 1950's new scaling methods were developed by S. S. Stevens and collaborators at Harvard. Stevens' "ratio scaling methods" were good, but not as valid as Stevens had hoped for, especially not for assessments of "absolute" intensities. Scaling subjective intensities has the aim to ob-

tain relations between intensities, and types of growth functions, but also to get valid levels of intensity, especially for differential use. Then it is important to have good anchors that are intersubjectively valid, i.e. lead to a high degree of interindividual agreement. To determine effort and exertion, breathlessness and fatigue, the RPE scale (scale for Ratings of Perceived Exertion) was constructed by Borg. This scale consist of numbers and verbal anchors placed so that obtained ratings grow linearly with work load and thus also with oxygen consumption and heart rate. A new scale, constructed for most perceptual modalities including pain is the Borg CR 10 scale. This scale combines the advantages of Stevens's ratio scaling methods for relative intensity determinations with the advantages of simple rating methods for "absolute" determinations of intensity levels. There are several great applications of Psychophysical methods. One of the biggest applications is found in medicine, when it comes to the quantification of subjective somatic symptoms, i.e. assessments of pain, breathlessness and dyspnea. In rehabilitation, especially in cardiac rehabilitation, perceptual estimates are now rather commonly used, e.g. to help monitor a just right exercise intensity. Another application concerns assessments of sensory deficits, e.g. hearing impairments and testing of hearing aids. In ergonomy subjective evaluations are used to assess the difficulties of work tasks in manual materials handling. The main thing here is not selection of individuals that can manage different tasks, but instead the improvement of tasks and environments to suit most people. The International Ergonomic Association has also recently proposed to use the CR 10 scale in evaluations of subjective force as a basis for "risk assessments". In sports perceptual scaling is now rather common to help the athlete select a just right training intensity, depending upon the kind of activity, the duration and the frequency of exercise. This is also true for ordinary people in sports for all and in health psychology.

-oOo-

MESAS REDONDAS

MESA DE ABERTURA

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: COMO AVALIAR? Coordenadora: *Maria Angela Guimarães Feitosa*.

CONDIÇÕES DE PRINCÍPIO PARA DESENVOLVIMENTO E IMPLEMENTAÇÃO DE MECANISMOS DE AVALIAÇÃO DE ENSINO DE PSICOLOGIA. *Maria Angela Guimarães Feitosa*. Universidade de Brasília.

Temos testemunhado nos últimos poucos anos uma série de iniciativas de reflexão acerca da formação em Psicologia, iniciadas no seio da própria Psicologia. Mais recentemente, as iniciativas do Ministério de Educação com relação à ampliação dos mecanismos de avaliação do ensino superior, respaldadas na nova lei de diretrizes e bases da educação, recomendam que a Psicologia se debruce de forma articulada sobre os produtos já disponíveis e encete uma discussão ampla que leve a um consenso acerca dos rumos da formação em Psicologia no país para as próximas décadas. Serão levantadas uma série de questões e dilemas envolvendo a caracterização de um novo currículo de graduação em Psicologia, a vocação das habilitações Bacharelado, Licenciatura e Formação de Psicólogo, características da capacitação do professor de Psicologia, a vocação da especialização, características do atual mercado de trabalho, necessidade de ajuste de perfis profissionais a necessidade de ampliação nas formas de atuação do psicólogo na sociedade brasileira, e mecanismos apropriados de avaliação do ensino em psicologia. Será brevemente descrito o trabalho de desenvolvimento de padrões de qualidade para o ensino de Psicologia, sendo feito pela Comissão de Especialistas de Ensino de Psicologia, junto à Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação. Será argumentado que a proposição e a implementação de mecanismos de avaliação para o ensino de psicologia deverão ser acompanhadas de uma caracterização lúcida dos perfis de que o país necessita para desenvolvimento de novos conhecimentos e novas formas de intervenção social.

-oOo-

MR 1.01

QUE PROFISSIONAL UM NOVO CURRÍCULO DE GRADUAÇÃO DEVERIA FORMAR? Coordenador: *Olavo de Faria Galvão*,

DIRETRIZES CURRICULARES PARA OS CURSOS DE PSICOLOGIA: O PERFIL PROFISSIONAL. *Olavo de Faria Galvão*, Univ. Federal do Pará

Dentre as medidas decorrentes da nova LDB a Portaria MEC 972, de 22/08/97, Art. 1º, item III, confere às comissões de especialistas de ensino (CEE) a tarefa de propor diretrizes e organização curriculares das respectivas áreas, para os cursos de graduação. Para desincumbir-se da tarefa a CEE de Psicologia deverá levar em conta 1. a legislação pertinente, 2. a história, desenvolvimento e perspectivas da área de conhecimento, do ensino e da profissão no Brasil, 3. a necessidade social de profissionais, e 4. as instâncias direta e indiretamente envolvidas: MEC (CNE, SESU/COESP), MS (CNS), IESs, CFP, CRPs, Associações e Sociedades Profissionais (SBP, ANPEPP, etc.). Esta comunicação desenvolve a questão do perfil profissional que o currículo pretende formar, e cuja definição é o ponto de partida para a sua elaboração. Nossa abordagem pressupõe a possibilidade de ser feita uma definição geral, comum a todos os psicólogos, especificando o

conjunto de características básicas necessárias para o subsequente domínio de áreas e competências específicas. O profissional formado nos cursos de psicologia terá o perfil básico de um investigador capaz de diagnosticar, definir procedimentos de pesquisa ou intervenção, implementá-los, avaliar e relatar suas atividades usando instrumentos conceituais e metodológicos atualizados. Do psicólogo espera-se o conhecimento: 1. dos fundamentos da história natural, até o funcionamento do sistema nervoso humano, 2. da história da cultura, até a história da ciência e da própria psicologia, 3. dos processos psicológicos básicos a partir dos quais interpreta os fenômenos complexos, e 4. de técnicas de intervenção. É capaz de trabalhar de forma integrada com outros profissionais, de buscar sistematicamente a informação indispensável para embasar sua atuação, e de buscar as técnicas de tratamento da informação para entender a realidade sobre a qual é chamado para atuar. A nível ético coloca-se o princípio do uso do conhecimento em tecnologias de intervenção que venham a contribuir para a melhoria da sociedade primariamente de forma preventiva e educativa, e secundariamente de forma remediativa. Espera-se, também a atualização profissional permanente através de cursos, intercâmbio profissional e revistas especializadas.

O OBJETO DA PSICOLOGIA OU A PSICOLOGIA COMO OBJETO *Álvaro Pacheco Duran* (Universidade Estadual de Campinas)

O título da mesa-redonda em que se inscreve este trabalho é "Que Profissional um Novo Currículo de Graduação Deveria Formar?". Embora admita mais de um significado, a formulação da pergunta-título e o contexto em que é formulada permitem toma-la num sentido "fechado" onde a resposta cabível seria a explicitação de uma decisão tomada a respeito do lastro profissional do psicólogo. As bases dessa decisão, dentre as quais uma particular concepção de conhecimento, de ciência, de Psicologia, da profissão, permaneceriam implícitas ou, quando muito, restritas ao momento da decisão, mas sem fazer parte da própria resposta. A presente participação pretende questionar tal sentido, identificando-o com uma postura científico-profissional "moderna", também questionável, que está na base de algumas das angústias do aprender-ensinar psicologia. Alternativamente, pode-se pensar num sentido mais "aberto" que comporte uma resposta cujo foco sejam os níveis mais básicos de decisão. Nesse sentido o olhar não é de dentro da Psicologia, o que exigiria concretiza-la numa de suas possibilidades de existência (o sentido fechado), mas de fora dela, o que permite considera-la em seu movimento. Nossa contribuição para a reflexão sobre a formação do psicólogo seria a de explorar algumas das implicações de uma perspectiva "pós-moderna" sobre o conhecimento segundo a qual este é sempre dependente do conhecedor, o que põe em questão a sua justaposição a uma realidade objetiva (veracidade). O conhecimento, sendo a ciência um caso particular, seria compreendido como uma necessidade ontológica de organização (viável) da própria experiência. Desse modo, não é aconselhável pensar a formação a partir da suposta veracidade de uma "psicologia que é". O que significaria não haver um psicólogo que devesse ser formado cujos saberes e fazeres em relação ao objeto da psicologia seriam estes ou aqueles. Nessa direção, formar remeteria o psicólogo não ao objeto da psicologia mas à psicologia como objeto. E a si mesmo como autor (co-autor) dessa psicologia e de sua própria formação.

-oOo-

QUÊ PROFISSIONAL FORMAR OU COMO FORMAR O PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA? *Marisa Japur* - Departamento de Psicologia e Educação - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

Pensar a formação em Psicologia implica que consideremos: a natureza da ciência psicológica, não-autônoma e com fortes áreas de interface com as ciências biológicas e sociais; seu status de ciência pré-paradigmática que demanda o exercício da crítica racional diante das alternativas e dos impasses que se apresentam frente à multiplicidade de modelos teóricos e metodológicos; sua dupla face, como ciência e profissão, que impõe a necessidade de uma formação que contemple pesquisa básica, pesquisa aplicada e prática profissional. Além disso a práxis profissional em Psicologia não pode se pensar fora de um contexto sócio-cultural específico, até porque guarda íntima relação com a representação social que se tem desse papel profissional, como um dos determinantes do próprio processo de formação e da construção da identidade profissional. Significativas transformações na sociedade brasileira têm gerado a necessidade de novas posturas e novas competências profissionais do psicólogo. Literatura recente aponta para um perfil profissional do psicólogo, que deveria incluir: concepção de fenômeno psicológico na interdependência com o contexto sociocultural; familiaridade com fontes de conhecimento multidisciplinar e preparação pessoal e técnico-profissional para atuação em equipes multiprofissionais; preparação para intervenções mais centradas em contextos incluindo perspectiva preventiva; utilização de recursos técnicos, cuja origem extrapola o campo da própria Psicologia; preparação para o trabalho com uma clientela mais diversificada, incluindo os segmentos da população socialmente excluídos; capacidade de gerar conhecimentos apropriados à realidade em que o trabalho profissional se insere; e engajamento maior em processos de transformação social. Penso ser este um perfil que todos podemos concordar, porém entendemos que ele só poderá ser uma meta alcançável pela formação na graduação, se for compreendido que o aluno, ao concluir o curso, deverá estar plenamente habilitado a conquistá-lo no exercício cotidiano de seu papel profissional. Parece-nos que o grande desafio colocado à formação refere-se, então, à necessária atenção aos processos educativos e experiências de aprendizagem que sejam efetivamente formadores. Como deveria ser a formação em Psicologia, me parece ser a questão mais pertinente. Se concordarmos que o psicólogo, em qualquer contexto, estará sempre trabalhando com o outro (indivíduo, grupo, instituição) em sua alteridade, creio que uma parcela significativa de contribuição na tarefa de confrontar o desafio da formação desses profissionais é constituí-la como espaço de aprendizagem para o trato com o desconhecido, desafiante e diferente. Considero que atentar aos modelos de aprendizagens subjacentes aos conteúdos e práticas da formação seja um caminho indispensável.

-oOo-

MR 1.02

PSICOLOGIA DO ESPORTE: ANSIEDADE, AGRESSÃO, ESTRESSE E PRODUÇÃO CIENTÍFICA. *Luiz Fernando de Lara Campos* (Universidade São Francisco) *Geraldina Porto Witter* (PUCCAMP); *Afonso Antonio Machado* (UNESP- Rio Claro) e *Marcelo de Almeida Buriti* (ETFPb).

A Psicologia do Esporte se constitui um dos ramos emergentes desta ciência que vem recebendo atenção significativa no cenário científico internacional, sendo que isso parece não estar ocorren-

do significativamente na realidade brasileira. L.F.L. Campos aborda aspectos relativos ao estresse na prática desportiva, suas causas e implicações nos diversos momentos da competição esportiva, além de apresentar os principais resultados de pesquisa na área. A. A. Machado analisa o papel da ansiedade no desempenho esportivo a partir de uma ampla revisão da literatura, abordando suas origens e efeitos. Finaliza com a indicação das várias estratégias de preparação e controle na prática desportiva. A agressividade no esporte é o tema analisado por M. de A. Buriti, que a partir da apresentação dos modelos explicativos da etiologia da agressividade na prática desportiva, analisa suas principais variáveis (gerais, específica, atores passados e presentes) que caracterizam o contexto bio-psíquico-sócio-cultural da prática desportiva. G. P. Witter enfoca as variáveis a serem consideradas na pesquisa em Psicologia do Esporte, as várias implicações e uso na atividade profissional, quer do psicólogo, quer do educador físico, quer do esportista. Trata dos delineamentos face às necessidades de pesquisa no Brasil. Finaliza-se com a discussão integrada entre os participantes avaliando o *Estado da Arte* na ciência internacional e nacional, considerando as diversas implicações para o exercício profissional.

-oOo-

MR 2.02

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOBIOLOGIA NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO. Coordenador: *J. Landeira Fernandez*.

PORQUE A PSICOTERAPIA FUNCIONA? *Jesus Landeira-Fernandez*, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta apresentação terá como objetivos analisar o processo de funcionamento das psicoterapias em termos de eventuais modificações ou reestruturações da atividade sináptica. Questões neuroanatômicas e neurofisiológicas decorrentes de uma interação bidirecional entre cérebro e comportamento serão analisadas de acordo com uma bordagem interdisciplinar oferecida pela Psicobiologia. Finalmente, ao final dessa apresentação deverá ser sugerida a possibilidade do psicólogo clínico prescrever drogas psicotrópicas, pois ambas as formas de intervenção (farmacoterapia e psicoterapia) atuam de maneira semelhante no cérebro.

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOFARMACOTERAPIA PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO. *Frederico Guilherme Graeff*, Universidade São Paulo - Ribeirão Preto.

O fato das moléculas químicas alterarem as funções psicológicas complexas é um dos mais eloqüentes argumentos contra a posição dualista tradicional. No campo terapêutico, medicamentos e psicoterapias interagem na modificação de funções cerebrais, os primeiros atuando diretamente no sistema nervoso central e as segundas de forma indireta, porém mais natural. A eficácia relativa de cada uma destas abordagens ou de sua combinação nas diferentes formas de psicopatologia deve ser objeto de constante pesquisa e avaliação.

OS DOMÍNIOS DA PSIQUIATRIA E SUA INTERAÇÃO COM A CLÍNICA PSICOLÓGICA. *Vera Braga Lemgruber*, PUC/RJ, Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro

Através da concepção da psiquiatria biológica da clínica psicológica deverão ser discutidos nesta apresentação os seguintes pon-

tos: (1) as possibilidades de integração médico-psicológica; (2) as divergências da psiquiatria, enquanto prática clínica, da psicoterapia por psicólogos; (3) os campos de atuação e limites da farmacoterapia de distúrbios psicológicos.

ASPECTOS POLÍTICOS/PROFISSIONAIS NA INTERAÇÃO PSICÓLOGO/PSIQUIATRA. *Mariza Monteiro Borges. Universidade de Brasília*

Esta participação na mesa redonda sobre a contribuição da psicobiologia na formação do psicólogo clínico tem como objetivo propor a reflexão sobre alguns aspectos ligados às políticas que delimitam a atuação profissional, tomando o processo desenvolvido nos EEUU, nos dois últimos anos, para garantir o privilégio da prescrição de drogas pelos psicólogos clínicos, como situação emblemática no caso de prescrição de drogas por psicólogos. Discutir-se-á as possíveis vertentes que conduziram a luta do psicólogo americano pelo direito de prescrever drogas, desta-

cando a disputa de mercado de trabalho e as complexas relações de poder que envolvem os campos profissionais da psiquiatria e da psicologia. Teriam as questões políticas e de mercado tido prevalência sobre o desenvolvimento do conhecimento científico na condução da ação política para assegurar ao psicólogo o direito de prescrever medicamentos? Colocar-se-á também à mesa os possíveis desdobramentos, no campo da formação profissional e no campo do conhecimento, de uma decisão afirmativa no que tange à prescrição de drogas pelos psicólogos clínicos. Partindo de uma visão de psicologia como estudo de interações, e fazendo-se um breve quadro do estado atual de área de atuação profissional do psicólogo, tentar-se demonstrar que os desdobramentos que poderão advir das opções feitas hoje sobre políticas de atuação profissional poderão restringir o campo da psicologia, pelo menos do que hoje se denomina psicologia.

-oOo-

SIMPÓSIOS

SIMP 1.01**A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO: ARTICULAÇÕES ENTRE A PESQUISA BÁSICA E A PRÁTICA DE INTERVENÇÃO**Coordenador: *Antonio Roazzi*.**TEORIAS DE CONCEITOS E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO.** *José Fernando Bitencourt Lomônaco*, Universidade de São Paulo.

O estudo científico dos conceitos pela Psicologia tem sido comumente agrupado em três grandes vertentes teóricas, a **visão clássica**, a **visão prototípica** e a **visão teórica**. Tais visões ou teorias refletem a maneira pela qual os estudiosos concebem a natureza dos conceitos. A mais antiga delas, a **visão clássica**, entende o conceito como uma representação mental formada a partir da abstração de elementos ou traços comuns presentes num grupo de estímulos que diferem em múltiplos outros aspectos. A **visão prototípica**, ao contrário, vê o conceito como uma representação mental elaborada a partir dos elementos ou traços mais frequentes de um grupo de estímulos. A representação assim formada constitui o protótipo ou o melhor exemplo da categoria. Uma vez formado, o protótipo determina a inclusão ou a exclusão de novos membros dentro da categoria. Finalmente na visão teórica, a mais recente delas, o conceito não é mais visto isoladamente, mas como parte de uma rede de relações com outros conceitos da qual deriva seu significado. Esta rede de relações é o que comumente consideramos como nosso conhecimento a respeito do mundo, ou nossas teorias. No presente trabalho procurar-se-á descrever algumas implicações destas diferentes maneiras de entender a natureza dos conceitos no desenvolvimento de procedimentos instrucionais destinados a ensinar conceitos em sala de aula.

A PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E A PRÁTICA DE ENSINO DA MATEMÁTICA. *Antonio Roazzi*. Universidade Federal de Pernambuco.

O presente trabalho objetiva relacionar a prática de pesquisa voltada para a elaboração de novos conhecimentos teóricos de como a criança se desenvolve do ponto de vista cognitivo, e a prática pedagógica voltada para o ensino, tendo como base os mecanismos cognitivos básicos da criança. Dois grupos de questões mais gerais são colocadas: A psicologia do desenvolvimento cognitivo pode contribuir para a prática do ensino da matemática (ou a educação é privilégio da pedagogia)? e se a resposta a esta questão for positiva; Qual é o papel de suas contribuições à educação? Quais os seus limites? A partir de uma série de considerações teóricas iniciais necessárias para melhor compreendermos a relação e interligação entre o saber originado a partir da prática de pesquisa e educação matemática, nosso interesse irá focar, (a) não somente como a pesquisa, de modo geral, pode influenciar a prática de ensino, (b) como também a maneira pela qual o estudo dos processos de apropriação, sedimentação e transmissão do saber e conhecimento matemático tendo em vista sua compreensão, são capazes de promover a aquisição e o desenvolvimento desse conhecimento. Neste perspectiva uma ênfase especial será dada a maneira como a pesquisa psicológica em desenvolvimento cognitivo pode (1) descobrir habilidades cognitivas existentes em crianças não consideradas devidamente, (2) ser fonte de inspiração de educadores na determinação de novos métodos de ensino, (3) ajudar a diagnosticar o tratamento de problemas de aprendizagem e analisar problemas sociais que há na escola, como, por

exemplo, a reprovação maciça de certas classes sociais, as dificuldades existentes na adoção de novos programas e currículos escolares etc. Como conclusão, serão discutidas, mais detalhadamente, as implicações educacionais e sugeridas uma série de recomendações para a prática escolar relativa ao ensino de matemática.

PESQUISA EM COMPREENSÃO DE TEXTO E PRÁTICA EDUCACIONAL: APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIA EM SALA DE AULA. *Maria da Graça Bompastor Borges Dias*. Universidade Federal de Pernambuco.

A compreensão de narrativas pode ser considerada uma atividade de solucionar problemas: traduzir palavras em informação ou idéia significativa. No entanto, a compreensão de histórias só recentemente começa a receber o merecido tratamento empírico e teórico. Hoje, apesar dos muitos estudos sobre a compreensão de histórias, Oakhill e Garnham (1988) argumentam que os professores tendem a receber um maior número de sugestões sobre como ensinar o reconhecimento de palavras e a decodificação, do que sobre como ajudar as crianças a progredirem de uma decodificação eficiente a uma compreensão de textos também eficiente. Dentre as estratégias utilizadas como ajuda à compreensão de textos, encontra-se o uso da imagem mental. A imagem mental pode melhorar a compreensão por manter mais a atenção e por promover um mais profundo processamento semântico do texto. Esta estratégia requer que o sujeito traduza cada sentença lida em uma representação mental de seu conteúdo. Vários estudos demonstraram existir um desenvolvimento na habilidade de usar instruções para gerar imagens na leitura de texto. Aos 8 anos de idade as crianças são capazes de aprender a utilizar imagens mentais para melhor compreender material escrito, mas, não o fazem espontaneamente e necessitam de instrução sobre o uso dessas estratégias (Pressley, 1976). No presente trabalho apresentaremos diversos estudos, experimentais e de treinamento em salas de aula, que temos desenvolvido. Do ponto de vista da prática educacional, os resultados encontrados são bastante encorajadores. Nestes estudos, crianças e adultos em alfabetização, que estavam em um nível inferior de compreensão de textos, progrediram para um nível significativamente superior de compreensão. Porém, isto só ocorria quando os sujeitos utilizavam a instrução de fazerem uma imagem mental do conteúdo de cada sentença à medida que iam lendo ou ouvindo o texto. Assim, a importância de estudar o efeito da imagem mental na compreensão de textos, reside na própria facilidade em ensinar e usar tal estratégia, auxiliando as crianças com dificuldades nesta habilidade a progredirem a um nível de "boa compreensão", sem necessidade de um treinamento longo. Apenas com palavras, sem recursos onerosos (e.g. slides, filmes) como utilizados em estudos anteriores (Pressley 1976; Levin, 1981), é possível melhorar sobremaneira a compreensão de textos daqueles que apresentam dificuldades nesta habilidade. (FACEPE/CNPq).

MEDIAÇÃO SEMIÓTICA E COMPREENSÃO TEXTUAL: ARTICULAÇÃO ENTRE QUESTÕES TEÓRICAS E A PRÁTICA DE SALA DE AULA. *Maria Helena Fávero*. Universidade de Brasília.

Nos últimos 25 anos, duas tendências principais têm caracterizado a conceituação de texto. Na primeira aborda-se, sobretudo, a criação de uma metassemiótica, como define Lotman (1988), tendo como objeto de estudo, não o texto como tal, mas os modelos de textos, os modelos de modelos, e assim por diante. Na segunda

concentra-se a atenção no funcionamento semiótico do texto. No primeiro caso é a linguagem que interessa ao investigador enquanto materialização das leis estruturais de uma língua, e no segundo caso, o que interessa são os aspectos semióticos de um texto. Este segundo interesse desemboca e acaba por definir o estudo da semiótica da cultura, que traz uma considerável transformação ao próprio conceito de texto. Uma das conceituações clássicas deste termo supõe que o mesmo seja visto como uma unidade funcional indivisível e unívoca para qualquer contexto cultural. Dessa forma, implícita ou explicitamente, o texto é tido como uma “declaração” ou “afirmação” em uma determinada língua. Em contraste a esta abordagem clássica, Lotman (1988) sugere, no interior da semiótica da cultura, cinco processos básicos para resumir a função sócio-comunicativa de um texto: a comunicação entre o autor e o leitor; a comunicação entre a audiência e a tradição cultural; a comunicação do leitor com ele mesmo; a comunicação do leitor com o texto; a comunicação do texto com o contexto cultura. Assim, o texto é, em si mesmo, não a realização de uma mensagem em uma dada língua, mas um sistema complexo de armazenamento de diversos códigos capazes de transformar mensagens recebidas e gerar outras, ou melhor, o texto, nas palavras de Lotman (1988), é um gerador de informações com os traços de uma pessoa inteligente. Este modo de conceber o texto traz uma implicação importante, tanto no que diz respeito ao que seja a atividade de ler, como de escrever. Esta implicação, será discutida tendo por base estudos centrados na interação de sujeitos surdos com a leitura e a escrita e na interação entre alunos de 1º. e 2º. graus e textos publicados na imprensa nacional. (CNPq)

-oOo-

SIMP 1.02

HABILIDADES TEXTUAIS EM CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ADULTOS: AS IMPLICAÇÕES DA PESQUISA EM PSICOLOGIA PARA A EDUCAÇÃO. Coordenadora: *Alina Galvão Spinillo*.

COMPREENSÃO DE TEXTOS: HABILIDADES GERAIS OU ESPECÍFICAS? *Ana Carolina Ferrusi Brandão e Alina Galvão Spinillo*. Universidade Federal de Pernambuco.

Inúmeras são as tarefas adotadas em pesquisas que procuram investigar a compreensão de textos. Em alguns estudos a tarefa consiste em responder perguntas sobre um texto apresentado (por escrito ou oralmente); em outros, o sujeito é solicitado a completar frases relativas ao texto; ou ainda é solicitado a identificar as principais idéias contidas no texto. De maneira geral, cada uma dessas tarefas é entendida como sendo o instrumento que melhor retrata a habilidade de compreensão do sujeito. Torna-se relevante mencionar que uma dada tarefa de compreensão pode estar avaliando um conjunto de aspectos que podem não estar sendo avaliados em uma outra tarefa, ou seja, aspectos distintos de um mesmo fenômeno (no caso as habilidades de compreensão) podem ser priorizados em uma tarefa e não em outra. Além disso, esta diversidade de formas de avaliar a compreensão de textos torna difícil comparar e integrar os resultados obtidos nessas tarefas devido a dois fatores: (a) diferenças entre as tarefas, as quais demandam mecanismos cognitivos distintos; e (b) diferentes idades investigadas. Observa-se na literatura que as explicações teóricas tendem a tratar a compreensão de textos como uma habilidade geral, negligenciando as habilidades específicas que constituem este processo e que não podem ser exploradas por um único instrumento. Para discutir tais questões, a compreensão de textos

narrativos foi investigada em uma mesma amostra de crianças de 4 a 6 anos de idade, através de duas tarefas distintas: uma tarefa de reprodução de um texto ouvido (Tarefa 1) e uma tarefa que consistia em responder a perguntas (Tarefa 2) que envolviam tanto uma visão geral do texto, como também aspectos específicos sobre os episódios narrados (resolução da trama e suas consequências) e avaliação dos personagens. Para as reproduções elaborou-se um sistema de análise baseado tanto na fidelidade ao texto ouvido como na integração dos enunciados reproduzidos. Para as perguntas, fugiu-se do esquema tradicional acerto/erro, criando-se uma avaliação gradual de aceitação das respostas dadas. Os dados apontam que as tarefas refletem facetas distintas do processo de compreensão de textos, sugerindo a existência de habilidades específicas cuja correlação foi também explorada. Conclui-se que ao se compreender um texto estão em jogo habilidades específicas que precisam ser consideradas, habilidades estas que não são exploradas em uma única tarefa. As diferenças entre as idades sugerem uma tendência para a integração dessas habilidades ao longo do desenvolvimento. (CAPES)

A MEDIAÇÃO DO OUTRO NO DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO DE TEXTO. *Diva Albuquerque Maciel*. Universidade de Brasília

Diversas investigações, em particular os estudos de Yuill & Oakhill (1991) e de Kleiman (1993), destacam a importância do ensino de estratégias específicas para melhorar a compreensão de leitura de sujeitos com dificuldades de aquisição dessa habilidade. De acordo com Kleiman, é durante a conversa que o leitor principiante compreende o texto. Por suas palavras: “O professor que ajuda o aluno a prever e predizer, focalizando, mediante diversas abordagens e atividades prévias à leitura, as palavras-chave no texto, garante que quando o aluno as encontrar, será capaz de reconhecê-las rápida ou até instantaneamente.” (Kleiman, 1993, p. 36). De maneira semelhante, Teberosky (1989) considera como requisitos do ensino, ajudar a criança a dirigir a atenção para alguns dos elementos específicos do texto, tais como, convenções gráficas e ortográficas, convenções discursivas e de pontuação. Dentro desse contexto, os processos interativos desenvolvidos entre o adulto e a criança durante a aprendizagem da leitura e da escrita assumem papel de destaque, e merecem ser compreendidos e examinados de maneira detalhada. Neste sentido foi realizado um estudo dos processos co-constitutivos de compreensão textual ocorridos na interação entre uma professora e uma criança de 9 anos de idade a qual apresentava dificuldade de aprendizagem. As atividades didáticas ocorridas em cinquenta e oito aulas (perfazendo um total de 74 horas e 38 minutos), distribuídas em dois semestres letivos, foram gravadas em vídeo e categorizadas de acordo com o tipo de dinâmica da atividade desenvolvida. Dessas atividades, foram recortados e selecionados três episódios de atividade relativos à leitura de texto. Estes episódios são especificamente tratados e explorados no presente estudo através de uma metodologia denominada microgenética. O objetivo desta investigação foi identificar e analisar as estratégias utilizadas pela professora com o intuito de promover, ao longo do ano letivo, a competência do aluno quanto ao domínio de processos de compreensão de texto. As estratégias adotadas são especificadas e exemplificadas neste estudo, onde a professora atuou como mediadora no desenvolvimento da compreensão de textos ao interagir com um criança caracterizada como leitora principiante. Os dados contribuem para especificar a natureza dessas estratégias e dos processos co-constitutivos de interação relativos ao desenvolvimento da habilidade de compreensão de textos.

O CONHECIMENTO DE ADULTOS POUCO ESCOLARIZADOS SOBRE DIFERENTES TIPOS DE TEXTO. *Eliana Borges Correa de Albuquerque*. Universidade Federal de Pernambuco

A língua escrita tem funções bem definidas nas sociedades letradas, funções estas que se manifestam através de diferentes tipos de registros denominados gêneros de textos. Crianças e adultos, mesmo antes de dominarem o código alfabético, convivem com a língua escrita em contextos significativos de comunicação, utilizando-a para diferentes fins e, portanto, entram em contato com os diferentes gêneros de texto veiculados na sociedade. O presente estudo investigou o conhecimento de indivíduos pouco escolarizados sobre diferentes gêneros de textos como história, carta e notícias de jornais. Participaram da pesquisa 42 alunos da Educação Básica de Jovens e Adultos, de classe social baixa, com idades superior a 14 anos, que freqüentavam duas séries: Módulo 1 (equivalente à alfabetização) e Módulo 3 (equivalente às 3a. e 4a. séries do 1o. grau). As habilidades de produção e de identificação de textos foram exploradas através de duas tarefas. Na primeira tarefa, solicitava-se a produção de uma história, de uma carta e de uma notícia de jornal. Na segunda, solicitava-se identificar textos lidos pelo examinador (histórias, cartas e notícias de jornais) e justificar suas respostas. Os textos produzidos foram classificados em diferentes categorias, de acordo com as características de cada gênero (aspectos lingüísticos e elementos essenciais). A tarefa de identificação foi analisada em função da identificação correta do texto apresentado e em função dos critérios de julgamento adotados nas justificativas. Constatou-se que os alunos alfabetizados (Módulo 3) tiveram um desempenho superior em relação aos alunos não alfabetizados (Módulo 1), tanto na produção como na identificação dos gêneros apresentados. Verificou-se ainda que alguns textos eram mais facilmente produzidos e identificados que outros. Esses resultados demonstram que os adultos, mesmo não dominando a leitura e a escrita, possuem uma competência textual relacionada principalmente, a suas experiências com a língua escrita em contextos extra-escolares. A alfabetização, entretanto, apresenta-se como fator determinante desta competência, favorecendo o desenvolvimento do conhecimento metalingüístico de texto.

ANÁLISE DE NARRATIVAS PRODUZIDAS POR ALUNOS DE 5ª SÉRIE DO 1º. GRAU. *Raul Aragão Martins e Daniela Brito*. Universidade Estadual Paulista.

A produção de narrativas por crianças é assunto que vem sendo pesquisado nos últimos anos através de inúmeras abordagens. Dentre os textos narrativos mais explorados nesses estudos, encontra-se a produção de histórias. Para a análise deste gênero de texto, os pesquisadores têm adotado amplamente o conhecido modelo proposto pela Gramática de Histórias de Stein & Glenn (diversas obras). Este modelo se baseia na análise da estrutura narrativa da história e consiste em identificar os elementos e componentes essenciais que formam a história: uma estrutura composta de uma categoria principal, denominada "ambiente", e de sub-categorias tais como: o evento ou estado inicial, a resposta interna, o plano interno, o esforço, a conseqüência direta e a reação. Este modelo, com algumas variações, tem sido amplamente adotado na análise de histórias produzidas por crianças, em sua maioria através de situações de produção oral. Torna-se importante examinar se este modelo seria uma forma de análise apropriada para avaliar a produção de histórias escritas em crianças mais velhas do que aquelas usualmente investigadas nos estudos

documentados na literatura. O presente estudo procurou explorar este aspecto, avaliando a produção de histórias de vinte alunos (10 meninos e 10 meninas) com uma média de 11 anos de idade, cursando a 5ª. série do primeiro grau de uma escola pública na região central de São José do Rio Preto, São Paulo. Apresentou-se a cada sujeito uma folha de papel contendo um desenho de garotos que espiavam através de um buraco em uma cerca de madeira. O experimentador pedia ao sujeito que imaginasse e escrevesse o que poderia estar acontecendo ali. As histórias produzidas foram comparadas em função do fator sexo, mostrando que as meninas produziam narrativas mais longas que os meninos. Observou-se também que tanto as meninas como os meninos faziam uso de todas as categorias que compõem a Gramática de História; no entanto, as meninas apresentavam um uso mais balanceado dessas categorias, produzindo histórias que se distribuíam ao longo dessas categorias. Os resultados levam à discussão a respeito da adequação dessas gramáticas como instrumento único para a análise da produção de narrativas escritas por sujeitos em idade mais avançada que aquelas nos estudos documentados na literatura, e que freqüentam séries mais adiantadas do 1º. grau. Tal discussão tem repercussões tanto para a pesquisa na área como pode auxiliar na compreensão dos diversos aspectos envolvidos na avaliação de habilidades textuais.

-oOo-

SIMP 1.03
LINGUAGEM, INTERAÇÃO, RELAÇÕES SOCIAIS: UM ENSAIO DE INTERDISCIPLINARIDADE. Coordenadora: *Ana M.A. Carvalho*.

VÍNCULO INTERPESSOAL: REALIZAÇÃO DA FILOGENIA NA ONTOGÊNESE. *Ana M.A. Carvalho*, Universidade de São Paulo).

A partir de uma perspectiva psicoetológica, reflete-se aqui sobre o significado funcional, em sentido filogenético, do vínculo interpessoal em geral e nos primeiros anos de vida em particular: as relações mãe-filho, outros adultos-criança e criança-criança. A discussão baseia-se principalmente em literatura produzida no Brasil nos últimos dez anos, com enfoques psicoetológicos, sócio-construtivistas e de sistemas dinâmicos, por esta e por outras pesquisadoras. São apresentados dados observacionais a respeito da evolução de trocas sociais entre crianças ao longo do processo de estabelecimento de vínculos interpessoais, dados esses que sugerem um papel central das relações estáveis na construção da comunicação, da auto-percepção e da identidade de grupo. Analisando-se esses dados à luz das premissas aparentemente diversas das perspectivas revistas, o conceito de natureza biologicamente social do ser humano – premissa da visão etológica – é contrastado com a concepção construtivista de construção do sujeito na interação social e com os conceitos dinâmicos de estabilidade e transformação. Em conclusão, sustenta-se a possibilidade de uma concepção integrada sobre a ontogênese da vida social, que articule aspectos sócio-afetivos e cognitivos e que contemple não apenas as questões relativas ao desenvolvimento e à regulação do comportamento, mas também a seu sentido na história da espécie. (CNPq).

DO "ARRANJO" AO "ATRATOR": EVOLUÇÃO CONCEITUAL NA ANÁLISE DE INTERAÇÕES SOCIAIS. *Maria Isabel P. C. Pedrosa*, Universidade Federal de Pernambuco.

Este trabalho busca recuperar a trajetória percorrida para descrever e analisar episódios de interação lúdica de crianças pequenas. A interação de crianças, concebida como um caso particular do fenômeno interação, deve resguardar sua característica definidora de “ação entre”, comum a qualquer área do saber e, ao mesmo tempo, deve permitir considerar a especificidade de um fenômeno psicológico, preservando sua natureza semiótica por se tratar de um fenômeno sócio-histórico e cultural. O conceito de “arranjo” foi inicialmente proposto pelo pesquisador para descrever situações de interação de crianças que permitissem considerar simultaneamente vários fatores presentes num recorte de registro de vídeo a ser analisado como, por exemplo, espaço físico, posição das crianças, orientação da atuação etc. Logo em seguida, percebeu-se seu potencial de regular as interações das próprias crianças quando estas pareciam levar em conta o arranjo do qual participavam para regular suas ações com os parceiros. A reflexão conjunta de pesquisadores de áreas diferentes do saber, particularmente da Psicologia e da Física, sobre esses mesmos registros de vídeo, permitiu substituir o conceito de “arranjo” por outro já explicitado na matemática e utilizá-lo em outros contextos explicativos – o conceito de “atrator”. Este conceito apresenta vantagens por se constituir numa ferramenta teórica que busca compreender o processo de auto-organização de um sistema dinâmico, em um campo qualquer de interação, a partir de seus elementos constitutivos que realizam movimentos desordenados e ordenados, coerentes e incoerentes, caracterizando transformações contínuas e descontínuas no sistema. O grupo de crianças brincando pode ser caracterizado como um sistema dinâmico e, como tal, analisado a partir desta ferramenta teórica (CNPq).

A LINGUAGEM LITERÁRIA ORGANIZANDO O OLHAR NA SITUAÇÃO DE ENSINO - *Mary Julia Martins Dietzsch*, Universidade de São Paulo.

Na perspectiva de um olhar atento que inventa meios para ampliar o seu campo de visão, foram realizados encontros com quatro professoras de escolas públicas paulistas, atendendo a decisão do grupo de ver e analisar, coletivamente, cenas das interações ocorridas em suas classes. Ao se verem, pela primeira vez, no vídeo, interagindo com seus alunos, ou ao se projetarem nas imagens das colegas, as professoras desculpavam-se e alongavam-se nos comentários sobre seus alunos, dando pouca atenção à sua própria atuação. Ainda que se enxergando nas imagens do vídeo, procuravam estabelecer um certo distanciamento das imagens vistas, pouco à vontade para assumirem uma postura mais crítica e para aprofundarem suas formas de olhar. Assim, consideramos a importância de se integrar à concretude das cenas do vídeo a *visibilidade* do texto escrito. Iríamos invocar imagens *in absentia*, buscando no texto literário as possibilidades da imaginação, que cria lugares, cenas e movimentos, reinventando a experiência. Do encontro com a narrativa, que possibilitou a criação do mundo de outras professoras e de outras salas de aula, surgiu um novo ânimo para flexibilizar e aprofundar a discussão. A conversa das professoras era então com as vozes criadas por Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Clarice Lispector, suas personagens e cenas sendo reinventadas na circulação das diferentes histórias de leituras das professoras. Se foi difícil cruzar, aprofundar as linhas do texto, ainda assim o grupo trabalhou seriamente na busca do sentido, o olhar se encaminhando para lugares menos previsíveis e menos conformados do que aqueles vistos, inicialmente, através do vídeo. Se acreditamos que a linguagem visual e a verbal travam diálogos intensos e imemoráveis, a ponto de convocar outros diálogos entre os espectadores/leitores e o texto, sa-

bemos também do emaranhamento e extensão que marcam os caminhos do olhar e da imaginação. E nesse sentido é que continuamos trabalhando com as professoras (CNPq).

COTIDIANO, CIÊNCIA E ARTE: FALAS E LINGUAGENS - *Amélia Império-Hamburger*, Universidade de São Paulo.

Um estudo particular das origens das teorias de Newton, e da epistemologia subjacente que revela suas lógicas e seus métodos de investigação e de conceituação, destaca o aspecto estético do empreendimento, no sentido de Max Bense: a compreensão da síntese de novos significados se manifesta a nível cognitivo e afetivo e, na análise crítica de seus contextos como conhecimento, tem lugar uma efetiva avaliação estética, ao mesmo tempo que a racionalidade se manifesta como potencial criativo. A sentença “*a força da gravitação universal em Newton alça a percepção humana à objetividade do cosmos*” contem o resultado deste exercício de pensamento crítico, no sentido de esclarecer como o conhecimento científico transforma as sensações cotidianas, subjetivas, em percepções mais complexas, definidas no compartilhamento de um espaço coletivo, histórico, de significações. Por outro lado, analisamos a situação de aprendizagem como um processo criativo. Como em Wallon e Bense, cada toque – mudança brusca de estado – produzido pelo ato de pensamento correspondente à compreensão de certos fenômenos, dentro da coerência de uma teoria, é um exercício estético. Entretanto, essa não é uma ocorrência espontânea, na vivência de todo dia, e então se define a perspectiva do ensino de ciências enfatizada neste ensaio. As relações entre a descoberta/criação de significados a nível cotidiano e a nível histórico são encontradas através das dinâmicas filosóficas de L.S. Vigotsky, H. Wallon e A. Heller. Estão sempre presentes os componentes do *produto* (conceituação científica) e do *processo de significação* (interações sociais, percepções, discernimentos, lógicas constitutivas, compartilhamento de significados, persistência de significados, procedimentos experimentais), caracterizando uma linguagem, como em Bakhtin. Wolfgang Pauli, físico, em sua colaboração com Jung, e Betty Jo Books, historiadora americana do significado dos trabalhos alquímicos de Newton em sua teoria da matéria, liberaram o pensamento para a análise crítica das origens e conduziram a criação conceitual deste trabalho. Destacamos dois novos conceitos desenvolvidos: 1) a lógica da constituição simultânea das partes e de um todo de realidades significativas, e 2) a teoria científica e seu objeto como um todo coerente, uma nova percepção ou discernimento, uma linguagem que se diferencia da cotidiana.

-oOo-

SIMP 1.04
ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL PARA ADOLESCENTES: DIFERENTES DEMANDAS, PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E MODELOS DE ASSISTÊNCIA
Coordenador: *Manoel Antônio dos Santos*.

O IMPACTO DAS TRANSFORMAÇÕES RECENTES NO MERCADO DE TRABALHO SOBRE A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL JUNTO À CLIENTELA ADOLESCENTE. *Manoel Antônio dos Santos*. Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

Nota-se atualmente, entre os profissionais que atuam na área de saúde mental, uma preocupação constante com os rumos que a

prática clínica tem tomado, em virtude das mudanças observadas no exercício profissional nos últimos anos e da emergência de novos paradigmas de trabalho com a subjetividade. Um dos efeitos mais notáveis da mudança de perspectiva que se abre com a crescente institucionalização da Psicologia, assim como de outras profissões da área da saúde, é que a assistência psicológica, acompanhando o movimento mais amplo de reordenação de toda a área da saúde mental, tende a voltar-se cada vez mais para ações de maior abrangência social. Nota-se uma maior preocupação com a contextualização do trabalho clínico, o enfoque interdisciplinar e o conhecimento do universo social, histórico e lingüístico dos destinatários das ações de saúde. A emergência de novas demandas tem exigido cada vez mais uma reestruturação de todo o campo do saber sobre a atuação clínica, exigindo que os profissionais repensem o tipo de instrumentalização necessário para o trabalho com as novas realidades que se descortinam no horizonte. O psicólogo tem sido levado a repensar os vetores básicos que norteiam sua prática, redirecionando as ações de saúde que empreende, a fim de adequá-las ao novo contexto, sem perder de vista a qualidade do trabalho realizado. Contudo, devido ao divórcio ainda existente entre os cursos de formação e a realidade social, a formação do psicólogo se mostra particularmente falha no preparo dos futuros profissionais que irão atuar com as demandas emergentes, como é o caso de determinados grupos populacionais. Nesse sentido, o atendimento ao adolescente nos parece exemplar, permitindo-nos ilustrar a defasagem existente entre o curso de graduação e as necessidades de formação do profissional de saúde de um modo geral, e de saúde mental em particular. Acresce-se a isso o fato de que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento ainda relativamente pouco investigada de maneira sistemática, o que impõe, por si só, inúmeros obstáculos para o profissional que irá se dedicar ao atendimento dessa clientela. Isso se torna mais crítico se considerarmos que os pressupostos teóricos que embasam as práticas e os modelos assistenciais nem sempre são claros, gerando, com frequência, equívocos que acabam por redundar em fracassos terapêuticos. Há uma tendência de imputarmos esse insucesso às características de instabilidade inerente à transição adolescente, negligenciando nossa participação na sua produção (por exemplo, as falhas no manejo terapêutico). Por outro lado, em nossa prática cotidiana, cada vez mais temos nos defrontado com problemas complexos, que atingem os adolescentes e suas famílias de maneira avassaladora, como o crescimento da violência juvenil, a drogadição, a iniciação sexual precoce e suas conseqüências nefastas (gravidez indesejada, aborto, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS, etc.). Esses problemas têm aumentado o grau de incerteza com que nós, profissionais, normalmente estamos habituados a trabalhar, exigindo uma revisão das concepções tradicionais e a substituição de nossos preconceitos por *conceitos* fundamentados. É necessário que as incertezas pouco a pouco cedam lugar a um movimento permanente no sentido de *repensarmos* nossas práticas. Um dos obstáculos a esse avanço é que, ainda hoje, não obstante a crescente demanda, observamos uma notável escassez de serviços clínicos voltados especificamente para o atendimento das necessidades de nossa juventude. Consideramos que compete à Universidade, em uma ação coordenada com os profissionais da área, desenvolver metodologias que favoreçam a organização e a avaliação desses serviços, dentro de uma perspectiva científica. O confronto com as dificuldades geradas pela deficiência de procedimentos sistemáticos nessa área será ilustrado com a apresentação de estudos de caracterização do perfil da clientela e dos padrões de morbidade psíquica, que temos conduzido na Universidade, junto ao *Serviço de Psicoterapia de Adolescentes e Adultos*, da Clí-

nica Psicológica da FFCLRP-USP. Será discutida a necessidade de adaptação dos referenciais técnicos clássicos às situações com as quais deparamos no contexto institucional, sem que com isso se descaracterize a essência dos postulados que orientam nossa atuação, nem se perca de vista a qualidade de nosso trabalho. Procuraremos enfatizar que as diferentes demandas clínicas exigem, necessariamente, diferentes formas de conceber a prática de intervenção psicológica, abrindo espaço para a incorporação de ações educativas e preventivas, dentro de uma estratégia de promoção de saúde. Para que isso se efetive, é preciso que estejamos imbuídos de uma consciência crítica que nos permita organizar nossas observações sob uma perspectiva distinta daquela oferecida pelo modelo clínico tradicional, de modo que possamos ampliar nosso raio de ação no atendimento do adolescente e de sua família. Afinal, não podemos esquecer que novos tempos requerem uma nova forma de *indagar a realidade* ao praticarmos a Psicologia.

PESQUISA E AVALIAÇÃO SOBRE AS NECESSIDADES ASSISTENCIAIS EM PSIQUIATRIA DE ADOLESCENTES.
Erikson Felipe Furtado, Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

A adolescência, sendo uma etapa do ciclo vital situada entre a meninice e a vida adulta, sofre as conseqüências de um posicionamento intermediário, o qual, além de contribuir para as dificuldades adaptativas produzidas na *passagem* do indivíduo humano entre dois territórios opostos, é acrescido das dificuldades das instituições sociais em posicionar-se diante das necessidades deste grupo etário. Particularmente as instituições de saúde, encarregadas do atendimento das necessidades de saúde da população, deparam-se com um desafio, o qual manifesta-se tanto através de sua complexidade inerente, quanto através da obscuridade, da carência de informações ou da imprecisão destas quanto ao objeto de estudo: adolescência. A assistência psiquiátrica para adolescentes em nosso país sofre de um mal básico: a carência quantitativa e qualitativa de profissionais e de serviços. De fato, possuímos poucos centros que oferecem formação especializada, de longe insuficientes para produzir o número de profissionais necessários em conformidade com o tamanho da população de adolescentes. Sendo poucos os serviços e poucos os profissionais, é de se esperar uma carência qualitativa no que diz respeito à oferta de serviços diversificados. Daí que, em nosso meio, a assistência no setor privado e no setor público restringem-se, na maior parte dos casos, ao atendimento ambulatorial, de nível de atenção primário e secundário. As situações de maior complexidade, a nível terciário, ficam sem uma resposta adequada, considerando-se o "estado da arte", tal como é realizado em centros especializados na Europa e Estados Unidos. Nossa apresentação será orientada na análise de dados nacionais sobre problemas psiquiátricos da adolescência, na análise crítica de alguns modelos em vigor no país e na sua comparação com modelos em vigor na Alemanha e Estados Unidos, com o cuidado de contextualizar a análise dentro das particularidades da realidade sócio-cultural brasileira. A fim de ilustrar a apresentação, serão apresentados dados estatísticos oriundos de estudo que estamos realizando sobre a demanda assistencial de crianças e adolescentes em um serviço de emergência psiquiátrica, acrescidos das informações sobre o modelo de atendimento que procuramos implantar através do *Programa de Adolescentes* do Ambulatório de Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo. (CNPq)

ORGANIZAÇÃO DE SERVIÇOS AMBULATORIAIS PARA O ATENDIMENTO AO ADOLESCENTE PSICÓTICO. *Edson Guimarães Saggese*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A adolescência é um período particularmente rico em possibilidades desestabilizadoras. Momento de definições diversas no campo sexual, profissional e familiar, a adolescência lança questões que alguns indivíduos não têm condição de responder, provocando a eclosão de quadros psicopatológicos graves. Diversamente das sociedades tradicionais, que possuem mecanismos para demarcar os lugares que cada um dos seus membros deve ocupar ao se tornar adulto, a sociedade moderna desafia seus jovens a buscar uma definição singular e única para suas vidas. A tarefa, inerente ao homem moderno, de apresentar-se como um sujeito singular, encontra seu clímax na adolescência, quando o indivíduo é compelido a tomar a palavra para definir suas opções frente às diversas exigências próprias à sua inclusão no mundo adulto. Dados epidemiológicos apontam para uma prevalência de transtornos mentais entre crianças e adolescentes em torno de 10 a 15%, chegando até 21% se tomarmos apenas uma população de adolescentes mais velhos. Cerca de 50% destes transtornos tendem a produzir incapacidade permanente. Registros epidemiológicos já bem estabelecidos revelam que 45% dos casos novos de esquizofrenia, o mais incapacitante dos transtornos mentais, surgem entre 15 e 24 anos. Um estudo recente demonstra que a idade de começo de diversas doenças mentais é muito mais precoce do que se julgava. O pico de risco para fobias, por exemplo, situa-se entre 10 e 14 anos; para alguns tipos de transtorno do humor o risco máximo está situado entre 15 e 19 anos. A superação do modelo asilar como base da assistência em saúde mental foi apontada como meta básica pela 2ª Conferência Nacional de Saúde Mental. Tanto do ponto de vista técnico quanto do ético as restrições ao manicômio tornaram-se, praticamente, consenso internacional. Modelos alternativos devem ser investigados para permitir a desospitalização de pacientes há longo tempo internados e impedir a entrada de novos indivíduos na *carreira manicomial*. Nesse segundo aspecto, ganha relevância a busca de meios que impeçam a entrada de adolescentes na estrutura asilar, mantendo-os, o mais possível, ligados ao seu contexto social. Com base na experiência bem-sucedida de acompanhamento exclusivamente ambulatorial de adolescentes com psicopatologia grave, o autor formulou a proposta do *Programa Ambulatorial para Adolescentes sob Risco*, buscando novas soluções para impedir a precoce estigmatização e incapacitação do jovem com transtornos mentais. O *Programa* recorre ao referencial psicanalítico para entender o desencadeamento das crises dos adolescentes, suas manifestações sintomáticas, o contexto familiar, as relações estabelecidas com os profissionais da equipe e a evolução e os impasses do tratamento. Isso não significa que a abordagem psicanalítica seja a única forma de atenção recebida pelos adolescentes. Outros recursos, como a psicofarmacoterapia e a terapia de família, são também empregados. Lidando com graves problemas de saúde mental, para os quais ainda não se estabeleceu um consenso acerca dos métodos de tratamento, justifica-se, do ponto de vista ético e científico, o uso de todos os recursos de atendimento que se mostrem úteis na prática.

REDE DE TRATAMENTO E PREVENÇÃO AO ABUSO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: A EXPERIÊNCIA DE IMPLANTAÇÃO DO NAPS-F NO MUNICÍPIO DE RIBEIRÃO PRETO. *João Mazzoncini de Azevedo Marques*. Secretaria Municipal de Saúde de Ribeirão Preto, Programa de Saúde Mental.

Estudos recentes têm constatado o crescimento vertiginoso do uso indevido e da dependência de drogas na população adolescente. O consumo de álcool e de drogas ilícitas tende a se iniciar em idade cada vez mais precoce, o que tem servido de alerta para os profissionais da área de educação e saúde. Como médico ligado diretamente ao sistema de saúde pública, atuando na elaboração e implantação de projetos específicos de intervenção, visando a instalação de uma rede integrada de atendimento e prevenção ao alcoolismo e à farmacodependência, pretendemos discorrer sobre nossa experiência à frente da coordenação do Programa de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde, da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto. Iremos nos deter na apresentação do *Núcleo de Atenção Psicossocial a Alcoolistas e Farmacodependentes (NAPS-F)*, um dos equipamentos incluídos no "Projeto de Formação e Capacitação da Rede de Atendimento e Prevenção de Alcoolismo e Farmacodependência de Ribeirão Preto". O NAPS-F é um projeto voltado especificamente para o atendimento de usuários e dependentes de álcool e de outras drogas, residentes na cidade em Ribeirão Preto. Funciona, assim, como um serviço de referência local, que conta em sua equipe com três psicólogos, dois psiquiatras, uma enfermeira, uma terapeuta ocupacional e uma assistente social. Esses profissionais trabalham como uma equipe multiprofissional, buscando alcançar em suas atividades a prática interdisciplinar. O trabalho do NAPS-F também tem se desenvolvido como uma alternativa de atendimento que busca adotar uma fundamentação teórica e técnica mais condizente com a realidade social local e as necessidades atuais no atendimento ao toxicômano. O serviço oferece um plantão permanente, de segunda a sexta-feira, das nove da manhã às cinco da tarde. Além do atendimento em diferentes modalidades terapêuticas, subordinadas a um projeto geral cuja concepção básica de trabalho se propõe a ser interdisciplinar, há uma preocupação com a realização de um amplo trabalho preventivo junto à comunidade. Todos os profissionais envolvidos no projeto passaram por um treinamento inicial, supervisionado pelos profissionais do PROAD, da UNIFESP, e continuam recebendo uma atenção sistemática em termos de supervisão e cursos de reciclagem. A concepção de atendimento preconizada no serviço está atrelada a uma visão mais ampla da problemática da dependência, de modo a não se perder de vista as necessidades específicas de cada usuário. A estratégia de tratamento implica não apenas na ênfase em procedimentos médicos-psiquiátricos, mas incide também nas raízes sociais, políticas e históricas do consumo de drogas em nosso meio. Procura-se manter o devido afastamento crítico em relação às visões ideológicas de cunho moralizante, de modo a evitar-se que a *cura* funcione apenas como uma *modo de vida* que seria oferecido ao toxicômano em troca de outro, o que pode ser uma "rima", mas certamente não é a solução para o problema. Finalmente, será apresentada uma avaliação crítica do programa, com base nos resultados preliminares obtidos nos seis primeiros meses de atendimento.

-oOo-

SIMP 1.05

O PSICÓLOGO NO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA. Coordenadora: *Sônia Regina Fiorim Enumo*.

ORIENTAÇÃO FAMILIAR EM SITUAÇÃO NATURAL PARA PORTADORES DE SÍNDROME DE DOWN. *Sônia Regina Fiorim Enumo*, Universidade Federal do Espírito Santo.

A prevenção tem sido indicada como uma solução eficaz e viável economicamente para problemas de desenvolvimento infantil, para

países em desenvolvimento, de acordo com a Organização Mundial de Saúde. Uma medida preventiva possível no contexto local foi a proposição de um programa de intervenção psicológica junto à comunidade, via o Serviço de Aconselhamento Genético (SAG) da UFES, visando a avaliação do desenvolvimento infantil e a orientação familiar. Concomitantemente, pretendia-se capacitar alunos de Psicologia em prevenção secundária de deficiências, por meio do diagnóstico precoce e do atendimento imediato dos casos de atraso no desenvolvimento. Selecionou-se, como clientela, crianças com Síndrome de Down, na faixa etária de 0-3 anos, e suas famílias, já atendidas pelo SAG, totalizando 20 famílias, das quais três aceitaram participar do programa. Este projeto de pesquisa e intervenção teve início em ago/94, atendendo, assim, a 3 famílias e seus filhos, com idade média de 2 anos e 3 meses. A intervenção constou de 4 programas: 1º) Avaliação do Desenvolvimento Infantil, por meio de entrevistas com os pais e professores, observação na escola, e aplicação das Escalas Bayley e do Inventário Portage; 2º) Orientação de Pais sobre atividades dirigidas à promoção do desenvolvimento da criança em situação natural, através de visitas semanais às residências destes, em duplas de estagiárias, e também por meio de reuniões quinzenais com todos os pais, para troca de experiência e discussão de temas sobre desenvolvimento e controle de comportamento; 3º) Integração e Socialização Infantil; 4º) Estudos Integrados sobre Comportamento e Saúde, com reuniões quinzenais entre participantes de todos os projetos de pesquisa e extensão da área, orientados por três docentes; havia supervisão semanal de 2 h. Após um ano de funcionamento dos programas, que enfatizaram atividades de socialização e motoras como contexto para o desenvolvimento cognitivo e da linguagem, observou-se acréscimo médio geral de 49,5% no desempenho dos 3 sujeitos, em particular na área cognitiva (133% de aumento, em média) e da linguagem (aumento de 97%). Além do aspecto metodológico dos dados obtidos, discute-se o processo de adesão das famílias e sua importância, bem como a proposta de integração das atividades de ensino-pesquisa-extensão no contexto da universidade.

Financiamento: UFES/PROEX

O DOENTE MENTAL E ADESAO AO TRATAMENTO. *Rachel Rodrigues Kerbauy*, Universidade de São Paulo.

Passamos longos períodos de tempo em diversos ambientes. As práticas utilizadas por esses ambientes para fortalecer ou enfraquecer o comportamento de seus membros se distribuem entre sutis e grosseiras e a análise dessa interação é complexa. Muitas vezes, o comportamento emitido é um protesto contra uma forma de agir das pessoas de um determinado ambiente. Nesse contexto, são assustadoras as previsões de que a próxima década terá grande aumento de doenças mentais. Considerando que uma pessoa com distúrbios denominados psiquiátricos necessita seguir um tratamento medicamentoso, que exige acompanhamento e revisão continuados pelo médico, e que também precisa de tratamento psicológico para tratar o distúrbio, enfatizando a relação da pessoa com o ambiente e com sua história de vida e padrão de comportamento, os problemas se multiplicam e estamos apenas iniciando essas análises. Determinar as necessidades psicológicas, os benefícios, a eficácia e o custo das intervenções profissionais são alguns pontos para reflexão. Os fatos observados em sua complexidade impõem análises da redução dos sintomas psicológicos e treinamento de respostas de enfrentamento em situações diversas, para melhorar a qualidade de vida. A análise do comportamento emocional e de sua relação com a habilidade do paci-

ente em lidar com situações problemas pode ser um passo aparentemente pequeno mas necessário na construção de novos repertórios. Nesse sentido, os “experimentos individuais” podem ser um caminho promissor. As implicações dessa análise se refletem nas conseqüências reais para os grupos que convivem ou podem oferecer suporte aos doentes, notadamente o familiar. Convém pesquisar o que acontece durante as crises observadas, quais são as conseqüências no tratamento do doente e no treinamento do psicólogo. Temas como a interação paciente-equipe profissional multidisciplinar ou paciente-familiares são básicos para circunscrever um tema atual “internar-tratar”. Os parâmetros para análise estão em aberto, bem como a metodologia de pesquisa. (CNPq)

OS FATORES DE RISCO CARDIOVASCULARES: A LITERATURA E O RELATO EM AMBULATÓRIO. *Tânia Moron Saes Braga* (Universidade Estadual Paulista - Marília) e *Rachel Rodrigues Kerbauy* (Universidade de São Paulo).

Os dados de pesquisa a respeito das doenças cardiovasculares podem ter afetado as informações disponíveis sobre os fatores de risco em relação a essas doenças. O problema é verificar se o comportamento das pessoas, que se alterou a ponto de mudar seus hábitos, tornando-os mais saudáveis, as leva a identificar os sintomas para procurar atendimento. A literatura se mantém enfatizando como fatores de risco: o hábito alimentar, a vida sedentária, o fumo, padrão de comportamento Tipo A e dificuldades em lidar com as situações da vida diária. Visando identificar situações que favorecem a elevação da pressão arterial, e como as pessoas descrevem seus sintomas, realizou-se um estudo com 21 médicos e 50 hipertensos do Ambulatório de Especialidades (Marília). Os médicos responderam a um questionário, e os doentes foram entrevistados pela pesquisadora. Foram investigados dados pessoais, fatores de risco históricos, as informações conhecidas sobre a doença e os comportamentos necessários para controlá-la. Os sujeitos relataram que as dificuldades encontradas para adesão ao tratamento foram: alimentação, exercício físico e controle emocional. Dos sujeitos, 41 atribuíram o aumento da pressão arterial a um evento particular ocorrido em sua vida, e destes, 34 tiveram atendimento de urgência ambulatorial. Explicavam sua doença por “nervoso” 28 sujeitos, replicando dado obtido anteriormente por Kerbauy e Braga (1985) com pacientes cardíacos. A causa da doença como “nervoso” salienta o comportamento emocional e a necessidade de programas preventivos. A medicação é o componente mais consensual do tratamento, identificado por 29 sujeitos como indispensável, dado que reproduz a importância atribuída pelos médicos e pela literatura. Um outro fator importante na prevenção de doença e adesão a tratamento são os grupos de apoio. Neste estudo, 29 sujeitos comentaram com o cônjuge sobre a doença, e pouco com seus filhos e amigos. Um tema para pesquisa é este: será que, em uma cultura centrada nas relações familiares, estas existem nos momentos de doença? Importante é analisar o que realmente acontece nos grupos de apoio de doenças específicas, e como, a curto e longo prazo, os doentes relatam sua importância. Outro ponto é que 25 sujeitos hipertensos foram diagnosticados em consulta médica motivada pela percepção de sintomas variados. Sem provocar alarme desnecessário, um ponto em destaque refere-se a como poderiam ser as campanhas de esclarecimento público, bem como do ensino de estudantes de psicologia, com modelos e teorias que explicam o comportamento humano e as maneiras de modificá-lo. As ações concretas para prevenção e adesão estão em aberto.

INTERVENÇÃO NA DEFICIÊNCIA VISUAL: VARIÁVEIS ORGÂNICAS E AMBIENTAIS. *Cecilia Guarnieri Batista*, Universidade Estadual de Campinas.

A deficiência visual é definida pela presença de um ou mais defeitos orgânicos situados no globo ocular e/ou no cérebro. Os conhecimentos da área da saúde são importantes na prevenção, diagnóstico e tratamento desses defeitos. Entretanto, as variáveis ambientais surgem desde o início da constatação do defeito e incluem, entre outros, os seguintes aspectos: a) nos casos em que há resíduo visual (grande maioria), a funcionalidade visual não é diretamente correlacionada ao defeito diagnosticado pelo médico, mas depende, em grande parte, de várias condições de solicitação ambiental; b) as interações familiares são alteradas, podendo afetar o estabelecimento das relações de apego, que se constituem na base do desenvolvimento sócio-afetivo de qualquer criança, DV ou não; c) as oportunidades de aprendizagem informal, reduzidas em face da deficiência visual, serão providas ou não, dependendo da concepção da família e da comunidade sobre o potencial de desenvolvimento da criança DV; d) o processo de escolarização formal será mais ou menos priorizado por diferentes políticas educacionais, com reflexos diretos na formação do indivíduo DV; e) a comunidade e o mundo do trabalho estarão mais ou menos preparados para receber o indivíduo DV. Os conhecimentos atualmente disponíveis nas chamadas áreas "humanas", incluindo psicologia, educação, ciências sociais e outras, indicam que intervenções ambientais adequadas podem produzir efeitos muito significativos em cada um desses aspectos. Dá-se, então, ênfase às variáveis psicossociais/educacionais e se critica o "modelo médico". A utilização desse termo sugere que a deficiência visual está sendo circunscrita a seu aspecto "ocular" e que as variáveis psicossociais/educacionais estão sendo negligenciadas. É importante, de fato, ressaltar a importância dessas últimas variáveis, e destacar o erro que se comete habitualmente ao atribuir atrasos e dificuldades às variáveis orgânicas, sem explorar adequadamente as possibilidades de intervenção ambiental. Entretanto, isso não significa que se deva negligenciar ações na área de saúde, com o objetivo de prevenção da ocorrência ou de agravos na condição ocular, em ações voltadas para o indivíduo e para a população. A psicologia pode contribuir, tanto no que se refere às ações de saúde como às ações psicossociais/educacionais. Essa contribuição inclui a geração e aplicação de conhecimentos sobre diferentes tópicos, entre os quais: desenvolvimento humano e suas alterações na presença de deficiências, condições para adesão a programas de saúde (grupos de orientação e prevenção, tratamentos, etc), planejamento e avaliação de modelos de intervenção, etc. Delimitada a contribuição da psicologia, é preciso traçar o papel do psicólogo, definindo a abrangência de atuação frente aos demais profissionais.

-oOo-

SIMP 1.06

A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA COMO CAMPO DE PESQUISA PARA A PSICOLOGIA. Coordenador: *Mauro Martins Amatuzy*.

RELAÇÕES ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO NA ACADEMIA. *Geraldo José de Paiva*, Universidade de São Paulo.

Abordará pesquisa em que se tratou da compatibilidade ou incompatibilidade epistemológica e psicológica entre ciência e religião em acadêmicos avançados. O modelo teórico foi a teoria

do conflito, de Lewin, no nível consciente, e a do conflito edipiano no nível inconsciente. Foram sujeitos: 26 docentes pesquisadores da Universidade de São Paulo das áreas de Física, História e Zoologia, com título mínimo de Doutor e em RDIDP. O instrumento utilizado foi a entrevista em profundidade. A análise do discurso apontou a não existência, nos sujeitos, de conflito epistemológico ou psicológico no nível consciente; sugeriu a existência de conflito inconsciente entre autonomia e dependência frente à figura paterna de Deus, acomodado na construção de uma figura divina com traços fortemente maternos e/ou de um Deus impessoal cósmico. O conflito inconsciente, porém, não se revelou próprio do acadêmico enquanto acadêmico, senão comum ao homem culto moderno.

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: CONSTITUIÇÃO DE UM CAMPO DE PESQUISA. *Marília Ancona-Lopez*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Explanará como foi se constituindo a experiência religiosa como campo de pesquisa, a partir de um trabalho desconstrutivo desenvolvido junto a alunos da pós-graduação em Psicologia, na Universidade Católica de São Paulo. O tema da experiência religiosa foi abordado, ao longo do tempo, por vários teóricos, entre os quais William James, Gordon Allport, Abraham Maslow e Viktor Frankl, acoplado a uma visão de homem que inclui uma vertente espiritual, seja ela considerada característica natural do ser humano ou produção cultural. O predomínio e a valorização dos métodos oriundos das ciências naturais na produção acadêmica e científica, considerando a religião e seus produtos formas de conhecimento pré-racional, alijou o tema do campo da ciência. Um trabalho desconstrutivo desenvolvido com alunos de pós-graduação, visando explicitar seus pressupostos últimos, levou à identificação da experiência religiosa como fenômeno singular e específico, reconhecido tanto na prática clínica quanto na vida pessoal e profissional. A dificuldade de lidar com esse fenômeno no âmbito acadêmico, nomeando-o, discutindo-o, examinando-o, tem por efeito a adesão a práticas "alternativas", silenciadas nos ambientes em que predomina a psicologia oficial. O trabalho mencionado permitiu apontar para a necessidade de abrir, com urgência, espaços para discussão do tema, assim como delinear condições para seu estudo.

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: DIZER TU AO MISTÉRIO PRESENTE NA REALIDADE. *Miguel Mahfoud*, Universidade Federal de Minas Gerais.

Partindo da fenomenologia da experiência formulada por Giorgio Giannini, buscar-se-á evidenciar o dinamismo próprio da elaboração da experiência da realidade concreta, chegando até a experiência religiosa propriamente dita. Serão tomadas em exame a experiência da realidade concreta assim como vivida e representada por 50 sujeitos de 4 comunidades rurais tradicionais, que vivem relativamente isoladas no interior da Estação Ecológica Juréia-Itatins (no litoral sul de São Paulo). Suas experiências são apreendidas em relatos orais colhidos segundo a metodologia de história de vida e depoimentos complementada por observações etnográficas. Foram identificadas as contradições inerentes ao processo de elaboração assim como a intrínseca exigência de remoção dessas contradições, e pudemos apreender o conseqüente dinamismo de elaboração da experiência que remete continuamente cada fase da elaboração a sucessivos níveis mais amplos de experiência. Será apresentado o percurso da elaboração da experiência desde seu nível sensitivo, desenvolvendo-se como

experiência intelectual, ôntica, ontológica e metafísica. Especial atenção será dada à elaboração da experiência em sua passagem à experiência propriamente religiosa definida como dirigir-se a um Ser Subsistente concebido como Aquele sem o qual a realidade mesma permaneceria sem explicação, ainda que apreendido como transcendente, como mistério. Esse dinamismo na elaboração da experiência chega à experiência religiosa diante da natureza (o mar, a mata, as águas, as montanhas, os sambaquis vistos como resquícios do dilúvio universal), e diante dos eventos da própria tradição (Folia de Reis, Folia de Bandeira, hábitos de quaresma Tc). A experiência religiosa se mostra como uma certa maneira de complementar a elaboração da experiência da realidade, maneira esta que toma em consideração o mistério, buscando um relacionamento pessoal e comunitário como ele.

QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS SURGIDAS DURANTE UMA PESQUISA DESCRITIVA DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA. Mauro Martins AmatuZZi, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

A partir do relato de uma pesquisa em andamento procurará evidenciar as questões epistemológicas do estudo científico da experiência religiosa. A pesquisa mencionada visa uma descrição fenomenológica dessa experiência a partir de depoimentos pessoais. Serão apresentadas tendências na conceituação de experiência religiosa, formas concretas de abordagem em investigações a partir de depoimentos, elementos descritivos a partir de um referencial teórico buberiano. Nestes elementos se dará ênfase a 3 aspectos: experiência como forma de contato; diferença da experiência religiosa com relação à magia, à gnose e à subjetivização da fé; e a possibilidade de um desenvolvimento ou maturação da própria experiência religiosa. A partir daí será feita uma comparação da descrição obtida, com outras descrições resultantes de análises de depoimentos colhidos junto a pessoas de comunidades religiosas. A principal questão epistemológica é a da participação da visão de mundo (culturalmente participada) na própria constituição desse tipo de experiência, e a articulação dessa participação com o caráter “experiencial” de realidade da experiência religiosa.

-oOo-

SIMP 2.01
PERCURSOS PIAGETIANOS: POSSIBILIDADES E LIMITES DA TEORIA PIAGETIANA. Coordenadora: Luci Banks-Leite.

A INTELIGÊNCIA PIAGETIANA. Leandro de Lajonquière, Universidade de São Paulo.

Constata-se ainda hoje que não poucos comentadores da obra de Piaget afirmam que a inteligência é originariamente de natureza individual e que, portanto, sua socialização seria apenas um efeito do processo de evolução cognitiva. Essa interpretação, não por acaso, costuma também substantivar a inteligência, recorrer a explicações reducionistas e reduzir o processo de construção epistêmica a ser apenas a atualização de possíveis cognitivos pré-formados. Entretanto, nos últimos quinze anos, numerosas pesquisas vêm assinalando a existência de laços de interdependência e causalidade entre as dinâmicas sociais e o desenvolvimento cognitivo a ponto de re-alimentar o debate sobre o estatuto do social na teoria da equilíbrio. Neste estudo retomamos, precisamente, esse debate à luz de obras piagetianas tornadas clássicas

como *Biologia e Conhecimento, Adaptation vitale et Psychologie de l'intelligence, Psychologie de l'intelligence, e Psychogenèse et Historie des Sciences*, no intuito de assinalar que é inerente à teorização piagetiana sobre a inteligência sustentar a natureza constitutiva da interação social. Nesse sentido, propomos que se considere a posição epistemológica piagetiana não como um kantismo evolutivo - como definiu o próprio Piaget em certas ocasiões - mas como um kantismo construtivo, resistente a qualquer tipo de interpretação pré-formista, substantivista e biologizante.

A TEORIA PIAGETIANA E OS MODELOS MENTAIS. Dominique Colinviaux. Universidade Federal Fluminense (com a colaboração de Creso Franco, Sonia Krapas-Teixeira e Glória Queiroz)

No contexto do debate atual sobre a natureza geral ou específica dos mecanismos psicológicos envolvidos na construção de conhecimentos, este trabalho investiga a possibilidade de articular a teoria piagetiana com a perspectiva dos modelos mentais, proposta por P. N. Johnson - Laird e ilustrada por N. Nersessian. Para tanto, iniciamos por uma revisão crítica dos estudos de Piaget acerca da memória e da imagem mental, que evidenciam sua interpretação de uma relação de subordinação destas às estruturas operatórias. Em seguida, caracterizamos a perspectiva de Johnson-Laird sobre modelos mentais, mostrando as implicações positivas decorrentes do resgate da dimensão imagística para um modelo cognitivo. No entanto, verificamos também as limitações desta perspectiva no que concerne uma explicação do processo em si mesmo de construção dos modelos mentais. É quando focalizamos os estudos histórico-cognitivos de Nersessian que encontramos pistas para uma solução do impasse gerado por perspectivas teóricas que apresentam, cada uma delas, potencialidades e limitações. Para concluir, argumentamos em favor da necessidade de um *modelo de modelos mentais* que preserve a dimensão psicogenética piagetiana levando também em conta elementos relacionados ao emprego dos mecanismos cognitivos específicos que se baseiam em imagens e modelos mentais (CNPq).

PARA UM ESTUDO PSICOLÓGICO DA HONRA. Yves de La Taille. Universidade de São Paulo

O livro *Le jugement moral chez l'enfant* (1932) embora isolado no conjunto de trabalhos de Piaget, tem norteado inúmeros estudos sobre o tema da moralidade neste século. O objetivo deste trabalho é jogar algumas luzes preliminares sobre um tema moral que tem sido totalmente desprezado pela Psicologia, a saber, a honra. Após nos perguntamos as razões de tal desprezo - que se encontram basicamente nas críticas que, desde o século XVII, foram feitas a esta tendência suspeita do homem de valorizar a imagem que tem para os outros - procuramos mostrar que a honra corresponde necessariamente a uma necessidade psicológica. Argumentamos em favor desta tese analisando o sentimento de vergonha, indissociável do sentimento da própria honra. Revisando a parca literatura psicológica dedicada à vergonha, verificamos se tratar de sentimento central tanto para a progressiva individuação do sujeito quanto para seu convívio social. Acabamos o texto fazendo uma referência a um pensamento de Piaget presente nas conclusões do clássico livro acima mencionado no qual o autor afirma que o “medo de decair perante os olhos da pessoa respeitada” é um medo moral próprio da autonomia. Acreditamos achar neste pensamento um elo entre os estudos de Piaget sobre o desenvolvimento moral humano e o tema honra.

AS QUESTÕES LINGÜÍSTICAS NA OBRA DE PIAGET: APONTAMENTOS PARA UMA REFLEXÃO CRÍTICA. *Luci Banks-Leite*. Universidade Estadual de Campinas.

Esse trabalho trata de um tema - a linguagem - que, embora não seja estudado de forma central por Piaget, perpassa grande parte de seus estudos. Em um primeiro momento, assinalamos alguns pontos relativos à abordagem piagetiana da linguagem como a relação entre linguagem e lógica, o papel da linguagem nas diferentes etapas de elaboração do método clínico, o aparecimento/aquisição da linguagem como indício da emergência da função simbólica ou semiótica, função esta que encontra suas raízes no período sensório-motor; em seguida, o trabalho salienta o tratamento *funcional* concedido por Piaget à linguagem, abordagem essa que surge também em outras correntes de pesquisas, como por exemplo, em algumas formulações de Vygotsky e em trabalhos recentes sobre esse tema em Psicologia. A nosso ver, estudar a linguagem atribuindo uma ênfase às funções de representação e comunicação revela uma certa concepção instrumental que merece ser reconsiderada e repensada à luz de trabalhos empreendidos em outros campos de investigação, sobretudo aqueles que se interessam pelo estudo das línguas naturais.

-oOo-

SIMP 2.02

POLÍTICAS DE ATENÇÃO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA. Coordenador: *Alysson Massote Carvalho*.

POLÍTICAS DE ATENDIMENTO À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE NO RIO GRANDE DO SUL: CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO. *Sílvia Helena Koller*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A Psicologia tem buscado integrar o conhecimento acadêmico à comunidade, preocupando-se com a relevância social e aplicabilidade de seus estudos. Embasados no Modelo Ecológico de Bronfenbrenner e enfatizando aspectos de saúde e resiliência, psicólogos do CEP-RUA/UFRGS desenvolvem suas atividades sobre pessoas em desenvolvimento em condições adversas ou atípicas. Três objetivos abrangem estas atividades: (a) pesquisa, (b) extensão, e, (c) ensino. As pesquisas do CEP-RUA são realizadas, principalmente, sobre crianças e adolescentes em situação de rua, institucionalizados, privados de liberdade, em situação de risco social e pessoal, bem como sobre suas famílias. Estas pesquisas buscam identificar e avaliar fatores de risco e de proteção, vulnerabilidade e resiliência dos participantes. A extensão refere-se à devolução dos resultados das pesquisas aos participantes. São elaborados projetos para melhorar a qualidade do trabalho dos técnicos das entidades envolvidas (escolas, abrigos, albergues, instituições de atendimento, FEBEM, projetos de oficina-escola, entre outras), e da vida das crianças e famílias. Há troca constante entre profissionais do CEP-RUA e das entidades, integrando e sistematizando conhecimentos teóricos e práticos. Para cada um dos projetos executados é feita uma avaliação de monitoramento e de impacto. Integrado a estas atividades, o CEP-RUA desenvolve a atividade de ensino para alunos de graduação e de pós-graduação. As atividades de ensino abrangem supervisão de teses de Doutorado e dissertação de Mestrado, seminários teóricos, disciplinas curriculares, capacitação para abordagem de crianças em situação de rua, capacitação metodológica e estágios curriculares. Os alunos participam ativamente das atividades de

extensão. A experiência de integração das atividades acadêmicas de pesquisa, extensão e ensino tem sido bem sucedida e é passível de ser aplicada em outras universidades, áreas e regiões. Esta experiência mostra que a universidade não pode manter-se distanciada do contexto social, político, econômico e ideológico no qual está inserida, devendo propiciar respostas qualitativas, para além do imediato e do banal, para uma sociedade que evolui rapidamente tanto em tecnologia quanto em problemas de difícil resolução. Assumindo esta postura de compromisso com a verdade, seja ela “desafiadora” ou “constrangedora”, o CEP-RUA traz uma tentativa de formar, antes de tudo, educadores sociais, com o compromisso social de integrar os cidadãos em sua comunidade, como membros que compartilham responsabilidades.

AGRESSÃO, ALIANÇA E RECONCILIAÇÃO NO CONTEXTO PRÉ-ESCOLAR. *Celina Maria Colino Magalhães* Universidade Federal do Pará.

Tem sido relatado por vários pesquisadores, que a natureza das interações iniciais são cruciais para o desenvolvimento emocional, cognitivo e intelectual das crianças (Camaioni, 1980; Bowlby, 1985; Rossetti-Ferrira, 1986). Instituições como creches e escolinhas, onde crianças passam grande parte de seu tempo principalmente interagindo com pessoas não familiares, têm desperdado interesse pelo papel que exercem na formação desses indivíduos. O tema que me proponho a abordar neste simpósio, relaciona-se a uma forma de interação que muitos classificam como anti-social que são as interações agressivas, entendidas aqui como: eventos em que uma criança comporta-se física, verbal ou gestualmente de forma a ferir os interesses da outra criança ou a conflitar claramente com eles. Objetiva-se discutir, dentro do contexto agressivo, mais precisamente duas modalidades de comportamento que emergem: alianças e reconciliações. Serão relatados resultados de pesquisa observacional, realizada em creche, com crianças de quatro a cinco anos.

ADOLESCÊNCIA, ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS E COTIDIANO SOCIAL. *Antonio Carlos Silva Costa*, Universidade Federal de Alagoas.

Lidar com temas do cotidiano é uma forma de compromisso social de minorar o sofrimento humano. Descobrir conexões entre o macro e o interindividual pode ser um bom começo na busca de mais felicidade para a humanidade. Em escolas de segundo grau de São Paulo, 460 adolescentes responderam a um inventário com 90 itens envolvendo atributos pessoais e aspirações de carreira profissional. As diferenças de renda apareceram como mais fortes do que as de sexo. Examinando a influência das variáveis sexo e renda na estrutura representacional de cada grupo em relação ao sucesso profissional, descobrimos que há mais semelhanças entre as mulheres e homens do que entre ricos e pobres. Os jovens de alta renda demonstraram aspirar muito mais em relação ao futuro profissional, apresentando um conjunto vinte vezes maior de aspirações do que os de baixa, indicando-nos que a Educação deixa de ser uma chance de ascensão social, para se tornar uma reprodutora da ordem social. Na nossa pesquisa, os jovens de baixa renda não compartilham, na maioria das vezes, dos ideais dos de alta renda. Constatamos a aceitação da condição de pobreza, uma vez que estes jovens nem aspiram mais às conquistas dos economicamente superiores, ou seja, à ascensão social. A crueldade da seleção ao ensino superior no Brasil é um ato vergonhoso de covardia. Aos cursos mais procurados das universidades públicas, que prometem uma melhor sobrevivência no mercado,

só têm acesso os jovens de alta renda que vieram de escolas particulares. Na nossa pesquisa, os jovens pobres demonstraram reconhecer as barreiras ao acesso às universidades, quando afirmaram querer fazer qualquer serviço. Também demonstraram consciência da pouca validade da educação formal para a melhoria das suas condições de vida. Suas expectativas de educação como garantia de um futuro melhor são frustradas pela ineficiência da escola como garantia de ascensão social. Segundo dados do IBGE, as mulheres brasileiras estudam mais do que os homens. Nesta pesquisa, as mulheres confirmaram este prognóstico quando escolheram mais “gostar de ler” do que os homens. A representação social do futuro profissional das mulheres é distante da dos homens até na sua complexidade em relação aos atributos. As mulheres continuam a esperar, preocupando-se mais com a subjetividade e a recompensa das emoções positivas, enquanto os homens querem liderar e criar os novos padrões.

CAPACITAÇÃO DE EDUCADORES DE CRECHES: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA MINAS POR MINAS - UNIVERSIDADE PRESENTE. *Alysson Massote Carvalho*, Universidade Federal de Minas Gerais.

O nível baixo de qualificação dos profissionais de creches e a falta de treinamento constituem-se num dos graves problemas para a melhoria na qualidade do atendimento à população de 0 a 6 anos atendida por estas instituições. No interior do estado de Minas Gerais esta situação se agrava devido à distância dos grandes centros, onde as oportunidades de treinamento são maiores, e à manutenção de hábitos arraigados de conduta, via de regra, não adequados ao desenvolvimento da criança. Verifica-se também que não existem políticas públicas claramente definidas voltadas para a capacitação deste tipo de trabalhador. Neste contexto pretende-se abordar a experiência do programa “Minas por Minas - Universidade presente”, que desenvolveu uma ação integrada de treinamento de profissionais de creche em todo o estado de Minas através de uma parceria envolvendo as instituições de ensino superior, governo do estado e iniciativa privada. Objetiva-se discutir os modelos de treinamento empregados e seu impacto sobre a qualidade do atendimento, considerando os referenciais da Psicologia Social e Comunitária, da Psicologia do Trabalho e da Psicologia do Desenvolvimento. Na medida em que foi uma experiência de caráter interdisciplinar pretende-se também refletir sobre o campo de atuação profissional do psicólogo e sua interação com os outros profissionais neste tipo de programa. Além disto objetiva-se abordar a rede de relações inter-institucionais (Postos de Saúde, Hospitais, Escolas, Associações Comunitárias, Prefeituras, Igrejas) onde as creches e pré-escolas estão inseridas.

-oOo-

SIMP 2.03

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO: ALGUNS DESENVOLVIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E SUAS APLICAÇÕES. *Coordenador: Jorge Mendes de Oliveira-Castro*

RELAÇÕES CONDICIONAIS NA AQUISIÇÃO DA LEITURA. *Maria Amélia Matos* (Universidade de São Paulo) e *Maria Martha Hübner* (Universidade Mackenzie).

O presente trabalho descreve uma série de estudos que pretendem identificar as condições sob as quais o comportamento textual fica sob o controle de unidades verbais. Usando o Paradigma de Sidman de equivalência de estímulos, crianças em idade pré-

escolar foram ensinadas a ler um conjunto de palavras, com procedimentos especiais, introduzidos quer durante o treino de relações pré-requisito (oral-escrito, oral-desenho) quer após a emergência de equivalência (escrito-desenho, desenho-escrito), tentando-se obter controle silábico sobre textuais. A eficácia destes procedimentos foi testada fragmentando-se as palavras escritas originais em sílabas, recombina-as em novas palavras, e usando-as em um teste de leitura generalizada com compreensão (leitura recombinativa). Os procedimentos envolviam treino em oralização do conjunto original de palavras escritas de maneira fluente, com ou sem cópia (técnica de construção por anagrama), ou de maneira escondida. Os dados mostram que treinos de oralização isolada (fluente ou silabificada) assim como cópia isolada, introduzidos após a emergência das relações de equivalência, produzem efeitos desprezíveis, ou por demais variáveis, sobre o desempenho em testes de leitura generalizada. O uso desses procedimentos em seqüência não alterou esse quadro. Contudo, oralização fluente durante o treino das relações pré-requisito e oralização fluente treinada juntamente com construção por anagrama após a emergência de equivalência produziram desempenhos estáveis e quase perfeitos, nos testes de leitura recombinativa. Os resultados desmitificam procedimentos correntes em nossas escolas, e falam a favor de estratégias múltiplas e precoces. Atualmente investiga-se o efeito de oralização silabificada com construção por anagrama.

FORMAÇÃO DE CLASSE DE ESTÍMULO E APLICAÇÃO AO ENSINO. *Júlio César Coelho de Rose* (Universidade Federal de São Carlos), *Deisy das Graças de Souza* (Universidade Federal de São Carlos), *Elenice Seixas Hanna* (Universidade de Brasília), *Olavo de Faria Galvão* (Universidade Federal do Pará), *Ana Lúcia Rossito* (Universidade Federal de São Carlos).

Quando seres humanos aprendem relações entre estímulos, novas relações podem emergir sem serem diretamente ensinadas. Estas relações emergentes definem classes de estímulos e, particularmente, classes de estímulos equivalentes. Repertórios complexos podem ser analisados em termos de redes de relações entre estímulos. O ensino de algumas destas relações pode fazer com que as demais emergjam. Pode-se, portanto, planejar a aquisição de repertórios complexos caracterizando-os em termos de uma rede de relações, identificando as relações que cada aprendiz já domina e, a partir daí, identificando aquelas que precisam ser ensinadas de modo a produzir a emergência das demais, resultando na aquisição do repertório como um todo. Nossos estudos tem utilizado estes princípios para a análise do repertório de leitura e escrita e para seu ensino a alunos de escola elementar com história de fracasso escolar. Estes repertórios são analisados em termos de relações de equivalência entre estímulos textuais, verbais orais e pictóricos. O ensino de relações de emparelhamento entre palavras ditadas e palavras impressas resulta, de modo geral, a relações emergentes de equivalência entre palavras impressas, palavras ditadas e figuras. O aumento neste repertório leva à ocorrência de leitura generalizada de palavras e, para muitos estudantes, também à escrita generalizada. Esta generalização pode ser produzida ou acelerada pelo ensino de correspondência entre unidades textuais e sonoras. Estudos posteriores replicaram estes resultados com crianças pré-escolares, crianças com retardo mental e adultos analfabetos. Outros estudos indicam que o repertório de matemática rudimentar também pode ser analisado e ensinado de modo similar. Assim, a análise de redes de relações de equivalência pode fundamentar uma tecnologia de ensino de repertórios acadêmicos básicos. (CNPq, FAPESP)

TOXICOLOGIA COMPORTAMENTAL: CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS COM RADIAÇÃO IONIZANTE. *Lincoln da Silva Gimenes e Laércia Abreu Vasconcelos* (Universidade de Brasília).

As pesquisas de laboratório com animais são tentativas importantes para suprimir algumas lacunas deixadas pelas metodologias utilizadas nos estudos com sujeitos humanos sobre os fenômenos comportamentais que acompanham uma exposição à radiação. Esses estudos comportamentais com animais podem ser classificados em dois grupos: no primeiro grupo estariam os estudos de comportamentos naturais e no segundo os estudos de comportamentos que envolvem algum tipo de aprendizagem. Nesta discussão estaremos tratando principalmente de comportamentos operantes mantidos por diferentes tipos de contingências de reforçamento e de variáveis radiogênicas tais como a dosagem de radiação, repetições de exposição, e fracionamento de dose. Os efeitos característicos observados com esquemas simples de reforçamento mostram uma redução no desempenho da resposta. Esses efeitos são, entretanto, dose-dependentes e interagem com outras variáveis tais como o tipo de linha de base, taxa de respostas na linha de base e tipo de estímulo reforçador. Além disso, em esquemas concorrentes os efeitos são seletivos, de acordo com os componentes do esquema, sendo mais aparentes nos componentes cuja diminuição do comportamento não afeta a obtenção dos reforçadores programados. Dados obtidos em procedimentos de aquisição repetida indicam também uma interação da radiação com o grau da tarefa em execução: tarefas com diferentes complexidades sofrem diferentes efeitos de uma mesma dose de irradiação. As implicações dos estudos com animais em laboratório para a compreensão das manifestações comportamentais observadas em indivíduos expostos em eventos radioativos são discutidas. (CNPq)

COMPLEXIDADE DISCRIMINATIVA: PROPOSTA TEÓRICA, DADOS PRELIMINARES E ALGUMAS POSSÍVEIS APLICAÇÕES. *Jorge Mendes de Oliveira-Castro* (Universidade de Brasília).

As tentativas de descrever e classificar o nível de complexidade de diferentes tarefas não têm conseguido superar o problema de separar características das tarefas das habilidades requeridas para desempenhá-las. Uma análise do uso de *complexidade* quando comparado com o conceito de *dificuldade*, na linguagem cotidiana, sugere que o conceito de *complexidade* pode ser usado para descrever características das tarefas, independentemente do nível de dificuldade que elas possam apresentar quando desempenhadas por diferentes indivíduos. Se uma tarefa for interpretada como um conjunto de contingências programadas de reforço, i.e., uma tarefa específica que, em determinadas ocasiões, determinadas respostas produzirão (ou não) determinadas conseqüências (e.g., correto/incorreto), o seu nível de complexidade poderia ser calculado com base na quantificação das contingências especificadas por ela. A expressão *complexidade discriminativa* tem sido proposta para descrever a probabilidade programada de reforço para respostas específicas na presença de dimensões discriminativas específicas e a frequência média programada de reforço por resposta. Dados obtidos em quatro experimentos, utilizando uma tarefa de pares-associados com uma resposta auxiliar, nos quais cada uma das variáveis que compõem a complexidade discriminativa foi manipulada separadamente, indicaram que aumentos na complexidade discriminativa produziram diminuições sistemáticas no desempenho. Análises estatísticas dos dados proveni-

entes de nove experimentos (455 sessões, 129 sujeitos) analisados em conjunto corroboraram as análises em termos de complexidade discriminativa, indicando ainda efeitos sistemáticos da ordem das sessões, da idade e do sexo dos sujeitos. O conceito de *complexidade discriminativa* pode vir a ser útil na descrição de alguns resultados obtidos em experimentos sobre transferência de aprendizagem, aprendizagem serial e discriminação simultânea, e na explicação de algumas dificuldades observadas na aprendizagem de relações entre grafemas e fonemas na língua portuguesa. (CNPq)

-oOo-

SIMP 2.04

PSICOLOGIA E GÊNERO: UM DESAFIO. Coordenadora: *Gláucia R. S. Diniz*.

GÊNERO NO TRABALHO CLÍNICO. *Dra. Rosa Maria S. Macedo*. Pontif. Univ. Católica de São Paulo.

Discutirá a importância da inclusão da variável gênero no trabalho clínico - atendimentos individual, de casal, família e na supervisão, enfatizando a contribuição da variável para o entendimento das relações interpessoais e da relação terapêutica. Assim, usando as relações de gênero como ponto de partida, discutir-se-á o papel do homem e da mulher no casamento, na vida familiar e explorar-se-á fatores que afetam fundamentalmente o desenvolvimento da família e sua inserção no contexto social. Concluir-se-á com uma análise do papel e das funções do/da terapeuta sob a ótica de gênero.

GÊNERO E SUBJETIVIDADE HUMANA. *Dra. Albertina Mitjans Martinez*. Universidade de Havana, Cuba, Professora visitante na Univ. de Brasília.

Começará argumentando a necessidade de abordar o estudo da subjetividade humana levando-se em consideração o critério de gênero, que têm estado ausente de muitas concepções relevantes sobre o estudo da personalidade em psicologia. Levantará então uma discussão sobre a chamada "personalidade feminina" analisando-se suas implicações teóricas e metodológicas. Concluirá trabalhando a relação entre gênero, personalidade e criatividade, fazendo referências a estudos comparativos entre homens e mulheres reconhecidos socialmente como pessoas criativas.

GÊNERO E AMBIENTE DE TRABALHO. *Dra. Lisa Barham*. Univ. Federal de São Carlos.

Trabalhará a contribuição da variável gênero para o desenvolvimento de trabalhos na área da psicologia social e organizacional. Tanto na América do Sul quanto na Europa e América do Norte, nos últimos 30 anos houve um aumento significativo da participação das mulheres em atividades de trabalho remunerado. Todavia, ainda existem diferenças no desempenho de papéis familiares e profissionais baseados nas normas e expectativas em função de gênero: as mulheres continuam com um encargo familiar mais pesado do que os homens, que prejudica o desempenho profissional das mulheres em comparação aos homens. Psicólogos precisam analisar a influência de questões gênero nas práticas e políticas do ambiente de trabalho que penalizam as mulheres e contribuem para a manutenção de diferenças entre homens e mulheres no seu desenvolvimento profissional.

GÊNERO NA PESQUISA PSICOLÓGICA. *Gláucia R. S. Diniz*, Univ. de Brasília.

Gênero é uma variável frequentemente ignorada na pesquisa psicológica. Neste trabalho será mostrada a relevância de se superar essa tendência, pois acredita-se que o estudo dessa variável tenha muito a contribuir para a compreensão da estruturação dos papéis, dos valores, dos comportamentos e dos relacionamentos de homens e mulheres em todas as fases da vida. Serão apresentados alguns dos desafios teóricos e metodológicos para a inclusão de gênero como variável de pesquisa e serão apontadas soluções que viabilizem o aumento de trabalhos que lidem com essa categoria.

-oOo-

SIMP 2.05

MÉTODOS QUALITATIVO E QUANTITATIVO EM PSICOLOGIA SOCIAL. Coordenadora: *Sueli Terezinha Ferreira Martins*.

MÉTODOS QUALITATIVOS PARA ACESSAR AS REPRESENTAÇÕES DE TRABALHADORES EXPOSTOS A MERCÚRIO. *Débora Miriam Raab Glina* (Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Santo Amaro - PMSP, São Paulo).

O objetivo deste *paper* é mostrar o desenho metodológico pelo qual se optou e discutir as contribuições da análise qualitativa de entrevistas para a apreensão das representações sociais (RS) e construção de sentido sobre o trabalho exposto ao mercúrio metálico. Foram feitas entrevistas individuais semi-estruturadas entre março e dezembro de 1992, com trinta trabalhadores dos 230 expostos ao mercúrio, pertencentes a uma indústria produtora de lâmpadas situada em São Paulo. Além das entrevistas, visando compreender o contexto foram: feitas visitas aos setores onde havia exposição; obtidos dados sobre monitoramento ambiental e biológico; entrevistados profissionais de Recursos Humanos. Foi realizada uma análise temática das trinta entrevistas, enfocando: a natureza do trabalho; a convivência com o mercúrio no cotidiano de trabalho; a percepção de danos à saúde decorrentes da exposição, o *coping* e o sofrimento mental. De modo a captar o processo foram escolhidas duas entrevistas para uma análise em profundidade. Buscou-se a compreensão da funcionalidade do discurso, do que sustentava e dava consistência à argumentação. Foram também analisadas trinta matérias divulgadas em diversos jornais e revistas, as quais eram citadas nas entrevistas. Os dados mostraram que os trabalhadores não tinham tido informações sobre o mercúrio metálico anteriormente e este existia em grande quantidade no ambiente de trabalho, tendo os trabalhadores contato físico com ele. As informações sobre o mercúrio foram obtidas de fontes variadas. As RS construídas a partir dessas informações abrangeram os mais diversos aspectos: o conceito de mercúrio; como o mercúrio entra no corpo; a capacidade do mercúrio de causar danos à saúde; como o mercúrio é eliminado; possibilidades de cura e soluções do problema da exposição. Essas RS apareceram sempre envoltas em incertezas e o conhecimento possuído apresentou lacunas. Apareceram estratégias de enfrentamento individuais enfocadas no problema e na emoção. Essas formas de *coping* ocorreram simultânea ou sequencialmente mostrando estreita relação com as RS sobre o mercúrio. Essas estratégias nem sempre foram eficazes na diminuição ou neutralização do sofrimento mental, que apareceu sob a forma de tristeza, medo, revolta e angústia. A análise qualitativa de entrevistas mostrou-se valiosa para se acessar a perspectiva dos traba-

lhadores. Quando associada às estratégias utilizadas para a compreensão do contexto permitiu um retrato fidedigno de uma situação de grande complexidade. (CNPq)

O USO DA ANÁLISE DE CORRESPONDÊNCIA PARA CAPTAR RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UM BAIRRO DE PERIFERIA. *Celso Zonta* (Universidade Estadual Paulista-UNESP, Campus de Bauru).

O objetivo desta pesquisa foi verificar a relação existente entre representações e práticas sociais de um bairro de periferia, no que se refere às suas representações políticas. Optamos por analisar o conteúdo das representações sociais enquanto produto, utilizando técnicas quantitativas, em especial, a análise de correspondência que possibilita abstrair o qualitativo do quantitativo. Foram entrevistados 400 moradores do bairro, sendo 200 considerados indivíduos participativos e 200 não participativos. Os indivíduos participativos, foram caracterizados de acordo com o conteúdo de suas práticas como participantes sociais, participantes religiosos e participantes políticos. Para compreender o fenômeno inserido em um contexto, buscamos compreender a história do bairro, suas atividades e experiências, suas lutas, suas organizações, através de relatos orais de suas lideranças, das atas e do Boletim Informativo da Associação de Moradores. Para a melhor caracterização do perfil dos moradores com seus tipos de práticas sociais, foram elaboradas questões abertas e fechadas que pudessem captar suas opiniões, atitudes e valores. No que se refere às representações sociais, utilizamos a técnica da evocação livre a partir de 9 palavras-estímulo consideradas temas: Associação de Moradores, Sindicato, Partido Político, Governo, Povo, Justiça, Injustiça, Cidadão e Participação. Para cada tema, as palavras resultantes foram cruzadas entre si, produzindo uma matriz simétrica, que foi tratada através da análise de correspondência, o que possibilitou analisar a correspondência entre cada palavra encontrada no campo representacional. O distanciamento ou a aproximação entre as mesmas anunciam o conteúdo simbólico representacional. A aproximação ou o distanciamento do eixo central do campo representacional define a "força" da representação. Sob estas condições efetuou-se a análise qualitativa dos dados encontrados em cada campo representacional, comparando-se entre os tipos de participação (social, religiosa e política) com os não participantes. Concluímos que há relação entre práticas e representações sociais, e que estas relações são mais diferenciadas em termos de conteúdo das representações, e em termos numéricos de elementos centrais, tanto quanto mais diferenciados forem os conteúdos das práticas sociais. A saliência da palavra no contexto explicitado, definida em termos de familiaridade cultural, bem como de conteúdo sensível às determinações da vida do sujeito, foi uma variável importante para a estruturação dos elementos centrais e periféricos. O caráter consensual dos temas geradores das representações sociais, consenso aqui entendido não só em termos quantitativos, mas qualitativos, também se apresentou como uma variável importante na formação dos campos estruturados das representações sociais. (CNPq)

ANÁLISE PSICOSSOCIAL EM INSTITUIÇÕES: QUESTÕES METODOLÓGICAS. *Jacyara Carrijo Rochael Nasciutti* (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

A metodologia de pesquisa na análise psicossocial de uma instituição busca apreender toda a sua dinâmica, partindo do pressuposto de que a instituição engloba, além de sua materialidade organizacional, espaços sociais, simbólicos e imaginários. Con-

sidera-se, assim, que determinantes de ordem social e psíquicas se entrecruzam na constituição de uma configuração singular e complexa - a instituição. Dessa forma, a metodologia dirigida à análise de um objeto psicossocial qualquer que ocorra a nível institucional deve levar em conta suas 3 dimensões: a do instituído, a do funcional e a do relacional. Uma grade de leitura da estrutura da instituição comportando diferentes níveis referentes a essas dimensões permitirá a apreensão de elementos como: identidade social, história, estatutos, organização, dependências, ligações transversais, relações grupais e investimentos pessoais. Para tanto, diversas técnicas podem ser usadas. Análise documental, observação participante (etnometodológica) e entrevistas semi-dirigidas têm sido usadas com sucesso nesse tipo de "leitura institucional" aqui proposta. Assim como os diferentes elementos de análise não se apresentam de forma isolada, mas se complementam, se sobrepõem e se contradizem, a análise de dados obtidos através dessas técnicas também deve ser feita de forma cruzada. Através do conhecimento global da interdependência entre as 3 dimensões, obtido através de metodologia que desmonta uma estrutura para demonstrá-la, revela-se a dinâmica institucional e seus efeitos podem ser mais claramente percebidos no objeto específico de pesquisa.

ENTREVISTA E GRUPO FOCAL ENQUANTO ABORDAGEM QUALITATIVA NA PESQUISA EM SAÚDE PÚBLICA. *Sueli Terezinha Ferreira Martins* (Universidade Estadual Paulista-UNESP, Campus de Bauru).

O atendimento em grupo tem sido prática comum nos últimos anos na área da saúde. Isto verifica-se tanto na saúde em geral quanto na saúde mental (grupos de diabéticos, hipertensos, obesos, mães de crianças com problemas de nutrição, psicóticos, neuróticos, alcoolistas, etc.). Neste trabalho partiremos da concepção de grupo enquanto espaço para: problematização do cotidiano; desencadeamento de novas relações e vínculos afetivos; ex-

pressão de opinião e sentimentos; identificação e diferenciação dos indivíduos. Neste sentido, o que o grupo de discussão ou grupo focal tem de particularidade é que trabalha com as opiniões, representações e valores dos entrevistados, diferindo da observação que está mais centrada nos comportamentos e nas relações. Serão apresentadas reflexões sobre experiências oriundas de processos grupais e entrevistas semi-estruturadas, como abordagem qualitativa na pesquisa em saúde pública e base para a construção de novas práticas em Psicologia Social. Os membros do grupo são selecionados a partir de uma problemática de saúde/doença comum a todos. Os estudos realizam-se em três etapas: a) entrevista inicial levantando concepções que os indivíduos têm a respeito de vários aspectos pertinentes à pesquisa (concepção de saúde e doença; histórico do adoecimento; concepção de participação; concepção do Sistema de Saúde nacional e/ou local; etc.); b) processo grupal: são realizados encontros semanais ou quinzenais (12 encontros em média) onde são desenvolvidas as temáticas coletadas na primeira entrevista, partindo dos aspectos mais familiares e próximos dos membros do grupo, seguindo-se de um aprofundamento ou introdução de novos aspectos no decorrer do trabalho; c) entrevista final: um período após o processo grupal, realiza-se novamente a entrevista aplicada no início do trabalho para verificar se ocorreram mudanças nas concepções anteriormente levantadas. A partir desses estudos constata-se um movimento que inicia-se em uma concepção estritamente orgânica e medicamentosa do processo de adoecimento e que a integração de alguns elementos trabalhados no grupo vai subsidiando a construção de uma concepção biopsicossocial do fenômeno pesquisado. Nos trabalhos desenvolvidos, a análise qualitativa de entrevistas e do processo grupal mostrou-se fundamental para a pesquisa de mudanças na consciência dos indivíduos com problemas de saúde e na formação de agentes de saúde. CNPq (bolsas de IC-PIBIC)

-oOo-

CURSOS

CUR 1.01

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO À CRIANÇA COM CÂNCER EM UNIDADE DE SAÚDE. *Áderson Luiz Costa Junior* (Universidade de Brasília) e *Silvia Maria Gonçalves Coutinho* (Hospital de Apoio de Brasília - FHDF).

A Psiconcologia Pediátrica pode ser caracterizada como o campo da Psicologia da Saúde que estuda a influência de fatores psicológicos sobre as variadas manifestações do câncer infantil. Os aspectos psicológicos do paciente infantil com câncer apontam para uma série de variáveis e manifestações que se estendem desde a prevenção até o tratamento e a reabilitação. Entre tais manifestações, que permitem intervenção psicológica, pode-se fazer referência à depressão (e às respostas associadas à depressão), ao estresse, à percepção da experiência de dor, à ansiedade, ao isolamento social da criança, às estratégias de enfrentamento do câncer, às necessidades pessoais dos familiares da criança, entre outras. Os estudos em Psiconcologia pediátrica apontam para a necessidade de ajuda psicológica ao paciente quando, entre outros casos, o mesmo se encontra em alguma das seguintes circunstâncias: 1) quando suas reações emocionais (ou reações emocionais da família) o impedem de cooperar com o tratamento, ou, interferem negativamente sobre o processo de tratamento; 2) quando o comportamento geral do paciente parece provocar-lhe mais dor, ou, sentimentos de degradação corporal; 3) quando suas reações emocionais perturbam o desempenho de atividades que, sem as reações emocionais, seriam mais facilmente desempenhadas, tais como manutenção de contatos sociais e execução de atividades de entretenimento variado e; 4) quando suas reações emocionais se manifestam sob a forma de sintomas psiquiátricos convencionais ou sintomas psicológicos desadaptativos. Este curso pretende abordar os seguintes aspectos: a) objetivos da Psiconcologia Pediátrica, incluindo conceitos básicos, questões de interesse atual e dificuldades metodológicas de pesquisa; b) utilização de instrumentos e técnicas psicológicas (comportamentais e cognitivas) necessários ao atendimento da clientela e ao manejo de variáveis psicológicas; c) principais programas de intervenção psicológica sistematizada junto à criança com câncer, em desenvolvimento em Unidades de Saúde, incluindo programas de participação colaborativa interdisciplinares; d) perspectivas atuais de ampliação do espectro de atuação profissional do Psicólogo em Psiconcologia Pediátrica, considerando a geração do conhecimento em pesquisa e sua aplicação e o problema da intervenção sistematizada e da preocupação metodológica.

-oOo-

CUR 1.02

BASES CONSTRUTIVISTAS PARA A PSICOTERAPIA. *Álvaro Pacheco Duran* (Universidade Estadual de Campinas).

O pensamento ocidental moderno está ancorado nos conceitos dicotômicos de realidade objetiva / realidade subjetiva e de verdadeiro / falso que constituem base e decorrência da ciência moderna: há uma realidade objetiva exterior que importa conhecer e é preciso decidir entre o conhecimento verdadeiro e o conhecimento falso a respeito dessa realidade. O pensamento pós-moderno questiona os valores da ciência moderna: “a estrutura e a organização do conhecido - aí incluído o conhecedor enquanto conhecido - estão inextricavelmente ligadas à estrutura do conhecido” (Chiari & Nuzzo, 1996). Nessa perspectiva construtivista, onde a ênfase está na “*característica proativa e autoorganizadora do conhecer humano*” (Neimeyer, 1995), a

versão da realidade toma o lugar da realidade objetiva e a viabilidade substitui a veracidade. Ou seja, fica questionada a possibilidade de conhecimento científico objetivo direto da realidade e a ciência fica entendida como um modo privilegiado de dar inteligibilidade às experiências humanas, o que, de resto, caracterizaria todo tipo de conhecimento. Essa nova perspectiva pode ser encontrada em várias disciplinas, inclusive na Psicologia. Na Psicoterapia, vem ocupando espaço de modo crescente e acelerado, desde a década de oitenta, através de um leque de abordagens que se constituem numa das direções contemporâneas mais ricas em possibilidades de reflexão e ação profissional e científica. Parte dessas abordagens - designada como construcionismo social - se distingue por conceber o mundo psicológico como derivado do intercâmbio social e mediado pela linguagem. O presente curso, além de apresentar um breve delineamento do construtivismo (e do construcionismo social) na ciência e na psicologia, tem a intenção de apresentar os principais contornos epistemológicos, teóricos e técnicos de algumas de suas principais tendências na psicoterapia, segundo a classificação de Neimeyer (1995): terapia como ciência pessoal, terapia como desenvolvimento do self, terapia como reconstrução narrativa, terapia como elaboração conversacional. Além da característica inovadora que essas abordagens apresentam quanto ao marco metateórico a que se referem, inovam quanto ao tratamento, obviamente congruente, dado à concepção do sujeito participante do processo terapêutico: alguém que ativamente construiu (ou co-construiu) seu modo de conhecer e sentir o mundo. Esse modo, não redutível a esquemas supostos de fora (o sujeito é o *expert* em si mesmo) seria o modo peculiar de organizar sua experiência e cuja reorganização poderia ser necessária a partir da experiência gerada no processo terapêutico.

-oOo-

CUR 1.03

NEUROSES E PSICOSES DA ADOLESCÊNCIA: QUESTÕES DIAGNÓSTICAS. *Manoel Antônio dos Santos*, Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto, *Edson Guimarães Saggese*, Universidade Federal do Rio de Janeiro e *Erikson Felipe Furtado*, Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

Atualmente, constata-se um progressivo interesse dos profissionais de saúde mental por um conhecimento mais pormenorizado sobre a adolescência. Os serviços de saúde mental têm se confrontado, neste final de século, com questões bastante complexas, que emergem no bojo da modernidade, tais como: a gravidez precoce, o uso abusivo de álcool e de drogas ilícitas, os problemas disciplinares na escola e a preocupante onda de banalização dos atos de violência e de transgressões à ordem, perpetrados inclusive por jovens de classe média. Por outro lado, observa-se que diversos trabalhos da literatura recente dão conta de um aumento da demanda por psicoterapia em nosso meio nas últimas décadas, produzindo uma crescente necessidade de se estruturarem serviços clínicos mais adequados para o atendimento das especificidades da clientela adolescente. Este curso se propõe a examinar a questão da adolescência a partir da ótica de quem lida, em seu cotidiano, com portadores de problemas psicológicos e/ou psiquiátricos. Nosso objetivo principal é proporcionar conhecimentos atualizados sobre o atendimento em saúde mental realizado em contexto institucional, criando um espaço de discussão junto aos profissionais encarregados de orientar e informar outros profissionais, professores, pais e adolescentes. Se por um lado a excessiva preocupação atual em relacionar comporta-

mentos desviantes à existência de condições biológicas produz um uso abusivo de categorizações diagnósticas, por outro lado o estágio atual do conhecimento a respeito do sofrimento psíquico exige um cuidado por parte do clínico na delimitação das suas diferentes formas de apresentação. Na adolescência, em particular, o problema do diagnóstico se torna mais angustiante para o clínico, seja pela complexidade de sua formulação, seja pelas consequências individuais e sociais que envolvem a produção de um diagnóstico. A delimitação entre o normal e o patológico é uma tarefa complexa e delicada, exigindo um balanço adequado da análise dos diferentes fatores intervenientes na produção do sofrimento psíquico. A natureza psicológica do adolescente e as expectativas sociais que o cercam colaboram no sentido da produção de sintomas multiformes, flutuantes e eventualmente de intensidade suficiente para produzir situações dramáticas que exigem intervenção especializada. Exemplo desta dificuldade é a superposição de sintomas limítrofes à psicose com as reações adaptativas da adolescência. Procuraremos neste curso oferecer, além de informações atualizadas, uma contextualização crítica que permita ao profissional de saúde mental, especialmente o iniciante, dispor de um esquema teórico-prático de referência, que lhe facilite o processo de diagnóstico da problemática que afeta o adolescente, dentro dos limites técnicos e éticos recomendados.

-oOo-

CUR 104

PREVENÇÃO DE DROGA NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM PSICODRAMÁTICA. *Rosa Maria Silvestre Santos*. Ribeirão Preto.

Este curso promoverá uma sensibilização dos profissionais para que os mesmos possam experienciar como sentem, percebem e pensam sobre o tema “droga” e o fazer “prevenção às drogas”. Mostra que não existe sociedade sem drogas, escolas sem drogas ou qualquer aglomerado humano sem drogas. Aborda as drogas legais e ilegais no mesmo rol de preocupação, já que as primeiras representam um dos maiores problemas de saúde pública e umas das grandes hipocrisias da sociedade atual. Acontece que a Família e a Escola revelam extrema perplexidade e despreparo para prevenir drogas: ou utilizam de advertência dramática e aterrorizante, adotando o “Modelo do Amedrontamento”, também chamado de “pedagogia do terror”; ou estimulam o uso, usando ou abusando das drogas legais (álcool, fumo e medicamentos). Estudiosos e especialistas afirmam que não se pode conceber prevenção de drogas sem tocar na questão do prazer. A prevenção segue a triologia: amor, bom senso e informação. A concepção educativa de prevenção procura mostrar que não se pode confundir educação com informação, considera de suma importância, a atenção aos aspectos biopsicossociais do jovem, seus sentimentos, aspirações, expectativas e alternativas de prazer, sempre tendo em vista as suas necessidades de busca da realidade, auto-afirmação e auto-estima. A postura tradicional para trabalhar prevenção de droga tem sido palestras, conferências, debates e cursos acadêmicos. Porém, a experiência tem nos mostrado que estes procedimentos não provocam, a priori, uma mobilização dos professores e demais profissionais da escola, para que montem e executem um projeto de prevenção. Nós adotamos a metodologia psicodramática. O Psicodrama significa “psiquê em ação”, logo, extrapola a comunicação verbal, o enfoque acadêmico, cognitivo e aborda os aspectos afetivos e sociais. O Psicodrama propõe a aprendizagem pela espontaneidade, daí os recursos da expressão corporal, dos jogos e do lúdico, permitindo que o co-

nhecimento se realize em um campo relaxado e se registre corporalmente. O elemento básico desta aprendizagem é a relação do “eu-comigo”, “eu-com-o-grupo” e “eu-com-o-conteúdo”. A postura psicodramática permite ao profissional se ver diante de suas verdades, seus medos e fantasias. Permite também, repensar suas posturas, trocar de papel com o aluno, viver o “como se”. O profissional compartilha com seus colegas suas inquietações, facilidades e limites, assume diferentes papéis, constrói o conhecimento e propõe alternativas, intervenções e projetos de trabalho. Durante uma vivência psicodramática ocorre uma forte mobilização afetiva. O diretor congela a cena, propõe técnicas diferentes e conduz a ação dramática para o “insight” que pode chegar a atingir a “catarse de integração”, isto é, adquirir uma compreensão integradora dos fatos revelados pela ação dramática. Estes encontros propiciam ao profissional uma sensibilização afetiva, permitindo que ele desmistifique a droga, reveja seu posicionamento e se sintam mais preparado emocional e cognitivamente para montar e executar um projeto coletivo de prevenção, criando um espaço para o jovem falar e ouvir seus colegas falarem de suas vidas.

-oOo-

CUR 1.05

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL. *Marina Massimi*, Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto, *Regina Freitas Campos*, Univ. Federal de Minas Gerais, *Maria do Carmo Guedes*, Pontif. Univ. Católica de São Paulo e *Mitsuko Aparecida Makino Antunes*, Pontif. Univ. Católica de São Paulo.

Poucos são os estudos sobre a História da Psicologia no Brasil. Entretanto, a compreensão da psicologia enquanto área de conhecimento e profissão no país, implica no reconhecimento do processo histórico que lhe deu base e que cunhou suas características específicas. O curso apresentará um panorama do percurso histórico dos conhecimentos psicológicos e da Psicologia científica no Brasil e incluirá os seguintes temas: (1) As idéias psicológicas no Brasil colonial, (2) Psicologia e Filosofia, no Brasil do século XIX, (3) Psicologia e Pedagogia, no Brasil do século XIX, (4) Psicologia e Medicina, no Brasil do século XIX, (5) Psicologia, Positivismo e História sócio-política no Brasil, no fim do século XIX, inícios do século XX, (6) Psicologia e Educação no Brasil nos inícios do século XX, (7) Psicologia e trabalho no Brasil inícios do século XX, (8) Psicologia e ciências no Brasil, na década de 1920, (9) Figuras representativas da história da psicologia no Brasil do século XX e (10) O ensino da história da Psicologia no Brasil: objetivos, objetos, métodos e recursos didáticos.

-oOo-

CUR 1.06

MÉTODO DE RORSCHACH: INTRODUÇÃO AO SISTEMA INTEGRADOR DE EXNER. *Balsem Pinelli Junior*, Universidade de Brasília.

O Método de Investigação da personalidade apresentado por Hermann Rorschach em 1921 ganhou grande notoriedade nas décadas seguintes sendo, desde então, um dos instrumentos mais utilizados dentro da Psicologia. O fato do Rorschach ter sido apresentado mais como uma proposta de investigação do que de um instrumento de medida completo e terminado, permitiu o desenvolvimento de vários sistemas complementares. A diversidade

destes sistemas trouxe grandes avanços ao Rorschach mas também criou inúmeros problemas dado que muitas vezes apresentavam concepções contraditórias entre si. Ao final da década de 50 existiam, nos EE.UU., cinco grandes sistemas: Klopfer, Beck, Hertz, Piotrowski e Rapaport. Nos últimos anos da década de 60 John E. Exner desenvolveu uma série de pesquisas envolvendo estes cinco sistemas, que apontaram para duas conclusões fundamentais: 1) eles possuíam méritos inquestionáveis apresentando diversos construtos empiricamente testados e validados; 2) entretanto continham, também, construtos controversos e ambíguos, que não haviam sido empiricamente validados. A partir daí Exner desenvolveu um sistema para padronizar os diversos procedimentos integrando os conhecimentos produzidos e confirmados pelas

pesquisas. Assim nasceu o "Comprehensive System" que ultrapassou este objetivo inicial e passou a desenvolver suas próprias hipóteses, criando um conjunto harmônico de regras de aplicação, codificação e interpretação. É extremamente desejável que possamos formar no Brasil um número cada vez maior de psicólogos, sobretudo pesquisadores, na utilização do Sistema Integrado, de forma a ampliar as pesquisas com este instrumento viabilizando uma padronização específica para a população brasileira e possibilitando análises comparativas com outros grupos populacionais.

-oOo-

MINI CURSOS

MnCUR 1.01

TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL DA DEPRESSÃO. *Luiz Fernando de Lara Campos* (Pontif. Univ. de Campinas e Universidade São Francisco) e *Makilim Nunes Baptista* (Universidade Paulista e Universidade Brás Cubas).

A terapia cognitiva da depressão vem recebendo cada vez mais atenção na literatura principalmente pela maior eficácia que esta possui. O objetivo do presente curso é introduzir os discentes nos princípios teóricos e práticos da terapia cognitivo-comportamental da depressão, através da discussão de seus pressupostos teóricos específicos deste transtorno, principais técnicas e procedimentos clínicos, atuação e tratamento multidisciplinar, além das estratégias de intervenções cognitivas postuladas por A. T. Beck. Serão apresentados e discutidos dois casos clínicos, oportunidade na qual serão introduzidas vivências práticas no manejo específico do depressivo. Por fim, serão indicados os principais estudos na área, bem como o material de apoio e aprofundamento nesta proposta psicoterápica.

-oOo-

MnCUR 1.02

ANÁLISE DO ESCREVER E RELATAR EXPERIMENTO E CASO CLÍNICO. *Rachel Rodrigues Kerbauy*. Universidade de São Paulo.

Entre os problemas enfrentados pela psicologia encontra-se a linguagem coloquial, a linguagem técnica ou científica e ainda a maneira de como expressar o que é inconsciente de forma a ser aceito como dado científico. Talvez nas apresentações em congresso algumas dificuldades na elaboração de posters, apresentação oral de trabalhos de pesquisa ou relato de casos clínicos sejam decorrentes do esclarecimento sobre essa linguagem. O curso se propõe a discutir o objetivo de cada tipo de apresentação e as alternativas de elaboração do material para que a mensagem do autor seja transmitida com precisão e especialmente atinja o público. Os itens de uma apresentação de trabalho serão analisados e alguns exercícios realizados em classe, pelos alunos, que dessa forma poderão esclarecer dúvidas quanto ao tema e problema de pesquisa e relevância. Quanto a redação será discutido o reescrever e as dificuldades dos textos científicos e apresentados algumas soluções exemplificadas com as correções dos próprios textos, por autores famosos da literatura e da comunidade científica. Os tópicos abaixo serão os apresentados: 1) a relação entre o público e o apresentador; 2) dificuldade de escrever textos e soluções; 3) como organizar poster; 4) peculiaridades da apresentação oral; 5) exemplos das várias modalidades de apresentação com críticas e sugestões. O curso está previsto para um público de pessoas que apresentam trabalhos, com ou sem dados, em diversas situações e que, especialmente, estejam dispostas a analisar seu desempenho e possivelmente alterá-lo. Além de discutir o cuidado na preparação de um material para apresentação pretende-se abordar as maneiras propostas na literatura para conciliar a aplicação rotineira com a produção de conhecimento e as normas dos manuais e revistas científicas. O resumo científico e os critérios utilizados na avaliação para aceitação também serão analisados bem como justificada a importância de cada tópico. Discussões e esclarecimentos sobre os problemas éticos serão considerados, especialmente quanto a apresentação de caso clínico. (CNPq).

-oOo-

MnCUR 1.03

A AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA RELACIONAL FAMILIAR: DA METODOLOGIA DE PESQUISA À ENTREVISTA CLÍNICA. *Ileno Izídio da Costa*. Universidade de Brasília.

Este mini-curso pretende discutir a relação entre o universo da pesquisa sobre famílias e a prática clínica da entrevista diagnóstica de famílias. Para tanto, deverá apresentar o desenvolvimento inicial e o contexto atual da área de terapia familiar. Procurará problematizar a pesquisa clínica nesta área a partir das pesquisas iniciais (décadas de 60/70) e seu desenvolvimento posterior. Particularmente, discutirá as peculiaridades da linha de pesquisa desenvolvida pelo autor sobre família e psicose. Propõe-se discutir as teorias adotadas (sistêmica, psicodinâmica e transgeracional), as realidades pesquisadas (família e psicose) assim como principais achados e as dificuldades do processo de pesquisa na área e sua transposição para a prática clínica.

-oOo-

MnCUR 1.04

COGNIÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES. *Antonio Virgílio B. Bastos*. Universidade Federal da Bahia

As teorias organizacionais têm, crescentemente, dado maior atenção aos processos sociais que configuram a realidade organizacional (Morgan, 1996) e, neste sentido, têm encontrado, no âmbito dos estudos sobre cognição e cognição social, ferramentas conceituais e estratégias de investigação úteis na compreensão de fenômenos centrais na vida das pessoas e das organizações de trabalho. A Psicologia Organizacional - especialmente a área voltada para a compreensão do comportamento humano em contexto de trabalho, tem sofrido impacto significativo da verdadeira 'revolução cognitivista' que, em diferentes domínios da Psicologia e de outras ciências, marca os estudos comportamentais, mais fortemente a partir dos anos setenta. Fenômenos clássicos sobre comportamento organizacional, a exemplo de motivação no trabalho, atitudes e liderança, têm sido analisados sob a perspectiva cognitivista, com ênfase na compreensão dos processos que explicam como os indivíduos constroem, em parte, suas realidades e a estas respondem. No curso pretende-se descrever o impacto das abordagens cognitivistas no domínio do comportamento organizacional, buscando articular tais conteúdos com perspectivas mais globais de análise das organizações como sistemas inteligentes. Espera-se, ao final, dotar o participante de *schemas* mais complexos e refinados de análise dos fenômenos organizacionais que buscam a integração entre os níveis macro e micro-organizacionais. São os seguintes os objetivos do curso: Analisar as organizações em termos das cognições sociais que as estruturam de forma a integrar perspectivas de análise macro e micro orientadas. Discutir os fundamentos da abordagem sócio-cognitiva do comportamento humano, discriminando os seus conceitos básicos e suas implicações para a compreensão da dinâmica psicossocial no mundo do trabalho. Avaliar pesquisas em temas da área organizacional em termos do tratamento conceitual e empírico dado a fenômenos psicossociais. O conteúdo programático previsto para a atividade estrutura-se nos seguintes tópicos e serão distribuídos ao longo das oito horas-aula: 1. Cognição e Organizações: a interação entre dimensões macro e micro. Abordagem cognitiva dos fenômenos psicológicos Conceitos básicos: arquiteturas cognitivas simbólicas e conexionalistas; modelos de proces-

samento de informação; organização do conhecimento - *schemas, scripts, frames* - mapas cognitivos. Cognição social: conceitos básicos. 4. Abordagem cognitiva de temas selecionados da área Indivíduo - Trabalho - Organizações. Cultura e Indivíduo. Percepções e Significado do Trabalho para o indivíduo. Comprometimento no Trabalho. O curso envolverá, em sua metodologia, exposições, análise de resultados de pesquisa e discussão de situações problemas.

-oOo-

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

**ANÁLISE EXPERIMENTAL
DO COMPORTAMENTO**

AEC 1.01**MODELAGEM DO COMPORTAMENTO DE FORMULAR REGRAS ENQUANTO DESCRIÇÕES DE CONTINGÊNCIAS.**

Laércia A. Vasconcelos, Carlos E. Cameschi, Alessandra M. Brandão, Cristina A. Tubino e Janine C. Mourão Bastos, Universidade de Brasília.

A relação entre o controle de consequências diretas sobre o comportamento e o controle indireto exercido pelo comportamento verbal vem sendo analisada utilizando-se diferentes esquemas de reforçamento. A sensibilidade do comportamento humano a estas contingências tem sido atribuída a algumas variáveis tais como a formulação de regras que descrevem desempenhos específicos na resolução de um problema. O presente estudo foi delineado para verificar o efeito do reforço verbal sobre o comportamento de descrever contingências simples. Participaram do estudo 36 estudantes universitários. A tarefa consistiu em colocar 39 cartões com números ou letras em duas caixas coloridas semelhante ao procedimento de Simonassi e Cols. (1994, 1995). Cada resposta era seguida por reforço verbal (certo ou errado) e, a partir da terceira tentativa, os sujeitos deveriam escrever como faziam para resolver o problema e ler a resposta em voz alta. O grupo A recebia reforço verbal apropriado ao enunciado (certo; certo, mas incompleto ou errado), enquanto o grupo B não foi reforçado. Os resultados mostraram efeitos diferenciais da modelagem do comportamento de formular regras, o qual foi apresentado por 66, 7% e 33, 3% para os grupos A e B, respectivamente. A apresentação de feedbacks para o comportamento verbal dos sujeitos resultou em relatos que descreviam a regra de forma completa ou aproximada, enquanto que a ausência desta consequência foi acompanhada por um maior número de relatos que não se aproximaram da descrição da contingências tríplices em vigor. Os sujeitos que não formularam a regra mostraram porcentagens de acertos acima do nível do acaso (63, 3%), na distribuição de cartões, enquanto que os sujeitos que formularam a regra foi de 81, 9% de acertos. Estes dados confirmam os resultados de estudos anteriores mostrando que o controle exercido pelas contingências mais o relato verbal, descrevendo partes importantes da tarefa, resultaram em desempenhos mais apropriados.

-oOo-

AEC 1.02

DESEMPENHO E AQUISIÇÃO REPETIDA DE SEQUÊNCIAS DE RESPOSTAS EM RATOS: ALGUNS EFEITOS DA RADIAÇÃO IONIZANTE. *Lincoln S. Gimenes, Laércia A. Vasconcelos, Alessandra M. Brandão, Cristina A. Tubino, Tânia N. Nogueira, Universidade de Brasília e Kátia C. S. Caballero, Hospital Santa Lúcia, Brasília.*

Este estudo avaliou os efeitos de uma dose subletal de radiação ionizante sobre o desempenho e a aquisição repetida em dois arranjos de sequências de respostas. Quatro ratos foram treinados em sequências de três respostas em três diferentes barras, num procedimento de esquema múltiplo intra-sessão com desempenho (mesma sequência em todas as sessões) e aquisição repetida (nova sequência a cada sessão). Para dois sujeitos (Aquisição 1), cada sequência correta era seguida pela luz do comedouro (duas primeiras sequências de cada três) ou por uma pelota de alimento (terceira sequência). Para os outros dois sujeitos (Aquisição 2), respostas em FR 3 em cada barra de cada sequência eram seguidas pela luz do comedouro (FR 3 nas duas primeiras barras) ou por uma pelota de alimento (FR 3 na terceira barra). Após 60

sessões os sujeitos foram submetidos à uma dose única de 450 cGy produzidos por um acelerador linear de partículas. Os dados pré-radiação mostram uma maior taxa de respostas em Aquisição 2 tanto para desempenho quanto para aquisição repetida. Por outro lado, uma maior taxa de erros foi observada em Aquisição 1 e para três sujeitos a maior taxa de erros foi observada em aquisição repetida. Além disso, para todos os sujeitos houve uma maior variabilidade na taxa de erros em aquisição repetida. Os dados pós-radiação mostram um decréscimo na taxa de respostas com retorno aos níveis pré-radiação após cerca de cinco dias. Para todos os sujeitos, houve uma maior redução na taxa de respostas em aquisição repetida do que em desempenho após 24 horas da sessão de radiação, não sendo essa diferença evidente nas sessões subsequentes. Em relação à taxa de erros, tanto para Aquisição 1 quanto para Aquisição 2 e desempenho e aquisição repetida, não foram observadas diferenças apreciáveis em comparação com os dados pré-radiação. Enquanto a radiação ionizante afetou a capacidade dos sujeitos em emitir respostas (taxa de respostas), a dose utilizada não afetou a capacidade dos sujeitos em responder à sequências (taxa de erros), quer seja no desempenho de uma mesma sequência ou na aprendizagem de uma nova sequência.

Apoio: CNPq.

-oOo-

AEC 1.03

COMPORTAMENTO ADJUNTIVO: POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE COMPORTAMENTO AGRESSIVO E REFORÇAMENTO INDEPENDENTE. *Daniela Fazzio, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.*

O primeiro comportamento induzido observado foi a polidipsia (Fallk 1961), extensivamente estudada resultando em rica literatura sobre o protótipo do comportamento adjuntivo. Outros estudos tentaram demonstrar a generalidade do fenômeno da indução para outros comportamentos, assim como para outras espécies, incluindo humanos. Os resultados geraram muitas controvérsias sobre quais outros comportamentos que não o beber poderiam ser considerados induzidos pelo esquema. Alguns comportamentos, como ataque em pombos (Pitts & Malagodi, 1996), o que mais se aproximou dos principais critérios de comportamento induzido, ataque em ratos e morder em macacos foram demonstrados por alguns autores como induzidos. Estudos de ataque em ratos são raros e seus resultados também são controversos. Este estudo investigou se ratos privados de alimento, expostos a esquema de tempo fixo (FT 60-seg), com um alvo (outro rato) disponível, desenvolveriam um padrão comportamental de agressão induzida. (MÉTODO) Os sujeitos foram cinco ratos machos (4 Wistar e 5 McCawley), privados de alimento de maneira a atingirem e manterem 80% do peso *ad lib*. O procedimento consistiu de três fases, duas controle e uma experimental, em que o sujeitos foram submetidos a sessões diárias de 30 minutos de duração. Fase 1: Extinção - durante as sessões não é liberado qualquer estímulo alimentar. Fase 2: Reforçamento Maciço - todos os reforços planejados para uma sessão experimental com esquema (30 reforços) são liberados de uma só vez, no início da sessão. Fase 3: Fase Experimental - os reforços são liberados em esquema de tempo fixo 60 segundos (FT 60-seg). O estímulo alvo, outro rato, ingênuo e não privado, esteve presente em todas as sessões, permanecendo preso em uma caixa acoplada à caixa experimental por uma janela gradeada que permitia o contato entre alvo e sujeito experimental. As respostas agressivas registradas foram dar patadas, morder e puxar os pelos. (RESULTADOS E

DISCUSSÃO) Não houve indução de comportamento agressivo até a 15ª sessão do procedimento. Todos os sujeitos mostraram, durante a fase experimental com esquema FT 60-seg, um aumento acentuado do comportamento de permanecer na área do comedouro, em comparação com as linhas de base. A fase de Extinção foi a que teve mais sessões onde ataque esteve presente. Um dos cinco sujeitos sequer apresentou comportamento de atacar na fase experimental e outro apresentou uma frequência irrelevante. O experimento está sendo continuado para verificar se o número de sessões sob esquema é uma variável determinante da indução do comportamento agressivo em ratos.

-oOo-

AEC 1.04

A FUNÇÃO DE ESTÍMULOS SINAIS NA AQUISIÇÃO E EXTINÇÃO DO COMPORTAMENTO DE ESQUIVA. *Carlos Eduardo Cameschi, Josele Abreu Rodrigues e Luciano Santana Lopes*, Universidade de Brasília

As teorias sobre a aprendizagem de esquiva divergem em relação à função do sinal que antecede os eventos aversivos. Para a teoria bi-fatorial, ele adquire função aversiva condicionada; para a teoria operante sua função seria somente discriminativa; e para outras, consistiria em sinal de perigo ou promoveria a formação de expectativas sobre as relações entre uma ação e a ausência de choques. Para demonstrar que as propriedades adquiridas pelos sinais são discriminativas, ratos foram expostos à duas contingências de esquiva seguidas por extinção. Para o Grupo I, choques foram programados em um esquema VI 60 s, precedidos por um estímulo sinal composto (som + luz), que ocupava 1/3 do intervalo entre choques (SS) e ocorria com igual probabilidade no início, no meio ou no final do intervalo SS. Durante o sinal, a primeira resposta de pressão à barra o desligava e cancelava o próximo choque programado. O Grupo II foi exposto à contingências semelhantes, exceto que o período sinalizado foi substituído por outro não sinalizado (*limited hold*), durante o qual a primeira resposta emitida cancelava o próximo choque. Em ambos os grupos, respostas colaterais (antes e depois do sinal ou *limited hold*) foram registradas mas não tinham consequências programadas. Durante a extinção, os sinais e choques passaram a ocorrer independentemente das respostas. Os resultados indicaram que o Grupo I adquiriu a resposta de esquiva de modo mais rápido e eficiente do que o Grupo II e mostram declínios acentuados nas taxas de respostas colaterais no primeiro, enquanto o segundo emitiu taxas altas e constantes destas respostas. Na condição de extinção, os sujeitos que aprenderam a resposta de esquiva, apresentaram um aumento inicial e posterior declínio nas taxas destas respostas e das colaterais. Estes resultados apoiam a noção de que os sinais adquirem funções discriminativas, facilitando a aquisição do comportamento de esquiva mesmo quando correlacionados aos choques em somente 1/3 das oportunidades. Entretanto, os sinais retardam o processo de extinção, pois neste estaria também envolvida a extinção de suas propriedades discriminativas. (CNPq)

-oOo-

AEC 1.05

REPETIR OU VARIAR? A INFLUÊNCIA DE CONTINGÊNCIAS DE VARIABILIDADE. *Josele Abreu-Rodrigues, Luciane Bento, Ricardo Matos, Ana Dias, Roselany Viegas, Zenith Delabrida, Cristiano Santos*, Universidade de Brasília.

Em tentativas anteriores de investigar a escolha entre repetição e variação em esquemas concorrentes encadeados, manipulações do critério de variabilidade não foram acompanhadas por mudanças no comportamento de escolha. Esse resultados foram atribuídos às contingências temporais em vigor nos elos iniciais. Para investigar essa possibilidade, o presente estudo substituiu os esquemas de intervalo variável (VI), utilizados anteriormente, por esquemas de razão fixa (FR) nos elos iniciais. Oito estudantes universitários foram expostos a esquemas concorrentes encadeados. Respostas de pressionar teclas, de acordo com um esquema concorrente FR 1 FR 1, produziam o início do elo terminal correspondente. No elo terminal REPETIR, os reforços eram contingentes à ocorrência de uma sequência específica de oito respostas. No elo terminal VARIAR, a liberação dos reforços dependia da ocorrência de uma sequência que diferisse daquela imediatamente anterior (condição Lag 1) ou das 25 últimas sequências (condição Lag 25). Um esquema VI foi superimposto às contingências de repetição e variação, de modo que os IRIs do elo REPETIR foram acopladas aos IRIs do elo VARIAR. Os resultados indicaram que, quando manipulações no critério Lag afetaram diferencialmente o níveis de variabilidade obtidos nos elos terminais, mudanças na preferência pela contingência REPETIR foram observadas; quando tais manipulações não influenciaram o desempenho nos elos terminais, não foram observadas mudanças na preferência. Foi concluído que a escolha entre repetição e variação pode ser predita e controlada pelo nível de variabilidade comportamental exigido por contingências de reforço. (CNPq)

-oOo-

AEC 1.06

EFEITOS DO MIDAZOLAM SOBRE A VARIABILIDADE COMPORTAMENTAL. *Josele Abreu-Rodrigues, Elenice Hanna, Antonio Pedro M. Cruz, Ricardo Matos, Zenith Delabrida*. Universidade de Brasília.

Estudos anteriores indicam que o etanol aumenta o nível de variabilidade comportamental quando os reforços são contingentes à repetição, mas produz pouco ou nenhum efeito quando os reforços são contingentes à variação. A presente pesquisa estendeu esses estudos ao investigar os efeitos de outra droga ansiolítica - midazolam - sobre o desempenho controlado por contingências de repetição e variação. Oito ratos albinos foram expostos a um esquema múltiplo com dois componentes. No componente REPETIR, os reforços eram contingentes à ocorrência de uma sequência específica de quatro respostas; no componente VARIAR, a liberação dos reforços dependia da emissão de uma sequência que diferisse das cinco últimas sequências. Foram realizadas sessões de controle (sem injeção), sessões com injeção de salina e sessões com injeção de midazolam (dose A=1, 25, dose B=2, 5 e dose C=5, 0 mg/Kg, i. p.). Foi realizado um teste de ansiedade, no qual os animais foram expostos ao labirinto elevado após uma sessão com apenas o componente REPETIR ou apenas o componente VARIAR. Quatro ratos adicionais (grupo CONTROLE), sem experiência com as contingências de repetição e variação, foram também expostos ao labirinto elevado. Injeções de midazolam aumentaram o nível de variabilidade comportamental no componente REPETIR, mas não afetaram o desempenho no componente VARIAR. Os resultados do teste de ansiedade indicaram que o número de entradas e tempo gasto nos braços abertos foi menor para o grupo VARIAR do que para os grupos REPETIR e CONTROLE, o que sugere que contingências de variação apresentam propriedades ansiogênicas. Foi concluído

que o midazolam promove variabilidade comportamental sob contingências de estereotipia, um efeito que parece ser independente das propriedades ansiolíticas da droga e mais relacionado às suas propriedades amnésticas. Ou seja, o midazolam, como o etanol, parece interferir com o controle discriminativo exercido por cada resposta de uma sequência.

-oOo-

AEC 1.07

DIVERSIDADE NOS PRODUTOS DAS RESPOSTAS E FACILITAÇÃO DO COMPORTAMENTO DE VARIAR. *João Batista Campos dos Reis e Antônio de Freitas Ribeiro.* Universidade de Brasília.

Com o objetivo de estudar o evoluir do repertório de variação, oito estudantes universitários, distribuídos em dois grupos, com diferentes ordens de exposição a duas condições experimentais, A-B e B-A, foram reforçados a variar sequências de oito respostas de pressão em duas teclas. Cada nova sequência emitida durante uma sessão acumulava um ponto em um contador mostrado no monitor do computador. Pressões nas teclas J e L mudavam a cor de oito quadrados dispostos em fila no monitor, um a um, de cinza para vermelho ou azul, respectivamente. Na condição A, estes produtos visuais das respostas eram mostrados apenas para a sequência corrente. Na condição B, os produtos visuais das últimas quatro sequências geradas na sessão eram mostrados continuamente e o sujeito tinha acesso aos produtos visuais, utilizando as teclas direcionais para cima e para baixo. A contingência de variação mostrou-se eficaz para o controle da variabilidade comportamental, gerando dois padrões distintos de variação: um padrão de variação sistemática, tendendo para uma organização sequencial da variação e outro padrão de variação quase randômico, sem organização sequencial, independentemente dos grupos ou condições experimentais. Todos os sujeitos do Grupo 2, expostos à ordem A-B, obtiveram maior ganho que os sujeitos do Grupo 1, expostos à ordem A-B, em termos da diferença entre as médias da segunda e primeira condições experimentais. Os resultados sugerem que os produtos visuais das respostas, pareados com as respostas de pressão às teclas, suplementaram visualmente o processo de indução de respostas na formação do repertório de variação.

Palavras chave: variabilidade comportamental, produtos das respostas, interconexão de repertórios, contingências de variação, estudantes universitários.

-oOo-

AEC 1.08

COMPORTAMENTO MOMENTANEAMENTE PRIVADO: RELAÇÕES EFETIVAS COM OUTROS COMPORTAMENTOS? *Lorismario E. Simonassi¹, Emmanuel Z. Tourinho³, André V. da Silva¹, Cristiane S. Gosch¹, Cláudio I. de Oliveira², Áurea C. da S. Santos³, Adriana C. Frôes¹, Elisa T. Sanabio¹.* ¹Laboratório de Análise Experimental do Comportamento, Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Goiás / Departamento de Processos Psicológicos Básicos, ²Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília / ³Universidade Federal do Pará).

Verificou se a resposta *SIM* está relacionada efetivamente com comportamentos privados momentaneamente e o efeito do número de estímulos discriminativos da contingência. Participaram 64 sujeitos, em uma tarefa de tocar uma tela sensível, num proce-

dimento de escolha com duas figuras. As contingências foram: na Condição 1 e 2, tocar na carta verde na presença do número 10 ou na carta vermelha na presença da letra A foi reforçada com a palavra CERTO. Igualmente foi reforçada na Condição 3 e 4, tocar na carta verde na presença do número 10 ou na carta vermelha quando uma das letras do alfabeto estivesse presente. Respostas inversas foram conseqüenciadas com a palavra ERRADO. Após cada tentativa, perguntou-se ao sujeito sobre a solução. Caso soubesse, tocava o SIM, do contrário, o NÃO. O sujeito relatava por escrito a solução do problema a cada tentativa, após cada SIM, nas Condições 2 e 4 e ao final da sessão nas Condições 1 e 3. A sessão finalizava com 40 tentativas. Na primeira resposta de estimativa (SIM) do Grupo 2, dez sujeitos não descreveram a contingência. A média de tentativas para emissão do primeiro *SIM* neste Grupo foi 7, 61, enquanto a média de tentativas para ocorrência do primeiro *SIM* com descrição da contingência foi 15, 8. Considerando a primeira resposta de estimativa emitida pelos sujeitos do Grupo 4, 9 sujeitos descreveram a contingência, 4 sujeitos emitiram a descrição da contingência no primeiro *SIM* e 3 sujeitos não emitiram *SIM*. A média de tentativas para emissão do primeiro *SIM* foi 9, 46 e a média para ocorrência do primeiro *SIM* com descrição da contingência foi 15, 78. No Grupo 1, 15 sujeitos emitiram o *SIM*. Desses, 10 sujeitos descreveram a contingência ao final da sessão. No Grupo 3, 15 sujeitos emitiram *SIM*. Desses, 11 sujeitos descreveram a contingência ao final da sessão. As médias para ocorrência do primeiro *SIM* nos Grupos 1 e 3 foram 8, 53 e 8, 0 respectivamente. Os resultados mostram que a resposta de *SIM* nos Grupos 2 e 4 foram preditivas do comportamento de descrever apenas quando foi adicionado mais exposição às contingências. É possível, portanto, que as primeiras respostas de *SIM* emitidas pelos sujeitos dos Grupos 1 e 3, não sejam preditivas do comportamento de descrever. A quantidade de estímulos discriminativos não afetou a relação entre a estimativa e a descrição. (CNPq)

-oOo-

AEC 1.9

RELAÇÕES ENTRE EXPOSIÇÃO ÀS CONTINGÊNCIAS E DESCRIÇÃO: UMA REANÁLISE DE DADOS. *Lorismario E. Simonassi¹, Jorge M. de Oliveira-Castro², Cláudio I. de Oliveira², Cristiane S. Gosch¹, Márcio Mujalli¹, André V. da Silva¹, Áurea C. da S. Santos³, Maria Virginia Carvalho².* ¹Universidade Católica de Goiás / ²Universidade de Brasília / ³Universidade Federal do Pará).

Este estudo objetivou analisar a relação entre o desempenho de sujeitos expostos a uma situação problema e a descrição que os mesmos fizeram das contingências presentes na situação. Em outras palavras, objetivou-se analisar a relação entre a porcentagem de acertos no desempenho relativo à tarefa e a porcentagem de acertos que seria atingida se o sujeito seguisse a própria descrição da contingência. Vinte sujeitos universitários foram expostos à tarefa de colocar cartões em caixas coloridas (uma verde e outra vermelha). Após as tentativas 1, 3, 5, 10, 25, 40, 60, 90, 120, 160, 200, 240, 280, 320, 360, 400, 440, 480 e 520, os sujeitos relatavam por escrito como estavam fazendo para resolver o exercício proposto. No grupo de contingência complexa, a contingência programada pode ser assim especificada: 1- resposta de colocar cartões com números ímpares na caixa vermelha = certo; 2- resposta de colocar cartões com números pares maiores que 50 na caixa vermelha = certo; 3- resposta de colocar cartões com números pares menores que 50 na caixa verde = certo. Respostas

inversas a estas eram consideradas erradas. No grupo de contingência simples, a contingência programada foi: 1- resposta de colocar cartões com números ímpares na caixa vermelha = certo; 2- resposta de colocar cartões com números pares na caixa verde = certo. Respostas inversas a estas eram consideradas erradas. O critério para solução do problema foi a obtenção de 25 acertos consecutivos. Na análise, considerou-se apenas os sujeitos que solucionaram o problema. Verificou-se que, para 10 sujeitos que solucionaram o problema, houve uma tendência predominante da porcentagem de acertos no desempenho da tarefa ser superior à porcentagem de acertos que a descrição da contingência possibilitaria, caso seguida. Dos 10 sujeitos da contingência simples, dois atingiram 100% de acerto no desempenho de colocar cartões nas caixas sem atingir 100% na porcentagem de acertos relacionada à descrição. Dos 10 sujeitos da contingência complexa, 8 atingiram 100% de acerto para desempenho sem atingir 100% em relação à descrição. Observou-se também que o desempenho na tarefa e a descrição da mesma melhoram (aumentam a porcentagem de acertos) ao longo da exposição às contingências, para 8 sujeitos da contingência simples e para 8 sujeitos da contingência complexa. No entanto, o desempenho na tarefa não se mostrou dependente do desempenho na descrição, isto é, foi possível, para a maioria dos sujeitos obter 100% de acertos na tarefa sem chegar a 100% nas descrições.

-oOo-

AEC 1.10

REFORÇAMENTO INDEPENDENTE DA RESPOSTA COMO PRODUTOR DE AGRESSIVIDADE. *Angélica Capelari, Daniella Cotrin Basile de Carvalho, Luciana Andreotti, Priscila Xerfan Asmar, Simone Simon*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A literatura aponta o reforçamento independente da resposta como produtor de apatia. Entretanto, pesquisas realizadas no laboratório desta instituição sugerem este esquema como gerador de agressividade. Esta pesquisa tem, como objetivo maior, analisar o possível aumento do valor reforçador da agressão como consequência de um esquema de reforçamento independente da resposta em comparação com um esquema de reforçamento dependente da resposta. Foram utilizados 15 ratos machos ingênuos como sujeitos experimentais num delineamento por tríades: um sujeito foi submetido a uma história de reforçamento dependente da resposta (esquema de razão fixa), outro a uma história de reforçamento independente da resposta e o terceiro não foi submetido a nenhum tipo de história. Foram utilizadas três caixas de Skinner, sendo que, para duas, o bebedouro de uma foi acoplado ao da outra, de modo que quando um bebedouro fosse acionado, através da resposta do sujeito controle (pressão a barra), o outro bebedouro funcionaria automaticamente. Nas três caixas havia um objeto alvo de agressão disponível. A coleta de dados consistiu na observação de certas categorias comportamentais que foram registradas por um programa de computação específico. Foi utilizado como reforço água. Para esta pesquisa algumas variáveis foram selecionadas e divididas em estudos separados e os resultados comparados posteriormente: nível de privação (alto e médio), alternância da história de reforçamento, e esquema de reforçamento (razão fixa e razão variável). Durante as etapas de linha de base todos os sujeitos exploraram o ambiente no qual foram colocados. Após a exploração estabilizaram a emissão de comportamentos exploratórios e houve o início da fase experimental do procedimento. Nesta fase, com a introdução do esque-

ma de reforçamento, observou-se que os sujeitos em situação de reforçamento dependente da resposta emitiram respostas conforme o esquema no qual tinha sido colocado e os sujeitos em situação de reforçamento independente da resposta emitiram vários tipos de comportamentos: supersticiosos em relação aos reforços que recebeu; e exploração da caixa experimental. Concluímos que sujeitos colocados em situação de reforçamento independente da resposta apresentam maior agitação e comportamentos agressivos quando seus desempenhos são comparados com a linha de base e com os sujeitos submetidos a reforçamento dependente da resposta. Além disso, sujeitos submetidos a alta privação e a uma longa exposição ao reforçamento independente da resposta em razão fixa alta podem estabelecer comportamentos supersticiosos. Sujeitos submetidos a reforçamento independente da resposta em esquema de razão variável apresentaram dificuldade em aprender uma nova resposta. (Fapesp e CNPq)

-oOo-

AEC 1.11

EFEITOS DE UMA HISTÓRIA DE REFORÇAMENTO SOBRE O SEGUIMENTO DE REGRAS. *Luiz Carlos de Albuquerque* (Universidade Federal do Pará), *Deisy das Graças de Souza* (Universidade Federal de São Carlos), *Maria Amélia Matos* (Universidade de São Paulo).

Tem sido proposto que é improvável que regras exerçam controle sobre o comportamento humano quando se demonstra controle pelas contingências programadas antes da introdução da regra. Com o objetivo de avaliar esta proposição, seis estudantes universitários foram expostos a um procedimento de escolha segundo o modelo. Em cada tentativa, um estímulo modelo e três de comparação eram apresentados, simultaneamente, ao sujeito em uma bandeja em forma de T. Cada estímulo de comparação possuía apenas uma dimensão (cor, espessura ou forma) em comum com o modelo e diferia nas demais. Na presença destes estímulos, o sujeito tinha que apontar para os três de comparação. A Fase 1 foi iniciada com a apresentação de instruções mínimas (que não especificavam qualquer sequência de respostas), as Fases 2 e 4 com a apresentação da regra discrepante (que especificava que se o sujeito apontasse para os estímulos de comparação na sequência forma (F), cor (C), espessura (E) ele ganharia pontos trocáveis por dinheiro) e a Fase 3 com a apresentação da regra correspondente (que especificava EFC). No início da Fase 1, a sequência CEF era reforçada diferencialmente em CRF (reforço contínuo) até a obtenção de vinte pontos. Depois, era feita uma modelagem ao esquema de razão fixa - 4 (FR4). Esta fase era encerrada após a obtenção de quatro pontos consecutivos, desde que o sujeito já tivesse obtido o mínimo de dezesseis. Durante as Fases 2, 3 e 4, a sequência CEF continuava sendo reforçada, mas apenas em FR4. A sequência EFC, concorrentemente, também era reforçada em FR4, mas apenas durante a Fase 3. Emissão de qualquer outra sequência não era reforçada durante o experimento. Cada uma das Fases 2, 3 e 4 era encerrada após a obtenção de vinte pontos ou após serem completadas três sessões de oitenta tentativas cada uma. Os resultados mostraram que todos os sujeitos atingiram o critério de encerramento da Fase 1. Durante as Fases 2, 3 e 4, quatro sujeitos seguiram e dois abandonaram o seguimento de regra. Estes dois, ao deixarem de seguir regra, passaram a apresentar a sequência CEF (que foi estabelecida por reforçamento diferencial na Fase 1). Os resultados sugerem que regras podem exercer controle sobre o comportamento mesmo quando se demonstra controle discriminativo pelas contingências

as programadas antes da apresentação da regra ao ouvinte. Contudo, também sugerem que o controle exercido por uma história experimental de reforçamento pode se sobrepor ao controle subsequente por regras. (PICD/CAPES)

-oOo-

AEC 1.12

EFEITOS DE MUDANÇAS NAS CONTINGÊNCIAS SOBRE COMPORTAMENTO VERBAL E NÃO VERBAL. *Carla Cristina Paiva Paracampo* (Universidade Federal do Pará), *Deisy das Graças de Souza* (Universidade Federal de São Carlos), *Maria Amélia Matos* (Universidade de São Paulo).

Poucos dos estudos que investigaram as variáveis envolvidas na sensibilidade do comportamento não verbal humano às contingências programadas, registraram o comportamento verbal antes e depois das mudanças nas contingências. Considerando isto, o presente estudo investigou os efeitos de mudanças nas contingências programadas sobre o comportamento verbal e não verbal. Vinte crianças (entre 7 e 8 anos) foram expostas a um procedimento de escolha segundo o modelo e alocadas a três condições experimentais. A Condição I foi iniciada com a apresentação de instruções mínimas (que não especificavam as respostas que produziam fichas trocáveis por brinquedos) e a II com a apresentação de uma instrução correspondente (que especificava as respostas reforçadas na Fase 1). Na Fase 1 da Condição III foram apresentadas três instruções correspondentes. Uma no início de cada uma das Fases 1a, 1b e 1c. As respostas não verbais reforçadas na Fase 1 das Condições I e II e na Fase 1c da Condição III foram as mesmas reforçadas na Fase 3 das três condições (apontar para o estímulo de comparação igual ao modelo na presença da luz verde e apontar para o diferente na presença da luz vermelha). Nas Fases 1a e 1b da Condição III foram reforçadas, respectivamente, as respostas de escolher o igual na presença da luz verde e o diferente na presença da luz amarela (Fase 1a) e escolher o igual na presença da luz amarela e o diferente na presença da luz vermelha (Fase 1b). Na Fase 2 das três condições foram reforçadas as respostas de escolher o igual na presença da luz vermelha e o diferente na presença da luz verde. As respostas não verbais foram reforçadas continuamente. A transição entre fases não foi sinalizada. Perguntas sobre o que deveria ser feito para ganhar fichas foram feitas durante o experimento. As respostas verbais dos sujeitos não foram consequenciadas. O experimento durou uma única sessão de aproximadamente 50 minutos. Os resultados mostraram que cinco dos oito sujeitos da Condição I, cujo comportamento não verbal foi estabelecido por reforçamento diferencial na Fase 1, mudaram os seus desempenhos nas Fases 2 e 3. Dos doze sujeitos (seis da Condição II e seis da III), que seguiram instruções na Fase 1, onze continuaram seguindo nas fases subsequentes. Estes dezessete sujeitos apresentaram comportamento verbal correspondente ao não verbal durante todo o experimento. Estes resultados estendem para o verbal algumas conclusões baseadas em observações apenas do comportamento não verbal. (PICD/CAPES)

-oOo-

AEC 1.13

EVENTOS PRIVADOS E SELEÇÃO POR CONSEQUÊNCIAS. *Emmanuel Zagury Tourinho*. Universidade Federal do Pará.

Ao discutir o tema dos eventos privados, Skinner enfatiza os processos sociais através dos quais os indivíduos aprendem a des-

crever estímulos e comportamentos "internos". Essa proposta de análise encerra a atribuição de importância destacada ao ambiente social como responsável pela produção dos repertórios autodescritivos. Nota-se, porém, que o modo como Skinner discute a ação (e a seleção) dos ambientes sociais vai se refinando ao longo de sua obra. Em particular, no desenvolvimento do pensamento skinneriano, a cultura vai se constituindo enquanto um nível diferenciado de determinação do comportamento humano apenas na medida em que o modelo de seleção por consequências vai se delineando. As relações entre o desenvolvimento do modelo de seleção por consequências e a construção da alternativa skinneriana para a análise da privacidade não são, porém, evidentes. A fim de abordar essas relações foram examinados textos de Skinner sobre os dois temas, abrangendo o período 1945-1990. Observou-se que, embora a cultura seja citada como uma fonte de controle do comportamento humano desde muito cedo na obra de Skinner, é apenas em 1981 que o modelo de seleção pelas consequências aparece efetivamente sistematizado e algumas relações entre filogênese, ontogênese e cultura são demarcadas. Entretanto, apesar de Skinner ir gradativamente atribuindo maior *status* à cultura enquanto fonte de controle do comportamento humano, sua análise da privacidade não se altera substancialmente no que diz respeito à participação do ambiente social na construção do mundo subjetivo de cada um (ou, pelo menos, da "descrição" que fazemos desse mundo). Exemplo da continuidade da análise de Skinner é a sua preocupação permanente com a correspondência entre as autodescrições e as condições internas do indivíduo, sem uma discussão sobre a importância desse tipo de correspondência para a cultura que, dispondo as contingências para tanto, produz aqueles repertórios. De qualquer modo, não deixa de ser relevante notar que, enquanto em 1945 Skinner afirma que a nossa prática, ao ensinar respostas autodescritivas de eventos privados, é "inferir o evento privado", em 1990 afirma que, diante de uma descrição do tipo "estou com fome", "inferimos que uma pessoa não come há algum tempo e provavelmente comerá quando houver comida disponível". (CNPq)

-oOo-

AEC 2.01

O CONTROLE CONTEXTUAL NA FORMAÇÃO DE CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES. *Lígia Maria de Castro Marcondes Machado* (in memoriam), *Juliana Peloso Braga*, *Renata Panico Gorayeb*, Universidade de São Paulo.

O objetivo do presente trabalho foi investigar o controle do contexto sobre classes de estímulos equivalentes, avaliando o estabelecimento de unidades de 4 ou de 5 termos. Os estímulos usados foram figuras geométricas (triângulo - conjunto A; círculo - conjunto B; retângulo - conjunto C e losango - conjunto D), desenhadas sobre papel A4 em linhas de contorno: contínua (grupo 1); tracejada (grupo 2); ou pontilhada (grupo 3) e dispostas em cruz, com o modelo no centro. O papel de fundo podia ser preto, branco ou vermelho. Sobre papel de fundo preto, as figuras eram carimbadas em branco, e o critério para composição das classes era A1B2C3; A2B3C1; A3B1C2. Sobre fundo branco, as figuras eram carimbadas em preto e sobre fundo vermelho em azul escuro. Para ambos, o critério de escolha era a identidade do contorno entre o modelo e a escolha, (A1B1C1, A2B2C2, A3B3C3 para fundo branco e C1D1, C2D2, C3D3 para fundo vermelho). As folhas eram separadas em blocos e os critérios de sequência das mesmas exigiam que todos os modelos fossem apresentados antes que um deles fosse repetido, e que todas as posições possíveis

para respostas fossem apresentadas como corretas, antes que houvesse uma repetição (Sidman, Kirk e Willson-Morris, 1985). As participantes foram 4 meninas, divididas em dois grupos de dois, que tinham respectivamente 8, 11, e 12, 7 anos no início das coletas de dados. O primeiro grupo (grupo simultâneo) foi submetido a treino em fundo branco AB e AC simultaneamente com o treino em fundo preto AB e AC e ao teste de simetria CA e BA e de equivalência BC e CB, sob a forma de tentativas de sonda não reforçadas, inseridas entre tentativas reforçadas de linha de base. Foram testadas também as relações entre os estímulos sobre fundo branco, apesar de triviais (já que a relação era sempre de identidade). Depois destes testes foi feito o treino CD, em fundo vermelho. Finalmente, o conjunto D foi inserido em testes AD, DA, BD e DB com as figuras apresentadas em fundo preto (e também, embora a escolha fosse ainda e sempre de identidade, em fundo branco). Já para o segundo grupo (grupo sucessivo) o mesmo procedimento foi seguido no que diz respeito à seqüência dos estímulos, porém as alternativas de treino branco (AB e AC) não foram apresentadas enquanto os sujeitos não atingissem um resultado satisfatório (100% de acerto) nas linhas de base e sondagens pretas. Em ambos os grupos a linha de base foi obtida com sucesso (100% de acertos) para todos os sujeitos, inclusive sendo este o critério necessário para se submeter a uma nova etapa do procedimento. Já em relação às sondagens, os resultados foram diferentes para os dois grupos, mostrando que a criança submetida a um controle contextual sucessivo (grupo sucessivo) obteve um desempenho melhor do que a criança submetida ao controle contextual simultâneo (grupo simultâneo). O grupo simultâneo alcançou o resultado de aproximadamente 96%, enquanto o grupo sucessivo alcançou o resultado de 100%.

-oOo-

AEC 2.02

EQUIVALÊNCIAS FORMADAS A PARTIR DE ESTÍMULOS POSICIONAIS. *Antonio de F. Ribeiro* (Universidade de Brasília), *Olavo de F. Galvão* (Universidade Federal do Pará) e *Sídia N. M. Campos* (Universidade de Brasília).

O presente estudo é uma replicação de estudos anteriores sobre a extensão da formação de relações de equivalência para a dimensão de estímulo caracterizada como posição. A característica definidora dos estímulos, empregada para a formação de 3 classes de equivalência com 3 membros cada, foi constituída pelas nove posições das células de uma matriz retangular 3x3 mostrada no monitor de um computador. As posições do estímulo amostra e dos estímulos comparação foram sinalizadas por células vermelhas para as tentativas de treino e teste constituintes da classe 1, células verdes para a classe 2 e células azuis para a classe 3. As demais células da matriz tinham a cor cinza. Contudo somente as posições relativas da amostra e comparação positiva especificavam a escolha correta, posto que em cada tentativa o estímulo amostra e os estímulos comparação tinham a mesma cor. Cinco estudantes universitários foram treinados, em linha de base, a fazer 6 discriminações condicionais constituídas de 3 pares de relações posicionais A-B e 3 pares B-C. Sondou-se então as propriedades simétricas com os testes B-A e C-B, e transitivas com os testes A-C e C-A. Os resultados mostraram que todos os 5 sujeitos formaram as 3 classes de equivalência constituídas pelas posições dos estímulos na matriz. Os resultados positivos deste estudo divergem dos resultados prevalentemente negativos relatados em estudos anteriores. Contudo, permitiu-se um número de tentativas de teste consideravelmente maior para sondar as pro-

priedades simétricas e transitivas que nos estudos anteriores, aumentando as chances dos sujeitos demonstrarem a formação de equivalência. Duas outras diferenças poderiam também ter contribuído para a formação das equivalências de posição neste estudo: o emprego do procedimento de discriminação simultânea no lugar de sucessiva, e a sinalização de cada classe com uma cor específica. O aumento no limite de tentativas de teste permitiu também indicar o lócus da dificuldade em formar equivalências de posição: a maioria dos sujeitos necessitou de um número consideravelmente maior de tentativas para atingir critério na sondagem da primeira transitividade testada, ou seja: no teste A-C. Os resultados deste estudo sugerem a extensão da formação de equivalência para a dimensão de estímulo caracterizada como posição.

-oOo-

AEC 2.03

EFEITOS DO NÚMERO DE PARES SOBRE A DIMINUIÇÃO DA RESPOSTA AUXILIAR. *Jorge M. Oliveira-Castro*, *Goiana M. de Castilho*, *Juliana B. Faria*, *Fabiana C. Brasileiro*, *Moema B. Dias*, *Elka L. Hostensky*. Universidade de Brasília.

Em experimentos anteriores, utilizando uma tarefa de pares associados na qual uma resposta auxiliar apresentava o segundo membro do par, uma diminuição na correlação RP (razão entre a frequência de reforço programado para determinada resposta pela frequência total de reforço programado para respostas naquela posição) produziu aumento no tempo total de resposta auxiliar estimado para a aprendizagem dos pares. Naqueles experimentos, no entanto, os valores de RP foram manipulados mantendo-se a frequência total de reforço programado por posição constante, i. e., o número de pares foi mantido constante. O presente experimento teve como objetivo verificar os efeitos de mudanças nos valores de RP, alterando-se o número de pares. Doze alunos universitários participaram como sujeitos de quatro sessões experimentais. Uma tarefa de pares associados de formas-caracteres arbitrários, realizada em um microcomputador, foi utilizada. Em cada tentativa desta tarefa: 1) uma forma era apresentada na tela; 2) uma resposta auxiliar apresentava os caracteres correspondentes à forma; e 3) o sujeito digitava os caracteres. Os sujeitos foram instruídos a memorizar os caracteres. Cada sessão terminava quando o sujeito digitasse os caracteres corretamente para todas as formas sem emitir resposta de auxílio ou após 24 blocos de tentativas. A primeira sessão, igual para todos os sujeitos, contendo oito pares de formas-caracteres teve como objetivo garantir familiaridade com a tarefa. Em três outras sessões, a seqüência das quais foi balanceada, dois, quatro ou oito pares de formas-caracteres (e. g., - ÆÆÆ ÷) foram utilizados. O tempo total de resposta auxiliar estimado para a memorização de cada caractere aumentou com o aumento do número de pares, sendo que o aumento foi, em média, maior e mais sistemático (11 dos 12 sujeitos) com a mudança de dois para quatro pares do que de quatro para dois pares (8 dos 12 sujeitos). Estes resultados replicam os dados obtidos em experimentos sobre memorização de listas de sílabas sem sentido, os quais utilizaram procedimentos diferentes, e sugerem que a correlação RP pode ser uma das variáveis relevantes na análise de complexidade de tarefas de pares associados. (CNPq)

-oOo-

AEC 2.04

APRENDIZAGEM DE PARES ASSOCIADOS: DIMINUIÇÃO DA RESPOSTA AUXILIAR ENTRE SESSÕES. *Jorge M. Oliveira-Castro, Gustavo P. Carvalho, Juliana B. Faria, Moema B. Dias, Diogo C. S. Ferreira, Mônica R. Muller.* Universidade de Brasília.

Os resultados de experimentos anteriores sobre aprendizagem de pares associados, utilizando diferentes tarefas e materiais, indicam que, quando se adota um procedimento no qual uma resposta auxiliar apresenta o segundo membro de cada par, a duração da resposta auxiliar diminui, com aceleração negativa, com o aumento das tentativas durante a sessão. Este resultado tem sido descrito pela equação $\text{Tempo/Corretas} = b + a - \log(\text{Tentativas})$, onde tempo/corretas representa a duração da resposta auxiliar dividida pelo número de respostas digitadas corretamente, e a e b são parâmetros obtidos empiricamente, podendo ser interpretados como a taxa estimada de decréscimo da resposta auxiliar entre tentativas e a duração estimada de resposta auxiliar na primeira tentativa da sessão, respectivamente. Dois experimentos foram conduzidos para verificar a diminuição da resposta auxiliar entre sessões. No Experimento 1, quatro alunos participaram como sujeitos e experimentadores simultaneamente. Uma tarefa de pares associados de formas-caracteres arbitrários, realizada em um microcomputador, foi utilizada. Em cada tentativa desta tarefa: 1) uma forma era apresentada na tela; 2) uma resposta auxiliar apresentava os caracteres correspondentes à forma; e 3) o sujeito digitava os caracteres. Cada sessão terminava quando o sujeito digitasse os caracteres corretamente para todas as formas sem emitir resposta de auxílio ou após 30 minutos. Foram conduzidas de quatro a sete sessões, com espaçamento de um a quatro dias, com o mesmo conjunto de pares associados, o qual consistia em oito pares de formas-caracteres (e. g., - É Á Æ Ô Ñ). Considerando os dados de sessões consecutivas em conjunto, a equação logarítmica apresentou um bom ajuste (média de $r^2 = 0.71$). No Experimento 2, 11 alunos universitários participaram como sujeitos de duas a quatro sessões. O procedimento utilizado foi idêntico àquele adotado no Experimento 1, diferindo apenas com relação ao material utilizado, o qual era composto de quatro pares de formas-caracteres. Considerando os dados de sessões consecutivas em conjunto, a equação logarítmica também apresentou um bom ajuste (média de $r^2 = 0.62$). Pode-se concluir que a diminuição da resposta auxiliar intra e entre sessões apresentou um padrão semelhante, o que pode vir a ser útil na predição de desempenho. (CNPq)

-oOo-

AEC 2.05

EFEITOS DE ESTÍMULOS AMEAÇADORES NA EMERGÊNCIA DA EQUIVALÊNCIA. *Sônia M. M. Neves^{1h}, Luc M. A. Vandenberghe¹, Lúcia Helena. R. Oliveira^{2*}, Maria C. Villane^{2*}, André V. da Silva¹, Kellen Cristina. F. de Oliveira¹.* ¹Universidade Católica de Goiás / ²Universidade Federal de Minas Gerais.

Estudos recentes destacaram o papel de variáveis cognitivas envolvidos no desenvolvimento de fobias. A teoria comportamental primeiramente relacionou tais transtornos ao condicionamento clássico, sendo mais tarde desafiada por uma visão que atribui um papel central aos chamados processos cognitivos, motivando assim a análise experimental das particularidades dos mesmos nestas patologias. Neste trabalho será utilizado o paradigma da equivalência no estudo do comportamento simbólico em sujeitos

com transtorno de ansiedade, sendo que o objetivo do presente trabalho foi, primeiramente, avaliar se os sujeitos no pré-teste estabeleciam relações entre diferentes tipos de estímulos, identificados como neutros ou ameaçadores ou como arbitrários (sem sentido) pelos sujeitos fóbicos em entrevista clínica. Em seguida, foi verificado se após o treino de relações entre estímulos arbitrários e estímulos ameaçadores e entre estímulos arbitrários e estímulos neutros, formariam classes emergentes. No caso da formação de classes novos estímulos (arbitrários, ameaçadores e neutros) foram introduzidos e os sujeitos submetidos a teste de expansão das classes. Participaram desta pesquisa quatro sujeitos sendo dois fóbicos (1F e 2F) e dois não fóbicos (1C e 2C). Foram apresentados aos sujeitos 1F e 1C os estímulos identificados como ameaçadores, neutros e arbitrários de acordo com o sujeito 1F, e foram apresentados aos sujeitos 2F e 2C os estímulos identificados pelos sujeito 2F. Todos sujeitos passaram pelas seguintes fases: (1) pré-teste das relações de equivalência, (2) treino das relações mistas (estímulos arbitrários e ameaçadores ou arbitrários e neutros), (3) testes de equivalência e, em casos de formação de classes, os sujeitos passariam por uma fase (4) de teste de expansão das classes. Os resultados mostraram que o desempenho dos sujeitos fóbicos apresenta uma ausência de relações mistas (combinando estímulos ameaçadores e neutros) no pré-teste, dificuldades na emergência de relações transitivas mistas e a expansão de classes com estímulos ameaçadores. O desempenho dos sujeitos não fóbicos não apresentava essas características. Estes dados parecem confirmar os resultados de Lesley *et. al.* que demonstraram a dificuldade que sujeitos clinicamente ansiosos tem na formação de classes mistas e os de Plaud, onde se observou que sujeitos ansiosos tem mais facilidade em formar classes com estímulos neutros do que com estímulos ameaçadores.

2*)FAPEMIG

-oOo-

AEC 2.06

COMPOSIÇÃO DAS RELAÇÕES CONDICIONAIS TREINADAS E A EMERGÊNCIA DO CONTROLE CONTEXTUAL. *Jair Lopes Junior* (Universidade Estadual Paulista) e *Maria Amélia Matos* (Universidade de São Paulo).

O objetivo deste trabalho consistiu em verificar a existência de relações funcionais entre a emergência do controle contextual e a composição das relações condicionais treinadas. Foram realizados quatro experimentos com quatro universitários em cada. Um software apresentou figuras arbitrárias na tela de um monitor, registrou e gravou as respostas de escolha. No Experimento 01, o Passo 01 consistiu no treino do controle contextual sobre as relações AB. No Passo 02, ocorreu o treino das relações BC e DA. Deste modo, os estímulos contextuais foram exibidos, no treino, diante de apenas alguns dentre os estímulos componentes das relações condicionais sobre as quais foi testada a emergência do controle contextual (Passo 03). No Passo 04 realizou-se o treino das relações XY e XZ, seguido pelos testes das relações equivalentes e simétricas. O Passo 05 avaliou a transferência do controle contextual entre os estímulos equivalentes do Passo 04 sobre as relações testadas (Passo 03) e treinadas (Passo 01). No Experimento 02, o Passo 01 consistiu no treino das relações XAB e, posteriormente, XBC. Desta feita, os estímulos contextuais foram exibidos diante de todos os componentes das relações condicionais sobre as quais ocorreu o teste posterior do controle contextual. Em seguida, ocorreu a exposição ao Passo 04 do Experimento 01. Os Experimentos 03 e 04 foram iniciados pelo Passo

04 do Experimento 01. No Experimento 03, na seqüência, ocorreu a exposição aos Passos 02, 01 e 03 do Experimento 01. No Experimento 04, os sujeitos foram expostos ao Passo 01 do Experimento 02. Os Experimentos 02, 03 e 04 foram finalizados com a avaliação da transferência do controle contextual entre estímulos equivalentes. Os resultados indicaram: a) menor atraso na emergência do controle contextual sobre as classes de estímulos equivalentes na composição utilizada nos Experimentos 01 e 03; b) a mesma eficiência na transferência de função do controle contextual independente da composição empregada nos treinos. Estes resultados sugerem que a composição utilizada nos Experimentos 01 e 03 apresenta maior eficácia no estabelecimento das relações de controle previstas e na eliminação de relações adventícias.

-oOo-

AEC 2.07

EFEITOS DA ORDEM DE TREINO SOBRE A EMERGÊNCIA DO CONTROLE CONTEXTUAL. *Jair Lopes Junior* (Universidade Estadual Paulista) e *Maria Amélia Matos* (Universidade de São Paulo).

O objetivo deste trabalho consistiu em avaliar os efeitos da ordem de exposição a diferentes tipos de discriminação condicional na emergência do controle contextual sobre classes de estímulos equivalentes. Três experimentos foram efetuados com quatro sujeitos universitários em cada. Um software exibia figuras arbitrárias num monitor, registrava e gravava as respostas de escolha. No Experimento 01, os sujeitos foram expostos, no Passo 01, ao treino do controle contextual sobre as relação AB e, posteriormente, BC. Em ambos, o treino era iniciado pela apresentação das seis relações XAB e, em seguida, das seis relações XBC. Na seqüência, ocorreu o teste do controle contextual sobre as relações equivalentes, transitivas e simétricas. No Passo 02, foram treinadas três relações XY e, logo após, três relações XZ. Em seguida, testou-se a emergência das relações equivalentes e simétricas. No Passo 3, avaliou-se a transferência de função de controle entre os estímulos X, Y e Z sobre as relações condicionais testadas e treinadas no Passo 01. No Passo 01 do Experimento 02, o treino em separado (gradual) de cada relação XAB precedeu a exposição ao treino das seis relações XAB, sendo este mesmo procedimento gradual adotado no treino das relações XBC. Em seguida, testou-se a emergência do controle contextual. Os Passos 02 e 03 foram idênticos ao Experimento 01. No Experimento 03 foram efetuados os Passos 02, 01 e 03, respectivamente, do Experimento 01. Os resultados indicaram que: a) a ordem adotada no Experimento 03 se constituiu na condição de treino mais eficiente para a emergência do controle contextual sobre classes de estímulos equivalentes; b) os treinos gradual e não gradual não acusaram relações de funcionalidade distintas com a emergência e a transferência do controle contextual. Precedendo a obtenção dos resultados previstos nos testes do Passo 01 dos Experimentos 01 e 02, verificou-se a emergência de relações de controle passíveis de descrição pela unidade de análise de cinco termos. Este dado se contrapõe à hipótese de que resultados negativos nos testes de equivalência corresponderiam à fusão de classes de estímulos.

-oOo-

AEC 2.08

A NATUREZA HIERÁRQUICA DO CONTROLE DE ESTÍMULOS: ASPECTOS EMPÍRICOS E METODOLÓGICOS. *Jair Lopes Junior, Ana Cláudia M. Almeida, Wagner R. Silva, Antônio P. Angélico* (Universidade Estadual Paulista), *Maria Amélia Matos* (Universidade de São Paulo).

Significativa parcela de publicações sobre equivalência de estímulos tem legitimado a expansão proposta na unidade de análise básica do controle condicional. Em particular, os estudos sobre controle contextual sugerem que os resultados positivos obtidos nos testes que avaliam a emergência desta modalidade de controle sobre classes de estímulos equivalentes seriam passíveis de descrição pela unidade de análise de cinco termos: estímulos contextuais exerceriam controle condicional (de segunda ordem) sobre relações condicionais. Nesta expansão da unidade de análise, o estímulo contextual teria sua função restrita ao controle da composição das classes de estímulos equivalentes, não se constituindo em membro da classe. Entretanto, análises conceituais e evidências empíricas recentes têm questionado se esta interpretação hierárquica do controle de estímulo não seria decorrente de características de procedimentos experimentais empregados nos treinos e nos testes de relações condicionais. Em delineamentos onde os estímulos que exerceram o controle contextual nos treinos, passaram a exercer função de estímulo de escolha nos testes, e vice-versa, foram registrados resultados positivos nos testes das classes de estímulos equivalentes compostas por todos os estímulos integrantes das configurações utilizadas nos treinos e nos testes. Assim, o que se denomina discriminação condicional no modelo hierárquico poderia ser descrito em termos do controle discriminativo simples por estímulos compostos com elementos separáveis e substituíveis. Parece-nos que esclarecimentos adicionais acerca da dicotomia entre o modelo hierárquico e o modelo baseado na permutação de funções entre os elementos dos estímulos compostos seriam decorrentes: a) de propostas de delineamentos que avaliassem a transferência das distintas funções discriminativas exercidas por cada elemento do estímulo composto; b) da discriminação entre situações aplicadas de ensino onde tal permutação é possível e situações onde tal permutação comprometeria as relações semânticas ensinadas.

-oOo-

AEC 2.09

APRENDIZAGEM DO CONCEITO DE PROPORÇÃO: INTERAÇÃO ENTRE EQUIVALÊNCIA DE ESTÍMULOS E INSTRUÇÕES. *Antônio Carlos Godinho dos Santos, Alessandra Viana de Souza, Cristiane Kolody Bay*. Universidade Católica de Goiás.

Em pesquisa anterior, Santos (1996), demonstrou que o paradigma de equivalência de estímulos foi eficaz para estabelecer discriminações condicionais entre frações pictóricas e numéricas e entre frações numéricas. Porém, observou apenas níveis moderados de generalização para novas situações. O objetivo desse trabalho é investigar o efeito de instruções e do paradigma de equivalência de estímulos sobre a aprendizagem do conceito de proporção. Dez alunos de quinta série, com deficiência em problemas fracionários, foram ensinados a escolher frações numéricas condicionais a frações pictóricas (treino AB) ou numéricas (treino BC). Antes de cada condição de treino apareceu na tela do computador instruções contendo informações sobre a "regra de três" (Tinoco e Lopes, 1994). O numerador dos estímulos de compara-

ção foram iguais para os sujeitos do grupo experimental 1 (E1) e diferentes no grupo experimental 2 (E2). Os dados foram avaliados em função do número de acertos e erros nas várias condições experimentais. Em geral, os resultados replicam a pesquisa anterior. Os sujeitos mostraram relações treinadas diretamente e relações derivadas (simetria, transitividade e equivalência) formando três classes de estímulos de três membros (ABC). A expansão dessas classes, após o treino de novas frações numéricas com as frações pictóricas das classes já formadas, não foi observada. A generalização para novas frações ocorreu apenas em níveis moderados para a maior parte dos sujeitos. Contudo, avaliações gerais, em situação escolar (prova), mostraram ganhos sistemáticos para os grupos E1 e E2, mas não para os sujeitos controles (não treinados). Decorrências metodológicas para novas pesquisas (como investigar do conteúdo das instruções sobre o desempenho generalizado) e para a prática escolar no ensino do conceito de proporção podem ser obtidas dos resultados. (CNPq/PIBIC)

-oOo-

AEC 2.10

EFEITOS DA ORALIZAÇÃO DE PALAVRAS SOBRE A AQUISIÇÃO DE COMPORTAMENTO TEXTUAL. *Maria Amélia Matos* (Universidade de São Paulo), *Maria Martha Costa Hübner* (Universidade Mackenzie), *Wagner Peres* (Universidade de São Paulo), *Rosa Helena Malheiros* (Universidade Mackenzie), *Valéria Serra* (Universidade de São Paulo), *Yara Kilsztajn* (Universidade de São Paulo).

A aplicação do paradigma de equivalência ao ensino de leitura tem-se revelado eficaz não só pela emergência da leitura com compreensão, mas também pelos altos índices de acerto durante a aquisição das relações condicionais pré-requisitos. No ensino dessas relações, empregam-se procedimentos de exclusão, introdução gradual de estímulos de escolha e reforçamento diferencial. Em alguns estudos, acopla-se também a oralização do estímulo-modelo (palavras ditas pelo experimentador) pelo sujeito. O presente estudo examinou o efeito específico dessa oralização sobre a aquisição das relações condicionais, para verificar se há, de fato, melhoria de desempenho quando a oralização é incluída nos procedimentos clássicos do paradigma. Os sujeitos foram 13 crianças pré-escolares, de 5 anos, não alfabetizadas. O procedimento básico é uma versão modificada do paradigma de Sidman. Num primeiro momento, as crianças aprendem a selecionar figuras diante de seus respectivos nomes (figuras de BOLO - LOBO - CABO - BOCA - treino AB) e a selecionar palavras escritas (referentes às figuras) diante dos nomes das palavras ditas pelo experimentador (treino AC). Num segundo momento, são submetidas a testes de equivalência (relações BC e CB) e, num terceiro momento, a testes de leitura de novas palavras. Apenas o primeiro momento, e, especificamente, a aquisição das relações AC é o foco de análise do presente estudo. Todos os estímulos eram apresentados em uma tela de computador sensível ao toque e o experimentador conduzido por um *software* programado para tal. Das 13 crianças, seis aprendiam a parear as figuras e palavras escritas aos nomes correspondentes ditos pelo experimentador (treino AB e AC) sem que verbalizassem o modelo falado pelo experimentador. As crianças realizavam os pareamentos em silêncio. Às sete crianças restantes solicitava-se que após o modelo falado, elas repetissem a palavra ouvida e só depois emitissem a

resposta de escolha. Os desempenhos foram analisados durante o treino AC, quanto ao número total de tentativas necessário para o alcance do critério e o total de tentativas por passo. Não foram encontradas, até o momento, diferenças importantes entre os resultados dos dois procedimentos (com oralização e sem oralização do modelo), o que pode trazer implicações metodológicas e suscitar discussões teóricas, tanto sobre o papel desse operante (oralizar) no aprendizado de leitura, como sobre o papel desse operante como possível resposta de observação diferencial, na aquisição de relações condicionais. (CNPq)

-oOo-

AEC 2.11

TRANSFERÊNCIA DO CONTROLE DE ESTÍMULOS USUAIS PARA NÃO USUAIS COM *FADING*. *Grauben J. A. Assis Marcelo Q. G. Baptista, Olívia Misae Kato, Isabel P. Esteves I e Keila R. S. Alves I.* Universidade Federal do Pará.

Estudos anteriores sobre a formação de classes de estímulos equivalentes, a partir de discriminações condicionais com *fading* em humanos, sem reforçamento diferencial explícito, mostraram grande variabilidade nos resultados. O presente trabalho buscou verificar se o desempenho de sujeitos humanos submetidos ao treino discriminativo com *fading* (remoção gradual da luminosidade das figuras, a partir das tentativas iniciais, até a apresentação das mesmas, com apenas o contorno, nas tentativas finais de cada bloco de treino) e teste precoce de simetria, através de um pareamento consistente de múltipla escolha simultânea e estímulos usuais (Condição A), se transferiria para uma outra condição semelhante, porém com estímulos não usuais (Condição B) na ausência de conseqüências diferenciais. Seis universitários de ambos os sexos, foram submetidos ao treino das relações condicionais AB e AC, e após cada bloco de treino com 36 tentativas, aos testes de simetria BA e CA e de equivalência BC e CB. A tarefa dos sujeitos era responder a figuras geométricas (usuais e não usuais), através de um monitor de vídeo com tela sensível ao toque. Em cada tentativa, o modelo e o S+ reduziam a luminosidade, a partir do desempenho dos sujeitos que deveriam alcançar 100% de acertos por bloco de treino, para em seguida serem submetidos aos testes de simetria e equivalência. Os testes foram aplicados duas vezes, após um máximo de dez revisões de linha de base correspondente. Todos os sujeitos alcançaram o critério de aprendizagem com redução do número de tentativas no treino e foram submetidos aos testes, nas duas condições (A e B); um sujeito (ALE) conseguiu demonstrar simetria e equivalência nas duas condições previstas; três sujeitos (AFO, ROM e WLA) mostraram relações de equivalência (BC e CB) apenas na condição "A"; dois sujeitos (NAT e ALX) apresentaram resultados positivos apenas nos testes de simetria BA e CA, em ambas as condições. Esses resultados parecem demonstrar que a antecipação dos testes conjugada ao *fading*, não apenas reduziu a variabilidade inter e intrasujeitos em relação aos estudos anteriores, como possibilitou desempenhos mais consistentes, gerando inclusive transferência do controle de estímulos usuais para não usuais.

-oOo-

AEC 2.12

EFEITOS DA ORALIZAÇÃO DE PALAVRAS SOBRE O CONTROLE POR UNIDADES MÍNIMAS. *Maria Amélia Matos* (Universidade de São Paulo), *Maria Martha Costa Hübner* (Universidade Mackenzie), *Wagner Peres* (Universidade de São Paulo), *Rosa Helena Malheiros* (Universidade Mackenzie), *Shirley Lysak Zolfan* (Universidade Mackenzie).

O processo através do qual a generalização de leitura ocorre ainda não está claro. Estudos anteriores de Matos e Hübner (1996) vêm investigando efeitos de diferentes variáveis sobre a emergência da leitura generalizada, tendo detectado aumento de repertório inicial de palavras, da variação sistemática da posição das sílabas e letras como variáveis importantes. Neste estudo, uma outra variável é examinada: a oralização, pelo sujeito, das palavras do treino, pois esse operante poderia aumentar a discriminação das sílabas e letras. Os sujeitos foram 14 crianças pré-escolares, de 5 anos, não alfabetizadas. O procedimento básico é uma versão modificada do paradigma de equivalência de Sidman, apresentado via um *software* especial com tela sensível ao toque. Primeiro as crianças aprendem a selecionar figuras e palavras escritas (BOLO - LOBO - CABO - BOCA) diante dos respectivos nomes falados pelo experimentador (treinos AB e AC). Em seguida, são submetidas a testes de equivalência (testes BC e CB) onde pareiam, sem treino específico, as figuras com as respectivas palavras escritas e vice-versa. Por último, realizam testes de leitura de novas palavras (BOBO - LOLO - CALO - LOCA), compostas por letras e sílabas das palavras de treino. Antes dos testes, foram introduzidos procedimentos especiais que ensinavam às crianças a oralizar as palavras de treino. Houve quatro variações desse procedimento. 1º) a oralização era ensinada logo após o treino AC, e o modelo oralizado pelo experimentador era sem silabação. 2º) a oralização era ensinada após o treino AC e o modelo era silabado, com espaçamento oral entre as sílabas. 3º) a oralização era ensinada antes dos treinos AB e AC, e o modelo era silabado. 4º) a oralização era ensinada durante os treinos AB e AC; solicitava-se às crianças que antes de emitirem a resposta de escolha, repetissem o modelo do experimentador. Os efeitos desses treinos foram avaliados no desempenho dos testes de novas formas verbais (teste B'C' e C'B'). A oralização durante o treino AC foi a que mais resultados positivos gerou nos testes B'C' e C'B', seguida pela oralização antes da linha de base. Os procedimentos de oralização após treino AC não geraram resultados positivos nos testes. Há, entretanto, variabilidade nos resultados. Novos dados serão coletados para solidificar a conclusão do efeito positivo da oralização durante o treino AC sobre o controle por unidades mínimas, o que corroboraria o amplo uso do "falar em voz alta" nos métodos de ensino da leitura. (CNPq)

-oOo-

AEC 2.13

SIMETRIA DE POSIÇÃO EM CEBUS APPELLA. *Romariz da Silva Barros, Olavo de Faria Galvão, Marlene Marques Monteiro e Paulo Roberto Pacheco dias.* Universidade Federal do Pará, Belém.

A dificuldade de obtenção de formação de classes de estímulo em animais pode estar relacionada à falta de história apropriada ou fontes irrelevantes de controle, como a posição dos estímulos. A formação de relações condicionais de posição poderia facilitar a formação de classes. O objetivo deste estudo verificar se poder-se-ia usar procedimento de "learning-set" para obtenção de emer-

gência de simetria. Os estímulos eram 9 quadrados brancos em uma matriz 3x3. As relações entre o estímulo modelo e as comparações corretas eram paralelas e na posição horizontal (na linha superior, A1B1; linha do meio, A2B2 e linha de baixo A3B3). Um macaco *Cebus apella* macho sub-adulto e experimentalmente ingênuo foi sujeito, em um procedimento de pareamento ao modelo com atraso zero. O teste de simetria BA era aplicado após o sujeito atingir o critério de aquisição no treino das relações condicionais AB, de 18 tentativas corretas consecutivas (6 tentativas de cada discriminação). No treino escolhas incorretas eram seguidas de reapresentação da tentativa e a contagem de tentativas corretas era reiniciada. O teste de simetria tinha 48 tentativas: 36 de linha de base e 12 de teste (4 de cada relação). Os resultados foram negativos. As relações condicionais BA foram então treinadas até o critério ser atingido. A linha de base BC foi treinada em seguida. O teste de simetria CB foi então conduzido, e os resultados mostraram emergência de simetria. O sujeito respondeu de acordo com o esperado por simetria na primeira e em duas das outras três tentativas de teste para cada uma das relações CB. Essa linha de base pode constituir um desempenho de verdadeiro pareamento ao modelo. Replicações deste experimento com o mesmo sujeito, usando outras relações entre posições, e com outros sujeitos da mesma espécie, bem como testes adicionais de transitividade e equivalência estão em execução. Esses resultados indicam que macacos podem mostrar desempenhos indiretamente treinados (simetria) nessa situação simplificada. A análise da topografia do controle de estímulo foi decisiva para o desenvolvimento do critério de aprendizagem aqui relatado, que é semelhante ao critério usado em experimentos com sujeitos humanos e é pioneiramente relatado em um experimento de discriminação condicional com macaco como sujeito. Os dados também sugerem que o treino da relação BA (não emergente) contribuiu para a posterior emergência da relação CB. (CAPES, CNPq).

-oOo-

AEC 2.14

RECORDAÇÃO DE EVENTOS E A FORMAÇÃO DE CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES. *Verônica Bender Haydu, Juliana Rodrigues Tini, Naiene dos Santos Pimentel, Rosimary Lima Guilherme, Marcia Pires de Andrade, Luciana Siqueira.* Universidade Estadual de Londrina.

Os resultados de estudos sobre "lembranças ligadas ao eu", nos quais foi avaliado se nomes de pessoas (*Pessoas*) conhecidas e nomes de objetos ligados a eles são melhor lembrados do que nomes de pessoas desconhecidas e de nomes objetos (*Objetos*) ligados a estes, e se o fornecimento de "dicas" contribui para aumentar a probabilidade dos nomes de objetos serem lembrados, foram analisados com base nos princípios de Análise do Comportamento. No presente estudo além de ter sido replicado o procedimento dos estudos da bibliografia, foi acrescentada uma etapa que permitiu avaliar o processo de formação de classes de estímulos equivalentes. Vinte e um sujeitos foram submetidos ao procedimento. Na primeira etapa foi solicitado aos sujeitos que formassem frases relacionando nomes de pessoas conhecidas e de pessoas desconhecidas a nomes de objetos que foram a eles fornecidos. Após uma tarefa irrelevante foram realizados testes de evocação livre dos nomes de objetos (Estímulo B), evocação destes em presença de "dicas", evocação dos nomes de pessoas (Estímulo A) e a recordação das frases completas. Na segunda etapa, realizada dois a quatro dias depois com um programa computadorizado, foi feito um treino de discriminação condicio-

nal (Treino AC) em que os nomes de objetos eram os estímulos modelo e figuras abstratas (Estímulo C) eram os estímulos de escolha. Em seguida foram testadas as relações emergentes (Teste BC, CB, BA, AC, CA, AA, BB e CC). O número de nomes de *objetos* recordados quando estes foram pareados com *peessoas* conhecidas não foi diferente do número *objetos* recordados que foram pareados a *peessoas* desconhecidas. No entanto, o número médio de *objetos* recordados em presenças de "dicas", após pareamento com *peessoas* desconhecidas, foi menor do que os pareados com *peessoas* conhecidas. Não houve diferença no número médio de *objetos* evocados em presença de *peessoas* conhecidas e os evocados livremente, mas o número de *objetos* evocados em presença de *peessoas* desconhecidas foi significativamente menor do que de *objetos* evocados livremente. Estes resultados sugerem que a tarefa de recordar nomes de objetos em presença dos nomes das *peessoas* desconhecidas pode ter sido dificultada pelo fato de requerer que os sujeitos recordassem a relação *peessoa-objeto* e não somente os nomes de objetos. Esta hipótese foi corroborada pelos resultados da segunda etapa do procedimento em que verificou-se que o desempenho no Teste AC foi superior nos casos em que as relações emergentes envolveram *peessoas* conhecidas. Os resultados do presente estudo indicam um caminho para que se possa compreender processos envolvidos no comportamento de recordar eventos, sugerindo que o princípio de formação de redes relacionais possa contribuir para tal empreendimento. (CNPq)

-oOo-

AEC 2.15**DISCRIMINAÇÕES SIMPLES OU CONDICIONAIS FORMAM, IGUALMENTE, RELAÇÕES DE EQUIVALÊNCIA.**

*Antonio de F. Ribeiro; * Rogério L. de Souza, João Batista C.*

dos Reis, Guilherme C. Sazonov, Ma. Virgínia de Carvalho, Marília M. Da Silva; e Reginaldo T. Alves Jr. Universidade de Brasília.

Comparou-se a formação de classes de equivalência a partir de linhas de base estabelecidas por discriminações simples e condicionais. Vinte crianças de pré-escola, de 3 a 6 anos de idade, foram submetidas aos dois procedimentos. Na linha de base estabelecida por discriminações condicionais foram treinadas três discriminações objeto-símbolo e três discriminações palavra-símbolo. Na linha de base estabelecida por discriminações simples foram treinadas três discriminações objeto-gesto e três discriminações palavra-gesto. Testou-se a formação de equivalência pela sondagem das propriedades simétricas (símbolo-objeto, símbolo-palavra, gesto-objeto e gesto-palavra) e transitivas (palavra-objeto e objeto-palavra). Constatou-se a formação de seis classes de equivalência: três estabelecidas a partir de discriminações condicionais (constituídas de objetos, símbolos e palavras), e três estabelecidas a partir de discriminações simples (constituídas de objetos, gestos e palavras). Das vinte crianças que iniciaram o experimento dezesseis formaram todas as seis classes de equivalência, duas foram dispensadas por fugirem ao controle dos experimentadores e duas não atingiram critério (uma na sondagem de simetria e outra na sondagem de transitividade). Em um experimento anterior testou-se os dois procedimentos com treze crianças sondando-se apenas uma propriedade transitiva (palavra-objeto). O presente experimento replica o anterior e amplia os testes para todas as propriedades simétricas e transitivas das seis classes de equivalência, constituindo-se em mais uma evidência de que relações de equivalência não dependem, necessariamente, de discriminações condicionais.

-oOo-

PSICOBIOLOGIA E NEUROCIÊNCIAS

BIO 1.01

INTERAÇÃO MÃE-FILHOTE EM MACACOS-ARANHA (*Ateles paniscus*). *Luciane Bizari Coin de Carvalho e Emma Otta.* Universidade de São Paulo.

As teorias sobre a relação mãe-filhote em primatas não-humanos atribuem à mãe um papel importante e decisivo no desenvolvimento do filhote. Aos poucos, com seu desenvolvimento motor e o aumento da curiosidade pelo ambiente e pelos outros membros do grupo, o filhote vai se afastando da mãe e aprendendo a sobreviver sozinho, embora continue demandando seus cuidados. Com isso, o investimento parental vai tornando-se progressivamente menos necessário, e a mãe redireciona sua energia para outras atividades. O conflito surge no momento em que mãe e filhote passam a ter interesses diferentes em relação ao cuidado que ela deve dedicar a ele. O filhote não é só o receptor passivo dos cuidados maternos. Quando se diz que um filhote se tornou independente da mãe, pensa-se imediatamente que o filhote já é capaz de passar a maior parte do tempo longe dela, sem contato. Independência pode não ser apenas distância da mãe mas como o filhote se relaciona com o ambiente físico e social. O presente trabalho tem o objetivo de analisar o processo de independência do filhote de macaco-aranha (*Ateles paniscus*), uma espécie de macaco do Novo Mundo pouco estudada. Para tanto, foram observados quatro filhotes machos e quatro fêmeas, durante os dois primeiros anos de vida. As observações, totalizando 327 horas, foram feitas no Parque Zoológico de São Paulo. Constatou-se uma diminuição gradativa no contato mãe-filhote, que atingiu 50% apenas no segundo ano de vida. O filhote foi o responsável pelas iniciativas de afastamento e de contato. A mãe não foi agressiva com o filhote, esquivava-se dele e às vezes o ameaçava. Os filhotes machos começaram a se distanciar da mãe mais cedo do que as fêmeas, que permaneceram mais tempo junto de suas mães, engajadas em atividades de limpeza social com outros indivíduos. A diferença de investimento parental e conflito entre filhotes machos e fêmeas, pode ser explicada através das chances reprodutivas, com as fêmeas demandando maiores cuidados, pois são elas que deixam o grupo na época de reprodução, enquanto os machos permanecem formando um grupo coeso. (CNPq)

-oOo-

BIO 1.02

EFEITO DO AUMENTO À EXPOSIÇÃO AO CHOQUE IMEDIATO NO CONDICIONAMENTO CONTEXTUAL DE MEDO. *Jesus Landeira-Fernandez,* Pontifícia Universidade Católica. *Joseph DeCola,* University of California at Los Angeles. *Jeansok Kim,* Yale University e *Michael Fanselow,* University of California at Los Angeles.

A apresentação de um choque elétrico em um determinado contexto experimental leva a formação de um condicionamento contextual de medo. No entanto, esta forma de condicionamento deixa de ocorrer quando o choque é apresentado tão logo o animal é colocado no contexto experimental. No presente estudo, demonstrou-se que a ausência de condicionamento contextual de medo através da apresentação de um choque imediato não se deve a um problema na percepção do choque pelo animal. No primeiro experimento, aumentou-se a exposição ao choque através do aumento do número de sessões em que o animal era exposto ao choque imediato. Um grupo de animais foi exposto a 5 sessões diárias de choque imediato onde este era apresentado imediata-

mente após o animal ser colocado dentro da caixa experimental. Um segundo grupo recebeu o choque 3 minutos após ser colocado no contexto. Animais controle não foram expostos ao choque. Após as cinco sessões, todos os animais foram expostos a 4 sessões onde o choque era apresentado 3 minutos após serem colocados na caixa experimental. Condicionamento contextual foi medido através da resposta de congelamento. Observou-se que animais expostos às 5 sessões de choque imediato não apresentaram qualquer condicionamento contextual uma vez que não apresentaram qualquer diferença em relação a animais controle. Mais ainda, animais submetidos ao choque imediato apresentaram a mesma curva de aquisição de condicionamento contextual em relação a animais controle. No segundo experimento, aumentou-se o período de exposição ao choque imediato. Animais foram submetidos a uma única sessão de condicionamento onde o choque imediato teve uma duração de 5, 10 ou 20 segundos. Animais controle recebem um choque de 3 segundos 2, 7 ou 17 segundos após serem colocados no contexto. Resultados mostraram que nenhuma das durações do choque imediato (5, 10 e 20 segundos) produziu condicionamento contextual. Dessa forma, concluiu-se que o déficit associativo produzido pelo choque imediato não está relacionado com a habilidade do animal em perceber o estímulo aversivo. (CNPq; NIMH)

-oOo-

BIO 1.03

DIFERENÇAS EMOCIONAIS ENTRE RATOS WISTAR E LONG-EVANS A ESTÍMULOS AVERSIVOS. *Daniel M. Luiz-Vianna* (Universidade de São Paulo), *Vitor de Siqueira Manhães,* Sandra Redner, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. *Antônio Pedro de Melo Cruz,* Universidade de Brasília e *Jesus Landeira-Fernandez,* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Comparação entre resultados de vários laboratórios que utilizam modelos experimentais aversivos parecem indicar que o tipo de cepa utilizado é uma variável importante na ocorrência da resposta emocional. O objetivo do presente experimento foi o de investigar em um único estudo possíveis diferenças na reação emocional frente a estímulos inatos e aprendidos de medo entre duas cepas de ratos levando-se em consideração o sexo de cada uma delas. A reação emocional foi definida como a resposta de congelamento, uma vez que existem amplas evidências mostrando que esta resposta é uma boa medida para avaliar estados emocionais entre roedores. Ratos Wistar (albinos: 4 fêmeas e 5 machos) e Long-Evans (encapuçados: 4 fêmeas e 6 machos) foram expostos a uma única sessão de condicionamento sonoro. O condicionamento consistiu em seis tentativas, onde um choque elétrico relativamente fraco (entre 0, 3 e 0, 4 mA) era precedido por um estímulo sonoro com 30 segundos de duração. O intervalo médio entre tentativas foi de 3 minutos (mínimo 1 minuto e máximo 6 minutos). No dia seguinte, todos os animais foram expostos a um contexto novo (estímulo inato de medo), por um período de 3 minutos. Em seguida, apresentou-se o estímulo sonoro (estímulo aprendido de medo) por 6 minutos. A resposta de congelamento, definida como ausência total de movimentos, salvo os necessários para a respiração, foi observada durante todo esse período. Através da análise de variância, concluiu-se que a cepa, e não o sexo, foi fator fundamental na resposta de congelamento a estímulos aversivos. Ratos da cepa Wistar, em relação aos da cepa Long-Evans apresentaram uma maior quantidade de conge-

lamento tanto à presença de estímulos contextuais novos quanto ao estímulo sonoro associado ao choque. Dessa forma, a reação emocional de ratos de laboratório a estímulos aversivos inatos ou aprendidos parece depender do tipo de cepa utilizada. (CNPq; FAPERJ; FAPESP).

-oOo-

BIO 1.04

BLOQUEIO DO CONDICIONAMENTO AO SOM PELO CONDICIONAMENTO AOS ESTÍMULOS CONTEXTUAIS.

Rodrigo Lins, Christiana Villela, Tatiana Quitério, Vítor Manhães e Jesus Landeira-Fernandez. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O fenômeno do bloqueio refere-se a um déficit na formação de um condicionamento clássico a um estímulo condicionado (CS) quando pareado com um estímulo incondicionado (US) na presença de um segundo CS que foi previamente pareado com o mesmo US. No presente experimento, investigou-se a possibilidade de estímulos contextuais associados a um choque elétrico bloquear a formação de um novo condicionamento aversivo a um estímulo sonoro. Investigou-se também se a intensidade do US é importante no fenômeno do bloqueio. Trinta e duas ratas foram divididas em dois grupos. O primeiro grupo (N=16) foi submetido a um condicionamento contextual aversivo durante 31 sessões. Cada sessão consistiu na apresentação de 3 choques. Animais submetidos ao condicionamento contextual foram subdivididos em 4 subgrupos (N=4) com relação à intensidade do choque (0,0; 0,3; 0,4 e 1,0 mA). O segundo grupo (N=16) foi apenas manuseado durante esse período. Ao final dessa fase, todos os animais foram submetidos, nesse mesmo contexto, a um condicionamento sonoro, que consistiu em uma única sessão contendo 6 pareamentos entre som e choque. A intensidade do choque, para os animais submetidos ao condicionamento contextual, foi exatamente a mesma durante o condicionamento sonoro. Animais que foram apenas manuseados durante a primeira fase foram subdivididos de acordo com as quatro intensidades de choque (N=4). Após o condicionamento sonoro, todos os animais foram colocadas em um novo contexto onde o estímulo sonoro foi apresentado por 6 minutos. Condicionamento ao som foi medido através do registro da resposta de congelamento. Observou-se que animais submetidos à intensidade de 0,0 mA não apresentaram qualquer forma de condicionamento. A ausência de condicionamento sonoro também ocorreu nos grupos 0,3 mA e 0,4 mA previamente condicionados aos estímulos contextuais. Animais com prévia associação ao contexto e submetidos ao condicionamento sonoro com uma intensidade de 1,0 mA apresentaram resposta condicionada frente ao som, embora esta tenha sido menor em relação aos animais submetidos à mesma forma de condicionamento sonoro mas sem terem sido condicionados aos estímulos contextuais. Assim, estímulos contextuais que adquirem valor associativo tem a capacidade de bloquear a formação de um novo condicionamento. Esse bloqueio parece ser total com pequenas intensidade do US (0,3 e 0,4 mA) e parcial com o aumento da sua intensidade (1,0 mA). (CNPq; FAPERJ)

-oOo-

BIO 1.05

A RESPOSTA DE CONGELAMENTO COMO FUNÇÃO DA INTENSIDADE DO CHOQUE ELÉTRICO. *Christiana Villela, Rodrigo Lins, Sandra Redner, Ligia Alves Pessoa, Tatiana Quitério, Daniel M. Luiz-Vianna e Jesus Landeira-Fernandez.* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O condicionamento clássico aversivo, onde o choque elétrico é utilizado como estímulo incondicionado (US), é possivelmente um dos principais modelos animais utilizados para o estudo experimental do medo e da ansiedade. No entanto, ainda não há consenso sobre qual a resposta condicionada mais apropriada para avaliar a formação desse tipo de condicionamento. Visto que a resposta de congelamento tem sido apontada como um bom indicador do estado de medo entre ratos, esta resposta foi avaliada no presente estudo como indicador da força associativa durante a aquisição e extinção do condicionamento contextual aversivo. O procedimento básico consistiu na apresentação de três choques não sinalizados em um determinado contexto separados por um intervalo entre estímulos de 20 segundos. No primeiro experimento, grupos independentes de ratos Wistar foram submetidos a um condicionamento contextual aversivo utilizando-se choques com intensidades de 0,8 e 1,3 mA. Animais controle não receberam qualquer apresentação do estímulo aversivo (0,0 mA). Através da resposta de congelamento, observou-se que ambas as intensidades produziram a mesma assíntota, embora animais submetidos à menor intensidade tenham adquirido a resposta de congelamento de forma mais lenta. No segundo experimento, choques de 0,0; 0,2; 0,3; 0,6 e 0,8 mA determinaram três grupos de assíntotas diferente. Uma com nível baixo (0,2 mA), outra com nível médio (0,3 mA) e uma terceira com nível alto de condicionamento (0,6 e 0,8 mA). Apesar de possuírem a mesma assíntota, os grupos com intensidade de 0,6 e 0,8 mA apresentaram diferenças durante um procedimento de extinção, sugerindo assim que embora as diferentes intensidades produziram a mesma assíntota, diferenças na força associativa ficaram evidentes durante a extinção da associação. Estes resultados mostram que a resposta de congelamento é sensível à variações do US e por conseguinte a diferentes quantidades de associação adquiridas pelos estímulos contextuais. Estas diferenças podem ser detectadas na velocidade de aquisição, expressão máxima e rapidez de extinção da resposta de congelamento. (CNPq, FAPERJ)

-oOo-

BIO 1.06

A BRINCADEIRA NO HAMSTER DOURADO: CARACTERIZAÇÃO COMPORTAMENTAL E ESPACIAL. *Mauro Luís Vieira, Lucila Groszewicz e Rogério Ferreira Guerra.* Laboratório de Psicologia Experimental, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina (SC).

A facilidade com que se identifica a brincadeira é inversamente proporcional a sua definição. O objetivo da presente pesquisa foi fazer uma análise das características comportamentais e espaciais da brincadeira no hamster dourado. Foram utilizados 22 sujeitos com 25 dias de idade, distribuídos em 11 duplas. Cada uma dessas duplas foi filmada durante 24 horas contínuas. Logo após essas filmagens foram realizadas as edições dos episódios de brincadeira. No total foram editados 275 episódios. Através da análise dos dados, constatou-se que: a) 2/3 dos episódios de brincadeira tiveram duração de até 60 segundos; b) o pico de maior atividade da brincadeira aconteceu entre o entardecer e o início

da noite (das 18: 00 às 21: 00 horas) - com o passar das horas do dia houve um atendimento do número de brincadeiras aumentar gradativamente; c) tanto na frequência como na duração das formas de brincadeira não se constatou dominância neste tipo de interação social; d) após o término da brincadeira, os hamsters ficaram significativamente maior número de vezes próximos um do outro do que distantes ($p < 0, 001$). Os indicadores mencionados nos resultados podem ser úteis na análise comparativa do comportamento de brincadeira entre várias espécies. Uma vez que a brincadeira é um termo bastante amplo, pode-se considerar relevante definir a duração do referido comportamento, quando ele aparece e quais são seus elementos definidores, como por exemplo, a não existência de dominância ou a permanência dos animais um próximo do outro após o término das interações lúdicas (CNPq)

-oOo-

BIO 1.07

A BRINCADEIRA NO HAMSTER DOURADO: EFEITOS DO SEXO DO PARCEIRO. *Mauro Luís Vieira e Teresa Cristina Olímpio*. Laboratório de Psicologia Experimental, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina (SC).

Constata-se que, em diversas espécies, os machos brincam mais do que as fêmeas e que existe uma forte tendência para que os indivíduos do mesmo sexo brinquem mais entre si do que com parceiros de sexo diferente. O presente experimento teve por objetivo verificar os efeitos do sexo do parceiro sobre a brincadeira em hamsters dourados, a fim de confirmar, ou não, essa diferença/preferência. Foram utilizados 32 hamsters dourados (16 machos e 16 fêmeas) com 25 dias de idade. Os animais foram agrupados em oito ninhadas distintas, compostas por quatro indivíduos, sendo dois de cada sexo. Todas as ninhadas foram filmadas durante 20 minutos, por sete dias consecutivos, no período compreendido entre às 18: 00 e 20: 00 horas. Através da reprodução das filmagens, registrou-se o tempo dispendido em contato físico e em brincadeira social entre os parceiros de cada ninhada. Com exceção de uma ninhada, em relação ao contato físico, e de duas em relação a brincadeira, não houve diferença estatisticamente significativa entre os sujeitos. Com base nesses dados, pode-se sugerir que as diferenças sexuais, principalmente em relação a brincadeira, podem aparecer em alguns contextos, mas não em outros. Em ninhadas com indivíduos de mesmo sexo haveria a tendência de os hamsters brincarem mais entre si do que entre ninhadas com indivíduos de sexo diferente, como se comprova através dos dados da literatura. Quando a ninhada é composta, tanto de machos como de fêmeas, a interação entre os indivíduos não favoreceria o aparecimento das diferenças sexuais. Haveria a interferência de um sexo sobre o outro, anulando as diferenças sexuais e, consequentemente, não havendo preferência (CNPq)

-oOo-

BIO 1.08

O CONHECIMENTO DAS EXPRESSÕES FACIAIS DE EMOÇÕES: TAREFAS DE PRODUÇÃO. *Sandro Caramaschi* (Universidade Estadual Paulista/ Bauru), *César Ades, José O. Siqueira e Dalton F. de Andrade* (Universidade de São Paulo/São Paulo)

Os trabalhos relacionados com emoções, e principalmente com sua expressividade, abordam fatores que dizem respeito aos aspectos intrínsecos das próprias emoções bem como das pessoas

que as expressam, julgam, avaliam e respondem a elas adaptativamente, utilizando-se de um cabedal extenso de informações obtidas desde o nascimento e alteradas ao longo da vida por mecanismos de aprendizagem que envolvem experiências, regras sociais, papéis sexuais e treinamento. O presente trabalho é uma tentativa de investigar, de um modo comparativo e abrangente, formas de codificação das expressões faciais das emoções básicas: alegria, medo, surpresa, tristeza, raiva, desprezo e nojo. Participaram 48 sujeitos (24 homens e 24 mulheres), alunos dos cursos de psicologia e jornalismo da Unesp / Bauru, os quais foram submetidos, cada um, a 6 condições experimentais que visavam quantificar desempenhos ligados à produção de expressões faciais: (1) instrução; (2) instrução com aferição externa (espelho); (3) imitação de fotos; (4) imitação com aferição externa; (5) imitação associada a instrução e (6) imitação associada a instrução e aferição externa. As expressões apresentadas pelos sujeitos foram gravadas por uma câmara de videocassete e os acertos quantificados por congelamento de imagem em um aparelho de reprodução de vídeo. Os resultados foram analisados através de uma análise multivariada, o Modelo Linear Geral (GLM), que contemplou integralmente todas as variáveis e todas as mensurações. Os resultados não indicam a existência de diferenças significativas entre gêneros, sugerem que a existência de fatores facilitadores (nome da emoção, espelho e foto) atuam de forma diferencial de acordo com a emoção considerada. Nas emoções de medo, tristeza e raiva; foi detectada diferença significativa entre as condições experimentais, estas expressões são consideradas as mais difíceis dentre as emoções básicas, do ponto de vista da sua produção, isso provavelmente explica a melhoria de desempenho nestas emoções com informações suplementares. Nas emoções de alegria, nojo e surpresa parece ter havido um efeito de teto de escala, estas emoções são produzidas de maneira tão eficiente que o acréscimo de uma foto ou espelho não proporciona aumento no desempenho. Tais resultados sugerem uma manifestação diferenciada de cada emoção de acordo com a dificuldade de produção voluntária dos sinais faciais a ela associados. (CA-PES)

-oOo-

BIO 1.09

O CONHECIMENTO DAS EXPRESSÕES FACIAIS DE EMOÇÕES: TAREFAS DE JULGAMENTO, RECONHECIMENTO E DESCRIÇÃO. *Sandro Caramaschi* (Universidade Estadual Paulista/ Bauru), *César Ades, José O. Siqueira e Dalton F. de Andrade* (Universidade de São Paulo/São Paulo)

A face humana pode apresentar um número considerável de modificações físicas que codificam mensagens percebidas e analisadas tanto pelo próprio emissor como pelo receptor nas interações sociais. Os especialistas em comunicação não verbal atribuem uma importância muito grande às expressões faciais, dada sua relevância no contexto geral da comunicação humana. O presente trabalho parte de afirmações feitas por estudiosos de que as capacidades não verbais são eminentemente inconscientes e que as pessoas têm enorme dificuldade em falar sobre as expressões faciais de emoções. Trata-se de uma tentativa de abordar, de um modo comparativo e abrangente, formas de conhecimento da expressão facial das emoções básicas: alegria, medo, surpresa, tristeza, raiva, desprezo e nojo. Duzentos participantes (100 homens e 100 mulheres), alunos dos cursos de psicologia e jornalismo da Unesp / Bauru, foram submetidos cada um a 3 tarefas que visavam quantificar desempenhos diferentes ligados à expressão facial:

(1) julgamento de fotografias de faces apresentando as emoções; (2) reconhecimento de descrições anatômicas das emoções apresentadas por escrito; (3) descrição anatômica das expressões faciais. Os ganhos teóricos e metodológicos coligidos neste trabalho foram substanciais uma vez que esta seja, que saibamos, a primeira tentativa de se tomar estas tarefas todas. Os dados foram analisados através de uma abordagem multivariada, o Modelo Linear Geral (GLM), que contemplou integradamente todas as variáveis e todas as mensurações. Os resultados de uma análise global das três tarefas demonstraram uma diferença significativa entre as tarefas, com julgamento apresentando as maiores médias (84, 29%), reconhecimento em um nível intermediário (52, 57%) e descrição como a atividade menos acertada (20, 49%). Foram

encontradas interações entre fatores nas emoções de medo ($F_{2,197}=3,099$; $p=0,047$) e nojo ($F_{2,197}=6,467$; $p=0,002$); foram detectadas diferenças significativas entre as tarefas nas emoções de alegria, tristeza, raiva e desprezo; foram registradas diferenças significativas entre o sexo masculino e feminino exclusivamente na emoção desprezo ($F_{1,198}=4,219$; $p=0,041$). Tais resultados sugerem que as habilidades subjacentes às diversas tarefas não são totalmente integradas, tendo ao contrário características que sugerem modularidade, desta forma dificilmente poderemos falar sobre habilidades genéricas no que se refere a expressões faciais, mas sim, de uma manifestação de cada emoção, em que se integram e são levados em consideração todos os seus elementos constituintes. (CAPES)

PSICOLOGIA CLÍNICA

CLIN 1.01

TRATAMENTO DO COMPORTAMENTO AGRESSIVO EM UMA CRIANÇA: UM ESTUDO DE CASO. *Cristiane Scolari Gosch e Luc Marcel Adhemar Vandenberghe.* Departamento de Psicologia, Universidade Católica de Goiás.

Vários estudos mostram que o comportamento agressivo ou desafiador é mantido por contingências no ambiente natural da criança. Outros mostram que mudando as contingências através do comportamento dos pais, o comportamento da criança muda. O objetivo deste estudo foi eliminar, no ambiente natural, o comportamento desafiador que uma criança apresentava quando era submetida a exigências ou pedidos. Os familiares e a professora tiveram função de co-terapeutas. Os comportamentos problemáticos no ambiente familiar consistiam em chutar, chorar, jogar objetos e xingar. Na escola consistiam em: não seguir instruções, provocar os colegas. O cliente foi uma criança do sexo masculino, com 9 anos de idade. Usava medicamentos há um ano, mas não foi diagnosticado nenhum problema neurológico. A criança repetiu a segunda série em uma escola estadual, pois foi expulso por mau comportamento no ano anterior. Foram desenvolvidos procedimentos de modelagem nos quais: comportamentos desejáveis foram reforçados e comportamentos indesejáveis extintos. A mãe e a professora foram instruídas para administrar as contingências. Os resultados da linha de base realizada durante 5 dias indicam que o comportamento desafiador no ambiente familiar ocorria em média 1 vez por hora. Os resultados no ambiente escolar que foram coletados durante 1 dia no período de 2 horas, demonstram que das 17 atividades propostas pela professora neste período o sujeito participou de 6 e somente após a professora insistir. Neste período a criança provocou seus colegas, em média, uma vez a cada 2 minutos e 36 segundos. As observações após a intervenção mostram que o comportamento agressivo no lar foi diminuindo gradualmente até desaparecer e não voltou durante um período de observação de 2 meses. A criança também veio a participar de todas as tarefas propostas pela professora na sala de aula sem que ela precisasse insistir e o comportamento de provocar os colegas ocorreu, em média, uma vez a cada 40 minutos nas duas últimas observações. Após o objetivo ser alcançado o comportamento interpessoal da criança melhorou consideravelmente, resultando em avaliações positivas da família e da escola e uma mudança marcante nas atitudes dos outros em relação a ele. Concluindo-se assim, que os dados apoiam a idéia de que uma reestruturação das contingências sociais afetam dramaticamente um problema grave que resistiu a vários tipos de intervenções disciplinares e médicas.

-oOo-

CLIN 1.02

CONDIÇÕES DE RISCO SIGNIFICATIVAMENTE ASSOCIADAS A PROBLEMAS PSICOLÓGICOS NA INFÂNCIA. *Sônia Santa Vitaliano Graminha e Maria Angélica de Oliveira Martins.* Universidade de São Paulo.

A literatura aponta diversas condições pessoais e ambientais adversas que podem ter impacto sobre o desenvolvimento infantil, acarretando, direta ou indiretamente, a manifestação de problemas psicológicos diversos. No entanto, determinadas condições adversas podem estar associadas com maior frequência à manifestação de problemas psicossociais específicos, como é o caso, por exemplo, da associação amplamente documentada na literatura, entre o comportamento agressivo dos pais e o comporta-

mento agressivo dos filhos. Com o objetivo de investigar possíveis associações entre uma ampla variedade de problemas emocionais/comportamentais manifestos por crianças encaminhadas para atendimento psicológico e uma extensa variedade de condições específicas de risco a que estas crianças são expostas no decorrer de suas vidas, foi desenvolvido o presente trabalho. A partir do relato dos pais de 128 crianças, obtido por ocasião de uma entrevista realizada pelo setor de inscrição e triagem infantil de um serviço de psicologia, foram identificadas 29 categorias de problemas específicos que motivaram o encaminhamento das crianças para atendimento psicológico, bem como 34 categorias de eventos e condições potencialmente adversas presentes na história de vida. Para análise dos dados, calculou-se a correlação de Pearson entre as 34 categorias de risco e 29 categorias de problemas psicológicos. Os resultados indicaram que a maioria dos problemas estudados foram significativamente correlacionados com determinadas condições de risco. Dentre as associações significativas encontradas, ressalta-se a título de exemplo: a) a *agressividade da criança* foi positivamente associada com a agressividade dos pais, com a condição de solteira da mãe durante a gestação, com dificuldade financeira da família e com a presença de problema de saúde da mãe durante a gravidez; b) o *medo da criança* apresentou correlação positiva e significativa com as seguintes variáveis de risco: conflitos conjugais entre os pais, morte de pessoas da família e manifestação pela criança de uma sintomatologia precoce (quando bebês apresentavam características de "criança infantil" e/ou comportamentos estranhos); c) *fobia escolar* foi positivamente associada com greve escolar, inadequação do professor e mudança de professor, de classe ou escola. Os resultados possibilitam uma maior compreensão acerca das condições-chaves de risco associadas a problemas psicológicos específicos e têm implicações para o estabelecimento de programas de intervenção que envolvam a criança e pessoas do ambiente, especialmente do contexto familiar e escolar. (CNPq)

-oOo-

CLIN 1.03

CONTROLE PERCEBIDO COMO PREDITOR DE BEM-ESTAR SUBJETIVO INFANTIL. *Claudia Hofheinz Giacomoni, Claudia Simon Hutz, Carolina Gasperin, Cibele Petry Cesca, Fernanda Martins Marques, Heloisa Kanter Rössler, Jane Fischer Barros, Lizia Pacheco Porciuncula, Suzana Feldens Schwertmer.* Instituto de Psicologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Controle Percebido é um preditor robusto do comportamento das pessoas, da emoção, motivação, desempenho e fracasso em vários domínios da vida. O controle percebido está centrado em quatro construtos: locus de controle, atribuições causais, desamparo aprendido e auto-eficácia. O bem-estar subjetivo foca o como as pessoas avaliam suas vidas, mais especificamente, este construto diz respeito a como e por quê as pessoas experienciam suas vidas positivamente. Ele é composto pelo julgamento cognitivo e pelo afeto positivo e negativo. O presente estudo objetivou investigar a relação entre o controle percebido e o bem-estar subjetivo em crianças de idade escolar. Participaram deste estudo 154 crianças (79 do sexo masculino e 75 do sexo feminino) entre oito e doze anos que frequentavam a terceira série de seis escolas estaduais em Porto Alegre. Utilizou-se a escala de controle percebido: CAMI (Control, Agency, Means-ends Interview) elaborada por Skinner, Chapman e Baltés. Ela é composta de oitenta itens pontuados através de uma escala de tipo Likert. Os componentes do sistema de crenças avaliados através da escala são: crenças de controle, crenças meios-fins (causa-consequência) e crenças de capacida-

de como esforço, atribuição, poder dos outros, sorte e causas desconhecidas, levando em conta eventos positivos e negativos. O instrumento utilizado para avaliar bem-estar subjetivo infantil foi a Escala de Satisfação de Vida de Estudantes de Huebner. A Escala de Satisfação de Vida de Estudantes mede a satisfação global de vida através de itens que fazem com que a criança avalie a sua qualidade de vida geral. Esta escala é composta por sete itens respondidos através de uma escala de quatro pontos. Encontrou-se correlações positivas entre as subescalas que avaliam os sistemas de crenças de controle e de crenças meios-fins ($r=.17$ a $r=.34$) com satisfação de vida, corroborando os achados na literatura. (CAPES).

-oOo-

CLIN 1.04

PROMOÇÃO DA QUALIDADE E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA. *Débora Cristina Piotto, Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, Ana Cecília Chaguri, Ana Maria Mello, Ana Paula Silva, Caroline Eltink, Cláudia Yazzle, Isabel Cristina Carniel, Geórgia De Sordi, Luciane Baldin, Marilú Frederick, Regiane Moraes, Viviane Besani.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

A promoção da qualidade na Educação Infantil, ao lado da formação profissional de educadores, têm sido um dos principais temas de discussão nesta área. A melhoria no atendimento oferecido a crianças de 0 a 6 anos pode-se dar através de aspectos legislativos, de fiscalização e de avaliação. Embora práticas avaliativas têm emergido, em diversos países, cada vez mais como uma das formas de se promover tal melhoria, no Brasil este tipo de conduta é muito rara, inexistindo instrumentos de avaliação adequados. Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é relatar uma experiência realizada em Ribeirão Preto com o instrumento australiano "Putting Children First - Quality Improvement and Accreditation System". Ele é composto por 52 princípios, que definem cada qual um aspecto particular de atendimento (como, por exemplo, a maneira como os educadores interagem com as crianças) e permitem caracterizar um serviço nos níveis satisfatório, básico, boa qualidade e alta qualidade. Foi feita uma aplicação abreviada do instrumento utilizando seus 20 princípios fundamentais, em quatro creches diferentes: universitária, municipal, filantrópica e particular. Estes princípios foram respondidos por grupos de educadoras e coordenadora de cada instituição, totalizando 20 participantes. A aplicação contou com duas a três visitas, durando de 5 a 6 horas, consistindo na leitura e discussão dos 20 princípios, sendo seguida da avaliação de cada princípio baseada nos níveis citados. As respostas foram somadas e calculou-se, para cada creche, a frequência relativa de cada nível de qualidade para cada um dos princípios. No geral, o nível obtido pelas creches situou-se entre Alta e Boa Qualidade, com exceção da creche Particular que se classificou no Básico. A creche que mais se atribuiu nível Alta Qualidade foi a Municipal, seguida da Universitária. Verificou-se que as principais divergências ocorreram em questões sobre o relacionamento com os pais e sobre a produção de materiais escritos pela creche. O alto nível de qualidade que as creches se atribuíram revela a diferença entre uma avaliação inserida em um sistema de promoção de qualidade e financiamento, como é o caso da Austrália, e um procedimento avaliativo onde tais práticas são raras, como no Brasil. A experiência apontou as contribuições que um sistema avaliativo pode trazer para a melhoria da qualidade das creches, e a urgência de procedimentos neste âmbito para que a Educação Coletiva Infan-

til consolide-se como um contexto educacional adequado de desenvolvimento da criança pequena. (Apoio CNPq e FAPESP)

-oOo-

CLIN 1.05

UMA APROXIMAÇÃO AO MUNDO MENTAL DE MÃES DE ADOLESCENTES COM PROBLEMAS. *Fabiana Meire Magalhães de Paula e Manoel Antônio dos Santos.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

Atualmente, diversos trabalhos de investigação têm reiterado a necessidade de se levar em consideração o papel desempenhado pela dinâmica familiar no desenvolvimento de estratégias de intervenção psicoterápica mais adequadas para a abordagem de pacientes adolescentes. Considerando-se a importância da sistematização desse tipo de informação, este estudo tem como propósito relatar os resultados obtidos a partir de uma investigação clínica realizada com famílias de adolescentes com queixas de problemas psicológicos. Foram entrevistadas oito mães de adolescentes, com idades variando entre 39 e 52 anos, com diferentes níveis de escolaridade, oriundas de bairros periféricos da cidade de Ribeirão Preto. A metodologia utilizada consiste em estudos de casos, a partir da obtenção de histórias de vida, coletadas através de entrevistas (de três a cinco sessões, cada uma com duração de duas horas). Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturado, aplicado individualmente, em situação de entrevista face-a-face, tendo sido todas as sessões gravadas em áudio e posteriormente transcritas na íntegra. Posteriormente, os extensos relatos colhidos foram organizados em torno de conteúdos temáticos amplos, tais como: história da família de origem, caracterização do período da infância/adolescência da mãe e de sua iniciação sexual, histórico do desenvolvimento afetivo-sexual (namoro, casamento e constituição da nova família), além da percepção da problemática do filho trazido para tratamento (paciente-designado). A análise dos dados foi realizada de forma independente por dois juízes e compreendeu um levantamento preliminar das unidades de significado que emergiram do material coligido, seguido de um trabalho de categorização. A partir dos depoimentos coletados, foi possível identificar que os relacionamentos vividos na infância e adolescência foram sentidos como insatisfatórios, sendo os pais introjetados como figuras emocionalmente frias e distantes. Todas as entrevistadas viveram a menarca e se iniciaram na vida sexual sem nenhum tipo de preparo psicológico prévio, o que acarretou vivências traumáticas, cujos reflexos ainda podem ser sentidos no nível do relacionamento íntimo estabelecido na idade adulta, com prejuízos para a relação conjugal. Assim, não surpreende que essas mães apresentem dificuldades atuais na expressão e integração de vivências afetivas e emocionais. Essa problemática parece se intensificar quando está em jogo a área da sexualidade, à medida que ficam patentes os efeitos de uma educação repressora e coercitiva, levando a vivências infiltradas de culpa, relacionadas à repressão dos desejos. Frente à ansiedade suscitada, recorrem a uma visão estereotipada do mundo, com uma adesão cega a determinadas crenças, mitos e tabus, que as impedem, inclusive, de auxiliar os filhos adolescentes em sua árdua tarefa de elaboração da identidade sexual. Concluindo, a compreensão psicodinâmica dos vínculos familiares, em particular o nível de desenvolvimento e maturidade emocional das mães, parece ser essencial no entendimento de algumas das dificuldades psicológicas que acometem o adolescente, contribuindo para uma melhor elucidação diagnóstica de sua problemática

CLIN 1.06

ADERÊNCIA AO ATENDIMENTO PSICOTERÁPICO: UM ESTUDO RETROSPECTIVO COM PACIENTES ADOLESCENTES. *Manoel Antônio dos Santos e Paola Alejandra Salinas Martínez Estevão*, Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

Estudos recentes mostram a necessidade de avaliar a efetividade do atendimento proporcionado em Serviços de Saúde Mental à clientela adolescente, considerando-se a instabilidade e imaturidade características dessa etapa do desenvolvimento, e a possível influência desses fatores sobre o atendimento. Uma questão a ser esclarecida é se o adolescente adere ao tratamento indicado. Nesse sentido, o propósito deste trabalho é investigar a aderência de clientes adolescentes aos programas de atendimento oferecidos em uma clínica-escola de Psicologia. Para tanto, foi realizado um estudo retrospectivo, abrangendo a totalidade dos casos atendidos no ano de 1996, que apresentaram como motivo de consulta principal dificuldades emocionais. Participaram 24 adolescentes, de ambos os sexos, com idade média de 14,7 anos. Os dados foram coletados a partir de um levantamento documentário dos prontuários da Clínica Psicológica da FFCLRP-USP. Os dados foram avaliados por dois juízes e, posteriormente sistematizados em categorias, que foram distribuídas em tabelas de frequência, possibilitando, uma caracterização do perfil da clientela em termos de: (1) variáveis relativas à história de vida e ao desenvolvimento psicológico, confrontadas com algumas (2) variáveis relativas ao atendimento psicológico. Primeiramente, foram investigados dados sócio-demográficos, antecedentes patológicos, exposição a fatores de risco e identificação de estressores psicossociais presentes no ambiente familiar e social. Com relação às variáveis do atendimento, avaliou-se: tipo de procura, condições de alta, *queixas*, faltas, etc. Verificou-se que a maioria dos clientes se encontra em um nível sócio-cultural médio, com renda familiar inferior a 10 salários mínimos, não exercem atividades profissionais, sendo oriundos de famílias estruturadas, com cinco membros em média. Em termos da posição ocupada na fratria, a amostra subdividiu-se entre primogênitos, predominantemente, e caçulas. As referências à exposição a fatores estressores são expressivas, ao contrário do que ocorre com a incidência de fatores de risco (adição a drogas, alcoolismo, risco de suicídio, etc.), que não se mostrou significativa. Em relação ao atendimento, observou-se alto índice de absenteísmo, desistências e abandono (número médio de sessões igual a 12). Esse dado permite questionar a efetividade das estratégias clínicas que têm sido propostas pela instituição para o atendimento das necessidades reais dessa população. Por outro lado, a reduzida frequência de engajamento em comportamentos de risco e a ausência de morbidade psíquica anterior referida indicam que a amostra investigada constitui-se de clientes *preservados* quanto às suas funções psíquicas, sendo acometidos basicamente por reações de ajustamento, sugerindo bom prognóstico. Assim, pode-se levantar a hipótese de que a interrupção precoce observada pode estar mais relacionada à obtenção de um certo alívio parcial dos sintomas, que juntamente com a busca de soluções imediatas para os problemas, caracterizam essa faixa etária.

-oOo-

CLIN 1.07

“DESEJO PELA PATERNIDADE”: ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A INTENÇÃO DE TER FILHOS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Adriana Leônidas de Oliveira, Cristiana Mercadante Esper Berthoud, Luciana Santos de Souza Lima*. Universidade de Taubaté.

A presente pesquisa foi desenvolvida no “Núcleo de Pesquisa sobre a Família” do Departamento de Psicologia, e teve como objetivo realizar um estudo exploratório sobre a intenção de ter filhos entre estudantes universitários. Participaram como sujeitos 1300 estudantes universitários das áreas de Humanas, Exatas e Biociências da Universidade de Taubaté, escolhidos aleatoriamente, perfazendo um total de 10% do corpo discente. O único critério para a inclusão na amostra foi o fator “não ter filhos”, e a mesma foi composta de indivíduos de ambos os sexos, independente de idade ou estado civil, que se dispuseram a participar. O instrumento utilizado foi um questionário com perguntas que investigaram a intenção de ter ou não filhos (pergunta fechada, dicotômica), assim como as razões que determinavam tal escolha (pergunta aberta, reflexiva). Os resultados gerais encontrados foram: 88% dos pesquisados pretendem ter filhos, contra 12% que afirmam não terem a intenção de se tornar pais. Analisando-se as razões apontadas para as escolhas, foram construídas 8 diferentes categorias de respostas: razões narcisísticas, de criação, de atitude com relação a criança, de relacionamento, intrínsecas, familiares, religiosas e sociais. Os dados revelaram uma forte tendência às razões familiares (desejo de construir e preservar os valores familiares) e razões narcisísticas (preocupação consigo mesmo) para o grupo que pretende ter filhos. Já para o grupo de sujeitos que não pretende ter filhos, a maior incidência foi para as razões narcisísticas e sociais (preocupação com o contexto de mudança social e/ou condição financeira). Diferenças significativas também foram encontradas comparando-se sub-grupos de sujeitos em relação à sexo, idade, curso que frequenta e estado civil. De modo geral, pode-se concluir que os jovens, pelo menos nesta fase da vida, assumem o “desejo” pela paternidade muito mais em função de valores sociais introjetados, não conotando uma noção muito realista das implicações da paternidade em si. Finalizando, as autoras discutem a importância dos dados para uma melhor compreensão da dinâmica familiar, especialmente no que se refere à organização da função parental.

-oOo-

CLIN 1.08

A QUEIXA DOS PAIS E O FOCO EM PSICOTERAPIA BREVE INFANTIL *Ana Maria Baricca, Débora de P. M. Gamella, Maria das Graças de A. Catarino, Maria José T. Minoti, Sandra de F. F. da Silva Sousa e Tereza I. H. Mito*. Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve.

A oferta de trabalhos mais breves com resultados mais imediatos vem ao encontro das necessidades atuais também no campo das psicoterapias infantis. A psicoterapia breve infantil (PBI) tem sido referida como um processo que traz resultados satisfatórios quando os pais participam ativamente do processo já que muitas vezes, a criança é trazida ao psicólogo com queixas que estão relacionadas mais às dificuldades dos próprios pais. Este trabalho busca uma reflexão sobre a relação da queixa trazida e o foco em PBI. Segundo a contribuição da escola de Genegra (Cramer, 1974) e utilizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve, o foco é entendido como a “área de mutualidade psíquica”, uma área que pertence tanto aos pais quanto à criança. Para tanto, foram atendidas 6 crianças e seus pais, entre os quais selecionamos um caso para análise mais minuciosa. Todas as sessões foram gravadas e transcritas com autorização dos pais e da criança. A análise do processo foi feita com ênfase na participação dos pais e na compreensão da dinâmica do seu funcionamento psíquico. A compreensão da dinâmica dos pais mostra que o sintoma

ma da criança pode ser entendido como a reativação das dificuldades dos pais conforme já referidos em estudos anteriores (Mito, 1996; Cramer, 1997). Além disso, a análise da queixa inicial parece ser também utilizada como um meio indireto dos pais ou da mãe obter ajuda para si. Estes dados reforçam não só a necessidade da participação dos pais no processo como também, a continuidade de novos estudos nessa área

-oOo-

CLIN 1.09

INTERVENÇÕES BREVES: UM MODELO DE ATENDIMENTO EM UMA CLÍNICA ESCOLA. *Maria Regina Brecht, Bartira Marques Curto e Wagner Silva Ribeiro.* Universidade São Marcos.

O processo de Intervenções Breves (I. B.) pode ser considerado a principal via de acesso ao serviço oferecido pela Clínica-Escola de Psicologia da Universidade São Marcos. Grosso modo, poderia ser definido como um serviço de triagem, não fosse a proposta de já iniciar o processo de intervenção desde o momento de entrada na instituição. Sua clientela são crianças que apresentam a suspeita de uma problemática psicológica. O trabalho se inicia com uma ou mais entrevistas com os pais ou responsáveis e, a partir daí, é definida a especificidade do trabalho a ser adotado: o número de entrevistas, instrumentos utilizados e membros da família atendidos serão definidos de acordo com as necessidades de cada caso. Essa proposta parte do pressuposto de que a criança não deve ser vista, imediatamente, como problemática em si mesma, mas como possível porta-voz de conflitos ou distúrbios da família, ou de algum de seus membros. Isso obriga a um entendimento mais amplo da história familiar, que permita identificar o foco central do desequilíbrio apresentado. A partir da identificação desse foco, são estabelecidas estratégias de intervenção com a família, a criança, ou com ambas. O objetivo deste estudo é apresentar o modelo de Intervenções Breves, a partir de um caso clínico. Neste caso, foram atendidas uma criança de quatro anos de idade e sua mãe, de 23 anos, em 10 sessões. Nas entrevistas iniciais, foi possível constatar que as dificuldades atribuídas à criança eram, basicamente, um reflexo da dificuldade da mãe em lidar com suas próprias angústias. Com base nessa constatação, adotou-se como estratégia atender sistematicamente a mãe, ora sozinha, ora com a criança. O acolhimento dado à mãe permitiu o estabelecimento de um vínculo terapêutico satisfatório com a mesma, a partir do qual foi possível aprofundar o entendimento da dinâmica familiar e apontar as reais necessidades de cada membro da família implicado no atendimento. Isso permitiu que a mãe discriminasse melhor suas reais dificuldades e as do filho, disponibilizando-se a buscar a ajuda de que ambos realmente necessitavam. O caso mostra que este modelo de atendimento funciona como um facilitador da percepção dos pais a respeito da problemática familiar. Observa-se, também, que a partir dessa percepção, é freqüente que estes busquem recursos adequados para lidar com a dificuldade apresentada.

-oOo-

CLIN 1.10

INTERVENÇÕES BREVES: REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA NA CLÍNICA PSICOLÓGICA SÃO MARCOS. *Elder Gislene Polizeli, Sandra de Almeida Faria e Tereza I. H. Mito.* Universidade São Marcos.

Há quase duas décadas a Clínica Psicológica da Universidade São Marcos vem se empenhando em oferecer um trabalho ajusta-

do às necessidades da população. Esta preocupação trouxe modificações na estrutura de estágio, criando com a fusão das áreas de triagem e psicodiagnóstico infantil, a área de Intervenções Breves. Desde 1. 994 o núcleo de Intervenções Breves desta clínica-escola funciona como "porta de entrada" (Ancona-Lopez, S., 1. 996) da clientela infantil efetuando um atendimento breve imediato tanto aos pais quanto às crianças. Este estudo pretende refletir sobre o procedimento adotado bem como os limites e alcance deste processo. Baseando-se nos atendimentos realizados pelas estagiárias (*) do nono semestre, foram selecionados três casos sendo eles de crianças do sexo masculino, com idade entre 6 e 9 anos, para uma análise mais detalhada do procedimento. Cada caso foi atendido por cinco sessões em média, tendo sido utilizadas entrevistas individuais com os pais e /ou responsáveis com a finalidade de acolher o pedido, entender a queixa e fazer as intervenções necessárias. Com as crianças foram realizadas observações lúdicas também individuais e eventualmente algum teste projetivo (C. A. T.) para uma melhor compreensão da queixa e uma intervenção mais adequada junto aos pais. A análise foi centrada sobre as entrevistas com os pais e a evolução do processo à partir das intervenções efetuadas e do que foi relatado tanto pelos pais quanto pelas crianças. Apesar de procedimentos distintos para cada caso, observou-se a constância de alguns pontos: a melhora da criança em função da mobilização dos pais evitando o encaminhamento para Psicoterapia Infantil, o atendimento a uma demanda também dos pais que trazem os filhos como meio de obter ajuda para si e a possibilidade de um encaminhamento assistido. O trabalho desenvolvido em intervenções breves tem se mostrado eficaz no atendimento institucional uma vez que é possível abarcar a demanda em termos numéricos, sem que contudo venha comprometer a qualidade dos atendimentos dispensados a cada um dos clientes. Estas observações permitiram concluir pela necessidade e importância de novos estudos na área contribuindo para a qualidade da formação profissional e do aprimoramento do trabalho oferecido.

-oOo-

CLIN 1.11

SEPARAÇÃO CONJUGAL: INTERVENÇÃO EM GRUPO SOBRE OS COMPORTAMENTOS DE PAIS E FILHOS. *Carmen Garcia de Almeida Moraes, Ednéia Aparecida Peres, Fabiana Costa Oliveira, Giovana Cláudia de Souza, Maria Angélica Martelo, Silvia Cristiane Murari, Edwiges Ferreira Mattos Silveiras,* Universidade Estadual de Londrina.

Estudos realizados têm mostrado que a separação conjugal exerce influência negativa sobre os comportamentos de pais e filhos. A presente pesquisa consistiu na formação de um grupo de apoio para facilitar-lhes o ajustamento a essa fase crítica. Participaram dos atendimentos 3 pais (um pai e duas mães) e quatro crianças (um menino e três meninas), na faixa etária compreendida entre 33 a 40 anos e sete a doze anos, respectivamente. Estes sujeitos foram recrutados através de meios de comunicação de massa e avaliados inicialmente e ao término do trabalho por instrumentos de identificação de comportamentos-problema (CBCL e WALKER) e investigações de auto-conceito, com o objetivo de verificação da efetividade das intervenções. O trabalho foi realizado na Clínica Psicológica da UEL e consistiu de 24 encontros, sendo 8 com os pais, 8 com os filhos e 8 conjuntos, com duração de 1 hora e 30 minutos cada. Nos encontros com as crianças foram utilizadas estratégias lúdicas de desenho, pintura, técnicas de relaxamento, resolução de problemas, expressividade emocional,

dentre outras. Com os pais, foram fornecidas orientações sobre estabelecimento de limites e disciplina em relação aos filhos, bem como suas dificuldades nos relacionamentos afetivos. Nos encontros conjuntos foram empregadas atividades de desenho, pintura, relacionamento entre pais e filhos, expressividade emocional, com a finalidade de proporcionar o auto-conhecimento e o conhecimento do outro, além da resolução de questões referentes à separação. A avaliação do repertório dos filhos revelou comportamentos de: ansiedade, isolamento, depressão, delinquência, agressividade, impulsividade, queixas somáticas, dificuldades de expressividade emocional, esquiva e sentimentos ambivalentes quanto à separação e dificuldades de relacionamento interpessoal. Com relação aos pais, observou-se a utilização de comportamentos punitivos para a instalação de comportamentos adequados, dificuldades de relacionamento com o ex-cônjuge, no estabelecimento de limites e na expressividade emocional. Pelos resultados obtidos pudemos constatar que filhos e pais apresentaram melhoras no que se refere aos comportamentos-problema inicialmente detectados, principalmente no relacionamento entre eles, passaram a estabelecer interações mais positivas, através da expressão de emoções e sentimentos, tornando assim mais efetiva a comunicação.

-oOo-

CLIN 1.12

AValiação e INTERVENÇÃO GRUPAL JUNTO A PESSOAS COM DIFICULDADES DE RELACIONAMENTO AFETIVO-SEXUAIS. *Carmen Garcia de Almeida Moraes; Érika Patrícia Scandalo Baleeiro; Gislaine Aparecida de Andrade; Marcos Roberto Garcia.* Universidade Estadual de Londrina.

A procura de ajuda profissional por um grande número de pessoas com dificuldades de relacionamento afetivo-sexual e as consequências psicossociais por elas experimentadas, levou à formação de grupos de apoio, com o objetivo de avaliar as dificuldades apresentadas, analisá-las funcionalmente, bem como verificar a eficácia de estratégias de intervenção. O recrutamento foi realizado através de meios de comunicação. Dos 22 sujeitos triados, foram selecionados 5, com idades variando entre 23 e 39 anos. Os 16 encontros semanais e 3 "follow-up", com duração aproximada de uma hora e trinta minutos cada, foram realizados na Clínica Psicológica da U. E. L., utilizando-se de instrumentos de avaliação das dificuldades apresentadas inicialmente, tais como: insegurança, baixa auto-estima e dificuldades de expressividade emocional. Nos encontros grupais utilizou-se de técnicas de dinâmica de grupo, fantasias e relaxamento, levando-os a discriminar funcionalmente seus comportamentos, propiciando a adaptação a novas situações, crescimento psicológico individual, auto-aceitação e desenvolvimento de habilidades de relacionamento interpessoal. ao final da coleta e dados, através de instrumentos de avaliação e dos auto-relatos, pôde-se detectar que os participantes beneficiaram-se do trabalho realizado, apresentando modificações comportamentais em relação ao auto-conhecimento e auto-estima, auto-estima, contribuindo para o seu ajustamento afetivo. No que se refere às dificuldades de expressividade emocional inicialmente apresentadas pudemos perceber que os participantes tornaram-se mais assertivos na medida em que passaram a expressar sentimentos e emoções na relação terapêutica, ou seja, passaram a emitir CRBs 2. O período de intervenção (quatro meses), parece ter sido insuficiente para a generalização dos CRBs 2 apresentados durante as intervenções e para abordarmos as dificuldades relativas à sexualidade, bem como para propiciarmos

condições aos participantes de efetuarem análises funcionais (emissão de CRBs 3) dos relacionamentos interpessoais. É possível que as dificuldades relativas à sexualidade não tenham sido trabalhadas também por uma limitação no repertório dos estagiários. Este é um aspecto que merece ser considerado em futuras pesquisas que venham a trabalhar dificuldades desta natureza.

-oOo-

CLIN 1.13

SEXO E QUEIXA: ADEQUAÇÃO DO ATENDIMENTO À DEMANDA EM SERVIÇO AMBULATORIAL. *Maria Leonor Espinosa Enéas, Ana Lúcia Gatti* (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), *Maria de Fátima Schincariol* (Hospital Geral de São Paulo).

A adequação do atendimento psicológico à população que o busca é fator diferencial no tipo de desfecho que promove, daí a importância de estabelecer variáveis envolvidas na relação serviço/clientela. Objetiva traçar um perfil da clientela atendida em serviço ambulatorial de Psicologia em um Hospital Geral da cidade de São Paulo, especificamente no tocante ao tipo de demanda e à maneira como esta tem sido atendida. Considera a população que buscou o serviço no período de 1993 a 1995, utilizando como fonte de dados o livro de registro dos pacientes. Verifica a distribuição de queixas, por sexo e o tipo de desfecho dos atendimentos prestados, considerando conclusão, interrupção, orientação e processos em curso. Define orientação como consulta única de atendimento ou encaminhamento, não sendo solicitado retorno posterior. Em um total de 304 requisições de atendimento no serviço, observa-se 188 provenientes de pessoas do sexo feminino e 116 do sexo masculino. Agrupa as queixas em 18 categorias. Dois juízes avaliam as queixas apresentadas e as categorizam. Verifica um total de 430 queixas, resultando em uma média de 1,41 queixas por pessoa (média feminina= 1,5; média masculina=1,28). No grupo feminino predominam queixas de depressão (19,86%), dificuldades em relacionamento (17,02%), ansiedade (10,99%) e nervosismo (9,93%), enquanto que no grupo masculino são mais frequentes referências a dificuldades de adaptação ao trabalho (14,19%), nervosismo (12,84%), ansiedade (11,49%) e queixas somáticas (10,14%). Problemas com o trabalho, adição, dificuldades sexuais e nervosismo são proporcionalmente mais frequentes para os homens, enquanto que depressão, problemas de relacionamento, queixas vagas e dificuldade para lidar com perdas predominam para o grupo feminino. As mulheres apresentam menor índice de orientação do que os homens, contudo para questões de depressão e dificuldades de relacionamento há um número elevado desta modalidade de desfecho; também desistem, proporcionalmente, mais do que os homens principalmente nas queixas mais referidas. Predomina a orientação nos desfechos para os homens, principalmente quando há queixa de dificuldade de adaptação ao serviço, nervosismo, depressão e questões somáticas. Seus processos são concluídos mais frequentemente quando as queixas referem-se a ansiedade e interrompidos quando voltados para queixas de nervosismo e depressão. Conclui sobre a necessidade de atendimento diferencial em função do sexo, bem como por uma investigação mais acurada quanto ao conteúdo das queixas, que possa orientar mais eficazmente o atendimento da população. (CAPES).

-oOo-

CLIN 1.14

CONFIGURAÇÃO ADAPTATIVA E O NÍVEL DE MATUREZA DOS MECANISMOS DE DEFESA. *Elisa Medici Pizão Yoshida* (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), *Patrice Saint-Amand*, *Valérie Lépine* e *Marc-André Bouchard* (Université de Montréal).

Têm sido destacadas na literatura as iniciativas que visam a avaliação das defesas a partir de material clínico, em especial, entrevistas psicodiagnósticas. Justifica-se o interesse por essas medidas, em função do papel que a natureza e o nível de maturidade das defesas desempenham no processo de mudança dos Ss. Esses princípios inspiraram a presente pesquisa que procurou determinar as relações entre uma medida da configuração adaptativa e o nível de maturidade das defesas utilizadas. A adaptação foi medida através da *Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada* (EDAO) e os mecanismos de defesa (MDs.), através do *Defense Mechanism Rating Scale* (DMRS). 36 entrevistas gravadas em áudio e transcritas, foram avaliadas com a EDAO, pelo primeiro autor. A seguir, este selecionou 20, sendo 10 de Ss. adaptados não eficaz moderados (Gr. III) e 10 de adaptados não eficaz severos (Gr. V), igualmente divididos quanto ao sexo. Dois juízes independentes e cegos para os objetivos da pesquisa, avaliaram este material com a DMRS. Verificou-se como se distribuíam os mecanismos de defesa em função das configurações adaptativas representadas pelos Grs. III e V. Calculou-se a significância das diferenças entre as frequências médias dos MDs., respectivamente, dos Gr. III e V, não se obtendo diferenças significativas ($t=1.52$, $GL=18$, $p>.10$). A diferença foi significativa quando se considerou os índices globais de funcionamento de ambos os grupos. Obteve-se respectivamente, para os Grs. III e V, $M=5.3$ e 4.5 e $t=3.96$ ($p<.001$). Verificou-se igualmente diferenças significativas entre o número médio de defesas maduras ($M=7.0$ e 3.2 e $t=2.97$, $p<.01$) e defesas de ação ($M=.4$ e 2.5 , $t=-4.16$, $p<.001$). Para os demais níveis de defesa (obsessivas, neuróticas, narcísicas, de evitamento, borderlines, de fantasia) os valores de t não foram significativos. Quanto aos níveis de associação entre a EDAO e a DMRS, obteve-se correlação significativa entre: os escores totais de ambas ($r(18) = .71$, $p<.001$); entre a EDAO e as defesas maduras ($r(18) = .50$, $p<.05$); EDAO e defesas obsessivas ($r(18) = .44$, $p<.05$); e EDAO e defesas de ação ($r(18) = -.78$, $p<.001$). Concluiu-se que o Gr. III não se diferencia do Gr. V pelo número de defesas empregadas, mas pelo nível de maturidade das defesas, sendo que o Gr. III utiliza defesas mais maduras do que o Gr. V. Ambos os grupos se diferenciam em relação ao uso de defesas pertencentes aos níveis extremos de maturidade, enquanto que os níveis intermediários não são discriminativos. Existe associação entre o nível global das defesas e o nível de configuração adaptativa. *(FAPESP)

-oOo-

CLIN 1.15

TEMPERAMENTO E PERSONALIDADE: PESQUISAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS, SITUAÇÃO EM 1996. *Raquel S. L. Guzzo*, *Magali R. Serrano*, *Isabel C. Riello*. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

O objetivo deste estudo foi o de identificar a presença de pesquisas sobre temperamento e personalidade em publicações na área da Psicologia durante o ano de 1996. A pesquisa analisou trabalhos publicados em oito revistas científicas, três de âmbito nacio-

nal e cinco internacional, que têm publicado artigos sobre psicologia em geral, ou relacionados à Psicologia Escolar, Avaliação Psicológica e Personalidade. As revistas foram selecionadas pelo critério de maior circulação em meios acadêmicos e cursos de pós-graduação em Psicologia. Foram consultados 43 volumes dos diferentes suportes, incluindo 459 trabalhos de pesquisa publicados de janeiro a dezembro de 1996, através do título e seu resumo. Foram estabelecidas duas categorias temáticas gerais para a inclusão dos trabalhos nos objetivos da pesquisa: temperamento e personalidade. Estas categorias agruparam 19, 17% dos trabalhos consultados, sendo que a categoria Personalidade foi mais frequente com 18, 30% dos trabalhos. Estes dados demonstram a ênfase que tem sido dada ao estudo das diferenças individuais e principalmente, das características de personalidade na atualidade. Uma análise mais acurada das categorias gerais foi realizada identificando nos trabalhos seus principais objetivos, delineamentos mais frequentes, tipo de sujeito estudado, e os principais instrumentos utilizados. (CNPq)

-oOo-

CLIN 1.16

AVALIAÇÃO DA ALIANÇA TERAPÊUTICA DE PACIENTES COM DISTÚRBIOS GRAVES DE PERSONALIDADE. *Joaquim Gonçalves Coelho Filho*, Pontifícia Universidade Católica de Campinas/Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve. *Antonio Carlos Possa*, Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve.

Em face do alto nível de abandono do processo psicoterápico por parte de pacientes com distúrbio grave de personalidade, mesmo diante da perspectiva de curta duração em tratamentos dentro da técnica da psicoterapia breve, examina o grau da aliança terapêutica estabelecido em 22 processos com pacientes adultos ($N=22$), diagnosticados, por 3 juízes, como pertencentes a essa categoria, pelos critérios diagnósticos do DSM-IV (4 do agrupamento A, 10 do agrupamento B, 5 do agrupamento C, 3 do agrupamento D). Para a avaliação da aliança terapêutica, utiliza as 3 primeiras sessões de cada sujeito da amostra, gravadas em áudio, e o consenso de 3 juízes independentes, na aplicação da escala proposta pela 'Menninger Foundation', que considera, em relação ao paciente, as dimensões: colaboração em oferecer material clínico; confiança no terapeuta; senso de ser aceito pelo terapeuta; otimismo quanto aos resultados do processo; e expressão de afeto. Todas as dimensões são avaliadas em 5 níveis, em que num extremo a dimensão está amplamente presente (5 pontos) e no outro, praticamente ausente (1 ponto). Verifica que 13 processos foram interrompidos (59.1%) e 9 concluídos (40.9%). Dos processos interrompidos, apenas dois casos atingiram o total de 15 pontos, quando somados os pontos das 5 dimensões avaliadas, correspondendo à média de 3 pontos em cada dimensão, ficando os demais casos distribuídos entre os totais de 14 e 10 pontos. Já o menor total atingido pelos que concluíram foi o de 14 pontos, entre casos com totais até 20 pontos. Conclui que as dimensões avaliadas permitem antecipar, para os casos de distúrbios graves de personalidade, a tendência a concluir ou interromper o processo, apresentando-se, desta forma, como importantes auxiliares na condução do tratamento, já que permitem ao terapeuta o reposicionamento de estratégias das intervenções terapêuticas.

-oOo-

CLIN 1.17

REPRESENTAÇÃO DE OBJETO E DAS RELAÇÕES OBJETAS: APLICAÇÃO DA ESCALA DE MUTUALIDADE DA AUTONOMIA REVISADA (M.O.A.-R) ÀS RESPOSTAS DO RORSCHACH. *Manoel Antônio dos Santos.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

A Escala M. O. A. -R consiste em um sistema de categorias aplicadas às respostas do Rorschach, fundamentadas na noção de equilíbrio dinâmico entre o indivíduo e o outro quanto ao *dar e receber*, em seus diferentes sistemas de relações (família, amigos, parceiro sexual, etc). Esta escala codifica sete diferentes níveis, situados ao longo de um *continuum* de desenvolvimento da relação de objeto, que compreende desde o *grau mais elevado*, entendido como o estabelecimento de uma relação madura com o outro, que se distingue pela reciprocidade, espontaneidade e cooperação, até o *nível mais arcaico*, no qual não existe barreira entre o Eu e a realidade externa, mas sim uma espécie de *casca*, invólucro narcísico frágil e poroso, que pode se romper facilmente. O presente estudo tem como propósito avaliar a sensibilidade desse instrumento, aplicando-o a um grupo de indivíduos que encontram sérias dificuldades ao nível do ajustamento social. Foram avaliados vinte pacientes esquizofrênicos atendidos no Ambulatório de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da FMRP-USP, nos quais foi aplicado o psicodiagnóstico de Rorschach. O procedimento de sistematização dos dados envolveu uma análise de conteúdo e a categorização das respostas obtidas (315), através da aplicação da Escala. Posteriormente, os dados foram tratados dentro de uma abordagem estatística descritiva, seguida de sua interpretação, a partir dos referenciais interpretativos fornecidos pela literatura para a avaliação da qualidade das representações produzidas em cada prancha do Rorschach. Os resultados indicam que a categoria mais frequentemente encontrada é o Nível "zero", na qual o percepto é interpretado como estando estático (53,3% das respostas fornecidas). Seguem-se as respostas classificadas no Nível Alto (26,3%) e no Nível Baixo (19,0%). Essa prevalência de *ausência* de representação de relação objetal não chega, contudo, a caracterizar uma *incapacidade* para tal, uma vez que as demais respostas indicam potencial para o estabelecimento de relações (ainda que em um nível imaturo e *arcaico*). Esse dado sugere que o não-envolvimento pode ter nesses pacientes um caráter inteiramente defensivo, que traduziria os *ataques aos vínculos* existentes entre os objetos e o mundo relacional. Concluindo, o uso da Escala M. O. A. -R permite caracterizar o grupo estudado como apresentando um funcionamento mental voltado para a destruição sistemática dos vínculos (e, portanto, dos seus representantes a nível psíquico: *as representações de objeto*). Serão discutidas as implicações desses achados do ponto de vista do tratamento. (CAPES/PICD)

-oOo-

CLIN 1.18

O EXAME PSICOLÓGICO NA ESQUIZOFRENIA: AVALIAÇÃO PSICODINÂMICA DAS ALTERAÇÕES COMPORTAMENTAIS E EMOCIONAIS OBSERVADAS CLINICAMENTE. *Manoel Antônio dos Santos.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

A esquizofrenia acarreta uma disrupção na organização dos papéis e das condutas sociais, afetando áreas como o desempenho no trabalho, o contato social e o relacionamento afetivo e sexual. Este estudo tem a finalidade de investigar de que maneira este

comprometimento social severo está associado às representações mentais que o paciente diagnosticado como esquizofrênico elabora acerca do outro (*representações de objeto*) e de si mesmo. Com esse objetivo, foram avaliados os protocolos Rorschach de 20 pacientes adultos, do sexo masculino, com diagnóstico de psicose esquizofrênica, faixa etária entre 21 e 46 anos, e nível de escolaridade predominantemente baixo (75% possuíam apenas o 1.º grau, a maioria incompleto). A maior parte dos pacientes residia com suas famílias de origem (70% eram solteiros) e não estava exercendo qualquer atividade produtiva no momento da avaliação (65%). Esses sujeitos se encontravam em seguimento medicamentoso junto ao Ambulatório de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), onde foi realizada a aplicação do método de Rorschach. A análise dos dados compreendeu a apuração e cotação dos protocolos pelo sistema convencional, seguidas de um levantamento dos aspectos relativos ao *Crivo de Representação de Si*, um sistema padronizado de análise de conteúdos proposto por Rausch de Traubemberg e Sanglade. Os resultados evidenciam uma alta frequência de conteúdos arcaicos eliciados pelas associações no Rorschach, o que pode ser interpretado com referência à prevalência de relações de objeto marcadas por uma oralidade ameaçadora, intrusiva e destrutiva. O investimento maciço nos aspectos relacionados ao contato e à identificação com o outro (*mundo humano*) revela a busca intensa e dramática da própria identidade. Contudo, paradoxalmente, a forma dominante de relação com o objeto implica pouca predisposição ao envolvimento, além da busca de um contato restrito, superficial e neutro com o ambiente. Este contato, despojado de dinamismo e reciprocidade (baixa frequência de cinestésias), resulta em um ajustamento social profundamente comprometido, em seus diferentes níveis de organização: simbólico, dinâmico e formal. Os resultados indicam que as características relativas à organização da personalidade psicótica, inferidas a partir do exame psicológico, permitem evidenciar os psicodinamismos subjacentes às alterações comportamentais e emocionais observadas clinicamente em pacientes esquizofrênicos, contribuindo para subsidiar o planejamento da intervenção terapêutica mais adequada para cada caso. (CAPES/PICD)

-oOo-

CLIN 1.19

O BBT COMO INSTRUMENTO DIAGNÓSTICO EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E PSICOTERAPIA. *Lucy Leal Melo-Silva e Manoel Antônio dos Santos.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

Um dos desafios que o orientador profissional encontra na sua prática consiste em discriminar se a indicação do atendimento é para esta área ou para psicoterapia. Frequentemente, o limiar entre esses dois campos de atendimento psicológico é muito tênue. No Serviço de Orientação Profissional (SOP), da Clínica Psicológica do Centro de Psicologia Aplicada da FFCLRP-USP, um dos instrumentos utilizados como recurso diagnóstico para o atendimento em orientação profissional é o BBT - *Teste de Fotos de Profissões* de Martin Achtnich, um método para a clarificação da inclinação profissional. Uma das etapas do processo de OP desenvolvido no SOP consiste na aplicação do BBT, em sua forma original, seguida da solicitação de uma história sobre as cinco fotos preferidas. Ao término da intervenção, as fotos preferidas são rerepresentadas, com o objetivo de se solicitar uma *segunda versão* da história narrada, agora projetada para o futuro, suge-

rindo-se dentro de dez anos. No presente estudo, pretende-se enfocar este procedimento diagnóstico complementar, a segunda história das fotos preferidas, desenvolvido a partir do procedimento original proposto pelo autor da técnica. O objetivo desta investigação é apresentar, através de uma metodologia de estudo de caso, os resultados obtidos com o emprego da técnica com um adolescente de 17 anos, sexo masculino, que se encontrava cursando a 3.ª série do 2.º grau. Tendo por base um sistema de avaliação elaborado especificamente para esse fim, as duas histórias produzidas foram comparadas de acordo com as seguintes categorias de análise: *identificação dos personagens, capacidade de manejo do conflito profissional, desfecho (solução do conflito), sentimento de identidade e organização defensiva*. Os resultados permitem inferir que, enquanto a primeira narrativa é concluída em tom de desesperança e desamparo, a segunda revela a percepção de alternativas de solução dos conflitos pessoais e profissionais. Com a ansiedade melhor controlada, o orientando demonstra ser capaz de estabelecer um maior contato com a realidade, tanto externa como interna, podendo, então, fazer uso do pensamento e da lógica para decidir os rumos de sua busca relativa à carreira profissional. Comprovou-se, assim, que este adolescente beneficiou-se amplamente da OP, mostrando-se, ao final da mesma, bem mais estruturado do ponto de vista psicológico, para enfrentar um processo psicoterápico no futuro.

-oOo-

CLIN 1.20

A EXPERIÊNCIA SUBJETIVA NA ESQUIZOFRENIA: AVALIAÇÃO SINTOMATOLÓGICA DE PACIENTES CRÔNICOS.
Vera Lúcia D. Coelho, Josete B. Miranda, Cíntia C. Pantaleão e Zenith Nara C. Delabrida. Universidade de Brasília.

Na avaliação sintomatológica da esquizofrenia, pouca ênfase têm sido dada às queixas subjetivas do paciente. No entanto, estudos sugerem que atenção à experiência subjetiva do paciente pode trazer, entre outros fatores, informações sobre (1) a fase prodromática do transtorno, contribuindo para a prevenção de recaídas, (2) o padrão de adesão do paciente ao tratamento medicamentoso ou psico-social, (3) seu desempenho social e funcionamento ocupacional. O presente estudo exploratório buscou investigar a presença de sintomas sob o ponto de vista do próprio paciente. Como parte de uma entrevista semi-estruturada, 40 pacientes com diagnóstico de esquizofrenia em tratamento ambulatorial no Distrito Federal, responderam a um questionário de 19 itens, traduzido e adaptado da *Subjective Deficit Syndrome Scale* (Escala da Síndrome do Deficit Subjetivo). Cada item (sintoma), apresentado verbalmente pelo entrevistador, era avaliado pelo paciente segundo uma escala de cinco pontos, 0 representando a ausência do sintoma, e 4, a frequência/intensidade máxima de desconforto (*sempre / extremamente*). Os dados foram analisados quanto à presença de cada sintoma na amostra pesquisada e quanto ao grau de desconforto (frequência ou intensidade) correspondente à média das respostas aos 19 itens. Com exceção do item referente a queixas de alucinações somáticas ou táteis, os sintomas foram endossados por grande proporção de pacientes, variando entre 0,40 e 0,72. Quanto à frequência ou intensidade do desconforto causado pelos sintomas, a média dos 19 itens para a amostra foi 1,45 (DP=0,8), entre os valores 1 (*raramente / levemente*) e 2 (*às vezes / moderadamente*). Considerando que os pacientes fazem uso de medicação psicotrópica, recebem tratamento ambulatorial, não estando em período agudo da doença, e

comparando-se ainda com os dados da escala original, a presença de sintomas no estudo brasileiro é considerada elevada. Por outro lado, os fatores acima possivelmente contribuíram para o grau de desconforto sintomatológico relativamente baixo, de acordo com o relato dos pacientes. Discute-se os resultados encontrados à luz da literatura, apresentando-se limitações do estudo e sugestões de abordagem do tema.

-oOo-

CLIN 1.21

COMUNICAÇÃO INTENSA ENTRE TERAPEUTA E CLIENTE: ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DE DEPOIMENTOS.
Cleidemar Estevam de Oliveira Teani. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Esta pesquisa descreve a estrutura da experiência de comunicação intensa entre terapeuta e cliente, vivida durante sessões de psicoterapia, através da análise fenomenológica de depoimentos de psicoterapeutas. Fundamenta-se na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), com enfoque experiencial, tendo ênfase existencial-fenomenológica. Utiliza o método fenomenológico aplicado à pesquisa em psicologia clínica. Os colaboradores são sete psicoterapeutas experientes, de orientação existencial, de diversas regiões do país, aos quais se fez o pedido: "conte-me um momento de comunicação intensa entre terapeuta e cliente, vivido por você enquanto psicoterapeuta". Como resultado obteve-se que nestes momentos: há variação na intensidade ou no conteúdo de algo que já vinha estando presente em outras sessões; é de relevante importância a sensibilidade do terapeuta; o terapeuta é mobilizado interiormente por estar em interação com o cliente; o terapeuta reflete sobre o que se passa consigo, buscando compreender e tomar decisões em relação a isto, o terapeuta toma a decisão de expressar ao cliente o que se passa consigo; o terapeuta expressa ao cliente o que está sentindo; o cliente tem uma reação de surpresa frente ao que foi expressado (por ele mesmo ou pelo terapeuta); em seguida à expressão do terapeuta o cliente muda sua postura, parecendo inteiramente voltado para o que está se passando consigo naquele instante; o cliente expressa algo que se passa consigo naquele instante; o terapeuta se sente compartilhando com o cliente do que está se passando com ele; o cliente demonstra novas compreensões a respeito de si mesmo; o terapeuta expressa ao cliente sua percepção do que foi vivido durante a sessão; há um benefício tanto para o cliente como para o terapeuta; há modificação do processo terapêutico no sentido de uma maior eficiência; o terapeuta não prevê ou tem a intenção de fazê-lo acontecer. Conclui que os momentos de comunicação intensa referem-se à mudança terapêutica, e dão-se através de uma experiência compartilhada na relação interpessoal estabelecida entre terapeuta e cliente, onde ocorre uma co-experiência. As condições facilitadoras para a ocorrência destes momentos são a empatia, enquanto atitude tanto do terapeuta como do cliente, indissociável da autenticidade e da aceitação positiva incondicional; os sentimentos e a expressividade, tanto do terapeuta como do cliente, assim como a sensibilidade e capacidade de compreender o que está experienciando do terapeuta. (CNPq)

-oOo-

CLIN COR 1.01

SUBJETIVIDADE E INCONSCIENTE: INVESTIGANDO OS LIMITES DA PALAVRA. Vera Lucia Silva Lopes Besset, Lísia Maria Filgueiras Rodrigues Wheatley, Soneide de Sales Lima e Verônica Martinelli Gonçalves Costa, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ao final de sua vida e obra, S. Freud apela à biologia do futuro, diante do que lhe parece um obstáculo intransponível no tratamento de homens e mulheres: medo e inveja ligados ao “rochedo da castração”. Este recurso a uma explicação de ordem biológica ou fisiológica, entendido por muitos, como expressão de um pessimismo terapêutico do autor, aparece desde o início de sua teorização. Isto, desde que o sofrimento do sintoma se revela resistente ao trabalho de decifração. À partir da obra de J. Lacan, entendemos este impasse clínico como causado pelos limites da palavra. Tanto no que diz respeito ao sujeito, posto que a palavra não diz tudo, quanto no que concerne o esforço da teoria para formalizar o que resiste à simbolização. Neste sentido, nosso objetivo é demonstrar as relações entre o apelo às argumentações ancoradas na biologia ou na fisiologia, encontradas na obra freudiana e os impasses na teorização da clínica. Esta investigação, de caráter teórico, toma como campo os textos freudianos, em sua totalidade. Nestes escritos o levantamento de dados visa o delineamento das explicações do tipo estudado, assim como a configuração do contexto teórico-clínico no qual estas surgiram. A análise crítica dos dados assim obtidos, levam-nos a alguns resultados e sugerem algumas conclusões. Como estratégia metodológica, buscamos delinear momentos distintos no conjunto da obra, de acordo com as características da teorização quanto ao problema investigado. Isto permitiu identificar, em momentos teóricos distintos, razões diversas que parecem justificar o apelo ao biológico em S. Freud. Assim, no início da obra, as argumentações desse tipo, parecem refletir a formação médica do autor, o espírito científico dominante à época, tendo a função de enfatizar a especificidade da nova proposta teórica. Com a evolução da clínica e da teoria, o nexa entre o recurso à biologia e as dificuldades de teorização se delineia, sobretudo à partir do caso Hans. Especialmente, dificuldades ligadas à etiologia das neuroses e à universalidade do complexo de Édipo e de castração, desde que a explicação baseada em fatores conjecturais se revelou insuficiente. A transmissão filogenética foi a solução freudiana para entender o que, com J. Lacan, podemos conceber como veiculado pelo discurso. O que é possível pela inclusão da falta, do vazio enquanto tal, na estrutura da linguagem, à partir da concepção do real delimitar o que escapa à palavra, à simbolização. É uma formulação teórica que nos permite avançar na pesquisa, no campo da teorização da experiência clínica. (CNPq)

-oOo-

CLIN COR 1.02

O PROJETO INCONSCIENTE DE MACHADO DE ASSIS. Anelise Salazar, Tania B. Niskier, Vilma Couto e Maria Luíza T. Assumpção, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O inconsciente pode ser expresso pelo olhar? Segundo a Psicanálise, uma parte da pulsão de olhar é sublimada em “curiosidade em geral” e, como “pulsão de conhecer”, a pulsão de olhar pode se tornar motor de inúmeras atividades, tendo como seus derivados o prazer de pesquisar e viajar, o interesse pela observação da natureza, o gosto pela leitura, pela descoberta. Se acreditarmos que o olhar expressa o inconsciente, podemos inferir que as referências ao olhar, em textos literários, expressam o inconsciente de seu autor. Este estudo propõe-se a investigar as referências ao olhar em Machado de Assis e tentar uma aproximação do inconsciente deste autor, analisando estas referências nos romances *Helena e Casa Velha* e no poema *A Cristã Nova*. Utilizamos como recurso metodológico a técnica de análise de conteúdo e fizemos um levantamento categorial do “tipos de olhar” existentes nessas obras, a partir da análise de todas as citações referentes ao olhar presentes nas mesmas. A análise dos resultados mostrou que os olhares de *desvio, curiosidade, amor, admiração e indagação* são os mais presentes em *Helena*. Em *Casa Velha*, as frequências mais significativas referem-se aos olhares de *desvio, descoberta, investigação, firmeza, desatenção e distância*. O olhar de *melancolia* é o mais presente no poema *A Cristã Nova*. Os resultados finais apontaram que o olhar de *desvio* teve a frequência mais alta nos dois romances analisados. É um olhar que procura desviar o diálogo, pois os olhos podem revelar aquilo que não pode ser dito. Este tipo de olhar acoberta não-ditos que vão, em sua maioria, sustentar esses romances. Percebe-se que, ao mesmo tempo em que há uma necessidade de desviar o olhar para não revelar um não-dito, que funcionaria como defesa, há também um olhar que, embalado pela curiosidade, procura descobrir esse não-dito. Buscando relacionar estes tipos de olhares como o autor, consideramos que ele encontra-se envolvido numa trama de esconder/revelar, descobrir/encobrir. Talvez fosse essa trama, reflexo de sua história pessoal, que o inspirava em sua criação. Seria interessante tentar validar esses resultados através de outras técnicas. (CAPES)

-oOo-

PSICOLOGIA COGNITIVA

COG 1.01

O DESEMPENHO DE LESADOS CEREBRAIS EM TAREFAS ENVOLVENDO SILOGISMOS E PROVÉRBIOS. *Roberta Bevilaqua Rangel*, Hospital do Aparelho Locomotor/SARAH - Brasília e *Elizabeth Tunes*, Universidade de Brasília.

Estudos sobre o desempenho de sujeitos em tarefas que envolvem o raciocínio lógico e o pensamento abstrato apontam para o fato de que aqueles com lesão cerebral têm mais dificuldade nessas tarefas do que os sem lesão cerebral. A presente pesquisa teve como propósito verificar o desempenho de pacientes lesados cerebrais, vítimas de traumatismo craniano (TCE) e acidente vascular cerebral (AVC), com níveis diferentes de escolarização em duas tarefas. A primeira consistiu na interpretação de provérbios, tarefa esta freqüentemente utilizada para medir a capacidade de abstração. A segunda tarefa, relacionada ao raciocínio lógico, incluiu a resolução de silogismos em duas situações: uma envolvendo fatos cotidianos e outra, fatos contrários à realidade dos sujeitos. Os sujeitos do grupo experimental foram pacientes internos e externos atendidos no Hospital do Aparelho Locomotor — Sarah/Brasília, no Programa do Lesado Cerebral Adulto. Para a realização das tarefas foram selecionados cinquenta e três pacientes, sendo vinte e três vítimas de TCE e trinta vítimas de AVC, além de trinta pessoas que compuseram o grupo controle. Cada grupo foi dividido em dois subgrupos — escolarizados e semi-escolarizados/analfabetos. Todos os sujeitos foram entrevistados individualmente. Uma análise estatística utilizando testes não-paramétricos demonstrou, mormente que: a) houve diferenças significativas entre os subgrupos, destacando-se o papel da escolaridade no Teste de Provérbios e nos silogismos contrários à realidade (nessa última tarefa, exceto no grupo AVC); b) no que tange às diferenças entre os grupos, não houve diferenças significativas entre o desempenho dos sujeitos na tarefa de resolução de silogismos contrários à realidade; por outro lado, o desempenho dos sujeitos do grupo Controle e TCE (escolarizados) foi melhor que os do AVC (escolarizado), havendo diferenças significativas no Teste de Provérbios e na resolução de silogismos cotidianos, e c) não houve correlação entre o desempenho dos sujeitos nas várias tarefas. Os resultados demonstram a importância da escolarização para a resolução de determinadas tarefas, reforçando a posição de Vygotsky quanto à gênese social das funções mentais superiores. Além disto, apontam a necessidade de se levar em conta as condições pré-mórbidas dos pacientes, no planejamento de programas de reeducação e reabilitação de lesados cerebrais adultos.

-oOo-

COG 1.02

O EFEITO DA ACESSIBILIDADE CONCEITUAL NA PRODUÇÃO LINGÜÍSTICA E JULGAMENTOS DE TIPICIDADE. *Gerson Américo Janczura* (Universidade de Brasília)

Estudos têm indicado que a produção lingüística pode ser afetada pela representatividade de exemplos de categorias. É mais provável que o sujeito verbalize “Um exemplo de fruta é maçã” do que “Um exemplo de fruta é lima”. Em julgamentos de tipicidade, “maçã” tende a ser julgada como melhor representante da categoria *fruta* do que “lima”. A tipicidade é um preditor confiável do desempenho humano em várias tarefas incluindo-se raciocínio dedutivo e indutivo, classificação, ordenação, recuperação, aquisição e representação pictórica de categorias. Entretanto, explicações sobre os determinantes deste fator são matéria de intensa

pesquisa e debate. Neste estudo é investigada se a acessibilidade conceitual afeta a produção lingüística e julgamentos de tipicidade. A hipótese investigada afirma que exemplos de categorias mais acessíveis na memória tendem a ser produzidos com maior probabilidade numa sentença, e julgados como exemplos mais típicos de suas categorias. A medida da acessibilidade conceitual foi coletada através de normas (n=220) aplicando-se uma tarefa de recuperação livre, na qual os sujeitos foram solicitados a produzir um exemplo para cada categoria (69 categorias). Para testar a hipótese experimental aplicou-se um delineamento fatorial one-way (n=30) na qual a variável acessibilidade conceitual foi manipulada intra-sujeitos em três níveis: alta, média e baixa. Na tarefa de produção lingüística o sujeito deveria produzir em voz alta um exemplo de uma categoria apresentada numa sentença (15 sentenças do tipo “Um exemplo de <categoria> é: ”), após ter estudado uma lista de exemplos de todos os níveis de acessibilidade das categorias teste (45 pares de estudo) apresentados aleatoriamente via computador, durante 3 segundos cada par. Na tarefa de julgamentos de tipicidade, o sujeito avaliava a representatividade de cada item da categoria, apresentados em bloco, numa escala de 1 (ótimo exemplo) até 7 (exemplo pobre). Duas análises da variância one-way, para medidas repetidas, e testes sub-seqüentes (Ficher) indicaram um efeito significativo da acessibilidade conceitual sobre a produção lingüística e os julgamentos de tipicidade. Exemplos mais acessíveis na memória tenderam a ser produzidos primeiramente em sentenças e julgados como melhor representantes de suas categorias. Esses resultados sugerem que modelos experienciais são uma explicação alternativa e significativa para a tipicidade, e questionam a participação da informação estrutural do estímulo (modelos estruturais) na previsão do desempenho nas respectivas tarefas. (CNPq)

-oOo-

COG 1.03

A INFLUÊNCIA DA FORÇA ASSOCIATIVA EM JULGAMENTOS CLASSIFICATÓRIOS. *Gerson Américo Janczura* (Universidade de Brasília)

Quando indivíduos são solicitados a decidir se determinados itens são exemplos de categorias, por exemplo, se margarida e tulipa são exemplos da categoria *flor*, observa-se que alguns itens são classificados mais rápida e acuradamente do que outros, apesar de, tecnicamente, ambos serem membros da categoria. Explicações tradicionais têm apontado para a estrutura do item como responsável pelo desempenho diferenciado dos indivíduos nesses itens. Essas explicações prevêm que a força associativa de um membro em relação a sua categoria deveria ter pouco ou nenhum efeito sobre categorizações. Entretanto, alguns experimentos têm indicado que a força associativa pode afetar o desempenho em tarefas de memória sugerindo que outras tarefas também poderiam ser igualmente influenciadas. Este estudo investiga se a força associativa exerce efeitos paralelos na tarefa de classificação. Aplicou-se um delineamento fatorial one-way, para medidas repetidas, no qual força associativa foi manipulados nos níveis forte, médio e fraco. Trinta sujeitos universitários foram testados numa tarefa de classificação produzindo medidas do tempo de reação e da acuidade dos julgamentos. A tarefa do sujeito era decidir, o mais rapidamente que pudesse, se um item era membro de determinada categoria, perfazendo um total de 120 julgamentos (60 pares positivos e 60 pares negativos) apresentados aleatoriamente via computador. Para responder, o sujeito apertada uma entre duas teclas do teclado do computador. Duas ANOVAS one-way, para medidas repetidas, indica

ram que a força associativa influencia significativamente o tempo que o sujeito leva para decidir se um item é membro da categoria e a acuidade desse julgamento. Testes subseqüentes (Ficher, LSD) revelaram que exemplos mais fortemente associados as suas categorias foram julgados mais rápida e, com menos erros, como membros da categoria do que exemplos mais fracamente associados. Esses resultados representam um problema para explicações que assumem ser a similaridade dos membros da categoria a explicação para o desempenho dos sujeitos em tarefas de categorização ao demonstrar a participação efetiva e significativa da memória no desempenho humano. (CNPq)

-oOo-

COG 1.04

DIMENSÕES DA INTELIGÊNCIA SOCIAL SEGUNDO A OPINIÃO DE ESPECIALISTAS. *Eliane Gerik Pinto Carneiro e Neidi Oliveira Nyaradi.* Universidade Gama Filho.

“Inteligência social” não é um termo frequentemente encontrado em livros e revistas de Psicologia. Entretanto, é um conceito antigo, desde que Thorndike, em 1920, sugeriu a divisão da inteligência em abstrata, mecânica e social. Naquela ocasião, Thorndike a definiu como a habilidade para entender e lidar com pessoas. Pode-se dizer que a inteligência social tem sido estudada, historicamente, segundo quatro abordagens. A abordagem definidora prevaleceu nas décadas de 20 e 30. Posteriormente, surgiram as abordagens de teorias implícitas, a psicométrica e a cognitivista. O presente trabalho situa-se numa abordagem que busca investigar as teorias implícitas de profissionais acerca das dimensões definidoras do constructo. A inteligência é um valor e existe em relação à definição social deste valor. Considerando-se, portanto, que existem diferentes maneiras de se definir inteligência conforme o meio social estudado, conduzimos uma pesquisa exploratória, a fim de verificar se profissionais que lidam com pessoas reconhecem a existência de uma “inteligência social” e, em caso positivo, como a definem. O instrumento utilizado foi a técnica do incidente crítico de Flannagan. Os sujeitos foram 50 profissionais sendo 13 médicos, 4 psicólogos, 15 professores, 4 fisioterapeutas, 3 enfermeiros, 1 dentista, 1 bióloga, 4 assistentes sociais, 2 fonoaudiólogas, 1 nutricionista e 2 advogados, com idades variando de 21 a 62 anos. A existência da inteligência social foi reconhecida praticamente pela totalidade dos sujeitos, pois apenas um dentre os 50 respondentes não pode identificá-la. A inteligência social foi definida como uma capacidade de solucionar problemas, evitar atritos e resolver conflitos interpessoais com rapidez de raciocínio aliado a demonstração de afeto, compreensão e solidariedade, com disposição para explicar motivos e fornecer informações capazes de evitar tensão. Foram citadas como características das pessoas com alta inteligência social o bom humor, a simpatia, a capacidade de persuasão e diálogo, a descontração, o bom senso e o controle emocional.

-oOo-

COG 1.05

MODELOS DE CATEGORIZAÇÃO DIFUSA EM PSICOLOGIA COGNITIVA. Prof. Dr. Milton José Penchel Madeira, Antônio Jaeger, Luísa Erwig, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Estudou-se o processo de formação de conceitos mentais enquanto categorias difusas no âmbito da Psicologia Cognitiva sob a abor-

dagem do Processamento da Informação. O objetivo foi verificar a eficácia preditiva de 9 modelos de categorização difusa, e testar a consistência interna de um novo instrumento de categorização, proposto em trabalho anterior onde foi escolhida a versão de número 1 entre as 6 possíveis propostas, originadas pelo Software de apoio “FACES ESTILIZADAS”. Realizou-se a primeira etapa da aplicação do instrumento, em uma amostra constituída por 180 adultos gaúchos. O mesmo, consiste em 33 lâminas contendo cada uma duas categorias contrastivas de cinco faces cada e uma face a classificar por vez, contendo cada face 4 dimensões ternárias (grande, médio, pequeno): testa, olhos, nariz e queixo. A tarefa solicitada foi a de classificação à dupla escolha. Os resultados foram submetidos a um tratamento estatístico via análise de regressão múltipla e de correlação de Pearson entre as tabelas preditivas e os resultados (frequência de respostas esquerda/direita). Foi demonstrado nesta primeira etapa uma preponderância, em termos de eficácia preditiva, de dois modelos não prototípicos: o do “Melhor Exemplo”, baseado na escolha do membro da categoria o mais próximo do protótipo da mesma, e o do “Irmão Gêmeo”, por caracterizar a face mais próxima do membro a categorizar. Outros resultados demonstraram: a) a versão com resultados mais consistentes e discriminativo em relação aos modelos foi a de número 01; b) a estratégia de categorização usada pelo sujeito varia em função do material usado; c) a análise de regressão para as dimensões demonstraram que a hierarquia estabelecida a priori foi “respeitada” ($T > O > N > Q$); d) o valor de concretude da dimensão Nariz foi neutralizada, através da construção do material ao se fazer a variância inter nula; e e) não há viés no material no que concerne ao equilíbrio esquerda/direita. A partir dos resultados desta primeira etapa, iniciou-se uma aplicação mais ampla com diversos grupos específicos para cada etapa do desenvolvimento (idade intuitiva, latência, adolescência, adultos e terceira idade) e outros grupos específicos: canhotos, drogados, alcoolistas e depressivos. Os primeiros resultados desta etapa final, já estão sendo obtidos e demonstram equilíbrio do material para os canhotos e adolescentes, e que estes seguem o padrão hierárquico proposto no que concerne as dimensões ($T > O > Q > N$). Os demais resultados estão em processo de análise.

-oOo-

COG 1.06

A COMPREENSÃO DE SENTENÇAS ENVOLVENDO TODOS E CADA. *Maria da Graça Bompastor Borges Dias* (Universidade Federal de Pernambuco) e *Patricia J. Brooks* (Emory University, EUA).

A compreensão das crianças dos quantificadores universais é um domínio ideal para a construção de hipóteses sobre a natureza da lógica mental, visto que os quantificadores fornecem a base para um conjunto de inferências lógicas especialmente rico. A investigação, logo cedo, do desenvolvimento da sintaxe do pensamento e dos esquemas de inferências da lógica natural, proporciona uma das fontes mais acessíveis e imediatas de evidências sobre sua estrutura. No presente estudo examinamos a compreensão de 144 crianças de 4 a 9 anos, sendo 24 de cada idade e 40 adultos dos quantificadores universais *todos* e *cada*, que são meios naturais de referências a eventos coletivos e distributivos em português. Os sujeitos deveriam selecionar dentre três figuras aquela que combinava com a sentença contendo um dos quantificadores. As figuras eram partes de conjuntos de desenhos que retratavam eventos coletivos, distributivos e exaustivos em dois tipos de contexto: locativo e de ação. A interpretação coletiva refere-se ao grupo

de significado de *todos* como *Todas as maçãs estão em uma tigela*; a distributiva, distribuição em par, é associada com *cada*, como por exemplo, *Cada homem está carregando uma caixa*. A interpretação exaustiva corresponde ao significado de sentenças com substantivos aglomerados: *As flores estão nos jarros*, indicando que os conjuntos de flores e jarros estão associados exaustivamente um a outro sem nenhuma sobra. As figuras selecionadas pelos sujeitos foram analisadas em duas ANOVAS de planejamento misto com tipo de sentença como fator intra-sujeitos e idade e tipo de contexto (locativo ou ação) como fatores entre-sujeitos. Os resultados fornecem evidências de que as representações coletivas e distributivas são salientes às crianças de idade pré-escolar e são apropriadamente conectadas com os quantificadores universais da linguagem natural. As crianças também mostraram logo cedo compreensão do significado exaustivo das sentenças com estruturas *os...os*, mas apenas no contexto locativo. Mesmo assim, os resultados fornecem alguma evidência de que uma representação exaustiva pode ser saliente em crianças bem novas. Assim, o presente estudo sugere que noções tais como significado coletivo ou de “grupo” associado com *todos* e seus correspondentes em outras línguas, e o significado distributivo ou em “pares” associado com *cada* e seus correspondentes são prováveis candidatos primitivos na sintaxe do pensamento subjacente a uma lógica predicativa natural. Pode-se ter em mente que as crianças não estão simplesmente ganhando competência em associarem pistas lingüísticas com interpretações distributivas e coletivas, mas estão elaborando um sistema inteiro de raciocínio dedutivo. (CNPq)

-oOo-

COG 1.07

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, CONDIÇÕES SÓCIO-EXPERIENCIAIS E AQUISIÇÃO DO CONCEITO DE MORTE. Ana Claudia C. Oliveira, Ana Paula B. Oliveira, Iris F. Guerrero, Manuel Gil, Mira Carla P. Noronha, Sandra M. Pينهiro, Silvia B. Lopez e Wilma C. Torres. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Este estudo tem por objetivos: investigar a relação entre o desenvolvimento cognitivo e a aquisição do conceito de morte em crianças de condições sócio-experienciais de carência sócio-econômica e de marginalidade; e comparar a evolução do conceito de morte entre crianças de condições sócio-experienciais de carência sócio-econômica, de marginalidade e de nível sócio-econô-

mico médio/alto com o mesmo nível cognitivo. Para a avaliação do conceito de morte utilizou-se o Instrumento de Sondagem do Conceito de Morte (TORRES, 1979) que investiga três dimensões - extensão, significado e duração - do conceito de morte biológica. Para a avaliação do nível de desenvolvimento cognitivo tarefas em moldes piagetianos foram empregadas. A amostra total constituiu-se de 532 crianças distribuídas entre as três subamostras, conforme a condição sócio-experiencial. Para testar a relação entre desenvolvimento cognitivo e conceito de morte de crianças em condições de carência sócio-econômica e de marginalidade e para comparar o conceito de morte entre crianças de diferentes condições sócio-experienciais com o mesmo nível cognitivo foram empregadas análises da variância multivariada quando o conceito era considerado globalmente e análises da variância simples quando cada uma das dimensões era considerada isoladamente. As respostas das crianças das três subamostras ao Instrumento de Sondagem do Conceito de Morte foram também qualitativamente avaliadas a fim de se obter informações sobre as respostas típicas das crianças de cada nível cognitivo em cada uma das condições sócio-experienciais. Os resultados da avaliação do nível cognitivo revelaram que crianças em condições de carência sócio-econômica e de marginalidade apresentam uma defasagem cognitiva em relação às crianças de nível sócio-econômico médio/alto. Em relação à evolução do conceito de morte os resultados confirmaram uma relação entre desenvolvimento cognitivo e conceito de morte em crianças de condições sócio-experienciais de carência sócio-econômica e de marginalidade, reforçando os achados do estudo precedente (TORRES, 1979). Os resultados da comparação do conceito de morte de crianças de diferentes condições sócio-experienciais com o mesmo nível cognitivo e mesma faixa etária revelaram diferenças significativas entre as três subamostras. Da mesma forma, a avaliação qualitativa das respostas das crianças ao Instrumento de Sondagem do Conceito de Morte apontou para diferenças quanto ao conteúdo das mesmas. Com base nos resultados obtidos concluiu-se que crianças em condições de carência sócio-econômica e de marginalidade quando comparadas com seus pares de nível sócio-econômico médio/alto apresentam uma inadequação do conceito de morte que, associada à defasagem cognitiva e às próprias condições sócio-experienciais, pode concorrer para reduzir o leque de modalidades adaptativas e ser um dos fatores determinantes da opção pela violência destas crianças. (CNPq/FUJB)

-oOo-

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

DES 1.01

PAPEL DA ESTRUTURAÇÃO PEDAGÓGICA NA INTEGRAÇÃO EDUCADOR-CRIANÇA E CRIANÇA-CRIANÇA EM CRECHE. *Viviane Cristina Besani* (Universidade de São Paulo-Ribeirão Preto), *Marlene F. C. Gonçalves* (Universidade Paulista-Ribeirão Preto), *Zilma de Moraes Ramos de Oliveira* (Universidade de São Paulo-Ribeirão Preto).

As diferentes formas de organização do cotidiano da criança atuam como recursos para seu desenvolvimento e cada vez mais a creche vem fazendo parte desse cotidiano. Em vista disso, baseado nos pressupostos sócio-interacionistas de Vygotsky e Wallon, este trabalho tem por objetivo discutir as formas de estruturação das atividades desenvolvidas em uma turma de creche proposta pela educadora e analisar como esta estruturação aparece na brincadeira de faz-de-conta de escolinha da mesma turma de crianças, sem a presença da educadora. Para tanto, investigamos uma turma de 33 crianças de 4 anos e sua educadora, de uma creche municipal de Ribeirão Preto atendendo a população de baixa renda. Cinco sessões de atividade pedagógica, com duração em média de 38 minutos, gravadas em VT foram analisadas microgeneticamente, a partir de transcrições feitas em intervalos de 15 segundos. Estes dados foram confrontados com aqueles construídos a partir da transcrição microgenética de 1 sessão de faz-de-conta de "escolinha" da mesma turma de crianças, com aproximadamente 18 minutos de duração, sendo que uma das crianças representava a professora. Para uma primeira análise, foram elaborados quadros que demonstram a dinâmica das sessões e a partir destes dados foram selecionados episódios para a análise microgenética. Tais quadros e análises apontam que as atividades pedagógicas são bastante dirigidas, com um grande controle pela educadora para a execução de tais tarefas. Houve um predomínio de atividade livre de artes plásticas dentro destas atividades, que parecem não ser dinamicamente planejadas. As práticas pedagógicas poucas vezes são acompanhadas de instruções, não sendo informado às crianças os motivos porque elas devem ser realizadas conforme proposto. A precariedade da creche: escassez de material, espaço limitado, razão adulto-criança inadequada, acabam por determinar o desenvolvimento de tais atividades. Estas acabam reaparecendo no faz-de-conta, não em forma de ações pré-determinadas, mas sim de reconstruções e ressignificações de experiências anteriormente vivenciadas com a educadora, conforme a reprodução de gestos, posturas, instruções e regras, assim como o uso do material disponível (papel, cola, etc). (CNPq-FAPESP).

-oOo-

DES 1.02

AVALIAÇÃO PELA EDUCADORA DO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO DE BEBÊS EM CRECHE. *Caroline Francisca Eltink e Maria Clotilde Rossetti-Ferreira* (Universidade Estadual Paulista).

Este trabalho pretende apresentar quais os indícios que seis educadoras de um berçário, de uma creche universitária, referem para avaliar se as crianças, pertencentes à turma pela qual são responsáveis, estão se adaptando ou não à creche, às suas pessoas, espaços, rotinas e horários, analisando os dados referentes ao início do processo de adaptação de um grupo de 21 bebês, entre 5 e 15 meses de idade, durante o momento de integração destes e de suas famílias à creche, considerando-se como momento de integração os primeiros dois meses que uma criança frequentou

na creche. Além destes, foram utilizados os dados coletados após um período de greve, ocorrida dois meses e meio depois do início do processo, o qual exigiu um movimento de readaptação destas crianças e suas famílias àquela instituição. Esta creche atende aproximadamente 150 crianças na faixa etária de 0 a 6 anos, durante período integral. Estes dados foram obtidos através de entrevistas gravadas em fitas-áudio, realizadas com as mães, educadoras e técnicas, e de observações de saúde, intercorrências e de comportamento, registradas em fichas. Os dados foram organizados em dois arquivos: as entrevistas foram transcritas e armazenadas em arquivos-texto; e das fichas foi construído um banco de dados no programa *Microsoft Access*. A partir destes arquivos foram feitos recortes, durante a leitura das primeiras entrevistas de cada educadora, sendo realizada uma análise qualitativa destas falas, apoiada numa leitura sócio-interacionista dos dados. Através destes recortes, obtidos nesta primeira análise do material, foi possível elaborar um conjunto de eixos temáticos: 1) Padrões de sono; 2) Inserção na rotina da creche; 3) Modificações nos hábitos alimentares; 4) Aceitação do cuidado físico (realizado pela educadora); 5) Grau de autonomia da criança; 6) Sociabilidade (com outras crianças e com os adultos); 7) Formação de vínculos afetivos com as educadoras; 8) Estado de humor (choro, tranquilidade...); 9) Formação de outros vínculos na creche; 10) Reações à separação e ao reencontro com os pais; 11) Grau de desenvolvimento da criança; e, 12) Relacionamento entre a educadora e a mãe. Portanto, estes eixos podem ser vistos como indícios utilizados pelas educadoras para avaliar a adaptação das crianças à creche. Elas parecem referir aspectos que envolvem o desenvolvimento global das crianças, e a influência que as mudanças provocadas pela inserção de um filho na creche exercem no funcionamento das famílias, considerando inclusive as relações (encontros e confrontos) entre estes dois tipos de instituições. Esses eixos serão utilizados, posteriormente, para uma análise mais aprofundada dos dados obtidos. (FAPESP/CNPq).

-oOo-

DES 1.03

PROCESSOS METACOMUNICATIVOS ENTRE DÍADES DE CRIANÇAS: ESTUDO MICROGENÉTICO EM CONTEXTO ESTRUTURADO - *Angela Branco, Adriana Flores, Marga Ferreira, Luciana Pessina, e Tatiana Lionço*. Universidade de Brasília

Abordagens teóricas que adotam uma perspectiva sistêmica co-constitutivista implicam no desenvolvimento de metodologias de caráter microgenético para o estudo dos processos envolvidos nas interações sociais. A reconsideração do fenômeno da comunicação e da metacomunicação, a partir de tal abordagem teórica, propõe um modelo em que a dimensão relacional da comunicação, ou dimensão metacomunicativa, ganha um especial destaque na compreensão dos mecanismos sociogenéticos do desenvolvimento humano. A metacomunicação indica a qualidade do *frame* interativo, constituindo, assim, a base para a interpretação dos conteúdos da comunicação. O presente trabalho visa apresentar uma metodologia compatível com uma abordagem teórica co-constitutivista para o estudo da comunicação, a qual permite a descrição da dinâmica do fluxo interativo e a interpretação dos processos metacomunicativos. A observação de sequências de interação gravadas em vídeo entre crianças de três anos, organizadas em díades em contexto estruturado durante sessões de 25 minutos, possibilitou o desenvolvimento de critérios e procedimentos específicos para uma análise qualitativa microgenética dos

episódios, que levam em conta as dimensões estruturais e funcionais do processo metacomunicativo. Ambas as dimensões, estrutural e funcional, foram analisadas de forma sistemática e em termos de categorias definidas quanto à presença ou à ausência de características específicas. A nível de estrutura, as diferentes formas de organização da experiência interativa foram classificadas em categorias denominadas “pré-frame”, “frame pré-interativo” e “frame interativo”. Quanto à dimensão funcional, esta foi descrita em termos das qualidades de convergência, divergência e ambivalência das “orientações para objetivo” (*goal orientations*) apresentadas por cada uma das crianças participantes da díade. A análise das diferentes formas de transição entre *frames* interativos levou ao estabelecimento de categorias específicas (como por exemplo “iniciação”, “manutenção”, “interrupção” etc), bem como possibilitou a identificação de variadas estratégias metacomunicativas, de natureza verbal e não verbal, empregadas pelas crianças. A identificação de estratégias metacomunicativas e do seu valor funcional representa uma parte essencial do processo de investigação sob uma ótica co-construtivista. A contribuição teórico-metodológica do presente estudo será aqui apresentada e discutida.

-oOo-

DES 1.04

PADRÕES INTERATIVOS MÃE-CRIANÇA EM CONTEXTO ESTRUTURADO PARA REALIZAÇÃO DE TAREFA- *Angela Uchôa Branco e Adriana Flores, Universidade de Brasília*

Grande parte das pesquisas sobre interação mãe-criança em idade pré-escolar vêm enfocando as relações de apego e o ensino de novas habilidades sob uma perspectiva unidirecional, que enfatiza apenas a influência do adulto sobre a criança, e não da criança sobre o adulto. Segundo o co-construtivismo, tais interações devem ser analisadas a partir de uma perspectiva sistêmica que considere a qualidade bi-direcional das interações, com os integrantes interagindo em um processo de co-construção de significados, tendo em vista facilitar a obtenção de objetivos recíprocos. As forças canalizadoras representadas pela cultura coletiva e o papel ativo de cada indivíduo são, segundo esta perspectiva, considerados como fatores que atuam de forma simultânea e dialética, em contextos que envolvem interações adulto-criança em situações de aprendizagem. O presente trabalho teve por objetivo identificar e analisar padrões interativos mãe-criança envolvendo estratégias recíprocas voltadas para a realização de uma tarefa determinada: a produção, com utilização de materiais diversos, de uma casa sobre uma cartolina. Para tanto, desenvolveu-se um sistema de categorias que possibilitou a identificação das estratégias interativas utilizadas pela mãe e pela criança, permitindo a emergência de padrões típicos para cada dupla estudada. O sistema foi elaborado a partir da observação de quatro pares mãe-criança provenientes de contexto de baixa renda (dois pares formados por mães não-alfabetizadas e dois por mães alfabetizadas), sendo posteriormente empregado através de técnicas de registro do tipo intervalo de tempo (intervalos de 15 segundos). Cada dupla participou de uma sessão realizada em ambiente estruturado e padronizado, a qual foi gravada em vídeo, tendo a duração de 20 minutos. Os resultados mostram que o sistema e o procedimento de registro utilizados foram capazes de detectar diferentes padrões interativos para cada dupla, havendo uma certa convergência, em termos da natureza das categorias e subcategorias, quando se trata de duplas com mães alfabetizadas ou não. Por exemplo, houve maior utilização de estratégias de

negociação em díades com mães alfabetizadas do que em díades com mães não alfabetizadas, onde a tendência foi a execução individual da tarefa por parte da criança, com pouca intervenção da mãe. Uma discussão das estratégias mais adequadas a serem utilizadas em uma relação expert-noviço é apresentada, sugerindo-se as implicações educacionais daquelas estratégias que facilitam a co-construção de significados relevantes à qualidade da relação adulto-criança e ao desempenho escolar. A análise qualitativa revelou-se fundamental para uma melhor descrição dos padrões interacionais típicos e para a identificação do valor funcional das estratégias utilizadas. (CNPq)

-oOo-

DES 1.05

EPISÓDIOS AGONÍSTICOS ENTRE CRIANÇAS: O QUE ELES REVELAM ? *Lidiane Bianchini Caetano Gomes, Márcia Regina Bonagamba Rubiano. Universidade de São Paulo.*

A agressão entre crianças sempre constituiu uma certa preocupação de pais e educadores. Isto pelo fato desta ser considerada comumente como sinal de distúrbio comportamental, algo que vem a incomodar aqueles que cercam a chamada criança agressiva, considerado um “problema” da criança e também para ela. Sabe-se que a agressão é um processo complexo, estando sob o controle de fatores genéticos, internos e externos; e que para lidar com ela, é preciso que se entenda a dinâmica do comportamento agressivo, dentro de determinados contextos. O objetivo deste trabalho é estudar os comportamentos agonísticos entre crianças de 2 a 3 anos em creche. Para tal, observou-se um grupo de 14 crianças (8 meninos e 6 meninas), nas idades acima citadas, e 2 monitoras da creche Carochinha (USP Ribeirão Preto). Foram realizadas 5 sessões de atividades livres, feitas em uma sala cujo espaço foi delimitado em 3 zonas: 2 circunscritas por divisórias baixas (uma por estantes, chamada ZC, e outra por grades, chamada de ZG) e uma definida por acolchoado (zona do adulto, dita ZA). As sessões foram gravadas através de 3 câmeras (um foco em cada zona), sem operador presente. A análise quantitativa e qualitativa das sessões possibilitou a descrição de cada episódio agonístico, enfocando as atividades, sujeitos envolvidos, as formas de agressão, o momento antecedente ao episódio (o porquê as crianças brigaram) e o conseqüente ao mesmo. Computou-se um total de 35 episódios agonísticos, sendo que o maior número deles ocorreu na ZC (zona de maior densidade de ocupação). Houve mais episódios agressivos entre meninos, do que entre meninas, principalmente entre os maiores de idade. As formas de agressão presentes foram física (que apareceu em maior proporção), verbal e gestual. Os episódios agonísticos em geral foram desencadeados pela disputa de objetos. É possível supor que estes episódios estejam também influenciados pelo grau de relacionamento existente entre os membros do grupo. (CNPq)

-oOo-

DES 1.06

INTERAÇÃO MÃE -CRIANÇA COM DISTÚRBIO ESPECÍFICO DE LINGUAGEM. *Nadia Maria Ribeiro Salomão, Universidade Federal da Paraíba e Gina Conti-Ramsden, University of Manchester, U. K.*

A importância dos aspectos sociais para a aquisição das habilidades comunicativas e amplamente reconhecida tanto para crianças com desenvolvimento normal, como para crianças com pro-

blemas de desenvolvimento. Como a definição de distúrbio específico de linguagem exclui quaisquer deficiências identificáveis, tem havido um grande interesse em estudar o ambiente verbal destas crianças. Este estudo longitudinal foi delineado com o objetivo de descrever mudanças que ocorrem na interação verbal entre três diades mãe-criança com distúrbio específico de linguagem. O registro das sessões das interações mãe-criança foi feito através de video-tapes na casa dos sujeitos, em situação de brincar livre, durante um período de dois anos com intervalos de aproximadamente três meses. As transcrições dos dez primeiros minutos das sessões foram realizadas seguindo as direções do CHAT (Codes for Human Analysis of Transcripts) que faz parte do sistema computacional CHILDES (Child Language Data Exchange System). A análise da conversação incluiu: análise estrutural (MLU, MLT), análise de contingência e funcional das interações mãe-criança e análise da participação da criança na conversação. A análise dos resultados indicou diferenças individuais na participação das crianças na conversação. Porém, para as três crianças e em todas as sessões observacionais a participação foi considerada predominantemente adequada em relação ao enunciado prévio da mãe. A maior proporção das respostas contingentes maternas, para as três diades e em todas as sessões observacionais, constituiu-se de continuação do tópico, isto é, independente da idade e do nível de linguagem das crianças as mães continuaram o tópico corrente da conversação da diade. Os resultados foram avaliados em relação aos aspectos metodológicos dos estudos sobre interação mãe-criança com distúrbio específico de linguagem. (CAPES).

-oOo-

DES 1.07

ASPECTOS PSICOSSEXUAIS NA CARACTERIZAÇÃO DA PREFERÊNCIA LÚDICA. *Antonio Carlos Ortega*. Universidade Federal do Espírito Santo.

A presente pesquisa tem por objetivo investigar a influência do sexo: (a) no conhecimento que as crianças possuem em relação aos jogos, (b) na identificação destes jogos com os sexos masculino e feminino e (c) na preferência destas crianças quanto aos tipos de jogos. Participaram como sujeitos nesta pesquisa 180 crianças: 90 do sexo masculino e 90 do sexo feminino, com idade variando entre 6 e 10 anos, pertencentes à classe média e provenientes de uma escola de 1º Grau de Vitória-ES. Como instrumento de investigação, foi utilizada a técnica de entrevista, cujo roteiro apresenta as seguintes questões: (1) Quais são os jogos que você conhece? (2) Assinale em relação a cada jogo conhecido, se ele é "mais de meninos", "mais de meninas" ou "dos dois igual" e (3) Qual é o seu jogo preferido? Por que? Os resultados obtidos permitiram verificar que: (a) a quantidade de jogos conhecidos é mais acentuada em relação às crianças do sexo masculino; (b) os jogos mais conhecidos das crianças de ambos os sexos são: Futebol, Basquete, Jogo da Velha, Volley e Pique-esconde, sendo que os dois primeiros são mais acentuados nos sujeitos do sexo masculino e os três últimos nos do sexo feminino; (c) a maioria das crianças de ambos os sexos identifica o Futebol como sendo um jogo tipicamente "do sexo masculino" e o Pique-esconde, Basquete, Jogo da Velha e Volley como sendo tipicamente "de ambos os sexos" e (d) os jogos mais preferidos das crianças do sexo masculino são o Futebol e o Video Game e das do sexo feminino são o Volley, o Pique-esconde e o Quebra Cabeças. Com base na classificação proposta por Ruiz (1992) pôde-se concluir que enquanto os sujeitos do sexo masculino preferem mais jogos

de regras e de ação (eletrônico), os do sexo masculino preferem mais jogos de regras e de ação (construção).

-oOo-

DES 1.08

ESTUDO COMPARATIVO DE CRIANÇAS PAULISTANAS E DO INTERIOR DO PIAUÍ: ALEITAMENTO. *Elaine Pedreira Rabinovich*. Universidade de São Paulo.

O presente trabalho objetiva discutir questões atinentes a aspectos do desenvolvimento infantil e contexto sócio-cultural, em continuidade a trabalhos anteriormente apresentados. Este estudo comparou o sistema de aleitamento de um grupo de 60 crianças de 0-2 anos de idade, moradoras de Vila Madalena (VM), uma região urbana da cidade de São Paulo, de famílias de baixa renda, com o de um grupo de 28 crianças de 0-3 anos, moradoras da região do Cocal, interior do Piauí. Ambos os grupos foram estudados utilizando-se de vários instrumentos, sendo que os dados em pauta foram obtidos através da anamnese da criança. Obtivemos os seguintes resultados: 1. quanto à *idade de desmame*, no Piauí havia uma tendência ao aleitamento tardio, 72% das crianças continuando a ser aleitadas após os 3 meses e 40% após 1 ano, em VM, 44% das crianças já estavam desmamadas aos 3 meses e apenas 26% continuavam mamando após 1 ano; 2. o *motivo do desmame* foi dito ser a criança (44%) em VM, enquanto foi a mãe quem decidiu o desmame no Piauí (75%) devido ao trabalho ou nova gestação; 3. quanto ao *esquema de alimentação*, 40% das mães de V. M. aleitavam *com horário*, e 100% das mães do Piauí aleitavam *a pedido* da criança, combinando, contudo, *antecipação* pela mãe/responsável (30%) e com *horário* (20%). No Piauí, 88% crianças receberam um mingau, o *gomoso*, desde o nascimento. Discute-se estes resultados face a: 1. padronização sócio-cultural: ação normatizadora médica e educadora X aprendizado acumulado pela experiência; 2. "naturalidade": incoerência entre padrões esperados e possíveis X coerência no modo de vida; 3. subjetividade materna: conflitos entre representação materna, baseada em normas e/ou experiência sobre o desmame e suas conseqüências, e práticas sócio-simbólicas de maternagem; 4. aleitamento em si: variedade e variabilidade nos esquemas de alimentação, o tempo sendo gerado pelos acontecimentos, integrados ao modo total de vida, com um "corpo coletivo" encarregado dos cuidados, donde o *lugar* da criança é este *corpo* familiar X *lugar* como *coisa* em tempo mecânico do relógio assentado em *coisas*. Concluímos apontando para a continuidade entre os grupos estudados, donde os aspectos de descon-tinuidade acima delineados podem ser importantes auxiliares na compreensão do todo, isto é, da relação mãe-criança conforme inserida em, e produzida por, o contexto sócio-histórico a que pertence.

-oOo-

DES 1.09

ESTUDO COMPARATIVO DE CRIANÇAS PAULISTANAS E DO INTERIOR DO PIAUÍ: SONO. *Elaine Pedreira Rabinovich*. Universidade de São Paulo.

Estudos têm evidenciado a importância do modo de dormir no desenvolvimento integral da crianças (Kawasaki, 1994; McKenna, 1993; Morelli, 1992; Nugent, 1996). Trevarthan e McKenna (1994) enfocaram a relação entre o conceito de autonomia desenvolvido no mundo ocidental e expresso no dormir solitário da

criança, contrapondo-o ao de interdependência familiar, observado em várias outras culturas. Em estudos anteriores, discutimos alguns aspectos da relação mãe-criança e do modo de dormir, relacionando-os ao contexto sócio-histórico familiar, enfocando questões relativas ao viés etnocêntrico contidas nos conceitos de individualismo/coletivismo, ambiente monofuncional/polifuncional, autonomia (e *sujeito*) /interdependência. No presente estudo, comparamos o modo de dormir de dois grupos de crianças e de seus respectivos pais: 60 crianças de 0-2 anos, moradoras no bairro paulistano de Vila Madalena (VM), e 28 crianças de 0-3 anos moradoras na região do Cocal, Piauí, ambos grupos de baixa renda. Os dois grupos foram estudados através de vários instrumentos, sendo os dados aqui discutidos oriundos de: anamneses da criança e familiar; observação e registro do ambiente doméstico; fotos e videofilmagem. Em ambos os grupos, as crianças dormiam no quarto com os pais (Piauí: 100%; VM: 90%) sendo que os pais no Piauí manifestaram total repúdio à sugestão de os filhos permanecerem longe deles à noite, quando mais poderiam deles necessitar e quando, por outro lado, reforçariam sua vinculação com ele, dado o modo coletivizado do sistema de cuidados. No Piauí, 100% das crianças dormiam em espaços individualizados (redes: 93%; berço: 7%), enquanto em VM 23% dormiam na cama com os pais e as demais, em berço. Os berços foram classificados em *sem* (12%) e *com enfeites* (65%) sinalizando um *cantinho do bebê*. Apenas 1 caso no Piauí pode ser identificado como *cantinho do bebê*, característica que esteve associada, em VM, ao desmame precoce e ao modo privatizado de morar. Estes resultados foram discutidos face a: 1. continuidade e descontinuidade nos grupos estudados; 2. associação entre ausência de berço/coletivismo/ polifuncionalidade/ desmame tardio; 3. distúrbios de sono e práticas sócio-simbólicas de cuidados. Este estudo apontou para práticas culturais associadas ao sono opostas ao *individualismo, isolamento, autonomia* das culturas norte-americana e industrializada, donde "a investigação sobre as realidades das famílias de baixa renda, negligenciadas pela literatura científica, revelam um universo de significados e práticas culturais desconhecidas dos psicólogos" (Melo e Branco, 1996), a ser estudadas.

-oOo-

DES 1.10

COMPARAÇÃO ENTRE PARCEIROS PRIVILEGIADOS E PRETERIDOS EM DUPLA NA CRECHE. Marilú Ingrid Biben Frederick e Márcia Regina Bonagamba Rubiano Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto).

A preferência por parceiros e laços de amizade, também chamado de parceiros privilegiados tem sido identificada pela frequência mais alta de interação com certas crianças, dentre os parceiros disponíveis no grupo. Na literatura, há um certo consenso quanto à existência de parcerias preferenciais entre crianças pequenas, contudo há divergências quanto às características dessa relação. Alguns autores encontraram que o maior grau de relacionamento entre as crianças está relacionado à maior complexidade e duração das atividades e a maior presença de faz-de-conta. Este trabalho tem por objetivo identificar possíveis diferenças entre parcerias privilegiadas e preteridas em situação de dupla, na creche. Para isto, foi realizado, em uma etapa preliminar, o levantamento das parcerias privilegiadas, através de observação direta de um grupo de 14 crianças, pertencentes duas turmas de creche, e entrevistas com suas respectivas educadoras. Os dados desta etapa serviram de base para a escolha dos sujeitos deste estudo, na se-

gunda fase, que foram nove crianças, seis meninos e três meninas, com idades entre 22 e 30 meses. Eles foram divididos em nove parcerias, três privilegiadas (PPs) e seis preteridas (Pps), que foram filmadas em situação de atividade livre em uma sala usual, com a presença de um adulto. As sessões duraram em média 15 minutos e foram analisadas, por intervalos de 10 minutos e 10 segundos, de acordo com indicadores de estado social, localização, proximidade e atividade. A análise dos dados com base nos indicadores (independentemente uns dos outros) destacou uma PP que se distinguiu tanto das Pps como das outras PPs. As principais diferenças apresentadas por essa parceria foram: maior proximidade durante a sessão, maior permanência nas zonas distantes do adulto e maior frequência de brincadeiras envolvendo faz-de-conta, além de maior envolvimento em atividades compartilhadas. O fato de apenas uma PP diferenciar-se pode estar relacionado: aos critérios utilizados, na fase preliminar, para detectar as parcerias privilegiadas, à situação de dupla e estruturação do espaço como promotores da interação ou mesmo à existência de diferenças sutis entre os dois tipos de parcerias que não puderam ser captadas pela análise. (CNPq e FAPESP).

-oOo-

DES 1.11

PROMOÇÃO DA QUALIDADE E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA, Débora Cristina Piotto, Maria Clotilde Rossetti-Ferreira, Ana Cecília Chaguri, Ana Maria Mello, Ana Paula Silva, Caroline Eltink, Cláudia Yazzle, Isabel Cristina Carniel, Geórgia De Sordi, Luciane Baldin, Marilú Frederick, Regiane Moraes, Viviane Besani. Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

A promoção da qualidade na Educação Infantil, ao lado da formação profissional de educadores, têm sido um dos principais temas de discussão nesta área. A melhoria no atendimento oferecido a crianças de 0 a 6 anos pode-se dar através de aspectos legislativos, de fiscalização e de avaliação. Embora práticas avaliativas têm emergido, em diversos países, cada vez mais como uma das formas de se promover tal melhoria, no Brasil este tipo de conduta é muito rara, inexistindo instrumentos de avaliação adequados. Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é relatar uma experiência realizada em Ribeirão Preto com o instrumento australiano "Putting Children First - Quality Improvement and Accreditation System". Ele é composto por 52 princípios, que definem cada qual um aspecto particular de atendimento (como, por exemplo, a maneira como os educadores interagem com as crianças) e permitem caracterizar um serviço nos níveis satisfatório, básico, boa qualidade e alta qualidade. Foi feita uma aplicação abreviada do instrumento utilizando seus 20 princípios fundamentais, em quatro creches diferentes: universitária, municipal, filantrópica e particular. Estes princípios foram respondidos por grupos de educadoras e coordenadora de cada instituição, totalizando 20 participantes. A aplicação contou com duas a três visitas, durando de 5 a 6 horas, consistindo na leitura e discussão dos 20 princípios, sendo seguida da avaliação de cada princípio baseada nos níveis citados. As respostas foram somadas e calculou-se, para cada creche, a frequência relativa de cada nível de qualidade para cada um dos princípios. No geral, o nível obtido pelas creches situou-se entre Alta e Boa Qualidade, com exceção da creche Particular que se classificou no Básico. A creche que mais se atribuiu nível Alta Qualidade foi a Municipal, seguida da Universitária. Verificou-se que as principais divergências ocorreram em questões sobre o relacionamento com os pais e

sobre a produção de materiais escritos pela creche. O alto nível de qualidade que as creches se atribuíram revela a diferença entre uma avaliação inserida em um sistema de promoção de qualidade e financiamento, como é o caso da Austrália, e um procedimento avaliativo onde tais práticas são raras, como no Brasil. A experiência apontou as contribuições que um sistema avaliativo pode trazer para a melhoria da qualidade das creches, e a urgência de procedimentos neste âmbito para que a Educação Coletiva Infantil consolide-se como um contexto educacional adequado de desenvolvimento da criança pequena. (Apoio CNPq e FAPESP)

-oOo-

DES 1.12

DISPUTA DE OBJETOS: COMO AS CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES RESOLVEM ESTE CONFLITO. *Ana Maria Moreira, Luciane Marques Raupp, Fábio Sager e Tania Mara Sperb.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As atividades coletivas em que se engajam as crianças pré-escolares costumam originar um grande número de conflitos. Pesquisas têm demonstrado que muitos destes conflitos relacionam-se com as escolhas preferenciais que as crianças fazem de objetos de brincar e, também, que se manifestam diferentemente em meninos e meninas. Neste estudo, investigou-se as estratégias que grupos de meninos e meninas utilizam para resolver conflitos, originados em situações de disputa de objetos preferenciais. Selecionou-se 171 episódios de estratégias de troca de objetos de brincar, envolvendo 18 crianças (12 meninos e 6 meninas), com idades entre 3 e 4 anos, que frequentavam uma pré-escola de classe média de Porto Alegre. A estratégia de troca foi operacionalizada como iniciando no momento em que é requerida a posse ou uso de um mesmo objeto por mais de uma criança ao mesmo tempo. Utilizou-se 10 sessões de filmagem, realizadas de forma não estruturada, em dois diferentes contextos - sala e pátio -, tomando-se de cada uma delas 30 minutos. Identificou-se os episódios de troca de objetos de brincar em grupos de meninos, meninas e mistos, classificando-os conforme as cinco categorias de estratégias de troca de Thomas (1976), acrescentando-se a elas uma sexta categoria. As categorias são, respectivamente: competitiva, acomodativa, evitativa, compromisso, colaborativa e pedido de ajuda a terceiro. A Análise de Correspondência (Everitt, 1976) foi usada para analisar os dados. Os resultados mostraram que, quando consideradas todas as categorias de estratégias, a estratégia 'pedido de ajuda' associou-se aos grupos de meninas enquanto 'compromisso', aos de meninos e 'competição', aos grupos mistos. Quando as categorias de estratégias foram agrupadas em ativas e passivas, aos grupos de meninos associou-se a estratégia 'colaboração' (ativa), aos grupos de meninas, a 'evitação' (passiva) e 'acomodação' (passiva), aos grupos mistos. Os resultados corroboram estudos anteriores que indicam diferenças de gênero quanto ao emprego de estratégias de troca em situação de conflito: meninas tentam contornar o conflito, enquanto meninos o negociam. Implicações metodológicas para a pesquisa de tipo microetnográfico podem ser retiradas do estudo. (CNPq)

-oOo-

DES 1.13

CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA E O TRABALHO - UM ESTUDO EM PORTO ALEGRE. *Paola B. Alves, Aline S. Silva, Caroline T. Reppold, Clarisse L. dos Santos, Milena R. Silva,*

Luciano T. Prade e Sílvia H. Koller. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O trabalho infantil é assunto de pesquisa constante nas Ciências Humanas, principalmente quando associado a fatores como a evasão escolar, o enfraquecimento de vínculos familiares e a exploração desta força de produção. Em Psicologia do Desenvolvimento, é necessário descrever e analisar a relação entre o trabalho e os aspectos evolutivos na infância. Em estudo realizado na cidade de Porto Alegre, com 20 crianças em situação de rua (12 meninos e 8 meninas), com idade entre 6 e 12 anos, através da complementação de sentenças e entrevista estruturada, obteve-se os seguintes dados: a) todas as crianças já tiveram algum tipo de experiência de trabalho (engraxar, vender bilhetes lotéricos, esmolar), sendo que atualmente apenas 4 não trabalham; b) as crianças avaliam o trabalho como positivo e diretamente relacionado com a obtenção de recursos para sua subsistência e/ou subsistência da família; c) o trabalho aparece como opção própria, em contraposição a prática de atos infracionais ou ao "estar à toa"; d) quanto a preferência entre brincar e trabalhar, o grupo se divide igualmente, independentemente do sexo. Ainda, quando comparados com dados da literatura, nesta amostra as crianças entram no mercado de trabalho mais cedo (com idade em torno de 7 anos), deixam a escola com muita frequência e quando moram nas ruas, dizem não trabalhar e preferem passar o tempo brincando. (1-CAPES, 2-CNPQ, 3 e 4-PET, 5-FAPERGS).

-oOo-

DES 1.14

O DESEJO EM CRIANÇAS BRASILEIRAS E COLOMBIANAS. *Márcia Silva*, Raquel Brito** e Sílvia Koller.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Em uma pesquisa realizada na Colômbia foi perguntado a 95 crianças de situação de rua: "Se você pudesse pedir algo, quais seriam seus três desejos?" Os dados obtidos neste estudo foram organizados em seis categorias: "self-self biológica" (necessidades biológicas básicas) 17,44%; "self-self psicossocial" (aquisição de coisas materiais não essenciais) 26,35%; "self-outro real" (relacionamento entre a criança e uma pessoa específica) 17,44%; "self-outro ideal" (relacionamento com uma pessoa idealizada) 8,52%; "self-sociedade papéis sociais" (mudança de status social) 22,48%; "self-sociedade reformas sociais" 7,75%. A presente pesquisa tem como objetivo replicar este estudo com crianças em situação de rua no Brasil. Além da pergunta utilizada pelo pesquisador colombiano também foi solicitada uma justificativa para a resposta, à primeira pergunta. Os participantes deste estudo foram 53 crianças de rua, de ambos os sexos, com idades entre 10 e 15 anos. Para cada categoria foram encontrados os seguintes dados: "self-self biológica" 36,70%; "self-self psicossocial" 19,62%; "self-outro real" 13,29%; "self-outro ideal" 5,69%; "self-sociedade papéis sociais" 19,62%; "self-sociedade reformas sociais" 5,06%. Em relação a justificativa dos desejos, apresentadas pela amostra brasileira, foram organizadas dez categorias, entre elas: benefício próprio 24,68%; cuidado para si 17,72%; status 17,08%; intimidade-privacidade 12,65%; cuidados para si e para os outros 3,79% e ajuda para o outro 3,16%. Considera-se que estes resultados apontam para uma diferença entre as duas amostras no que se refere às necessidades biológicas e psicossociais. Diferente de um estereótipo que se tem a respeito das crianças de rua brasileiras, estas colocam em segundo plano a satisfação de coisas materiais não essenciais, diferentemente das crianças co-

lombianas. Os resultados brasileiros também chamam atenção para a demanda de uma política de intervenção mais voltada para a satisfação de necessidades básicas, pois em relação a estas, apareceram o maior número de desejos desta população.

-oOo-

DES 1.15

AS EXPECTATIVAS DE FUTURO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE *Fernanda Menna Barreto Krum, Caroline Tozzi Reppold, Mateus Berger Kuschick, Denise Ruschel Bandeira, Marcela Raffaelli e Sílvia Helena Koller*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A abordagem das expectativas de crianças e adolescentes em situação de rua encontra-se na literatura de forma rara e controversa. Enquanto alguns autores pontuam que tal população fixa-se ao presente, sem considerar uma perspectiva de vida passada e futura, outros apontam que a relevância desta está presente em seu pensamento. Frente ao paralelo que se apresenta, este trabalho objetiva analisar o relato de 69 sujeitos, quanto a suas expectativas de vida. Os dados foram coletados com 26 meninas e 43 meninos entre 11 e 17 anos na cidade de Porto Alegre. Para isto, utilizou-se uma entrevista semi-estruturada questionando, entre outros tópicos, as expectativas do sujeito em relação a situações específicas. Fez-se uso, ainda, de 3 sentenças incompletas referentes ao futuro, pertencentes ao instrumento *Sentenças Abertas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua*. A análise dos dados demonstra que quando questionados na entrevista sobre sua perspectiva situacional aos 18 anos, entre outras hipóteses, 28% dos sujeitos relatam a possibilidade de estarem trabalhando e 10% de estarem estudando ou constituindo família. Na amostra estudada, 25% dos participantes afirmam dormir na rua, enquanto 39%, em instituições, sendo que 65% do total de respostas expressa o desejo de continuar dormindo no mesmo local. Através da aplicação do instrumento de completamento de sentenças, verificou-se que a maioria dos sujeitos menciona desejos de cunho pessoal, quando as frases reportam ao futuro. Por outro lado, os desejos de ordem coletiva não aparecem em uma frequência significativa. Uma discussão a este respeito deve ser transpassada pelas questões da individualidade da situação de rua e da transição entre autonomia e heteronomia característica de cada etapa do desenvolvimento. (PET/CAPEs, Fapergs)

-oOo-

DES 1.16

COMPETÊNCIA SOCIAL E EMPATIA EM CRIANÇAS ESCOLARES DE NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO BAIXO. *Alessandra Lima Marques, Cláudia Beatriz Martins, Fernanda Menna Barreto Krum, Mariana Bocuzzi Raymundo e Sílvia Helena Koller*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O presente estudo tem como objetivo avaliar o nível de competência social e a empatia em crianças de nível sócio-econômico baixo. O conceito de competência social é baseado na maneira como o indivíduo interage nos eventos de vida, tanto em um sentido de resolução de problemas como em um sentido de auto-realização. A empatia refere-se a uma resposta emocional que deriva do estado ou condição emocional de outra pessoa e que é congruente com o estado ou situação desta. Estas duas variáveis encontram-se correlacionadas na literatura. Para avaliar a com-

petência social, utilizamos o Teste das Histórias Incompletas que avalia três domínios da competência: confiança, auto-eficácia e competência ativa. O teste é composto de 15 histórias incompletas adaptadas a realidade da amostra. As histórias são lidas individualmente, com a apresentação das respectivas ilustrações as quais foram incluídas com a finalidade de facilitar a compreensão do teste. A empatia será avaliada através de uma escala composta de 22 itens, os quais são lidos e a criança terá que responder se está de acordo ou não com o que foi perguntado. Nossa amostra é constituída de 40 crianças na faixa etária entre 6 e 9 anos, que frequentam escolas públicas da rede estadual de Porto Alegre. Em relação aos dados preliminares, na análise da competência social, encontrou-se 25% das crianças com respostas marginais, 60% com respostas medianas e 15% com respostas competentes de acordo com a avaliação da escala de Competência Social Total. A média de 17,4 e no desvio padrão de 3,2347 encontrados nesta amostra. Na subescala de Auto-Eficácia foram identificadas diferenças entre os gêneros ($p < 0.05$), onde as meninas obtiveram respostas mais competentes do que os meninos. No entanto, não foram verificadas diferenças significativas entre os gêneros nas demais subescalas, nem na escala total. Na análise da empatia a média encontrada foi 30, 59 e o desvio padrão 3,56. Não houve diferenças significativas entre gêneros. Pretendemos dar continuidade ao trabalho, aumentando o número da amostra, a fim de obtermos dados mais relevantes. (CNPq, Fapergs, PET/CAPEs)

-oOo-

DES 1.17

MÚSICA TONAL VERSUS MÚSICA ATONAL: UM ESTUDO DA PREFERÊNCIA EM BEBÊS HUMANOS. *Lairtes Julia Maria Temple Vidal e Maria Regina Conceição de Souza Godeli*, Universidade de São Paulo.

A música tonal é mais difundida em todo o mundo, possivelmente devido a algumas de suas propriedades que parecem torná-la peculiarmente mais atrativa que a música atonal para ouvintes com pouco ou nenhum conhecimento musical. Dentre estas, a melodia tonal ressalta a agradável sensação de repouso após a apresentação das cadências enquanto no sistema atonal a tensão é uma constante. Na fala humana do adulto para o bebê (preferida por bebês quando comparadas à fala normal adulto-adulto), encontram-se contornos melódicos com variações de sons semelhantes às resoluções presentes em composições escritas no sistema musical tonal, apresentando o caráter atrativo e agradável do tonalismo. Com o propósito de comparar uma possível preferência dos bebês por um desses dois sistemas musicais, trechos com 8 segundos de duração, de música tonal (Sinfonia nº 40 de Mozart) e de música atonal (Sinfonia nº 2 de Schoenberg.), foram apresentados a 21 bebês humanos (de 121 a 171 dias, média = 146). A emissão dos eventos sonoros, (assim como das luzes sinalizadoras) era controlada por um computador musical portátil (também com função de sequenciador), programado para receber e enviar mensagens *midi* previamente gravadas segundo os critérios de ritmo, andamento, duração, equalização e volume de som. Foi utilizada como metodologia para coleta de dados a técnica de "head-turning" (Fernald, 1985), que permite aos sujeitos realizarem "viradas laterais de cabeça" em direção aos estímulos (à direita ou à esquerda). Após as tentativas de treino para familiarização com a situação experimental, cada sujeito completava 15 tentativas de teste isentas de comprometimentos do tipo: choro, vocalizações, agitação psicomotora ou imprevistos com

os equipamentos. O critério para considerar satisfatória cada lateral da cabeça do sujeito, como indicador da escolha feita, era um ângulo mínimo de 30°. Os 315 eventos registrados como respostas foram analisados segundo a Prova Binomial, com dupla cauda, baseados no total geral e em blocos de tentativas. Em ambos os casos observou-se uma significativa preferência dos sujeitos pela música de Mozart em detrimento da música de Schoenberg. Uma análise, comparando esses dados com experimentos anteriores, sugere uma preferência dos bebês para os elementos básicos da música tonal. (CNPq)

-oOo-

DES 1.18

TIPOS DE BRINCADEIRAS DE PAIS E MÃES COM SEUS BEBÊS DE OITO MESES. *Nadia M. Delevati e Niélsy H. Púglia Bergamasco*, Universidade de São Paulo

Este estudo teve como objetivo descrever e analisar os tipos de brincadeiras que os pais e as mães fazem com seus filhos no ambiente natural de seus lares. Os sujeitos participantes deste estudo foram 4 díades mãe-bebê e 4 díades pai-bebê. Cada díade foi gravada em câmera de vídeo em 2 situações diferentes: hora da alimentação e hora da brincadeira livre, por um período de 5 minutos em cada situação. Após a análise dos dados, verificou-se que as brincadeiras dos pais foram mais do tipo física, ou seja, eles brincam mais de erguer o bebê para cima, pegar no colo, fazer cócegas, etc., enquanto que as mães utilizam mais os brinquedos. No vaivém da brincadeira física e da brincadeira com o brinquedo os pais acabam mudando muito os tipos de brincadeira. Nos 5 minutos de vídeo analisados, a média do número de brincadeiras das mães é de 5 brincadeiras por sessão, e dos pais é 13, 7. As várias mudanças nos tipos de brincadeiras dos pais, fazem com que cada brincadeira dure menos tempo, o que em média deu 24 segundos. Cada brincadeira das mães dura uma média de 68 segundos. O número de brinquedos usados pelas mães é em média 2, 5 em cada sessão, enquanto que para os pais este número é de 5, 5. As mães seguem as dicas dadas pelos bebês muito mais do que os pais. Elas captam com mais facilidade o desejo do bebê de mudar de atividade. Outro dado observado é de que as mães conversam mais sobre o que o bebê está fazendo do que os pais. Elas vão descrevendo todas as ações dos bebês. Na situação de alimentação, em média, pais e mães conversam sobre as mesmas coisas. No entanto os pais emitem mais sons como "hummm", "aummm" e fazem mais barulhos com a boca do que as mães. Notou-se também que os pais demonstraram mais ansiedade do que as mães nesta situação. Do total de 4 pais e 4 mães, a metade deles fizeram uso de algum brinquedo na hora de dar a comida. Isto sugere o uso do brinquedo como um apoio para conseguir que o filho coma toda a comida.

-oOo-

DES 1.19

AMAMENTAÇÃO EM CRECHE NO LOCAL DE TRABALHO DA MÃE. *Neusa Guaraciaba dos Santos de Oliveira e Vera Silvia Raad Bussab*, Universidade de São Paulo.

Com o objetivo de analisar a questão da amamentação em creche no local de trabalho de mães (Centro de Convivência Infantil - CCI), foram feitos: 1- levantamento dos CCIs na cidade de São Paulo; 2- entrevistas com mães que estavam amamentando em um CCI selecionado e 3- observação de três sessões de aleita-

mento com vistas a identificar as interações surgidas neste momento. *Método:* a) O levantamento dos CCIs foi feito através de ficha padronizada; b) Sete mães foram submetidas a entrevistas gravadas segundo um roteiro padrão e posteriormente submetidas à análise qualitativa. c) Cada díade foi filmada durante três sessões de aleitamento. As filmagens foram feitas utilizando-se duas câmeras fixas na parede, sem a presença do pesquisador. As idades dos bebês variaram de 4 a 6 meses, sendo 4 meninas e 3 meninos. *Resultados:* a) Através do levantamento dos CCIs concluímos que apesar da localização favorável da creche, o percentual de crianças amamentadas foi baixo (19%). A proporção de meninas aleitadas foi significativamente maior ($X^2 = 8, 22$) do que a de meninos. A existência de sala específica para a amamentação não foi um fator para o aumento da amamentação ($x^2 = 3, 74$), embora possa ser considerado facilitador. b) As entrevistas mostraram características comuns: percepções dos benefícios mútuos da amamentação, sensibilidade às necessidades dos bebês, como por exemplo quanto à época do desmame. Categorizamos os comportamentos das mães (de comunicação, afetivos e de cuidado) e os dos bebês (aninhar, tocar, brincar, agitar, resmungar). Apesar da suposição vigente nos CCIs de que nesta situação as mães interagem mais entre si, prevaleceram as interações mãe-bebê (76% do tempo). Encontramos diferenças significativas (teste T de Student) em função de sexo e ordem de nascimento: as mães interagiram mais afetivamente com as meninas; e a duração da amamentação apresentou uma tendência maior com o segundo filho. *Conclusões:* Há indicadores de que esta situação de amamentação seja facilitadora do desenvolvimento das díades mãe-bebê e da ligação destas com a creche. Além disso foram observadas vantagens suportivas da convivência do grupo de mães. O sub-aproveitamento desta possibilidade sugere a necessidade de trabalhos de esclarecimentos com a creche e com as mães. *Bolsa CAPES/CNPq

-oOo-

DES 1.20

O PAPEL DA INTERAÇÃO SOCIAL NA MANIFESTAÇÃO DA INFERÊNCIA CAUSAL. *Erika Linard, Alice Campelo de Albuquerque, Máira Barros Guerra e Maria Isabel Pedrosa*. Universidade Federal de Pernambuco.

O faz-de-conta é apontado na literatura como uma atividade que propicia o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. A transformação do real em imaginário possibilita à criança ir além da realidade concreta, contribuindo para o desdobramento de sua função de representação (Vygotsky, 1984; Wallon, 1986). Por outro lado, Dias (1993) afirma que habilidades cognitivas, como a inferência causal, estão presentes nas crianças e se manifestam mais precocemente se existirem condições favoráveis. Uma dessas condições é a brincadeira de faz-de-conta. Os resultados de pesquisa anterior (Pedrosa, 1997) indicam que crianças de três e quatro anos apresentam melhor desempenho nas tarefas de inferência causal na situação de faz-de-conta social, quando comparadas com outras na situação de faz-de-conta experimental. Pretende-se, no presente trabalho, investigar o papel da interação de parceiros coetâneos sobre a habilidade da criança em fazer inferências causais. Para isto foram examinados 24 pares de crianças de 3 e 4 anos convidadas a brincarem em uma sala com objetos que estimulam o faz-de-conta (sucatas e brinquedos). As crianças pertenciam a uma creche municipal que atendia a uma população de baixa renda. O examinador instigava as crianças através de perguntas, de modo a favorecer tanto a explicitação de

um faz-de-conta apenas esboçado, ou um clima mais animado na brincadeira. Em meio às questões, usando elementos da própria brincadeira, ele criava situações que possibilitassem à criança expressar inferência causal. Por exemplo, pegava a panelinha que estava no fogão e a soltava rapidamente no chão dizendo: “hui, hui, hui!” (balançando a mão); a criança dizia, então: “queimou foi tia? E a outra acrescentava: “tem fogo!”. As sessões foram vídeo-registradas e os episódios de faz-de-conta foram transcritos e analisados qualitativamente, buscando-se compreender a emergência da inferência causal naquela situação. Os resultados foram interpretados a partir do trabalho de Pedrosa, Carvalho, Império-Hamburger (1997). As ações co-reguladas dos interagentes propiciam momentos da brincadeira qualitativamente diferentes. Ocorrem a criação e a modificação das informações quando as crianças atribuem significados aos objetos ou situações da brincadeira através da expressão corporal, rítmica, fisionômica e verbal. Emergem estados coletivos caracterizados por um espaço de significação onde se situam os objetos de pensamento e da experiência. Isto parece favorecer a explicitação de inferências causais. Algumas implicações pedagógicas são indicadas. - CNPq).

-oOo-

DES 1.21

INFERÊNCIA DE CRIANÇAS PEQUENAS EM INTERAÇÃO SOCIAL OU EM SITUAÇÃO EXPERIMENTAL. *Claudio Ladys, Ana Flávia Araujo Pinho, Micheline Alves de Moraes e Maria Isabel Pedrosa.* Universidade Federal de Pernambuco

As teorias de Vygotsky (1984) e Wallon (1979 e 1986) concebem a ontogênese da criança numa perspectiva interacional. É com o outro e pela mediação do outro que se constitui sua função mental. Na interação com o parceiro surgem situações que parecem instigar o desenvolvimento infantil (Pedrosa, 1989; Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa, no prelo; Rossetti Ferreira, 1996; Oliveira, 1996; Vasconcellos, 1996; Pino, 1996). Por outro lado as pesquisas experimentais sobre inferência causal, realizadas por Dias (1992, 1993), têm indicado que o contexto de faz-de-conta favorece o surgimento desta habilidade cognitiva, fazendo-a aparecer numa idade mais cedo. O presente trabalho teve como objetivo investigar se crianças pequenas apresentam um melhor desempenho em tarefas de inferência causal quando examinadas em situação de faz-de-conta social, comparadas a um exame feito em situação de faz-de-conta experimental. Na primeira situação, a criança era convidada a brincar com um parceiro de classe em uma sala com brinquedos que estimulassem o faz-de-conta. O examinador, através de perguntas, animava a brincadeira ou deixava explícito um faz-de-conta apenas esboçado pelas crianças. A partir dos elementos da brincadeira, ele criava ou aproveitava situações onde a criança teria mais chance de expressar inferências. A título de ilustração: uma criança com um objeto na mão, fazia gestos como se estivesse se ensaboando. O examinador perguntou: de que você tá brincando? A outra criança se antecipa e responde: ela tá tomando banho tia! Ela tá toda molhada! Na outra situação, a de faz-de-conta experimental, o pesquisador propunha à criança, individualmente, uma tarefa previamente planejada tal como Dias (1992), com o intuito de verificar sua habilidade de inferência causal. Participaram da amostra 40 crianças de ambos os sexos, de 3 e 4 anos, pertencentes à camada de renda baixa. A coleta foi registrada em vídeo e os dados foram transcritos e analisados quantitativamente, computando-se o número de cri-

anças capazes de realizar inferências nas duas situações. Os resultados sugerem que a situação de faz-de-conta social é mais propícia para a criança explicitar sua habilidade de inferência causal do que a situação experimental. As conseqüências metodológicas deste estudo são indicadas e se discute o papel do parceiro de idade na estruturação de situações que favorecem a emergência de habilidades ainda não reveladas pela criança. (CNPq).

-oOo-

DES 1.22

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE INIMIGO EM CRIANÇAS E PRÉ-ADOLESCENTES. *Adriane Scomazzon Antoniazzi, Cláudia Xavier e Claudio Simon Hutz.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Poucos estudos têm buscado averiguar o desenvolvimento, em crianças e adolescentes, dos conceitos relativos a inimizade. O interesse em saber como as crianças compreendem e quem consideram seu inimigo é algo recente. Os primeiros estudos feitos no sentido de constatar as bases cognitivas para a formação e o desenvolvimento do conceito de inimigo em crianças e adolescentes datam da década de 60. Os estudos realizados até o presente momento demonstram que as razões citadas para se considerar uma pessoa como amiga mudam de acordo com a idade dos entrevistados, e que o mesmo se verifica com as razões citadas para se considerar uma pessoa como inimiga. Crianças de idade pré-escolar e de séries iniciais, normalmente se baseiam em fatos concretos para escolherem seus amigos ou evitar seus inimigos. Já os adolescentes justificam suas respostas com atribuições mais abstratas. O objetivo do presente estudo foi em investigar o desenvolvimento do conceito inimigo em crianças e pré-adolescentes, foram avaliadas as diferenças de gênero e de faixas etárias, bem como a maneira pela qual estes conceitos são concebidos pelas crianças, em diferentes fases de seu desenvolvimento. Participaram do presente estudo 150 crianças e pré-adolescentes, nas idades de 5, 9 e 13 anos, constituindo três grupos de 50 sujeitos, divididos por faixa etária, sendo metade de cada sexo, alunos de escolas e pré-escolas, da rede particular de ensino. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-estruturada. Foram realizadas análises do conteúdo das respostas obtidas nas entrevistas, levantadas as frequências das respostas para as categorias encontradas, e analisadas as possíveis relações entre as categorias, faixas etárias e gênero. Os resultados preliminares indicam que os achados encontram-se de acordo com as construções teóricas a cerca do assunto.

-oOo-

DES 1.23

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE AMIZADE EM CRIANÇAS E PRÉ-ADOLESCENTES. *Adriane Scomazzon Antoniazzi, Francine Eickhoff, Juliana Bredemeier e Claudio Simon Hutz.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As questões relativas a amizade tem sido consideradas muito importantes durante os anos da infância e a adolescência. Amizades geram oportunidades de socialização, além de experiências com conflitos, cooperação e competição. São elementos essenciais do rees. O objetivo deste estudo consiste em investigar o desenvolvimento dos conceitos de amizade em crianças e pré-adolescentes. Participaram do presente estudo 176 crianças e pré-adoles-

centes, nas idades de 5, 9 e 13 anos, sendo, aproximadamente, metade de cada sexo, alunos da rede particular de ensino. Como instrumento, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada. Foi realizada a análise de conteúdo das respostas obtidas através das entrevistas, e formuladas categorias *a posteriori*. Uma análise multivariada de variância (MANOVA) mostrou diferenças significativas com relação a sexo e faixa etária indicando que a justificativa para a amizade aos cinco anos baseia-se em elementos mais concretos, como brincar juntos, tornando-se gradativamente mais abstrata com o passar dos anos, como demonstra a categoria sinceridade, mais citada pelos pré-adolescentes. Foram encontradas diferenças sexuais significativas com relação ao número de amigos. Meninos indicaram ter em média três amigos, enquanto meninas apontaram dois. Estes resultados apontam para padrões evolutivos no desenvolvimento do conceito de amizade e estão de acordo com os achados da literatura internacional. CAPES.

-oOo-

DES 2.01

CONTROLE PERCEBIDO E CONTEXTOS FAMILIARES DE CRIANÇAS DE NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO BAIXO. *Lísia Ramos Mayer, Paula Machado, Mayte Amazarray, Isabel Cristina Paim Neves, Sílvia Koller*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Este estudo visa verificar a relação entre controle percebido e a estrutura familiar de crianças de nível sócio-econômico baixo. Os dados deste estudo foram obtidos através da aplicação de uma escala de controle percebido (CAMI) e de uma entrevista para obter dados demográficos, eventos de risco e questões pertinentes a situação familiar. Foram categorizados quatro tipos de famílias, família nuclear (pai, mãe e criança), família composta por só um dos pais (pai/criança ou mãe/criança), famílias que tornaram-se responsáveis pela criança que não é seu filho (parentes, vizinhos, etc.) e famílias reestruturadas (pai, madrasta e criança ou mãe, padrasto e criança). Participaram da amostra 56 crianças, sendo 30 meninas e 26 meninos que cursam a primeira série do primeiro grau de escolas estaduais da periferia de Porto Alegre. Não há diferença significativa da estrutura familiar das crianças em relação à presença de crianças de controle (CON=2, 87). A estrutura familiar demonstra não ter influência sobre as crianças de controle das crianças em foco. Este resultado pode estar relacionado com a ausência de avaliação da qualidade do vínculo existente entre crianças e membros familiares.

-oOo-

DES 2.02

PROXIMIDADE DE PAIS E MÃES EM CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RISCO. *Martha Wankler Hoppe, Fernanda Borges de Medeiros, Clarissa DeAntoni, Cláudia Frölich, Sílvia Helena Koller*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O apoio parental tem sido enfatizado em grande número de estudos sobre desenvolvimento de crianças. Para crianças expostas a situações de risco, a proximidade com os pais é considerado um fator de resiliência, que leva a uma adaptação bem sucedida. Este estudo apresenta uma proposta de mensuração do fator de proximidade dos pais a partir da percepção das próprias crianças. Foi utilizado como instrumento o Mapa dos Cinco Campos, que avalia a rede de apoio social e afetivo de crianças pequenas, utilizando metodologia apropriada para esta faixa etária. O Mapa consis-

te em um diagrama com cinco círculos concêntricos, que por sua vez é dividido em cinco campos, representando a família, parentes, escola, vizinhos/amigos e contatos formais. O círculo central corresponde à própria criança e cada círculo adjacente servirá para medir a qualidade do vínculo: quanto mais próximo do círculo central, maior o vínculo. O fator de proximidade é obtido multiplicando o número de pessoas citadas no círculo mais próximo ao centro por 8 e os seguintes por 4, 2 e 1, respectivamente. O círculo periférico indica os vínculos negativos. A amostra foi constituída por 40 crianças, 19 meninos e 21 meninas, de idade entre 7 e 9 anos, de baixo nível sócio-econômico, de escolas públicas da capital. Em relação aos pais biológicos, os resultados indicaram que 68,4% dos meninos, e 38,1% das meninas atribuíram fator de proximidade 8 para a mãe. O fator de proximidade 8 para o pai apareceu em 36,8% dos meninos e em 9,5% das meninas. A ausência de referência ao pai ocorreu em 42,1% dos meninos e em 28,6% das meninas. Para 38% das meninas, o fator de proximidade do pai foi 4. Indicações de vínculo negativo ocorreram em 2 casos da amostra total e foram relacionados a figura do pai. Foi mencionado por duas crianças pais mortos. Estes resultados confirmam a força do vínculo materno, indicado como mais próximo, e a vulnerabilidade na relação com a figura paterna.

-oOo-

DES 2.03

EVENTOS DISRUPTIVOS E MUDANÇAS NA PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA COMO MEMBRO DO GRUPO FAMILIAR: UM ESTUDO LONGITUDINAL. *Ana Cecília de Sousa Bastos, Milton B. de Almeida Filho e Miriã A. S. Ramos*. Universidade Federal da Bahia

Este trabalho é parte de um estudo mais amplo, que analisa a inserção da criança em práticas culturais no contexto familiar e as justificativas para a inserção das crianças nessas práticas, do ponto de vista do adulto. Estas estruturas relacionais, descritas por meio de uma categoria de análise denominada *modos de partilhar*, abrangendo as circunstâncias e justificativas parentais relacionadas à participação da criança naquelas práticas, são, numa perspectiva sistêmica, mecanismos muito gerais que regulam o curso do desenvolvimento das crianças e produzem, no nível micro-genético, significados e direções. Nos modos de partilhar, a descrição do processo de inserção da criança no cotidiano do grupo familiar incluía tanto mudanças normativas como transições e eventos que representem desvio e ruído. O objetivo desta comunicação é focalizar mudanças associadas a eventos disruptivos, assumindo-se que estes maximizam a probabilidade de emergência de novidade no curso do desenvolvimento. A alteração na forma e no conteúdo das práticas anteriores, por um efeito análogo ao da propagação de uma onda provocada por uma pequena pedra lançada sobre uma superfície líquida, reorganizaria os nichos de desenvolvimento, emergindo então ações e idéias mais complexas e significativamente mais autônomas por parte das crianças. A partir de entrevistas e observações realizadas junto a dez famílias de um bairro popular de Salvador, durante um período intensivo de um ano (1992) e em visitas domiciliares realizadas nos quatro anos subsequentes (1993-1996), em uma base trimestral, foram analisados episódios disruptivos descrevendo a participação da criança frente a problemas no âmbito das relações interpessoais na família e a alterações no cotidiano provocadas por eventos extrínsecos ao âmbito doméstico. São identificados, conforme a origem do evento disruptivo, três pa-

drões principais para descrever o seu impacto sobre o sistema familiar. A trajetória de uma família e outros episódios selecionados são apresentados para ilustrar: (a) a interdependência entre eventos disruptivos no curso de vida familiar e mudanças nas trajetórias de desenvolvimento dos indivíduos; (b) o impacto do envolvimento precoce da criança em situações emocionalmente excessivas; (c) as características do contexto nos quais emerge novidade no desenvolvimento e (d) a possibilidade da criança discriminar papéis e significados complexos relacionados à identidade e função sociais do grupo familiar a partir de eventos que representam ruptura e desafio. (CNPq)

-oOo-

DES 2.04

ESTUDO COMPARATIVO DO DESENVOLVIMENTO MORAL EM CRIANÇAS DE DIFERENTES CONTEXTOS SOCIAIS. *Selma Pacheco Guimarães, Sílvia Maria Melo Gonçalves Freire e Suely de Oliveira Schustoff.* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O objetivo do presente estudo foi avaliar as diferenças no desenvolvimento moral relativas à intencionalidade em crianças de três contextos sociais. A orientação teórica foi baseada nas contribuições de Piaget e Kohlberg. A amostra foi constituída de 126 sujeitos, de ambos os sexos, faixa etária de 9 a 11 anos de idade, sendo 42 crianças residentes com suas famílias no município do Rio de Janeiro (FAMILIAR-URBANO), 42 que vivem com suas famílias no município de Magé, RJ (FAMILIAR-RURAL) e 42 que moram na Fundação Romão de Mattos Duarte, no município do Rio de Janeiro (INSTITUCIONAL). Os sujeitos ouviram duas histórias que diferiam quanto à intenção do protagonista e/ou à consequência de seu ato e informavam a respeito do grau de maldade do protagonista em uma escala que variava de nenhuma a maldade total. Comparando-se os resultados dos sujeitos nas três condições experimentais - sem intenção e pequeno mal, sem intenção e grande mal e com intenção e pequeno mal - identificou-se as seguintes diferenças: as crianças do contexto familiar-urbano de 9 e 10 anos consideraram a intenção e a consequência de um ato em seus julgamentos, porém foi encontrada diferença maior nos julgamentos comparativos entre atos intencionais e não intencionais do que entre atos que envolviam diferentes consequências. Julgaram com mais severidade os atos intencionais. As de 11 anos basearam seus julgamentos apenas na intenção. As crianças de 9 e 10 anos deste grupo encontram-se em fase de transição entre os estágios Piagetianos de realismo e relativismo moral e as de 11 anos estão no estágio de relativismo moral. As crianças do contexto familiar-rural consideraram apenas a intenção do ato em seus julgamentos. Estas se encontram no estágio de relativismo moral. As crianças do contexto institucional de 9 e 10 anos consideraram a intenção e a consequência atribuindo a mesma maldade aos atos praticados não intencionalmente envolvendo consequências mais graves e aos realizados intencionalmente com consequências menos graves; estão no estágio de realismo moral. As crianças de 11 anos deste contexto não consideraram nenhum dos fatores, intenção e consequência, porém, analisando a tendência das médias, verificou-se que valorizaram as consequências, mas ao contrário do esperado, atribuíram menor severidade às mais graves (diferença estatística não significativa). Provavelmente, os julgamentos foram baseados em algum critério não identificado pelos pesquisadores. Concluiu-se que, em relação ao desenvolvimento moral, existe diferença significativa entre os grupos investigados.

DES 2.05

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE TIPOLOGIAS CORPORAIS EM CRIANÇAS DE DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS. *Paulo Nascimento, Cesar Piccinini, Karine de Assis e Helena Panzenhagem.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As tipologias corporais, ou seja, associações de características psicológicas à morfologia corporal, são encontradas no saber do senso comum. Tendo em vista o interesse em reexaminar a questão das tipologias corporais sob o prisma da teoria das representações sociais, o presente estudo investigou a representação social destas tipologias, conforme interiorizada por crianças de diferentes faixas etárias. Esperava-se que as crianças mais velhas, em virtude de já terem recebido maior influência dos valores de seu grupo social, apresentassem uma visão mais diferenciada dos tipos, aproximando-se dos padrões adultos da cultura brasileira, em um sentido mais amplo, e de seu grupo em particular. Além disso, em função das especificidades na socialização de meninos e meninas, esperava-se encontrar diferenças entre os sexos em relação a estas representações. Foram entrevistadas 36 crianças de classe média (16 meninas e 20 meninos) distribuídas em dois grupos de acordo com a faixa etária (6-7 anos e 9-10 anos). A amostra foi composta por crianças oriundas de famílias de nível sócio-econômico médio, que freqüentavam escolas públicas localizadas na região central de Porto Alegre. Utilizou-se como instrumento uma entrevista semi-estruturada, a qual explorava situações hipotéticas envolvendo personagens infantis pertencentes aos três tipos de estrutura corporal (i. e. endomórfico, mesomórfico e ectomórfico). Os dados foram examinados através de análise de conteúdo e análise de correspondência. As respostas foram divididas em unidades de sentido, que foram agrupadas em 12 categorias, de acordo com três aspectos (físico, pessoal e social) e seu caráter valorativo (favorável ou desfavorável). As representações variaram de acordo com a faixa etária e o sexo das crianças. Em relação aos aspectos físicos, ambos os grupos apresentaram tipificação. Já em relação aos aspectos pessoais e sociais, isto ocorreu apenas no grupo dos mais novos. Os meninos apresentaram maior tendência à tipificação que as meninas. Os resultados indicam que estas representações tendem a estar associadas a crenças socialmente construídas a respeito de saúde, alimentação, beleza e discriminação social dos tipos investigados.

-oOo-

DES 2.06

INTERAÇÃO SOCIAL EM DIFERENTES AMBIENTES DE CRECHES: ADULTOS E CRIANÇAS COMO PARCEIROS DO DESENVOLVIMENTO. *Eulina da Rocha Lordelo* (Universidade Federal da Bahia)

A idéia de ambiente de desenvolvimento derivada de uma concepção etológica do comportamento humano privilegia aspectos cruciais da experiência inicial, notadamente a constância e disponibilidade de um ou pouco mais adultos como figuras de apego. A literatura sobre os impactos da criação em creches avançou, nos últimos dez anos, em estabelecendo uma pequena vantagem desse tipo de experiência, apenas para crianças de baixo nível sócio-econômico, expostas a creches de boa qualidade. Entretanto, os mecanismos pelos quais a experiência de creche opera para produzir seus efeitos são desconhecidos, especialmente pela dificuldade em considerar contexto e organismo em interação recíproca, de modo a levar em conta a grande variabilidade interindividual. Assim, torna-se relevante a investigação voltada para a

compreensão do contexto como um sistema integrado, em que as partes se influenciam mutuamente. Nessa perspectiva, o presente estudo teve como objetivo examinar o comportamento social da criança em creche, com referência ao adulto e às outras crianças como parceiros de interação, relacionando-o às variáveis do contexto. Um total de 62 crianças de 1 a 3 anos, de cinco creches diferentes, metade delas proveniente de creches privadas e as demais de creches públicas, foram observadas em seus ambientes naturais de brinquedo, nas creches. Três sessões de 10 minutos, em dias diferentes, foram gravadas em VT, tomando-se cada criança como sujeito focal. Foram selecionados aleatoriamente 30 intervalos de 10 segundos em que a criança estava a menos de três metros de um adulto e de pelo menos outra criança; os intervalos foram classificados em categorias de interação em relação ao adulto e a outras crianças. Uma análise de variância (ANOVA) foi empregada para comparar as médias dos grupos. Os resultados obtidos incluíam efeitos moderados das variáveis creche e tipo de creche na maioria das categorias de interação, tanto em relação aos adultos como às crianças. Entretanto, a categoria *Orientação da criança apenas para o adulto* apresentou uma alta estabilidade, independentemente de idade, sexo, creche, tipo de creche e tempo de frequência à creche, sendo o mesmo padrão observado para a categoria *Interação entre crianças*, que variou apenas conforme a idade da criança e manteve-se constante em relação às variáveis relativas às condições do ambiente. Os dados são discutidos a partir de uma abordagem do desenvolvimento como sistema aberto, governado pelo princípio da equifinalidade, implicando isso que eles são capazes de empreender estratégias alternativas para diferentes contextos ambientais.

-oOo-

DES 2.07

PADRÕES DE COMUNICAÇÃO ENTRE ADULTO E CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE CRECHE. *Eulina da Rocha Lordelo, Rodrigo Freire Oliveira e Simone Pedreira Alves.* (Universidade Federal da Bahia).

Os estudos sobre creche enquanto contexto de desenvolvimento têm, frequentemente, comparado resultados desenvolvimentais de crianças criadas nas duas situações, com base no nível diferencial de atenção do adulto, característico de cada situação. Mais recentemente, muitos estudos vêm apontando a complexidade da situação da creche, com suas múltiplas possibilidades de fornecer espaços interativos dinâmicos para a criança. Assim, o presente trabalho objetivou investigar as proporções em que diferentes estratégias de comunicação são empregadas na situação de brinquedo livre em creche, bem como as respostas das crianças às comunicações do adulto com outras. Um total de 32 adultos e 43 crianças, de oito creches diferentes, cinco públicas e três privadas, foram filmados no desempenho normal de suas atividades no horário de brinquedo livre das crianças. Amostras de 10 a 30 intervalos de 20 segundos cada foram selecionadas aleatoriamente para classificação dos tipos de estratégia empregada (comunicação individual, coletiva ou articulada, com alternância de alvos e articulação temática). O mesmo procedimento foi empregado para analisar as respostas de cada criança em intervalos em que o adulto estava em comunicação individual com outras crianças. As amostras foram categorizadas por dois codificadores independentes e treinados, com uma concordância de mais de 85%. As médias de cada categoria (número de ocorrências dividido por número de intervalos) foram calculadas por grupos de variáveis independentes e as diferenças avaliadas através de uma análise

de variância (ANOVA). Os resultados mostraram grande variabilidade individual e indicam uma proporção desigual entre as categorias: comunicação individual com a média mais alta, seguida pela comunicação articulada e, por último, comunicação coletiva. Todas as categorias obtiveram médias diferentes, estatisticamente significativas, associadas à idade da classe. Comunicação individual mostrou-se associada também a creche e tipo de creche; comunicação coletiva revelou ainda associação com a variável tipo de creche. Em relação às respostas das crianças, observou-se que elas respondem às interações do adulto com outras crianças em mais da metade (59%) das ocasiões, pelo menos acompanhando o evento com o olhar, mas também interagindo diretamente com o próprio adulto ou com o alvo de sua atenção. Algumas das categorias de respostas da criança mostraram-se associadas a creche, idade da criança e razão adulto-criança. Os resultados sugerem que o contexto de creche, com seu caráter poliádico, constitui um ambiente estruturalmente distinto do contexto diádico, favorecendo um fluxo de interação não linear entre os diversos parceiros, com implicações para as concepções de creche e ambiente de desenvolvimento. (CNPq)

-oOo-

DES 2.08

A EXPLICAÇÃO DAS ORIGENS DO CONHECIMENTO EM CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES. *Ubiracy N. Monteiro e Cybele F. Santos.* Universidade Federal de Pernambuco.

Esta pesquisa desenvolve-se no âmbito de uma Teoria da Mente e, em particular, na área que investiga a compreensão das diversas fontes do próprio conhecimento e da confiabilidade que as representações podem ter em consequência desta. Os objetivos deste estudo foram: 1) investigar a compreensão que crianças do pré-escolar têm do papel das fontes informativas na origem de seu conhecimento; 2) em que grau atribuem a outros, com ponto de vista igual ou diferente do seu, o uso destas fontes; 3) como justificam o próprio conhecimento e o de personagens com diferentes acessos perceptivos; 4) comparar os resultados obtidos com crianças de duas culturas. Procuramos replicar com crianças brasileiras as condições experimentais utilizadas em pesquisa anterior com pré-escolares italianos (Monteiro, 1996). Participaram do presente estudo 72 crianças brasileiras de 3. 6 a 6. 2 anos, divididas em 3 grupos. A tarefa experimental proposta foi um jogo entre a criança e duas bonecas (uma com o mesmo tipo de acesso informativo e outra com acesso diverso daquele do sujeito). Foram utilizadas 6 situações as quais expunham os participantes a diferentes condições de acesso informativo (visual, inferencial, ausência total de acesso). Em todas situações a criança devia julgar e justificar o seu conhecimento e o das duas bonecas, a respeito de um objeto transferido de um recipiente transparente para um saquinho opaco. Os resultados mostraram que entre os 4. 6 - 5. 6 anos de idade as crianças começam a apresentar sistematicamente explicações pertinentes para justificar a origem de seu conhecimento e da boneca que tem o mesmo ponto de vista, nas situações em que o VER é a fonte informativa. A justificativa do conhecimento da boneca que tem um ponto de vista diverso do da criança mostrou-se mais difícil e só foi consistentemente feita a partir de 5. 6 anos. Do mesmo modo, no caso em que a inferência era a informação disponível, apenas a partir dos 5. 6 anos as crianças apresentaram, com relação ao próprio conhecimento, explicações que implicam alguma consciência de uma atividade cognitiva interna. Isto porém não ocorreu em relação ao conhecimento dos outros dois participantes. Estes resultados não diferem

significativamente daqueles obtidos em crianças italianas e isto parece sugerir que os passos no desenvolvimento da compreensão do papel das fontes informativas como origem do conhecimento pode ter um caráter universal.

-oOo-

DES 2.09

AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS COM HIPOTIREOIDISMO CONGÊNITO. *Maria Angélica de Oliveira Martins, Sônia Santa Vitaliano Graminha, Patrícia de Almeida e Karina Lima.* Universidade de São Paulo.

O hipotireoidismo congênito se constitui num fator de risco para problemas de desenvolvimento pois o hormônio da tireóide tem um papel fundamental para o desenvolvimento do cérebro. Estudos de crianças com hipotireoidismo congênito têm demonstrado que muitas delas apresentam déficits seletivos em tarefas neurocognitivas incluindo atraso da fala e linguagem, competência neuromotora mais pobre e habilidades percepto motoras mais fracas. No entanto, não se determinou ainda quando estes déficits específicos aparecem e como eles evoluem com a idade. O presente trabalho se propõe a acompanhar um grupo de crianças com hipotireoidismo congênito, dos 6 aos 24 meses, caracterizando o status de seu desenvolvimento em diferentes estágios. A partir de 1995, iniciou-se no Centro de Psicologia Aplicada da FFCLRP-USP, o atendimento de crianças portadoras de hipotireoidismo congênito, em tratamento no setor de endocrinologia do Hospital das Clínicas da FMRP-USP, encaminhadas para avaliação e acompanhamento do desenvolvimento. Para este trabalho foram selecionadas 9 crianças, cujas idades variavam dos 6 aos 9 meses na época do encaminhamento e que foram submetidas a três avaliações sucessivas de desenvolvimento, aos 6, 12 e 24 meses aproximadamente, através das Escalas Bayley de Desenvolvimento Infantil. Para cada criança foi calculada a *idade base* (aquela que corresponde ao item anterior ao primeiro fracasso apresentado pela criança), a *idade teto* (que corresponde ao último item no qual a criança obteve sucesso) e também, a partir do resultado total obtido pela criança, o Índice de Desenvolvimento Mental (IDM) e o Índice de Desenvolvimento Motor (IDP). Efetuou-se ainda a análise qualitativa dos itens não executados pela criança, contidos entre a idade base e a sua idade cronológica, identificando áreas específicas de dificuldade. Os resultados mostraram que na primeira avaliação, as dificuldades mais frequentemente encontradas relacionavam-se às habilidades motoras, coordenação motora e atenção seletiva a estímulos visuais. A dificuldade motora continuou evidente na segunda e terceira avaliação envolvendo a marcha e equilíbrio. Foi observado também, nas duas últimas avaliações, dificuldades com relação à linguagem receptiva e expressiva e à capacidade de resolução de problemas. Nas três avaliações, a mediana da idade base foi inferior à mediana da idade cronológica embora o IDM e o IDP da maioria das crianças tenha se situado dentro dos limites normais, provavelmente em função do tratamento de reposição hormonal a que estão sendo submetidas.

-oOo-

DES 2.10

A INFLUÊNCIA DA IDADE E DO SEXO NA CONFISSÃO DO DELITO EM UMA POPULAÇÃO DE CLASSE MÉDIA DA GRANDE VITÓRIA. *Heloisa Moulin de Alencar, Giovanna Sarcinelli Motta e Scheila Aparecida Uliana Canal.* Universidade Federal do Espírito Santo.

O presente estudo consiste em uma pesquisa sobre o juízo moral e teve por objetivo investigar, com base na proposição de La Taille (1991, 1992 e 1993), a questão da fronteira moral da intimidade, que é caracterizada como o estudo das condutas humanas a respeito do falar-de-si ou calar-se sobre-si, relacionado com as regras morais, que normatizam estas condutas. Dessa forma, pesquisamos a influência da idade e do sexo na construção da fronteira moral da intimidade, no que diz respeito a confissão do delito - forma normatizada do falar-de-si. A nossa amostra foi composta por 40 sujeitos, com idade entre 5 e 14 anos, de uma escola particular da Grande Vitória-ES. Os sujeitos foram entrevistados individualmente, de acordo com o método clínico proposto por Piaget (1932). Utilizamos três pares de histórias (dilemas) sendo que dois primeiros, apresentavam as seguintes oposições: delito com dano material grave cometido sem intenção *versus* delito com dano material leve cometido na ocasião de uma ação reprovável e dano material grave com confissão *versus* dano material leve sem confissão, e o terceiro versa sobre dois tipos de punição e a sua eficácia: "ficar sem recreio" e "confissão pública". Os resultados obtidos através da ANOVA permitiram verificar que houve diferença significativa (nível de significância de 5%) nas respostas dos escolares em relação: 1- A idade; sendo que: a) as crianças com idade entre 5 e 8 anos consideram que os sujeitos das histórias são culpados devido ao dano material que causaram. Por sua vez, com o aumento da idade os escolares enfatizam a intencionalidade em seus julgamentos e b) apesar de todas as crianças entrevistadas valorizarem a confissão do delito como uma regra moral, as justificativas apresentadas, pelos escolares com idade até 10 anos, apontam para o realismo moral (para estes sujeitos a confissão está em segundo plano na hierarquia de valores morais). 2- Ao sexo; sendo que: a) os meninos tendem a considerar como a punição mais justa "ficar sem recreio" porque a "confissão pública" é humilhante e b) as meninas afirmam, com mais frequência, que "Ficar sem recreio" não é considerado uma punição eficaz. Dessa maneira, concluímos que os aspectos psicogenéticos e psicossociais são importantes e influentes no que diz respeito a análise da confissão do delito enquanto uma regra moral.

-oOo-

DES 2.11

RESILIÊNCIA: UM ESTUDO COM BRASILEIROS INSTITUCIONALIZADOS. *Elaine Pedreira Rabinovich, Aparecida Magali de Souza Alvarez, Maria Cecília Leite de Moraes.* Universidade de São Paulo.

A resiliência, considerada como o *desenvolvimento normal sob condições difíceis* (RUTTER, 1990), impõe-se como objeto de estudo ante o quadro social brasileiro, onde 11 milhões de pessoas (Ipea, 1996) vivem em estado de pobreza (renda mensal inferior a 1 s. m.). Uma das consequências destes dados, dentre outros fatores, é uma grande população institucionalizada. Foi nosso objetivo realizar um estudo exploratório para verificar possíveis regularidades existentes nas histórias de vida de pessoas consideradas resilientes após longa permanência em instituições durante a sua infância. Foram sujeitos do estudo 7 pessoas, 3 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, de idades entre 16 e 45 anos, que viveram e/ou vivem em instituições/orfanatos, e que foram considerados "resilientes" segundo os seguintes critérios: vinculação afetiva presente, não delinquência, trabalho regular, sucesso escolar. Os sujeitos relataram suas histórias de vida em discurso livre (RODRIGUES, 1994), posteriormente analisado

comparando-se similaridades e diferenças entre os relatos e suas dinâmicas, objetivando-se padrões que se repetiam e/ou se repetiam. Através desta análise, foi visto que as instituições nortearam, modelaram e/ou ajudaram na formação de comportamentos, através do que denominou-se *paternagem*, ou seja, pelo exercício da função educativa de responsabilizar, dirigir e mostrar o caminho. Para os depoentes, existiu/existe uma “mãe idealizada”, frequentemente utilizada para justificar a internação, facilitando a aceitação desta condição. Igualmente foi agente facilitador a “negação” de ser/estar institucionalizado, através de uma busca de “normalidade”, em que suas vidas foram, para eles, processos de “normalização”, significando “ser como todo o mundo”, estar dentro dos padrões. A presença de irmãos implicou em o irmão mais velho assumir o “controle” da família, dentro e fora da instituição. Entre as mulheres, a busca e necessidade de figura masculina pareceu ser uma das forças a dar rumo às suas vidas. Todos citaram vínculo afetivo importante e alguns transferiram este vínculo para o estudo ou trabalho. Destacou-se a importância da família existente ou a ser formada na vida destas pessoas. Este estudo mostrou que o conceito merece maior investigação, devendo ser esta ampliada para contemplar, concomitantemente, observações de campo. Sugere-se a hipótese de *rede de fatores* (ROSSETI-FERREIRA, AMORIM, VITÓRIA) de proteção, de múltipla origem, responsáveis pela resiliência, dentre os quais o estudo fez surgir o *ponto fixo* (DAMERGIAN) favorecedor da “normalização” como um conceito heurístico a ser explorado em estudos subsequentes.

-oOo-

DES 2.12

VIVÊNCIA FEMININA DA PRIMEIRA RELAÇÃO SEXUAL. *Carla Andrade Ramos, Cristiana Maria Torres di Primio, Ciomara Benincá.* Universidade de Passo Fundo.

A sociedade atual tem estimulado para que as mulheres experienciem mais livremente a sua sexualidade, o que implica na liberação dos relacionamentos sexuais: não existem regras quanto a idade, ao parceiro ou ao momento de se ter a primeira experiência. Contudo, apesar de hoje em dia ser normal as mulheres terem sua primeira relação sexual antes do casamento, a subjetividade feminina continua, por vezes, se configurando como há décadas atrás. O presente estudo focalizou a vivência da primeira relação sexual em mulheres de diferentes gerações (5 sujeitos, com idade variando entre 20 e 43 anos), com o intuito de identificar semelhanças e diferenças nos comportamentos e nas idéias relativas a esse tema. As entrevistas semi-estruturadas foram analisadas qualitativamente e divididas em três categorias temáticas: 1) A primeira relação sexual, que retrata os fatores motivacionais envolvidos na experiência de desvirginamento; 2) Fatores externos envolvidos na primeira experiência, que contempla a pressão social e familiar favorecendo ou coibindo a experiência sexual; e 3) Vivência da sexualidade hoje, que discute a evolução das concepções sobre sexo com o passar do tempo e o comportamento sexual atual. Os depoimentos convergem para uma condição essencial à vivência do primeiro ato sexual: a mulher deve deixar-se levar pelo momento, baixar as defesas e arriscar-se. As expectativas, nem sempre assumidas, em relação à primeira experiência também atuam como facilitadoras ou não da primeira relação, tornando-a um momento singular. As fantasias vão desde sentir dor, sentir-se frígida, até a de encontrar o príncipe encantado. Tais fantasias mobilizam um padrão defensivo na tentativa de diminuir a vulnerabilidade feminina diante de um domínio eminente

mente masculino. Por fim, percebe-se que, a despeito da época ou da idade em que acontece a iniciação sexual, ela representa para as mulheres o abandono da segurança de um mundo de ingenuidade e sonhos para a inserção num mundo real, onde correrá riscos e terá que assumir as responsabilidades e conseqüências de seus próprios atos. E, por mais que o tempo passe e, que os contextos e linguagens sejam diferenciados, a primeira experiência sexual da mulher continua simbolicamente representando o tomar posse de si mesma.

-oOo-

DES 2.13

VIDA SEXUAL, PREVENÇÃO E CONTRACEPÇÃO: O QUE PENSAM OS E AS ADOLESCENTES, *Maria Helena Fávero, Vicenza Costa Capone, Simone Cerqueira Dumont.* Universidade de Brasília.

Dando prosseguimento a uma linha de pesquisa que se iniciou com o estudo da gravidez durante a adolescência (Fávero & Mello, 1993) e que, centrando-se em seguida no estudo das concepções dos e das adolescentes no que concerne os gêneros masculino e feminino e sua articulação com a questão da gravidez e a maternidade/paternidade, evidenciou a importância da relação entre a identidade e gênero, tendo por base valores morais articulados aos estereótipos feminino e masculino (Fávero & Coll, 1996), o presente trabalho teve por objetivo estudar as concepções dos e das adolescentes no que diz respeito à sua vida sexual, ao uso de contraceptivos e ao uso de preservativos. Com este intuito submetemos 360 estudantes de 3º ano do 2º grau de escolas públicas e privadas do Plano Piloto e de cidades satélites do D.F. a um questionário composto de 46 questões a serem respondidas segundo uma escala de 5 pontos elaboradas a partir da análise do discurso dos adolescentes que participaram de estudos anteriores já citados, abrangendo os seguintes eixos: a reação da família frente à prevenção e à gravidez; a reação dos amigos frente à gravidez; diálogo pais/adolescentes; as concepções sobre prevenção e contracepção e a articulação com as concepções sobre papéis femininos e papéis masculinos. Após análise estatística, obteve-se os seguintes resultados gerais: a família é vista como nova fonte de problemas a ser enfrentado tanto no que se refere à questão do acompanhamento ginecológico visando a contracepção, como no que se refere ao enfrentamento de uma gravidez; a gravidez é vista como uma falha de comportamento da moça, sendo, portanto, de sua responsabilidade; o uso de preservativos é associado ao tipo de relacionamento: se trata-se de namoro “sério”, ele é dispensável, havendo uma relação estreita entre o seu uso ou não, à confiança ou não entre os parceiros; o uso de preservativos associa-se também ao julgamento moral do que seja conduta sexual adequada ou inadequada. Estes dados são discutidos visando os trabalhos que pretendem uma intervenção psicológica nas escolas e visando os trabalhos voltados para as campanhas públicas preventivas. (CNPq).

-oOo-

DES 2.14

A ADOLESCÊNCIA E O BEM-ESTAR SUBJETIVO. *Tania Balsam Niskier, Rosane Braga de Melo e Carlos Américo A.* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A adolescência pode ser vista sob diferentes aspectos. Estudos sobre este período indicam ser este caracterizado por tensões que

são justificadas por considerar-se que a adolescência é um momento da vida caracterizado por mudanças e passagens. Mudanças corporais alteram tanto a gestalt do corpo quanto a relação com a sexualidade e são elas que marcam, para a maioria dos autores, o ingresso na adolescência. A tarefa mais árdua deste período é a do desligamento da autoridade dos pais; isto implica numa substituição desses para que o adolescente possa se inserir na comunidade. O bem-estar subjetivo é o estudo científico da felicidade (DIENER, 1984); de como e porque as pessoas experimentam suas vidas em caminhos positivos. Este conceito abrange as subdimensões satisfação de vida, felicidade, afetos positivo e negativo. Queríamos investigar o nível de bem-estar subjetivo em adolescentes, bem como a correlação entre seus escores obtidos nas escalas de Satisfação de Vida e Felicidade e a relação entre dados qualitativos obtidos em entrevistas e dados quantitativos obtidos em escalas. O bem-estar subjetivo e satisfação de vida foram avaliados, respectivamente, através da aplicação das escalas SWB e SLS e de entrevistas estruturadas, em 15 adolescentes de ambos os sexos, idades entre 13 e 20 anos, moradores de comunidade carente da zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, pertencentes à classe socioeconômica baixa, escolaridade variando do primeiro grau incompleto ao segundo grau completo. Os dados obtidos foram analisados qualitativamente, sendo utilizada também a correlação de Pearson. Os resultados das entrevistas revelaram que os adolescentes preocupam-se principalmente com os temas: relações com a família, relações afetivas fora do núcleo familiar (amizade e namoro), trabalho, lazer e estudos. Nos resultados das escalas, a correlação de Pearson para os itens relativos à Satisfação de Vida e Felicidade é de 0,7, o que indica consistência entre aspectos afetivos e cognitivos do bem-estar subjetivo. Os adolescentes se consideram felizes, o que fica claro nos resultados das escalas e das entrevistas. A inserção no mercado de trabalho e a formação da própria família aparecem reiteradas vezes nos relatos dos adolescentes, confirmando o que outros investigadores apontam como características deste período. É importante aprofundar estudos com adolescentes das camadas menos favorecidas da população. (CAPES)

-oOo-

DES 2.15

MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: SEXUALIDADE GRAVÍDICA E PUERPERAL *Edna Maria Severino Peters Kahhale* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de São Paulo); *Paula Regina Arruda Temperini*; *Déborah Moss* (PIBIC/CNPq); *Ingrid Luciana Francischetti Ferreira* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); *Marcelo Zugaib* (Universidade Estadual Paulista) e *Mathilde Neder* (Universidade de São Paulo).

Este trabalho integra-se às atividades do NEAd/Faculdade de Psicologia da PUCSP, da Clínica Obstétrica da F.M.U.S.P. e da Divisão de Psicologia do H.C.F.M.U.S.P. A gravidez é uma fase do desenvolvimento da mulher: implicando uma série de mudanças tanto a nível corporal, fisiológico como afetivo, relacional. O mesmo processo ocorre com a adolescência que redimensiona não só o indivíduo, como todo o meio e familiares ao seu redor. Pensar na gravidez da adolescente é pensar nestes dois processos ocorrendo juntos. O presente trabalho estudou o desenvolvimento da sexualidade adolescente durante a gravidez e no puerpério. Os dados foram coletados no Ambulatório de Obstetrícia; fez-se 41 entrevistas individuais semi-estruturadas durante o pré-natal e no puerpério, onde se investigava dados sociais e de sexualidade.

Os resultados indicam que 80,49% encontravam-se entre 15-17 anos; 43,90% não tiveram nenhuma intenção de engravidar, não relacionando assim atividade sexual à possibilidade de engravidar; 31,71% relatavam estabilidade na libido, durante o puerpério; 24,39% disseram que a libido aumentou no decorrer da gravidez; 56,1% quem tomava a iniciativa para que a atividade sexual genital acontecesse era o rapaz e em 21,95% destas relações a adolescente relatava que não houve mudanças na libido; 78,05% viviam maritalmente, sendo 9,76% casadas legalmente; 65,85% das adolescentes, que viviam maritalmente, seus companheiros estabeleceram um bom vínculo afetivo com o bebê e demonstraram isto conversando e massageando sua barriga; 14,63% estavam fazendo uso de métodos anticoncepcionais durante o puerpério; 17,07% pretendiam usá-lo; das que estavam com o companheiro (19,51%) mais da metade delas (75%) estavam fazendo uso de métodos anticoncepcionais e das que ainda não retomaram a atividade sexual (31,71%), 61,5% pretendiam fazer uso de algum tipo de anticoncepção, porém não podemos afirmar que isto ocorrerá. A análise destes dados nos remete a hipótese de que as adolescentes transferem aos seus companheiros a responsabilidade da relação sexual e mesmo estando grávidas ainda não associam atividade sexual genital com maternidade. (CNPq)

-oOo-

DES 2.16

MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: RELAÇÃO MATERNO x FILIAL. *Edna Maria Severino Peters Kahhale* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de São Paulo); *Ingrid Luciana Francischetti Ferreira*; *Déborah Moss*; *Paula Regina Arruda Temperini* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); *Marcelo Zugaib* (Universidade de São Paulo) e *Mathilde Neder* (Universidade de São Paulo).

Este trabalho integra-se às atividades do Núcleo de Estudos da Adolescência da Faculdade de Psicologia da PUC/SP, da Clínica Obstétrica da F.M.U.S.P. e da Divisão de Psicologia do H.C.F.M.U.S.P. A gravidez é uma fase do desenvolvimento da mulher: implicando uma série de mudanças tanto a nível corporal, fisiológico como afetivo, relacional. O mesmo processo ocorre com a adolescência que redimensiona não só o indivíduo, que está adolescente, como todo o meio e familiares ao seu redor. Pensar na gravidez da adolescente é pensar nestes dois processos ocorrendo juntos. A tarefa assumida pela adolescente, que engravida, é dupla: buscar a identidade pessoal e fazê-la através da maternidade. O presente trabalho estudou o desenvolvimento da relação materno x filial da adolescente durante o ciclo gravídico-puerperal. Os dados foram coletados no Ambulatório de Obstetrícia do H. C. da F. M. U. S. P. junto ao Programa Integrado de Assistência e Educação à Gestante Adolescente; fez-se 41 entrevistas individuais semi-estruturadas com adolescentes (de 13 a 17 anos) durante a gravidez e o puerpério, onde investigava-se dados sociais, corporais e da relação com o bebê. Os resultados indicam que 80,49% encontram-se entre 15 a 17 anos; 78,05% vivem maritalmente, sendo 9,76% casadas legalmente; 53,66% moram com suas famílias; 21,95% cursaram até o 2º grau incompleto e 63,41% entre a 5ª e 8ª séries do 1º grau. O desejo de engravidar foi relatado por 65,85% das adolescentes, 75,61% não planejaram e 85,36% aceitaram a gravidez. 78,05% relataram percepção de alteração emocional no período gestacional, que não apresentou relação com a significação atribuída aos movimentos fetais: 63,41% considera-os uma forma de comunicação do feto com elas. A interação delas com ele através de massagem e/ou conversa

ocorreu em 82,92%. O pai do bebê também interage desta forma com o feto e 60,98% das adolescentes valorizam-na. O modelo materno destas adolescentes não influenciou diretamente na ocorrência da gravidez, somente 39% delas têm mães que engravidaram na adolescência.. O medo mais freqüente é o do parto, que aparece em 31,71% dos casos. A experiência do parto foi considerada boa por 75,71% das adolescentes. Percebeu-se que estas utilizam a relação materno-filial como um recurso para construir sua identidade como mulher. (CEPE/PUCSP e PIBIC/CNPq)

-oOo-

DES 2.17

A CONSTRUÇÃO PSICOLÓGICA DO PROCESSO DE MENS-TRUAÇÃO. *Mariana do Nascimento Arruda, Roberta Raffaelli Nascimento e Verônica Esteves de Carvalho.* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Esta pesquisa teve como finalidade investigar as atitudes de meninas adolescentes em relação a ocorrência da menstruação. Tendo em vista a amplitude do tema e a diversidade de experiências vivenciadas pelas adolescentes, optou-se por restringir o universo, considerando meninas de classe operária localizadas na faixa etária de 11 a 14 anos, na cidade de São Paulo. Nesse sentido, os objetivos fundamentais do nosso estudo foram os seguintes: 1) - Investigar o significado da menstruação e as vivências que a acompanham; 2) - Caracterizar o conjunto das representações sociais envolvidas nesse processo; 3) - Enfatizar o papel exercido pela relação mãe e filha na construção dos sentidos atribuídos à menstruação, bem como a posição do pai frente ao evento; 4) - Finalmente, a partir dos dados coletados pela pesquisa, apontar as possíveis formas de atuação do psicólogo. Para a execução desta pesquisa circunscrevemos a nossa investigação a 30 adolescentes de uma escola pública de São Paulo (EPPSG Miss Browne), provenientes de famílias operárias. Primeiramente, utilizamos questionários para a seleção dos sujeitos de pesquisa. Em seguida, fizemos entrevistas com o objetivo de revelar as representações através dos discursos. Chegamos às seguintes categorias principais: "Início da adolescência", "Entendimento e identificação do fenômeno de estar menstruada", "Coexistência de duas identidades", "SER como transformação da própria existência" e "Menstruação: Fenômeno biológico X Próprio da identidade feminina". O significado mais restrito da menarca apareceu na dualidade fenômeno-biológico e identidade feminina, dizendo respeito à própria intimidade. A conclusão a que se chegou é que as adolescentes e seus pais têm uma consciência fragmentada do fenômeno, pois não conseguem integrar menstruação, sexualidade, afetividade, relacionamentos, planejamento familiar e condição feminina, dentro desta sociedade e neste contexto histórico. (FAPESP)

-oOo-

DES 2.18

ESTEREÓTIPO SOBRE ADOLESCENTES EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Luciana S. Oliveira, Alessandra Sant'Anna Bianchi.* Universidade Luterana do Brasil.

Estudos sobre adolescência têm mostrado que esta constitui-se uma importante fase na formação da identidade do homem. A construção da identidade nesta fase é apontada, por vários autores, como um processo de identificação com o grupo de iguais e com modelos oferecidos pelo meio social. Neste contexto, o estudo de estereótipos faz-se importante sob a premissa de que estes tornam-se

modelos sociais e assim podem atuar tanto como constituintes como serem constituídos pelo modo de ser adolescente. Conhecer as características básicas destes estereótipos pode auxiliar o processo de desmistificação do que seja esta fase do desenvolvimento, seja para os pais e educadores em especial como para a sociedade em geral; propiciando assim, um ambiente que promova mais saudavelmente o processo de construção da identidade pelo adolescente. Foram sujeitos desta pesquisa trinta estudantes universitários de ambos os sexos. Os sujeitos eram abordados e questionados sobre que palavras "lhes vinham à cabeça" ao ser dado o estímulo "adolescente", eram tomadas para análise as seis primeiras palavras. Os dados foram analisados qualitativamente buscando identificar categorias estereotípicas. Os dados indicaram a existência de três principais categorias estereotípicas. A primeira destas categorias refere-se a questões de postura subjetiva do adolescente e abrange qualificações como por exemplo "rebeldia" e "irresponsabilidade". A segunda categoria refere-se a atividades do adolescente e são exemplos de asserções aqui classificadas "festas" e "namoro". Finalmente, a terceira categoria refere-se ao período físico da adolescência e é composta por palavras ou expressões como "período transitório" e "idade". Os resultados apontaram a necessidade de uma abordagem quantitativa à questão de modo que seja possível saber quão importante é cada uma das categorias e de seus componentes na determinação do estereótipo do adolescente. Esta segunda parte da pesquisa já está em andamento.

-oOo-

DES 2.19

O QUE PREOCUPA OS ADOLESCENTES? *Alessandra Sant'Anna Bianchi.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Estudos sobre adolescentes mostram como preocupar-se é uma característica desenvolvimental desta fase. Diversos destes trabalhos têm apontado que as preocupações são influenciadas pelo contexto cultural em que está inserido o adolescente. Assim torna-se importante saber o que preocupa um determinado grupo de adolescentes, num dado contexto cultural, para poderem ser desenvolvidas estratégias de intervenção e prevenção em saúde mental. A amostra constituiu-se de sujeitos de ambos os sexos, entre 10 e 21 anos, inclusive, estudantes de 5ª série do primeiro grau ao 2º ano do segundo grau. Os sujeitos freqüentavam a 5ª (n=126), 6ª (n=127), 7ª (n=141) e 8ª (n=136) séries do primeiro grau e o 1º (126) e 2º (148) anos do segundo grau nas redes privada e pública de ensino. O instrumento utilizado foi uma escala sobre preocupações que compreende uma lista de 99 itens onde o indivíduo deve assinalar a intensidade daquela preocupação para ele, em uma escala de 1 (não me preocupa) a 3 (me preocupa muito). O instrumento foi aplicado em sala de aula e foi solicitado que, após respondido, os alunos o colocassem em uma urna, sem identificação pessoal. A análise de dados foi freqüencial, quanto à questão sobre o que preocupava os adolescentes, e para comparar as diferenças de médias de preocupações, através de ANOVA, tendo como variáveis independentes idade, sexo, classe social e grau de instrução. Os resultados indicaram que a perda de um(a) amigo(a) próximo, o estupro e a AIDS são as situações que mais preocupam os adolescentes. Diferenças nos níveis de preocupação foram encontrados para idade, sexo e grau de instrução. Os grupos mais novos foram os que apresentaram maiores escores para preocupação; as meninas mostraram-se mais preocupadas que os meninos e o nível de preocupações tendeu a diminuir conforme o adolescente avançava academicamente. O conhecimento do que preocupa o adolescente e das diferenças

existentes quanto aos níveis de preocupação torna possível traçar um plano de ação que permita a partir das preocupações dos adolescentes abordar questões preventivas em saúde. (CNPq)

-oOo-

DES 2.20

A INFLUÊNCIA DO PAI NA ESCOLHA PROFISSIONAL. *Caroline Passuello, Cristina Ostermann, Rita C.S. Lopes, Francisco Settineri.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A questão da figura do pai tem sido pouco referida na literatura. O objetivo do trabalho é verificar a importância da figura paterna num momento pontual do desenvolvimento humano: a escolha profissional. Foram estudados os comentários verbais relativos ao pai realizados em entrevistas, tanto no que se refere a influência deste na escolha, quanto a possibilidade de ter participado nesta como modelo identificatório. Na primeira etapa, foram analisadas 46 entrevistas realizadas pelo Serviço de Orientação Profissional do Instituto de Psicologia da UFRGS, buscando detectar a referência explícita do pai nas entrevistas. O pai foi referido explicitamente como modelo profissional por 13% dos entrevistados, e 15,2% falaram que sofreram influência do pai na escolha da profissão, o que indica pouca referência explícita. Em uma segunda etapa, de natureza qualitativa, foi realizada uma análise de conteúdo de entrevistas de 4 adolescentes. Nesta foi possível visualizar a participação não explícita do pai, mostrando-se como modelo identificatório no processo de escolha profissional.

-oOo-

DES 2.21

QUEM É O ADOLESCENTE DO PONTO DE VISTA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Luciana Socoloski Oliveira, Alessandra Sant'Anna Bianchi.* Universidade Luterana do Brasil.

Estudos sobre adolescência têm mostrado que esta constitui-se numa importante fase na formação da identidade do ser humano. Desvendar como se dá essa formação, como o adolescente constrói sua identidade, é papel da psicologia do desenvolvimento. Autores dessa área têm apontado que tal processo se dá pela identificação com o grupo de iguais e com modelos oferecidos pelo meio social. Neste contexto, o estudo de estereótipos faz-se importante sob a premissa de que estes tornam-se modelos sociais e assim podem atuar tanto como constituintes como serem constituídos pelo modo de ser adolescente. Conhecer as características básicas destes estereótipos pode auxiliar o processo de desmistificação do que seja esta fase do desenvolvimento, seja para os pais e educadores em especial como para a sociedade em geral; propiciando assim, um ambiente que promova mais saudavelmente o processo de construção da identidade pelo adolescente. Este trabalho teve como proposta ser um estudo exploratório, seguindo as premissas da metodologia qualitativa, visando identificar categorias formadoras do estereótipo de adolescente entre estudantes universitários. Foram sujeitos desta pesquisa trinta estudantes universitários de ambos os sexos. Os sujeitos eram abordados, nos *campi* de duas universidades sulriograndenses, e era feita uma pergunta sobre o que lhes “vinha à cabeça” quando era dita a palavra adolescente. Como dados foram consideradas as seis primeiras palavras, ou expressões, indicadas pelos sujeitos. Os dados foram analisados qualitativamente no sentido de buscar identificar quais aquelas palavras e expressões que se assemelhavam quanto ao seu significado e, portanto, poderiam jun-

tas constituir uma categoria estereotípica. As análises indicaram a existência de três principais categorias estereotípicas. A primeira destas categorias refere-se a questões de postura subjetiva do adolescente e abrange qualificações como por exemplo “rebelia” e “irresponsabilidade”. A segunda categoria refere-se a atividades do adolescente e são exemplos de asserções aqui classificadas “festas” e “namoro”. Finalmente, a terceira categoria refere-se ao período físico da adolescência e é composta por palavras ou expressões como “período transitório” e “idade”. Os resultados apontaram a necessidade de uma abordagem quantitativa à questão de modo que seja possível saber quão importante é cada uma das categorias e de seus componentes na determinação do estereótipo do adolescente. Esta segunda parte da pesquisa já está em andamento.

-oOo-

DES 2.22

AVALIAÇÃO DOS ESTADOS DE ÂNIMO DE IDOSOS PRATICANTES DE EXERCÍCIO COM MÚSICA *Maria Luiza J. Miranda* (Universidade S. Judas Tadeu), *Maria Regina S. Godeli* (Universidade de São Paulo - IP) e *Silene S. Okuma* (Universidade de São Paulo - EEFÉ)

As diferentes formas de organização do cotidiano da criança atuam como recursos para seu desenvolvimento e cada vez mais a creche vem fazendo parte desse cotidiano. Em vista disso, baseado nos pressupostos sócio-interacionistas de Vygotsky e Wallon, este trabalho tem por objetivo discutir as formas de estruturação das atividades desenvolvidas em uma turma de creche proposta pela educadora e analisar como esta estruturação aparece na brincadeira de faz-de-conta de escolinha da mesma turma de crianças, sem a presença da educadora. Para tanto, investigamos uma turma de 33 crianças de 4 anos e sua educadora, de uma creche municipal de Ribeirão Preto atendendo a população de baixa renda. Cinco sessões de atividade pedagógica, com duração em média de 38 minutos, gravadas em VT foram analisadas microgeneticamente, a partir de transcrições feitas em intervalos de 15 segundos. Estes dados foram confrontados com aqueles construídos a partir da transcrição microgenética de 1 sessão de faz-de-conta de “escolinha” da mesma turma de crianças, com aproximadamente 18 minutos de duração, sendo que uma das crianças representava a professora. Para uma primeira análise, foram elaborados quadros que demonstram a dinâmica das sessões e a partir destes dados foram selecionados episódios para a análise microgenética. Tais quadros e análises apontam que as atividades pedagógicas são bastante dirigidas, com um grande controle pela educadora para a execução de tais tarefas. Houve um predomínio de atividade livre de artes plásticas dentro destas atividades, que parecem não ser dinamicamente planejadas. As práticas pedagógicas poucas vezes são acompanhadas de instruções, não sendo informado às crianças os motivos porque elas devem ser realizadas conforme proposto. A precariedade da creche: escassez de material, espaço limitado, razão adulto-criança inadequada, acabam por determinar o desenvolvimento de tais atividades. Estas acabam reaparecendo no faz-de-conta, não em forma de ações pré-determinadas, mas sim de reconstruções e resignificações de experiências anteriormente vivenciadas com a educadora, conforme a reprodução de gestos, posturas, instruções e regras, assim como o uso do material disponível (papel, cola, etc). (CNPq-FAPESP).

-oOo-

**PSICOLOGIA ESCOLAR
E DA EDUCAÇÃO**

ESC 1.01

APRECIÇÃO DOCENTE DE FATORES RELACIONADOS AO DESEMPENHO ACADÊMICO DO ALUNO. *José Augusto da Silva Pontes Neto, José Luiz Guimarães e Fernando Frei* (Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis).

O estudo insere-se no contexto da teoria da atribuição. Trata-se de uma réplica e extensão de pesquisas realizadas sobre fatores relacionados ao aluno e percebidos, por professores, como relevantes em situação de desempenho acadêmico. O objetivo básico foi o de verificar se havia diferença na apreciação da capacidade, esforço e conceito obtido por alunos em situação de desempenho acadêmico, por parte de professores de escolas públicas e privadas, que ministravam aulas nas quatro séries iniciais do 1º grau. Atuaram como sujeitos 18 professores de escolas públicas e 18 professores de escolas privadas de um município do interior do Estado de São Paulo. Desse total de 36 sujeitos, 01 era do sexo masculino e 35 do sexo feminino, com tempo de serviço variando de 02 a 47 anos. Em termos de escolaridade, 5% possuíam apenas magistério, 5% magistério e curso superior incompleto, e 90% magistério e curso superior completo. Esses professores receberam um conjunto de instruções escritas referentes a como responder, individualmente, a um instrumento que continha 20 condições experimentais. Estas condições versavam sobre situações de desempenho acadêmico (em que alunos tinham ou não capacidade, apresentavam esforço ou não e obtinham um conceito, que podia ser insuficiente, regular, bom, muito bom e excelente) e, solicitavam que o professor a punisse ou recompensasse o aluno nela envolvido, atribuindo-lhe estrelas de diferentes cores. Os dados coletados indicaram que professores de escola pública e professores de escola privada não diferem na apreciação de alunos em situação de desempenho acadêmico ($F = 0.0305$, $p < 0.05$). Mas os fatores, considerados isoladamente, apresentaram influência significativa, a saber: esforço ($F = 177.26$, $p < 0.05$), conceito ($F = 78.52$, $p < 0.05$) e capacidade ($F = 28.96$, $p < 0.05$). Houve, também, interação significativa entre esforço e capacidade ($F = 12.95$, $p < 0.05$). Tais resultados, sobretudo o que diz respeito à influência do esforço em situação de desempenho, são compatíveis com outras pesquisas a respeito do assunto em pauta. Para finalizar, vale dizer que se as percepções da pessoa indicam como ela compreende o mundo que a rodeia e tem influência no seu comportamento, os dados deste estudo devem despertar alguma atenção em relação ao trabalho do professor em situações de desempenho acadêmico.

-oOo-

ESC 1.02

CARACTERÍSTICAS DE ALUNOS UNIVERSITÁRIOS COM DIFERENTES ORIENTAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM ACADÊMICA. *João Loch* (Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília) e *José Augusto da Silva Pontes Neto* (Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis)

Teoricamente, postula-se que a aprendizagem significativa é superior à aprendizagem mecânica em vários aspectos. Por conseguinte, alunos que apresentam uma orientação para aprender significativamente deveriam possuir características, que poderiam ser consideradas como “mais positivas” do que as características de alunos que se dispõem a aprender mecanicamente, no que se refere a aspectos relacionados à aprendizagem em contexto esco-

lar. O objetivo deste estudo foi, portanto, o de comparar características de alunos com orientação para a aprendizagem significativa com as características de alunos com orientação para a aprendizagem mecânica. As características focalizadas foram: experiência anterior à faculdade, expectativas com relação ao curso universitário, desempenho em uma prova bimestral, grau de satisfação relacionado a esse desempenho, e causas atribuídas ao sucesso e ao fracasso no desempenho atingido. Atuaram como Ss 60 alunos matriculados na 2a. série de um curso de Psicologia, localizado no interior do Estado de São Paulo, sendo 53 do sexo feminino e 07 do sexo masculino, com idade variando entre 18 e 65 anos, aproximadamente. Esses Ss foram classificados como possuindo orientação significativa ou orientação mecânica, de acordo com respostas a um questionário, avaliadas por três juízes. Os dados referentes às características mencionadas foram coletadas, também, por meio de questionário e tratados por meio de análise de conteúdo. Assim sendo, pôde-se inferir que os Ss com orientação para aprender significativamente possuíam uma experiência escolar anterior mais rica que a dos Ss com orientação para aprender mecanicamente. Expectativas mais claras e realistas, em relação à escolha e consecução do curso, foram, igualmente, mais frequentes em alunos com orientação significativa. O desempenho médio com relação à prova bimestral dos Ss com orientação significativa foi apenas ligeiramente superior ao desempenho médio dos outros Ss. A satisfação para com o desempenho obtido, no entanto, foi maior no grupo dos Ss. voltados para a aprendizagem significativa. A atribuição de causas para o sucesso ou fracasso relacionado ao desempenho atingido, também, apresentou variação nos dois grupos. Desse modo, considerando-se os dados do estudo, a alunos com orientação para a aprendizagem significativa parecem estar associadas características “mais positivas” do que a alunos com orientação para a aprendizagem mecânica. (CNPq)

-oOo-

ESC 1.03

PERFIL DO ALUNO UNIVERSITÁRIO NA OPINIÃO DE PROFESSORES. *Teresa Cristina Siqueira Cerqueira*. Universidade Federal de Roraima.

O presente trabalho investiga através da técnica do Incidente Crítico alguns traços relevantes sobre o perfil do aluno universitário na opinião de professores. Estes, após certo tempo de contato com seus alunos, tendem a rotulá-los de bons, médios ou maus. Essas opiniões, impressões e sentimentos que uma pessoa tem em relação a outra, são determinadas pela percepção social. A sala de aula, em sua complexa rede de relação interpessoal, constitui uma realidade para qual a psicologia social tem muito a contribuir. Empregou-se a Técnica do Incidente Crítico, desenvolvida por Flanagan (1954). A técnica envolve a descrição de comportamentos (atos) relevantes, de conteúdo suficiente para que o propósito ou intenção (objetivo do ato) e as conseqüências e efeitos (resultados) estejam presentes. A amostra foi composta de 68 respondentes, sendo 37 (trinta e sete) do sexo masculino e 31 (trinta e um) do sexo feminino, todos professores na cidade de Brasília - DF, pertencentes a uma universidade pública federal e três universidades privadas. As áreas científicas consideradas para efeito de seleção da amostra, foram as seguintes: ciências exatas (cursos de física, química, matemática, biologia e estatística) e ciências humanas (cursos de psicologia, turismo, geografia, filosofia, sociologia, letras e antropologia). O instrumento utilizado

foi uma entrevista estruturada, com base na técnica do incidente crítico, visando obter informações relativas a comportamentos de bons e maus alunos e suas características na opinião dos professores respondentes. Estas entrevistas foram gravadas em fita-cassete. Podemos verificar que 76% dos professores da área de ciências exatas e 56% dos professores da área de ciências humanas enfatizaram o fato do bom aluno ser aquele que se interessa pela matéria. Os bons alunos foram caracterizados por 49% dos professores da área de ciências exatas e 65% dos professores da área de ciências humanas, como sendo aqueles que possuem bom rendimento acadêmico e que realizam trabalhos bem estruturados. A pesquisa revela que a percepção social vai além da percepção sensorial direta, pois muitos outros fatores a influenciaram, tais como os valores acadêmicos do próprio percebido e seus estereótipos em relação ao bom e mau aluno. A pesquisa mostra também que a coleta de incidentes foi uma estratégia bem-sucedida, sendo possível utilizar esta técnica em uma gama diversificada de situações.

-oOo-

ESC 1.04

PRODUÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR NO COTIDIANO: EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO EM ESCOLA PÚBLICA. *Patrícia Carla Silva do Vale, Débora Cristina Piotto, Renata Meneghini, Mariélina Araújo, Éber Fernandes de Matos, Érika Midori, Sandra Sawaya.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

A compreensão da produção do fracasso escolar, que tem como uma das consequências o processo de exclusão sofrido pelas crianças de camadas populares na escola pública, é objeto da atuação do psicólogo escolar. Resultados recentes de pesquisas mostram que os altos índices de fracasso escolar destas crianças, estão relacionados com a organização e o funcionamento da escola, assim como com as relações estabelecidas neste contexto. Através de um trabalho de intervenção, realizado por estagiários do curso de Psicologia da USP de Ribeirão Preto, em uma escola de primeiro grau que atende esta população, procurou-se investigar as relações que se estabelecem no interior da escola e no relacionamento desta com sua clientela, relações que estão na base das explicações para os problemas escolares. Este trabalho se desenvolveu no período de março a dezembro de 1995 e teve por objetivo: conhecer as práticas envolvidas na produção do fracasso e a busca de possíveis soluções; compreender o processo de exclusão sofrido por crianças de primeiras e segundas séries; e assessorar professores e diretor quanto ao trabalho desenvolvido com as crianças nas reuniões de HTP (Horário de Trabalho Pedagógico). O olhar sobre o cotidiano desta escola passou pela investigação de quem eram as crianças indicadas pelas professoras como crianças com problemas de aprendizagem, investigando como funcionava a escola enquanto Instituição (relações de poder e hierarquia) e quais eram as práticas cotidianas da escola que construíam um determinado tipo de relação com a sua clientela. Para isto foram utilizadas várias estratégias como grupos com as crianças indicadas, reunião com os pais destas, reunião com os professores e diretor, entrevistas individuais com as crianças e com os professores, eventuais visitas às casas dessas crianças, além de uma pesquisa sobre o histórico escolar das mesmas. O trabalho permitiu o início da construção de um novo olhar da escola sobre si mesma, sua clientela e o repensar suas práticas. O fracasso escolar comumente atribuído às crianças foi se revelando, de fato,

como o produto de relações e práticas que tinham lugar na escola, o que levou à busca de novas formas de organização como, por exemplo, a reestruturação do espaço do recreio em oficinas de leitura, artes, jogos, etc. A partir desse trabalho foi possível constatar o papel fundamental das relações e práticas estabelecidas no interior da escola na produção do fracasso escolar e a importância do psicólogo escolar nesse contexto.

-oOo-

ESC 1.05

ICONICIDADE E ENSINO DE RECONHECIMENTO DE SÍMBOLOS EM SISTEMAS COMPUTADORIZADOS DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA. *Leila Nunes, Daniel Nogueira, Mirna Passos, Kely Paula, Ana Magalhães, Soraya Madeira e Terezinha Valério,* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, *Débora Nunes, Ivânia Araújo, Ana Beatriz Bernat,* Universidade Federal do Rio de Janeiro, *Elizeu Macedo e Fernando Capovilla,* Universidade de São Paulo.

Considerando que uma em cada 200 pessoas não apresenta linguagem oral, foram desenvolvidos os sistemas de comunicação alternativa. Os mais conhecidos são: PIC, PCS e BLISS. Questões críticas no uso destes sistemas referem-se ao processo de iconicidade dos símbolos e à forma de ensinar os símbolos menos transparentes. Uma série de experimentos com um portador de paralisia cerebral atetóide de 14 anos foi realizada para investigar estas questões utilizando-se o Sistema ImagoAnaVox. No primeiro experimento, a fim de avaliar o reconhecimento dos ícones por parte do sujeito, foram conduzidas 27 sessões divididas em 3 fases: pré-teste, intervenção e pós-teste. Na primeira fase, o sujeito apresentou 34% de acertos, enquanto na terceira, 47%; diferença estatisticamente significativa ($t=4, 6; p<0, 05$). O segundo experimento teve por objetivo ensinar a categoria semântica verbos comparando-se a eficácia de quatro procedimentos de ensino: rotulação, animação gráfica, dramatização e animação associada à dramatização. A percentagem de acertos para cada um destes procedimentos foram respectivamente: 20%, 20%, 47%, 53%. O propósito do terceiro experimento foi o de comparar o desempenho do reconhecimento de ações sob duas condições diferentes: conjunto de fotos de um mímico e conjunto de fotos do próprio sujeito. A maior percentagem de acertos desta última condição permite afirmar que as figuras do sujeito se mostraram mais icônicas. No experimento 4, um delineamento experimental de tratamento alternado foi utilizado com o mesmo propósito do terceiro experimento. Os resultados mostraram que o sujeito reconheceu mais símbolos apresentados no sistema contendo fotos do próprio sujeito do que no sistema com fotos do mímico ($t= 3, 7032; p< 0, 002$). Concluiu-se através destes experimentos que a construção de sistemas computadorizados de comunicação alternativa demanda a participação ativa dos seus usuários. (CNPq/ME-UERJ)

-oOo-

ESC 1.06

IDENTIFICAÇÃO DE CRIANÇAS COM ALTO E BAIXO RENDIMENTO ACADÊMICO. *Patricia Leila dos Santos e Sônia Santa Vitaliano Graminha.* Universidade de São Paulo.

Estudos têm indicado que o professor é uma fonte de informação importante em relação ao rendimento acadêmico de seus alunos,

especialmente quando se trata de crianças com problemas de aprendizagem. Na situação escolar, ele tem sido o responsável pelo encaminhamento de alunos e a literatura tem apontado que o julgamento do professor é bastante preciso na identificação de crianças que necessitam de serviços especializados que possam apoiar ou favorecer o seu desenvolvimento acadêmico. Partindo desta constatação realizou-se o presente estudo que teve por objetivos verificar a incidência de crianças avaliadas pelo professor como tendo alto e baixo desempenho acadêmico e comparar os resultados da avaliação do professor com os resultados obtidos no Teste de Desempenho Escolar (TDE). Foi solicitado a todos os professores de Ciclo Básico (CB) I e II de uma escola estadual que avaliassem o rendimento acadêmico de seus alunos (num total de 390 escolares) a partir de uma escala de 1 a 10 (sendo 1 o desempenho mais baixo e 10 o mais alto). Foram selecionados aleatoriamente 14 alunos que obtiveram notas 1 e 2 nesta avaliação e 14 com notas 9 e 10, aos quais foi aplicado o TDE. Inicialmente calculou-se a porcentagem de alunos avaliados com notas 1/2 (baixo rendimento acadêmico) e 9/10 (alto rendimento acadêmico). A segunda análise baseou-se na comparação entre a nota do professor e a classificação obtida pelo aluno através do TDE. Os resultados mostraram que 18 % dos alunos de CB I obtiveram notas 1/2 (contra 14% com notas 9/10) e no CB II que 9% obtiveram avaliação 1/2 (contra 14%). Dos alunos avaliados pelo professor com baixo rendimento escolar aos quais foi aplicado o TDE, a grande maioria (93%) obteve no teste classificação de desempenho escolar inferior ao esperado para a série frequentada, e o restante (7%) médio-inferior. Daqueles avaliados pelo professor como tendo alto rendimento acadêmico, 36% alcançou classificação médio-superior ou superior, 36% obteve classificação média e 29% médio-inferior ou inferior. Os resultados indicam que o professor é eficiente na identificação de alunos com alto e baixo rendimento acadêmico, embora seu julgamento seja mais preciso quando se trata de crianças com baixo rendimento.

-oOo-

ESC 1.07

A AUTO-IMAGEM DO ADOLESCENTE ESTUDANTE DE SEGUNDO GRAU. *Antonio Wilson Pagotti; Patricia M. A. Abreu; Viane B. G. Altafin.* Faculdades Integradas do Triângulo - Minas Gerais.

Apartir do trabalho de Rosemberg (1973) tornou-se frequente o estudo da auto-estima na adolescência, mas ainda parece distante sua clara compreensão. No presente estudo procura-se investigar o conjunto da auto-imagem em estudantes da terceira série de segundo grau. Foram sujeitos 191 alunos do período da manhã, de quatro escolas, sendo uma estadual e três particulares da cidade de Uberlândia- Minas Gerais. Os alunos responderam a um questionário composto de 34 perguntas onde foi verificada a frequência de determinados sentimentos e graus de concordância sobre algumas afirmações. As respostas foram alocadas em três campos: auto-estima, sentimentos psicossomáticos e expressão de si. Os resultados mostram no campo da Auto-Estima, que do total das respostas “sempre ou quase sempre” (62, 2) sentem-se respeitados, felizes (61, 4), raramente veem-se como fracasso (6, 4), acreditam em suas qualidades (83, 8), sentem-se animados (72, 6), sentem-se capazes (86, 0). Surge uma leve contradição quando apontam o sentimento de inutilidade (46, 2) e desejariam gostar mais de si mesmos (71, 4). Manifestam com baixa frequência os Sentimentos Psicossomáticos sendo preponderante as respostas “algumas vezes” à: respiração ofegante, transpiração

nas mãos, batimento cardíaco acelerado e pesadelos. A maior frequência de respostas “muitas vezes” aparece nas manifestações de insônia (22, 6), roer unhas (23, 0) e dor de cabeça (21, 6). Quanto a Expressão de Si, as respostas “sempre e muitas vezes” aparecem na sensibilidade a crítica (45, 0), acham-se sonhadores (64, 4), confiam nas pessoas (52, 2), acreditam que as pessoas estão mais preocupadas com os outros do que com elas próprias (67, 6) e resistentes a mudança de opinião sobre si (52, 8). Os resultados indicam uma relativa labilidade na auto-estima, certa intensidade em alguns sintomas psicossomáticos e a expressão de si calcada principalmente na sensibilidade a crítica. No corpo do estudo ressaltam-se os indivíduos discrepantes que refletem auto- imagem negativa, o que indica além da utilidade do instrumento, a necessidade de atenção de professores e especialistas que trabalham no ensino.

-oOo-

ESC 1.08

RELAÇÕES PERCEPTIVAS NO ENSINO DE QUINTA SÉRIE DE PRIMEIRO GRAU. *Antonio Wilson Pagotti; Márcia Cristina Meirelles; Elizabeth C. Cunha de Sá.* Faculdades Integradas do Triângulo - Minas Gerais.

O insucesso escolar tem múltiplos fatores e um deles parece ser o ajuste perceptivo na relação professor aluno (Pagotti 1992). O presente estudo procura verificar as relações inter-perceptivas: como o aluno se vê em sala, como acha que os colegas o veem, como acha que o professor o vê, como acha que o professor vê sua classe e como vê o professor. Foram sujeitos 79 alunos de duas salas de quinta série, sem história de repetência superior a um ano e com bom aproveitamento escolar, de uma escola estadual da cidade de Uberlândia. O instrumento de levantamento de dados foi um questionário com nove perguntas que apresentavam desdobramentos. Os alunos faziam, em todas as perguntas, o julgamento em quatro dimensões: sempre, muitas vezes, poucas vezes e nunca, assim avaliavam as aulas; (a) a percepção de si como: inteligente, estudioso, bom aluno, bom colega; dificuldades para aprender; (b) como os colegas, e os professores o avaliariam nos aspectos: inteligência, estudo, bom aluno e bom amigo; (c) como os professores julgavam sua classe; (d) como avaliava os professores: competentes, interessados no aprendizado do aluno e esforçados. Os resultados indicam que nas dimensões “sempre e muitas vezes” os alunos acham as aulas interessantes (72, 2%), cansativas (32, 9%) e úteis (86, 1%). Veem-se inteligentes (74, 7%), estudiosos (59, 5%), com dificuldade para aprender (15, 2%). Acham que não são vistos pelos colegas e pelos professores de forma tão positiva quanto se veem: inteligente (62, 0%) e (63, 3%), estudioso (63, 3%) e (56, 9%). Quanto a avaliação da classe apresenta uma visão menos positiva do que imagina que os professores façam: inteligente (41, 8%) (54, 1%), estudiosa (45, 6%) (54, 5%), interessada (50, 6%) (57, 0%). Os alunos avaliaram os professores como: competentes (69, 6%), interessados (60, 8%), esforçados (64, 6%). A partir dos dados verifica-se que há um favorável ajuste perceptivo entre os alunos na avaliação de si, da classe, dos professores e no julgamento que fazem da classe e dos professores em relação a si. Estes resultados parecem estar em consonância com a hipótese de que a falta de ajuste perceptivo se reflete no insucesso escolar (Pagotti 1992) e o ajuste perceptivo reflete o sucesso.

-oOo-

ESC 1.09

CONSTRUINDO UMA SEXUALIDADE ADOLESCENTE (PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA EM INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL). *Mariana do Nascimento Arruda, Roberta Raffaelli Nascimento e Verônica Esteves de Carvalho.* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Este trabalho teve como finalidade avaliar se a intervenção psicológica com grupo de adolescentes é um instrumento que permite a transformação da consciência no que diz respeito à sexualidade, tendo em vista a promoção de saúde. Optamos por restringir o universo, considerando meninas de classe operária localizadas na faixa etária de 11 a 14 anos, da E. E. P. G. Reinaldo Ribeiro da Silva. Neste sentido, o objetivo da pesquisa foi trabalhar os seguintes temas relacionados à sexualidade adolescente: 1.) menstruação; 2.) experiências afetivas e sexuais; 3.) planos futuros; 4.) relacionamentos familiares; 5.) planejamento familiar; 6.) AIDS e DSTs; 7.) esquema corporal. Para a execução da pesquisa, realizamos um grupo de estrutura vivencial, o que permitiu a expressão, reflexão e apropriação, por parte dos sujeitos, de questões ligadas à sexualidade adolescente, onde buscava-se aliar a informação e as experiências afetivas. Verificamos que as categorias de análise foram sendo transformadas e integradas no decorrer dos grupos; o que nos mostrou uma integração da consciência das adolescentes em relação à sexualidade. O corpo pode ser visto além de seu aspecto puramente biológico, ou seja, um corpo social, afetivo e abstrato. A categoria "Caminho percorrido para busca de si mesmo e de uma nova identidade" compôs outras categorias: "Relacionamento como identidade"; "Determinantes sócio-culturais"; "Relacionamento familiar como determinante da formação de identidade"; "Busca de si mesmo, de uma nova identidade"; "Identidade constituída através do corpo"; "Grupo na constituição da identidade". A categoria "Determinantes sócio-culturais" também foi sendo acoplada nas demais categorias, servindo como pano de fundo para o desenvolvimento de cada categoria. A partir disto, concluímos que o grupo de orientação sexual proporcionou a transformação da consciência em relação à sexualidade adolescente. Os sujeitos da pesquisa puderam transformar e integrar: razão, emoção e ação aos elementos da consciência que estavam, até então, desarticulados podendo assim, perceber os multideterminantes que influenciam suas atitudes e pensamentos, inserindo-se num contexto sócio-histórico. (FAPESP)

-oOo-

ESC 1.10

ANÁLISE DE ASPECTOS QUANTO À ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS DO ALUNO SECUNDARISTA. *Marcelo Martinatti.* Universidade Católica de Santos.

A falta de sistematização nos hábitos de estudo assume um importante papel na constituição das dificuldades escolares. O ato de estudar exige uma postura crítica e sistemática e, saber estudar com eficiência não é inato, mas sim algo que se adquire. SEVERINO (1986), referindo-se a prática de estudos sistematizada, afirma que "... os alunos adquirem familiaridade com orientações (...) e acabam por dominá-las, tornando suas tarefas de estudo mais produtivas e, até mesmo, mais agradáveis e conseqüentemente, mais adequadas para a sua futura prática científica". Neste sentido, o que levaria o estudante de segundo grau

com dificuldades escolares a não procurar ajuda junto a um serviço de Orientação de Estudos disponível na Universidade? Falta de informação? Desinteresse? Repetências constantes, notas baixas e inúmeros outros fatores já foram incorporados ao padrão normal de desempenho escolar e, com isso, essa população já não os vivencia como dificuldades? Questões dessa natureza serviram como background para realização da presente pesquisa, que teve por objetivo analisar alguns aspectos quanto à orientação de estudos do aluno secundarista, com enfoque na percepção das dificuldades escolares, prática de hábitos regulares de estudo, participação familiar, desempenho e priorização do estudo. O trabalho foi realizado na rede pública municipal da cidade de Santos/SP, junto a dez escolas escolhidas aleatoriamente após mapeamento, sendo os dados coletados através de um questionário objetivo, no período de setembro à novembro de 1995. A amostragem foi composta de 657 estudantes na faixa etária de 14 a 21 anos, e as informações tabuladas e correlacionadas no sentido de se traçar um perfil dinâmico da realidade educacional destes estudantes. Os resultados demonstraram a pluralidade e interinfluência de diversos fatores na constituição das dificuldades escolares, adquirindo a família um status de extrema importância neste contexto tão abrangente, pois, nos casos onde foi apontada sua participação na vida educacional, o estudo é mais valorizado, as dificuldades e número de repetências aparecem em menor frequência, e os hábitos de estudo são praticados mais regularmente. Evidencia-se também o peso do fator trabalho, uma vez que, em um número elevado de casos, este vem dificultar o acompanhamento e aproveitamento integral da escola pelos alunos. Se impõe a necessidade de uma maior e mais abrangente reflexão acerca do complexo da realidade educacional do aluno de segundo grau, sendo imprescindível, no desenvolvimento de projetos de intervenção neste contexto, a consideração não só de aspectos individuais, mas também das contingências ambientais imediatas e culturais.

-oOo-

ESC 1.11

HABILIDADE DE PENSAMENTO CRIATIVO EM PROFESSORES DE ESCOLAS TRADICIONAIS E INOVADORAS. *Fabrcia Teixeira Borges* (Universidade de Brasília) e *Eunice M. L. Soriano de Alencar* (Universidade Católica de Brasília).

Inúmeros autores apontam para o relevante papel do professor no desenvolvimento do potencial criador do aluno. Há porém, poucos estudos empíricos com amostras de professores investigando diferentes aspectos relativo à criatividade. No sentido de contribuir para preencher esta lacuna foi desenvolvido o presente estudo, que teve como objetivo principal investigar as habilidades de pensamento criativo de professores de escolas tradicionais e inovadoras. Investigou-se ainda, o conhecimento que os professores têm sobre criatividade e como desenvolvê-la em sala de aula. Participaram do estudo 54 sujeitos, sendo 24 proveniente de escolas tradicionais e 30 de escolas inovadoras. Os sujeitos eram professores de 1a. à 4a. série do 1o. grau de 5 escolas de Goiânia, do sexo feminino e com idade média de 31 anos. As escolas foram caracterizadas a partir de um questionário onde se abordavam questões da dinâmica e organização escolar. Os instrumentos utilizados foram: quatro testes de natureza verbal (forma A) da Bateria Torrance do Pensamento Criativo; um questionário abordando distintos aspectos sobre criatividade e como desenvolvê-la em sala de aula. A aplicação dos testes foi coletiva no próprio ambiente da escola e foram avaliadas as categorias de

Fluência, Flexibilidade e Originalidade. Utilizou-se o teste-t de Student para avaliar as diferenças obtidas entre médias nas distintas medidas de pensamento criativo. A estatística descritiva foi utilizada para analisar os dados de conhecimentos sobre criatividade. Observou-se que o grupo de professores das escolas Inovadoras apresentou médias maiores que os das escolas Tradicionais em todas as medidas de pensamento criativo. Os escores totais (média dos escores nos quatro testes de criatividade) se mostraram significativos a nível de .001 para Fluência e Originalidade a favor do grupo de Escolas Inovadoras. Os dados do questionário de conhecimentos sobre Criatividade mostraram que os professores das Escolas Inovadoras, frequentemente fazem mais cursos e leituras sobre Criatividade. Concluindo, assim, que o método utilizado pela escola pode influenciar o nível do pensamento criativo dos professores, mostrando assim, que escolas com uma abordagem mais dinâmica e que dão ênfase a um ensino mais criativo propicia um melhor desempenho dos professores em suas habilidades criativas. Os resultados confirmam a teoria, onde a grande parte dos estudiosos sugerem uma educação menos rígida para formar professores e alunos mais criativos. (CNPq)

-oOo-

ESC 1.12

DIFICULDADES DE LEITURA: APLICAÇÃO DE RECURSOS MULTIMÍDIA E DE FORMAÇÃO DE CLASSES DE ESTÍMULOS EQUIVALENTES. *Maria Júlia Lemes Ribeiro e Verônica Bender Haydu.* Universidade Estadual de Londrina.

O objetivo do presente estudo consistiu em aplicar de forma sistemática, por meio de recurso multimídia, o procedimento de formação de classes equivalentes, para desenvolver a leitura em crianças que apresentavam dificuldades nessa área. Participaram da pesquisa 16 alunos do Ensino Fundamental de uma escola estadual, com idades variando entre 7 e 12 anos. Os alunos foram selecionados por meio de um teste de leitura (pré-teste) realizado em sala de aula, tendo sido escolhidos aqueles que apresentaram erros na leitura de palavras ensinadas anteriormente. Foram utilizados um microcomputador, instalado em uma sala de aula e o programa Mestreã. O Mestre permite ensinar por meio do procedimento de discriminação condicional relações entre estímulos que podem ser auditivos e ou visuais. O procedimento foi aplicado individualmente e organizado em 8 passos de treino e dois passos de testes. Foram estabelecidas duas seqüências de passos diferentes para os alunos da 1ª e 2ª séries e os da 3ª e 4ª séries. Nos passos de teste de leitura foram apresentadas 20 palavras: 10 palavras de treinadas e 10 palavras de generalização. Os passos de treino iniciavam com sondas de leitura em que eram apresentadas duas palavras treinadas no passo anterior, duas palavras de generalização e as duas palavras novas que eram ensinadas naquele passo. Em seguida eram feitos treinos de discriminação condicional, sendo apresentado com modelo uma palavra ditada e como estímulos de comparação duas palavras impressas, em que uma delas era uma palavra conhecida, caracterizando assim um procedimento de discriminação por exclusão. Ao final de cada passo eram realizados testes de reflexividade, simetria e transitividade. O aluno só avançava nos passos se apresentasse 90% de acerto nestes testes e na sonda de leitura feita no passo seguinte. Os resultados mostram que o procedimento elaborado permitiu que todos os alunos apresentassem um desempenho superior a 90% em todos os passos de treino de leitura e que apenas um aluno apresentou desempenho inferior a 100% nos testes de leitura realizados com todas as palavras até então treinadas e as

palavras de generalização. O aluno que apresentou erros leu 90% das palavras apresentadas no primeiro teste de leitura e acertou 100% no segundo teste. Os resultados do presente estudo permitem concluir que o procedimento programado foi eficaz para recuperar a leitura de alunos do Ensino Fundamental. Estudos posteriores deverão ser realizados para que se possa avaliar se o comportamento de ler corretamente foi generalizado para a situação de sala de aula.

-oOo-

ESC 2.01

INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA NO ENSINO REGULAR: ESTUDO EXPLORATÓRIO. *Ana Carla di Pace M. Araújo, Juliana E. Caixeta, Cynthia M. A. Leal, Gislene M. Rodrigues, Helena R. Godoy, Luciane M. Ximenes e Eliane M. F. Seidl.* Universidade de Brasília.

A política nacional de educação especial preconiza a integração das pessoas portadoras de deficiência no ensino regular. Segundo Carvalho (1995), integração pode ser definida como ser membro ativo da comunidade, vivendo com os outros e tendo os mesmos privilégios e direitos das pessoas não deficientes. A Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) promove dois tipos de integração: parcial (salas especiais em escolas regulares) e total (alunos portadores de necessidades especiais em salas comuns de escolas regulares). Este estudo teve por objetivo identificar a concepção de integração e a percepção de professores do 1º grau sobre este processo, em duas escolas da rede pública do D. F., que implantaram o programa de integração. Um questionário, com questões abertas e fechadas, auto-aplicável, foi distribuído a todos os professores das duas escolas (N=27). Apenas 29% dos instrumentos foram devolvidos (N=8), sobre os quais foram feitas as análises dos dados: análise temática de Bardin e estatística descritiva. Dos oito professores que responderam ao questionário, e que constituíram a amostra deste estudo, seis já haviam lecionado para crianças portadoras de deficiência. Todos os professores eram do sexo feminino, a idade média foi de 33 anos e lecionavam em média há 11 anos na rede pública de ensino. Quanto aos resultados, a maioria dos professores definiu integração como socializar (37, 5%), adaptar a criança portadora de deficiência aos alunos normais (25%) e estudar com alunos normais (25%). A possibilidade de educar foi apontada como uma das principais vantagens do processo de integração (87, 5%). Três quartos dos pesquisados mostraram-se receptivos quanto a ter um aluno portador de necessidade especial em sua sala; no entanto, 87, 5% não se percebem habilitados para isto. Quando questionados sobre o que faziam para promover a integração, 60% disseram que trabalhavam no sentido de conscientizar os demais alunos. A falta de especialização (75%) e de estrutura da escola (25%) foram apontadas como dificuldades para o processo de integração. O reduzido número de professores que respondeu ao questionário prejudicou as conclusões deste estudo. No entanto, os achados são coerentes com outros levantamentos que apontam falhas no processo de integração decorrentes da falta de capacitação dos professores. A análise das concepções reveladas indica limitações quanto ao conceito de integração. Estratégias técnicas e políticas são sugeridas visando a efetiva implantação da política de integração da pessoa portadora de deficiência no sistema educacional do Distrito Federal.

-oOo-

ESC 2.02

O LAUDO PSICOLÓGICO E A CLASSE ESPECIAL: UMA ANÁLISE DE LAUDOS PSICOLÓGICOS UTILIZADOS NO ENCAMINHAMENTO DE CRIANÇAS ÀS CLASSES ESPECIAIS. *Roberto Moraes Salazar*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Este trabalho trata-se de um estudo realizado com laudos psicológicos que foram utilizados para encaminhar crianças às classes especiais, com o objetivo de se conhecer melhor o modo como esses documentos são produzidos. Para isso coletamos um conjunto de documentos que foram efetivamente utilizados para encaminhar crianças às classes especiais. Deste conjunto de documentos fizeram parte da amostra 82 laudos psicológicos, coletados nos prontuários de 55 alunos matriculados em 1995, em cinco classes especiais para portadores de deficiência mental, em três escolas públicas da rede estadual, na capital de São Paulo. A análise dos dados foi realizada a partir de categorias que foram construídas com base no conteúdo dos documentos coletados e os resultados derivados da análise desta amostra nos sugeriram algumas conclusões importantes, entre as quais destacamos duas delas. A primeira refere-se a idealização que o psicólogo faz da classe especial em relação ao atendimento que esta pode oferecer à criança encaminhada, reflexo provável do seu desconhecimento e da sua desinformação a respeito da cotidianidade destas classes, e a segunda, refere-se a ausência ou precariedade de fundamentação teórica ou empírica contida na apresentação escrita destes documentos, que nos remete para uma outra discussão, a pouca qualificação oferecida a estes profissionais durante a sua formação para resolver questões ou lidar com assuntos pertinentes à Escola.

-oOo-

ESC 2.03

O PROCEDIMENTO DE PROGRAMAÇÃO DE ENSINO APLICADO À MÚLTIPLA DEFICIÊNCIA. *Maria da Piedade Resende da Costa e Ana Karina Marmorato Gomes*. Universidade Federal de São Carlos

A função de cada sentido é importante ao homem, pois é através dela que este entra em contato com os estímulos que o cercam. É a partir das informações e experiências captadas pelos sentidos que o homem passa a construir suas discriminações, elaborar suas respostas, seus conceitos, seus pensamentos e conhecimentos. Apresentando necessidades próprias e diferentes dos demais alunos, o portador de necessidades educativas especiais, principalmente quando se trata de um portador de múltipla deficiência necessita de um atendimento especializado para que o mesmo tenha acesso às informações do meio em que vive e consequentemente acesso ao conhecimento. Particularmente, a múltipla deficiência é a associação, em um mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (metá/sensorial-auditiva ou visual/física) com comprometimentos que acarretam atrasos no seu desenvolvimento global e na capacidade adaptativa. O presente estudo tem como objetivo relatar o trabalho desenvolvido com uma criança portadora de múltipla deficiência utilizando o procedimento de programação de ensino. Método: *Participante* criança do sexo feminino com sete anos de Idade Cronológica portadora de surdez (profunda, bilateral, pré-lingüística), deficiência visual (para longe de Dpp 48mm e perto de Dpp 46mm) e deficiência motora. Local: Foi desenvolvido em uma classe especial da rede municipal de ensino. Materiais: Foram utilizados materiais que possibilitassem o desenvolvimento de aquisições pela criança tais

como: joguinhos, sapatos, escova de dentes, potinhos, etc. *Instrumento*: folha de registro. *Procedimento*: Os comportamentos foram observados e registrados sob forma cursiva. A partir da identificação do repertório da criança, foi elaborado o programa de intervenção e a aplicação foi realizada conforme o ritmo de aquisição da criança. Foram proromadas atividades lúdicas para o ensino: a) de algumas habilidades para aquisições acadêmicas como encaixar peças de joguinhos, traçar linhas, discriminar cores, discriminar texturas, identificar formas, e, b) de algumas habilidades da vida diária como: lavar as mãos corretamente, calçar os sapatos, utilizar adequadamente o sanitário, escovar os dentes. Resultados: Os dados de desempenho analisados evidenciaram que a criança adquiriu os comportamentos ensinados: a) quantitativamente, foi comparado o nível em que se encontrava e o desempenho durante a intervenção e b) qualitativamente o ritmo de aprendizagem observando que a criança encontrou soluções para situações novas através de recursos próprios, provenientes de habilidades adquiridas e transferidas. Conclusão: Os resultados permitem inferir que o procedimento de programação de ensino propiciou à criança encontrar soluções para situações novas através de recursos próprios e caminhando no seu ritmo.

-oOo-

ESC 2.04

AS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DE CLASSE ESPECIAL EM FORTALEZA - CE. *Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães* (Universidade Estadual do Ceará e Universidade Federal de São Carlos), *Maria da Piedade Resende da Costa* (Universidade Federal de São Carlos)

No Brasil as modalidades de atendimento educacional especial que vem prevalecendo no sistema público de ensino são as classes especiais, notadamente, para a categoria dos deficientes mentais leves. Segundo o documento Política Nacional de Educação Especial estas classes seriam organizadas adequadamente para ser um ambiente próprio para o desenvolvimento do processo do ensino-aprendizagem de sua clientela. Muitos autores postulam que a colocação de portadores de deficiência mental em tais classes é vantajosa na medida em que pode eliminar a rejeição sofrida por estes em classes regulares. Por outro lado, muitos estudos apontam que a colocação de alunos em classes especiais cumpre mais o papel de atenuar os problemas existentes no ensino regular. Com base no que vem apontando a literatura este trabalho teve como objetivo caracterizar as representações que professores de classes especiais para deficientes mentais leves, que atuam em escolas regulares da rede estadual de ensino do município de Fortaleza, têm acerca das classes especiais nas quais atuam. Método: *Participantes*: participou deste estudo uma amostra de dezoito professores das classes referidas. *Instrumento*: utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturado. *Material e situação da coleta de dados*: a coleta foi feita através de entrevistas individuais gravadas em fitas cassete. *Procedimentos*: a amostra foi escolhida por sorteio. Foi feita uma análise de conteúdo dos dados que foram organizados e analisados quantitativa e qualitativamente. Resultados: Evidenciou-se que: a) a formação específica para professores na área de Educação Especial é superficial; b) professores de classe especial reconhecem que a maioria de seus alunos não são deficientes mentais leves, mas apresentam repetência escolar acentuada associada a problemas comportamentais que acabam por justificar sua inclusão e permanência no ensino especial; c) o processo de encaminhamento às classes especiais segue a critérios falhos e desconsidera a possível e, até necessária, influência que o professor de classe especial pos-

sa vir a ter no mesmo; d) professores admitem a existência de discriminação na escola regular. Conclusão: Os professores reconhecem a situação quase caótica das classes especiais, todavia em nenhum momento questionam se tais classes estão beneficiando, de fato, a sua clientela ou vislumbram formas de atendimento alternativas para as crianças hoje denominadas como deficientes mentais leves pela escola pública. (PICD/CAPES)

-oOo-

ESC 2.05

MEMÓRIA DE TRABALHO DO PARALISADO CEREBRAL: EFEITOS DE PRIMAZIA E RECÊNCIA. *Leila Nunes, Daniel Nogueira, Teresinha Valério, Mirna Passos, Ana Paula Magalhães, Soraya Madeira e Kely de Paula*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, *Fernando Capovilla*, Universidade de São Paulo, *Débora Nunes, Ivânia Araújo e Ana Beatriz Bernat*, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O presente trabalho avaliou o grau de desenvolvimento da memória de trabalho e a natureza do ensaio subjacente à consolidação de informação através de dois experimentos. O sujeito, paralisado cerebral espático-atetóide não vocal e não-alfabetizado, tinha 15a 3m de idade e usuário do *ImagoVox* (sistema de comunicação computadorizado) há dois anos. No experimento 1 foi utilizado uma variante do procedimento de recordação livre, em que após ouvir cada série de palavras, o sujeito selecionava na tela sensível ao toque do seu sistema as figuras solicitadas verbalmente pelo examinador. A curva obtida foi de posição serial típica, com acerto superior nos ítems iniciais (primazia) e finais (recência). A primazia sugere consolidação baseada em algum tipo de ensaio. O Experimento 2 foi a reaplicação do procedimento anterior, sendo que foi colocado anteparo na metade das solicitações, sendo assim analisou a natureza do ensaio, se aberto ou encoberto e se visual ou subvocal. Na presença do anteparo a primazia foi anulada e a recência foi acentuada. Na ausência do anteparo a primazia foi tão forte quanto a recência. A inabilidade em fazer ensaio encoberto (visuo-espacial ou subvocal) confirma expectativas teóricas para não-alfabetizados. (CNPq)

-oOo-

ESC 2.06

SALA DE RECURSOS: UMA PROPOSTA VIÁVEL. *Delvana Di Bello*. Delegacia de Ensino de Jaboticabal.

A presente experiência teve como objetivos: a) verificar se atividades de apoio através da sala de recursos, influenciam de forma positiva o desenvolvimento de crianças com história de repetência escolar; b) demonstrar a importância da utilização de técnicas psicopedagógicas e de constante interação professor-aluno e aluno-aluno, no processo ensino-aprendizagem; c) dar condições adicionais a sala de aula comum para que os alunos possam superar seus conflitos em relação ao processo de aprender; d) analisar e averiguar os diagnósticos atribuídos normalmente aos alunos com dificuldade escolar. Para a efetivação da experiência foi viabilizada uma proposta de trabalho pedagógico diferenciada daquela na qual os alunos estavam inseridos. Nesta proposta a figura do professor e do aluno estavam interagindo constantemente durante o processo de ensino/aprendizagem; os processos imaginários e criativo tiveram espaço, através da escrita, dos jogos, das brincadeiras e a participação ativa dos alunos foi parte integrante de todo o processo; o desenvolvimento da leitura e da escrita partiu de experiências inte-

ressantes e envolveu gradativamente a compreensão do valor sonoro da letra e sua contextualização como escrita. Através da comparação entre a avaliação inicial e a avaliação realizada após a execução do projeto pode-se observar: Na atividade de ditado: 50% dos alunos eram silábicos, 25% pré-silábicos e 25% alfabéticas, após o projeto 19% se mantiveram silábicos e 81% alfabéticos. Quanto ao realismo nominal a situação inicial mostrava que 100% estavam no nível 1 A, confundiam totalmente significado e significante. Após o projeto: 25% permaneceram no nível 1 A, confundiam totalmente significado e significante, 31% para nível 1 B, transição e 44% para o nível 2, é capaz de focalizar o significante, como tal, independente do significado. Na análise psicolinguística da leitura na fase inicial 63% dos alunos não liam e 37% apresentavam inserção e substituição de palavras; na fase final do projeto 50% lêem, 31% cometem substituição e soletração e 19% inserção. A presente experiência constatou a importância da intervenção realizada na sala de aula e de uma prática pedagógica voltada para as necessidades dos alunos, proporcionando uma interação rica de experiência renovadoras, tanto para o aluno como para o professor.

-oOo-

ESC 2.07

PREPARAÇÃO PROFISSIONAL E SOCIAL DO PORTADOR DE DEFICIÊNCIA MENTAL PARA O MERCADO DE TRABALHO. *Eliza Dieko Oshiro Tanaka* (Universidade Estadual de Londrina), *Maria Amélia Almeida* (Universidade Federal de São Carlos) e *Samuel Fabre Sanches* (Universidade Estadual de Londrina).

O presente trabalho teve a finalidade de investigar a preparação profissional e social de portadores de deficiência mental, visando a sua inserção no contexto de trabalho, principalmente após as reformulações ocorridas nas diretrizes que norteiam a educação especial. Foi realizado um estudo descritivo dos comportamentos de alunos-aprendizes e professores/instrutores, antes (Estudo 1) e após (Estudo 2) as referidas reformulações. Ambos os estudos foram conduzidos nas oficinas abrigadas, de uma instituição que atende portadores de deficiência mental. Fizeram parte do Estudo 1, 22 sujeitos de ambos os sexos, sendo dois professores, dois instrutores e 18 alunos-aprendizes. O procedimento de coleta de dados foi a observação e registro cursivo dos comportamentos das populações acima citadas, em sessões com períodos de 15 minutos cada. Foi também realizado um Estudo Piloto onde identificou-se 10 categorias de estudo para as ações do aluno, cinco para o professor/instrutor e oito comuns para ambos os grupos. Os resultados mostraram que para ambas as populações investigadas a média de respostas não relacionadas à atividade foi mais alta que as relacionadas. Participaram do Estudo 2, 40 sujeitos, também de ambos os sexos, sendo oito professores, três instrutores e 29 alunos-aprendizes. O procedimento de coleta de dados para a observação dos comportamentos identificados no Estudo Piloto, feito previamente no Estudo 1, foi o mesmo acima descrito, com a diferença que para os alunos-aprendizes, as sessões foram gravadas em videotape. Os resultados mostraram que neste estudo a média de respostas dos alunos, relacionadas e não relacionadas à atividade, foram equivalentes. Contudo, para os professores/instrutores a média de respostas relacionadas à atividade foi maior que as não relacionadas. Os dados de ambos os estudos foram analisados através de teste estatístico. A análise comparativa entre os resultados dos dois estudos, mostrou que os alunos-aprendizes continuam apresentando comportamentos pro-

fissionais e sociais incompatíveis com a situação de trabalho. Por outro lado, os professores/instrutores também continuam a apresentar comportamentos incompatíveis com relação ao processo de ensinar tal população. Apesar de a instituição manter um programa de treinamento profissional, a preocupação maior ainda parece recair sobre a produção dos alunos, em detrimento do seu ensino.

-oOo-

ESC 2.08

CONHECIMENTO FÍSICO E LÓGICO-MATEMÁTICO EM ATIVIDADES DE MANIPULAÇÃO DE MATERIAIS. *Maisa Pereira Pannuti*. Universidade Federal do Paraná.

Neste trabalho discutiremos as atividades de manipulação de materiais na educação infantil e a natureza dos conhecimentos envolvidos nessas atividades: conhecimentos físico e lógico-matemático. Nosso problema de investigação é: em atividades de manipulação de materiais com crianças de 4 anos, há uma combinação dessas duas formas de conhecimento (físico e lógico-matemático)? Os dois tipos de conhecimento são indissociáveis, ou, ao contrário, são independentes? Além disso, como aparecem essas duas formas de conhecimento nessas atividades? Foram aplicadas duas situações de tarefa para dois sujeitos, a título de um estudo piloto da pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida. Os sujeitos foram dois meninos de 4 anos e 4 anos e 3 meses, regularmente matriculados em uma escola de educação infantil da rede particular da cidade de Curitiba. A tarefa aplicada foi a do "Pêndulo", sendo que o material foi organizado de modo que um bloco de madeira foi amarrado à extremidade de um barbante, e a outra foi presa no teto da sala. A distância do bloco de madeira ao chão é de aproximadamente 10 cm. Foi colocada uma garrafa a aproximadamente 30 cm do bloco. O objetivo da atividade é que a criança derrube a garrafa com o pêndulo. Inicialmente a criança foi convidada a manusear o pêndulo livremente. Em seguida, o pesquisador propôs tarefas para a criança: derrubar a garrafa usando o pêndulo; variar a posição da garrafa e fazer a mesma proposta; etc. Os dados foram analisados em função dos tipos de ações dos sujeitos. Os resultados iniciais apontam para a presença conjugada dos conhecimentos físico e lógico-matemático nas atividades, com enfoques diferentes feitos pelo sujeito. Ou seja, em alguns episódios o enfoque do sujeito recai sobre as propriedades físicas dos objetos, em outro, sobre os aspectos lógico-matemáticos. Isto não significa que um conhecimento exclua o outro, uma vez que ambos são indissociáveis. Concluímos que em tais atividades não aparece o conhecimento físico desvinculado do lógico-matemático. No decorrer da pesquisa acreditamos que deveremos analisar com mais vagar o papel da abstração pseudo-empírica na construção do conhecimento lógico-matemático, bem como a organização topológica do espaço. Implicações pedagógicas podem ser extraídas dos resultados, quando os professores de educação infantil terão subsídios para compreender o que se passa com a criança quando ela manipula materiais.

-oOo-

ESC 2.09

CAPACITAÇÃO DE ATENDENTES: TORNANDO INDEPENDENTES CRIANÇAS PORTADORAS DE DEFICIÊNCIA MENTAL SEVERA, INSTITUCIONALIZADAS, *Renata Grossi, Maria Amélia Almeida e Ariane dos Santos Buranello*, Universidade Estadual de Londrina.

A preocupação em tornar pessoas portadoras de deficiência mental severas o mais independentes possível, leva pesquisadores do mundo inteiro a buscarem estratégias para capacitar os funcionários que trabalham com elas. A presente pesquisa foi realizada numa instituição para menores. Teve como objetivo preparar duas atendentes para ensinar duas crianças a realizarem diferentes tarefas ao longo de uma rotina diária. As crianças-alvo eram institucionalizadas e portadoras de deficiência mental severa, tinham 11 anos (sexo feminino e portadora de Esclerose Tuberosa Degenerativa) e 9 anos (sexo masculino e portador de Visão Sub-Normal). As atendentes tinham 18 e 25 anos e se revezavam em dois turnos, diurno e vespertino. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados, a Folha de Registro e o Roteiro de Ensino, previamente elaborados pela pesquisadora. Reestruturou-se a rotina para torná-la o mais funcional e favorável à aprendizagem. A pesquisa dividiu-se em duas etapas: na Linha de Base, observou-se os comportamentos de cuidados pessoais apresentados pelas crianças e aqueles realizados pelas atendentes e na Intervenção em Situação Natural, treinou-se as atendentes através de demonstração, supervisão e instrução verbal a oferecerem as crianças-alvo os diferentes níveis de ajuda: ajuda física total; ajuda física parcial; seguir de perto e ajuda verbal, na realização das tarefas. Registrou-se nesta etapa, quantos passos das tarefas as atendentes realizavam e quantos as crianças-alvo realizavam sem a ajuda das atendentes. Os dados registrados foram referentes as tarefas de cortar e rechear o pão; servir-se; despir-se; banhar-se; vestir-se; escovar os dentes e lavar as mãos e o rosto. Os resultados mostraram que com a Intervenção as atendentes deixaram de realizar as tarefas pelas crianças e passaram a oferecer os diferentes níveis de ajuda. As atendentes ofereceram ajuda verbal para, em média, 50% dos passos das tarefas; oportunizaram condições para as crianças realizarem em torno de 25% dos passos sem ajuda e os 25% dos passos restantes foram realizados pelas crianças com os outros níveis de ajuda. Pode-se considerar que as atendentes foram capacitadas, pois levaram as crianças a participarem constantemente da rotina através dos diferentes níveis de ajuda, promovendo maior independência das mesmas.

-oOo-

ESC 2.10

DISTORÇÕES DAS IDÉIAS DE PIAGET NO CONTEXTO BRASILEIRO, *Mário Sérgio Vasconcelos e Márcia Regina de Almeida*. Universidade Estadual Paulista - Assis.

Tendo por base a pesquisa *A Difusão das Idéias de Piaget no Contexto Brasileiro* (Vasconcelos, 1995), na qual constatou-se alguns desvirtuamentos nas apropriações feitas das concepções de Piaget, definimos como objetivo desta pesquisa realizar um estudo mais amplo e detalhado sobre os possíveis desvirtuamentos que ocorreram das idéias de Piaget no Brasil. Mais especificamente, estamos investigando quais distorções ocorreram e procurando detectar os fatores políticos, sociais, educacionais e científicos que contribuíram para que acontecessem os desvirtuamentos. Com essa finalidade estamos coletando dados em: a) livros e 16 periódicos de expressão nas áreas de Psicologia e Educação; b) arquivos e documentos relacionados a legislação educacional; c) entrevistas não-diretivas com 42 psicólogos e educadores que trabalharam e/ou trabalham com as concepções de Piaget no Brasil; d) seis instituições educacionais de 1º e 2º grau que desenvolvem projetos baseados em idéias piagetianas, e entrevistamos os agentes institucionais que lá desenvolvem atividades. A partir de uma análise comparativa com as concepções piagetianas,

até o presente momento chegamos aos seguintes resultados: 1) existem distorções das idéias piagetianas em território brasileiro desde a década de trinta; 2) ocorreram (e ocorrem) indevidas associações entre a natureza epistemológica dos conceitos piagetianos e a natureza pedagógica atribuída a eles; 3) as primeiras distorções das concepções piagetianas, em território brasileiro, dizem respeito às apropriações que educadores escolanovistas fizeram dos conceitos de cooperação e reciprocidade. Tais conceitos incorporados à pedagogia do trabalho por equipes, foram transformados em meros procedimentos tecno-didáticos de trabalhos em grupos, assumindo significados estáticos e diferenciados dos mecanismos ativos e dinâmicos referenciados por Piaget; 4) nos anos sessenta e setenta, a expansão do tecnicismo educacional no Brasil, contribuiu para que propostas educacionais, de base piagetiana, fossem assimiladas seguindo preceitos técnicos. O exemplo mais marcante, dessa natureza, é a Lei 5672/71 que tem sua doutrina baseada na Psicologia genética; 5) nos anos setenta o acolhimento do behaviorismo no meio universitário fez com que pesquisadores piagetianos produzissem pesquisas epistemologicamente incoerentes sobre a teoria de Piaget, fazendo uso de procedimentos da análise experimental do comportamento; 6) a amplitude da obra de Piaget, seus artigos com preocupações educacionais e suas participações, ao longo dos anos, em organizações educativas internacionais, contribuíram para que professores brasileiros fizessem uma leitura parcial da teoria de Piaget, passassem a identificá-la como uma teoria pedagógica e se interessassem apenas por artigos que relacionam educação e desenvolvimento infantil; 7) atualmente, a tendência tradicional vigente nas escolas, fomenta distorções na incorporação da Epistemologia Genética, tornando inviáveis projetos educacionais baseados nos princípios construtivistas. (CNPq)

-oOo-

ESC 2.11

MUDANÇAS OCORRIDAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES DURANTE INOVAÇÃO EDUCACIONAL CONSTRUTIVISTA. *Vilma Inêz Vila Barros Cicone* (UNICAMP).

Como secretária de educação do município de Leme, em 1989, observei procedimentos pedagógicos com características de educação compensatória. Procurando metodologia mais adequada conheci o Proepre, Programa de Educação Pré-Escolar (Mantovani de Assis, Unicamp). Implantei-o em 1991 e o objetivo dessa pesquisa foi verificar se ocorrem ou não mudanças na prática docente de professores, após sua capacitação. Realizei pesquisa qualitativa utilizando o estudo de caso, com 47 professoras e 13 técnicos. Utilizou-se três instrumentos: o Teste Situacional qualifica as mudanças referentes aos conhecimentos teóricos e práticos construídos pelas professoras; a Auto-Avaliação descreve as mudanças ocorridas, segundo a percepção delas próprias e o Relatório de Implantação do Proepre (RIP) quantifica, descreve e narra o que, acontece com as professoras e as crianças. Os resultados do Teste Situacional revelam diferenças significativas entre as médias no pré e no pós teste, nos aspectos afetivo, social e cognitivo e também no conjunto de todos os aspectos. Na Auto-Avaliação, todas as professoras identificaram; duas fases: uma revelando dificuldades inerentes à adaptação da professora ao novo método e outra, referente aos resultados positivos constatados. Pelo Rip, participação e interesse das crianças na classe obteve médias próximas ao ponto máximo. Dificuldades enfrentadas foram grandes, em apenas 11% das situações. Em 21% delas as dificuldades foram um pouco maiores e, em 68% foram conside-

radas pequenas. A Bateria de Sondagem coleta dados pessoais e profissionais da equipe e seu conhecimento: dos objetivos e problemas da educação pré-escolar, satisfação ou não em trabalhar com crianças e pequenas e expectativas sobre novo programa. Para a maioria das professoras pré-escola era preparatória ao 1º grau, outras a viam como possibilidade ao desenvolvimento infantil harmonioso e a minoria pensava que a socialização (respeito, boas normas de conduta) era objetivo básico da educação infantil. Dificuldades, soluções e sugestões apresentadas por elas no final do ano, foram registradas em dois questionários elaborados pela pesquisadora. Os resultados obtidos permitem-me concluir que tal inovação educacional determinou a melhoria da educação pré-escolar municipal em Leme, observando-se mudanças na postura das professoras: hábito de estudo sistemático, participação em cursos, congressos, esclarecimento aos pais e à comunidade sobre a nova proposta educacional. Passaram a respeitar o ritmo de construção das estruturas mentais nas crianças, a desafiar adequadamente o pensamento infantil, a criar um clima sócio-afetivo na sala favorável à socialização, à criatividade, à autonomia. (FAPESP)

-oOo-

ESC 2.12

ANÁLISE DAS AÇÕES DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS (GESTÃO 93-96). *Rejane de Farias, Andréa Vieira Zanella e Maria Juracy T. Siqueira*. Universidade Federal de Santa Catarina.

O presente projeto de pesquisa consistiu em avaliar, através da fala de algumas unidades de ensino, as repercussões das ações implementadas pela SME de Fpolis/SC, gestão 93-96 (Administração Popular) nos seus dois primeiros anos de atuação. A análise realizada pautou-se nos dados obtidos pela própria SME, através de um instrumento de avaliação remetido, em dezembro de 1994, às suas unidades de ensino e respondido por professores e funcionários. Um grande volume de informações foram coletadas, sendo que se encontrava, em estado bruto necessitando de uma leitura consistente: são, ao todo, 42 questionários abertos contendo informações sobre as ações da Secretaria. A partir de reuniões do Laboratório de Educação e Saúde Popular - Departamento de Psicologia da UFSC - e do interesse demonstrado pela Secretaria na análise desse material, desenvolveu-se o presente projeto de pesquisa com o objetivo de: 1) Analisar a fala de professores e funcionários de escolas públicas da RME sobre as ações implementadas pela SME no período entre janeiro de 1993 a dezembro de 1994. 2) Identificar as características da relação SME-unidades de ensino. 3) Levantar as necessidades e/ou expectativas da rede em relação às ações da SME. Para a execução dos objetivos citados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo, conforme Franco (1994), em que os dados foram organizados de forma a obter uma análise que inter cruzou o conteúdo manifesto com o sentido "oculto" do texto, tomando como parâmetro o contexto social e histórico no qual foi produzido. A análise dos dados possibilitou a identificação de eventuais problemas, na relação Secretaria-Unidades de Ensino, fundamental, no que se refere à comunicação e expectativas produzidas por ações implementadas e não cumpridas na íntegra. Por outro lado, vislumbra-se ações que são conhecidas como significativas pela maioria das unidades de ensino, destacando-se os esforços para a implementação de um programa de formação permanente dos educadores. Os resultados obtidos, portanto, constituem-se como importante na medida em que fornece, para a SME, referenciais norteadores de diretrizes futuras de trabalho. (CNPq)

ESC 3.01

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: UM ESTUDO DE CASO. *Laís de Toledo Krücken Pereira e Antônio P. Rodolfo Agatti.* Universidade de São Paulo.

Queixas de dificuldades de aprendizagem constituem freqüente motivo de busca de atendimento especializado. Muitos são os possíveis fatores envolvidos nesses casos. O objetivo do presente estudo foi a verificação da interferência de fatores relacionados à dinâmica familiar, buscando relacionar meio familiar e condições de aprendizagem. O estudo caracteriza-se como pesquisa documental, *ex-post-facto*. O sujeito foi uma criança do sexo feminino, de 6 anos e cinco meses de idade, encaminhada pela escola com queixa de dificuldade de alfabetização, atendida em clínica-escola de grande centro urbano brasileiro. O instrumento de análise constituiu-se em três roteiros, relativos à história de vida do sujeito, às condições fonoaudiológicas e psicológicas. A organização dos roteiros foi baseada em referencial teórico múltiplo, focalizando os diferentes aspectos envolvidos na dinâmica familiar, no desenvolvimento e na caracterização psicológica e fonoaudiológica do sujeito. O material analisado foi constituído pelas entrevistas fonoaudiológica e psicológica com os pais e pelas avaliações fonoaudiológica, psicopedagógica e psicológica. O procedimento adotado foi o de leituras sucessivas, estratégia que se impôs durante o desenvolvimento do trabalho e preconizada por Lüdke e André (1981). Os dados, de natureza qualitativa, foram interrelacionados e relacionados ao referencial teórico. Os resultados mostraram, por um lado, ausência de conflitos emocionais graves, bom nível de desenvolvimento intelectual e de organização perceptivomotora e condições favoráveis à alfabetização, não justificando a dificuldade de aprendizagem. Por outro, insegurança, tendência à busca de satisfação no plano da fantasia, inconsistência de respostas, dificuldades leves de organização espaço-temporal e alterações leves de linguagem, que se mostraram relacionadas a dificuldades anteriores quanto ao desenvolvimento da locomoção, da linguagem e da autonomia. Estas, por sua vez, mostraram-se relacionadas a condições do contexto familiar, envolvendo particularmente a conduta materna. A conclusão salientou as relações entre aprendizagem da leitura e escrita e outros aspectos do desenvolvimento, sugerindo interligação de diversos fatores, entre os quais se destacaram os de origem ambiental. O estudo indica a importância da atuação familiar no estabelecimento de condições favoráveis ao desenvolvimento, com futuros reflexos no aprendizado escolar. Sugere a necessidade de verificação dos fatores familiares nos casos de dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita. (CNPq)

-oOo-

ESC 3.02

PROMOÇÃO DE INTERAÇÃO ENTRE ALUNOS EM SALA DE AULA: CONDIÇÕES FACILITADORAS. *Aline Christina Torres, Angela Cristina Pontes, Almir Del Prette, Zilda Aparecida Del Prette.* Universidade Federal de São Carlos.

De acordo com as abordagens construtivista e sócio-interacionista, têm-se enfatizado a rede de relações sociais no contexto escolar em sua importância para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. A literatura demonstra que as interações mais significativas entre alunos em sala de aula são as que promovem cooperação e conflito sócio cognitivo, podendo ocorrer através de tutoria, discussão e diferentes formas de trabalho em grupo. Para isso o professor deve atuar como mediador, condutor e promotor des-

sas interações, o que supõe cognições e atitudes coerentes com essa perspectiva e, principalmente, um repertório elaborado de habilidades interpessoais-profissionais. Apesar de se reconhecer o papel do professor na organização das interações entre alunos, pouco se tem investigado sobre o repertório de habilidades sociais necessárias na promoção dessas interações. Visando instrumentalizar o professor no uso de estratégias interativas em sala de aula, foi realizado um Programa de Desenvolvimento Interpessoal Profissional - PRODIP - conduzido com 22 professores da Rede Estadual de São Carlos, de disciplinas variadas e de diferentes graus. O presente estudo examina as ações do professor especificamente relacionadas à condução da atividade em classe, categorizadas em três classes gerais: expor conteúdo, criar oportunidades de participação e aprovar/reprovar o desempenho ou comportamento do aluno. A coleta de dados foi realizada através de filmagens de vinte minutos/aula de cada professor, antes e após a intervenção. Transcreveu-se cada filmagem e identificou-se as subclasses de ações envolvidas em cada uma das classes acima referidas. Os resultados demonstraram um aumento na frequência de exposições dialogadas e nas ações orientadas para a criação de oportunidades de participação do aluno através de perguntas (de maior ou menor elaboração) para a maioria dos professores. Em relação à classe aprova/reprova desempenho ou comportamentos, embora não tenha havido aumento da frequência de *feedback* positivo (subclasse considerada mais elaborada), houve aumentos substanciais em outras formas de reação positiva à participação, como aceitar desempenho, apresentar ajuda verbal mínima/encorajar; entre as reações negativas, houve uma manutenção das formas mais brandas (pede reelaboração/questiona e corrige desempenho) e uma redução da forma menos brandas (rejeita desempenho). Estas alterações estiveram associadas a uma mudança na dinâmica das interações, com os professores desempenhando mais ativamente o papel de mediadores que favoreciam a participação do aluno. Discute-se a importância de habilidades específicas na atuação do professor e nos objetivos dos programas de formação continuada. (CNPq/FAPESP/MEC Sesu).

-oOo-

ESC 3.03

A PERGUNTA COMO ESTRATÉGIA FACILITADORA DA PARTICIPAÇÃO DO ALUNO EM CLASSE. *Alessandra Turini Bolsoni Silva, Almir Del Prette, Fabíola Alvares Garcia, Ludmila Palucci Puntel, Zilda A. P. Del Prette.* Universidade Federal de São Carlos.

Alguns comportamentos específicos do professor vêm sendo demonstrados como cruciais no processo de ensino-aprendizagem, principalmente na utilização de estratégias interativas. Destes pode-se destacar a importância das perguntas na estruturação do conteúdo em sala de aula. Tendo em vista as atuais tendências sócio-interacionistas em que é delegado ao professor um papel de mediador das interações entre alunos em torno do objeto de conhecimento, entende-se o fazer perguntas como meio de aumentar interações entre professor e aluno e entre alunos, garantindo a participação destes na construção de seu próprio conhecimento. Visando promover a competência do professor no uso de estratégias interativas em sala de aula, foi realizado um Programa de Desenvolvimento Interpessoal-Profissional (PRODIP) que enfatizou, entre outros aspectos, a utilização do fazer perguntas no repertório de ações do professor. Participaram deste programa 22 professores da Rede Estadual de Ensino de São Carlos, que

lecionavam disciplinas variadas em diferentes graus. Um dos procedimentos de coleta de dados foi o de filmagens durante vinte minutos de uma aula prévia e outra posterior à intervenção de cada professor participante. Neste trabalho focaliza-se a análise do desempenho do professor em fazer perguntas. Transcreveu-se cada filmagem e identificou-se os diferentes tipos de perguntas utilizadas por estes, bem como a frequência dessa utilização. Caracterizou-se também as ações organizativas do professor, bem como as configurações interativas presentes no contexto. Os resultados indicaram que após a intervenção, os professores passaram a utilizar mais o recurso de fazer perguntas, aumentando a diversidade das mesmas. Houve um aumento não só de perguntas de menor elaboração (aquelas que requerem reprodução, leitura ou repetição de conteúdo imediatamente disponível) como também de maior elaboração (aquelas que requerem análise, síntese, avaliação ou exemplificação de aspectos do conteúdo abordado). Verificou-se também que com o aumento das perguntas, houve uma maior variabilidade de interações em sala de aula, deslocando-se de interações do tipo professor-classe para interações do tipo professor-aluno e aluno-aluno. À medida que o professor utilizou mais o recurso das perguntas, conseguiu compartilhar com o aluno a estruturação dos conteúdos e passou a colocá-lo como participante ativo de sua própria aprendizagem. O trabalho gerou ainda, hipóteses e reflexões acerca da competência do professor em utilizar e coordenar diferentes tipos de classes de ações em sala, podendo ser examinadas em termos de sua coerência com a perspectiva sócio-interacionista. (CNPq/FAPESP/MEC Sesu).

-oOo-

ESC 3.04

PINTANDO O 7: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS ATRAVÉS DE OFICINA DE EXPRESSÃO. *Rejane de Farias, Karina Z. da Silva, Maurício Campos e Maria Juracy T. Siqueira.* Universidade Federal de Santa Catarina.

É sabido, a partir da abordagem sócio-histórica, que as funções psicológicas superiores são constituídas nas e pelas relações sociais, onde o(s) outro(s) nas ações partilhadas com o sujeito, exercem a função de interlocutor(es) qualificado(s). Parte-se do princípio de que a auto-regulação, fundamento do ato voluntário, tem sua origem na inter-regulação, ou seja, nos meios empregados pelo(s) outro(s) para regular a ação do sujeito e vice-versa. A mediação que a linguagem, enquanto função semiótica, desempenha nesse processo é fundamental. Com o objetivo da construção de estratégias psicopedagógicas eficazes no sentido do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, montou-se uma oficina de expressão, desenvolvidas em encontros semanais com um grupo de 20 alunos de uma escola pública, em sua maioria da 3ª série do 1º grau. Esta oficina, coordenadas por três acadêmicos do curso de Psicologia, incluem atividades e estratégias diversificadas: jogos corporais, jogos dramáticos, técnicas oriundas das artes plásticas, contar e construir histórias, entre outras. Cada encontro obedece uma programação flexível o suficiente para que os interesses dos alunos possam ser contemplados. A diversificação de atividades, individual e coletivamente realizadas, incluindo formas e níveis diferentes de expressão e registro, parece essencial para que a aprendizagem ocorra. São realizados registros individuais (na forma de desenho, modelagem, textos) que possibilitem a avaliação do processo no nível da singularidade de cada um e no nível do processo grupal. Os encontros são planejados e descritos, pelos coordenadores, em um caderno de

campo de forma a complementar a análise e a avaliação das estratégias utilizadas. Neste processo, que coincide com o da constituição do sujeito autônomo, que se auto-regula, pode-se apontar positivamente, por parte dos alunos, o desenvolvimento da auto-estima, da noção de pertencimento ao grupo, das relações de cooperação, enfim, de condições que favorecem o exercício da cidadania.

-oOo-

ESC 3.05

CARACTERIZAÇÃO DA ATIVIDADE LÚDICA SEGUNDO A PERSPECTIVA DE PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL. *M. Silvia P. M. L da Rocha, Joyce R. Barsotti, Carolina Felipe, Christine Guimarães, Flávia C. Luppi e Sandra C. Trambaiolli.* Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Este estudo constitui-se em uma pesquisa realizada junto a professoras de escolas de educação infantil da rede pública de Campinas. Os objetivos da pesquisa foram identificar: os modos pelos quais as professoras compreendem a importância da atividade lúdica no desenvolvimento da criança pré-escolar, os modos pelos quais as professoras intervêm junto aos jogos infantis; os critérios utilizados pelas professoras para escolha de jogos e o repertório de brincadeiras infantis das crianças que frequentam estas pré-escolas. Esta pesquisa insere-se num trabalho mais abrangente de caracterização da atividade lúdica nestes contextos educacionais, caracterização esta que visa permitir a identificação de necessidades e possibilidades de intervenção da Psicologia Escolar no contexto pré-escolar, no que se refere ao desenvolvimento do brincar infantil. Para tal, têm sido realizadas também observações sistemáticas das atividades desenvolvidas com os pré-escolares. Para o desenvolvimento da pesquisa foi elaborado um questionário com 7 perguntas abertas; este instrumento foi distribuído para 20 professoras; o retorno foi de 13 questionários preenchidos; estes foram posteriormente analisados de forma quantitativa e qualitativa, buscando-se encontrar tendências na maneira como as professoras pensam o brincar de uma forma geral e os jogos de faz-de-conta e de regras, de forma mais específica. Os resultados finais das análises indicam uma tendência por parte das professoras a fazer análises muito gerais sobre as relações entre jogos e desenvolvimento, o que pode dificultar compreensão mais precisa sobre a importância desta atividade. Além disso, nas respostas prevalecem indicações sobre os objetos utilizados pelas crianças para brincarem sobre respostas que esclareçam sobre o tipo de atividade desenvolvida e a forma como isto ocorre; ou seja, quando questionadas, as professoras informam mais com o que do que como as crianças brincam. Foi possível, também, encontrar uma tendência a tratar como jogo diversas atividades (entre as quais ler histórias, assistir filmes, pintura), e a privilegiar os jogos de regras (em suas observações, nos objetos que tornam disponíveis para as crianças, nas suas participações junto à atividade lúdica) e investir pouco no jogo de faz-de-conta, tendências estas que confirmam o modo como o jogo é tratado nos contextos pré-escolares, indicado por outras pesquisas da área. Considerando a importância apontada pelas teorias psicológicas da atividade lúdica em geral e do jogo de faz-de-conta, mais especificamente, para o desenvolvimento infantil, estas tendências indicam a relevância de projetos que objetivem intervir junto às crianças e às professoras, no sentido de modificar a compreensão e as práticas pedagógicas relativas a esta esfera de conduta humana.

-oOo-

ESC 3.06

O JOGO EM DUAS PRÉ-ESCOLAS: CARACTERIZAÇÃO E QUESTIONAMENTOS. *M. Silvia P. M. L. da Rocha, Fernando Brandalise, Ana Cristina G Costa, Paula R. Gulla e Fabiana Pereira.* Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Esta pesquisa foi desenvolvida em duas escolas de educação infantil da rede pública de Campinas. O objetivo do trabalho consistiu em compreender o modo como as crianças brincam nestes contextos pré-escolares, através de observação participante; esta possibilitou uma compreensão mais detalhada dos episódios registrados, e uma maior familiaridade das crianças com a presença e participação dos observadores nestas atividades. As observações foram realizadas em contextos diversos, como: salas, parque, casinha e brinquedoteca; desta forma, pretendia-se assegurar uma amostragem mais fiel das brincadeiras que envolvem as crianças. Os resultados destas observações foram analisados qualitativamente, considerando-se separadamente duas modalidades de jogos: faz-de-conta e regras. Estas análises apontaram para algumas questões em relação ao modo de brincar destas crianças, sugerindo que, apesar da existência de objetos lúdicos, espaço e tempo disponível para as crianças brincarem, a maneira como elas desenvolvem as atividades pode ser problematizada. Em relação aos jogos de faz-de-conta, observa-se frequentemente ações simples, estereotipadas e que se repetem nas brincadeiras (particularmente confecção de bolos na areia e lobo mau perseguindo as crianças no parque); observou-se, ainda, que o desempenho de papéis muitas vezes não é assumido pelas crianças, centralizando-se apenas nas próprias ações; as temáticas que se explicitam são poucas, reduzindo-se, habitualmente, a: casinha, super-heróis e episódios de novela. No que se refere aos jogos de regras, observou-se que as crianças têm várias alternativas de escolha de jogos com regras já preparadas; entretanto, a maioria deles são indicados para faixas etárias superiores; como não ocorre uma adaptação das regras por parte do adulto, as crianças, geralmente, não são capazes de utilizar o conjunto de regras para regular sua conduta e suas relações com os parceiros; decorre disto que as atividades, muitas vezes, são mais ou de manipulação aleatória do material, considerando, principalmente, suas propriedades físicas, ou de utilização do mesmo para outras atividades que não propriamente um jogo; observou-se ainda algumas tentativas de estabelecimento de novas regras entre as crianças que, em geral, eram simples e muitas vezes desiguais, favorecendo relações assimétricas. A partir destes dados e, considerando-se a importância da mediação social para a gênese e desenvolvimento da atividade lúdica, pretende-se identificar estratégias para intervenção da Psicologia Escolar (junto às crianças e aos professores) que contribuam para que os jogos se organizem de maneira mais sofisticada nestes contextos educacionais.

-oOo-

ESC 3.07

A PERCEPÇÃO DE MÃES SOBRE SEUS FILHOS EM INÍCIO DE ESCOLARIZAÇÃO. *Leila Jorge,* Universidade Metodista de Piracicaba, UNIMEP. *Álvaro Pacheco Duran,* Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

Nossa escolhopor investigar a percepção de mães sobre seus filhos, a partir de quando estes iniciavam sua vida escolar, foi determinada pela suposição de que a escola contaminava a percepção que a mãe tinha sobre a criança com prováveis conseqüências

para o desenvolvimento do autoconceito da mesma Este estudo procura reconhecer a influência da escola sobre a família através da análise da percepção de três mães sobre seus filhos a partir de quando estes iniciam sua vida escolar e no decorrer do seu primeiro ano letivo. Realizou-se uma série de entrevistas ao longo de um ano que são analisadas em três fases: classificação das falas das mães de acordo com sua natureza e momento a que se referiam (anterior à entrada da criança na escola ou momento atual); identificação de classes de conteúdo presentes nas falas, classificação das falas de acordo com o seu conteúdo. Comparou-se e discutiu-se a distribuição das classes de conteúdo nas entrevistas de cada uma das mães e entre as mães. Os resultados indicam mudanças na percepção das mães sobre seus filhos a partir da escolarização. Analisando as classes de conteúdo a que se referem as percepções anteriores e atuais das três mães observa-se que: efetivamente, a partir da escolarização há um aumento daquelas classes de conteúdo que se referem a aspectos especificamente ligados à escola. Por exemplo: ao final do primeiro semestre, as mães deixam de apoiar sua percepção nas características pessoais da criança, para apoiá-las no material escolar, cumprimento de tarefas, informação da professora; também é possível observar que mães diferentes entre si, utilizam de forma idêntica indicadores idênticos para apoiar sua percepção sobre a criança. Por exemplo: tarefas devem ser cumpridas ao chegar da escola sem ninguém mandar, não devem ser feitas à noite. As mudanças na percepção das mães sobre seus filhos a partir da escolarização parecem devidas à presença de significados que a escola guarda para cada mãe, construídos a partir da história pessoal de cada uma delas, já que os significados são produto da história de interações sociais do indivíduo. Na medida em que estes significados modificam e redefinem a percepção da mãe sobre seu filho no início da escolarização, discute-se a possibilidade de que interfiram na forma como se (re) estabelecem as relações entre ambos com conseqüências para o desenvolvimento do autoconceito da criança.

-oOo-

ESC 3.08

A (IN) DISCIPLINA NAS INTERAÇÕES EDUCADORA-CRIANÇA E CRIANÇA-CRIANÇA NA CRECHE. *Lenice Frazatto* (Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto), *Marlene Fagundes Carvalho Gonçalves* (Universidade Paulista - Ribeirão Preto), *Zilma de Moraes Ramos de Oliveira* (Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto).

De modo a contribuir para a discussão do conceito de indisciplina em contextos educativos e das representações acerca da criança indisciplinada, buscamos analisar episódios gravados em vídeo (3 sessões variando de 24 a 49 minutos) relativos ao controle de um grupo de 31 crianças (18 meninas e 13 meninos) de 5 a 6 anos em creche pública atendendo população de baixa renda. Para tanto, partimos do conceito de interação trazido pelas teorias sócio-históricas de desenvolvimento (Vygotsky e Wallon). Foram inicialmente elaborados quadros descritivos das atividades desenvolvidas em cada sessão, registrando-se a cada minuto e meio o desenrolar das mesmas, segundo: organização das crianças na sala, instruções para a tarefa, distribuição de material, desenvolvimento da tarefa proposta e encerramento da atividade. A seguir foi feito um levantamento dos episódios de indisciplina nas três sessões, considerando: número de crianças envolvidas, momento da sessão em que ocorrem, material disponível e tipo de tarefa em execução. Tomaram-se gestos e verbalizações da educadora e das crianças (pedidos de silêncio, restrição dos movimentos das cri-

anças, divergências entre elas) como indicadores do que comumente é considerado indisciplina. A análise microgenética das interações (Oliveira, 1988) criadas nos episódios selecionados revelou grande frequência de ameaças e conselhos, por parte da educadora, em resposta a conflitos entre alunos. Em situação de organização de tarefa, já se observam comportamentos infantis que sugerem uma apropriação pela criança das regras trazidas pela educadora. A discussão das análises deve considerar as condições de formação e trabalho da educadora e pode contribuir para aperfeiçoar o trabalho pedagógico em creches. (CNPq)

-oOo-

ESC 3.09

REPRESENTAÇÕES DE EDUCADORAS SOBRE AS MÃES E FAMÍLIAS DAS CRIANÇAS DA CRECHE. *Telma Vitoria e Maria Clotilde Rossetti Ferreira*. Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

As creches enfrentam muitos conflitos nas relações com famílias, os quais interferem no bom atendimento às crianças. Considerando que ação e representação se constituem reciprocamente, para investigar a possibilidade das educadoras trabalharem esses conflitos, procuramos elucidar suas representações sobre mães/famílias, aplicando em duas creches um roteiro semi-estruturado de entrevistas, abordando aspectos variados do contato das mesmas com as crianças e famílias. Realizamos 7 entrevistas na creche 1 com educadoras que trabalham há mais de três anos no local, as quais têm um nível de formação, em média, de superior incompleto e as famílias atendidas têm uma condição sócio-econômica razoável. Na creche 2, onde as educadoras têm, em média, formação de primeiro grau e as famílias atendidas são menos favorecidas socio-economicamente, realizamos 6 entrevistas, todas com duração média de três horas. Na análise de conteúdo de todas as entrevistas, as representações sobre criança, família e creche se apresentaram indissociáveis e contraditórias. Selecionamos, então, os conteúdos que mostravam contribuições ou entraves das educadoras para promover a relação creche - família. Os dois tipos de conteúdos foram encontrados equivalentemente nas duas creches. As contribuições apareceram especialmente quando as educadoras se referiram à importância de se dar bem com as mães e trocar informações. Como conteúdos que dificultam as relações com mães, encontramos críticas mal elaboradas sobre as ações das mães e queixas sobre sua falta de interesse. Quanto às diferenças entre as creches, na 1 houveram mais comentários sobre desenvolvimento infantil e expectativas da educação em família. As educadoras da creche 2 apresentaram maior conotação assistencial do atendimento e falaram menos sobre desenvolvimento. Foram encontradas, também, representações da mãe como agente mais importante do desenvolvimento infantil, associada à idéia de que creche só é válido para famílias em condições precárias, ou se a mãe dá continuidade à educação em casa. Nas duas creches, as educadoras tenderam a se mostrar mais importantes do que as mães, seja pelo discurso assistencial, seja pelo técnico. Concluímos que as diferenças entre as creches de nível de formação e de famílias atendidas não refletiram diferenças nas representações que podem contribuir ou dificultar nas relações creche - família. Para que as creches possam superar os conflitos desta relação, é necessário investir na formação continuada dos educadores, considerando as representações atuais e em transformação sobre papel da mulher, função materna e sobre a variedade de contextos possíveis de desenvolvimento infantil.

-oOo-

ESC 3.10

CIDADANIA E ESCOLARIZAÇÃO FORMAL: RELAÇÕES SOCIAIS EM SALA DE AULA. *Andréa Vieira Zanella; Adriano Henrique Nuernberg*. Universidade Federal de Santa Catarina.

O tema da cidadania, como objeto de estudo científico, adquire relevância em diversas áreas do conhecimento. Na área da educação, identificam-se basicamente duas frentes: na primeira há autores que relacionam a cidadania com a garantia do acesso à escolarização (Cavalcanti, 1989; Ferreira, 1994) e na segunda apresentam-se estudos que relacionam a cidadania à garantia, para o aluno, do acesso ao conhecimento sistematizado (Saviani, 1986; Pino, 1991). O presente estudo parte do seguinte pressuposto: a promoção da cidadania, no que tange ao processo de escolarização formal, não se resume a essas duas questões. Entendemos que a ação pedagógica sistematizada pode propiciar ao aluno condições para que se constitua enquanto cidadão, via o estabelecimento de relações sociais onde a democracia/dialogia se façam presentes. Tal pressuposto assenta-se no fato de que os alunos, em sala de aula, enquanto sujeitos do/no processo ensino/aprendizagem, constituem/desenvolvem Funções Psicológicas Superiores, apropriam-se de hábitos e atitudes historicamente produzidos e experenciam diversas possibilidades de se posicionarem nas relações sociais. Para investigarmos essa questão utilizamos a Análise de Episódios, proposta por Smolka (1991), e a Análise Microgenética, proposta por Meira (1994), enquanto indicadores para coleta e análise dos dados. Realizamos uma série de filmagens da prática pedagógica de uma professora das séries iniciais do primeiro grau e selecionamos um episódio para a análise. Neste episódio tentamos identificar, nas falas da professora e nas atividades propostas, aspectos promotores de cidadania. Verificamos que a prática pedagógica adquire relevância no processo de constituição do sujeito e pode se caracterizar como promotora de cidadania na medida em que possibilite condições para que os alunos possam atuar na realidade de forma consciente e deliberada.

-oOo-

ESC 3.11

A APROPRIAÇÃO DA ATIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINAR/APRENDER A RENDA DE BILRO. *Andréa Vieira Zanella*. Universidade Federal de Santa Catarina.

Estudos atuais na perspectiva histórico-cultural têm apontado a questão da apropriação da atividade como um problema persistente, necessitando de maiores reflexões e investigações. Nesse sentido, o presente trabalho teve por objetivo estudar a produção e apropriação da significação da atividade no processo de ensinar e aprender a renda de bilro. Essa atividade encontra-se atualmente em franco processo de extinção na Ilha de Santa Catarina., decorrente das transformações sociais que marcam sua história. Conseqüentemente, as significações do fazer renda foram sendo paulatinamente modificadas e, nesse processo, o ensinar e o aprender a fazer renda de bilro deixaram o espaço privado para assumirem o espaço público, existindo atualmente em razão de iniciativas do poder público no sentido da preservação do folclore ilhéu. Neste trabalho, a análise dessas transformações bem como das novas características do processo de ensinar/aprender essa atividade incidiu sobre a trama dialógica e dialética que constitui as relações sociais, pautando-se no pressuposto de que as atividades humanas imprimem marcas, em maior ou em menor grau, nos sujeitos que as engendram, dependendo das significações social-

mente produzidas e particularmente apropriadas. Os dados analisados consistiram em episódios obtidos através de filmagens que apresentam três alunas em interação com a professora de renda, no contexto de sala de aula. As filmagens ocorreram no decorrer do primeiro semestre de 1995, totalizando 32 horas de gravação. Destas, foram selecionados 6 episódios que totalizaram aproximadamente 15 minutos, os quais foram transcritos e analisados. Delimitou-se como foco de investigação os signos mediadores utilizados tanto pelo sujeito que assume a tarefa de ensinar, quanto pelas alunas envolvidas na tarefa de aprender a confeccionar a renda de bilro. A análise dos episódios, feita à luz dos aportes teóricos de L. S. Vygotski, possibilitou constatar diferenças no processo de apropriação, resultando: ou em apropriação da(s)

ação(ões), caracterizada pelo domínio de etapas da atividade; ou em apropriação da atividade em si, que compreende o domínio da totalidade das ações e, portanto, a apropriação do processo, possibilitando ao sujeito a confecção independente da renda bem como a implementação de modificações nos instrumentos mediadores da atividade. Essas diferenças, por sua vez, referem-se as distintas formas pelas quais os sujeitos utilizam os signos mediadores de suas próprias atividades, o que caracteriza o psiquismo humano enquanto semioticamente mediado. (CNPq)

-oOo-

**PSICOLOGIA DA FAMÍLIA
E COMUNITÁRIA**

FAM 1.01

CARACTERÍSTICAS E DESEJOS DE PESSOAS CADASTRADAS PARA UMA ADOÇÃO. *Lidia Natalia Dobrianskyj Weber.* Universidade Federal do Paraná.

No Brasil, a adoção é entendida primordialmente como uma alternativa para ter filhos que não puderam ser gerados biologicamente. Existem duas formas de adoção no Brasil: a adoção legal, realizada através dos Serviços de Adoção dos Juizados da Infância e da Juventude, e a adoção “à brasileira”, quando uma pessoa registra uma criança nascida de outra mulher como filho legítimo, por meio de um registro falso em cartório. Esse segundo tipo de adoção significa necessariamente a “adoção” de um recém-nascido. O objetivo do presente trabalho foi investigar as características, desejos e idéias das pessoas cadastradas no Juizado da Infância e da Juventude de Curitiba a respeito da adoção. Foram enviados questionários pelo correio para todos os brasileiros (N=125) cadastrados nesse Serviço de Adoção, sendo que houve o retorno de 42 questionários respondidos. Os dados mostram que a maioria dos sujeitos não pode ter filhos biológicos (64%), é casada (88%), católica (76%), tem entre 36 e 45 anos (57%), curso superior completo (71%), renda familiar superior à R\$ 3. 000, 00 (52%) e outros filhos adotivos (45%). Os adotantes pretendem adotar uma (33%) ou duas (38%) crianças com idade máxima de um ano (60%), têm preferência por uma criança de cor branca (67%), perfeitamente saudável (71%) e preferem escolher o sexo da criança (60%). Os sujeitos acham que deve haver algum tipo de preparação e acompanhamento psicológico para os adotantes (67%), afirmam que não participam de nenhum tipo de grupo de apoio à adoção (95%) porque desconhecem sua existência (52%) e pensam que o governo deveria realizar uma campanha para incentivar a adoção de criança abandonadas (93%). A análise dos dados revela que os candidatos cadastrados num serviço oficial de adoção têm o mesmo padrão de pessoas que já realizaram uma adoção, tanto legal quanto ilegal, encontrado em outras pesquisas (Weber, 1996; Weber e Cornélio, 1995). No entanto, o fato de terem passado pelo processo de seleção de um Serviço Oficial de Adoção não parece ter sido suficiente para esclarecê-los sobre as questões do processo adotivo, tais como, a irrevogabilidade da adoção, a importância da história anterior para a criança, aos limites da herança genética, entre outros. Essa situação de desconhecimento pode ser um fator determinante para futuras dificuldades na dinâmica familiar. (CAPES)

-oOo-

FAM 1.02

ADOÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL: COMPREENÇÃO DAS DIFERENÇAS. *Lidia Natalia Dobrianskyj Weber.* Universidade Federal do Paraná.

Ainda hoje, a adoção é realizada como uma solução para a ausência de filhos biológicos, porém, a ausência de estudos sistemáticos sobre a questão da adoção no Brasil dissemina a idéia que os brasileiros apenas desejam adotar recém-nascidos brancos, do sexo feminino e saudáveis e que os estrangeiros mostram-se amplamente dispostos a adotar crianças de qualquer idade, cor e estado de saúde. A presente pesquisa teve o objetivo de analisar o perfil e compreender as motivações de pessoas (brasileiras e estrangeiras) que realizaram uma adoção no Juizado da Infância e da Juventude de Curitiba. Os dados foram coletados por meio de uma amostra dos processos de adoção (N=181) ocorridos no Juizado de Curitiba. Os dados mostram que 15% dos brasileiros e 24%

dos estrangeiros têm filhos adotivos e 8% dos brasileiros e 15% dos estrangeiros têm filhos biológicos. Embora os brasileiros não mostrassem preferência pelo sexo da criança (49%), sua preferência era imperativa em relação a um bebê de cor branca (72%), com idade máxima de 6 meses (67%). Por outro lado, poucos estrangeiros exigiam um bebê de até 6 meses (9%) e de cor branca (12%); a maioria também não tinha preferência pelo sexo da criança (73%) e aceitava crianças com mais de 4 anos (41%) e mostrava-se indiferente à cor da pele (37%) ou aceitava crianças morenas mas não negras (44%). Os brasileiros efetivamente adotaram bebês com idade até 6 meses (71%), do sexo masculino (55%) e da cor branca (67%); os estrangeiros adotaram, em sua maioria, crianças com mais de 5 anos (38), do sexo masculino, (59%) e da cor branca (44%) e morena (44%). Pode-se concluir que, de fato, os brasileiros são mais seletivos que os estrangeiros na adoção de uma criança, apesar da motivação para a adoção ser a impossibilidade de gerar filhos para os dois grupos. A falta de preparação acerca da adoção é um forte determinante para que os brasileiros sejam inflexíveis e até preconceituosos em suas escolhas. Quatro fatores parecem influenciar a disponibilidade maior dos estrangeiros em relação à criança desejada: 1) o processo de preparação para a adoção em seus países de origem; 2) as leis de alguns países limitam a escolha da criança pelos adotantes; 3) as leis nacionais privilegiam os candidatos brasileiros em todos os aspectos e 4) maior conscientização sobre o gesto de solidariedade envolvido nas adoções necessárias (adoções inter-raciais e tardias).

-oOo-

FAM 1.03

POLÍTICA DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO À CRIANÇA SEXUALMENTE ABUSADA EM SÃO PAULO. *Silvia Ancona-Lopez, Denise S. Pavlovsky, Eliana Z. Candido, Lígia Caran Costa Corrêa, Patricia Nadruz, Sara Gainzarain.* Universidade São Marcos.

Lamentavelmente aumentam em nosso país e em todo o mundo as ocorrências de abuso sexual infantil. No Município de São Paulo quando surge uma denúncia deste tipo o caso é encaminhado, pelo SOS-Criança, delegacias ou hospitais, para uma das Varas da Infância e Juventude. Os juizes de menores, que devem intervir sempre que haja a suspeita de que algum direito básico da criança está sendo desrespeitado, solicitam aos psicólogos que atuam nestas Varas um estudo do caso afim de subsidiar sua decisão sobre o encaminhamento do mesmo. O papel destes psicólogos é, portanto, fundamental para o destino e o percurso futuros da criança vitimizada, sua família e seu agressor. Visando conhecer o trabalho destes profissionais, qual o preparo que recebem para atuar em tais casos, qual o impacto que sofrem ao enfrentar esta problemática e qual é a política de atendimento psicológico à criança sexualmente abusada, foram entrevistados doze psicólogos envolvidos com esta questão no Município de São Paulo. As entrevistas foram semi-dirigidas e registradas em fitas cassete e posteriormente transcritas. Para analisá-las foi adotada uma abordagem qualitativa, segundo a metodologia proposta por Amedeo Giorgi: levantamento de categorias; levantamento de unidades de significado e elaboração da compreensão final. Os resultados indicam que não há uma política de atendimento psicológico claramente definida para a atuação junto à criança sexualmente abusada e que cada Vara adota um procedimento que varia conforme a abordagem teórica dos psicólogos que ali trabalham; o papel do psicólogo é basicamente o de tentar definir se houve ou não o

abuso alegado e para encaminhar as crianças e famílias para algumas (poucas) agências de atendimento psicológico que as atendem; os psicólogos não tem formação específica para abordar este tipo de caso, atuando empiricamente e buscando apoio em seus recursos pessoais e na literatura existente sobre o tema; há um grande número de interrogações que estes profissionais se fazem, uma sensação de impotência e frustração ante a dificuldade de lidar com a complexidade das dinâmicas destas famílias. Como um número crescente de casos de abuso sexual infantil tem chegado aos consultórios e instituições de atendimento psicológico, acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para uma melhor compreensão do problema suscitando novos questionamentos que poderão abrir outras perspectivas de atuação e pesquisa.

-oOo-

FAM 1.04

PROCEDIMENTO JURÍDICO COMO FATOR PATOGÊNICO NA ESTRUTURAÇÃO DO VÍNCULO MÃE-FILHA ADOTIVA. *Marlize Maldonado Vargas*, Pontifícia Universidade Católica de Campinas e *Maria Antonieta Pisano Motta* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

As mudanças na lei (ECA, lei 8069 de 13/07/90), facilitaram as adoções nacionais que, aliadas à intervenção mais direta de alguns juizados, passaram a inibir uma prática que se dava à margem dos procedimentos legais, chamada de “adoção à brasileira”. Práticas e manejos técnicos, calcados em estudos e pesquisas que representem avanços científicos no tratamento do tema, têm sido ainda pouco difundidas no nosso meio. Tem-se à disposição, práticas isoladas, muitas vezes mal sucedidas, em que a aplicação rigorosa da lei pode estar contrariando os interesses da criança. Uma das questões que tem nos preocupado, é a insegurança dos adotantes durante o estágio de convivência, quando este se torna prolongado. O prolongamento demasiado do processo faz com que, quando os pais adotivos tenham definitivamente a posse da criança, muito já tenha acontecido na vida deles em um período decisivo para a formação sadia do psiquismo infantil. Busca-se, através do método de estudo de caso, avaliar o quanto os procedimentos legais da adoção interferiram na estruturação do vínculo mãe-filha. Foram sujeitos uma família composta por casal e dois filhos adotivos, com procedimentos de adoção diferentes. Buscaram atendimento para a menina (4 anos) encaminhada pela escola com queixa de distúrbios de conduta. Foi realizada psicoterapia breve com o grupo familiar, e os dados que subsidiam este estudo foram colhidos, sob o consentimento dos sujeitos, em entrevista/depoimento da mãe, que foi gravada, transcrita e analisada quanto à vinculação entre mãe e filha, bastaste prejudicada à época do encaminhamento. Conclui que os procedimentos da adoção interferiram de forma patogênica na formação do vínculo mãe-filha. Consideramos que pode servir de alerta aos operadores da adoção no que se refere à aplicação e duração do período probatório, pois o aprimoramento e o cuidado aos processos legais, são a única forma de evitar a prática da adoção à brasileira, que além de ilegal, é ao nosso ver, profundamente prejudicial para o estabelecimento de vínculos sadios baseados na verdade e na confiança, no afeto e nos cuidados à criança como elementos fundadores de sua ligação sadia com seus pais. (CNPq)

-oOo-

FAM 1.05

FAMÍLIA E DEFICIÊNCIA MENTAL: TRANSFORMAÇÕES NAS EXPECTATIVAS DE MÃES. *Ana Maria Torezan* (Universidade Estadual de Campinas) e *Maria Inês Bacellar Monteiro* (Universidade Metodista de Piracicaba).

Este trabalho é parte de um estudo maior direcionado para a obtenção de conhecimento sobre as transformações que ocorrem na dinâmica familiar em função da presença de um membro deficiente. Para a realização do referido estudo foram constituídos três grupos de mães de alunos que freqüentam uma instituição de ensino especial. Os grupos, organizados em função da idade e nível escolar dos filhos, se reuniam quinzenalmente com um profissional da instituição para a discussão de assuntos do próprio interesse. As reuniões foram registradas através de áudio-gravação e, posteriormente transcritas. A análise inicial dos dados revelou que dentre as transformações que ocorrem na dinâmica familiar, uma delas diz respeito às expectativas que os pais constroem no decorrer do processo de desenvolvimento do filho deficiente. Essa constatação nos levou a realizar o presente trabalho que teve como objetivo identificar e analisar a natureza das expectativas reveladas por mães durante um processo de interlocução com outras mães, as transformações que possam ocorrer nessas expectativas no decurso do tempo e como elas interferem no relacionamento mãe-filho. Para possibilitar a consecução de tal objetivo, a análise dos dados envolveu o exame pormenorizado de turno por turno da fala de cada participante, com o intuito de se identificar os episódios nos quais as mães manifestavam suas expectativas em relação às capacidades dos filhos. Em seguida, esses episódios foram novamente analisados com o propósito de se caracterizar a natureza das expectativas e as transformações que ocorriam nessas expectativas no decorrer das reuniões. Os resultados obtidos indicaram que de modo geral as mães apresentaram poucas e baixas expectativas em relação ao desenvolvimento do filho, principalmente no que diz respeito a aspectos ligados à vida afetiva e sexual. Além disso, foi possível verificar que à medida em que o profissional ou outras mães alertavam para aspectos mais positivos do desenvolvimento do filho, ocorriam modificações no modo da própria mãe ou do grupo falar sobre as realizações da criança. Esses resultados indicam que a possibilidade de interlocução com outras pessoas, que enfrentam problemas semelhantes, pode levar mães de deficientes mentais a apresentarem um “olhar” mais positivo em relação ao próprio filho. Isso pode alterar as próprias expectativas, o que redundará por sua vez, numa alteração no próprio modo de se relacionar com o filho. (FAEP - UNICAMP)

-oOo-

FAM 1.06

FAMÍLIA E DEFICIÊNCIA MENTAL: AS MÃES DIANTE DO JULGAMENTO ALHEIO. *Maria Inês Bacellar Monteiro* (Universidade Metodista de Piracicaba) e *Ana Maria Torezan* (Universidade Estadual de Campinas).

É uma constatação empírica que a presença de um membro deficiente tem repercussões diretas nas relações familiares. No entanto, a investigação sistemática à respeito vem ocorrendo só mais recentemente, especialmente no que se refere aos sentimentos que pais de deficientes enfrentam diante do “olhar” de outras pessoas. A preocupação com tal questão nos levou a realizar este estudo que é parte de um trabalho maior voltado para a análise das transformações que ocorrem na dinâmica familiar em função da presença de um membro deficiente. No caso deste estudo, o obje-

tivo consistiu em identificar e analisar os diferentes sentimentos que mães apresentam frente ao que percebem como avaliações que outras pessoas fazem sobre seu filho deficiente, bem como os diferentes sentimentos que apresentam diante do que percebem como avaliações que outros fazem sobre sua ação em relação a esse filho. Além disso, pretende-se identificar em que medida a percepção da avaliação de outrem provoca alguma alteração na conduta da mãe em relação ao filho deficiente. Os dados de interesse foram obtidos durante reuniões com grupo de mães de alunos com Síndrome de Down de uma escola especial. Foram organizados três grupos de mães, de acordo com a idade e nível escolar dos filhos, os quais se reuniam quinzenalmente com um profissional da instituição para discussão de assuntos do próprio interesse. Todas as reuniões foram registradas através de áudio-gravação e posteriormente transcritas. Os dados foram analisados através do exame da fala de cada participante, o que permitiu identificar os episódios em que as mães manifestavam algum tipo de sentimento relacionado a uma avaliação que percebiam no outro. Tais episódios foram novamente analisados com o propósito de caracterizar sentimentos e reações de mães diante do julgamento alheio. Os resultados indicam que as mães, em sua maioria, se sentem mais expostas à observação e julgamento alheio, o que desencadeia sentimentos, tais como raiva, tristeza, autocomiseração, vergonha, culpa, os quais variam em função da história pessoal de cada uma delas. Entretanto, uma reação, diante do julgamento alheio, que parece comum à maioria das mães, é a insegurança e a fragilidade quanto ao modo de agir em relação ao filho. As mães vivem uma constante situação de conflito, sem saber se devem agir de um modo ou de outro. Geralmente isto leva a um padrão inconsistente de conduta que oscila ora para uma relação de grande permissividade ora para uma relação de controle extremamente rígido. (FAEP - UNICAMP)

-oOo-

FAM 1.07

DEPRESSÃO E SUPORTE FAMILIAR PATERNO: PERSPECTIVAS DE ADOLESCENTES E SUAS MÃES. Makilim Nunes Baptista. UNIP.

A depressão é atualmente um dos temas mais enfocados por pesquisas no exterior, porém poucas são aquelas que abordam a relação da depressão na adolescência e a estrutura familiar, principalmente provinda do pai. A importância deste tema remete diretamente à relação existente entre a família e os transtornos depressivos na fase da adolescência, no que concerne à sua etiologia e/ou manutenção. O objetivo da presente pesquisa foi avaliar algumas características do suporte familiar provindo dos pais, na visão de adolescentes com e sem sintomas significativos de depressão, e suas mães. Foram sujeitos dois grupos de 06 adolescentes (idades entre 14 e 17 anos), com e sem depressão, e suas respectivas mães, de uma escola estadual da Zona Leste de São Paulo. O instrumento utilizado para detectar sintomatologia depressiva foi o Inventário de Depressão Infantil (CDI) e o instrumento para avaliar a estrutura familiar foi o Instrumento de Avaliação das Relações Familiares (PBI), além de um questionário abordando questões referentes à estrutura familiar, nível sócio-econômico, uso de medicamento, luto e outras variáveis implicadas na depressão e no suporte familiar. Inicialmente foram separados dois grupos de adolescentes através do CDI e eliminadas algumas variáveis que poderiam estar implicadas na

sintomatologia depressiva, através do questionário de identificação, além dos dois grupos de adolescentes terem sido pareados pela idade. A análise estatística foi realizada através do teste de Wilcoxon entre os quatro grupos envolvidos. Os resultados indicaram que, na perspectiva das adolescentes com sintomas clinicamente significativos de depressão, os pais (pai) são mais indiferentes, menos carinhosos e tenderam a serem mais superprotetores do que adolescentes que não apresentavam sintomas de depressão. As mães do grupo de adolescentes depressivas caracterizaram seus maridos como menos permissivos em relação à independência e autonomia das filhas e, tendendo a serem mais indiferentes. Não houveram diferenças significantes na comparação entre as respostas das adolescentes com sintomas de depressão e suas mães. Os dados estão de acordo com a bibliografia existente, enfatizando a relação entre a falta de carinho, maior indiferença e superproteção dos pais, associado aos transtornos depressivos em adolescentes, porém não se pode afirmar a causalidade entre a depressão e estrutura familiar, mesmo porque a depressão é um transtorno de causas multifatoriais.

-oOo-

FAM 1.08

ADOLESCENTES E SEUS RELACIONAMENTOS AMOROSOS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE ADOLESCENTES DE FAMÍLIAS INTACTAS E DESFEITAS. *Jullyana Maria Sorace Rasan, Marília Gabriela Sandim Vasconcelos, Silvia Lúcia França e Viviane Cristina Navarro. Universidade de Taubaté.*

Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma análise comparativa sobre como adolescentes de 14 a 18 anos, de nível sócio-econômico médio, filhos de pais casados e filhos de pais casados, conceituam e vivenciam seus relacionamentos amorosos. Participaram como sujeitos 72 adolescentes, sendo 36 deles de famílias desfeitas e 36 de famílias intactas da cidade. Os sujeitos foram abordados em locais de maior concentração de jovens como Shopping Centers, escolas e lanchonetes. O instrumento para coleta de dados foi aplicado por estudantes de Psicologia e se constituiu em um formulário contendo 24 questões de múltipla escolha. Os resultados demonstraram que existem diferenças significativas entre os grupos. De modo geral, os adolescentes de pais casados, demonstraram uma visão mais romântica do relacionamento a dois, buscando um "amor ideal", responsável pela felicidade e realização pessoal. Já os adolescentes filhos de pais separados, apresentaram uma visão mais realista das facilidades e dificuldades de uma relação prolongada, mas em contrapartida, parecem buscar mais cedo relações de maior compromisso. Em ambos os grupos, as relações amorosas foram conceituadas de forma positiva, e as experiências são diversificadas, destacando-se o "ficar" e o "namoro" como as formas mais frequentes de relacionamento. Pode-se concluir que a vivência de separação dos pais ou de um casamento duradouro dos mesmos, embora influencie a forma como os relacionamentos amorosos são compreendidos, e especialmente as expectativas que se desenvolvem em relação ao nível de satisfação e felicidade que os relacionamentos podem propiciar, não serão determinantes isolados na construção de um modelo de interação.

-oOo-

FAM 1.09

INTERAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA EM MULHERES PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE. *Vanessa Dios*, Hospital de Base - Fundação Hospitalar do Distrito Federal. *Gláucia Diniz*, Universidade de Brasília.

O objetivo do presente estudo foi avaliar fatores da interação família e trabalho em profissionais mulheres da área de saúde. Investigou-se diferenças e semelhanças entre médicas, enfermeiras e auxiliares de enfermagem em termos da satisfação conjugal, da satisfação no trabalho e das características de gênero com as quais elas mais se identificavam. O total de horas trabalhadas nas atividades domésticas pela profissional e pelo cônjuge, o absenteísmo, a presença ou não de queixas dos maridos sobre o trabalho da esposa, a atratividade do trabalho e a percepção das profissionais sobre a interação família-trabalho foram outros fatores analisados. Participaram do estudo 108 mulheres de um hospital geral da Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF), sendo 36 médicas, 33 enfermeiras e 39 auxiliares de enfermagem. Para a avaliação da satisfação no casamento, da satisfação conjugal e da identificação com as características de gênero foram utilizados instrumentos validados para o Brasil. Os outros fatores foram investigados por meio de um questionário com perguntas abertas. Os resultados indicaram semelhanças na satisfação conjugal, satisfação no trabalho, no número de faltas e na atratividade com o trabalho entre as três profissões. As diferenças entre os grupos foram observadas na identificação com as características de gênero, nas queixas do marido sobre o trabalho da esposa e na percepção da interação trabalho e família. Os resultados foram discutidos com base na literatura sobre a interação família e trabalho.

-oOo-

FAM 1.10

“AINDA SOMOS OS MESMOS...” - A CONCEPÇÃO DE CASAMENTO NUMA PERSPECTIVA TRIGERACIONAL. *Alessandra Macedo*, *Márcia Fernanda S. Veloso*, *Tereza Cristina da S. G. Pugliesi*, *Valéria da S. Oliveira*, *Wanderléia do Carmo Faria*, *Cristiana Mercadante Esper Berthoud*, *Adriana Leônidas de Oliveira*. Universidade de Taubaté.

Esta pesquisa foi realizada no ano de 1996, no “Núcleo de Pesquisas sobre a Família” do curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade de Taubaté. Teve como objetivo geral analisar as similaridades e diferenças na percepção que homens e mulheres têm sobre o casamento, considerando-se os aspectos intergeracionais. Assim, foram recolhidas e analisadas as opiniões relativas à três gerações; jovens, adultos (jovens e maduros) e velhos. A amostra selecionada foi de quatrocentas e trinta e cinco pessoas, de classe média, de quinze a setenta anos de idade, de ambos os sexos, na microregião de São José dos Campos (Vale do Paraíba - SP), sendo que o instrumento utilizado para a coleta de dados foi um formulário. Não foram encontradas diferenças significativas entre as gerações estudadas, o que parece indicar que a transmissão de valores intergeracionalmente é um aspecto bastante forte na nossa cultura e que, possivelmente, ocorre de forma mais acentuada no seio da família. Através da análise realizada, pudemos concluir que apesar dos movimentos históricos e políticos e do discurso social que aparentemente parece denotar profundas transformações nos valores, a maioria das pessoas ainda possui valores que podem ser considerados como tradicionais. Virgindade e legitimação religiosa e civil do casamento, por exemplo, foram apontados como aspectos necessários à união. Valores como o amor e a fidelidade; o respeito e

a sinceridade, são também considerados aspectos essenciais para proporcionar estabilidade emocional. A Igreja parece não ser mais vista como a controladora destes valores, que aparecem mais como valores culturalmente transmitidos do que como valores religiosos propriamente ditos. O fato da mídia propagar e de certa forma até “idealizar” os casamentos não-convencionais, sua influencia não parece ser determinante. O casamento é visto como uma Instituição que promove realização pessoal e afetiva, ou seja, é idealizado como forma de plena realização. Parece que o “ideal de amor romântico”, característico da modernidade, ainda está presente no discurso e o imaginário das gerações que convivem neste final de Século e assim, podemos dizer que aparentemente, “Ainda somos os mesmos...”

-oOo-

FAM 1.11

“NINHO VAZIO”: AS MUDANÇAS QUE OCORREM NO RELACIONAMENTO DO CASAL, QUANDO OS FILHOS SAEM DE CASA. *Gabriela Cristina F. Coutinho*, *Lidia Clara G. Fait*, *Miriam Roselle T. Palhares*, *Rejane G. de Carvalho*, *Adriana L. Oliveira*, *Cristiana Mercadante Esper Berthoud*. Universidade de Taubaté.

Realizada por alunas do curso de Psicologia, para a obtenção do título de Bacharelado, esta pesquisa teve como objetivo analisar as mudanças mais significativas que ocorrem com o casal na fase da maturidade, quando os filhos saem de casa, à nível social, emocional e sexual. A partir dos elementos da Teoria Sistêmica da Família e do conceito do Ciclo de Vida da Família, que subsidia teoricamente este trabalho, formulamos alguns pressupostos que acreditamos possam resumir nossas expectativas em relação ao tema abordado: 1) quando se caracteriza o Ninho Vazio, o casal necessita fazer uma reconstrução do relacionamento conjugal, adaptando-se um ao outro; 2) alguns casais suportam um relacionamento não satisfatório, porque não tem coragem de rever seus valores afetivos e emocionais e renegociar o matrimônio, acomodando-se assim, à uma dífice sofrida e 3) há mudanças significativas no relacionamento conjugal do casal, em função da liberdade adquirida pela saída dos filhos de casa. O instrumento utilizado foi uma entrevista semi-dirigida realizada nas residências das famílias que se dispuseram a participar e constituíram assim uma “amostra de conveniência” composta de sete casais, de classe sócio econômica média, residentes nas cidades de Caçapava e Taubaté. Os sujeitos se situavam na faixa etária de 40 a 60 anos, cujos filhos saíram de casa para estudar fora ou para casar. Os resultados apontam para uma readaptação no relacionamento de casais. Em alguns casais os conflitos parecem se intensificar neste período de “Ninho Vazio”, por não conseguirem questionar e avaliar o que absorveram deste relacionamento. Para outros, a reorganização é sentida como uma crise positiva, trazendo novas possibilidades de negociações familiares, quando papéis e funções dentro do sistema familiar são revistos e transformados. Podemos concluir que a saída dos filhos de casa causa mudanças significativas em relação a vida social, amorosa e cotidiana do casal, comprovando assim os pressupostos pré-estabelecidos para a pesquisa. Dentro deste contexto, este trabalho atingiu seu objetivo principal, qual seja contribuir de alguma forma para a melhor compreensão desta fase de transição no Ciclo Vital da Família: a reorganização do relacionamento do casal após a saída dos filhos de casa.

-oOo-

FAM 1.12

FAMÍLIA, ESCOLHA PROFISSIONAL E DO PARCEIRO AMOROSO: O RELATO DE IDOSOS. *Fernanda Neísa Mariano & Regina Helena Lima Caldana.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

A família é uma instituição em constante transformação, e nela se dão relações afetivas, assimilação de valores e construção de expectativas. Um dos aspectos importantes nas relações familiares é a influência dos pais sobre os filhos na escolha profissional e do parceiro amoroso. Esse estudo tem como objetivo estudar como pessoas que viveram no início do século descrevem essa influência parental e os valores que a permeavam, e num segundo momento como estas pessoas, ao se tornarem pais, procederam em relação aos seus filhos. Foram entrevistados 4 idosos pertencentes à famílias de classe média, sendo três do sexo feminino (76, 83 e 92 anos) e um do sexo masculino (83 anos), através de entrevistas que lançam mão de uma combinação de história de vida e depoimento. As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e avaliadas qualitativamente. Uma síntese dos dados mostra que os pais exerciam forte influência na vida profissional dos filhos: tendo concluído o primário, os homens ou eram encaminhados pelos pais para o “aprendizado do ofício” junto a um conhecido, ou passavam a trabalhar junto ao pai; já as mulheres passavam a dedicar-se aos afazeres domésticos em auxílio às mães, e era neste tipo de serviço que exerciam alguma atividade remunerada. Quanto a escolha dos parceiros amorosos, no caso das mulheres havia uma vigilância e um controle muito direto, que ia de conselhos minuciosos à imposição do cônjuge; para os homens esta escolha era mais livre de pressões. Nos relatos das mulheres, a ênfase recai sobre a escolha do parceiro; no dos homens, sobre a escolha profissional. Quanto à educação de seus filhos, os sujeitos relatam uma influência mais atenuada ou mais indireta. Pode-se perceber também uma mudança nos valores que permeavam as influências parentais: em primeiro lugar aumentou o acesso à escola tanto dos homens quanto das mulheres, consoante à cristalização da idéia de que a ascensão sócio-econômica está vinculada à escolaridade; além disso, desapareceu o “aprendizado do ofício” para os homens, que passam a escolher sua profissão sem uma ingerência direta dos pais; e para as mulheres já observa-se sua maior participação fora do lar e uma nascente preocupação com sua educação relacionada à sua profissionalização em áreas que não as ligadas aos afazeres domésticos.

-oOo-

FAM COR 1.01

CICLO VITAL DA FAMÍLIA - *Ceneide Maria de Oliveira Cerveny,* PUC-SP

O conceito de Ciclo Vital está associado ao conceito de desenvolvimento, movimento, crescimento, ordenação e etapas. Na acepção de biociclo, significa o conjunto de etapas por que passa um determinado ser vivo, normalmente: o nascimento, a infância, a idade adulta, a senilidade e a morte. O próprio sentido de ciclo, de fenômenos que se sucedem em um determinado ritmo, é muito próximo do processo de vida do ser humano e assim como do ciclo de vida familiar. Os conceitos de Ciclo Vital Individual e de Ciclo Vital da Família caminharam juntos especialmente graças aos trabalhos de Erik Erikson e de Milton Erikson e o campo da Terapia Familiar é um dos campos emergentes em Psicologia neste final de século no Brasil porém, concomitantemente ao crescimento do número de instituições e de profissionais que se dedi-

cam ao estudo e ao trabalho clínico com famílias no país, observamos uma escassez de trabalhos de pesquisas com nossa população, que possa subsidiar o crescimento teórico nesse campo profissional. Essa realidade com a qual trabalhamos na prática, atendendo famílias em diferentes etapas do ciclo da vida, levou a formular uma caracterização de ciclo vital diferente da que estava disponível na literatura estrangeira (Cerveny, 1995) e que passou a ser discutida então no espaço acadêmico. Essa caracterização coloca a família ao longo do seu ciclo vital em quatro etapas, não rigidamente circunscritas, que são: 1ª “fase de aquisição”; 2ª “fase adolescente”; 3ª “fase madura” e 4ª “fase última”. Só muito recentemente a Família constitui-se em uma área de estudo da Psicologia em que ela própria é o objeto, apesar da sua importância psicológica na constituição do sujeito, no que diz respeito à sua identidade, por meio dos sentimentos de pertinência e diferença enquanto indivíduo. Enquanto instância de articulação entre o individual e a coletividade, o privado e o público e modelo da vida de relação, a Família hoje se coloca como aquela organização que, ao mesmo tempo em que sofre, espelha o impacto dessas transformações e constitui-se no *locus* do redimensionamento individual nas suas interações com o contexto mais amplo. A pesquisa realizada com as 11 OS famílias de classe média em sessenta e nove cidades do Estado de São Paulo, nos possibilitou traçar um perfil atualizado dos padrões que se mantêm e daqueles emergentes em relação à estrutura, à dinâmica e ao funcionamento das famílias nesse final de Século.

-oOo-

FAM COR 1.02

A FAMÍLIA EM FASE DE AQUISIÇÃO. *Cristiana Mercadante Esper Berthoud,* Universidade de Taubaté.

Dentro do conceito de Ciclo Vital da família, consideramos como Fase de Aquisição a primeira fase do ciclo, incluindo: a escolha do parceiro, a formação do novo casal, a chegada do primeiro filho e a vida com os filhos pequenos. Nesta fase há o predomínio da tarefa de ‘adquirir’ pois envolve aquisições emocionais, materiais e psicológicas. Os membros da família estão envolvidos no complexo movimento de dar e receber; conquistar e ceder; ser e vir a ser e as transições necessárias para a adaptação a esta nova fase de vida exigem maturidade, demandam tempo e são cruciais para o desenvolvimento das etapas posteriores. Especialmente em função de fatores como idade, maturidade, experiências anteriores, redes de apoio social e familiar, dentre outros, as novas famílias que se formam irão vivenciar de maneiras muito diferentes essa fase que, de todo modo, é permeada pelo processo de construção. No início, o equilíbrio da relação depende do nível de diferenciação emocional que cada um dos cônjuges consegue estabelecer em relação a suas famílias de origem e em relação a si mesmos enquanto indivíduos e enquanto casal. Com o nascimento do primeiro filho, cria-se um novo sistema familiar que atravessa uma fase nova que tanto pode se configurar como uma crise ou como uma transição. A mudança de casal para família - de díade para tríade - traz mudanças irreversíveis nos níveis individual, conjugal e familiar, sendo talvez a fase do Ciclo Vital da Família mais carente de atuação psicoprofilática em nosso país. Na fase com filhos pequenos, novas demandas surgem em especial com relação ao estabelecimento de novos papéis a serem desempenhados por cada membro da família pois o casal precisa conseguir manter o equilíbrio entre as funções conjugais e parentais. Nesse final de Século, vivemos um momento especial de transição no qual valores são questionados e rejeitados, novos

valores são buscados e constituídos e especialmente novas configurações familiares surgem e são reconhecidas. Divórcios, recasamentos, gravidez precoce, uniões homossexuais e outras formas de sistemas se constituem enquanto famílias, exigindo que nós, profissionais da Psicologia, estejamos melhor preparados para dialogar com a realidade, para nos subsidiarmos com as demandas emocionais e sociais das famílias por nós atendidas, tanto na área de clínica preventiva quanto na área da clínica tradicional. É urgente que conheçamos melhor o significado da família hoje na nossa sociedade, pois a matriz do desenvolvimento humano - a instituição familiar - está em profunda transformação!

-oOo-

FAM COR 1.03

A FAMÍLIA EM FASE ADOLESCENTE. *Raphael Cangelli Filho*, Universidade Paulista.

A segunda fase do Ciclo Vital da Família - a que chamamos Fase Adolescente - é o momento específico em que, por um lado os filhos experimentam a adolescência enquanto período de transição, transformação e mudanças em direção à idade adulta e por outro, os pais passam a rever sua própria adolescência e os aspectos que podem ser resgatados de uma juventude ainda presente diante de si. Os pais experimentam aqui um novo período de transição no qual ficam divididos entre os cuidados com a geração mais velha (pais e sogros) que começa a requerer atenção diferenciada em fase tardia da vida, e as demandas da chamada "meia-idade" na qual a vulnerabilidade do tempo passa a ser internalizada. É uma fase muito especial, que requer novos balanços conjugais e individuais! Os conflitos experimentados pelas novas relações com os filhos revelam também que é preciso mudar, enquanto há tempo... Mas para onde? As crises vividas pelos pais nessa etapa do ciclo de vida estão repletas de preocupação com a aparência, com o receio e o temor pela velhice e pelas perdas, o que nos leva a crer que esta fase é complexa tanto para os pais como para os filhos, que sofrem também com as demandas sociais. Nesse processo de mudança e de novas adaptações, a família procura alterar alguns padrões de relacionamento, pois precisam aumentar a flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e as fragilidades dos avós. Ainda, é preciso modificar os relacionamentos profenitores-filhos para permitir ao adolescente movimentar-se para fora e para dentro do sistema familiar e algumas mudanças de segunda ordem no status familiar são necessárias para se prosseguir desenvolvimentalmente nessa fase. As demandas comuns e esperadas dos filhos adolescentes frequentemente servem como catalisadoras para reativar questões emocionais e acionam os triângulos interrelacionais existentes nos sub-sistemas da família. Todas essas mudanças sugerem que a família entre em um processo de reflexão de valores, de suas formas habituais de vida em grupo, de mudança de atitudes e de normas. Considerando-se sobretudo as rápidas evoluções e mudanças que vem ocorrendo nas últimas décadas em todo o mundo

e em nossa cultura, é fundamental que no trabalho com famílias nessa fase da vida, possamos considerar: as questões específicas do adolescente; as questões do sistema familiar diante da experiência do adolecer; as questões de implicação do sistema socioeconômico e cultura para que possamos adequar nossas intervenções clínicas.

-oOo-

FAM COR 1.04

A FAMÍLIA EM FASE MADURA E EM FASE ÚLTIMA, *Muriu Renu Machado Coelho*, UNESP - Bauru

Na conceituação do Ciclo Vital desenvolvida por Cerveny, as duas últimas fases, denominadas de Madura e Última, se revestem de algumas características similares, visto que em ambas os filhos são já adultos, saem de casa e constituem outros sistemas familiares, provocando então no antigo sistema familiar mudanças fundamentais. A Fase Madura se inicia com a saída do primeiro filho de casa, seja para constituir sua própria família, seja para estudar ou trabalhar; e se caracteriza: pela inclusão da terceira geração e parentes por afinidades (netos, genros e noras), pelo cuidado com a geração mais velha e pela resignificação do casamento. Provavelmente é uma das fases mais difíceis do ciclo de vida das famílias em nossa realidade, pois é o momento em que o casal tem duas ou mais gerações precisando de cuidados; os pais estão envelhecendo e muitas vezes necessitam de cuidados até financeiros e, além disso, os filhos estão muitas vezes se tornando pais e também requerendo todo tipo de ajuda. Na atual conjuntura econômica muitas famílias nessa fase ainda ajudam economicamente os filhos que não conseguem se estabelecer no mercado de trabalho em recessão e ainda o alto número de divórcios muitas vezes ainda traz de volta ao lar filhos descasados. Já a última fase do Ciclo Vital, depende muito de como as anteriores foram vividas. Geralmente coincide com a aposentadoria e com o retorno a uma vida a dois para o casal. As relações familiares nessa fase serão marcadas pela reestruturação de papéis, com a saída física de alguns membros do núcleo familiar e a inserção de novos membros. O luto e a perda de amigos e parentes trará forçosamente a discussão do final da velhice como finitude e da idéia da quase inevitável viuvez. O ganho do papel de avós pode trazer o sentido da sobrevivência enquanto espécie e de continuidade por meio da família. Criar netos revive os modelos de criação dos filhos, incorporando dados, em geral positivos, pelo menor grau de autoridade do papel e maior expansão de carinho e afeto genuínos. O caráter trigeracional na relação entre avós, filhos e netos pode ser marcado por conflitos que, se resolvidos, poderão propiciar saltos de qualidade nas relações familiares. O encontro de avós, filhos e netos significa um momento vivo e dinâmico do Ciclo Vital.

-oOo-

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

FORM 1.01

NÍVEL DE INTERESSE DOS ALUNOS QUANTO AO CONTEÚDO DA DISCIPLINA DE PSICOLOGIA GERAL NO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA CIDADE DE SÃO PAULO. *Débora P. Panhoto, Lenice M. Rodrigues, Universidade São Judas Tadeu.*

Estudante é quem se dispõe a formar um conceito refletido a respeito dos fatos interiores (do próprio estudante) que o imprecionam, procurando orientar-se por princípios científicos e sócio-morais conscientemente assimilados; e para que se alcance este crescimento dos alunos enquanto estudantes é preciso respeitar suas necessidades e características do seu estágio de desenvolvimento. A motivação mais eficaz na sala de aula vem da consciência de progresso e da compreensão do significado da atividade que o aluno empreende. Assim, é verificado no presente trabalho o interesse de alunos pelos conteúdos (constados no planejamento de ensino) das aulas de Psicologia Geral no ensino médio, considerando o aspecto metodológico da mesma. Utilizou-se para tal, um questionário contendo 8 questões de múltipla escolha com escalas que variavam de nenhum interesse até muito interesse para cada conteúdo e o interesse geral pela disciplina de Psicologia e 2 questões abertas sobre sugestões de conteúdos e sobre a metodologia das aulas. Este questionário foi aplicado em 71 sujeitos do 1o. ano do ensino médio, 43 do sexo masculino e 28 do sexo feminino, com idade variando de 15 a 26 anos. Os conteúdos classificados no nível muito/bem interessante foram: 59,15% "Comportamento Humano", 46,47% "Comportamento Emocional", 39,43% "Motivação" e 38,02% "Personalidade" (de um total de 7 conteúdos apresentados), o que reflete um maior interesse por assuntos que estão mais próximos da realidade enquanto humano em detrimento de assuntos restritos à Psicologia enquanto ciência (como história, métodos da Psicologia...). 26,76% dos alunos responderam que o assunto da disciplina que gostariam de conhecer ou aprofundar conhecimento seria "Personalidade" (dado que não chegaram neste conteúdo quando responderam o questionário); 25,35% consideraram que o principal aspecto a ser melhorado em aula é a "dinâmica" (a metodologia utilizada é Tradicional). Foi percebida uma dispersão significativa entre interesse e desinteresse concernentes aos conteúdos acima citados ($\chi^2=55,65$, $p/c^2=22,5$, $\text{sig}=0,05$) sendo que 41,66% expressaram grande interesse pela disciplina e 29,17% pouco ou nenhum interesse. Esses resultados levam à discussão da metodologia do ensino de Psicologia no ensino médio, considerando os aspectos peculiares a essa disciplina como por exemplo a expectativa dos alunos e do professor em relação ao papel de psicólogo e de professor de Psicologia, uma vez que essa questão geralmente não é discutida nos cursos de Psicologia, apesar de ser um campo de atuação ao bacharel/licenciado em Psicologia.

-oOo-

FORM 1.02

PSICOLOGIA: EXPECTATIVAS PARA O ANO 2000. *Makilim Nunes Baptista, Universidade Paulista - Cantareira. Antônio Rogério de Lima e Míriam Cristina B. Machado, Universidade Paulista - Cantareira.*

O conhecimento prévio sobre as expectativas e a visão que os alunos de psicologia tem de sua futura profissão fornecem um panorama de como o profissional de psicologia está sendo formado e avaliado profissionalmente e socialmente; as possíveis necessidades e déficits em determinadas áreas de atuação;

distorções sobre a imagem da profissão, bem como as tendências de áreas de atuação futuras. O objetivo da presente pesquisa foi averiguar, através da opinião dos alunos de psicologia, quais as perspectivas que estes possuam da área de psicologia, em um prazo de três anos. Foram sujeitos 98 alunos dos quatro primeiros anos de um curso de psicologia, utilizando-se uma pergunta aberta padrão sobre a opinião dos alunos referente ao que se espera da psicologia no ano 2000. Os dados foram analisados segundo três grandes categorias indicadas pelas respostas e agrupadas de acordo com a temática, relacionadas à campo de atuação; avaliação social do psicólogo e questões relacionadas às teorias, interdisciplinariedade, formação acadêmica, além de características pessoais do psicólogo. Os resultados demonstraram, em ordem decrescente de importância, os seguintes tópicos: necessidade de ampliação do mercado de trabalho em todas as áreas (clínica, hospitalar, escolar, RH, pesquisa e outras), principalmente em relação à comunidade (40%); maior divulgação e valorização do psicólogo em relação à população (22%); necessidade de desenvolvimento de novas tecnologias e teorias menos tecnicistas e mais humanistas (20%); maior reconhecimento e integração do psicólogo com outras profissões associadas, formação acadêmica mais prática e abrangente (não somente direcionada à clínica), necessidade do profissional ser mais humilde, aberto à críticas e mais relacionado com outros profissionais (18%). Os resultados indicaram a necessidade de mudanças de postura do profissional de psicologia, principalmente em relação à tendência do futuro profissional em sair do consultório e estar mais inserido em trabalhos comunitários, oferecendo seus serviços à uma parcela maior da população, em diversas áreas de atuação que não somente a área clínica, além da preocupação em estar se expondo mais e haver uma maior troca de seus conhecimentos e experiências com outras áreas afins, bem como a necessidade de se trabalhar integrado em equipes multiprofissionais. Provavelmente, se ocorrerem estas mudanças, como já são observadas atualmente, o profissional terá maior probabilidade de ser mais reconhecido pela população e por outros profissionais.

-oOo-

FORM 1.03

ESCOLHA DA PSICOLOGIA COMO PROFISSÃO: UM ESTUDO DOS MOTIVOS. *Adriana Roberta de Lima Cintra e Maria Gabriela dos Santos Pereira. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.*

Estudar a escolha de uma profissão envolve muitos aspectos que não se resumem a uma simples decisão da pessoa na época do vestibular. Entender esta escolha implica em compreender antes, todo o contexto em que estão envolvidos o aluno e o curso superior. Por trás das escolhas profissionais, há toda uma história de descendência e a relação que o indivíduo mantém com esta. Além disso, interferem fatores como: nível sócio-econômico-cultural, perspectiva de inserção no mercado de trabalho, remuneração, status. A presente pesquisa teve por objetivo, identificar quais os motivos para a escolha da Psicologia como profissão, e a importância desse trabalho está no fato de contribuir para o debate sobre a escolha da Psicologia como profissão. Foram sujeitos desta pesquisa, 213 alunos primeiro-anistas de quatro faculdades de Psicologia, sendo uma pública e três particulares. O instrumento de coleta de dados foi um questionário semi-estruturado que foi aplicado em sala de aula nas respectivas faculdades. A aplicação durou em média vinte minutos. Uma primeira análise dos dados, indicou que da população investigada, 80,7% são do sexo femi-

nino e 19, 3% são do sexo masculino. Dessa mesma população, 38% frequentaram o primeiro e o segundo graus em escola particular, 34% em escola pública e 27% frequentaram ambas as escolas. Os motivos indicados em primeiro lugar para a escolha da Psicologia como profissão são: 47% indicaram o interesse pelo comportamento humano; 13, 2% apontaram a escolha por suas características pessoais e 14, 1% indicaram a possibilidade de contribuir na sociedade. As atribuições ou funções do psicólogo mais indicadas pelos sujeitos foram: 49, 1% indicou que o psicólogo deve ajudar o outro; 15, 1% indica que o psicólogo deve conhecer o comportamento e o ser humano. Os dados analisados até o momento, indicam que o principal motivo da escolha de Psicologia como profissão é a ajuda ao próximo e o estudo do comportamento humano, o que demonstra que os motivos indicados pela literatura examinada se mantêm nos anos 90.

-oOo-

FORM 1.04

PSICOLOGIA E ESCOLHA PROFISSIONAL: A IMAGEM DA PROFISSÃO NO RN. *Gilmara S. de Siqueira, Samantha Cristiane da C. Oliveira, Denis Barros de Carvalho e Oswaldo H. Yamamoto.* Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A imagem da Psicologia é, em grande medida, determinada pelo conjunto de atividades ofertadas pelos seus profissionais - e, evidentemente, seu alcance social. Tal alcance pode ser interpretado como a extensão da população atingida e pela eficácia em equacionar uma ampla gama de questões socialmente significativas. Desde os primeiros estudos sobre a profissão, tem sido denunciado e contestado o elitismo da profissão, traduzido, principalmente, no viés clínico de sua atuação. A literatura registra, também, que tal viés está presente, de forma marcante, na própria formação desse profissional. Este estudo teve por objetivo levantar as motivações expressas por estudantes do curso de Psicologia da UFRN e de candidatos ao concurso vestibular optantes da carreira de psicólogo, como parte de um projeto inclusivo acerca da configuração da Psicologia no Rio Grande do Norte. Os sujeitos deste estudo foram 121 estudantes, dos quais 51 alunos dos terceiros anos do 2o grau e de classes preparatórias para o vestibular de escolas de Natal, inscritos no concurso vestibular/1997 da UFRN, com primeira opção em Psicologia (Grupo A) e 70 alunos do curso de Psicologia da UFRN (1o ao 5o anos) (Grupo B). Ambos responderam a questionários semi-estruturados específicos para cada um dos dois grupos. Dentre os principais resultados figuram as razões alegadas para a escolha da profissão, agrupados em cinco categorias gerais: "motivos voltados para o outro" (MVO), "motivos voltados para a profissão" (MVP), "motivos voltados para si" (MVS), "motivos extrínsecos à profissão" (MEP) e "outros motivos" (OM). Os dados não indicam diferenças significativas entre as três primeiras categorias nos dois grupos, embora haja uma incidência maior de respostas da categoria MVO no grupo A e MVS no grupo B. Por outro lado, levantando-se as pré-definições acerca das áreas entre os universitários, há um predomínio bastante acentuado pela área da saúde, resultado convergente com a imagem que os vestibulandos (preferencialmente) têm de que a atribuição básica dos psicólogos diz respeito às diversas modalidades de "ajuda" ao outro. Discutem-se algumas implicações de tais dados, enfocando, especialmente, a convergência entre as expectativas trazidas pelos estudantes antes do ingresso no curso, a direção imprimida pelo curso e a manutenção, por parte dos profissionais norte-rio-grandenses, dos modelos tradicionais de atuação - clinicamente orientados, e os

vislumbres de novos campos de atuação entre os estudantes do curso de Psicologia. (CNPq)

-oOo-

FORM 1.05

O NÃO-EXERCÍCIO PROFISSIONAL ENTRE OS EGRESSOS DA UFRN. *Margareth Rose B. Lima Jucá, Denis Barros de Carvalho e Oswaldo H. Yamamoto.* Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Desde a regulamentação da profissão de psicólogo, estudos nacionais e regionais vêm promovendo diversas avaliações da situação dos profissionais, com relação a uma ampla gama de aspectos. Tais estudos, no entanto, não têm dedicado a atenção devida ao recorrente fenômeno do não-exercício profissional em psicologia, traduzido pelo hiato entre o número de egressos dos cursos e inscritos nos Conselhos Regionais. No estado do Rio Grande do Norte, reproduzindo a situação nacional, conforme registros da literatura, o número de profissionais que não exerce a profissão é considerável. Levando-se em conta que uma formação acadêmica exige um alto investimento pessoal e, no caso de instituições públicas de ensino superior, também do Estado, quais seriam as motivações que conduzem alguém a escolher um curso em que as chances de inserção no mercado de trabalho não são expressivas? Enfim, quais as razões que condicionam o não-exercício profissional de psicólogos? No sentido de contribuir para o debate dessa questão, entrevistou-se dez profissionais egressos da UFRN e em não-exercício profissional, seguindo-se um roteiro preestabelecido e registrando-se o depoimento em áudio. A análise dos dados foi conduzida tendo por parâmetro cinco perfis previamente definidos, nos quais características do profissional quanto à ocupação atual, experiência na profissão, expectativas futuras na mesma e registro no Conselho de Psicologia foram cruzadas. Dentre os principais resultados, destaca-se um frequente relato expressando um desinteresse explícito na profissão no momento mesmo da escolha do curso e uma manutenção de registro no órgão competente, na expectativa de um futuro exercício profissional, daqueles que mantêm a possibilidade de atuação em aberto. Dentre aqueles que não pretendem atuar na psicologia, um elemento recorrente é a submissão a um projeto de vida determinado pela condição feminina. A principal implicação desses resultados é que a psicologia, enquanto categoria profissional, vincula-se a uma identidade marcada pela presença significativa de pessoas que não apontam as características da profissão como motivo para a escolha do curso de formação, constituindo-se naquilo que poderíamos chamar de "amadores de psicologia". (CNPq)

-oOo-

FORM 1.06

A QUESTÃO DO GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM ESTUDO PRELIMINAR. *Ana Elisa F. de Castro, Carina Cavalcanti de Souza e Oswaldo H. Yamamoto.* Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Estudos sobre a questão do gênero no campo da Psicologia mostram o predomínio marcante do sexo feminino sobre o masculino entre os profissionais psicólogos, caracterizando assim a Psicologia como uma profissão essencialmente feminina. Tal indicação demonstra a necessidade de maiores investigações sobre os possíveis fatores desta conformação e que implicações esta apre-

sesta para a formação e atuação profissional. Este estudo, parte de um projeto mais amplo que visa investigar a variável gênero na produção de conhecimento e na prática profissional, teve por objetivo realizar uma caracterização preliminar questão das relações gênero-conformação do campo profissional do psicólogo norte-rio-grandense, tomando como base um levantamento geral (formação acadêmica e exercício profissional) obtido através de um questionário enviado aos psicólogos inscritos no Conselho Regional de Psicologia, residentes no Rio Grande do Norte. Dentre os principais resultados, que confirmam a predominância do sexo feminino (91%) em relação aos profissionais de do sexo masculino (9%), destacam-se um envolvimento diferenciado em estudos de pós-graduação (9% dos profissionais que realizaram esses estudos são do sexo feminino contra 27% do sexo masculino) e uma relativa equivalência com relação às preferências pelas áreas de atuação (dos profissionais que atuam somente numa área, 67% das mulheres e 60% dos homens estão na área clínica, 20% dos homens e 15% das mulheres na área organizacional, 10% dos homens e 6% das mulheres na área escolar, 5% das mulheres na área hospitalar e 2% na área social, não se registrando casos de atuação do sexo masculino nessas últimas áreas). São discutidas algumas questões acerca das características imprimidas pela variável gênero e implicações, para a profissão, de uma tal predominância do sexo feminino. (CNPq)

-oOo-

FORM 1.07

A MOTIVAÇÃO COMO MEDIADORA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA. *Carla Guanaes e Marisa Japur*. Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

Ampliando pesquisas anteriores sobre o processo de formação em Psicologia, este estudo teve como objetivo investigar a percepção de alunos e professores sobre sua motivação na situação de ensino-aprendizagem. Participaram 35 alunos do 2º ao 5º ano e 26 professores do Curso de Psicologia da FFCLRP-USP. Os dados foram coletados através de questionário auto-aplicado, contendo questões fechadas e abertas, relativas à auto/heteropercepção acerca do nível de motivação, dos indícios observados e dos fatores que interferem nesta, e foram tratados por procedimentos de análise categorial de conteúdo. Os resultados indicam que a grande maioria dos alunos e professores percebem-se e são percebidos como motivados em suas atividades de ensino-aprendizagem, sobretudo nos estágios e nas pesquisas de iniciação científica. As categorias resultantes da análise dos indícios da motivação dos alunos revelaram que, tanto na avaliação deles como dos professores, o envolvimento e a postura frente à aprendizagem foram tomados como critérios; já a motivação dos professores foi avaliada, tanto por eles como pelos alunos, através de indícios relativos ao seu envolvimento e competência para as atividades de ensino e à maneira como estruturam a situação de ensino-aprendizagem. As categorias resultantes da análise dos fatores indicou que, tanto na percepção dos alunos como dos professores, os conteúdos/atividades das disciplinas, bem como aspectos relativos ao professor, ao aluno e ao contexto interferem no nível de motivação dos alunos em suas atividades de aprendizagem. Da mesma forma, também na percepção de ambos os sub-grupos, a motivação dos professores para suas atividades de ensino sofre influência de aspectos relativos ao aluno, ao próprio professor e ao contexto. A análise comparativa dos resultados permite verificar também que apesar da percepção dos professores e alunos

serem convergentes, tanto com relação aos indícios observados, como em relação aos fatores envolvidos no nível de motivação de ambos os sub-grupos, eles diferem na ênfase atribuída aos diversos indícios e fatores, sugerindo diferenças de expectativas quanto ao papel de aluno e professor no processo de ensino-aprendizagem em que estão envolvidos. Apesar dessas diferenças, essas expectativas subjacentes relativas aos papéis, em ambos os sub-grupos, sugere uma concepção da situação de ensino-aprendizagem que pode ser questionada quanto à sua eficiência para a qualidade da formação em Psicologia, tendo em vista o papel profissional do psicólogo no atual contexto da realidade social. (CNPq)

-oOo-

FORM 1.08

AUTISMO INFANTIL: CONCEPÇÕES DE PSICÓLOGOS E INTERVENÇÕES REALIZADAS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. *Sônia R. F. Enumo, Rogério S. P. Henriques, Simone F. Alvim, Ana B. M. Falcão, Luciana N. de Souza, Renata A. Sacchi e Susane V. Zanotti*. Universidade Federal do Espírito Santo.

O autismo é um dos transtornos invasivos do desenvolvimento infantil que manifesta-se antes de três anos de idade, comprometendo o funcionamento normal em todas as três áreas: interação social, comunicação e comportamento restrito/repetitivo. Este transtorno é mais comumente diagnosticado em meninos (três a quatro vezes mais) e, na população brasileira, nota-se uma alta prevalência: 4-5 casos/10.000 indivíduos. Contudo, ainda é baixo o número de estudos e relatos de intervenção, principalmente no Estado do Espírito Santo. Este trabalho faz parte de um programa de pesquisa sobre a formação e capacitação de recursos humanos em Educação Especial nesse Estado. Especificamente, visou identificar as concepções de autismo e descrever como está sendo feita a intervenção nessa área. Foram gravadas 10 entrevistas com psicólogos de 8 instituições de Educação Especial da Grande Vitória/ES. Esta entrevista foi realizada utilizando-se um roteiro de 21 questões abertas, referentes à identificação do profissional, à concepção, ao diagnóstico, à intervenção e ao prognóstico do autista. Os dados assim obtidos foram categorizados e analisados. Observou-se que a maioria dos psicólogos graduou-se na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), há mais de 5 anos (6-15 anos), e não tem qualquer curso de especialização em Educação Especial, apresentando dificuldades para definir esse transtorno. O autismo é descrito pelos entrevistados como um caso de isolamento social/realidade, diagnosticado através de observação e entrevista com a criança, encaminhada por médicos. A intervenção é centralizada na família e utiliza-se brinquedos (sonoros) no trabalho com a criança. O diagnóstico é considerado, por grande parte dos entrevistados, não confiável, mas há expectativas de cura. Muitos se dizem despreparados e com dificuldades para atuar nessa área. Esses dados mostram a necessidade de uma melhor capacitação na área por parte das instituições responsáveis pela Educação Especial. Em relação à formação de psicólogos, entendemos como relevante uma revisão curricular do curso de psicologia, especialmente nas áreas de psicopatologia, psicodiagnóstico, clínica infantil, psicologia do excepcional e avaliação do desenvolvimento. (PET/CAPES)

-oOo-

FORM 1.09

A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E A VEICULAÇÃO DA CULTURA UNIVERSAL. *Antonio Wilson Pagotti; Marília Regina de Freitas Marinho*. Faculdades Integradas do Triângulo - Minas Gerais

A veiculação da cultura universal no meio universitário tem, segundo o estudo de Pagotti e Pagotti (1995) na área da Psicologia, ocupado lugar pouco relevante na formação do estudante. Procurando ampliar o conhecimento sobre esta constatação, o presente trabalho procura verificar se em outras áreas do saber: Pedagogia e Computação o mesmo fato ocorre. Foram sujeitos 95 universitários sendo 47 do curso de Pedagogia (38 do segundo ano e 09 do quarto ano) e 48 alunos do curso de Computação (37 do segundo e 11 do quarto ano). O instrumento constou de 60 nomes de pessoas contemporâneas (30 brasileiros e 30 estrangeiros) que muito contribuíram na relação cultura-sociedade. Esses nomes foram locados em dez categorias: música, teatro, cinema, outras artes, literatura, política institucional, movimentos revolucioná-

rios, saúde, pensadores e esporte. Procedimento: O aluno recebia uma folha contendo 10 categorias numeradas e 60 nomes. Ele era orientado a colocar no espaço em branco à frente do nome, o número correspondente a categoria. Os resultados gerais mostram que a média de acertos para os alunos de Pedagogia foi de 19, 1%, sendo 19, 6% para os alunos de segundo ano e 18, 6% para os de quarto ano. No curso de Computação a média geral foi 17, 5% sendo 16, 9% para o segundo ano e 18, 1% para os quarto. Foram levantados e analisados também dados de categorias e nomes com maior número de acertos. A partir dos resultados pode-se concluir que a média geral de acertos é baixa; que há uma alienação relevante às questões relativas a cultura universal; que próprio ensino e meio universitário, ao que parece, em nada contribuem para a formação cultural universalista. Os dados obtidos assemelham-se aos encontrados por Pagotti e Pagotti (1995) com estudantes de Psicologia, o que amplia a afirmação "o ensino e o meio universitário que deveriam ser um campo efervescente às questões culturais e consequentemente críticas estão abdicando desta responsabilidade".

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

HIS 1.01

CONDIÇÕES SÓCIO-PATOGÊNICAS DA HISTERIA CONFORME MÉDICOS HIGIENISTAS BAIANOS DO SÉCULO XIX. *Patrícia Carla Silva do Vale e Marina Massimi. Departamento de Psicologia e Educação - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.*

A presente pesquisa teve como objetivo oferecer uma contribuição ao estudo histórico do conceito de histeria na cultura acadêmica brasileira do século XIX e mais especificamente se deteve no entendimento das condições sócio - patogênicas da histeria, segundo médicos higienistas baianos. Para isto, foram analisadas dez teses médicas que versam sobre o conceito de histeria, sendo este o objeto central de estudo da maioria delas, porém havendo algumas que tratavam indiretamente da histeria. As teses escolhidas constam na produção científica da Faculdade de Medicina da Bahia no período que se estende de 1851 a 1894, elaboradas pelos estudantes para a obtenção do grau de doutor e que foram levantadas no Memorial da Medicina (localizada no Terreiro de Jesus, antiga sede da Faculdade de Medicina da Bahia), no qual se encontra um vasto acervo das produções acadêmicas da Faculdade. A análise consistiu em reconhecer as várias concepções da histeria encerradas nestas teses, bem como conhecer a etiologia, a sintomatologia e a terapêutica da histeria formuladas por cada autor. Dentre estes pontos mereceu destaque, pela relevância destas nas teses, a denominação das causas sociais ou condições sócio - patogênicas da moléstia. Dessa forma pretendeu-se uma investigação da concepção teórica da medicina, da enfermidade psíquica, bem como investigar qual a concepção teórica da histeria embasa a concepção do autor brasileiro, tendo como referência a elaboração de categorias constituídas com base nos modelos explicativos da histeria pinçados na obra de Étienne Trillat, "História da Histeria" (1991). Foram retiradas as concepções que representaram um marco diferencial na forma de entender a histeria e de explicar esta moléstia. Foi observado o quanto as teses documentam a inserção da cultura médica na vida dos indivíduos e da sociedade brasileira, bem como o quanto a própria definição de histeria e a formulação de condições sócio - patogênicas estão vinculadas a perspectiva higienista do século XIX de controle social dos indivíduos a partir das normatizações médicas. As condições sociais que propiciam e até mesmo produzem o aparecimento da histeria deviam passar pelo crivo da norma médica e serem modificadas, tratando-se da possibilidade de uma medicina social preventiva dos desvios, da patologia ou ainda, de uma higiene social. (CNPq)

-oOo-

HIS 1.02

A "MELANCOLIA" DOS ÍNDIOS BRASILEIROS, NA VISÃO DE VIAJANTES E MISSIONÁRIOS DO SÉCULO XVI, *Marina Massimi, Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto.*

O trabalho discute a descrição do temperamento do índio brasileiro, proposta por alguns escritos de viajantes e missionários europeus do século XVI. São considerados relatos, cartas e tratados elaborados pelos seguintes autores: Pêro Lopes de Sousa, Claude d' Abbeville OFM, Manuel da Nóbrega SJ, José de Anchieta SJ, Fernão Cardim S. J., Pêro de Magalhães Gandavo, Jean de Lery, André Thevet, Gabriel Soares de Sousa. Nestes documentos, o índio é representado como um sujeito "melancólico". As fontes são analisadas à luz da seguinte hipótese

interpretativa: a categorização do índio enquanto sujeito de "compleição melancólica" deriva da projeção, na realidade antropológica e psicológica deste, de conceitos e teorias próprias da tradição médico-filosófica ocidental, notadamente da psicologia humoralista de derivação hipocrático-galênica. Na tentativa de comprovar tal hipótese, são reconstruídas as matrizes históricas desta "psicologia" desde as origens até aos textos que mais diretamente poderiam ter inspirado os escritos dos viajantes e missionários. Desse modo, as "observações" dos viajantes e missionários são analisadas à luz das teorias apresentadas em alguns importantes documentos do saber médico-filosófico-psicológico da época, que foram coletados na Biblioteca Vaticana de Roma (entre outros, o *Problemata XXX* do Pseudo-Aristóteles; as obras do médico Levino Lemnio, de Luis Vives, de Marsilio Ficino, e os *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In Libro de Generatione et Corruptione Aristotelis Stagiratae nunc recens omni diligentia recogniti et emendati*, escrito pelo jesuíta Manuel de Góis em 1607). Os resultados da análise apontam para o fato de que as leituras e as interpretações do fenômeno da "melancolia indígena" elaboradas pelos observadores europeus do século XVI, fazem necessariamente referência a códigos interpretativos tradicionais e estereotipados, que inevitavelmente reduzem nos termos do "já-conhecido", as possibilidades de compreensão de fenômenos psíquicos e antropológicos "novos". Assim, ao "olhar" dos autores dos relatos aparecem como sinais do temperamento melancólico, alguns comportamentos e movimentos expressivos manifestados pelos indígenas, cujas significações sociais e culturais, na realidade, estão muito além da sintomatologia própria da melancolia (conforme, por exemplo, foi recentemente comprovado pelos estudos da moderna antropologia, ao abordarem o fenômeno da "saudação lagrimosa", difundido entre diversos grupos indígenas).

-oOo-

HIS 1.03

PROBLEMAS DA PSICOLOGIA: UM CAMINHO PARA ESTUDO DA HISTÓRIA DA ÁREA. *Marcos Ribeiro Ferreira. Universidade Federal de Santa Catarina.*

O estudo das críticas elaboradas por pesquisadores da área sobre a evolução da produção em Psicologia é uma alternativa para o estudo da história da área. Esta forma facilita o surgimento de uma postura ativa por parte de pesquisador e estudantes da Psicologia, cuja atenção é chamada mais para as reflexões produzidas do que para as soluções encontradas pelos pesquisadores. Foram selecionados e examinados, nesta etapa inicial, autores que produziram textos relativos a momentos considerados de crise na Psicologia e autores cujas proposições são indicadas por outros pesquisadores como sendo de crítica ou proposições inovadoras para a área. Dos autores examinados constam Georges Politzer, Lev Vygotsky (ambos na década de vinte), Egon Brunswik (na década de quarenta), e Roger Barker (na década de cinquenta). Dentre as críticas identificadas encontram-se: a falta de clarificação da relação entre processos econômicos e o objeto de estudo da área da Psicologia, a necessidade de adoção de unidades de análise que permitam identificar seres humanos o alvo da investigação, o distanciamento da formulação de problemas para a pesquisa em relação à vida das pessoas (falta de validação ecológica desses problemas) e, a necessidade de exercício de colaboração com outras áreas de conhecimento. Segundo os autores examinados, os problemas identificados e as críticas formuladas, se não superados, seriam capazes de gerar equívocos e impedir o

desenvolvimento da área de conhecimento. As implicações dos resultados são de dois tipos: tanto ocorre a identificação de parâmetros para o exame da produção da Psicologia contemporânea, quanto é confirmada a efetividade de um procedimento de estudo para a História da Psicologia mais voltada aos problemas que provocaram a sua evolução do que as proposições que apareçam como “invenções” dos construtores da área. (CAPES).

-oOo-

HIS 1.04

“TEORIAS PSICOLÓGICAS” DA ANTIGUIDADE: AGOSTINHO E GREGÓRIO DE NISSA. *Agnaldo Garcia*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O período compreendido entre o surgimento do Cristianismo, no século I, e o início da Idade Moderna, no século XV, tem sido pouco investigado pela História da Psicologia. O objetivo deste trabalho é indicar a presença de temas relevantes para a Psicologia em dois autores da Antiguidade cristã, cuja relevância para a História da Psicologia não tem sido suficientemente reconhecida: Agostinho (354-430) e Gregório de Nissa (+ c. 394). Foram analisadas as “Confissões”, de Agostinho e “A criação do Homem”, de Gregório de Nissa. Como critério de análise buscou-se a identificação de “teorias psicológicas” expressas de forma direta. Verificou-se, nestas obras, a presença de inúmeras passagens em que os autores apresentam reflexões sobre fenômenos psicológicos humanos. Em suas “Confissões”, Agostinho discute temas que hoje são abordados pela Psicologia, como aquisição de

linguagem, motivação, recordação de culpas, influência de más companhias, desejo sexual e o papel das ideologias. Trata ainda da vontade e sua eficácia, da memória (inclusive a memória dos números), da aprendizagem e suas dificuldades, do significado do verbo “cogitar” (pensar), dos sentimentos, e da linguagem e imagem mental. Ainda reflete sobre os sentidos (olfato, ouvido e visão), a curiosidade, o amor próprio, o conceito de tempo, a inteligência e a multiplicidade de significados. Gregório de Nissa, em “A Criação do Homem” refletiu sobre a linguagem, o pensamento, os sentimentos, a percepção, as relações entre pensamento e ação, a adaptação à vida nos homens e nos animais, a criatividade, o uso das mãos, os aspectos fisiológicos da fala, o papel dos órgãos (como o coração e o cérebro) e as explicações fisiológicas de fenômenos como suspiros e a lágrima. Tratou ainda do riso, do sono, da vigília, dos sonhos e da sexualidade. Comparou as paixões humanas aos instintos animais e discutiu o sentido de “conhecimento”. Pode-se concluir que estes dois autores trataram de diversos temas que ainda hoje estão presentes na Psicologia e cujas obras merecem um estudo mais aprofundado pela História da Psicologia. Outros autores já analisados, como Marco Aurélio e Cícero, também revelaram importantes reflexões para a Psicologia. Uma releitura destes autores pode trazer elementos importantes para a discussão de problemas tratados pela Psicologia atual, além de representarem fontes importantes de “teorias psicológicas” presentes em nossa cultura latino-americana.

-oOo-

**METODOLOGIA DE PESQUISA E
INSTRUMENTAÇÃO**

METD 1.01

A INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. *Isabel Cristina Dib Barian*, Pontifícia Universidade Católica de Campinas e *Mariana Karina Dimárzio*, Pontifícia Universidade Católica de Campinas).

Os anos 90 têm sido caracterizados como a “Década da Iniciação Científica” e parece haver acordo na literatura que a iniciação científica (IC) é o caminho para a independência intelectual, pois contribui para o desenvolvimento de um raciocínio mais crítico e da autonomia, e dela pode emergir a vocação de cientista. Entretanto, investigações sobre esse assunto não são numerosas no Brasil. Assim, o presente estudo visou realizar uma caracterização dos alunos da PUCCAMP vinculados a programas de IC, identificando e descrevendo os principais motivos do ingresso nestes programas, as atividades desenvolvidas com mais facilidade e mais dificuldade, elementos relevantes para o sucesso do trabalho de pesquisa científica, pretensão de cursar pós-graduação e justificativas apresentadas para tal. Os dados foram coletados através da aplicação de um questionário, com 21 questões abertas e fechadas, junto a 49 bolsistas (39% do total), distribuídos em três programas de IC: PIBIC/CNPq, PET/CAPES e CEAP/PUCCAMP. Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente. Os resultados indicam que os principais motivos que levam os estudantes a se engajarem em programas de IC são: possibilidade de melhoria da formação acadêmica e das perspectivas profissionais; a própria atividade de pesquisa, a modalidade da pesquisa e o assunto investigado, aliados a motivos pessoais. Dentre as atividades desenvolvidas com mais facilidade estão o levantamento bibliográfico e as referentes à coleta e análise dos dados. Há atividades que são apontadas como desenvolvidas com facilidade, por alguns estudantes e com dificuldade, por outros; destacando-se com tendência para “facilidade” a revisão da literatura e com tendência para “dificuldade”, a redação e a apresentação de pesquisas. Aspectos pessoais (como interesse, motivação, dedicação, empenho) são indicados por 59% dos informantes como elementos relevantes para o sucesso do trabalho de pesquisa científica; seguidos por aspectos relativos à orientação, como interesse, incentivo, apoio, competência do orientador (39%) e aspectos referentes à atividade de pesquisa (33%). Quase a totalidade dos bolsistas (92%) afirma pretender cursar pós-graduação, devido ao interesse pela atividade de pesquisa e por esta propiciar crescimento e realização pessoal e aprimoramento profissional. Pode-se apreender, a partir das respostas dos bolsistas, a expectativa dos benefícios diretos e indiretos provenientes da IC, nos seus estudos, suas futuras atividades profissionais e como cidadãos.

-oOo-

METD 1.02

ESTUDO PRELIMINAR: ESTUDANTES DE PSICOLOGIA CONSEGUEM IDENTIFICAR A MENTIRA? *Mônica Portella, Ana Paula Abreu, Vânia Maria Congro Telles e Carlos Américo Alves Pereira*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Pesquisas vem sendo realizadas, com o objetivo de verificar a capacidade de observadores em determinar quando alguém está mentindo, bem como quais indicadores de mentira são identificados pelos observadores. Tais pesquisas mostraram que a postura do corpo e os gestos, dos quais geralmente não se tem tanta consciência e controle (quanto a face) são importantes fontes de indis-

crição não-verbal, e servem como pistas para indicar a mentira. A presente pesquisa tem como objetivo verificar se o estudante de psicologia está capacitado a detectar a mentira, ou seja, se consegue identificar quando alguém está mentindo, alcançando índices de acerto acima do acaso. Para este fim, foi elaborada uma investigação, onde 108 estudantes dos últimos anos do curso de psicologia, provenientes de três faculdades e universidades do Rio de Janeiro, deveriam identificar se as pessoas estavam mentindo ou falando a verdade, através de dois vídeos. Os vídeos foram compostos por quatro esquetes, contendo dois relatos verdadeiros e dois falsos, sendo que ambos os “atores” (um homem e uma mulher) foram expostos a duas situações de entrevista (mentira e verdade). Os esquetes selecionados foram previamente validados por quatro observadores treinados, ou seja, medidas comportamentais revelaram diferenças significativas no comportamento não-verbal entre os “atores” quando estes diziam a verdade e a mentira. Após assistir cada um dos quatro esquetes os participantes deveriam responder a um questionário, indicando se os “atores” estavam dizendo a verdade ou a mentira, bem como listar as pistas não-verbais relacionadas à mentira identificada. Os dados foram analisados através do *Chi-Quadrado*. Os resultados indicaram que os estudantes de psicologia não foram capazes de identificar quando os “atores” estavam mentindo ($X^2_{\text{geral da mentira}} = 112,67$; $a = 0,001$; $gl = 2$) ou falando a verdade ($X^2_{\text{geral da verdade}} = 135,50$; $a = 0,001$; $gl = 2$). Verificou-se, ainda, que os participantes obtiveram um maior índice de acerto quando os “atores” femininos estavam mentindo (34%) ou falando a verdade (25%), em comparação aos “atores” masculinos (17%) e (16%) respectivamente, embora este índice de acerto tenha sido consideravelmente baixo. Concluiu-se que os estudantes de psicologia que participaram da pesquisa, em geral, não estão capacitados a identificar a mentira, tão pouco a verdade, através de indícios não-verbais.

-oOo-

METD 1.03

LEVANTAMENTO DE OPINIÃO E RECONHECIMENTO DOS SINAIS NÃO-VERBAIS IDENTIFICADORES DE MENTIRA. *Mônica Portella, Ana Paula Abreu Vânia Maria Congro Telles e Carlos Américo Alves Pereira*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

As mentiras, às vezes, podem ser descobertas devido a fatos e/ou pessoas que as contradigam, e/ou em função de pistas na conduta de quem mente, como seu comportamento não-verbal. A presente pesquisa objetiva levantar a opinião dos estudantes de psicologia sobre questões relacionadas a identificação da mentira e a respeito do comportamento não-verbal, bem como verificar se os participantes conhecem os indícios comportamentais não-verbais indicadores de mentira levantados por Ekman e Friesen (1984) e Ekman (1985). Com este objetivo, foi elaborada uma investigação, onde 108 estudantes dos últimos anos do curso de psicologia, provenientes de três faculdades e universidades do Rio de Janeiro, deveriam responder a um questionário (levantamento de opinião) e a uma avaliação sobre as pistas não-verbais indicadoras de mentira. Para estes fins foram elaborados os seguintes instrumentos: 1) um questionário, composto por sete questões (abertas e fechadas), que visa levantar a opinião dos participantes sobre a percepção da mentira e sobre o comportamento não-verbal; 2) avaliação, sob a forma de múltipla escolha, contendo 17 questões. O objetivo desta avaliação foi verificar a familiaridade dos sujeitos com os indícios não-verbais indicadores de mentira le-

vantados por Ekman e Friesen (1984) e Ekman (1985). As questões abertas foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1994), enquanto que as fechadas através de uma análise percentual. Dentre a análise dos resultados do levantamento de opinião pode-se destacar, que 85% dos participantes (92 pessoas) da pesquisa pensam que é importante que o psicólogo saiba identificar a mentira, 10% (11 pessoas) dos sujeitos pensam que a identificação da mentira é algo irrelevante para o trabalho do psicólogo, enquanto que 7% (5 pessoas) responderam que “às vezes” é importante que o psicólogo saiba detectar a mentira. Verificou-se, ainda, que a maior parte dos participantes da presente pesquisa, desconhece as pistas não-verbais indicadoras de mentira. Conclui-se que, embora grande parte dos estudantes participantes da pesquisa percebam a identificação da mentira como algo importante para a sua profissão, em geral, os mesmos não estão familiarizados com as pistas não-verbais indicadoras de mentira.

-oOo-

METD 1.04

A INFLUÊNCIA DO SEXO E DA IDADE NA ESCOLHA AMOROSA. *Analise Salazar, Erica Nobre e Lilian Gonçalves* - Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa visa verificar a influência do sexo e da idade na escolha de um companheiro amoroso a partir de dez características especificadas, sendo sexo e idade variáveis independentes, a primeira possuindo dois níveis (masculino e feminino) e a segunda, três (13 a 18 anos, 30 a 40 anos e 50 a 60 anos) e as dez características variáveis dependentes (generosidade, autoconfiança, maturidade, fidelidade, companheirismo, sinceridade, beleza, independência financeira, romantismo e inteligência). A amostra foi representada por sessenta pessoas distribuídas equitativamente entre os sexos e nas faixas etárias citadas, pertencentes ao nível sócio-econômico médio. O instrumento utilizado foi uma escala intervalar construída pelos próprios pesquisadores, onde foram apresentadas as dez características em ordem aleatória. A escala consistia de cinco opções de resposta para cada característica: **sem importância, pouca importância, importância média, muita importância e indispensável**, que variavam do número 1 ao 5 respectivamente. Verificou-se que o sexo e a idade influenciam no grau de importância atribuído às características em questão. Com relação ao sexo, as características *fidelidade e beleza* foram as únicas consideradas mais importantes pelos homens do que pelas mulheres. As mulheres consideraram *autoconfiança, maturidade, independência financeira e romantismo* mais importantes do que os homens os avaliaram. Homens e mulheres deram importância semelhante às outras quatro características (*companheirismo, generosidade, sinceridade e inteligência*). Apesar de não ter havido diferença significativa entre as avaliações de ambos os sexos nas quatro características citadas, somente uma delas foi avaliada como mais importante para os homens do que para as mulheres - *a sinceridade*, donde infere-se,

apriori, que as mulheres são mais exigentes do que os homens com relação à escolha de um companheiro amoroso. Com relação à faixa etária, para apenas duas características houve diferença significativa: *independência financeira*, mais valorizada pelas pessoas de meia idade (30 - 40 anos) e *beleza*, mais valorizada pelos jovens (13-18 anos). Concluiu-se que o sexo exerce maior influência na avaliação das características privilegiadas numa escolha amorosa do que a idade. Observou-se interação entre as variáveis sexo e idade em três características: *fidelidade, sinceridade e romantismo*. Ao analisar-se a amostra como um todo, observa-se que as pessoas deram muita importância à *sinceridade, fidelidade e companheirismo* e pouca importância à *independência financeira e beleza*. (CAPES)

-oOo-

METD 1.05

VALIDAÇÃO DA MEDIDA DE PROCURA DE EMPREGO (MPE). *Mirlene Maria Matias Siqueira e Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira*. Universidade Federal de Uberlândia.

Muitas pessoas, estando empregadas ou não, procuram por oportunidades de trabalho em diferentes organizações. A busca por alternativas de trabalho tem sido uma variável incluída em diversos modelos de rotatividade voluntária. A procura por trabalho está inserida na literatura do comportamento organizacional como uma variável comportamental, representando ações que resultem na conquista de um novo emprego. Este componente comportamental, por representar um plano de futuro desligamento do sistema, parece constituir-se numa alternativa mais adequada do que taxas reais de rotatividade, visto que ele pode subsidiar futuras políticas organizacionais que visem diagnosticar e, posteriormente, planejar estratégias que assegurem a permanência do patrimônio humano no sistema. Este estudo tem como objetivo validar, para o meio brasileiro, uma Medida de Procura de Emprego (MPE) elaborada por Blau (1993), composta por treze itens. Esta escala foi traduzida e aplicada a 215 candidatos a emprego dos sexos masculino (64,2%) e feminino (34,9%), com idade entre 16 e 59 anos e escolaridade variando entre o primeiro grau incompleto à terceiro grau completo. Sobre as respostas obtidas, realizaram-se análises dos comportamentos principais e rotações fatoriais oblíqua (*oblimin*) e ortogonal, utilizando-se o subprogama *Factor* do SPSS. A análise dos componentes principais, sobre os 13 itens da MPE, apontou a existência de apenas um fator importante (*eigenvalue* > 1,5), explicando 25,8 % da variância total. Diante destes resultados foi confirmada uma estrutura unidimensional da MPE, composta por 12 itens, cuja precisão foi de 0,76, se for eliminado o item n.º 2, o qual compromete a confiabilidade da medida, reduzindo-a para 0,75. Com estes resultados a MPE pode ser considerada uma escala adequada para aplicação em contextos de pesquisas nacionais. (CNPq).

-oOo-

**PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL
E DO TRABALHO**

ORG 1.01

A RELAÇÃO MOTIVAÇÃO, APLICABILIDADE, ESTRUTURA E APRENDIZAGEM NA AVALIAÇÃO DO TREINAMENTO. *Magali dos Santos Machado*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA e Universidade de Brasília.

Nas duas últimas décadas, tem se verificado um aumento do investimento na melhoria da qualidade do capital humano das empresas, através da intensificação das ações de treinamento direcionadas para a competitividade e inovação. Ações essas que necessitam de um contínuo monitoramento e avaliação, em função dos altos custos e da necessidade de gerarem impacto no desempenho dos indivíduos. Dada a importância do processo de aprendizagem, em função do papel moderador que ele exerce na maioria dos modelos de avaliação e efetividade, procurou-se, através dessa pesquisa, analisar a relação das variáveis motivação, aplicabilidade e estrutura do curso com a variável aprendizagem, na avaliação de reação do treinamento. Era esperado que a percepção da motivação, aplicabilidade e estrutura do curso, por parte dos treinandos, estivesse associada positivamente à percepção da aprendizagem. A amostra foi composta por 138 pessoas que participaram dos cursos de líderes de projetos, realizados por uma grande empresa pública brasileira. Os dados foram coletados através de um formulário de avaliação de reação, composto de um item específico para cada uma das 4 variáveis, que foram analisadas pelos treinandos através de uma escala de quantidade de 5 pontos, tipo Likert. A variável motivação foi analisada de acordo com a percepção do quanto o curso atendeu às expectativas prévias dos treinandos. A variável aplicabilidade foi analisada em função do quanto os treinandos percebiam que o curso era aplicável ao seu trabalho. O nível de clareza dos objetivos e do conteúdo do curso foi utilizado para a análise da variável estrutura. E, por último, a variável aprendizagem foi analisada em função da percepção dos treinandos sobre o nível de apreensão dos objetivos e conteúdo, obtido no curso. Os resultados da análise de regressão ($n = 138$) indicam que as variáveis motivação e aplicabilidade são significantes preditoras da aprendizagem, explicando 65 % da variância ($p (0, 0001)$), enquanto que para a variável estrutura do curso não foram encontradas correlações significativas. Apesar das limitações do estudo e do fato de outras variáveis interferirem no processo de aprendizagem, implicações dos resultados são discutidas em função de sua contribuição para o entendimento dos modelos de avaliação do treinamento. (EMBRAPA)

-oOo-

ORG 1.02

A PSICOLOGIA AMBIENTAL E O ESTUDO DE PROBLEMAS RELACIONADOS A SITUAÇÕES DE TRABALHO. *Raquel de Barros Pinto, Joanna Carolina Ramalho e Oliveira e Marcos Ribeiro Ferreira* (Universidade Federal de Santa Catarina).

Dada a caracterização da subárea Psicologia Ambiental como aquela que dirige atenção à relação entre seres humanos e seu ambiente, foi hipotetizado que ela tivesse contribuições inovadoras a apresentar à pesquisa de problemas relacionados ao trabalho humano. Foi realizado levantamento em bases de dados internacionais e, a seguir, a sistematização da produção de pesquisadores relacionados a Psicologia Ambiental acerca das situações de trabalho. Foram identificadas três vertentes na produção de conhecimento: 1) aquela que examina as situações de trabalho

como a concretização do tipo de relacionamento (sentimentos, expectativas, etc) do trabalhador em relação ao seu trabalho e/ou à organização à qual esteja vinculado; 2) aquela que examina as consequências de características do ambiente de trabalho (barulho, calor, luminosidade, etc) sobre a saúde do trabalhador; e, 3) aquela que examina as consequências destas mesmas características do ambiente sobre a performance dos trabalhadores. Ocorre diferenciação entre os pesquisadores europeus e norte-americanos no que se refere ao tipo de problema eleito para estudo, sendo que os europeus parecem mais vinculados à primeira vertente apontada e os norte-americanos têm maior produção nas duas segundas vertentes. A produção de pesquisadores brasileiros, de resto incipiente no âmbito da Psicologia Ambiental, não foi apontada por qualquer base de dados consultada no tocante ao estudo das situações de trabalho. A ausência de diferenciação significativa da produção da Psicologia Ambiental em relação a situações de trabalho (quando comparada com a contribuição de outras subáreas da Psicologia) é discutida desde a perspectiva de que essa subárea não tenha chegado a se constituir como uma visão alternativa e inovadora no âmbito da área da Psicologia, conforme pretenderam seus criadores.

-oOo-

ORG 1.03

DESAMPARO APRENDIDO E ANSIEDADE: CORRELAÇÕES EM SUJEITOS DESEMPREGADOS DO SEXO MASCULINO. *Priscila Maria Sérgio Martins e Amauri Gouveia Junior*, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual Paulista, Campus Bauru.

O objetivo deste trabalho foi verificar se existiriam correlações entre o estilo explicativo de adversidades da vida e o grau de ansiedade presente em indivíduos do sexo masculino desempregados que procuraram o Centro de Orientação para o Trabalho (COT) em Bauru (SP), que visa a orientação psico-jurídica destes sujeitos. O período de coleta estendeu-se de 10 a 12/1996. Foram utilizados 40 sujeitos divididos em 4 grupos ($n=10$) segundo faixa etária (18-25 anos; 26-32 anos; 33-39 anos; e 40-46 anos), aos quais foi aplicados os questionários referentes ao estilo explicativo e ansiedade (IDATE-T e IDATE-E). O questionário sobre estilo explicativo dava-nos um parâmetro do modo de atribuição de causalidade pelo sujeito, segundo a hipótese do desamparo aprendido. Já o IDATE-E permitia-nos um parâmetro da ansiedade em termos de estado (a ansiedade no momento da aplicação) e o IDATE-T permitia-nos medir sua ansiedade traço (aquela presente no dia-a-dia do sujeito). A análise estatística indicou uma correlação negativa entre o estilo explicativo e o IDATE-E, de forma que quanto maior a ansiedade, mais pessimista o estilo explicativo, e vice-versa. Além disto, a dispersão dos dados mostrou ser dependente da idade, apresentando maior variação com relação ao estimo explicativo e menor quanto a ansiedade em indivíduos dos grupos mais idosos.

-oOo-

ORG 1.04

APRIMORAMENTO DE UM INSTRUMENTO DE COMPORTAMENTOS DE CIDADANIA ORGANIZACIONAL. *Juliana Barreiros Porto e Álvaro Tamayo*. Universidade de Brasília.

Os instrumentos utilizados para medir os Comportamentos de Cidadania Organizacional, na sua maioria, têm apresentado fa-

lhas pela confusão sobre o conceito de cidadania. O desenvolvimento de instrumental para acessar estes comportamentos tem se mostrado de grande relevância para o aprofundamento dos estudos sobre seus antecedentes e conseqüentes. No Brasil, Siqueira (1995) desenvolveu e validou um instrumento autoavaliativo de intenção comportamental considerando os aspectos essenciais do conceito. O seu instrumento, apesar da boa fundamentação, apresentou índices de confiabilidade abaixo de 0,80, possivelmente, devido ao reduzido número de itens por fator. Portanto, constituiu-se como objetivo deste trabalho aprimorar o instrumento de medida de comportamentos de Cidadania Organizacional desenvolvido por Siqueira (1995). Para a consecução deste objetivo fez-se necessário aumentar o número de itens do instrumento a partir da literatura. A fórmula de Spearman-Brown $n = r_{mm} (1 - r_{rr}) / r_{rr} (1 - r_{mn})$ foi utilizada para determinar o número de itens necessários para obter um coeficiente de precisão mais elevado. Foram elaborados 58 itens que foram agregados aos 18 do instrumento original. O novo instrumento foi aplicado em 1.122 funcionários de diversas organizações do Distrito Federal. Os dados obtidos foram submetidos a análises fatoriais utilizando-se o método Paf com rotação varimax e oblíqua. Os resultados confirmaram os cinco fatores iniciais do instrumento, a saber, 1) criação de clima favorável à organização no ambiente externo ($a = 0.89$), 2) sugestões criativas ao sistema ($a = 0.92$), 3) proteção ao sistema ($a = 0.82$), 4) autotreinamento ($a = 0.76$) e 5) cooperação com os colegas de trabalho ($a = 0.85$). Conclui-se que houve uma sensível melhora para os índices de congruência interna, dados que indicam um nitido aprimoramento do questionário inicial. (CNPq).

-oOo-

ORG 1.05

INFLUÊNCIA DA IDADE E DO GÊNERO NO COMPORTAMENTO DE CIDADANIA ORGANIZACIONAL. Alvaro Tamayo, Verônica B. de Oliveira, Renata, S. Carvalho, e André, L. F. Moniz. Universidade de Brasília.

Na última década tem aumentado a popularidade do conceito de cidadania organizacional e numerosos pesquisadores têm realizado estudos empíricos visando identificar os antecedentes e os conseqüentes do comportamento de cidadania organizacional. Até o presente os correlatos mais sólidos da cidadania organizacional são a satisfação no trabalho, a percepção de justiça organizacional e o comprometimento afetivo. O escopo desta pesquisa foi estudar o impacto da idade e do gênero sobre o comportamento de cidadania organizacional. A amostra foi composta por 299 empregados, divididos em três faixas etárias: de 20 a 35 anos ($n = 91$), de 36 a 42 ($n = 118$) e de 43 a 60 ($n = 90$). A Escala de Cidadania Organizacional (ECO) de Siqueira foi utilizada para a avaliação da cidadania organizacional. A ECO avalia cinco fatores: criação de um clima externo favorável à organização, cooperação com os colegas, proteção ao patrimônio organizacional, sugestões criativas e autotreinamento. A ANOVA 3 X 2 revelou um efeito principal da idade sobre os fatores: clima externo favorável à organização ($p < 0,001$), cooperação com os colegas ($p < 0,02$) e proteção ao patrimônio organizacional ($p < 0,001$). A variável gênero teve influência sobre a cooperação com os colegas ($p < 0,001$), sendo o escore superior para as mulheres. Os resultados são explicados em termos de diferenças motivacionais em função da idade e do gênero

-oOo-

ORG 1.06

OCUPAÇÃO PROFISSIONAL DE PESSOAS COM HISTÓRIA DE DEFICIÊNCIA: DE INATIVOS A PROMOTORES DE ATIVIDADES ARTÍSTICAS E DE LAZER JUNTO ÀS INSTITUIÇÕES DE AMPARO À VELHICE. Camila Sales e Silvia Zanatta da Ros. Universidade Federal Santa Catarina.

É notório o aumento da longevidade da população brasileira. O processo de envelhecimento populacional engloba tanto a população dos padrões da normalidade, como aquela considerada como constitutiva dos padrões da excepcionalidade. A insuficiência (quantitativa e qualitativa) de recursos institucionais, voltadas a esta área, é gritante em todo território nacional, notadamente, para os deficientes idosos. Desta forma, vê-se como necessária, a busca de alternativas para que se possa vislumbrar possibilidades de sobrevivência digna e com qualidade a esta parcela da população. É a partir disto que se pensa na relação velhice e ocupação de pessoas com história de deficiência em suas vidas. Pesquisar alternativas de ocupação de "deficiente" adulto ou idoso voltada à arte e ao lazer com pessoas da terceira idade, integrando-se à sociedade não pelo crivo da incapacidade, mas como alguém que pode preparar-se e preparar a chegada da velhice com qualidade, mesmo que em situações diversas. A proposta pedagógica de R. FEUERSTEIN e os aportes da teoria de L. VYGOTSKI, fundamentaram a efetivação de um trabalho pedagógico realizado no Centro de Ciências da Educação, cujos sujeitos eram adultos com história de deficiência. Os resultados deste trabalho permitiram vislumbrar novas possibilidades à trajetória de vida destes sujeitos. O aprofundamento dos estudos já realizados e a concretização de nova etapa de trabalho com tais sujeitos constituirão as atividades fundamentais deste projeto. O trabalho estará baseado nas Experiências de Aprendizagem Mediada de FEUERSTEIN e a compreensão de relação arte e desenvolvimento de processos psicológicos superiores de VYGOTSKI. A análise dos registros das imagens filmadas, as visitas às instituições de amparo à velhice, a busca de suporte na literatura, realização de estágios destes adultos como animadores nestas instituições, norteará a proposta de ocupação pensada. Considerando que o projeto de pesquisa ora apresentado em síntese, iniciará somente em agosto de 1997, é possível antecipar, agora, que será possível apresentar alguns registros de episódios que informarão sobre a especificidade da vivência pedagógica (que estará permeada por temas como desenvolvimento cognitivo, arte, lazer e velhice), e os primeiros contatos dos sujeitos de tal pesquisa promovendo atividades junto a uma instituição de amparo à velhice.

-oOo-

ORG 1.07

PRIORIDADES AXIOLÓGICAS, TEMPO DE SERVIÇO E CIDADANIA ORGANIZACIONAL. Alvaro Tamayo, Pablo Armando, Sandra Macedo e Fábio T. Guimarães, Universidade de Brasília.

A existência de comportamentos de cidadania organizacional é um fato que pode ser observado em todas as organizações. O problema para os pesquisadores tem sido encontrar os seus antecedentes. São eles de tipo organizacional ou pessoal? Boa parte da pesquisa atual na área de cidadania organizacional está voltada para a solução deste problema. As prioridades axiológicas das pessoas e o seu tempo de serviço na empresa são antecedentes dos comportamentos de cidadania organizacional? Este foi o problema estudado na presente pesquisa. A amostra foi composta

por 300 sujeitos de uma empresa pública. A idade média foi de 38, 07 anos e média de tempo de serviço de 13, 90 anos. A amostra foi dividida em três grupos de acordo com o tempo de serviço na empresa. A amostra foi também dividida em função dos escores (alto e baixo) obtidos na avaliação das prioridades axiológicas. Dois instrumentos de medida foram utilizados: o Inventário de Valores de Schwartz (1992) composto por 61 valores distribuídos em quatro fatores de segunda ordem: individualismo, coletivismo, autotranscendência e autopromoção. Para a avaliação da variável dependente foi utilizada a Escala de Cidadania Organizacional (Siqueira, 1995) constituída por cinco fatores: cooperação com os colegas, proteção ao sistema, sugestões criativas, autotreinamento e criação de clima favorável à organização no ambiente externo. A Anova 2 X 3 revelou uma relação estreita entre tempo de serviço e dois componentes da cidadania organizacional: proteção ao sistema e formação de um clima externo favorável à empresa. O impacto das prioridades axiológicas não foi homogêneo para todos os componentes do comportamento de cidadania organizacional. Os fatores sugestões criativas e autotreinamento foram influenciados simultaneamente pela prioridade dada ao individualismo e à autopromoção, os fatores cooperação com os colegas e proteção ao sistema foram influenciados pela prioridade dada ao coletivismo e à autotranscendência que constituem o polo oposto do individualismo e da autopromoção, respectivamente. Os resultados desta pesquisa mostram que, do ponto de vista motivacional, a natureza dos comportamentos de cidadania organizacional é heterogênea.

-oOo-

ORG 1.08

ANÁLISE ORGANIZACIONAL: A APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO GERADO NA UNIVERSIDADE *Alexandre Domânico da Cunha, Eduardo de São Paulo, Juliana Barreiros Porto, Paula Luisa Eberle Denicol* - Universidade de Brasília.

A Análise Organizacional é um procedimento que visa o estabelecimento do perfil de uma empresa, com a finalidade de embasar diversos possíveis tipos de intervenção. Devido à sua natureza, freqüentemente é desejável que sua condução se dê através de equipes multidisciplinares. No presente caso, o processo foi direcionado para a elaboração e implementação de um Programa de Qualidade, em uma empresa de contabilidade de Brasília, e conduzido por uma equipe de Psicólogos, Administradores e estudantes de psicologia. O trabalho foi realizado pela Consultoria Jr. Universitária em Psicologia Social Organizacional e do Trabalho da Universidade de Brasília, tendo sido utilizado para tal, um aparato instrumental desenvolvido no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da mesma Universidade. Os principais aspectos abordados foram Comprometimento Organizacional, Clima e Cultura Organizacionais, bem como Análises de Processos e de Cargos. Os dados obtidos foram analisados, resultando no que se segue: a) não se observou um tipo de cultura predominante na empresa, tendo sido verificada a existência de um conjunto de três subculturas diferentes, coerentes entre si; b) sobre o clima da organização identificou-se que as dimensões coesão do grupo de trabalho, apoio recebido pelas chefias, autonomia dos funcionários e conforto do local de trabalho necessitam de especial atenção, no sentido da mudança e da melhoria de suas características. Foi observado um alto grau de envolvimento por parte dos empregados e uma disposição à inovação na realização de suas atividades; c) o resultado da análise de comprometimento indicou grande envolvimento por parte dos funcionários, fato

considerado oportuno para a implantação do Processo de Qualidade; d) a análise de cargos indicou que os cargos da empresa são bastante especializados, separados em departamentos que mais se adaptam às atividades desenvolvidas (departamentalização técnica). Através de entrevistas verificou-se não haver um plano de carreira consolidado na empresa; e) a Análise de processos verificou a existência de 22 rotinas, das quais cerca de 50% têm impacto direto no cliente. Alguns processos estão em transformação devido à implantação de um novo sistema informatizado. f) finalmente foi elaborado o organograma atual da empresa. Conclui-se que existem condições favoráveis à implementação do Processo de Qualidade, sendo negociado um contrato para sua realização.

-oOo-

ORG 1.09

ESCALA DE ESTILOS POLÍTICOS DA ORGANIZAÇÃO: FERRAMENTA PARA A ANÁLISE ORGANIZACIONAL. *Maria do Carmo Fernandes Martins*. Universidade Federal de Uberlândia

A análise organizacional carece de ferramentas que auxiliem o conhecimento das organizações. Este trabalho teve por objetivo construir e validar, com base na visão política da organização de Morgan (1991), uma escala para identificar os estilos políticos adotados pelas organizações, que possa servir como ferramenta auxiliar na análise da dinâmica da vida organizacional. Morgan (1991) define três estilos políticos: o *pluralista*, onde as tendências autoritárias são mantidas sob questionamento através da troca entre os grupos de interesses que têm uma posição na administração; o *unitário*, que vê a organização como unidade integrada, onde os interesses dos indivíduos e da organização são sinônimos e o *radical*, onde a organização é vista como um antagonismo implícito dos interesses de classes, com rupturas sociais, sustentado por coerção e consenso. Para identificar esses estilos nas organizações, foi construída uma escala tipo Likert com itens que cobriam todos os aspectos das definições de Morgan (1991). Os itens foram submetidos ao julgamento de três juizes especializados no assunto. Foram mantidos na escala inicial somente aqueles 42 itens cujo grau de acordo entre os juizes foi maior ou igual a 0, 85. A escala foi aplicada à 438 sujeitos, empregados de várias empresas públicas e privadas do Distrito Federal e de Uberlândia, MG. Após testada a fatorabilidade dos dados, através do cálculo do KMO (Kaiser-Meyer-Olkin), as respostas dos sujeitos foram submetidas à análise dos componentes principais com rotação varimax e substituição dos dados omissos pelas médias das respostas. Foram encontrados 11 fatores que explicavam 62, 4% da variância das respostas da amostra. Foram mantidos somente 3 fatores, responsáveis pela explicação de 33, 6% da variância total, compostos por itens com Eigenvalue maior que 1, carga fatorial igual ou superior a 0, 40, comunalidades variando entre 0, 49 a 0, 76 e Alpha de Cronbach entre 0, 74 e 0, 79. Os três fatores mantidos, confirmaram os três estilos políticos propostos por Morgan (1991). Entretanto o fator 2, definido como estilo *unitário*, teve sua definição mais restrita que aquela do autor: seus itens estão relacionados tão somente a questões sindicais, quando a definição de Morgan é mais abrangente. Questiona-se uma possível falta de consistência à definição do autor, que entende a organização unitária como aquela tão ideal, que, provavelmente, não pôde ser identificada nas organizações onde os dados foram coletados. (CNPq).

-oOo-

ORG 1.10

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA VIDA PESSOAL E PROFISIONAL DE CONDUTORES DE ÔNIBUS URBANO EM BELÉM DO PARÁ. *Kátia Malena Cunha Almeida, Tatiana Carvalho de Montalvão, Reinier Johannes Antonius Rozestraten*, Universidade Federal do Pará.

As representações sociais são manifestações objetivas da subjetividade compreendida dentro da consciência, passíveis de serem expressas no discurso dos falantes. Assim, investigar as representações de motoristas de transporte coletivo, possibilita uma reflexão de como sua vida privada, seus sentimentos e emoções influenciam no âmbito macro-social, da coletividade, do “viver em sociedade”, interagindo com esta através do trânsito. Além disso, a desorganização do trânsito no município de Belém, a existência de grande contingente de linhas e usuários do transporte coletivo e as condições precárias de trabalho, com elevado índice de “turnover” dos motoristas de ônibus, constituem o contexto ideal para um estudo cujo objetivo é: o conhecimento da situação concreta e da representação social dos motoristas enquanto profissionais, de modo a hipotetizar como esta representação reflete-se em seu desempenho, no âmbito do trabalho. Investigou-se como a categoria percebe a si mesmo enquanto atuantes no contexto do trânsito, e quais as condições que facilitam ou dificultam o desempenho de suas funções de trabalho e sociais. Em uma população de aproximadamente 1.400 motoristas existentes, distribuída nas 19 empresas visitadas, escolheu-se uma amostra de 148. O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista, através do qual abordou-se os seguintes aspectos: dados de identificação, nível educacional, condições de trabalho, saúde, alimentação, características ergonômicas do posto, aspectos motivacionais, relações sociais com a família, colegas e na empresa. Os motoristas foram abordados de acordo com a chegada ao final da linha, sendo que a entrevista teve duração média de 15 minutos. O condutor de ônibus é um operador de máquina com todos os aspectos que engloba o termo. Os resultados mostram que 60, 14% possui baixo nível de escolaridade (até 1º grau completo), provenientes de famílias ídem. Em relação à avaliação de saúde, sintomas mais apresentados foram: complicações renais e hérnias de disco, bem como fadiga, provavelmente ocasionada pelo calor e barulho excessivos. Os motoristas relataram sentirem-se relativamente bem na profissão que exercem, embora achem-na desvalorizada. No quesito referente a possíveis modificações para tornar sua profissão menos penosa, sugerem uma melhoria na organização do sistema de trânsito, confirmando a necessidade de aperfeiçoamento deste. Conclui-se que a população investigada, de modo geral, percebe-se útil à sociedade, apesar de reconhecer a necessidade de aprimoramento das condições de trabalho e de uma reorganização no confuso sistema de trânsito da capital paraense.

-oOo-

ORG 1.11

PETROLEIROS EM BASES TERRESTRE E MARÍTIMA: COMPARANDO PERFIS DE SOFRIMENTO PSICOLÓGICO. *Erasmio Miessa Ruiz, Izabel Cristina Ferreira Borsoi* (Universidade Federal do Ceará), *José Jackson Coelho Sampaio* (Universidade Estadual do Ceará)

Estudos epidemiológicos, tomando como população categoria profissional, visando relacionar saúde mental e condições de trabalho são raros. O objetivo desta pesquisa foi verificar possíveis

interrelações entre saúde mental de grupo específico e o trabalho desempenhado por este grupo. Configurou-se estudo de caso com petroleiros baseados em terra (*on shore*) e em plataforma marítima (*off shore*). A metodologia envolveu três passos: 1) entrevista semi-estruturada com chefias e representantes sindicais visando levantar aspectos históricos da empresa, política salarial, relações hierárquicas e forma de organização da categoria profissional; 2) observação direta para descrição pormenorizada do trabalho; 3) aplicação do Inventário Multifásico Minnesota de Personalidade (MMPI) para traçar perfil de sofrimento psicológico. Foram submetidos ao MMPI 241 trabalhadores. Destes, 198 tiveram seus inventários validados pelos critérios do MMPI. Neste trabalho só os resultados do MMPI serão analisados. Assim, 44, 5% dos trabalhadores apresentam risco de sofrimento psicológico, sendo que desses, 21, 8% são apontados com maior suspeita de sofrimento. Posteriormente dividiu-se os 198 trabalhadores em grupo *on shore* (n=57) e grupo *off shore* (n=141). Não houve diferença estatisticamente significativa entre *on shore* e *off shore*. Para *off shore* destacam-se dois grupos de funções: manutenção e produção. Análises internas apontam maior tendência de sofrimento psicológico entre trabalhadores da manutenção. Assim, procedeu-se a análise das funções que compunham a manutenção, realizando-se uma subdivisão deste grupo: Grupo IN (31 instrumentistas), Grupo EL (26 eletricitistas) e Grupo ME (25 mecânicos). Os dados parecem indicar que ME apresenta maior suspeita de sofrimento com 52% frente 19, 4% de IN e 19, 2% de EL. Comparações pelo X² entre ME e IN, e, entre ME e EL, mostram p = 0, 05 para o primeiro caso e p = 0, 01 para o segundo. A análise das escalas clínicas do MMPI parecem mostrar quadro caracterizado por tríade neurótica em hipocondria, histeria e depressão para ME. Aspectos da dinâmica organizacional indicam que, apesar das três funções terem a mesma posição técnico-administrativa e nível educacional, os mecânicos são socialmente discriminados por realizarem trabalho considerado mais pesado e com menor exigência de trabalho intelectual, se comparados com as demais funções. Além disso as características do processo de trabalho do mecânico parecem expô-lo a maior probabilidade de riscos físicos. (CNPq e Ministério do Trabalho).

-oOo-

ORG 1.12

CONDIÇÕES DE VIDA E DE TRABALHO EM PLATAFORMA MARÍTIMA DE PETRÓLEO. *Izabel Cristina Ferreira Borsoi, Erasmio Miessa Ruiz* (Universidade Federal do Ceará), *José Jackson Coelho Sampaio* (Universidade Estadual do Ceará)

A associação entre condições de trabalho e problemas sanitários e/ou psicológicos há muito foi intuída e relatada. Entretanto, estudos referindo condições gerais de trabalho em plataforma marítima de petróleo são raros. Quando encontrados, ou enfocam trabalhadores de perfil funcional aparentado (petroquímico, marinho, mergulhador etc); ou detêm-se em elementos singulares do trabalho associados biunivocamente a sintomas (trabalho noturno/insônia, turno alternado, ruído e trepidação/irritabilidade, isolamento/depressão etc). Faltam pesquisas onde as condições gerais de trabalho sejam descritas pormenorizadamente e integradas num mesmo *locus*. Como se estrutura a organização do trabalho em seus aspectos formais e informais? Como é a vida dos trabalhadores no cotidiano de uma plataforma? A que riscos estão expostos? Como as condições de trabalho poderiam determinar problemas sanitários? O estudo teve como objetivo principal mapear riscos em plataformas marítimas. Assim, foram reali-

zadas observações diretas das condições de trabalho em três plataformas, relatadas em diário de campo, e 12 entrevistas semi-estruturadas envolvendo chefias do Núcleo de Produção do Ceará (do superintendente aos supervisores técnicos do trabalho em plataforma), dirigentes sindicais e integrantes da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Os aspectos investigados nas entrevistas e observações foram: jornada e ritmo de trabalho, socialização, alimentação, escalas de embarque e desembarque, sistemas de segurança e atendimento médico, monitoramento das condições de trabalho, formação de grupos informais, constituição de espaços de lazer. Os resultados indicam os seguintes problemas enfrentados por petroleiros embarcados: inadaptação aos primeiros dias de embarque e desembarque, ruído e trepidação constantes que interferem principalmente no sono, presença de produtos químicos que oferecem riscos à saúde, sensação de risco iminente de incêndio e explosões, o que produz constante tensão, exposição a extremos de temperatura (muito frio nos alojamentos e muito quente fora deles), processos de trabalho exigindo atenção e concentração máximas pelo risco que oferecem, turnos de trabalho arrítmicos (alternado - ora sono diurno, ora sono noturno -, ou de sobreaviso - ser acordado a qualquer hora), ritmo de trabalho subordinado ao ritmo das máquinas e ao processo técnico de produção, sucateamento operacional de instrumentos de trabalho e das próprias plataformas tornando o processo de trabalho ainda mais inseguro. O quadro indica que o trabalho em plataformas pode ser considerado ao mesmo tempo penoso, insalubre e perigoso. (CNPq e Ministério do Trabalho).

-oOo-

ORG 1.13

ACIDENTE DE TRABALHO INCAPACITANTE NA CONSTRUÇÃO CIVIL: RE(DES)ADAPTAÇÃO, IDENTIDADE E ESTIGMA. *Izabel Cristina Ferreira Borsoi, Erasmo Miessa Ruiz, Luis Lacerda Souza Cruz* (Universidade Federal do Ceará)

A literatura sobre acidentes de trabalho caracteriza-se hegemonicamente como tecnicista, avaliando de forma pontual e restritiva questões como condições de trabalho, uso de equipamentos de prevenção, métodos educacionais em segurança, estatísticas sobre acidentes de trabalho etc. Entretanto, pouco se sabe sobre as conseqüências do acidente de trabalho incapacitante na vida de indivíduos concretos. Como significam sua nova situação? Que estratégias utilizam para reconfigurar seu modo de vida? Como se configura o conjunto de representações sobre o trabalho e sua relação com a identidade corporal, constituída a partir da deficiência? Como se estruturam os processos de estigmatização? O objetivo deste estudo foi verificar o impacto do acidente de trabalho em trabalhadores da construção civil aposentados por invalidez. Para tanto, buscou-se realizar um conjunto de sete estudos de caso onde os trabalhadores apresentavam diferentes tipos de deficiência física produzida pelo acidente de trabalho. Chegou-se aos três primeiros sujeitos a partir de arquivos das Comunicações de Acidente de Trabalho (CATs) realizadas pelo sindicato da categoria. Os demais foram localizados através dos primeiros sujeitos e de dirigentes sindicais. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, posteriormente submetidas a técnica de análise de conteúdo. Inicialmente buscou-se enumerar aspectos idiossincráticos em relação às estratégias de adaptação utilizadas pelos indivíduos na construção da identidade de deficiente físico. Depois enumerou-se aspectos freqüentes e ao mesmo tempo marcantes na maioria das entrevistas. Notamos como marcas freqüentes e significativas: sentimentos depressivos em relação à

perda do trabalho, concepção fatalista dos motivos que levaram ao acidente, elaboração de identidade com base na estereotipia da incapacitância, representação da saúde organicamente ligada à capacidade de trabalho, ausência de suportes sociais para reinserção na vida produtiva e/ou cotidiana, pauperização das atividades de lazer, presentificação da vida do indivíduo, com conseqüente perda da capacidade de futurar, e estigmatização construída a partir de processos subjetivos e objetivos. A maioria dos indivíduos reporta também o descaso das instituições públicas responsáveis por reabilitação e assistência, bem como o desconhecimento de como o sindicato poderia atuar jurídica e politicamente em relação à sua situação de acidentado. Os resultados apontam para a necessidade de que questões de ordem psicológica sejam levadas em consideração pelas políticas públicas de reabilitação. Estas não devem ficar restritas a questões fisioterápicas mas também devem contemplar aspectos psicossociais. (CNPq - PIBIC).

-oOo-

ORG 1.14

PARTICIPAÇÃO NAS DECISÕES E COMPROMETIMENTO ORGANIZACIONAL. *Antonio Virgílio B. Bastos, Helen F. Copque, Luis Augusto Vasconcelos da Silva e Anderson Veloso Viana.* Universidade Federal da Bahia

As transformações das organizações e das suas práticas de gestão vêm acontecendo num ritmo cada vez mais acelerado, inseridas em um processo mais amplo de mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas. A gestão organizacional tem se voltado, assim, para dinamizar as relações dentro das organizações, no sentido de que possam responder mais apropriadamente às constantes mudanças dos seus ambientes. Uma dimensão importante de mudança consiste na revisão de modelos burocráticos e autoritários de gestão em direção a estratégias que ampliam a participação do trabalhador. Tais mudanças assentam-se no pressuposto de que maior participação conduz a maior envolvimento da força de trabalho com os objetivos do trabalho e da organização. Objetiva-se, nesta pesquisa, analisar o impacto da implantação de modelos mais participativos de gestão na intensidade do comprometimento do trabalhador com a organização. Os dados integram um levantamento mais amplo que atingiu uma amostra de 1678 trabalhadores de 42 organizações de diferentes setores e portes, foram coletados no próprio local de trabalho através da aplicação de um questionário. Esse instrumento continha uma versão reduzida da escala de comprometimento organizacional proposta por PORTER (1979), previamente validada por BASTOS (1992), numa versão em português, com uma amostra brasileira. A escala é composta de nove itens e apresenta elevado coeficiente de confiabilidade ($\alpha = .87$). O questionário continha, também, itens especificamente construídos para o estudo para a avaliação da participação do trabalhador nos processos decisórios (gerais da organização e específicos do setor de trabalho). De modo geral, os níveis de participação são mais elevados nas empresas privadas. O envolvimento em decisões da alta gerência é muito reduzido, tanto no setor privado como público. 85% dos trabalhadores da administração pública direta relatam ausência de participação nas decisões organizacionais. Encontrou-se uma correlação moderadamente positiva entre níveis de participação e comprometimento, tanto nas decisões da alta administração ($r = .19$) quanto nas decisões tomadas no nível setorial ($r = .22$), independente do tipo de empresa analisada. Quando esses dados são agregados àqueles que descrevem as mudanças organizacionais mais gerais,

verifica-se que modelos mais orgânicos (menos burocráticos, flexíveis, com menor separação entre planejamento/ execução) contam com uma força de trabalho mais comprometida com a organização. Tais dados dão suporte aos programas que buscam ampliar o comprometimento do trabalhador via incremento da sua participação nas decisões relativas ao seu trabalho. (CNPq.)

-oOo-

ORG 1.15

IMPORTÂNCIA DE FATORES PESSOAIS E ORGANIZACIONAIS NO VÍNCULO INDIVÍDUO/ORGANIZAÇÃO. Antonio Virgílio B. Bastos, Helen F. Copque, Luis Augusto Vasconcelos da Silva e Anderson Veloso Viana. Universidade Federal da Bahia

O estudo do comprometimento no trabalho tem assumido posição de destaque na literatura científica sobre comportamento organizacional nas últimas décadas. Dentre as múltiplas questões que demandam maior esforço de investigação, como salientado na metaanálise de Mathieu e Zajac (1990), encontra-se a busca de evidências sobre a importância de fatores pessoais e organizacionais na determinação do comprometimento organizacional. Questiona-se em que medida há uma disposição pessoal para tornar-se comprometido ou se o comprometimento deve ser tratado como um vínculo recíproco trabalhador-organização? A resposta a tal questão tem claro impactos nas decisões organizacionais quanto às estratégias pertinentes para o fortalecimento do vínculo indivíduo-organização. O peso dos fatores organizacionais (as trocas indivíduo-organização) tem sido destacado nos estudos brasileiros, diferenciando-os dos estudos internacionais, a maioria dos quais norte americanos (Borges-Andrade, 1995). Apoiado em um amplo levantamento, o presente estudo objetivou explorar essa controvérsia ao identificar o peso de variáveis pessoais e organizacionais na explicação dos níveis de comprometimento com a organização. Trabalhou-se com

uma amostra de 1678 trabalhadores de 42 organizações (setor público e privado) situadas na Bahia e Minas Gerais, aos quais foi aplicado um questionário que continha uma versão reduzida da escala de comprometimento organizacional proposta por PORTER (1979), cuja versão em português foi previamente validada por BASTOS (1992) e um extenso número de itens que avaliavam aspectos pessoais (valores relativos ao trabalho, locus de controle, dados demográficos e de formação, entre outros) e aspectos organizacionais (natureza do trabalho, condições de trabalho, políticas de pessoal, por exemplo). Foram utilizadas análises de regressão múltipla, método *stepwise*, tomando-se os escores de comprometimento organizacional como variável critério. Inicialmente analisou-se o impacto do conjunto de variáveis pessoais e organizacionais isoladamente; finalmente, examinou-se o impacto do conjunto total de variáveis do modelo. Na primeira etapa da análise, considerando cada conjunto de variáveis isoladamente, as variáveis pessoais explicam 22, 2% da variância de comprometimento organizacional, destacando-se locus de controle e centralidade no trabalho na vida do indivíduo. O conjunto de fatores organizacionais explica 47, 5% da variância, com peso mais significativo para a política de promoção, política de treinamento e uso de habilidades por parte do indivíduo. Na Segunda etapa da análise, quando os fatores pessoais e organizacionais foram tomados em conjunto, as variáveis organizacionais têm maior poder preditivo que as pessoais, embora estas exerçam alguma influência (centralidade, ideologia e idade). Em síntese, os resultados fortalecem a visão de que o comprometimento deve ser analisado como produto de uma relação recíproca entre organização e trabalhador, como bem sugere Rousseau et al. (1995), o que enseja o estudo do comprometimento como um duplo vínculo trabalhador-organização. Mais do que selecionar indivíduos com propensão a se comprometerem com a missão organizacional, devem ser priorizadas as políticas que estabeleçam trocas justas entre trabalhadores e organizações. (CNPq).

-oOo-

PERCEÇÃO E PSICOFÍSICA

PERC 1.01

FUNÇÕES PSICOFÍSICAS PERCEPTIVAS E MNEMÔNICAS DE ÁREA E VOLUME FAMILIARES E NÃO FAMILIARES SOB INSTRUÇÕES APARENTE E OBJETIVA. *Susi Lippi Marques Oliveira e José Aparecido da Silva.* Universidade de São Paulo.

O presente trabalho teve por objetivo verificar o efeito de algumas variáveis experimentais sobre estimativas de memória e investigar dois modelos teóricos explicativos das diferenças entre as funções psicofísicas perceptivas e mnemônicas: o *Modelo Reperceptual* e o *Modelo de Tendência Central de Julgamentos*. Para verificar o efeito das variáveis experimentais, foram delineados três tipos de experimentos. O Experimento I tratou de julgamentos de tamanho de objetos familiares a partir de inferência. O Experimento II de julgamentos perceptivos de tamanho de objetos familiares e não familiares e, o Experimento III de julgamentos de memória (após observação dos objetos) de tamanho familiar e não familiar. O delineamento experimental descrito acima serviu tanto para julgamentos de área quanto de volume e, da mesma maneira, para instruções aparentes e objetivas. Observando-se os dados, percebe-se que as instruções parecem não ter afetado os julgamentos e o fator familiaridade influenciou as estimativas. A hipótese Reperceptual não explicou eficazmente os resultados obtidos. Nessas circunstâncias, a hipótese da Tendência Central de Julgamentos parece dar um melhor suporte para explicação dos dados. Os resultados deste trabalho sugerem que a familiaridade do estímulo parece produzir uma representação mais estável na memória, chegando a minimizar o efeito de variáveis experimentais. Em virtude desse fato, uma função produzida por julgamentos de memória pode não diferir substancialmente de uma função perceptiva.

-oOo-

PERC 1.02

INTERAÇÕES ENTRE FAIXA ETÁRIA, ESCOLARIDADE, PERCEPÇÃO E MEMÓRIA PARA ÁREA JULGADA. *Cintia de Souza, Oswaldo Longo Júnior, Paula Mariza Zedu Alliprandini e Fernando Frei.* Universidade Estadual Paulista - Assis

Investigando a variabilidade dos expoentes da função-potência nas Condições Experimentais: Inferência, Perceptiva e Memória, Alliprandini (1994) verificou uma tendência à diferenciação dos expoentes em função dos níveis de escolaridade. Estas informações indicam a necessidade de uma melhor avaliação da variabilidade dos expoentes da função-potência para área, nas Condições Experimentais: Perceptiva, Inferência e Memória, em função do nível de escolaridade. Para atingir este objetivo, uma amostra independente de 160 observadores foi distribuída aleatoriamente em 16 grupos de 10 observadores de acordo com a faixa etária (17 a 30 ou 45 a 60 anos), nível de escolaridade (1(grau ou 3(grau) e condições experimentais [Perceptiva, Inferência ou Memória (2 minutos ou 8 horas)]. O método psicofísico utilizado foi estimação de magnitude e os observadores julgaram as áreas dos Estados Brasileiros. Através da análise de variância verificou-se uma diferença significativa entre as faixas etárias, níveis de escolaridade e condições experimentais. Os valores do expoente foram superiores (Tukey a 5%) para observadores com 3º grau, faixa etária (17 a 30 anos) e nas condições Perceptiva e Memória (2 min.), sendo que esta última não diferiu de Memória (8 horas). Para os dois níveis de escolaridade (1(grau e 3(grau), a condição Perceptiva diferiu da Condição Inferência e a Condição

Memória (2 minutos) não diferiu da Memória (8 horas). Interações significativas foram observadas entre: faixa etária x nível de escolaridade; faixa etária x condições experimentais; faixa etária x nível de escolaridade x condições experimentais, com exceção para a interação escolaridade x condições experimentais. Verificou-se que para a faixa etária (45 a 60 anos) houve diferença entre os níveis de escolaridade, o que não foi observado para Faixa etária (17 a 30 anos). A presença das interações significativas indicam a complexidade das variáveis em estudo, demonstrando respostas diferenciadas das diferentes faixas etárias em função da escolaridade e/ou condições experimentais, evidenciando a necessidade de maiores estudos para um melhor esclarecimento dessas interações. (FAPESP)

-oOo-

PERC 1.03

PARTIÇÃO DE TAMANHOS LINEARES EM DIFERENTES ORIENTAÇÕES. *Sérgio S. Fukusima* (Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto), *Gustavo de Carvalho* (Universidade Federal de São Carlos) e *Luciano da Fontoura Costa* (Universidade de São Paulo, São Carlos).

Erros de partição de linhas ao meio podem ser indicadores de anisotropia na percepção visuo-espacial, e há pesquisas que até os sugerem como um indicador de pacientes com negligência lateral nos campos visuais. Devido a este problema estar associado a lateralidade cerebral, a maioria dos estudos enfatizaram a partição de linhas horizontais. Só eventualmente, trabalhos com partição de linhas com outras orientações foram relatados em literatura. Com o objetivo de checar o efeito de diferentes inclinações nesta tarefa, um experimento foi planejado para que sujeitos situados a 50 cm da tela de um monitor de 15 polegadas, modo SVGA de 1024 x 768 pixels, acoplado por uma placa de vídeo Stelth64, PCI, a um computador Pentium 100MHz com 16 Mb de RAM, pudessem fracionar ao meio diversas linhas inclinadas. As linhas eram de 50, 100, 150, 200 e 250 pixels de extensão (1pixel = 0.25mm) e em 24 inclinações que variaram de 0 a 345 graus em passos de 15 graus em sentido anti-horário. Cada linha em cada inclinação foi apresentada 5 vezes aos sujeitos em ordem e posição aleatória na tela do monitor. A partição era realizada deslocando-se um cursor sobre a linha de maneira que ela fosse separada em duas partes perceptivamente iguais. Os dados analisados foram os erros relativos para se ajustar um dos seguimentos da partição à metade do tamanho da linha apresentada e o tempo de execução da partição. Os resultados preliminares indicaram que os erros relativos variaram em função das inclinações, as partições de linhas menores apresentaram geralmente magnitudes de erros relativos maiores que as partições de linhas maiores e o tempo para executar as partições variou proporcionalmente ao tamanho da linha a ser dividida. Os resultados sugerem uma assimetria na percepção de tamanho em relação às diferentes orientações no campo visual associado aos mecanismos de comparação de tamanhos lineares percebidos. (CNPq e FAPESP)

-oOo-

PERC 1.04

AÇÃO DA PARALAXE BINOCULAR ENTRE DISTÂNCIAS RELATIVAS ORTOGONAIS DISTAIS EM AMBIENTE NATURAL. *Carlos A. Absalão* (Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação e Universidade Federal Fluminense), *Alexandre G.*

Roure, Elthon H. Matsushima, Leonardo Sá, Nilton. P. Ribeiro-Fo (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Nas pesquisas sobre o espaço visual em profundidade, nos ambientes artificiais e distâncias próximas, a paralaxe de movimento é considerada uma fonte de informação eficaz à percepção verídica da distância relativa. Esta eficácia implica a extensão do sinal de distância absoluta, e aponta para o uso da informação simultânea a partir de imagens díspares e fixas. No entanto, estudos recentes evidenciam um limiar de ação da paralaxe de aproximadamente 30 m. A disparidade binocular, um índice de distância relativa, em comparação à paralaxe, tem ação inversa quanto à sua eficácia sobre uma estrutura tridimensional pertinente à configuração espacial de estímulo. Nosso estudo objetivou uma análise do efeito da paralaxe de movimento sobre uma configuração de estímulos, geometricamente construída, e favorável à ação deste movimento, porém distal ao observador. O ambiente experimental foi caracterizado por configurações espaciais de estímulos, formadas por duas distâncias relativas ortogonais e alinhadas aos planos visuais, de igual extensão física, de centro a 15m do observador, sobre uma superfície plana, sem obstáculos e gramada. Todos os participantes apresentaram uma boa acuidade visual (20/20), realizaram estimativas verbais, e foram distribuídos em dois grupos experimentais diferenciados pelos procedimentos de movimento de cabeça. Um grupo foi encorajado a movimentar livremente a cabeça (MLC) e outro realizou, durante as estimativas, um movimento induzido lateral de cabeça (MILC), caracterizado pela ação do observador em movimentar a cabeça de modo contínuo, no plano frontoparalelo, em uma superfície de 10cm. Os resultados indicaram, para o procedimento MLC, um espaço acurado sobre o plano frontoparalelo, e erros perceptuais negativos, relacionados diretamente ao crescimento físico, para o espaço alinhado ao plano sagital (profundidade). No procedimento MILC, ambos os espaços foram fortemente subestimados. O processo de uma ANOVA produziu diferenças significativas para os fatores procedimento do movimento de cabeça e orientações espaciais. A partir dos resultados se supõe que o efeito da paralaxe de movimento não foi eficaz em ambas as orientações no espaço distal. A acurácia observada no espaço frontoparalelo pode ser explicada por processos combinatórios (cooperativos) entre o movimento dos olhos e a rotação de cabeça. Enquanto que a tendência de erros perceptuais negativos, na orientação profundidade, justifica-se por um possível conflito entre o índice de distância relativa e a paralaxe de movimento, possibilitando a ação de processos não-perceptuais. Os achados relacionam aos encontrados nos estudos realizados em ambientes artificiais, onde a paralaxe de movimento não foi efetiva para o espaço distal. (CNPq / UFRJ).

-oOo-

PERC 1.05

SENSIBILIDADE A FREQUÊNCIAS ANGULARES EM NOVAS FASES. *Maria Lúcia de Bustamante Simas, Tarciana Paloma B. Ferreira Leite e Ana Lídia Camurça Leibel.* Laboratório de Percepção Visual, LabVis-UFPE, Universidade Federal de Pernambuco.

Nossos estudos iniciais com frequências angulares utilizaram um conjunto de frequências com a fase baseada na origem do círculo trigonométrico, i. e. valor máximo do cosseno a esquerda. Entretanto, ao considerarmos alguns efeitos perceptivos como, por exemplo, o de sombreamento onde a direção da iluminação, do alto ou de baixo, modifica a direção da superfície tridimensional

percebida, decidimos alterar as fases escolhidas arbitrariamente para as frequências angulares. As novas fases foram baseadas numa simetria de quadrantes para estímulos pares, e de hemisférios verticais para estímulos ímpares, tendo como origem a direção norte, coincidente com seno máximo em 90 graus. Nestas condições, exceto pelas frequências angulares de 1 ciclo e de dobros de ímpares (exceto 2 ciclos) cujos máximos seriam coincidentes com a direção norte, todos os demais estímulos pares teriam um mínimo ocorrendo na direção norte. O presente experimento mediu a curva de sensibilidade para as frequências angulares de 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 16, 24, 32, 48, 64 e 96 com 4 sujeitos, MMM, TPL, ALL e SAL. O método utilizado foi o da escolha forçada onde o sujeito seleciona um dentre dois estímulos: um estímulo de frequência angular e um círculo com luminância média. São feitas 17 sessões experimentais com cada sujeito, uma para cada frequência angular. A cada três acertos consecutivos o contraste é reduzido e a cada erro é aumentado. São obtidos 10 pares de máximos e mínimos para cada sessão experimental, 20 pontos ao todo. A média entre sujeitos é calculada para cada ponto com um intervalo de confiança de 99% corrigido pelo *t* de Student. As primeiras medidas não estão mostrando diferenças substanciais em relação às medidas anteriores com outras fases. Novamente o máximo se estende por um patamar de 9 a 48 ciclos. Estamos fazendo novas medidas com os valores de contraste do monitor ajustados para serem mais atenuados para mostrar melhor as diferenças entre estas e as medidas feitas anteriormente. (CNPq).

-oOo-

PERC 1.06

PERCEPÇÃO DE FACES FAMILIARES CENTRADAS NO PONTO CEGO: UM ESTUDO PILOTO DO FENÔMENO DE MUITAS-FACES. *Maria Lúcia de Bustamante Simas e Tarciana Paloma B. Ferreira Leite.* Universidade Federal de Pernambuco.

Os estudos do LabVis-UFPE têm buscado caracterizar o processamento visual através da investigação da sensibilidade ao contraste de imagens com diversas configurações espaciais, sobretudo de frequências angulares e radiais. Durante um de nossos estudos sobre a sensibilidade a frequências espaciais verticais e horizontais na região do ponto cego, verificamos um fenômeno envolvendo a percepção de faces, sobretudo acromáticas. Observamos que, quando uma face bastante familiar (geralmente medindo de 10 a 12 cm) é colocada no campo visual do sujeito de forma que seu centro (i.e. o nariz) coincida com o ponto cego, cria-se uma condição experimental na qual pode ocorrer uma série de eventos perceptivos, particularmente o fenômeno que denominamos muitas-faces onde são percebidas mudanças na expressão da face e até muitas outras faces, conhecidas ou não, todas diferentes da face na foto original. Em se tratando de um fenômeno novo, começamos por investigar os eventos narrados por 19 sujeitos com idades de 7 a 77 anos para verificar a incidência do fenômeno. Dezesesseis sujeitos apresentaram narrativas consistentes com a observação do "muitas-faces". No presente estudo com 20 sujeitos ingênuos, utilizamos fotos de faces familiares a cada indivíduo e registramos os relatos em áudio (14 sujeitos) e em vídeo (6 sujeitos). O método consiste em colocar um círculo preto (~1 cm de diâmetro) no nariz e marcar um ponto de fixação. O sujeito fixa o ponto até desaparecer o círculo do nariz e mantém a fixação enquanto narra em voz alta suas observações sobre mudanças perceptivas na face. O experimento é feito com cada olho separadamente. São narrados desparecimentos desorganizados do nariz, dos olhos, da boca, de cabelo, de meia face, etc., mesmo na ausência do fenômeno. A ocor-

rência do fenômeno é muito rápida e é geralmente associada a uma marcante reação emocional como um sorriso, uma interjeição, uma gargalhada, uma reação de surpresa. Nossos resultados mostram que dos 20 sujeitos, 14 (i.e. 70%) narram o fenômeno onde são percebidas mudanças de expressão da face e/ou muitas outras faces se sobrepondo à face original. Concluímos que o fenômeno “muitas-faces” existe, tem fortes implicações para percepção e memória visual, e deve ser mais amplamente e melhor estudado. (CNPq)

-oOo-

PERC 1.07

RECONHECIMENTO HÁPTICO DE OBJETOS TRIDIMENSIONAIS: UM ESTUDO DA INFLUÊNCIA DE DISTRAIDORES. *Francisco José de Lima*. Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

Pesquisas com o tato ativo mostram que certas configurações são melhor reconhecidas quando aspectos diversos (características térmicas, de textura, forma e tamanho) podem ser percebidos hapticamente em objetos tridimensionais. O sistema sensorio tátil é surpreendentemente hábil no reconhecimento desses objetos. Assim, espera-se, para tal reconhecimento, que certas configurações sejam mais nomeadas corretamente, uma vez que certos padrões aparecem com maior frequência junto de outros, e.g. um sujeito buscaria por contornos que indicassem roda ou hélices ao tentar reconhecer um objeto pertencente a uma categoria “superordenada”, digamos veículos. A fim de verificar se a ausência de acessório, bem como a similaridade de tamanho teriam efeito na qualidade de reconhecimento, isto é, diminuiriam ou aumentariam a nomeação dos objetos, um conjunto de vinte e dois estímulos feitos em madeira, sendo que quatro deles traziam ausência de “parte” e quatorze tinham tamanho reduzido, foram observados hapticamente por vinte voluntários, seis homens e quatorze mulheres, graduandos e pós-graduandos, com idades que iam de 19 a 33 anos. Vendados, os sujeitos examinaram aleatoriamente cada um dos vinte e dois estímulos, nomeando-os sem, contudo, que lhes fosse dado *feedback* ou lhes imposto limite de tempo, uma vez que o tato requer um maior tempo para o reconhecimento de certas configurações que a visão. Os estímulos, objetos comuns do uso diário, foram apresentados individualmente sobre um aparato, de maneira que informações acústicas não pudessem oferecer pistas sobre a natureza do objeto. Os dados foram analisados conforme a frequência de respostas oferecidas a cada um dos estímulos, considerando-se: a- como identificação, quando o nome oferecido ao objeto era factível, porém não o esperado; b- como nomeação, quando a verbalização correspondia ao nome esperado. Os principais resultados mostraram que: a- quando os estímulos tinham tamanho igual aos dos objetos encontrados em tamanho natural eles tiveram nomeação de cem por cento de acerto, exclusive para dois estímulos que traziam distrator de ausência; b- quando os estímulos apresentavam ausência de acessório, sua nomeação era prejudicada, exclusive para um objeto; c- os estímulos tiveram alta identificabilidade, consoante o relatado pela literatura. Subsídios para o desenvolvimento de programas computacionais de simulação feitos com redes neurais e programas para o desenvolvimento de robôs com capacidade de identificação háptica, bem como para profissionais especializados na feitura de materiais para a confecção de mapas, que tragam informações tangíveis através de texturas e formas diversas, podem ser extraídos dos dados do presente trabalho. (FAPESP)

-oOo-

PERC 1.08

VERIFICAÇÃO DA PERCEPÇÃO TÁTIL EM SUJEITOS CEGOS: COMO OS CEGOS “VÊEM” OS OBJETOS. Eneida Avelino Lima, Joyce Mara Kolinski, Emílio Takase. Universidade Federal de Santa Catarina.

Há inúmeros trabalhos sobre a percepção sensorial, porém no que se refere a estudos sobre cegueira e habilidades manuais são praticamente inexistentes. Um artigo recentemente publicado na *Scientific American*, “How the blind draw” (Kennedy, 1997), mostra que as pessoas nascidas cegas apresentaram maior dificuldade de desenhar um objeto do que as pessoas que tem uma visão bem pobre. Apesar das dificuldades das pessoas cegas/não cegas em desenhar, o estudo do Kennedy mostrou que o nosso sistema visual, assim como o nosso sistema tátil, não lêem dois contornos de uma linha do mesmo jeito como quando são interpretados em contorno simples. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo realizar um estudo comparativo entre pessoas cegas e não cegas na reprodução de um objeto com a argila. O grupo de sujeitos foi composto por 23 pessoas, sendo 9 cegos de nascença, 8 pessoas que ficaram cegas posteriormente e 6 não cegos, entre homens e mulheres. O experimento consistiu em que os sujeitos manuseiem o objeto (um sapatinho de louça) e reproduzam-no em argila. A prática com o grupo de cegos vem sendo realizada na ACIC (Associação Catarinense Para a Integração do Cego), entidade do governo do estado de Santa Catarina, com sede no bairro Monte Verde, em Florianópolis. Os sujeitos não cegos são universitários e pessoas com segundo grau completo e ao longo do experimento, permaneceram de olhos vendados. O critério utilizado na análise foi o grau de semelhança do objeto reproduzido pelo sujeito, com relação ao modelo. A análise dos dados obtidos até o momento mostra que o desempenho dos sujeitos cegos foi, de um modo geral, inferior ao do grupo de sujeitos não cegos. Dentro disso, verificamos que o desempenho dos cegos de nascença foi diferente ao das pessoas que ficaram cegas posteriormente. Concluindo, podemos dizer que existem variáveis a ser consideradas que podem ter influenciado nos resultados obtidos até o momento. O grupo de não cegos é constituído por universitários e pessoas habituadas a lidar com motricidade fina, enquanto o grupo de cegos é formado, de um modo geral, por pessoas com grau de escolaridade mais baixo, provenientes do interior. Assim, pretendemos prosseguir com a pesquisa, realizando o experimento com outro grupo de sujeitos não cegos com baixa escolaridade.

-oOo-

PERC 1.09

POSSÍVEIS EFEITOS DO ENVELHECIMENTO NO SENTAR E NO LEVANTAR. DADOS PRELIMINARES. *Renato de Moraes e Eliane Mauerberg-deCastro*. Universidade Estadual Paulista - Rio Claro.

O presente trabalho teve como objetivo: 1) fazer uma avaliação da percepção de idosos sobre o nível de facilidade/dificuldade no ato de sentar e levantar e, 2) avaliar cinematicamente possíveis alterações que possam ocorrer na topologia do movimento de sentar e levantar quando comparado a adultos jovens. Participaram deste estudo 2 grupos, Grupo Experimental, GE (n=3), e Grupo Controle, GC (n=2). Na tarefa de sentar/levantar, nove alturas diferentes foram escolhidas com base numa altura padrão, calculada a partir do comprimento do joelho até o solo de cada sujeito. As alturas acima do padrão foram 20, 40, 50 e 60% e abaixo 20,

30, 40 e 50%. Os sujeitos designaram valores entre 1 (extremamente difícil) e 7 (extremamente fácil) para a dificuldade ou não encontrada na realização da tarefa de sentar e depois para a tarefa de levantar. Em todas as tarefas os sujeitos foram filmados para que análise posterior pudesse ser conduzida. A análise dos resultados nos permitiram fazer as seguintes considerações: os sujeitos do GE perceberam maior dificuldade nos dois extremos do contínuo comparados com o GC. No levantar, o GC apresentou um aumento progressivo na percepção de facilidade do início para o final do contínuo. Da análise topológica, observações qualitati-

vas foram feitas considerando estabilidade do padrão, estratégias de controle e relação inter-segmentos. A análise topológica foi representada através de retratos de fase. Os retratos de fase de cada indivíduo apresentaram características comuns com aquelas de estudos similares. Estratégias individuais foram identificadas nas situações de sentar/levantar nos extremos do contínuo testado. (FAPESP)

-oOo-

PSICOLOGIA DA SAÚDE

SAU 1.01

LIMIAR DA SENSIBILIDADE DOLOROSA EM PONTOS DOLOROSOS - TENDER POINTS. *Amélia Pasqual Marques e Beatriz Michiko Gashu*, Universidade de São Paulo)

A fibromialgia é uma condição de dor crônica diagnosticada segundo os critérios: presença de sintomas dolorosos difusos há pelo menos três meses, presença de 11 dos 18 *tender points*, associados a quadro de fadiga, distúrbios de sono e rigidez matinal. Este estudo teve como objetivo, avaliar a sensibilidade dolorosa dos tender points de pacientes fibromiálgicos e indivíduos saudáveis. Participaram do estudo 40 mulheres, divididas em dois grupos sendo 20 com diagnóstico de fibromialgia e considerado grupo experimental e 20 indivíduos saudáveis e compuseram o grupo controle. Foi medida a sensibilidade dolorosa de quatro *tender points*: músculo trapézio direito e esquerdo e músculo supraespinhoso direito e esquerdo. A sensibilidade dolorosa foi medida com Alômetro (PTM-10 Kg) que fornece o valor em Kg/Cm². O valor foi obtido quando realizada uma pressão perpendicular na superfície do ponto doloroso avaliado, e aumentada gradativamente a cada 0,1 Kg/Cm² até o momento que o paciente referia dor. O trabalho foi realizado no Ambulatório de Reumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Foi utilizado o procedimento estatístico de análise de variância multivariada para testar a igualdade de médias entre os dois grupos. Os dados indicam que há diferença entre o grupo experimental e grupo controle e o nível de significância calculado foi menor que 0.0001. Os dados confirmam a presença da sensibilidade dolorosa nos pacientes fibromiálgicos, e embora não tenham achados laboratoriais que justifiquem seu quadro álgico, tem achados clínicos, entre eles a dor, que justificam a necessidade de ações fisioterápicas no sentido de aliviar a sintomatologia dolorosa e acompanhamento multidisciplinar, entre eles o psicólogo, no sentido de proporcionar - lhes uma melhora na qualidade de vida. (FAPESP)

-oOo-

SAU 1.02

QUESTIONÁRIO DE DOR DA MCGILL PARA AVALIAR QUALITATIVA E QUANTITATIVAMENTE A DOR DE PACIENTES FIBROMIÁLGICOS. *Amélia Pasqual Marques, Lucianne Rhoden*. Universidade de São Paulo.

A Fibromialgia é uma forma de reumatismo não articular e caracteriza-se por apresentar dor musculoesquelética difusa, fadiga, rigidez matinal e sensibilidade aumentada em pontos anatômicos específicos chamados *tender points*. A dor é o principal sintoma dos fibromiálgicos e entre as formas utilizadas para avaliá-la, encontra-se o questionário de dor da McGill. Este é composto por 78 descritores, organizado em quatro categorias (sensorial, afetiva, avaliativa e miscelânea) e 20 subcategorias. Neste trabalho partiu-se do pressuposto de que os fibromiálgicos escolhem preferentemente subcategorias de ordem afetiva em relação às sensoriais e referem dor mais intensa quando comparados com outros grupos de doentes reumáticos. Este trabalho teve como objetivo avaliar qualitativa e quantitativamente a dor dos portadores de fibromialgia. Participaram do estudo 66 indivíduos divididos em três grupos de patologias diferentes: 23 com fibromialgia, 23 com osteoartrose e 20 com lombalgia, e os mesmos foram avaliados através do questionário de dor da McGill. O trabalho foi realizado no ambulatório de Reumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Foi utilizado o procedimento estatístico de Análise de

Variância Multivariada para testar a igualdade de porcentagem médias das duas categorias (sensorial e afetiva) entre os três grupos. Os resultados indicam que há diferença entre os grupos e que os fibromiálgicos qualificam predominantemente sua dor como sendo da categoria afetiva em relação à sensorial. Foi avaliada ainda a frequência de descritores selecionados pelos três grupos. Na categoria sensorial os descritores mais frequentes nos três grupos foram latejante, agulhada e pontada. Já na categoria afetiva o grupo de osteoartrose escolheu os descritores cansativa 82%, enjoada 69%; o grupo de lombalgia os descritores enjoada 52% e cansativa 47% e o grupo de Fibromialgia selecionou enjoada 91%, atormentada 69% e descritores que apareceram exclusivamente neste grupo: maldita, miserável, enlouquecedora e exaustiva com 47%, 43%, 39% e 34% respectivamente. Os pacientes fibromiálgicos não tem achados laboratoriais que justifiquem seu quadro álgico, mas tem achados clínicos, entre eles a dor, que justificam sua má qualidade de vida. Assim a discriminação qualitativa e quantitativa da dor, pode ser um forte indicador para propôr ações mais eficazes e proporcionar melhora global na qualidade de vida destes pacientes.

-oOo-

SAU 1.03

TRABALHANDO COM ALCOOLISTAS E SUAS FAMÍLIAS. *Ana Lúcia Simões Silva*. Centro de Estudos de Prevenção e Reabilitação do Alcoolismo - Instituto de Neurologia Deolindo Couto - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Compreendendo o papel relevante que o sistema familiar exerce na questão do alcoolismo e, principalmente, na recuperação dos alcoolistas, julgou-se necessário abrir um espaço para que esses familiares participassem do tratamento. Sendo assim, foi criado no CEPRAL, um grupo destinado somente aos alcoolistas e familiares. O Grupo de Alcoolistas e Familiares (GAF) possuía caráter informativo-reflexivo e dele participavam, também, membros de Alcoólicos Anônimos (AA) e Al-Anon, cuja função era, através dos seus depoimentos, ajudar os alcoolistas e suas famílias a lidar melhor com as repercussões do alcoolismo. O grupo, sob a coordenação da equipe de Psicologia era do tipo aberto, suas reuniões eram semanais e tinha como objetivos a mobilização de recursos internos de seus integrantes para elaboração de determinadas questões acerca do alcoolismo, visando assim, um maior relacionamento entre alcoolistas e seus familiares e informação sobre noções básicas do alcoolismo. Além de encaminhá-los para os grupos de mútua ajuda (AA ou Al-Anon). Este trabalho de pesquisa realizou-se no período de agosto de 1995 a maio de 1997, utilizando-se a metodologia da observação participante e discussão de grupo focal, no intuito de alcançar-se os objetivos propostos. A análise dos dados demonstrou que 51% dos integrantes do grupo participaram do trabalho regularmente, enquanto 40% participaram raramente, de forma espontânea. Os demais (9%), retornavam somente quando estimulados. Esta variação de frequência poderia ser atribuída a questões financeiras, distância da moradia e ocupação profissional. Pôde-se perceber que a maior parte dos participantes que freqüentaram o grupo muito raramente, também não participaram integralmente da proposta de tratamento do CEPRAL. Por outro lado, verificou-se que a frequência regular ao grupo possibilitou uma mudança de atitude mais rápida e mais evidente em relação ao alcoolismo. Essa mudança foi observada tanto no discurso, no relacionamento familiar, na auto-estima quanto na inserção no mercado de trabalho e nos grupos de AA ou Al-Anon.

SAU 1.04

PREVENÇÃO DE DEFICIÊNCIA MENTAL NA SAÚDE PÚBLICA DA GRANDE VITÓRIA/ES. *Sônia Enumo, Zeidi Trindade, Grasieli Nespoli, Andréa Giacomin, Juliana Ferreira, Eduardo Torre, Tânia Duarte.* Universidade Federal do Espírito Santo.

As ações de prevenção da Deficiência Mental (DM) são mais eficazes quando realizadas antes do problema ocorrer, junto a gestantes e recém-nascidos, reduzindo, assim, a taxa estimada de 10% da população para 3%. Visando-se obter dados locais, foram entrevistados os responsáveis pelos serviços de atendimento pré-natal e pediatria em 31% (09) unidades de saúde (US) e pelos atendimentos pré, peri, neonatal e berçário dos 05 hospitais com UTI neonatal, públicos, da Grande Vitória/ES. Procurou-se identificar as ações de prevenção (AP) Primária (proteção específica) e Secundária (diagnóstico precoce e tratamento imediato), passíveis de realização segundo a literatura. Das 212 AP possíveis, os hospitais realizavam, em média, 63,2%: 69,2% de 120 AP no pré-natal; 78,6% de 15 AP no parto; 60% das 49 AP no serviço neonatal; e 57,8% de 28 AP realizáveis no berçário. Apesar desses dados indicarem que a maioria das AP estava sendo realizada, uma análise qualitativa mostrou que faltavam ou não estavam disponíveis informações básicas para a tomada de decisões na área, como os dados da mortalidade materna e perinatal. As AP ocorriam principalmente no momento do parto, quando os principais fatores de risco estavam presentes, e sem sua identificação prévia. A Prevenção Secundária era a menos realizada, por falta de estrutura laboratorial e de geneticistas, por exemplo. As US realizavam, em média, 59,5% das 138 AP possíveis: Prevenção Primária - 62,2% de 123 AP no período pré-natal; Secundária - 48,1% de 15 AP possíveis no período neonatal. A maioria das AP estava sendo realizada, mas também faltavam dados estatísticos sobre os serviços. A avaliação e o acompanhamento do desenvolvimento infantil ou a identificação de fatores de risco para a DM não eram realizados, assim como programas de estimulação precoce para crianças sob risco de DM, com equipe multidisciplinar ou acompanhamento psicológico. Assim, a porta de entrada do sistema de saúde realizava cerca de metade da prevenção possível, sendo restrita ao acompanhamento pré-natal mínimo, sem identificação de fatores de risco para problemas genéticos, por exemplo. Esses dados permitem auxiliar a proposição de políticas públicas na área de saúde reprodutiva. (CNPq/IC; UFES).

-oOo-

SAU 1.05

REPRESENTAÇÃO DEPRESSIVA EM PACIENTES COM CÂNCER GINECOLÓGICO ANTES DE QUIMIOTERAPIA. *Carlos Roberto R. de Miranda, Áderson L. Costa Junior, Inesila S. Rocha, Renata C. Ribeiro e Marcelo E. G. Martins.* Universidade de Brasília

Segundo dados do Instituto Nacional do Câncer, em 1993, o câncer ginecológico foi responsável por 47,3% do total de neoplasias malignas que acometeram o sexo feminino. Considerando que variáveis psicológicas podem contribuir de modo significativo para a atribuição de significado, do paciente com câncer, à experiência de quimioterapia, a depressão exerce influência determinante sobre a percepção desta experiência. Este estudo tem por objetivo avaliar as representações depressivas em pacientes com câncer ginecológico imediatamente antes de tratamento quimioterápico. De agosto de 1996 a março de 1997, pacientes com in-

dicação de tratamento quimioterápico, que deram entrada na Unidade de Oncologia Ginecológica do Hospital Universitário de Brasília, foram entrevistadas para a obtenção de dados demográficos e sociais e submetidas à aplicação do Inventário Beck de Depressão. Foram excluídas do estudo aquelas pacientes que já haviam sido submetidas a tratamento quimioterápico prévio. 30 pacientes consecutivas foram incluídas no estudo. A média de idade foi de 44,9 anos, sendo 55,2% portadoras de câncer de mama, 37,9% de câncer de colo de útero e 6,9% de câncer de ovário. Do total de pacientes, 53,3% apresentaram algum grau de representação de depressão, com a seguinte distribuição: 16,7% com depressão leve, 13,3% com depressão leve a moderada, 13,3% com depressão moderada a grave e 10% com depressão grave. Os dados apresentados são preliminares, uma vez que o estudo pretende avaliar a representação de depressão em paciente com câncer ginecológico em três momentos diferenciados (antes, durante e após quimioterapia). Dados obtidos corroboram a literatura que aponta 23 a 58% dos pacientes com câncer ginecológico apresentando algum grau de representação depressiva no início do tratamento. Discute-se a possibilidade de que as alterações afetivas e cognitivas, conseqüentes do diagnóstico de câncer, detectadas pelo instrumento, possam ser reduzidas através de intervenções psicológicas, melhorando o prognóstico e aumentando a adesão ao tratamento.

-oOo-

SAU 1.06

O MODELO DA TEORIA DA AÇÃO RACIONAL E A INTENÇÃO DE PRATICAR O AUTO-EXAME DA MAMA EM MULHERES DE BAIXA RENDA. *Suy-Mey C. de Mendonça Gonçalves e Mardonio Rique Dias.* Universidade Federal da Paraíba.

A literatura ressalta que o exame sistemático e periódico da mama feito pela própria mulher, o Auto-Exame da Mama, pode encontrar tumores malignos de pequenas dimensões e assim, salvar-lhe a vida; contudo, pesquisas demonstram que é baixo o número de mulheres que adquirem o hábito de fazê-lo, possuindo crenças que dificultam sua realização. Objetivando-se testar o valor preditivo do Modelo da Teoria da Ação Racional (Fishbein & Ajzen, 1975, 1980) para a intenção de praticar o auto-exame da mama em mulheres de baixa renda, e posteriormente, se elaborar campanhas preventivas ao câncer de mama, foi realizado um levantamento de crenças e referentes modais com uma amostra de 40 mulheres, com a média de idade de 32,5 anos e desvio padrão de 11,37, atendidas no ambulatório de ginecologia do Hospital Universitário em João Pessoa-Pb. Foram identificadas um total de 132 crenças comportamentais, categorizadas em nove dimensões e um total de 166 crenças normativas, categorizadas em quatro dimensões. Após o estudo citado, um questionário fundamentado nas crenças encontradas foi aplicado a uma amostra de 253 mulheres atendidas em ambulatórios do SUS em João Pessoa - Pb, com uma média de idade de 31,51 anos (variando de 17 a 64 anos) e um desvio padrão de 10,28. A amostra constou de 56,1% de mulheres casadas, 39,5% donas de casa, 49,3% possuindo primeiro grau incompleto e 49,8% residentes na capital. A análise dos dados mostrou três correlações significativas entre a variável critério, intenção comportamental e as variáveis predictoras (norma subjetiva, $r = 0,30$, $p < 0,01$; crenças normativas, $r = 0,31$, $p < 0,01$ e o locus de controle da saúde, $r = 0,20$, $p < 0,05$). Os dados foram submetidos a uma regressão múltipla, mediados pela variável estado civil. Observou-se que a variável locus de controle da saúde, juntamente com a norma subjetiva e as crenças normativas

explicaram um total de 33% ($R = 0,57$; $R^2 = 0,33$, $F_{(3,223)} = 36,39$, $p < 0,001$) da variância comum da intenção comportamental para praticar o auto-exame da mama. Estes resultados indicam a adequação do modelo proposto e a importância das crenças normativas, juntamente com a norma subjetiva e o locus de controle da saúde para o comportamento pesquisado. (CAPES)

-oOo-

SAU 1.07

ATIVIDADES EM SALA DE ESPERA NA PREVENÇÃO DO CÂNCER CÉRVICO-UTERINO. *Eleonora Arnaud Pereira Ferreira, Nazaré Costa e Raimunda do Vale*. Universidade Federal do Pará.

Estatísticas nacionais revelam que apenas 5% das mulheres brasileiras realizam o exame preventivo regularmente. Diante disto poder-se-ia perguntar: o que leva a maioria das mulheres a não realizar este exame se o mesmo é rápido, não dói e é o meio mais eficaz de evitar a morte por câncer cérvico-uterino? Através de grupos de sala de espera realizados no Ambulatório de Patologia do Trato Inferior e Colposcopia do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, foi possível responder a este questionamento. A clientela se constituiu de 336 mulheres, cuja média de participantes foi de treze por dia. Estas pertenciam, em grande parte, à classe econômica baixa, com pouca ou nenhuma escolaridade. Os instrumentos utilizados foram álbum seriado e eventualmente folhetos informativos e "bico de pato". Os trabalhos com os grupos de sala de espera foram desenvolvidos por duas estagiárias de Psicologia, sob supervisão, durante o período de dezembro a junho de 1997, tendo duração média de uma hora e frequência de duas vezes por semana. Os trabalhos foram conduzidos com base num roteiro estruturado que abordava, basicamente, a investigação da frequência com que as mulheres realizam o exame preventivo; quais os passos do exame, o uso da respiração como meio de diminuir a ansiedade, a importância de submeter-se ao exame conforme prescrição médica e algumas orientações para antes da realização do mesmo. No momento dos trabalhos com os grupos, discutia-se também acerca da higiene, do auto-exame de mama e outros assuntos que surgiam através de demanda das participantes, como menopausa, uso da camisinha, métodos contraceptivos. Para alguns grupos foram convidados profissionais de outras áreas de saúde que contribuíram expondo o tema. Após a consulta, uma amostragem das mulheres foi entrevistada para relatarem a experiência do exame. Quanto aos resultados foi possível observar que uma parte significativa das mulheres relatou, no momento da sala de espera, expectativas errôneas quanto ao exame, tais como da retirada do útero e de ser o exame preventivo uma confirmação da presença do câncer em estágio terminal. No momento pós-consulta, as mulheres relataram não terem sentido dor durante o exame, porém algumas sentiram embaraço e desconforto quando o examinador era do sexo masculino. A partir destes dados se pode concluir que uma parte das mulheres paraenses evita submeter-se ao exame preventivo por ter informações insuficientes ou incorretas sobre o procedimento do exame. Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo descrever a dinâmica de grupos de sala de espera no setor de realização do exame preventivo contra o câncer a fim de levantar hipóteses explicativas sobre a evitação ao exame. (HUBFS, UFPA)

-oOo-

SAU 1.08

DOENÇA CRÔNICA E EQUIPE MULTIPROFISSIONAL: O DESAFIO DO DIABETES. *Eleonora Arnaud Pereira Ferreira e Aderson Zynato Soares Lobão*. Universidade Federal do Pará.

Pesquisas têm demonstrado que a doença crônica está se tornando uma característica crescente na população de um modo geral. Estudos realizados sobre doenças crônicas têm destacado temas relacionados a características da doença, do paciente, da equipe médica e da família do portador. O *diabetes mellitus* é uma doença crônica causada pela deficiente produção ou utilização de insulina pelo pâncreas. Por ter severas complicações a longo prazo (como distúrbios cardiovasculares, nervosos, oculares e cutâneos), o tratamento envolve uma complexa combinação de administração de insulina, dieta, exercícios físicos e controle permanente da glicose no sangue. Dependendo do tipo de diabetes (insulino-dependente ou tipo I e não-insulino-dependente ou tipo II), algumas especificidades no tratamento podem ser encontradas, mas em geral, pode-se observar uma demanda para mudanças e aquisições de comportamentos tanto no portador como em sua família. Em decorrência da complexidade do tratamento, a adesão do paciente diabético é frequentemente baixa. Como definida na literatura, adesão é a extensão com a qual o comportamento da pessoa coincide com as orientações do profissional de saúde. No caso do diabetes, a adesão pode ser considerada como um constructo multidimensional, onde a adesão em um aspecto do tratamento não garante necessariamente a adesão em outro aspecto. Estudos têm enfatizado a necessidade de intervenção a nível multiprofissional no paciente diabético, incluindo atendimento individual, familiar e grupo de apoio. Uma equipe formada por nutricionistas, psicólogos, enfermeiras, endocrinologista e assistentes sociais do ambulatório do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, UFPA, iniciou em 1996 um programa de atendimento multiprofissional ao portador de *diabetes mellitus* tipo II. As atividades realizadas pelo serviço de Psicologia incluem atendimento individual, familiar, e coordenação de grupos educativos. No período de janeiro a maio de 1997 participaram dos grupos 47 pacientes (91.5% do sexo feminino). Observa-se que nos grupos os relatos mais frequentes feitos pelos participantes são sobre conhecimentos equivocados sobre etiologia, tratamento e prognóstico da doença. A maioria relata dificuldades em aderir à dieta prescrita e em realizar as atividades de exercícios físicos. Também foram atendidos individualmente três pacientes, encaminhados pela Nutrição. Estes pacientes, logo após o diagnóstico acreditavam que a doença era terminal e contagiosa. Após a orientação do médico, houve mudança nas crenças sobre a doença, embora mudança e/ou aquisição de comportamentos de promoção da saúde não tenham sido estabelecidas. Os resultados são discutidos em termos da importância da intervenção a nível multiprofissional, bem como sobre as dificuldades na realização de um trabalho integrado. (HUBFS, PROEX, UFPA)

-oOo-

SAU 1.09

GRUPO DE PAIS NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO BETTINA FERRO DE SOUZA. *Eleonora Arnaud Pereira Ferreira, Nilda Maria Barata Toscano, Ana Lúcia da Silva e Lucicleide Santiago*. Universidade Federal do Pará.

Atendimentos em psicologia clínica realizados em parceria com a equipe de pediatria têm revelado a necessidade de um trabalho que envolva a família no processo de intervenção. Estudos de-

monstram a importância de se considerar a rede de apoio social em torno da criança, tais como a família e comunidade, independente do problema específico apresentado pela criança. Os pais são partes fundamentais no atendimento psicológico à criança, pois além de serem fontes de informação auxiliando no diagnóstico, podem afetar diretamente o curso e o resultado do atendimento. Pesquisas indicam a necessidade de se considerar os múltiplos aspectos do sistema familiar. Estudos demonstram que mães com dificuldades em seu relacionamento conjugal tendem a exercer controle aversivo sobre o comportamento de seus filhos e a estabelecer uma relação mais negativa, mesmo após terem recebido treinamento sobre como lidar com os filhos. Do mesmo modo, famílias em situação de risco, como pais com baixa escolaridade, baixo nível sócio-econômico e residindo em locais de condições adversas, são mais suscetíveis a apresentarem maior incidência de dificuldades no relacionamento entre seus membros e com a comunidade, afetando o desenvolvimento de suas crianças. Partindo de uma abordagem ecológica de promoção da saúde, o serviço de Psicologia do HUBFS vem oferecendo um trabalho em grupo dirigido aos pais/familiares de crianças em atendimento. Esta clientela é formada por famílias residentes na periferia de Belém, em condições de risco. No início do trabalho eram nove crianças em atendimento, com idades entre cinco e onze anos, cujas queixas principais eram dificuldades de aprendizagem e de relacionamento familiar. No período de janeiro a maio de 1997 foram realizadas dez reuniões quinzenais com o grupo, contando com a presença de cinco participantes em média (amplitude=3 a 10), com duração de duas horas. Os temas mais frequentes estavam relacionados a questões sobre o desenvolvimento da criança, práticas educativas e rede de apoio social à família. Ao todo, participaram 19 famílias, uma vez que ao longo do processo houve evasão de clientes enquanto outros eram incluídos no trabalho. As mães foram a presença mais frequente, relatando dificuldades em exercer controle parental adequado, bem como dificuldades em promover a escolarização de seus filhos. Os resultados indicam que a família, como um sistema, pode ser beneficiada através de trabalhos como este. Implicações metodológicas de intervenção em psicologia podem ser extraídas a partir dos dados, como os efeitos a longo prazo da utilização de instruções na área de educação da criança. (HUBFS, PROEX, UFPA)

-oOo-

SAU 1.10

A INSERÇÃO DO PSICÓLOGO NA REDE PÚBLICA DE SAÚDE DE BRASÍLIA - DF: DESCRIÇÃO GERAL DE DADOS OBTIDOS. *Eliane Maria F. Seidl e Anderson L. Costa Junior*. Universidade de Brasília.

Levantamento de dados junto à rede pública de saúde do Distrito federal apontou para a emergente inserção do psicólogo nesta área e para o fortalecimento da Psicologia da Saúde como campo de geração de conhecimento e de atuação profissional. Este estudo teve por objetivo caracterizar o perfil profissional do psicólogo inserido na rede pública de saúde, incluindo informações relativas a dados demográficos e sociais, formação acadêmica e qualificação profissional, setores de atuação, modos de atuação, nível de satisfação profissional e levantamento de necessidades de treinamento. Efetuou-se levantamento preliminar junto às instituições públicas de saúde, localizando-se os psicólogos e seus locais de atuação. Uma amostra constituída por 46 psicólogos (75% do total identificado) respondeu a um instrumento escrito de pesquisa, desenvolvido em consonância aos objetivos do estudo.

Dados obtidos mostram uma distribuição desigual de psicólogos quanto a dados demográficos e setores de atuação, com 95% de profissionais do sexo feminino e mais de 90% lotados em unidades hospitalares, em nível terciário de atenção à saúde. Observou-se que 34% atuam em saúde mental e 45% têm atuação profissional junto à criança, em especialidades diversas. Os dados apontam para uma ampla variabilidade de abordagens teórico-metodológicas utilizadas pelos profissionais, com predomínio de modelos psicodinâmicos em um terço da amostra, seguidos por modelos cognitivos em um quarto da amostra. Quanto ao modo de atuação, um terço parece atuar com base no denominado modelo clínico tradicional e os demais parecem preferir modelos de atenção integral à saúde. Apesar de 75% da amostra afirmar que pretende continuar atuando em Psicologia da Saúde, 63% percebem a necessidade de treinamento específico para aperfeiçoar sua atuação profissional e 90% observa a existência de temas em Psicologia da Saúde que gostaria de estudar. Embora os dados apontem para uma inserção profissional diversificada, ressalta-se a inexistência de psicólogos em determinados setores da saúde (tais como serviços de atenção primária, pronto-atendimento e Centros de Terapia Intensiva). Discute-se a necessidade do desenvolvimento de estratégias de intervenção que implementem uma atuação sistematizada em Psicologia da Saúde, bem como, que contribuam para o aumento da qualidade da assistência prestada, para a atualização de conhecimento técnico dos psicólogos e para a continuidade do fortalecimento da Psicologia na área da saúde.

-oOo-

SAU 1.11

PRÁTICA DO SEXO SEGURO E A PREVENÇÃO DO HIV/AIDS: LEVANTAMENTO PRELIMINAR. *Eliane M. F. Seidl, Mário Angelo Silva, Ana Flávia Madureira, Ivana de Carvalho, Genay de Oliveira e Valéria Costa*. Universidade de Brasília.

O uso do preservativo para a prevenção da infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis (DST) é uma das principais estratégias para o controle da Aids em nível mundial. Fatores psicossociais associados à adoção deste comportamento preventivo têm sido estudados, visando a difusão do sexo-seguro. Este estudo teve por objetivos: 1. Caracterizar o padrão de uso do preservativo nas relações sexuais (frequência, tipo de parceiro sexual com quem utiliza e motivo para a utilização); 2. Identificar os benefícios/vantagens e barreiras/desvantagens percebidos associados ao uso do preservativo. A amostra foi composta por 46 (quarenta e seis) pessoas que demandaram espontaneamente o ambulatório de assistência a portadores do vírus HIV/Aids, do Hospital Universitário de Brasília (HUB), para obtenção de preservativos gratuitamente. Os sujeitos eram predominantemente pacientes de outras especialidades e funcionários do HUB. Um questionário, com questões abertas e fechadas, foi aplicado mediante entrevista aos integrantes da amostra. A amostra foi composta predominantemente por homens (84,8%), adultos jovens: 47,8% com menos de 30 anos. Quanto à frequência do uso do preservativo nas relações sexuais, 56,5% da amostra relataram utilizar sempre, 34% usaram às vezes e 8,7% nunca haviam usado a camisinha. Prevenção da Aids e/ou DST foi o motivo mais citado para a utilização (47,8%). A metade dos entrevistados referiu usar preservativos com todos os parceiros; 34,8% dos sujeitos utilizaram apenas com aqueles parceiros que não conheciam e/ou não confiavam. Um terço da amostra informou que não usa camisinha com o parceiro fixo. Prevenir a Aids e outras doenças de transmissão sexual foi o benefício/vantagem do preservativo

mais frequentemente mencionado (80,4%). As principais barreiras/desvantagens percebidas quanto à utilização do preservativo foram: desconforto e/ou incômodo (34,7%), redução do prazer e/ou sensibilidade (21,7%) e perda da naturalidade do ato sexual (6,5%). A não percepção de barreira/desvantagem (30,4% da amostra) esteve associada ao uso constante do preservativo nas relações sexuais ($\chi^2=3,6$ $p=0.05$). Não obstante o caráter preliminar do estudo e as limitações de ordem metodológica (amostra reduzida, efeitos referentes à desejabilidade social parecem ter influenciado as respostas dos participantes), os resultados permitem concluir que: 1. a modificação de percepções e crenças, em especial as que se constituem em barreiras ao uso do preservativo, é crucial para a adoção de comportamentos preventivos e para a prática do sexo-seguro; b. a dificuldade quanto ao uso do preservativo nas relações conjugais estáveis, já que a introdução da camisinha parece ameaçar a confiança entre os parceiros.

-oOo-

SAU 1.12

ATIVIDADE FÍSICA E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO EM PACIENTES DIABÉTICOS E HIPERTENSOS. *Eliane Maria Fleury Seidl e Fernando Gonzales Rey* - Universidade de Brasília.

Estudos sobre a relação entre a prática de atividade física e o bem-estar psicológico apontam que exercícios físicos regulares, em especial os aeróbicos, parecem ter efeitos positivos, como redução da ansiedade e da depressão. Este estudo teve por objetivo investigar as características relacionadas ao bem-estar psicológico e aos modos de enfrentamento (*coping*) em relação à enfermidade, antes e após a prática de atividade física orientada. Compuseram a amostra 16 pacientes - 9 hipertensos, 2 diabéticos e 5 nas duas condições - acompanhados em um centro de saúde de Brasília, que aceitaram participar de um programa de atividade física, três vezes por semana, durante 9 meses (março a novembro de 1996). Os aspectos psicológicos foram avaliados mediante entrevista semi-estruturada, pela Escala de Saúde Mental (Mental Health Index) e pela Escala Modos de Enfrentamento (validada por Vitaliano, em 1985), em dois momentos: antes e após o programa de atividade física. A idade dos participantes variou de 40 a 68 anos ($\bar{x}=53$), sendo 14 do sexo feminino e 2 do masculino. A metade dos sujeitos tinha nível superior e 31,3% o 1º grau incompleto; 62,5% viviam com o cônjuge e 37,5% eram separados ou viúvos. O impacto positivo da prática de atividade física em relação ao bem-estar psicológico ficou evidenciado, para a maioria do grupo (87,5%), segundo os relatos obtidos nas entrevistas: redução de sintomas relacionados ao *stress*, socialização e percepção de controle sobre a enfermidade. Observou-se ainda melhoria da adesão aos medicamentos, à dieta e à atividade física praticada de modo independente. No entanto, na avaliação do bem-estar psicológico pela Escala de Saúde Mental, a diferença identificada não foi estatisticamente significativa ($t=-.53$ $p=.6$). Os modos de enfrentamento mais utilizados pelo grupo para lidar com a enfermidade foram focalização no problema (ação direta para lidar com a enfermidade), busca de suporte social, focalização no positivo e religiosidade. Houve redução, no momento 2, dos modos de enfrentamento esquiva e pensamento fantasioso, ambos considerados não adaptativos. Contudo, a diferença das médias dos sub-escores obtidos pelo grupo na Escala Modos de Enfrentamento, nos dois momentos, não teve significância estatística ($t=1.98$; $p=.06$ e $t=.87$; $p=.4$ respectivamente). Os resultados obtidos não permitem concluir quanto ao efeito benéfico da prática regular da atividade física sobre o bem-estar psicológico

dos sujeitos pesquisados, não obstante a constatação do impacto positivo sobre aspectos relacionados ao auto-controle e à adesão ao tratamento, conforme a análise qualitativa decorrente dos dados de entrevista. A redução das estratégias de enfrentamento esquiva e pensamento fantasioso, após a atividade física, são tendências que indicam esforços adaptativos relevantes, voltados para a focalização no problema - a enfermidade - apesar da não significância estatística.

-oOo-

SAU 1.13

PESSOAS CONVIVENDO COM O HIV/AIDS: ASPECTOS DEMOGRÁFICOS E PSICOSSOCIAIS. *Eliane M. F. Seidl, Mário Ângelo Silva, Ana Maria de A. Lima, Denis Naiff, Jacqueline F. de Araújo, Regiane Gomes e Wânia M. Espírito Santo de Carvalho*. Universidade de Brasília.

Estudos sobre a qualidade de vida de pessoas acometidas pela infecção do vírus HIV têm apontado a condição sócio-econômica precária e a existência de atitudes de discriminação e preconceito em relação às pessoas soropositivas. Este estudo objetivou: 1. Descrever o perfil sócio-demográfico e epidemiológico de pessoas portadoras do vírus HIV/AIDS, atendidas no Hospital Universitário de Brasília; 2. Identificar características da rede de apoio social dos pacientes estudados. Informações sobre os pacientes foram coletadas dos registros contidos nos questionários (roteiros de entrevista semi-estruturados), preenchidos para aqueles que iniciaram acompanhamento pela Psicologia e pelo Serviço Social, no período de abril/96 a maio/97. A amostra foi composta por 70 pacientes adultos: 57% homens, sendo que a idade variou de 19 a 60 anos ($\bar{x}=31$ anos); 52% eram assintomáticos e os demais apresentavam quadro de AIDS. A metade tinha o 1º grau incompleto e 63% estavam desempregados ou sem qualquer atividade remunerada, não havendo diferença estatística significativa segundo o sexo, no que se refere à situação sócio-demográfica. As relações heterossexuais foram a principal forma de transmissão (51%), seguidas das homossexuais (18%). Um terço da amostra convive ou conviveu com um ou mais familiares soropositivos (cônjuge e/ou filho). Quanto ao apoio social percebido, 46% referiram a existência de suporte, tanto instrumental quanto afetivo/emocional, dado por amigos e/ou familiares; um quarto da amostra percebeu seu suporte social como muito limitado ou nulo. Reações de discriminação, preconceito ou abandono, de parte de familiares não soropositivos, foram mencionadas por 47% dos pacientes. Os pacientes que percebem-se aceitos e apoiados referiram a existência de suporte social tanto instrumental quanto afetivo-emocional; ao contrário, os que percebem-se rejeitados e discriminados informaram não contar com apoio social de pessoas próximas ($\chi^2=28,6$ $p<.000$). Os resultados parecem indicar uma tendência quanto à redução do preconceito e da discriminação, em especial de parte de pessoas que estão convivendo com soropositivos. O desenvolvimento de ações interdisciplinares, visando reduzir o impacto dos estressores psicossociais mostra-se fundamental para a garantia da qualidade de vida das pessoas soropositivas. Conclui-se ainda que o perfil sócio-demográfico e epidemiológico da amostra estudada está em consonância com a tendência da epidemia no Brasil: heterossexualização, pauperização, aumento de casos junto às mulheres e o avanço da epidemia no contexto familiar.

-oOo-

SAU 1.14

A MULHER E A AIDS: UM ESTUDO BASEADO NA TEORIA DA AÇÃO PLANEJADA. Ana Alayde Saldanha de Lucena e Mardonio Rique Dias. Universidade Federal da Paraíba.

Atualmente, existem 1.500 mulheres infectadas no Brasil e 9.000 no mundo, sendo que calcula-se que 75% destas mulheres são monogâmicas, que por este motivo, acreditam não existir necessidade de prevenção, tornando-se vítima da contaminação. Outro aspecto importante, consiste no fato de que as mensagens veiculadas pela mídia se destinam muito mais às classes sociais média e alta do que ao público em geral, manipulando conteúdos com valores nitidamente dissonantes das crenças comportamentais e normativas da maioria da população brasileira, que é constituída da classe social menos favorecida em termos educacionais e financeiros. O objetivo básico desta pesquisa consiste em fornecer subsídios para uma estratégia preventiva/educativa da AIDS, voltada para as mulheres de classe social baixa, além de testar a capacidade explicativa da Teoria da Ação Planejada, para prever a intenção das mulheres em pedir ao parceiro para usar camisinha todas as vezes que tiverem relações sexuais. A partir de um levantamento de crenças modais salientes, identificadas através de entrevistas com uma amostra de 40 mulheres pertencentes a mesma população a ser pesquisada, foi elaborado um questionário e aplicado a uma nova amostra de 155 respondentes, usuárias de um serviço de saúde do SUS, em João Pessoa-PB, com média de idade igual a 28 anos (DP= 6,87), sendo 64% casadas, podendo ser caracterizadas como de baixa renda (65% tem renda familiar inferior a 3 salários mínimos), baixa escolaridade (72% não completaram o 1º grau) e baixa profissionalização (49% são donas de casa). A análise dos resultados indicou a existência de correlações significativas entre a Intenção Comportamental e as variáveis Crenças Normativas ($r=0,58$ $p<0,001$), Norma Subjetiva ($r=0,44$ $p<0,001$), Percepção de Controle ($r=0,43$ $p<0,001$). Uma análise de regressão múltipla padrão tendo como variável dependente a Intenção Comportamental e como variáveis independentes a Percepção de Controle e as Crenças Normativas, indicou uma quantidade significativa de variância compartilhada ($RM = 0,65$ $R^2 = 0,42$ $F_{(5,148)} = 22,03$ $p<0,001$) entre a variável critério e as variáveis antecedentes. Estes resultados demonstram a validade da teoria da ação planejada para o comportamento e estrato social pesquisados. Esta pesquisa contou com o apoio das CAPES.

-oOo-

SAU 1.15

ADOLESCENTE E A SEXUALIDADE: UM PROGRAMA DE INTERVENÇÃO. Neucidéia Aparecida Silva Colnago (Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto), Maria Benedita Lima Pardo, Alessandra Aparecida Santini Ladvig, Elisângela Maria Machado (Universidade Federal de São Carlos - UFSCar).

Estudos mostram que os adolescentes iniciam sua vida sexual cada vez mais cedo (12 à 15 anos). Além disso, a incidência de DSTs entre adolescentes e o número de gravidez precoce aumentou nos últimos anos. À partir desses dados elaborou-se e aplicou-se um programa de orientação sexual, com os objetivos de instrumentalizar o adolescente sobre seu auto-conhecimento, enfatizando a importância da saúde física e psicológica na prevenção das DSTs. Foram sujeitos deste estudo 30 alunos na faixa etária de 14 à 21 anos, de uma escola da rede pública de São Carlos - S.P. Foram realizados 7 encontros que versaram sobre conceito de saúde, anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor

masculino e feminino, DSTs e auto-conhecimento, utilizando-se diferentes metodologias tais como: dinâmica de grupo, dramatizações, slides com áudio, boneco anatômico e jogos. Para coleta de dados aplicou-se antes de cada tema um questionário (pré-teste) e depois de abordado o assunto aplicou-se o mesmo questionário (pós-teste) para verificar a assimilação dos conteúdos e qual metodologia melhor contribuiu para a aprendizagem. A análise dos dados do pré e pós-teste realizado em cada encontro revelou que no que se refere a transmissão e formas de prevenção das DSTs, no pré-teste 54% dos adolescentes apresentaram um conhecimento adequado. É importante mencionar que a camisinha foi o principal método indicado e o programa procurou enfatizar que existem outros meios de prevenção como a diminuição do número de parceiros. No pós-teste 86% dos alunos responderam corretamente mostrando que a aprendizagem foi satisfatória. Quanto ao conhecimento dos serviços disponíveis e especialidades médicas a quem recorrer em caso de suspeita de contágio verificou-se que no pré-teste apenas 27% dos alunos souberam responder esta questão, enquanto no pós-teste 52% responderam corretamente. As análises dos questionários mostraram que as metodologias auxiliaram na assimilação dos conteúdos abordados, sendo que o boneco anatômico (que os adolescentes puderam manusear) e a dramatização e dinâmica de grupo (onde os alunos puderam se expressar livremente) foram as que melhor fixaram a aprendizagem. As análises permitiram constatar um aumento dos conhecimentos sobre DSTs objetivado pelo programa, bem como a importância de programas dessa natureza para suprir as necessidades dos adolescentes sobre DSTs e a sexualidade. (CNPq)

-oOo-

SAU 1.16

CARACTERIZAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO EMPREGADAS POR INDIVÍDUOS AIDÉTICOS. Ana Paula Martinez, Cinthia A. Piccinato, Ludmila P. Puntel, Mariana L. Garcia, Maria Amélia Almeida e Maria Benedita Lima Pardo. Universidade Federal de São Carlos.

O presente estudo teve como objetivo caracterizar as estratégias de enfrentamento empregadas por indivíduos aidéticos, visando desenvolver técnicas terapêuticas que possibilitem a aprendizagem de enfrentamentos construtivos.

Participaram da pesquisa 26 indivíduos aidéticos, sendo 15 homens e 11 mulheres de classe social baixa, atendidos na unidade especial do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, de Ribeirão Preto.

Os dados foram coletadas através de uma entrevista semi-estruturada, elaborada a partir de questões relacionadas à representação da doença e seu enfrentamento pelos aidéticos, e apresentavam os seguintes temas; 1 *Contaminação e reação ao diagnóstico*, 2 *Relacionamento familiar e sexual* e 3 *O conviver com o vírus HIV*. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo de acordo com os temas propostos na entrevista, sendo que o tema 3 referente ao convívio com o HIV foi categorizado de acordo com os seguintes tipos de enfrentamento; focalizado na apreciação, focalizado no problema, focalizado na emoção e fisiologicamente focalizado..

Os resultados demonstraram que a maioria dos contaminados encontram-se na faixa etária de 21 a 40 anos, apresentando semelhança na proporção entre mulheres e homens contaminados, sendo que 60% deles relataram ter sido contaminados através de relações sexuais, 20% através de drogas e 20% não souberam in-

formar a forma de contágio. Quanto ao relacionamento familiar e sexual a maioria relatou continuar recebendo um relativo apoio da família e os que se apresentavam em estágio menos avançado do desenvolvimento da doença relataram que mantinham vida sexual ativa e usavam preservativo. Com relação as formas de enfrentamento, 34% dos entrevistados apresentaram relatos que foram classificados como focalizados na emoção, enquanto que 20% apresentaram relatos de enfrentamento focalizado no problema, e cerca de 30% apresentaram relatos de enfrentamento focalizado concomitantemente na apreciação e fisiologicamente focalizado. Quanto aos demais entrevistados, cerca de 16%, não foi possível classificar os tipos de enfrentamento.

O estudo indicou que alguns indivíduos mudam de fase de enfrentamento e que muitas variáveis parecem estar concorrendo para tais mudanças.

-oOo-

SAU 1.17

MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: CORPO GRAVÍDICO E PUERPERAL *Edna Maria Severino Peters Kahhale** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Universidade de São Paulo; *Déborah Moss***; *Paula Regina Arruda Temperini****; *Ingrid Luciana Francischetti Ferreira *** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); *Marcelo Zugaib* (Universidade Estadual Paulista) e *Mathilde Neder* (Universidade de São Paulo).

Este trabalho integra-se às atividades do NEAd/Faculdade de Psicologia da PUCSP, da Clínica Obstétrica da F.M.U.S.P. e da Divisão de Psicologia do H.C.F.M.U.S.P. A gravidez é uma fase do desenvolvimento da mulher: implicando uma série de mudanças tanto a nível corporal, fisiológico como afetivo, relacional. O mesmo processo ocorre com a adolescência que redimensiona não só o indivíduo, como todo o meio e familiares ao seu redor. Pensar na gravidez da adolescente é pensar nestes dois processos ocorrendo juntos. O presente trabalho estudou o corpo gravídico puerperal de adolescentes. Os dados foram coletados no Ambulatório de Obstetrícia; fez-se 41 entrevistas individuais semi-estruturadas durante o pré-natal e no puerpério, onde se investigava dados sociais e corporais. Os resultados indicam que 80,49% encontravam-se entre 15-17 anos; 78,05% viviam maritalmente, sendo 9,76% casadas legalmente; 53,66% moravam com suas famílias; 21,95% cursaram até o 2º. grau incompleto e 63,41% entre a 5ª. e 8ª. séries do 1º. grau. 36,58% das adolescentes continuavam frequentando a escola após engravidarem, sendo que 21,95% abandonaram a escola devido a sintomas gravídicos. 75,61% não apresentavam nenhuma sintomatologia, mas 92,68% identificavam mudanças corporais (mama, barriga, cintura), alterações emocionais (78,05%) e no desejo sexual (65,85%). 41,46% avaliavam seu corpo gravídico como mais feio do que o pré-gravídico e não se encontrou relação desta avaliação com as alterações do desejo sexual; nem deste com o significado atribuído ao movimentos fetais. 21,95% não relataram nenhum medo específico durante a gravidez, 31,71% relataram medo do parto. Com relação ao parto consideraram bom ou melhor do que imaginavam, 80,49% relataram ser doloroso independente da tensão sentida; 48,78% relataram uma "sensação de vazio" no pós-parto imediato, sendo que destas, 53,66% relataram ser agradável a amamentação apesar de sentirem dor nos mamilos. Conclui-se que o corpo gravídico puerperal da adolescente não a difere da mulher adulta.

-oOo-

SAU 1.18

MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA: CORPO E SEXUALIDADE PRÉ-GRAVÍDICA. *Edna Maria Severino Peters Kahhale** (PUCSP e DIPHC/USP); *Ingrid Luciana Francischetti Ferreira***; *Déborah Moss***; *Paula Regina Arruda Temperini*** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo); *Marcelo Zugaib* (Universidade de São Paulo) e *Mathilde Neder* (DIPHC/Universidade de São Paulo).

Este trabalho integra-se às atividades do NEAd/Faculdade de Psicologia da PUCSP, da Clínica Obstétrica da F.M.U.S.P. e da Divisão de Psicologia do H.C.F.M.U.S.P. A gravidez é uma fase do desenvolvimento da mulher: implicando uma série de mudanças tanto a nível corporal, fisiológico como afetivo, relacional. O mesmo processo ocorre com a adolescência que redimensiona não só o indivíduo, como todo o meio e familiares ao seu redor. Pensar na gravidez da adolescente é pensar nestes dois processos ocorrendo juntos. O presente trabalho estudou o desenvolvimento da imagem corporal e da sexualidade da adolescente antes da gravidez. Os dados foram coletados no Ambulatório de Obstetrícia; fez-se 41 entrevistas individuais semi-estruturadas durante o pré-natal, onde se investigava dados sociais, corporais e de sexualidade. Os resultados indicam que 80,49% encontravam-se entre 15-17 anos; 78,05% viviam maritalmente, sendo 9,76% casadas legalmente; 53,66% moravam com suas famílias; 21,95% cursaram até o 2º. grau incompleto e 63,41% entre a 5ª. e 8ª. séries do 1º. grau. Quanto ao domínio corporal 80,49% sabiam o que era menstruação antes da menarca, sendo que destas 65,85% foram informadas pela mãe. 70,73% utilizaram a atraso menstrual para identificar sua gravidez; no entanto, em 17,07% a identificação foi feita por familiares (mãe, irmãs, tias), apesar de que a maioria destas estavam entre 15-17 anos. 92,68% não se masturbavam apesar de saberem dizer o que é masturbação (65,85%). Quanto ao desenvolvimento da sexualidade 70,73% engravidaram do primeiro parceiro sexual, mantendo um relacionamento que variava de um ano e meio a quatro anos (56,1%); somente 4,63% mantinham um namoro com duração de até 6 meses. 14,63% consideraram precoce o início da atividade sexual genital; 51,22% sentiram dor nas 1as. relações mas gostaram. Era o rapaz (60,98%) que, em geral, tomava a iniciativa para o início da atividade sexual genital, sendo que 65,85% das adolescentes identificavam sua necessidade sexual e avaliavam, como agradável, a intimidade sexual; no entanto, 24,39% não identificavam sua necessidade sexual e engajavam-se na intimidade sexual genital para responderem à necessidade masculina. 48,78% relataram sentir orgasmo. Concluindo, estas adolescentes apresentavam dificuldades para lidar com o corpo sexuado feminino, engajando-se em namoros que tendem à estabilidade com a constituição de família ao engravidarem. Não se utilizam dos recursos que outros grupos de adolescentes fazem uso para desenvolverem sua sexualidade e identidade sexual, tais como "ficar" e "rolo", restringindo o conhecimento do seu corpo à intimidade sexual genital e respondendo às demandas masculinas.

-oOo-

SAU 1.19

LEVANTAMENTO DAS PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES DE MÃES COM SEUS BEBÊS NAS PRIMEIRAS SEMANAS PÓS-PARTO: ESTUDO EXPLORATÓRIO. *Alessandra A. S. Ladvig, Helen B. Wolf, Heloísa S. Menezes, Paulo Guilhardi, Maria Améli Almeida e Maria Benedita Lima Pardo.* Universidade Federal de São Carlos.

Visando subsidiar a implantação de um futuro serviço de psicologia gestacional, este estudo foi realizado com os objetivos de: identificar as principais preocupações das mães em relação aos bebês nas primeiras semanas pós-parto; analisar a possível influência das variáveis sócio econômica e experiência prévia de parto que poderiam interferir nas preocupações das mães em sua interação com o bebê. Participaram do estudo 27 mães, das quais parte delas, que estavam internas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), responderam ao questionário na Maternidade de São Carlos e a outra parte em sua própria residência. As informações foram obtidas através de questionários, divididos em 7 categorias com 10 itens cada categoria. As respostas aos questionários foram categorizadas comparando-se as principais preocupações das mães em função da classe sócio-econômica e experiência prévia de parto. Os resultados indicaram que os itens das categorias, problemas orgânicos (2) e acidentes (5) foram os que apresentaram de uma maneira geral, mais preocupações por parte das mães. Não demonstrou-se padrões constantes de preocupações nas diferentes áreas abrangidas pelo questionário, com relação às classes sócio-econômica e experiência de parto. Isso pode ter ocorrido pelo fato de o estudo ter um número restrito de participantes. Em razão disso, seria interessante uma replicação do estudo com um maior número de participantes. Os resultados encontrados poderão ser utilizados como base para o desenvolvimento de um modelo de intervenção mais direcionada as principais preocupações das mães, com o objetivo de minimizar possíveis conflitos existente em sua interação com o bebê no período pós-parto.

-oOo-

SAU 1.20

INFLUÊNCIA DAS AULAS EM LEITO SOBRE A AUTO-ESTIMA DO PACIENTE HOSPITALIZADO. *Marcelo Martinatti, Milena Vasques Casati.* Universidade Católica de Santos.

A situação de hospitalização constitui-se num período de ansiedade e despersonalização para o indivíduo internado. Num hospital escola, este fator se agrava considerando o elevado número de pessoas que assistem ao paciente. O presente trabalho teve por objetivo investigar as influências da prática médica de aulas em leito sobre a auto-estima do paciente internado. Os dados foram coletados nas enfermarias de Clínica Médica e Cirúrgica do Hospital Guilherme Álvaro, instituição pública de referência na Baixada Santista ao atendimento a pacientes do S.U.S., caracterizada por ser um hospital escola. A amostragem foi constituída de 23 sujeitos, de ambos os sexos, com idade variável entre 15 e 71 anos, apresentando patologias variadas, internados no período de 03 a 13/12/1996. Para a coleta de dados foi elaborado um roteiro com perguntas abertas que se referiam à concepção destes pacientes acerca das aulas em leito, e à maneira como sentiam-se diante de tal situação, sendo as respostas agrupadas em categorias construídas por similaridade de significados. Analisando os resultados obtidos, no que diz respeito ao que acham das aulas (aspecto racional), 78% da amostragem apresentou respostas com valoração positiva, vinculadas a conteúdos informativos (aprendem com elas); aprendizagem profissional (ajudam na formação acadêmica); segurança (confiam mais na equipe) e maior atenção (identificando melhor tratamento). Já 22% dos pacientes relataram não entender as discussões, considerando-as sem significância, o que caracteriza uma valoração negativa ao procedimento. Com relação à maneira como sentiam-se na situação (aspecto emocional), 65% das respostas apresentaram valoração positiva, vinculadas aos mesmos aspectos mencionados, pois os pacientes

percebiam-se recebendo maiores cuidados, mais informados e seguros. Contudo, para 13% da amostragem, por representar um fator ansiogênico, as respostas adquiriram valoração negativa; e 22% mostrou-se indiferentes às aulas. Concluímos que, na maioria dos casos, a prática médica de aulas em leito tem uma influência positiva sobre a auto-estima do paciente internado nas enfermarias de Clínica Médica e Cirúrgica, basicamente por dois aspectos: a) em função das trocas de informações e discussões durante as aulas, sentem-se mais informados sobre seu quadro clínico e condutas médicas, tornando-se seguros e menos ansiosos com relação a internação e procedimentos; b) sentindo-se responsáveis e importantes, à medida em que colaboram com a formação profissional de diversos indivíduos, mostram-se mais ativos em seu processo de recuperação. Estes dados apontam ainda para reflexão acerca da adequação ou não de tal procedimento, bem como possíveis modificações na estruturação do mesmo.

-oOo-

SAU 1.21

FATORES PSICOSSOCIAIS E DESGASTE DOS DENTES. *A. M Monteiro da Silva* (Universidade Gama Filho), *K W Hemmings, D. A. Oakley, H N Newman e S. Watkins.* (University College London, UK).

O desgaste patológico dos dentes é freqüentemente associado com o bruxismo que, por sua vez, parece ser influenciado por fatores psicossociais. Este estudo investigou possíveis relacionamentos de um número de fatores psicossociais (estresse percebido total e médio, estado e traço de ansiedade) com o desgaste patológico dos dentes. A significância dos fatores psicossociais foi avaliada através da comparação de dois grupos: 45 pacientes com desgaste dos dentes com um componente de atrito clinicamente significativo (grupo de atrito: GA) com 45 pacientes pertencentes ao grupo de controle (GC). O GA apresentava as facetas oclusivas em oposição relacionadas com movimentos de excursão da mandíbula. Os pacientes do GA foram aconselhados a usar uma placa de mordida para proteger do bruxismo. Os controles eram pacientes sem desgaste significativo dos dentes, recebendo outras modalidades de tratamento odontológico. Os grupos foram emparelhados em relação ao gênero (57,8% eram mulheres e 42,2% homens) e à idade. As médias e os desvios padrões da idade em anos para o GA e o GC foram 39,6 (+ 10,70) e 39,5 (+ 10,73), respectivamente. Os sujeitos responderam a uma escala de estresse (*Modifers and Perceived Stress Scale*, Linn 1986) e ao Inventário de Ansiedade Traço-Estado (Spielberger et al. 1970). Uma análise da variância multivariada entre grupos indicou que os dois grupos não diferiram significativamente nos fatores psicossociais combinados, $F(4, 85) = 1,16, p > 0,05$. No entanto, a análise da variância univariada mostrou que o GA apresentou significativamente mais traço de ansiedade do que o GC. Uma pesquisa adicional é indicada para clarificar a importância do traço de ansiedade e outros fatores psicossociais na progressão do desgaste dos dentes com um componente significativo de atrito. (A. M. Monteiro da Silva, CAPES)

-oOo-

SAU 1.22

FATORES PSICOSSOCIAIS E PERIODONTITE RAPIDAMENTE PROGRESSIVA. *A. M Monteiro da Silva* (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), *D. A. Oakley, H. N. Newman, F. S. Nohl e H. M. Lloyd* (University College London).

Com base em observações clínicas, alguns periodontistas têm sugerido uma associação de fatores psicossociais com a periodontite rapidamente progressiva (PRP). Este estudo investigou, mais formalmente, possíveis associações de fatores psicossociais relevantes (número de estressores durante os últimos 12 meses, estresse percebido total e médio, suporte social total e médio, depressão, solidão, somatização e traço de ansiedade) com a PRP. A significância das variáveis psicossociais foi avaliada através da comparação de 3 grupos: 50 pacientes com PRP (GPRP), 50 pacientes com a forma comum da doença, periodontite de adulto (GPA), e 50 pacientes sem destruição periodontal significativa (grupo de controle, GC). Uma análise multivariada de covariância entre grupos indicou que os três grupos diferiram significativamente quanto às variáveis psicossociais combinadas: $F(20,266) = 2,22$, $p=0,002$. Dois fatores psicossociais - depressão e solidão - foram significativos na distinção entre os grupos: $F(2,142)=5,54$, $p=0,005$ e $F(2,142)=7,52$, $p=0,001$, respectivamente. O GPRP apresentou significativamente mais depressão, quando comparado com o GPA e o GC: $t(148)=2,30$, $p=0,003$ e $t(148)=2,47$, $p=0,02$, respectivamente. O GPRP também relatou significativamente mais solidão do que o GPA e do que o GC: $t(148)=3,35$, $p=0,001$ e $t(148)=3,06$, $p=0,003$, respectivamente. Uma pesquisa adicional faz-se necessária para clarificar a relevância destas diferenças psicossociais na progressão da PRP.

-oOo-

SAU 1.23

ESTUDO DA INTERAÇÃO CIRURGIÃO-DENTISTA Vs PACIENTE ESPECIAL VISANDO A CAPACITAÇÃO DO PROFISSIONAL. *Maria Elisabeth S. Caetano, Ana Maria Torezan (UNICAMP), Antonio Bento A. de Moraes (UNICAMP).*

Em suas práticas diárias observa-se que o cirurgião-dentista (CD) muitas vezes vê-se impotente frente a um paciente especial por ter dificuldades em entender e manejar comportamentos que dificultam o atendimento odontológico. Esta situação nos remete a questão da formação desse profissional onde verifica-se ênfase na formação clínica. Este trabalho pretende capacitar o CD para a realização do tratamento ensinando-o, através de sessões de gravações em vídeo-tape (VT), a utilizar estratégias não-aversivas de manejo de comportamento (distração, terapia do brinquedo e reforçamento diferencial). Este estudo está sendo realizado no Centro de Pesquisa e Atendimento Odontológico para Pacientes Especiais - Cepae - FOP - UNICAMP e participam uma CD, um auxiliar, o paciente, o acompanhante e a pesquisadora. Foi planejado o atendimento de 06 pacientes utilizando-se delineamento de linha de base múltipla. Os atendimentos são semanais com, aproximadamente, 90 minutos cada, gravados em fitas de VT e feito registros de observação onde dois observadores independentes observam o comportamento do paciente (comportamento disruptivo, movimento de corpo e cabeça, choro, reclamações, etc.) e do CD (contenção física, repreensão, conversa, canta, elogia, explica e tranquiliza), anotam em uma folha de registro, em intervalos fixos de 15 segundos. Entre uma sessão de atendimen-

to e outra é realizada uma sessão de VT, onde a pesquisadora e a CD assistem juntas a sessão anterior, discutem as práticas realizadas e determinam os procedimentos clínicos e comportamentais a serem adotados na sessão seguinte. Até o momento foram realizadas 18 sessões de atendimento, 16 sessões de VT e concluído o tratamento odontológico de dois pacientes. Das 18 sessões, 94.45% foram realizadas através de estratégias não-aversivas e 5.55% com contenção física. Estes primeiros resultados demonstram que parece ser possível capacitar o CD a lidar com os aspectos psicológicos e comportamentais do paciente e, assim, realizar o atendimento odontológico. Por outro lado, o Cepae como pioneiro em pesquisas comportamentais na área da Odontologia parece caminhar para a consecução de seus objetivos. (FAPESP)

-oOo-

SAU 1.24

ESTRATÉGIAS NÃO-AVERSIVAS NO CONTROLE DO COMPORTAMENTO DE PACIENTES NÃO-COLABORADORES. *Rosana de Fátima Possobon, Maria Elisabeth Salvador Caetano e Antonio Bento Alves de Moraes. (Cepae-FOP-UNICAMP)*

Estima-se que 22% das crianças apresentam comportamentos de não-colaboração frente ao tratamento odontológico. Assim, parece ser fundamental o treino das habilidades de manejo desses comportamentos pelos odontopediatras. Na situação odontológica, o manejo do comportamento pode ser feito por meio de estratégias comportamentais não-aversivas (distração, reforçamento positivo, terapia do brinquedo, etc.), aversivas (contenção física) ou intervenção farmacológica (sedação). As estratégias aversivas e farmacológicas são usadas pelos clínicos com maior frequência, mas mudanças nos padrões ético-legais têm feito muitos dentistas hesitarem quanto ao uso dessas estratégias. Este trabalho tem por objetivo demonstrar a eficácia de estratégias não-aversivas de controle do comportamento, que podem ser inseridas na rotina do consultório e aplicadas concomitantemente aos procedimentos clínicos, sem aumentar o custo ou o tempo de tratamento. Apresentamos o tratamento de um paciente com 4 anos de idade, que apresentava choro, grito, vômito, recusa em sentar-se à cadeira odontológica e movimentos de corpo e cabeça, e necessitava de tratamento preventivo e curativo. O tratamento foi realizado em 6 sessões, no Laboratório de Psicologia Aplicada do Cepae - FOP-UNICAMP. As sessões foram filmadas em Vídeo Tape, observadas pela psicóloga e por outro observador, que anotavam os comportamentos emitidos pelo CD e pelo paciente, em intervalos fixos de 15 segundos. Entre as sessões, foram realizadas sessões de VT, na qual a psicóloga identificava as condutas não funcionais do CD e selecionavam juntos estratégias alternativas e planejavam a sessão seguinte com base nos resultados obtidos na sessão anterior. O tratamento foi concluído com o paciente colaborando em mais de 80% do tempo total das sessões. Entretanto, o uso de estratégias aversivas ainda é um recurso eventualmente indispensável para o manejo do comportamento da criança em situação odontológica.

-oOo-

PSICOLOGIA SOCIAL

SOC 1.01

VARIÁVEIS FAVORECEDORAS AO AVANÇO DO SINAL VERMELHO NOS CRUZAMENTOS DE BELÉM. *João Bosco de Assis Rocha e Kátia Malena Cunha Almeida.* Universidade Federal do Pará.

O desrespeito ao sinal vermelho ocorre com certa frequência nas cidades brasileiras, ocasionando muitas vezes acidentes fatais ou deixando sequelas irreversíveis na população. As violações das regras de trânsito, incluindo o avanço do sinal vermelho, são praticadas num clima de impunidade reinante no Brasil, que parece incentivar comportamentos incorretos. Para entender quais fatores favorecem a prática indesejável do avanço do sinal, o presente estudo foi desenvolvido em quatro cruzamentos de Belém, onde a visibilidade do motorista, em relação à via que interferia com a sua, variava de “difícil” a “boa”. Todas as vias selecionadas eram de tráfego intenso, nas quais foram observados 32.698 veículos, em oito turnos matutinos e vespertinos, de três horas cada. Destes, 585 avançaram o sinal. Um pesquisador munido de contador manual e cronômetro registrava o fluxo de veículos da via observada e o outro encarregava-se de registrar os avanços de sinal, bem como o sexo do condutor e a categoria do veículo. Foi considerado como critério para padronizar o avanço do sinal somente aqueles veículos que cruzavam totalmente a via interceptadora. Tal padronização tornou-se necessária, pois inúmeros posicionamentos incorretos ocorriam, como parar além ou em cima da faixa de pedestres e o desrespeito ao sinal amarelo, mas não eram considerados como avanço, embora sejam infrações e ofereçam riscos. Estes abusos merecem pesquisas à parte. Nos cruzamentos A e B, de difícil visibilidade, houve poucos avanços, apresentando percentuais bem próximos, 4,27% e 4,44%; no cruzamento C, de média visibilidade, também o avanço foi pequeno, 4,10%, mas no cruzamento D, considerado de boa visibilidade, atingiu 87,18%, percentual que demonstrou ser a variável visibilidade a mais plausível para estimular o referido comportamento. Também no cruzamento D verificaram-se comportamentos bem distintos daqueles observados em A, B, e C, ou seja, mais frequentemente os veículos aguardavam a abertura do sinal antes da faixa de pedestres ou avançavam decididamente. Supõe-se que a facilitação da visibilidade favoreça a tomada de decisão para o avanço do sinal bem antes do cruzamento. Concluiu-se também que o condutor masculino e os veículos particulares desrespeitam mais o sinal vermelho. Adicionalmente observou-se que outro fator também estimulante ao avanço do sinal, além da visibilidade, possivelmente, seja o tempo de duração do sinal amarelo. Nos cruzamentos onde as observações foram realizadas sua duração chega a 11 segundos, contrariando o recomendado de 4 segundos. (UFPA.)

-oOo-

SOC 1.02

COMPORTAMENTOS DE PEDESTRES DURANTE A TRAVESSIA DE VIAS SINALIZADAS, EM BELÉM-PA. *Cláudia Aline S. Monteiro, Cezar R. de A. Quaresma e Reinier J. A. Rozestraten.* Universidade Federal do Pará.

Em 1995, do total de mortos, em acidentes de trânsito, em Belém, 89% foram vítimas de atropelamento. E em 1996, a situação não melhorou. Percebe-se que a maior vítima do caótico trânsito desta cidade é o pedestre. Assim, esta pesquisa objetivou confirmar ou refutar a hipótese, baseada na tendência do senso comum de culpar a vítima, de que o pedestre, ao atravessar uma via, emite

comportamentos não condizentes, em sua maioria, com as regras de segurança de trânsito. As variáveis independentes (VI) consideradas foram sexo, faixa etária e tipos de vias. O método de coleta de dados foi a observação sistemática em campo. A amostra observada foi de 1459 pedestres, subdividida por faixa etária (criança, adolescente, adulto e idoso) e por sexo (homem e mulher). O material utilizado foi uma ficha de registro, elaborada pela própria equipe. Foram realizadas 36 observações, de uma hora cada, sempre pela manhã, em 09 vias diferentes, 03 para cada um dos tipos de vias considerados, durante 09 dias. Os comportamentos observados foram classificados em 06 categorias comportamentais, comuns durante travessias. A análise dos resultados foi, primeiramente, qualitativa, ao categorizar os comportamentos mais frequentes durante a travessia de vias sinalizadas, e, ao final, quantitativa, observando os mais frequentes. Os resultados mostraram que, a maioria dos pedestres (por volta de 60%) emite comportamentos condizentes com as regras de segurança de trânsito, o que refuta a hipótese preliminar. Por outro lado, deve-se considerar que o restante (por volta de 40%) dos pedestres ainda atravessa de forma insegura, mesmo em vias sinalizadas. Observou-se ainda que, houve diferença entre os comportamentos de homens e mulheres, uma vez que estas últimas mostraram-se mais prudentes. As diferenças percebidas entre as diversas faixas etárias observadas não foram muito significativas. Os comportamentos mais inadequadamente emitidos pertencem às categorias comportamentais “olhar antes” e “olhar durante” a travessia, onde os pedestres olhavam quase que somente para os carros, e não para os dois lados, que seria o mais correto a fazer. Isto sugeriu uma falta de confiança, por parte dos pedestres, de que a sinalização semafórica será respeitada pelos motoristas. Deste modo, concluiu-se que é importante educar para o trânsito a população (motoristas e pedestres); mas, fazer cumprir a legislação e punir os infratores, quando necessário, também são caminhos imprescindíveis e eficazes para salvar vidas no trânsito. (CAPES)

-oOo-

SOC 1.03

ANÁLISE DAS CATEGORIAS E ATIVIDADES DE LAZER EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Luiz Fernando de Lara Campos, Walmor de A. N. Largura, Rosângela De Sordi Afonso e Vânia F. Vieira* (Universidade São Francisco).

A atividade de lazer é um dos principais elementos para o equilíbrio psicológico e orgânico dos indivíduos, mas que muitas vezes, pode ser abandonada ou relegada em função da necessidade de se conciliar estudo e trabalho. Deste modo, a meta do presente estudo foi avaliar as principais fontes de lazer em estudantes universitários do curso de Engenharia. Foram sujeitos, 1107 alunos dos cursos de Engenharia Civil, Mecânica, Elétrica, Computação, Análise de Sistema de uma I. E. S. privada do Estado de São Paulo. Dado ao número de sujeitos, optou-se como material pela criação de um banco de dados em ACCESS 2.0 com máscaras de entradas dos dados programadas em VISUAL BASIC. O instrumento contido neste programa foi composto por 70 questões versando sobre a formação do sujeito, características sociais e econômicas, expectativas e opiniões sobre seu curso, entre outras áreas. O conteúdo foi previamente testado em forma de questionário junto a um grupo de seis estudantes das mesmas áreas de outras I. E. S.. O procedimento baseou-se na resposta às questões do banco de dados durante aula de informática, sendo que o período de coleta foi de três meses. Das 70 questões iniciais, selecio-

nou-se duas para o presente trabalho. Os dados apontam para uma maior tendência dos sujeitos em buscar lazer através de atividades desportivas (26, 17%), intelectuais (14, 86%) e contemplativas (12, 76%). Os resultados permitem avaliar que as atividades de lazer dos sujeitos tendem a ser individuais, exceto quando dos esportes coletivos. Não foram encontradas categorias de lazer relativas à vida universitária, indicando maior necessidade de oferecimento de oportunidades de lazer na própria instituição.

-oOo-

SOC 1.04

CRENÇAS SOBRE SEXUALIDADE E COMPORTAMENTO SEXUAL DE ADOLESCENTES. *Marilia Ferreira Dela Coleta, Lilian Pereira de Medeiros, Liliane dos Guimarães A. Nunes e Viviane Prado Buiatti.* Universidade Federal de Uberlândia.

Este estudo foi planejado com o objetivo de levantar crenças e comportamentos relativos à sexualidade, visando a definição de estratégias e conteúdos de um curso experimental de educação sexual. Participaram 202 adolescentes, na faixa etária de 11 a 18 anos, estudantes de três escolas da rede pública e particular de Uberlândia, que responderam por escrito a um conjunto de 74 itens, relativos a dados biográficos, questões sobre comportamento sexual e contraceptivo, e um conjunto de afirmações que compunham o "Questionário sobre Sexualidade", referentes à métodos anticoncepcionais, menstruação, prostituição, relações hetero, homo e bissexuais, gravidez, masturbação e doenças sexualmente transmissíveis. As análises constaram de frequência das respostas, índice de acerto no questionário, correlação entre variáveis biográficas e o escore no questionário, análises de variância e testes qui-quadrado. Os resultados mostraram que os adolescentes apresentam crenças errôneas ou mesmo ignorância a respeito de diversos aspectos da sexualidade, bem como sobre os métodos contraceptivos e a forma de sua utilização. Relações sexuais já tinham sido experienciadas por 32% da amostra, sendo a maioria destes do sexo masculino. Observou-se o início precoce da atividade sexual (M=13 anos) envolvendo um parceiro mais velho (M=16) e a falta de controle sobre a possibilidade de gravidez ou de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis, tanto na primeira relação sexual quanto nas subsequentes. Maior índice de acerto se refere às questões sobre AIDS (80 a 90%), cuja informação tem sido melhor difundida através dos meios de comunicação.

Foram identificadas as principais dúvidas e crenças erradas, em geral referentes ao prazer e a comportamentos contraceptivos (14 a 30% de acerto). Não houve diferença significativa entre as médias das notas no Questionário sobre Sexualidade, relativas ao tipo de escola, sexo e experiência sexual do sujeito ou profissão dos pais. Entretanto, as notas no questionário correlacionaram-se significativamente e positivamente com a idade atual, o nível de escolaridade e a idade em que o adolescente teve a primeira relação sexual. Os resultados sugerem a importância do conhecimento geral e específico sobre sexualidade na decisão de iniciar a atividade sexual envolvendo um parceiro. A identificação das falhas informacionais permitiu a sugestão de um programa de orientação sexual utilizando-se conteúdos e técnicas adequados ao grupo estudado. (CNPq)

-oOo-

SOC 1.05

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO ENTRE ADOLESCENTES: GÊNERO E INSERÇÃO SOCIAL. *Zeidi Araujo Trindade e Priscilla de Oliveira Martins.* Universidade Federal do Espírito Santo.

O trabalho é considerado como um dos aspectos mais importante da vida dos indivíduos e das sociedades. Para os indivíduos porque, além dos fatores valorativos, a relação com o trabalho ocupa a maior parte de suas vidas; para as sociedades porque é através dele que estas são construídas. Pela sua importância, o trabalho tem sido estudado e discutido a partir de diferentes referenciais teóricos e ideológicos, produzindo uma diversidade de concepções: filosóficas, religiosas, sociológicas e econômicas. Considerando a sua relevância para a formação do cidadão, esta pesquisa teve por objetivo identificar os elementos da representação social do trabalho em adolescentes de diferentes inserções sociais, investigando também algumas profissões e considerando o gênero como variável de interesse. Foram aplicados questionários em 100 adolescentes da Grande Vitória/ES, 50 estudantes de uma escola particular considerada de classe média alta (Grupo A) e 50 estudantes de uma escola pública de um bairro popular (Grupo B). Cada sub-grupo foi composto por 25 meninos e 25 meninas, com idade variando entre 14 e 17 anos. Na análise dos dados foram considerados elementos do contexto, como escolaridade dos pais e obrigações cotidianas, e construídas categorias para as respostas que apontavam elementos da representação social do trabalho. Como era esperado, os resultados mostraram diferenças significativas com relação à escolaridade dos pais: enquanto no Grupo A 70% dos pais possuem nível superior, o mesmo ocorre com apenas 2% dos pais do Grupo B. Os dados sobre as responsabilidades que assumem em casa mostram diferenças de gênero: nos dois grupos as meninas relataram, com maior frequência, assumir obrigações domésticas (Grupo B=88% e Grupo A=36%); entre os meninos a ordem permanece a mesma, porém com frequências inferiores (Grupo B=52% e Grupo A=28%). As expressivas diferenças entre os grupos apontam também o efeito da inserção social. Foi possível identificar 16 elementos da representação social do trabalho, sendo que nos 4 subgrupos os mais frequentes foram Responsabilidade/Compromisso e Dinheiro/Riqueza, mas só os adolescentes do Grupo B se referiram a Segurança. Com relação às profissões, percebe-se ainda a existência do estereótipo de "profissões masculinas" e "profissões femininas", nos dois grupos, contribuindo para a reprodução das diferenças de gênero e estabelecendo limites para a futura opção profissional. Os dados apontam a participação de diversos elementos na construção da representação do trabalho, o que é consistente com a diversidade de concepções socialmente transmitidas e com as condições de produção das representações.

-oOo-

SOC 1.06

EXPERIÊNCIA E VIDA COTIDIANA: UM ESTUDO INTERGERACIONAL DAS CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA. *Helerina A. Novo.* Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento. *Fabiana P. Ramos, Denise C. Goldner e Lissana N. da Costa.* Universidade Federal do Espírito Santo.

A temática da violência tornou-se, nos últimos anos, um assunto de destaque, não somente no meio acadêmicos e no debate das políticas públicas, mas sobretudo ganhou presença marcante nas conversações diárias que as pessoas mantêm nos diferentes ambientes em que circulam. Os meios de comunicação, bem como

outros meios de difusão de idéias entre os diferentes grupos sociais, têm contribuído para a formação de visões bastante diferenciadas no conjunto da sociedade. Observamos que a violência, para além de suas implicações objetivas na vida social, ganhou uma natureza de espetáculo, que atravessa, de diferentes formas, a maneira como as pessoas lidam com os diversos aspectos de sua vida cotidiana. Essa visibilidade da violência tem reflexos na vida social, preocupação esta que orienta a presente pesquisa. Buscou-se descrever e analisar as concepções de violência e a avaliação da experiência, direta ou indireta, com situações consideradas violentas, em sujeitos de classe média, pertencentes a três gerações de uma mesma família, residentes na Grande Vitória/ES. A partir das representações emergentes nos discursos dos sujeitos, buscamos analisar as significações que orientam a forma como estes lidam com o seu cotidiano. A coleta dos dados foi feita através de entrevistas semi-dirigidas, com questões abertas, realizadas com 83 pessoas: 27 jovens universitários, de ambos os sexos, um dos pais e um dos avós. As entrevistas gravadas e transcritas e os dados, assim obtidos, foram submetidos a uma análise de conteúdo. Os resultados gerais mostram que, independente da geração que se considere, a violência é definida como qualquer tipo de agressão. Entretanto, entre sujeitos da 1ª geração (avós), observa-se uma associação bastante frequente com a idéia de maldade intrínseca ao sujeito que a pratica, em contraposição a uma concepção de violência centrada na relação entre pessoas e situações, como encontramos entre os sujeitos da 2ª e 3ª geração. Ainda que nem todos os sujeitos relatem experiências pessoais com situações consideradas violentas, a maior parte dos fatos exemplificados referem-se à práticas violentas de natureza criminal (roubos, assassinatos, etc.). No aspecto das causas/soluções, é importante observar que, embora entre os jovens os fatores sócio-econômicos sejam ressaltados como determinantes da violência, as medidas repressivas são aquelas apontadas com maior frequência como forma de diminuir sua incidência (enquanto na 1ª geração, tanto as 'causas' quanto as 'soluções' estão voltadas principalmente para o controle/repressão) (PIBIC/CNPq- UFES)

-oOo-

SOC 1.07

EXPERIÊNCIAS DE PROFISSIONAIS UNIVERSITÁRIOS RELATIVAS A TROTES ESCOLARES. *Paulo Rogério Meira Menandro, Ana Paula Figueiredo Louzada, Catarina Zambon da Silva e Kirlla Cristhine Almeida Dornelas.* Universidade Federal do Espírito Santo.

Informações jornalísticas indicam que trotes escolares no Brasil frequentemente incluem manifestações de constrangimento e violência, em nome da "integração dos calouros". Objetivando conhecer características dos trotes, seu nível de incidência, e concepções sobre sua função, entrevistamos 191 profissionais universitários de 5 grupos (Engenharia; Direito; Medicina; Psicologia-Comunicação; Agronomia), formados entre 1954 e 1997, envolvendo 55 instituições de 11 estados. Os dados revelaram que: a) a frequência de imposição de trotes constrangedores foi grande nos cursos de Agronomia e Medicina e pequena em Direito e Psicologia-Comunicação, ficando a Engenharia em posição intermediária; b) a frequência com que os alunos aplicaram trotes, quando já não eram calouros, apresentou distribuição similar, embora em níveis menores; c) comparação dos formados até 1980 com os mais novos não revelou diferenças; d) a frequência de aplicação de trote por aqueles que foram submetidos a tal prática foi muito mais alta do que para aqueles que não o foram; e) em

cursos sediados no interior com alunos afastados das famílias, morando em repúblicas, constatou-se a maior incidência de trotes constrangedores/violentos (frequentemente Agronomia ou Engenharia); f) comparação de instituições públicas e privadas não revelou diferenças; g) apesar dos trotes mais violentos ocorrerem nos cursos de Agronomia, Medicina e Engenharia, em tais cursos verificou-se melhor aceitação do trote, percebido como integrador por 60% dos informantes; h) os informantes julgaram que os cursos em que mais ocorrem trotes são Engenharia e Medicina; i) as principais razões mencionadas como justificativas para que os trotes sejam mais frequentes em determinados cursos ou instituições foram: maior dificuldade de ingresso no curso em função de seu status e tradição, predomínio de alunos do sexo masculino, o fato do curso funcionar no interior com alunos convivendo o dia todo, morando em república; j) os informantes conheciam conseqüências graves de trotes abusivos (queimadura, fratura, cegueira, morte); dois informantes mencionaram episódios com mortes nas próprias instituições em que estudaram. O trote parece ser facilitado pelo local de funcionamento da instituição, pela tradição que impulsiona os troteados a se desforrarem, pela coerção de grupo que impede protestos e força adesão, e pela legitimação de um privilégio dos veteranos, sancionado pela sociedade que encara o trote como "ritual de passagem" com características de brincadeira. (CNPq)

-oOo-

SOC 1.08

ASPECTOS DO TROTE ESCOLAR NO BRASIL REVELADOS EM DADOS DA IMPRENSA. *Paulo Rogério Meira Menandro, Ana Paula Figueiredo Louzada, Catarina Zambon da Silva e Kirlla Cristhine Almeida Dornelas.* Universidade Federal do Espírito Santo.

O trote escolar é noticiado no país há mais de um século, e desde o início incluiu manifestações de violência e humilhação, em nome da "tradição" e da "melhor integração". O trote surgiu na Europa, na Idade Média, pautando-se sempre pela violência física. No Brasil, registram-se trotes desde as turmas iniciais de Direito em Pernambuco e São Paulo, em 1827 (Mattoso, G. - *O Calvário dos Carecas* - São Paulo: EMW, 1985). Investigamos aspectos dos trotes noticiados (atividades, frequências por curso e tipo de instituição). Analisamos 341 notícias de oito jornais (Bancos de Dados de *O Globo/RJ* e da *Folha de São Paulo*), sobre 280 episódios de trote (entre 1957 e 1996). Consideramos informações sobre data, instituição e curso, atividades do trote, conseqüências, razões mencionadas para aplicar o trote. Formulamos categorização dos trotes quanto ao grau de constrangimento e violência. Os cursos mais mencionados foram: Engenharias (42 casos); Medicina/Odontologia (42) e Direito (34). Esses cursos apareceram em 52% das notícias que identificavam curso. Destacamos registro de 23 casos no 2º grau, e 12 em Agronomia/Veterinária (número expressivo considerando-se existirem poucos desses cursos). Os maiores percentuais de trotes constrangedores e violentos ocorreram em cursos disputados, referentes a carreiras tradicionais (Medicina/Odontologia, Engenharias, Direito). Em instituições sediadas em cidades pequenas e médias, para as quais os alunos se mudam, passando a viver longe das famílias, o trote é muito constrangedor e o calouro se submete, sem alternativas (em tal caso aparecem alguns cursos de Medicina e Engenharia, e todos os de Agronomia/Veterinária). O repertório de atividades violentas é grande, tendo sido constatados seis casos de morte. As justificativas mais utilizadas pelos troteadores foram: a) o tro-

te é uma forma de fazer amigos, o calouro que não o recebe fica deslocado do ambiente universitário; b) o trote é uma tradição e por isso precisa ser mantida. Comparação de notícias anteriores e posteriores a 1980, revelou aumento percentual de trotes violentos em Medicina/Odontologia, Engenharias e Agronomia/Veterinária. Constatou-se que o trote ainda é praticado com frequência similar à de antes, quase sempre é conduzido por grupo limitado de veteranos (não envolvendo o conjunto dos alunos), caracterizando-se mais como legitimação de privilégio e desrespeito do que como integração, analogamente a outras práticas sociais. (CNPq)

-oOo-

SOC 1.09

O CIÚME ROMÂNTICO - UMA COMPARAÇÃO ENTRE UNIVERSITÁRIOS E NÃO UNIVERSITÁRIOS. *Carla Caires; Kênia F. Bomfim; Leny A. I. Rodrigues; Maria das Graças P. Dutra; Melissa B. F. Voltarelli; Mylène S. Dias; Vanessa Senatori.* IMS, São Bernardo do Campo.

O ciúme romântico é uma característica essencialmente humana, definido por Ramos e cols. (1993) como um constructo mental referente a ameaça percebida a uma relação valorizada, devido a interferência de um rival, real ou imaginário. A presente pesquisa teve por objetivo medir o grau de ciúme em função do nível de escolaridade e sexo. Dela participaram 60 jovens entre 18 e 25 anos envolvidos num relacionamento amoroso de no mínimo 3 meses e no máximo 1 ano e 3 meses, assim distribuídos: 30 universitários do IMS e 30 não universitários da região do grande ABC do, no mínimo, 1º grau completo. Nos 2 grupos, 50% dos participantes eram do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Foi aplicada a Escala de Ciúme Romântico (Ramos, 1993), do tipo Likert. Os resultados obtidos, ao nível de significância 0, 01 e 0, 05, demonstraram não haver relação entre o grau de ciúme e a escolaridade pois entre a amostra de universitários (média = 3, 38) e não universitários (média = 3, 48) a diferença obtida foi de 0, 61. Entre as amostras masculinas (média = 3, 26) e femininas (média = 3, 59) obteve-se uma diferença de -2, 34 considerada significativa, o que mostra a influência do sexo no grau de ciúme. Os dados parecem indicar que os homens são menos ciumentos que as mulheres e levanta-se como hipótese que o ciúme passa pelos papéis masculino e feminino determinados pela cultura. Propõe-se uma ampliação da amostra e um distanciamento quanto ao nível de escolaridade com o objetivo de verificar se a tendência apresentada permanece, uma vez que nessa pesquisa a maioria dos não universitários possuía 2º grau.

-oOo-

SOC 1.10

ERRÂNCIAS E ERRANTES: ESTUDO COM ANDARILHOS DE ESTRADA. *José Sterza Justo.* Universidade Estadual Paulista -Campus de Assis.

Uma das características básicas das sociedades capitalistas na atualidade é a substituição da disciplinarização, típica dos séculos XVIII e XIX, pelo controle. Os espaços de encerramento como a família, os hospitais, a fábrica e as prisões perdem sua função no capitalismo moderno assentado no uso de espaços abertos e no fluxo contínuo do tempo e energia. Dentro desse quadro de referência, foi investigado o fenômeno da errância entre os andarilhos - errante que perambula pelas estradas e por cidades sobrevivendo da mendicância ou do trabalho volante na lavoura. Os dados

das entrevistas realizadas revelam que a grande maioria dos andarilhos assumiu a condição de errante como última etapa de um percurso de vida marcado pelo progressivo desalojamento de espaços socio-geográfico-afetivos fixos e estáveis. Migraram do nordeste para o sudeste em busca de melhores oportunidades de trabalho no campo, posteriormente, se transferiram para a periferia das cidades e, por último, premidos pelo desemprego, pela desagregação da família e pela perda de vínculos sócio-afetivos, desertaram para a estrada. Alguns ainda sobrevivem de "bicos" realizados em pequenas propriedades rurais, mas a maioria já abandonou qualquer esperança de viver no enquadre das instituições sociais. Existem ainda aqueles egressos de manicômios lançados sem rumo na estrada pela política de desospitalização. É notável o estreitamento da socialidade e a restrição de relacionamentos interpessoais. Andam sempre sozinhos, evitam contatos com os próprios pares e apenas buscam algum relacionamento quando estão premidos pela necessidade de mendigar ou arranjar trabalho. O grau de socialidade depende do estágio de deserção social. O andarilho que sobrevive exclusivamente do trabalho e que se reconhece como cidadão e trabalhador, apesar da condição de errante, mantém vínculo esporádico com familiares, pelo menos ao nível das representações ideativas, informa-se sobre ofertas de emprego, conhece proprietários rurais e eventualmente retorna às propriedades onde já trabalhou, fomenta o sonho de conseguir moradia e emprego fixos e assentar-se em algum lugar. Aqueles profundamente mergulhados na errância e na deserção social distanciaram-se completamente de quaisquer vínculos interpessoais intermediados pelo trabalho, pelas demandas emocionais-afetivas e se refugiam na solidão, não raro, recusando qualquer abordagem e até sentindo-se ameaçados pela aproximação de estranhos. ponto nodal dessas errâncias parece ser as pressões da sociedade moderna no sentido de desfazer fronteiras, desenraizar o ser humano de todo tipo de fixação e colocá-lo em constante movimento.

-oOo-

SOC 1.11

MORRO VERMELHO: CONFRONTO HISTÓRICO DE RELATOS SOBRE O DINAMISMO DA COMUNIDADE. *Miguel Mahfoud e Adriana Alves de Almeida.* Universidade Federal de Minas Gerais.

Diversos relatos orais atuais sobre experiências de vida na comunidade rural tradicional de Morro Vermelho (distrito de Caeté, Minas Gerais) indicam algumas peculiaridades do dinamismo sócio-cultural daquela comunidade. O confronto desses dados com o de outros observadores, em períodos históricos distantes do nosso, pode nos fornecer um parâmetro para confirmação (ou refutação) de características que seriam estáveis e definidoras dessa comunidade; além de documentar sua permanência (ou não) ao longo do tempo. Os relatos orais foram obtidos segundo a metodologia de coleta de depoimentos em entrevistas semi-abertas, tendo os sujeitos sido solicitados a explicitar suas experiências significativas quanto à vida na comunidade de Morro Vermelho e suas peculiaridades. Somente numa segunda fase de entrevistas os sujeitos vieram a ter contato com um texto antigo que se refere à história local.

Apresentam-se relatos orais de dois sujeitos, com reconhecida autoridade naquela comunidade. Ambos do sexo masculino, 53 e 63 anos, baixa escolaridade, desempenham papel de destaque nos eventos culturais e políticos do lugar, sendo respeitados pela comunidade em geral por sua forte ligação às tradições locais. Fa-

zemos uma leitura fenomenológica dos relatos, evidenciando os elementos mais significativos da experiência assim como explicitada, vivida e representada pelos sujeitos. Ressaltamos semelhanças entre esses relatos e a descrição de Morro Vermelho feita pelo viajante Richard Burton em 1867, quando de sua passagem por ali durante sua viagem entre Rio de Janeiro a Morro Velho, onde registra suas impressões sobre o vilarejo além de apresentar relatos de moradores dali sobre fatos históricos ocorridos em 1715.

Apresentamos também os comentários que os mesmos sujeitos teceram sobre seu conteúdo. Os sujeitos referem-se a seus aspectos geográficos, políticos e históricos. Como resultado, destacamos o característico dinamismo comunitário de defesa de valores econômicos e culturais; evidenciamos a autonomia da comunidade nas decisões importantes que dizem respeito à vida local ao entrar em confronto com as autoridades, seja no âmbito das relações intra-comunitárias, seja nos âmbitos religioso e político. Concluímos que tal dinamismo é, aos olhos dos próprios sujeitos, fator constituinte da identidade comunitária local e já o era, pelo menos, desde 1715.

-oOo-

SOC 1.12

FLAGELADOS DE DESASTRES NATURAIS: PRODUÇÃO IDENTIFICADA NA LITERATURA DA ÁREA DA PSICOLOGIA. *Joanna Carolina Ramalho e Oliveira, Raquel de Barros Pinto, Marcos Ribeiro Ferreira* (Universidade Federal de Santa Catarina), *Cristina Silva, Eliete Avila Wolfe Elton Luiz Chearadia.*

Pelo menos dois grandes desastres naturais (enchentes) ocorreram nos últimos três anos em Santa Catarina. Esse tipo de desastre, que ocupa os noticiários todos os anos acerca de diferentes regiões do país, merece ser alvo da atenção de pesquisadores da área da Psicologia. Esta pesquisa compõe um conjunto de iniciativas voltadas ao estudo das repercussões das enchentes catarinenses sobre pessoas que vivenciaram este fenômeno ou alguma forma de suas conseqüências. Nela, foram realizados levantamentos em bases de dados internacionais (PsycInfo e Eric) e uma posterior seleção de textos sobre pesquisas da área da Psicologia acerca do assunto em estudo. Foram identificados estudos em países desenvolvidos (em maior número) e outros relativos a países terceiro-mundistas. Em todas as referências examinadas não foi encontrada nenhuma de pesquisadores brasileiros. Estes estudos utilizam-se de método do tipo estudo de caso, empregando entrevistas como principal instrumento de coleta de dados. Frequentemente visaram obter informações sobre a visão que as vítimas têm de um desastre natural e da natureza após terem passado por esta situação. A maioria dos estudos indicou a ocorrência de estresse, ansiedade, assim como outros efeitos psicológicos negativos no momento pós-desastre. Alguns estudos visaram, também, a avaliação da saúde mental das vítimas e do apoio social e psicológico que elas receberam. Chama a atenção a escassez de tratamento de variáveis de caráter econômico. Os dados coletados permitem afirmar que a exploração deste assunto poderá trazer muitos benefícios não apenas às vítimas de desastres, mas também para a organização de programas de prevenção em áreas que periodicamente são afetadas por desastres naturais. O estudo desta temática poderá também trazer inovações para a área da Psicologia, principalmente para a Psicologia Ambiental e a Comunitária.

-oOo-

SOC 1.13

O BEM-ESTAR DE PARTICIPANTES EM GRUPO DE ALCOÓLICOS ANÔNIMOS. *Carlos Américo Alves Pereira, Cívani Cogliatti Mendes e Verônica Baer.* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Entre as substâncias consideradas drogas lícitas está o álcool como uma das mais preocupantes, cujo problema não é seu consumo, mas seu abuso, levando a ser considerado como uma dependência. O alcoolismo é reconhecido como doença pela Organização Mundial de Saúde, quando o ato de ingerir bebidas alcoólicas passa a ser um problema, ao invés de ser um prazer. Reconhecer que está doente e desejar o tratamento é a fase mais importante e, talvez, a mais difícil no processo de recuperação do alcoolista. Fundado em 1935 o Grupo de Alcoólicos Anônimos é baseado em um programa pessoal, cujas regras são as "Doze Tradições". A orientação é feita através de "Doze Passos", com a meta proposta de "evitar o primeiro gole", o que leva o indivíduo a não perder o controle da doença, recuperando sua auto-estima e sua imagem frente à família, aos amigos, ao ambiente de trabalho, à sociedade. Inúmeros tem sido os estudos sobre qualidade de vida e bem-estar subjetivo (e. g. Campbell, 1973; Glatzer e Mohr, 1988 e Pereira, 1993). Tendo como objetivo conhecer a experiência do bem-estar entre alcoolistas em recuperação no Grupo de Alcoólicos Anônimos, foi desenvolvida esta investigação, com um levantamento de elementos-conteúdos do bem-estar subjetivo, através de um questionário/entrevista com dez perguntas, aplicados a dez alcoolistas de dois Grupos do Rio de Janeiro. As respostas foram analisadas tanto qualitativa quanto quantitativamente, através da distribuição de frequências dos conteúdos agrupados em categorias. A partir dos resultados foi observado que o participante do Grupo de Alcoólicos Anônimos experiencia o bem-estar subjetivo, como sendo a ocorrência do sentimento de felicidade, durante as reuniões, havendo predomínio de afetos positivos sobre afetos negativos na "troca de experiências". Quantitativamente, 68% (sessenta e oito por cento) se sentem felizes na participação das reuniões de Grupo, sentindo, ainda, felizes, 30% (trinta por cento) "muito feliz" e 40% (quarenta por cento) "ligeiramente feliz", com relação a sua vida em geral, como, ainda, 64% (sessenta e quatro por cento) avaliaram a importância da ajuda dos companheiros na experiência de sucesso das reuniões. Os aspectos positivos refletiram o fortalecimento das relações interpessoais para a experiência do bem-estar subjetivo. A felicidade é o principal estado de ânimo encontrado relativo ao sentimento do alcoolista durante as reuniões do Grupo de Alcoólicos Anônimos.

-oOo-

SOC 1.14

REDES DE APOIO NO COTIDIANO DE MULHERES DE CLASSE MÉDIA. *Zeidi Araujo Trindade, Carmen Rita Elton Silva, Jocimara Ribeiro dos Santos e Fabiana Malheiros.* Universidade Federal do Espírito Santo.

A literatura tem enfatizado a importância das redes de apoio para o enfrentamento de situações problemáticas, com diversos estudos, principalmente na área da saúde, demonstrando a relação entre o acesso a redes de apoio e a qualidade de vida. Partindo destas constatações, um dos objetivos deste trabalho foi delinear a rede de apoio utilizada por mulheres, verificando aspectos relacionados à saúde reprodutiva e a outras situações da vida cotidiana. Foram entrevistadas 90 mulheres de classe média, divididas em 3 subgrupos: (A) mulheres casadas, com filho(s); (B) mulhe-

res casadas, sem filho; (C) mulheres solteiras, sem filhos. Através de uma *checklist*, solicitou-se a indicação do agente de apoio para o enfrentamento das seguintes situações vivenciadas: desemprego, aborto, gravidez, doença, problema emocional, problema conjugal e problema financeiro. Como agentes de apoio foram indicados: marido, Deus (religião/orações), amigas, mãe, outras mulheres da família, pai, outros homens da família, trabalho, amigos, profissional e não precisa de apoio. Os dados foram analisados considerando: (1) o total de indicações para os agentes predominantes, e (2) cada uma das situações. Entre as casadas, o marido foi indicado como a fonte de apoio mais frequente (A=27, 4% e B=28, 1%), seguido de Deus (A=17, 1% e B=13, 0%) e da mãe (A=16, 6% e B=11, 9%), para as solteiras prevaleceram a mãe (17, 6%), não precisa de apoio (16, 3%) e o pai (15, 7%). Considerando as respostas para cada situação, em todas elas no grupo A observou-se forte predominância dos três agentes já citados. A presença do pai relacionada a problemas financeiros ocorreu nos três grupos, mais acentuadamente entre as solteiras (71, 4%). Com relação ao aborto, as solteiras recorreram exclusivamente às amigas. Entre as mulheres dos grupos B e C verificou-se também maior diversidade de agentes de apoio, com a indicação de amigas, amigos e outras mulheres da família para o apoio ao desemprego, a doenças e a problemas emocionais. Os dados sugerem que o que concorreu para a restrição das redes de apoio, identificada no Grupo A, não foi o casamento, como apontam algumas pesquisas, mas a presença de filhos. A pouca diferença encontrada entre as mulheres casadas sem filhos e as solteiras parece indicar que, atualmente, o casamento não produz mudanças radicais nos relacionamentos femininos, mas que a maternidade ainda implica em um padrão social mais restrito ao contexto familiar. (CNPq/UFES)

-oOo-

SOC 1.15

CARREIRA PROFISSIONAL E MATERNIDADE: O DISCURSO DAS MULHERES NÃO-MÃES POR OPÇÃO. *Anunciata Bonini Vieira*. Programa EICOS. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A questão da relação entre a carreira profissional e a maternidade, que aparece no discurso das mulheres que permanecem sem filhos, foi objetivo desta pesquisa. Dez mulheres, na faixa etária de trinta e dois a quarenta e nove anos, pertencentes à classe média urbana, cuja opção é permanecer sem filhos, foram entrevistadas. Suas histórias de vida, gravadas e transcritas foram tratadas através da técnica de análise do discurso. A análise demonstra que a maioria dessas mulheres construíram para si uma representação da maternidade que é incompatível com o desenvolvimento de uma carreira profissional. Descartam a ajuda de figuras de cuidado como profissionais de creche, babás ou mesmo avós, sendo a mãe, segundo elas, inteiramente responsável pelo desenvolvimento físico e psíquico do filho, de forma insubstituível. As opiniões que emitem configuram, de forma bastante clara, as dificuldades que se apresentam à mulher, que tendo filhos, enfrenta os desafios do mercado de trabalho. A perspectiva destas mulheres denuncia problemas sociais associados à maternidade, ainda não resolvidos, que dizem respeito a todas as mulheres. (CAPES/CNPQ)

-oOo-

SOC 1.16

PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DO QUESTIONÁRIO DE PREMISSAS SÓCIO-CULTURAIS SOBRE A FAMÍLIA BRASILEIRA. *Maria Cristina Ferreira, Eveline Maria Leal Assmar, Neidi de Oliveira Nyaradi e Dulce Helena Mota*. Universidade Gama Filho.

De acordo com Díaz-Guerrero (1995), a sociocultura pode ser concebida como um sistema de premissas sócio-culturais interrelacionadas, que governam os sentimentos, as idéias, a hierarquização das relações interpessoais, os tipos de papéis sociais que devem ser preenchidos e as regras de interação dos indivíduos enquanto ocupantes de tais papéis. Tal sistema é válido para a família, os grupos, a sociedade, as super-estruturas institucionais e até para os problemas relacionados à própria vida e ao modo de lidar com ela. As premissas decorrem das normas sócio-culturais, constituindo-se em crenças inquestionáveis que se expressam verbalmente através de afirmações simples ou complexas, as quais fornecem as bases para a lógica específica do grupo. As premissas sócio-culturais são, portanto, afirmações culturalmente significativas, endossadas por uma maioria de sujeitos de uma dada cultura, que devem ser, também, sustentadas de modo diferencial por sujeitos pertencentes a distintas culturas. Elas desempenham, assim, um papel fundamental na compreensão do comportamento individual. Para a operacionalização das premissas, foi desenvolvido o "Questionário sobre a Estrutura da Família Mexicana" (Fernández-Marina, Maldonado-Sierra & Trent, 1958), composto de 123 itens, distribuídos em nove fatores: machismo, obediência afiliativa, virgindade, abnegação, temor à autoridade, *status quo* familiar, respeito ao amor, honra familiar e rigidez cultural. O objetivo do presente trabalho foi adaptar para amostras brasileiras o referido questionário. A amostra se constituiu de 415 estudantes universitários e da 3ª série do 2º grau, de ambos os sexos, com idade média de 29 anos, que responderam a uma versão brasileira do questionário. A análise fatorial dos eixos principais, com rotação *Varimax*, revelou que a solução mais adequada foi a de cinco fatores, com *eigenvalues* superiores a 1, 5 e responsáveis por 26% da variância total, sendo retidos os itens com cargas fatoriais superiores a 0, 30. Com base na análise semântica dos itens, a versão definitiva do questionário compôs-se de 80 itens, distribuídos da seguinte forma: dominação masculina (29 itens), valores tradicionais da família (14 itens), submissão feminina (12 itens), sensibilidade e abnegação femininas (9 itens) e obediência afiliativa (16 itens). A consistência interna desses fatores, realizada através do coeficiente *Alpha* de Cronbach foi respectivamente: 0, 89; 0, 82; 0, 83; 0, 78 e 0, 79. Concluiu-se que as características psicométricas demonstradas pelo instrumento recomendam sua utilização para fins de pesquisa e avaliação das crenças subjacentes à estrutura da família brasileira.

-oOo-

SOC 1.17

PREMISSAS SÓCIO-CULTURAIS SOBRE A FAMÍLIA EM FUNÇÃO DO SEXO E DA IDADE. *Eveline Maria Leal Assmar, Maria Cristina Ferreira, Heliane Guimarães Novaes, Mariana Marquez Tomaz e Eulina Dufraayer de Oliveira Lopes*. Universidade Gama Filho.

Em sua teoria sócio-cultural do comportamento, Díaz-Guerrero (1994) postula que as explicações para as condutas humanas se localizam na sociocultura e não no próprio indivíduo. Assim é que os indivíduos nascem num determinado momento histórico

de uma cultura específica, que se revela, principalmente, através de tradições, normas, valores e crenças. O autor se utiliza do constructo premissas sócio-culturais para estudar a sociocultura, definindo-as como experiências comuns e correntes da linguagem natural, como por exemplo os ditados e provérbios. As premissas se constituem, então, em uma realidade social traduzida em proposições consensualmente endossadas pelo grupo. Sua aprendizagem se processa através de figuras significativas e autorizadas do contexto sócio-cultural - pais, irmãos e instituições sociais, entre outras. Para a operacionalização das premissas, foi elaborado o "Questionário sobre a Estrutura da Família Mexicana" (Fernández-Marina, Maldonado Sierra & Trent, 1958). Estudos realizados com esse questionário apontaram diferenças significativas em diversas variáveis sócio-demográficas. Paralelamente, pesquisas brasileiras têm evidenciado um maior grau de tradicionalismo por parte do sexo masculino, quando comparado ao feminino, bem como dos mais velhos em relação aos mais jovens. Considerando-se que as premissas refletem crenças apoiadas nas tradições culturais, hipotetizou-se que os homens e as pessoas de faixa etária mais elevada apresentariam um grau de adesão maior às premissas sobre a família brasileira do que as mulheres e as pessoas mais jovens. A amostra abrangeu 415 sujeitos de ambos os sexos e de faixas etárias distintas (13 a 23 e acima de 35 anos), que responderam ao "Questionário de Premissas Sócio-culturais da Família Brasileira", constituído de cinco fatores e adaptado da versão original mexicana. A análise da variância 2X2 com as variáveis sexo e idade revelou uma diferença significativa do sexo, nos fatores "dominação masculina" ($F=30,72; p<0,000$); "valores tradicionais da família" ($F=10,67; p<0,001$); "submissão feminina" ($F=11,43; p<0,001$) e "sensibilidade e abnegação femininas" ($F=11,78; p<0,001$), em favor de maior adesão dos homens às premissas tradicionais, confirmando uma das hipóteses da pesquisa; no fator "obediência afiliativa" não foram observadas diferenças significativas. Quanto à variável idade, constatou-se uma diferença significativa apenas no fator "valores tradicionais da família" ($F=7,80; p<0,006$): contrariamente ao esperado, os jovens revelaram um maior grau de adesão às premissas tradicionais. A interação entre sexo e idade não foi significativa em nenhum dos fatores. Concluiu-se que apesar das mudanças observadas no papel feminino, os homens brasileiros continuam a preservar crenças e valores tradicionais que reforçam a supremacia masculina e a submissão feminina.

-oOo-

SOC 1.18

QUANDO SE COMEÇA A SER VELHO? *Prof^a Dr^a Marilene Correia Cabral; Firmino Ayres Leite Neto; Riane Rebouças; Valéria Carvalho e Vaneide Neves. Universidade Federal da Paraíba.*

Considerando-se as várias indagações sobre o início da velhice, o presente trabalho insere-se numa pesquisa bem mais ampla sobre o "significado da velhice". Objetivou investigar com que idade se começa a "ser velho" e "por quê", numa população de professores e alunos de vários cursos da UFPB. Foi utilizada uma amostra do tipo não-probabilística de 62 sujeitos da UFPB, sendo 31 professores (idade média de 38 anos) e 31 alunos (idade média de 22 anos). Para esta amostragem foram levantadas as seguintes questões: "com que idade se começa a ser velho" e "por quê?", que deveriam ser respondidas individualmente, por escrito. Com relação ao item idade, 51,1% dos alunos e 54,8% dos professores indicaram uma idade média de 66 anos e 62 anos, respectiva-

mente. Já 48,2% dos alunos e 46,2% dos professores não responderam à questão, justificando não haver uma idade definidora do início da velhice. A partir de uma análise de conteúdo (BARDIN, L., 1977), procedeu-se à análise das respostas, utilizando-se processo de categorização que resultou no estabelecimento de quatro categorias: "Estado de Espírito" (29%); "Estado Físico e Mental" (25,8%); "Fator Produtividade" (16,2%) e "Fatores Sócio-Econômicos-Culturais" (11,3%). Respostas de conteúdos indefinidos totalizaram um percentual de 17,7%. Das respostas de professores e alunos, 46,8% apontaram "ser velho" como uma questão muito mais relacionada ao "modo de se sentir" do que a idade, o que faz ressonância com um maior percentual da categoria "Estado de Espírito". (CNPq)

-oOo-

SOC 2.01

CONSELHOS DE SAÚDE: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SUS E DA PARTICIPAÇÃO POPULAR. *Débora Cristina Fonseca, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sueli Terezinha Ferreira Martins (Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru).*

Na última década ocorreram mudanças significativas na saúde pública no Brasil. Com a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) a partir da Constituição Federal de 1988 e a Lei Orgânica 8.080, a participação da comunidade é prevista em suas diretrizes. A partir de então, tornam-se obrigatórios os Conselhos de Saúde (locais, municipais, estaduais e nacional) e a realização de Conferências de Saúde. Deste modo, a organização do SUS tem gerado uma gama de novas informações e necessidades. Vários pesquisadores apontam três funções básicas da representação social: a) função cognitiva de integração da novidade, b) interpretação da realidade e, c) orientação de condutas e das relações sociais. Na primeira fase de implantação do SUS, como as representações sociais de SUS e de participação popular apresentam-se para os membros dos conselhos? Para verificar quais eram essas representações em conselheiros, foi realizada uma pesquisa com 21 representantes comunitários nos Conselhos Locais em Unidades Básicas de Bauru. A entrevista semi-estruturada foi utilizada como instrumento de coleta de dados, realizada individualmente, gravada e transcrita. A análise qualitativa dos dados mostrou que a respeito da função de conselheiro, apenas metade respondeu parcial ou totalmente em conformidade com a lei municipal que define suas competências, sem dar indícios de compreender que a participação popular é um direito social. Além disso, a maioria dos entrevistados não conseguem indicar qual o objetivo de uma Unidade Básica de Saúde, local onde centraliza-se a maior parte de suas atribuições enquanto conselheiro. Os entrevistados não sabem o que é o SUS, apontando poucas vezes o significado da sigla, evidenciando uma desarticulação do papel que assumem como representantes da comunidade em uma das instâncias previstas pelo próprio SUS. A partir desses dados podemos concluir que as representações de participação popular e de SUS que os entrevistados apresentaram não vão de encontro com o que a Constituição Federal e as Leis Orgânicas da Saúde apresentam em seus textos. Deste modo, acreditamos que a participação da comunidade fica amplamente prejudicada pela não compreensão de suas competências e de como está organizado o sistema de saúde atual, indicando a necessidade de ações psicoeducativas para a formação de novas representações ou mudanças das existentes.

SOC 2.02

SERVIÇOS PÚBLICOS NA PERSPECTIVA DOS MORADORES DA PERIFERIA DA SERRA/ES. *Maria de Fátima Quintal de Freitas; Isabele S. Eleotério, Adriano R. A. Nascimento, Márcia R. Cruces Cuevas, Maria das Dores A. Francisco, Renata B. Manhães, Yara S. S. Andrade.* Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

A percepção e avaliação dos setores populares sobre o oferecimento e qualidade dos serviços públicos contribuem para a compreensão dos significados atribuídos, grau de envolvimento e alternativas encontradas diante desses serviços. Visando identificar o significado individual e coletivo atribuído aos serviços públicos, a sua utilização, e detectar as alternativas para o não atendimento, realizou-se um estudo exploratório junto a 139 moradores da periferia da Serra/ES. Foram realizadas entrevistas, semi-estruturadas, com 47 perguntas, abertas e fechadas, cujas respostas foram submetidas às análises quantitativa e qualitativa (análise de conteúdo). Os sujeitos entrevistados apresentaram como características: maioria do sexo feminino (64, 75%), naturais do Espírito Santo (49, 92%), tendo estudado até o 1. grau (73, 38%), encontrando-se mais da metade desempregados (51, 08%); tendo renda familiar de 0 a 1 salário mínimo (5, 04%), de 1 a 2 (20, 14%), de 2 a 4 (34, 53%). A maioria (59, 71%) dos sujeitos indica não utilizar os serviços de saúde devido a: não existência do posto (37, 34%); falta de vontade política das autoridades para garantir a construção ou funcionamento (16, 86%); greves, falta de técnicos e não obtenção de fichas de atendimento (8, 43%); não sabem (15, 45%). Dentre os que utilizam (40, 29%) o posto de saúde, indicam como motivos: consultas (60%), exames e pequenas cirurgias (24, 62%), e vacinação (9, 23%). O atendimento que recebem no posto de saúde é considerado bom (58, 46%), regular (20%) e ruim (12, 31%); sendo que 33, 12% dos sujeitos atribuíram nota zero para os serviços, 12, 95% atribuíram notas de 5 a 6; 8, 63% deram-lhe 10. A escola tem como características: ser boa para o bairro (20, 70%), proporcionar ensinamentos (20, 12%), localizar-se perto das casas (13, 79%), ser ruim/desorganizada (10, 92%), oferecer merenda (5, 75%), aumentar a segurança (4, 02%) e ocupar os adolescentes em alguma atividade retirando-os das ruas (4, 02%). Apontam como problemas mais graves na escola o fato de estar em greves contínuas, a falta de material e pagamento para os professores, e falta de vagas. As soluções para o bom funcionamento do posto de saúde e escola indicam a necessidade de autoridades /políticos comprometidos com o bairro; e união dos moradores reivindicando seus direitos. Verifica-se que não esperam desses serviços o cumprimento de suas funções, conformando-se em certa medida às precárias condições e ao descaso das autoridades. A compreensão dos fatores responsáveis por este fatalismo e conformismo pode contribuir para o encontro de alternativas de ação aos problemas enfrentados. (CNPq)

-oOo-

SOC 2.03

ALTERNATIVAS PARA AÇÃO COMUNITÁRIA NA VISÃO DE MORADORES DA PERIFERIA DA SERRA/ES. *Maria de Fátima Quintal de Freitas; Isabele S. Eleotério, Adriano R. A. Nascimento, Márcia R. Cruces Cuevas, Maria das Dores A. Francisco, Renata B. Manhães, Yara S. S. Andrade.* Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

A maneira como setores populares, no seu cotidiano, tem enfrentado os problemas vividos contribui para a compreensão das al-

ternativas comunitárias encontradas. Visando detectar alternativas de enfrentamento comunitário aos problemas, individuais e coletivos, vividos, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com 139 moradores da periferia da Serra/ES, cujas respostas foram submetidas às Análises de Conteúdo e Quantitativa. As entrevistas em tres setores, visaram detectar possíveis diferenças no bairro, em função das condições de moradia, benfeitorias existentes e acesso aos serviços públicos. Os entrevistados são: maioria do sexo feminino (64, 75%), naturais do Espírito Santo (49, 92%), tendo estudado até o 1.º grau (73, 38%), mais da metade desempregados (51, 08%); tendo renda familiar de 0 a 1 salário mínimo (5, 04%), de 1 a 2 (20, 14%), de 2 a 4 (34, 53%), com casas sem esgoto (68, 39%), e recebendo a coleta de lixo pelos caminhões (69, 65%). A igreja (60, 43%) e os vizinhos (50, 36%) receberam nota 10 para mais da metade dos entrevistados; e as avaliações baixas (nota zero) aconteceram para segurança (49, 64%), rua (41, 01%), posto de saúde (33, 12%) e bairro (30, 95%). Os problemas indicados como mais graves foram: falta de policiamento/segurança (21, 83%); falta de calçamento (21, 38%); inexistência da rede de esgoto (18, 26%); posto de saúde (14, 92%); escola ruim (7, 35%). Para a falta de policiamento/segurança indicam como soluções aumentar o quadro de policiais (32, 40%), construir delegacias e aumentar as viaturas (21, 30%), iniciativas das prefeituras (17, 46%), e ações e união da comunidade (14, 81%). Para a falta de calçamento, lama e poeira acreditam depender da boa administração pública (48, 66%); da iniciativa de fazer o calçamento, independentemente de quem o faça (28, 83%); das reivindicações populares (11, 71%). Para a falta de esgoto indicam a necessidade de construção do mesmo (40, 23%), o cumprimento das promessas políticas (36, 95%), e mobilização dos moradores (16, 30%). Para o posto de saúde apontam, com solução, o cumprimento das promessas / funções políticas (34, 15%); união dos moradores (26, 83%); construção do posto médico (21, 95%). Para a escola ruim indicaram o cumprimento das promessas / funções políticas (32, 36%); aumentar o número de escolas / creches (35, 30%); pagamento do salário dos professores (11, 76%). A responsabilidade para os problemas vividos é atribuída ao não cumprimento, das obrigações públicas pelas autoridades. As possibilidades de solução surgem quando os moradores atribuem significados positivos para a participação e organização coletiva e comunitária. (CNPq)

-oOo-

SOC 2.04

PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS - ELEMENTOS CENTRAIS E PERIFÉRICOS DO CAMPO REPRESENTACIONAL

O objetivo deste trabalho foi verificar a relação existente entre práticas e representações sociais de um grupo de moradores de um bairro de periferia, bem como verificar se elementos centrais e periféricos são sensíveis ou não às diferentes práticas sociais. Foram entrevistados 400 moradores, sendo 200 indivíduos participativos e 200 não participativos. Os indivíduos participativos, dividiram-se entre participantes sociais, participantes religiosos e participantes políticos. Para caracterizar o perfil dos moradores com seus tipos de práticas sociais, foram elaboradas questões abertas e fechadas para captar opiniões, atitudes e valores dos moradores. Foi também utilizada a técnica da evocação livre e aplicada uma variante do método TISCON (*Method of detecting translation invariant structures in different contexts*), elaborado por Wagner, Elejabarrieta e Valencia (1994), para cap-

tar os elementos centrais e periféricos do campo representacional, sob condições dos diferentes tipos de práticas sociais. Percebeu-se que os elementos centrais da junção das matrizes bidimensionais dos campos representacionais dos participantes políticos com não participantes, apresentam-se em menor número que os elementos centrais da junção das matrizes bidimensionais dos campos representacionais de todos os participantes com não participantes, embora não sofram modificações significativas em seu conteúdo representacional. Concluímos que há relação entre práticas e representações sociais, e que estas relações são mais diferenciadas em termos de conteúdo das representações, e em termos numéricos de elementos periféricos e centrais, tanto quanto mais diferenciados forem os conteúdos das práticas sociais. (CNPQ).

-oOo-

SOC 2.05

REPRESENTAÇÕES DE CRIME E JUSTIÇA EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. *Lídio de Souza, Almir Vilela Paiva, Helen Karinne Koehler Effgen, Luciane Infantini da Rosa, Michelina Toniato e Simone Ferreira Alvim.* Universidade Federal do Espírito Santo.

Estudos têm apontado para a necessidade de se investigar os fatores subjetivos que fundamentam o tratamento discriminatório presente nas instituições policiais e judiciárias brasileiras, para tornar possível a construção de novas práticas em sua relação com a sociedade. Partindo do pressuposto de que formas paralelas de realização da justiça (esquadrões da morte, linchamentos, polícias mineiras, etc.) estão ancoradas nos valores e crenças presentes nas concepções relacionadas à justiça, o presente trabalho objetivou identificar as concepções que estudantes universitários do curso de direito - futuros administradores da justiça - possuem sobre crime, criminoso, direito, punição e justiça, utilizando o conceito de representação social. Aplicou-se uma escala contendo 50 afirmações relacionadas às categorias citadas acima, em três grupos: Os grupos 1 e 2 foram formados por alunos do curso de Direito/UFES, 50 ingressantes e 31 concluintes respectivamente, e o grupo 3 por 50 alunos de outros cursos da mesma instituição. No que diz respeito à categoria CRIME, os sujeitos apresentaram uma visão crítica que ultrapassa a idéia de crime comum, incluindo as práticas arbitrárias da polícia e as do governo relacionadas à corrupção e à negligência. O grupo 2 apresentou também maior propensão a considerar crime apenas as violações às leis. A concepção predominante relacionada à categoria CRIMINOSO minimiza a importância das características pessoais e ressalta as circunstâncias sociais como determinantes do envolvimento em ações criminosas. Em relação aos DIREITOS os sujeitos apresentaram acentuada tendência a assegurá-los independentemente da situação de suspeito ou condenado, mas identificando mecanismos discriminatórios. A JUSTIÇA é concebida como parcial pelos grupos 1 e 2, em oposição à concepção identificada no grupo 3. No grupo 3, apesar de predominar uma concepção indicadora de uma atuação imparcial da justiça, os sujeitos enfatizaram a maneira discriminatória como a população brasileira é tratada. No que se refere à categoria PUNIÇÃO verificou-se uma descrença em relação à forma como a justiça vem punindo os criminosos, a rejeição à pena de morte enquanto medida punitiva eficaz e a condenação de formas paralelas de punição. A concepção de que os direitos das pessoas devem ser garantidos de forma plena, associada à identificação de instituições que atuam de maneira discriminatória, à avaliação desfavorável a

formas paralelas de justiça e à concepção de que o crime é acentuadamente influenciado por condições sociais parece indicar mudanças qualitativas importantes nas concepções de futuros administradores da justiça, contribuindo para a construção de práticas judiciárias com maior significado social. (CNPQ)

-oOo-

SOC 2.06

ESTUDOS SOBRE PRESERVAÇÃO DO AMBIENTE NA ÁREA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL. *Marcos Ribeiro Ferreira.* Universidade Federal de Santa Catarina.

Pretendeu-se a identificação da participação de pesquisadores da área da Psicologia em estudos relacionados a preservação ambiental. A atenção foi restringida à produção da subárea Psicologia Ambiental. Foram realizados um vasto levantamento de referências bibliográficas em bases de dados internacionais, a seleção e o exame de mais de uma centena de textos relativos tidos como de interesse. Estabelecida a história da subárea, foram selecionados e examinados textos de revisão, textos de referência e textos de pesquisadores que dedicam atenção prioritariamente ao problema da preservação ambiental. Este tema é referido pelos pesquisadores da subárea como elemento fundador no surgimento da Psicologia Ambiental. Entretanto, o problema da preservação ambiental tem recebido atenção relativamente reduzida no âmbito da subárea. Quando o problema recebe atenção, frequentemente é tratado desde a perspectiva dos efeitos que a degradação do ambiente pode gerar sobre a vida dos seres humanos, ficando ainda mais reduzida a atenção às ações humanas geradoras de degradação ambiental ou de conservação e maximização de recursos naturais. Além disso, ocorreu nos últimos dez anos uma diminuição no número de pesquisas relacionadas a preservação do ambiente no âmbito da Psicologia Ambiental. Numa primeira fase (décadas de setenta e oitenta) houve forte ênfase em questões específicas, como a economia de energia elétrica. A partir de fins da década de oitenta e na década de noventa, foi constatado o surgimento da exigência de que os problemas ambientais fossem tratados de forma contextualizada e na dimensão da complexidade de que são parte. Os dados são discutidos desde a perspectiva das inovações que o estudo de uma temática tão impactante pode provocar na área da Psicologia. (CAPES).

-oOo-

SOC 2.07

DOAÇÃO DE ÓRGÃOS: MEU CORPO, MINHA SOCIEDADE. *Pedro Fernando Bendassolli.* Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis.

No Brasil, atualmente, a doação de órgãos tem sido alvo de intensos debates, sobretudo devido à aprovação da nova lei que tenta acabar com a distância que tem separado a demanda de órgãos da necessidade dos respectivos transplantes. Mas, além da política, que contribuição a Psicologia poderia dar para a discussão dessa problemática? O presente trabalho se inscreve dentro de um estudo teórico que teve como objetivo verificar alguns dos possíveis fatores de resistência e de facilitação à doação de órgãos. Para tanto, fizemos um levantamento bibliográfico que pautou-se pelo seguinte critério: estudos voltados para a "psicologia do corpo", especialmente aqueles que analisassem percepções e significações contidas em torno dele, pois é da relação do indivíduo com

seu próprio corpo que a doação de órgãos deverá ser pensada. Assim, ao submetermos nossa literatura selecionada ao método de análise de conteúdo, tivemos como referência alguns pontos-chave: o significado do corpo; a percepção que o indivíduo tem dele; o medo de sua mutilação e da morte; a imagem do corpo; e o simbolismo associado a ele e a seus órgãos. Os resultados aos quais chegamos através da análise realizada sugeriram o *narcisismo* e o *medo da morte* como relacionados com a constituição da predisposição à doação de órgãos. O narcisismo se constitui como um *fator de resistência* à doação, pois o corpo, na atualidade, está amplamente valorizado; ele parece estar envolto num símbolo que o retrata como a sede absoluta dos prazeres e da felicidade desta vida, do gozo e da individualidade invioláveis, reforçando sobremaneira os direitos inalienáveis de sua posse, impelindo o sujeito à recusa simbólica pela sua mutilação. O medo da morte se constitui como um *fator de facilitação*, pois hoje a morte tornou-se restrita às últimas conseqüências, quando de fato forem esgotadas todas as possibilidades de vê-la retardada. Isso fez com que a vida fosse ampla e extremamente valorizada, com um inverso desprezo (e medo) pela morte. Estando o órgão revestido por símbolos (o coração, por exemplo, é o símbolo da “vida” em nossa cultura) e por representações psicológicas, e estando o corpo na era de sua “fragmentação” através dos transplantes, a doação pode alimentar (através dos órgãos (uma fantasia de que o doador pode imortalizar-se através da inserção destes seus órgãos no corpo de outra pessoa. Estes resultados abrem novas perspectivas para o estudo desse assunto de importante relevância social e científica.

-oOo-

SOC 2.08

ORNAMENTAL II: A CASA COMO POESIA. *Elaine Pedreira Rabinovich*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

Este estudo está baseado na relação simbólica entre sujeito e objeto, vista construir-se sócio-historicamente. Procurou-se, através da *des-centração* do objeto de estudo, contornar o viés etnocêntrico e ampliar a conceituação de alteridade. Deste ponto de vista, e abrangendo vários objetivos, propusemo-nos estudar o arranjo espacial de *coisas* em um espaço delimitado denominado *moradia*. Este objetivo foi realizado através de três estudos de caso *liminares*: com moradias e moradores de baixa renda de um bairro paulistano; com “moradias” e moradores nas ruas de São Paulo; com moradias e moradores da zona do Cocal, Piauí. O método, etnográfico e etológico, coincidiu com a história do trabalho, sendo o objetivo, seu produto. Aos registros fornecidos pelas entrevistas, gráficos, fotos e videofilmagem, aplicou-se o método de derivação empírica de variáveis, concomitantemente genético e genealógico. Através deste, chegou-se, no que se refere à dimensão *poética* do morar, a quatro categorias: *ornamental* - definido, por BONNE, como uma categoria estética-antropológica, correspondendo à operatividade anterior às cristalizações dos ornamentos e da ornamentação; *lirismo* - definido como uma temporalidade fenomênica de duplo vínculo, por vincular-se a um momento histórico e a outro a-histórico, arquetípico; seria um instante consagrado pela transmutação do tempo sem que este seja abstraído (PAZ); *harmonia* - definida como uma vontade de ordem, isomórfica ao funcionamento cerebral, afetivo e cognitivo encontrada na ordenação e na arrumação; *materialidade* - definida como o conteúdo sem ser o significado (PIGNATARI), ou o significado original inconsciente, anterior ao filtro da língua (McINTOSH) sendo o suporte concreto da experiência poética. Esta significação original seria o próprio fazer-se

homem ao se fazer poeta. Para HEIDEGGER, “um traço fundamental da condição humana, o habitar, em sua essência, é poético; o Poeta constrói a moradia do ser humano, isto é, do Ser no homem”. Como conclusão, a função poética, referida à necessidade de utilização e expressão de recursos internos, foi vista ser tão importante, nestas condições liminares de vida, quanto a sobrevivência material, sendo o sentido do simbólico, no viver cotidiano, o de uma força que ajuda a integrar experiências. O ornamental seria subjetividade, deslocamento entre o ser/coisa, encontrando-se fora, e por isto entre, na inter-subjetividade. Como uma condição que fundaria a própria humanidade, condenou-a a uma liberdade que se manifestaria neste recriar permanente, refletindo a poética como uma dimensão meta-histórica e, ao mesmo tempo, histórica-social. (FAPESP)

-oOo-

SOC 2.09

IDENTIDADE SOCIAL E VITALIDADE ETNOLINGÜÍSTICA. UM ESTUDO COM COMUNIDADES ALEMÃES EM SANTA CATARINA. *Clélia Maria Nascimento-Schulze; Brígido Vizeu Camargo; Ygor Fontes Garcia; Elisiênia C. S. F. Fragnani; Fidelis Junior Marangoni*. Lacos - Universidade Federal de Santa Catarina.

Entre 1815 e 1914, imigraram para o estado de Santa Catarina milhares de alemães que juntamente com os italianos e poloneses, dentre outros, contribuíram para a diversidade étnica característica dos estados do sul do Brasil. Tais fatos, somados às 2 guerras mundiais e a nacionalização do ensino, formam a estrutura constituinte das identidades de tais grupos sociais. O presente estudo, dentro de um enfoque psicossocial busca identificar relações entre a identidade social e a vitalidade etnolinguística de grupos de teuto-brasileiros. As contribuições teóricas de Tajfel (1979) e Giles (1977), inspiraram este estudo quasi-experimental cuja hipótese central foi a de que a identidade social dos sujeitos estaria relacionada com a vitalidade etnolinguística e com condições estruturais favoráveis. O delineamento envolveu 2 níveis para as variáveis estruturais e dois níveis para a variável etnolinguística. Participaram do estudo 60 Ss, divididos no 4 grupos experimentais. Responderam a um instrumento de Identidade Social e um questionário sobre vitalidade etnolinguística. Embora a hipótese central não tenha se comprovado, foram obtidas relações estatísticas significativas entre a vitalidade etnolinguística e a condição étnica familiar e aspectos da memória social. Os resultados serão também contemplados frente a outros estudos (Nascimento-Schulze, 1997a; 1997b) que fazem parte da presente linha de pesquisa. (CNPq)

-oOo-

SOC 2.10

THEODOR ADORNO E A PSICOLOGIA DO ANTI-SEMITISMO, *Douglas Garcia Alves Jr.*, Universidade Federal de Minas Gerais.

Theodor Adorno escreveu diversos trabalhos sobre a questão do anti-semitismo, notadamente na década de 40, época que assistia ao genocídio dos judeus sob Hitler. Em *Dialética do Esclarecimento*, escrito em parceria com Max Horkheimer, Adorno desenvolve uma teoria filosófica do anti-semitismo, vinculando-a a uma meta-teoria da racionalidade ocidental. Aí aparece, pela primeira vez, o problema que será trabalhado aqui, o do papel da psicologia

no entendimento do fenômeno do anti-semitismo. A questão é tematizada novamente em alguns aforismos de *Minima Moralia* e em trechos de *A Personalidade Autoritária*, o importante estudo psicossocial realizado nos Estados Unidos sobre o potencial psicológico vinculado 'a aceitação do fascismo. Uma análise mais detida do tratamento do problema da dimensão psicológica do anti-semitismo em Adorno indica como a sua noção de *personalidade* é tributária do idealismo alemão, principalmente de Kant, através da *Crítica da Razão Prática* e de Hegel, através da noção de subjetividade desenvolvida, por exemplo, na *Filosofia do Direito*. Nesse sentido, aponta-se para a importância de uma compreensão da psicologia do anti-semitismo que evite, por um lado, o reducionismo psicologista, e, por outro, a mera especulação desvinculada do momento concreto da formação das subjetividades.

-oOo-

SOC 2.11

JULGAMENTO MORAL EM ESTUDANTES DE DIREITO E ENGENHARIA. *Mariana Marquez Tomaz, Neidi de Oliveira Nyaradi e Maria Cristina Ferreira.* Universidade Gama Filho.

De acordo com a abordagem cognitivo-evolutiva (Kohlberg, 1987), o julgamento moral se constitui no conhecimento a respeito das obrigações impostas por princípios morais e de justiça. Tal conhecimento se desenvolve através de três níveis: pré-convencional, convencional e pós-convencional. O nível pré-convencional caracteriza-se pela percepção de que as normas morais são externas ao indivíduo, devendo ser obedecidas apenas para se evitar castigos. O nível convencional associa-se à interiorização das normas e expectativas sociais, o que leva o indivíduo a distinguir entre o que é o justo ou injusto e o que conduz à recompensa ou à punição. O nível pós-convencional caracteriza-se pela percepção de que o valor moral das ações depende de princípios éticos universais. Cada um desses níveis apresenta dois estágios, num total de seis estágios de desenvolvimento moral, que se distinguem em função da orientação moral que refletem. No estágio 1 ocorre a orientação para a punição e obediência; no estágio 2, para o hedonismo e o pragmatismo; no estágio 3, para a aprovação social; no estágio 4, para a manutenção das leis; no estágio 5, para o relativismo e possibilidade de modificação da lei e, no estágio 6, o indivíduo se orienta pelos princípios éticos universais. Destaca-se nesse processo evolutivo o sentido de justiça, concebido como o princípio moral básico. Considerando-se que os estudantes de Ciências Jurídicas encontram-se em contato direto com as prescrições necessárias à aplicação da justiça, em contraposição aos estudantes de Engenharia, formulou-se a hipótese de que os estudantes de Ciências Jurídicas apresentariam um nível de julgamento moral significativamente maior que os estudantes de Engenharia. Foram utilizados como sujeitos 60 alunos pertencentes ao 7º e 8º períodos do curso de Ciências Jurídicas e 60 alunos pertencentes aos mesmos períodos do curso de Engenharia, que responderam à versão brasileira do SROM, de Gibbs et al (1984), na adaptação de Biaggio (1989). A análise dos resultados evidenciou que a média dos escores no SROM dos alunos de Ciências Jurídicas foi significativamente maior que a média dos escores obtidos pelos alunos do curso de Engenharia ($t=2,90$; $p<0,01$), o que permitiu a comprovação da hipótese do estudo. Concluiu-se que as situações que os alunos de Ciências Jurídicas vivenciam, no que se refere à aplicação das leis, constituem-se em um importante fator para o seu desenvolvimento moral.

-oOo-

SOC 2.12

DIFERENÇAS NAS PRIORIDADES AXIOLÓGICAS DE MÚSICOS E ADVOGADOS. *Alvaro Tamayo, Juliana Bernardes.* Universidade de Brasília.

Determinar o valor preditivo dos valores e, particularmente, estabelecer a sua relação funcional com a opção por uma profissão, com a prossecução de estudos universitários numa determinada área do conhecimento e com o exercício de uma profissão ou ocupação tem constituído um desafio para os pesquisadores. O escopo deste estudo foi pesquisar se as conseqüências do exercício das profissões de músico e advogado são relevantes para a obtenção de objetivos motivacionais inerentes às prioridades axiológicas do indivíduo. O quadro teórico utilizado foi a teoria dos valores de Schwartz que enfatiza as bases motivacionais dos valores. As prioridades axiológicas das pessoas estão organizadas em torno a duas dimensões: abertura à mudança vs conservação e autotranscendência vs autopromoção. O Inventário de Valores de Schwartz foi administrado a uma amostra de 142 sujeitos sendo 71 advogados e 51 músicos profissionais. A maioria dos advogados era profissional liberal, os demais eram empregados de pequenas empresas de advocacia ou funcionários públicos. O tempo de atuação médio na área profissional foi de 9,3 anos ($D.P. = 9,42$). A Anova 2 X 2 (sexo e profissão) foi calculada ao nível de cada um dos 10 tipos motivacionais de valores e de cada um dos 4 fatores de segunda ordem. Os músicos, quando comparados com os advogados, caracterizaram-se pela importância relativa dada ao hedonismo e à estimulação. Os advogados enfatizaram, mais do que os músicos, três tipos motivacionais de valores: conformidade, segurança, e poder. A diferença fundamental, do ponto de vista das prioridades axiológicas, entre os músicos e os advogados situou-se ao nível da dimensão abertura à mudança vs conservação. O perfil dos músicos foi caracterizado pela procura de mudança, de sensações novas e de prazer que constituem o pólo do individualismo, da autonomia intelectual e afetiva e da abertura à mudança. No pólo oposto desta dimensão encontra-se a tendência ao conservadorismo, ao coletivismo, a preservar o *status quo*, que caracterizaram o perfil dos advogados.

-oOo-

SOC 2.13

PRIORIDADES AXIOLÓGICAS, TEMPO DE SERVIÇO E CIDADANIA ORGANIZACIONAL. *Alvaro Tamayo, Pablo Armando, Sandra Macedo e Fábio, T. Guimarães,* Universidade de Brasília.

A existência de comportamentos de cidadania organizacional é um fato que pode ser observado em todas as organizações. O problema para os pesquisadores tem sido encontrar os seus antecedentes. São eles de tipo organizacional ou pessoal? Boa parte da pesquisa atual na área de cidadania organizacional está voltada para a solução deste problema. As prioridades axiológicas das pessoas e o seu tempo de serviço na empresa são antecedentes dos comportamentos de cidadania organizacional? Este foi o problema estudado na presente pesquisa. A amostra foi composta por 300 sujeitos de uma empresa pública. A idade média foi de 38,07 anos e média de tempo de serviço de 13,90 anos. A amostra foi dividida em três grupos de acordo com o tempo de serviço na empresa. A amostra foi também dividida em função dos escores (alto e baixo) obtidos na avaliação das prioridades axiológicas. Dois instrumentos de medida foram utilizados: o Inventário de Valores de Schwartz (1992) composto por 61

valores distribuídos em quatro fatores de segunda ordem: individualismo, coletivismo, autotranscendência e autopromoção. Para a avaliação da variável dependente foi utilizada a Escala de Cidadania Organizacional (Siqueira, 1995) constituída por cinco fatores: cooperação com os colegas, proteção ao sistema, sugestões criativas, autotreinamento e criação de clima favorável à organização no ambiente externo. A Anova 2 X 3 revelou uma relação estreita entre tempo de serviço e dois componentes da cidadania organizacional: proteção ao sistema e formação de um clima externo favorável à empresa. O impacto das prioridades axiológicas não foi homogêneo para todos os componentes do comportamento de cidadania organizacional. Os fatores sugestões criativas e autotreinamento foram influenciados simultaneamente pela prioridade dada ao individualismo e à autopromoção, os fatores cooperação com os colegas e proteção ao sistema foram influenciados pela prioridade dada ao coletivismo e à autotranscendência que constituem o polo oposto do individualismo e da autopromoção, respectivamente. Os resultados desta pesquisa mostram que, do ponto de vista motivacional, a natureza dos comportamentos de cidadania organizacional é heterogênea.

-oOo-

SOC 2.14

INFLUÊNCIA DA IDADE E DO GÊNERO NO COMPORTAMENTO DE CIDADANIA ORGANIZACIONAL. *Alvaro Tamayo, Verônica B. de Oliveira, Renata, S. Carvalho, e André, L. F. Moniz.* Universidade de Brasília.

Na última década tem aumentado a popularidade do conceito de cidadania organizacional e numerosos pesquisadores têm realizado estudos empíricos visando identificar os antecedentes e os conseqüentes do comportamento de cidadania organizacional. Até o presente os correlatos mais sólidos da cidadania organizacional são a satisfação no trabalho, a percepção de justiça organizacional e o comprometimento afetivo. O escopo desta pesquisa foi estudar o impacto da idade e do gênero sobre o comportamento de cidadania organizacional. A amostra foi composta por 299 empregados, divididos em três faixas etárias: de 20 a 35 anos ($n = 91$), de 36 a 42 ($n = 118$) e de 43 a 60 ($n = 90$). A Escala de Cidadania Organizacional (ECO) de Siqueira foi utilizada para a avaliação da cidadania organizacional. A ECO avalia cinco fatores: criação de um clima externo favorável à organização, cooperação com os colegas, proteção ao patrimônio organizacional, sugestões criativas e autotreinamento. A ANOVA 3 X 2 revelou um efeito principal da idade sobre os fatores: clima externo favorável à organização ($p < 0,001$), cooperação com os colegas ($p < 0,02$) e proteção ao patrimônio organizacional ($p < 0,001$). A variável gênero teve influência sobre a cooperação com os colegas ($p < 0,001$), sendo o escore superior para as mulheres. Os resultados são explicados em termos de diferenças motivacionais em função da idade e do gênero.

-oOo-

SOC 2.15

"ATRAÇÃO PELO SAGRADO": UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA DAS ESCOLHAS RELIGIOSAS. *Adriana Aparecida Cabral, Andreia Casagrande Gomes, Cinthia Guimarães Resende, Cristiana Mercadante Esper Berthoud, Adriana Leônidas de Oliveira.* Universidade de Taubaté.

Esta pesquisa foi realizada no "Núcleo de Pesquisas sobre a Família" do Curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade de Taubaté, tendo por objetivo analisar os motivos que mobilizam as pessoas a procurarem determinadas religiões. A pesquisa contou com uma amostra de sessenta pessoas, de idade superior a vinte anos, de ambos os sexos, vinculadas a três grandes grupos religiosos: Catolicismo, Protestantismo e Espiritismo. Em cada grupo, duas subdivisões foram estudadas: Assembléia de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus (Protestantismo), Kardecismo e Umbanda (Espiritismo), Renovação Carismática e Igreja Católica Apostólica Romana (Catolicismo). Uma entrevista estruturada compôs o instrumento utilizado para obtenção dos dados, tendo sido realizada tanto nas residências dos sujeitos, quanto nas Igrejas ou Templos, em função da disponibilidade dos mesmos. A análise do discurso dos entrevistados, possibilitou traçar um perfil dos adeptos de cada religião pesquisada e analisá-los de acordo com a teoria Junguiana que embasa esse trabalho. Conclui-se que não há um único determinante na escolha religiosa, sendo que esta depende de fatores pessoais que farão com que o indivíduo busque ou não o acolhimento de que necessita em algum credo religioso. Na maioria dos casos, o significado que a religião assumirá na vida do indivíduo, será influenciado pelos ensinamentos do credo religioso buscado, desde que este passe a suprir carências, dar respostas aos questionamentos pessoais e/ou filosóficos ou mesmo, em alguns casos, auxiliar na resolução de problemas. Assim, de acordo com a teoria Junguiana, o processo religioso pode se configurar de diferentes maneiras. Pode se revestir de um caráter castrador, quando a crença religiosa parece ser predominante na vida do indivíduo que utiliza seus dogmas como referências básicas de suas ações e decisões - o sagrado, o transcendente, deixa de ter um significado em si mesmo, e não há reflexão crítica sobre a prática religiosa. De outro modo, pode-se ainda enfocar a religião do ponto de vista de seu caráter de complementação espiritual proporcionando um sentimento de integração do indivíduo com o numinoso, para aqueles que a vivenciam sem tomá-la como único "pilar" de sua própria vida.

* orientadoras da pesquisa

-oOo-

SOC 2.16

A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO INDIVÍDUO RELIGIOSO. *Dulce Helena X. do Nascimento e Stefan Kucharski.* Universidade Gama Filho.

Os estudos sobre a responsabilidade social do indivíduo apontam, como agentes na formação desta responsabilidade, a família, o meio ambiente comunitário, a escola e as éticas profissionais. Apenas alguns destes estudos discutem a influência da religião nesta formação. Cada religião, considerada como sistema moral, ensina caminho para Deus. Este caminho, porém, não é particular para cada um dos indivíduos. Não existe religião individual mas sempre social. É numa comunidade religiosa que o indivíduo aprende os deveres consigo mesmo, com o outro (próximo) e com a comunidade em todos seus níveis. Aprende, num ensino programado, a responsabilidade social em pleno sentido desta palavra. Este ensino vai desde preparação para o batismo e o matrimônio até teologia pastoral e moral aplicadas em culto e encontros semanais em cada grupo religioso. Levando em conta, de um lado, a crise da responsabilidade social presente no nosso país em quase todos segmentos da atividade humana e, de outro lado, o crescimento, cada vez maior, de número de confissões religiosas, freqüentemente novas, o estudo se propôs a investigar

até que ponto a religião contribui na formação da responsabilidade social do indivíduo. Foi formada a hipótese, que o indivíduo religioso praticante/participante é mais responsável no cumprimento dos seus deveres que o indivíduo não praticante/participante. Para verificar esta hipótese foi utilizada a Escala de Responsabilidade Social de Siligman e Fernandes (1989) adaptada pelos autores do estudo, para a realidade brasileira atual. O questionário foi aplicado para 400 sujeitos (200 mulheres e 200 homens) com idades entre 25 - 40 anos, residentes no Rio de Janeiro com a seguinte divisão: 100 indivíduos praticantes/ participantes da religião católica, 100 indivíduos praticantes/ participantes da religião batista e 200 indivíduos não praticantes/ participantes de qualquer grupo religioso. Para análise dos resultados foi utilizado o teste t de Student. Foram analisados separadamente os questionários dos indivíduos católicos, batistas e dos não praticantes/ participantes. Os resultados obtidos nestes três grupos foram avaliados e comparados. Não houve diferença significativa nos resultados obtidos nos indivíduos católicos e batistas. Houve diferença, bem significativa, entre os praticantes/ participantes (católicos e batistas) e os não praticantes/ participantes. Confirmou-se a hipótese que a religião é um dos agentes importantes na formação da responsabilidade social do homem e que os indivíduos praticantes/participantes são mais responsáveis que os indivíduos não praticantes/ participantes. Os autores deste estudo acham, que o mesmo deve ser aplicado para outras religiões de importância maior, com amostras bem maiores, para tirar as conclusões. Uma delas seria, talvez, a introdução de formação religiosa e/ou ética nas escolas. O estudo teve apoio da Universidade Gama Filho.

-oOo-

SOC 2.17
SUPERSTIÇÕES COMUNS E SUAS RELAÇÕES COM TIPOS DE RACIOCÍNIO. *Bartholomeu T. Tróccoli e Sheila Malta Santos.* Universidade de Brasília.

Neste estudo foram investigadas (1) a existência de uma possível estrutura fatorial, subjacente a um conjunto de crenças supersticiosas; e (2) as associações dessa estrutura fatorial com características demográficas e tipos de processamento de informação. Cerca de 409 estudantes universitários responderam questionários sobre crenças supersticiosas e tipos de raciocínio (intuitivo-experiencial vs. lógico-analítico). Resultados da análise fatorial revelaram três fatores de primeira ordem e um fator de segunda ordem, subjacentes às quarenta e nove crenças estudadas. O fator 1 (crenças relacionadas à sorte) e o fator 3 (crenças ligadas ao azar), apresentaram alta correlação entre si, unindo-se em um único fator de segunda ordem. O fator 2 de primeira ordem referiu-se a um temor mais profundo de consequências negativas advindas de comportamentos específicos. Correlações e comparações entre médias revelaram que as pessoas mais crédulas, nas suas respostas aos fatores 1 e 3, também relataram maior habilidade e preferência pelo pensamento experiencial do que pelo pensamento racional. Nenhuma associação foi encontrada com relação ao fator 2. Resultados adicionais também revelaram que as mulheres foram significativamente mais crédulas, quanto a superstições associadas à sorte e ao azar, bem como apresentaram uma maior habilidade e preferência pelo processamento experiencial do que os homens. Estudantes das ciências exatas foram menos supersticiosos e mais racionais do que os estudantes das ciências médicas/biológicas e das ciências humanas/sociais. Por último, o grupo de estudantes protestantes revelou-se menos supersticioso e

mais racional, do que os grupos católicos, espíritas e sem religião. Em geral, os resultados permitem uma melhor compreensão da natureza das crenças supersticiosas, e sugerem a eliminação da redução do estudo dessas crenças a um confronto entre racionalidade vs. irracionalidade.

-oOo-

SOC 2.18
ATRIBUIÇÃO DE CAUSALIDADE AO SUCESSO E AO FRACASSO. *Maria Alice D'Amorim e Jaqueline Pinto Martins.* Universidade Gama Filho

Habilidade e esforço são causas frequentemente utilizadas para explicar sucesso ou fracasso. Estudos realizados recentemente comparando sujeitos americanos com os brasileiros nas diferenças de atribuição de uma performance à habilidade ou ao esforço não mostraram diferenças significativas entre as duas amostras estudadas. Ambos os grupos preferindo a habilidade ao esforço. Mas observou-se na amostra brasileira, uma tendência à valorização do esforço no caso da pessoa idosa. Ou seja, quando a habilidade não tem mais valor instrumental, a preferência recai na pessoa mais esforçada. Este estudo procura verificar o tipo de atribuição usada pelos sujeitos a situações de desempenho onde a descrição varia de acordo com um modelo experimental 2 (sexo) X 3 (idade - jovem, adulto, aposentado) X 2 (situação de trabalho ou estudo) levando 6 delas ao sucesso e as outras 6 ao fracasso. O estudo incluiu 337 sujeitos equilibrados por sexo (49, 6% homens e 50, 4% mulheres), com idade entre 17 e 35 anos, que se distribuíram pelas 12 situações experimentais. A resposta dos sujeitos, dadas em escala de 1 a 5, foram agrupadas em 2 categorias 1 e 2 = capacidade e 4 e 5 = esforço, já que a resposta 3 teve uma frequência muito baixa (9, 2%). Os resultados indicaram que, independente das demais condições experimentais, os sujeitos enfatizam mais a capacidade nas situações de sucesso, enquanto que nas situações de fracasso, os indivíduos enfatizam mais a falta de esforço ($\chi^2 = 25.58$ com $p < 0.000$). Comparando os resultados obtidos por Rodrigues, D'Amorim, Jablonski e Martins (1994), com os estudantes brasileiros, pode-se notar que os dados deste estudo confirmam os resultados obtidos por estes autores para os jovens nas situações de sucesso e para os idosos na situação de fracasso. A comparação entre a pesquisa atual e a anterior já citada, mostra uma concordância em atribuir aos jovens seus sucessos em função de sua capacidade. Surge, porém, uma diferença; em 1994 o fracasso era explicado pela falta de capacidade enquanto que no estudo atual o sujeito recorre à falta de esforço. Para os idosos os dados de Rodrigues et al. (1994) mostram o esforço ou sua falta como a explicação básica dos resultados obtidos. Em 1996, aparece uma atribuição de capacidade aos idosos no caso do sucesso o que mostra, aparentemente, uma maior valorização do idoso.

-oOo-

SOC 2.19
AS FORMAS DE COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL NA CRIANÇA PORTADORA DE DEFICIÊNCIAS. *Antúlia J. Martins* (Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação), *Suely Oliveira Marinho* (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), *Carlos Américo Alves Pereira* (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

A criança portadora de doenças genéticas, pode apresentar um comprometimento mental e/ou motor, o que poderá afetar ou não

as formas de se relacionar com as pessoas e o mundo que a cerca. Este trabalho teve por objetivo investigar as modalidades de comunicação não-verbal utilizadas pela criança portadora de doenças genéticas. A pesquisa de campo foi realizada no ambulatório de Genética Médica do Instituto Fernandes Figueira - FIOCRUZ, Rio de Janeiro. O público alvo foi formado por dez crianças de ambos os sexos, sendo que 40% (n=4) das crianças, tinham menos de um ano de idade, 20% (n=2) tinham de um ano a dois anos e 40% (n=4) tinham de dois a sete anos. Apresentavam os seguintes comprometimentos: retardo mental (27%); atraso no desenvolvimento neuropsicomotor (26%); deficiência visual (8%); distúrbio de fala (8%); dismorfias (8%); outros — sindactilia, incontinência urinária, hipospádia, microcefalia, hiperatividade e distúrbio psiquiátrico (23%). Foram feitas dez entrevistas com responsáveis pelos pacientes, tipo dirigida, duração de 30 min. e aplicado um questionário que abordou os sinais do comportamento não-verbal (olhar, toque, sorriso etc.) apresentados pela criança num total de dezessete situações específicas (sono, segurança, asseio, brincadeira etc.). Sobre a frequência de expressões

infantis em situações de reconhecimento dos pais, os responsáveis indicaram que a criança os reconhece, principalmente, pela voz dos mesmos (17%) e pelo olhar (23%). A reação mais comum em relação a outras pessoas da família é correr ao encontro delas (21%). Quanto às necessidades fisiológicas (sono, sede, dor, fome, fezes/urina), o choro é o principal sinal que a criança apresenta (30%). Frente à emoção de alegria, os pais percebem-na mais frequentemente através do riso (35%) e movimentos de braços e pernas (25%). Quanto às emoções negativas (raiva e tristeza), reagem principalmente com reações hostis (20%), choro (13%) e movimento de membros (10%). Em situações de asseio, 31% das crianças costumam movimentar os braços e pernas e 21% colaboram de diversas formas. Os resultados demonstraram que as crianças portadoras de deficiências deste estudo interagem com as pessoas e o ambiente através de diversas formas de comunicação não-verbal, reações estas semelhantes às demais crianças.

-oOo-

TÉCNICA DO EXAME PSICOLÓGICO

TEP 1.01

SSQ (STUDENT STYLES QUESTIONNAIRE) VALIDAÇÃO DE CONSTRUTO NA AVALIAÇÃO DO TEMPERAMENTO. *Isabel C. Riello, Magali R. Serrano, Raquel S. L. Guzzo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Ricardo Primi, Universidade de São Paulo.*

O estudo do temperamento, considerado importante característica da personalidade, tem sido enfatizado para aplicação em diferentes áreas de atuação. A escala SSQ (Student Styles Questionnaire; Oakland, Glutting & Hoston 1991), tem se mostrado um instrumento útil para a avaliação dessa característica da personalidade entre adolescentes em situação escolar. Os objetivos deste estudo foram: 1) verificar a validade conceitual do instrumento e 2) desenvolver uma análise de validade cruzada comparando os resultados obtidos neste estudo com um estudo prévio. Foram sujeitos 521 adolescentes de 15 a 19 anos de ambos os sexos, vinculados a instituições de ensino público e particular em nível de 2º grau e pré-vestibular. Os dados obtidos foram analisados pelo pacote estatístico LISREL, demonstrando que os fatores não se comportaram conforme a hipótese de pesquisa, em que a escala estaria medindo 4 fatores. Pela análise, o fator Introversão x Extroversão mostrou-se independente dos outros fatores com menor carga correlacional, sendo que a correlação dos outros três fatores foi superior a 0,5. Confirmando este resultado, a análise correlacional dos itens dentro do fator, demonstrou que os fatores Introversão x Extroversão e Crítico x Perceptivo são os mais evidentes, com maior número de itens (19 e 15 respectivamente) correlacionados com o fator. Estes resultados confirmam a importância da pesquisa psicométrica em instrumentos de medida psicológica, os quais devem ser constantemente analisados em função do seu conteúdo (validade de conteúdo). Pesquisas transculturais em que os instrumentos são traduzidos e adaptados para outras línguas ou mesmo instrumentos antigos podem constituir-se em razões para que os itens deixem de medir o que deveriam, exigindo uma revisão conceitual. (CNPq)

-oOo-

TEP 1.02

PROCEDIMENTO DE AVALIAÇÃO COGNITIVA ASSISTIDA ATRAVÉS DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS. *Margaret Rose Santa Maria e Maria Beatriz Martins Linhares.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

Frente à clientela com queixa de dificuldade de aprendizagem que procura ajuda externa à escola, as avaliações psicológicas desenvolvidas incluem a avaliação intelectual da criança, que segue frequentemente a abordagem psicométrica. Com base nessa avaliação, tem se identificado nessa clientela um contingente de crianças classificadas como deficientes mentais leves, sendo estas muitas vezes encaminhadas para classes especiais. Verifica-se, no entanto, que podem existir variações intra-grupo, no que se refere ao desempenho cognitivo dessas crianças. Melhoradas as condições de avaliação através de um suporte instrucional e ajustável às necessidades das crianças, algumas delas apresentam desempenho além do demonstrado inicialmente sem ajuda. O presente estudo tem por objetivo delinear um procedimento de avaliação cognitiva que inclua assistência em tarefas de resolução de problemas, a fim de focalizar o desempenho potencial de crianças com indicação de dificuldade de aprendizagem, classificadas como DM leve e encaminhadas para atendimento psicológico. A amostra foi constituída por 15 crianças de 8 a 11 anos, de 1ª e 2ª

série, encaminhadas para serviços públicos de Psicologia com queixa escolar e que foram posteriormente classificadas como DM leve pelo Columbia. Para a avaliação cognitiva assistida foram utilizadas duas tarefas de resolução de problemas, a saber: Teste de Modificabilidade do Pensamento Analógico em Crianças (Tzuriel e Klein, 1985) e Jogo das Perguntas de Busca com Figuras Geométricas (Linhares, 1991). Foi seguido um delineamento de quatro fases para cada tarefa: inicial sem ajuda, assistência, manutenção e transferência. Na assistência foi estabelecido um gradiente de pistas de mediação. Procedeu-se à análise comparativa do desempenho nas diferentes fases da avaliação quanto a: tentativas de solução (corretas, incorretas, ao acaso); estratégias de solução (relevância da pergunta de busca, número de perguntas), ajuda necessária para solução (níveis do gradiente de mediação) e generalização das estratégias. Foram identificadas crianças: "ganhadoras" que melhoram com a assistência e mantêm o desempenho de maior número de acertos, usando estratégias de perguntas ou de relações analógicas eficientes para a solução; "alto-escore", que apresentam bom desempenho logo na fase inicial quanto a esses indicadores e "não-ganhadoras", que não mantêm a melhora do desempenho após a suspensão da assistência. Houve variação intra-grupo quanto ao nível de mediação necessário para resolver as tarefas e quanto à generalização das estratégias de solução. Detectou-se crianças eficientes e transferidoras na resolução das tarefas, que necessitaram de pouca ajuda, assim como aquelas que requereram muita assistência e apresentaram pouca eficiência e dificuldades na transferência da aprendizagem. (FAPESP)

-oOo-

TEP 1.03

O QUE AS MÃES COMUNICAM ATRAVÉS DE SEUS DESENHOS? UMA TENTATIVA DE COMPREENSÃO DOS PSICODINAMISMOS FAMILIARES A PARTIR DA APLICAÇÃO DE UMA BATERIA DE TÉCNICAS GRÁFICAS PROJETIVAS. *Manoel Antônio dos Santos e Fabiana Meire Magalhães de Paula.* Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto.

A finalidade do presente estudo é investigar em que medida os psicodinamismos familiares são responsáveis pelo desencadeamento ou agravamento de problemas emocionais e/ou comportamentais comuns na adolescência. Com esse propósito, foi aplicada uma bateria de técnicas gráficas projetivas, composta pela Técnica da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P), em sua versão original, fase monocromática, Desenho da Figura Humana na Técnica de Machover, Desenho da Família e Desenho Livre. Foram avaliadas quatro mães de clientes adolescentes que procuraram atendimento psicológico oferecido pela clínica-escola da FFCLRP-USP, durante o ano de 1996. Os desenhos foram avaliados segundo um sistema de análise elaborado por um dos autores, a partir das pautas normativas oferecidas pela literatura. Os protocolos foram analisados de forma independente por dois juízes com experiência com técnicas gráficas, permitindo a sistematização dos dados obtidos sob a forma de sínteses interpretativas de cada caso. A investigação clínica da personalidade materna abrangeu tanto aspectos de estrutura, como de funcionamento psíquico. Do conjunto de dados avaliados, podem-se destacar os seguintes resultados: (1) De um modo geral, a produção apresenta-se bastante empobrecida, em termos qualitativos, sendo que essa característica observada pode ser compreendida mais como uma defesa contra o envolvimento com a tarefa e como forma de se

proteger do contato com os conflitos internos evocados pelas técnicas. (2) Durante a aplicação das técnicas gráficas, todas as mães apresentaram intensa necessidade de apoio, estímulo e demonstração de aceitação por parte da aplicadora, além de sérias resistências em desenhar. Esses índices são sugestivos de forte insegurança frente à emergência de angústias difíceis de serem manejadas conscientemente, aliadas a fantasias de fracasso pessoal, que é justificado racionalmente como produto de uma suposta "doença" ou incapacidade mental do próprio sujeito. (3) A amostra caracteriza-se por um notável rebaixamento da auto-estima, o que parece estimular vivências depressivas, com sentimentos de desproteção e desamparo frente à emergência da ansiedade suscitada pelo contato com as necessidades afetivas, notadamente em situações novas. Como resultado dessa dinâmica defensiva, nota-se uma restrição marcante no uso das próprias potencialidades e recursos, além de um significativo afastamento em relação à realidade, sentida como muito ameaçadora, o que leva as mães a recorrerem ao isolamento emocional, à restrição dos vínculos afetivos que estabelecem com o mundo e ao auto-isolamento, contribuindo para sua permanência regressiva nos limites estritos do universo familiar e religioso. Isso impede essas mães de exercerem as funções psíquicas que normalmente são requeridas dos pais, no sentido de atenuarem as alterações no equilíbrio psicológico que são comuns aos adolescentes, de modo a fornecer-lhes um modelo de contenção emocional e, simultaneamente, favorecer-lhes a necessária autonomia relativa, que é reivindicada pelos filhos nessa etapa de crescimento, por si só tão turbulenta. Esses dados permitem concluir que a análise dos desenhos corrobora as hipóteses que haviam sido traçadas a partir do material clínico coligido durante as entrevistas, no sentido de que aquilo que mobiliza as mães em direção ao atendimento psicológico pode ser entendido como um desejo inconsciente de receber de fora (ou seja, do mundo externo) a confirmação de que os métodos e práticas que elas vêm utilizando para educar o adolescente são corretos, numa tentativa de eliminar suas dúvidas e culpa relacionada à "enfermidade" do filho.

-oOo-

TEP 1.04

ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE SATISFAÇÃO DE VIDA DE ESTUDANTES. *Claudia Hofheinz Giacomoni, Claudio Simon Hutz, Carolina Gasperin, Cibele Petry Cesca, Fernanda Martins Marques, Heloisa Kanter Rössler, Jane Fischer Barros, Lizia Pacheco Porciuncula, Suzana Feldens Schwertner.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O construto satisfação global de vida é um dos componentes do bem-estar subjetivo. Bem-estar subjetivo diz respeito a como e por quê as pessoas experienciam suas vidas de forma positiva. É uma atitude e como tal possui pelo menos dois componentes básicos: afeto e cognição. A satisfação global de vida se refere ao julgamento cognitivo que a pessoa faz de sua vida como um todo; é a avaliação que se faz sobre a própria qualidade de vida. Embora haja um número substancial de pesquisas sobre o bem-estar subjetivo em adultos, pouco se pesquisou em crianças e adolescentes. Somente após o surgimento de medidas recentes tais como a Escala de Satisfação de Vida de Estudantes estudos sobre a natureza e correlações da satisfação de vida das crianças e adolescentes se tornaram possíveis. O objetivo do presente estudo é descrever a adaptação da Escala de Satisfação de Vida de Estudantes (ESVE) de Huebner (1991a). Este instrumento mede a satisfação global de vida de estudantes. Participaram desta pes-

quisa 154 crianças (79 do sexo masculino e 75 do sexo feminino) entre oito e doze anos que freqüentavam a terceira série de seis escolas estaduais em Porto Alegre. A Escala de Satisfação de Vida de Estudantes é uma escala que objetiva medir a satisfação global de vida através de itens que fazem a criança assessorar a sua qualidade de vida como um todo, independentemente de domínios de vida específicos, tais como pares, família, ambiente. O instrumento foi aplicado individualmente, na própria escola. Para responder aos sete itens que compõem a escala, os estudantes selecionam uma das quatro opções: nunca (1), às vezes (2), geralmente (3) ou quase sempre (4). Não houve diferença de sexo. A média da amostra (17, $dp=2,5$) indica um bom nível de satisfação global da vida. Em amostras americanas a média encontrada foi de 20. Uma análise das demais características psicométricas da escala demonstraram que ela é adequada para fins de pesquisa nesta área. (CAPES).

-oOo-

TEP 1.05

VALIDAÇÃO DA MEDIDA DE DISPOSIÇÃO AFETIVA (MDA). *Mirlene Maria Matias Siqueira e Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira.* Universidade Federal de Uberlândia.

Disposição afetiva é concebido como o grau de satisfação que as pessoas demonstram frente aos diversos aspectos que integram seu dia a dia como, por exemplo, a cidade onde moram, o seu nome próprio, a escola que freqüenta ou freqüentou, dentre outros. A literatura demonstra que esta satisfação pode afetar, de forma significativa, diversos comportamentos no contexto social e de trabalho. O aparecimento do conceito de disposição afetiva na literatura psicológica veio reafirmar a relevância atualmente atribuída aos fatores afetivos como elementos constitutivos do perfil emocional do indivíduo. Entretanto, ainda não existem medidas deste conceito validadas para contexto nacional. Este estudo teve como objetivo validar, para o meio brasileiro, uma Medida de Disposição Afetiva (MDA) desenvolvida por Judge (1993), composta por 23 itens. A escala foi traduzida e posteriormente aplicada a 230 sujeitos dos sexos masculino (35, 2%) e feminino (64, 8%), com idade entre 18 e 58 anos e escolaridade variando entre primeiro grau incompleto a terceiro grau completo. Sobre as respostas dos 230 sujeitos realizaram-se análises dos componentes principais e rotações fatoriais oblíqua (*oblimin*) e ortogonal, utilizando-se o subprograma *Factor* do SPSS. Quando submetidos à análise dos componentes principais, os 23 itens da MDA revelaram a presença de três fatores importantes, com *eigenvalues* superiores a 1, 5, explicando 31, 6% da variância total. Após rotação dos três fatores através dos métodos oblíquo (*oblimin*) e ortogonal, observaram-se correlações positivas menores que 0, 20 entre os fatores 1 e 2 e entre os fatores 2 e 3. Estes resultados indicaram independência entre os fatores da MDA e, portanto, maior adequação das análises ortogonais. Assim sendo, os 23 itens da MDA estariam formando três fatores, os quais, individualmente, representariam três agrupamentos de itens. Entretanto, ao ser calculada a confiabilidade dos fatores, observou-se que nenhum deles detinha um índice de precisão mínimo aceitável, ou seja, maior ou igual a 0, 70. Diante destes resultados, a MDA foi considerada como uma escala unidimensional, integrada por 23 itens, cuja precisão é de 0, 75, constituindo-se numa medida adequada para o uso em investigações científicas no contexto brasileiro. (CNPq).

-oOo-

TEP 1.06

INVENTÁRIO DE BARREIRAS À CRIATIVIDADE PESSOAL. Eunice M.L.Soriano de Alencar, Universidade Católica de Brasília, Rebeca Ribeiro, Shyrlene N. Brandão e Alessandro Carvalho de Oliveira, Universidade de Brasília.

Várias são as barreiras que dificultam ao indivíduo desenvolver e expressar a sua habilidade criativa. Entretanto, estudos empíricos sobre este tema restringem-se sobremaneira às barreiras presentes nas organizações, tendo sido desenvolvidos vários instrumentos para identificar tais barreiras no ambiente de trabalho. O objetivo do presente estudo foi o de construir e validar um inventário de barreiras à criatividade pessoal. O instrumento desenvolvido foi conceitualmente fundamentado em estudos teóricos e empíricos previamente realizados pelos autores e outros de investigadores da área. O mesmo focaliza distintas barreiras que dificultam ao indivíduo expressar o seu potencial criador e incluiu, na sua versão original, 70 itens. Para fins de validação, o instrumento foi aplicado em uma amostra de 388 estudantes de distintos cursos universitários, após ter sido submetido a uma análise semântica com uma amostra de 15 sujeitos, que resultou na reformulação de alguns itens e eliminação de outros. Para o estudo do conteúdo do instrumento, procedeu-se a uma análise fatorial pelo processo de extração análise dos eixos principais com rotação oblíqua, que indicou quatro fatores, cada um deles com um número significativo de itens com carga fatorial igual ou maior do que 0,30. Estes fatores apresentaram respectivamente valor eigenvalue de 15,71; 4,42; 3,58 e 2,83 e coeficientes alfa de 0,91; 0,85; 0,85 e 0,88. Os distintos fatores dizem respeito a barreiras emocionais, (Fator 1), de disponibilidade de tempo e oportunidade (fator 2), sociais (fator 3) e de personalidade (fator 4). As análises preliminares indicam que o inventário discrimina distintos tipos de barreiras que afetam a expressão da criatividade pessoal, constituindo-se um instrumento útil para futuros estudos sobre esta questão. CNPq.

-oOo-

TEP 1.07

PERFIL DO MOTORISTA INFRATOR. Rosenilse Fava Cereser, Angela Coelho Moniz.

Dentre as preocupações relacionadas com o trânsito, destaca-se o fato de que 80% destes acidentes ocorrem por fatores humanos. Os motivos associados aos acidentes podem ser de várias naturezas incluindo o auto extermínio. O acidente muitas vezes é resultado de comportamentos conhecidos como infração. O comportamento infrator é multifatorial, assim alguns estudos o relacionam a desajustes de personalidade, desta forma o presente trabalho visa diagnosticar o perfil de personalidade do motorista infrator. Para isto foram aplicados testes de personalidade em trinta e sete indivíduos, condenados pela Justiça e submetidos ao curso de reeducação e modificação da conduta inadequada no trânsito. Os resultados indicam que os sujeitos apresentam por temperamento aumento na emotividade, na intratensão, oscilação entre a excitação aumentada e a inibição aumentada, predomínio da auto-agressividade, impulsividade acentuada e rigidez aumentada. Por reação observou-se: oscilação entre a auto-agressividade e a hetero-agressividade bem como inibição e excitação oscilante e tendência à atitudes rígidas. Observou-se também, predomínio do raciocínio concreto. As conclusões no momento são parciais, contudo estes dados corroboram com os da literatura onde são descritos aumento da auto-agressividade endógena, instabilidade tensional e forte emotividade endógena, levando a crer que o estudo da personalidade do sujeito infrator pode nos fornecer recursos importantes para o aprimoramento das técnicas de avaliação de futuros condutores, bem como para a elaboração de projetos de reeducação.

-oOo-

COMUNICAÇÕES TÉCNICAS

CT 1.01

ESTIMULADOR ELETRÔNICO PARA EXPERIMENTOS EM ANIMAIS SUBMETIDOS A CONDIÇÕES DE ESTÍMULOS AVERSIVOS. Fabio Lima, Alceu Ferreira Alves e Amauri Gouveia Jr., Universidade Estadual Paulista, Campus Bauru)

O estudo experimental do comportamento exige muitas vezes o uso de estimuladores de choque com características especiais, como, por exemplo, um alternador de polaridade (*scrabler*). A ausência deste no mercado brasileiro e os altos custos de importação estimularam este trabalho, que objetivou o projeto de um aparato de estimulação elétrica aversiva. O circuito projetado pode ser dividido em três principais partes, a saber: etapa digital, circuito de potência e interface de controle. A etapa digital do sistema gera e controla uma seqüência de pulsos a ser aplicada nos indivíduos sob experimento; é composta de um contador em anel de 10 bits baseado no CI 74164, acionado por um relógio de 150Hz construído com o CI LM555 em configuração astável. Os pulsos gerados pelo contador são transferidos ao circuito de potência, o qual aplica tensões de 120V DC às barras metálicas do piso da caixa experimental, de maneira seqüencial, de modo que o animal fique constantemente sob efeito dos estímulos elétricos. Os estímulos elétricos são aplicados às barras por transistores operando como chaves analógicas, com pulsos de intensidade média de 1mA, ajustável. A duração das seqüências de choques elétricos é definida através de *software* em microcomputador transferida ao sistema por uma interface serial RS-232. Através da mesma interface é possível monitorar-se qual a posição do indivíduo no interior da caixa, se esta for uma *shuttlebox*. Montou-se um protótipo para testes e desenvolveram-se os *lay-outs* das placas de circuito impresso. O circuito completo encontra-se em fase final de testes, tendo demonstrado eficiência nos experimentos já realizados. Entende-se de grande importância o caráter interdisciplinar da pesquisa, ao combinar em um mesmo experimento os princípios de estudo do comportamento com diversas áreas da engenharia elétrica, como eletrônica digital, analógica, desenvolvimento de *hardware* e *software*, eletrônica de potência e instrumentação.

-oOo-

CT 1.02

FORMRULES 2.0: SISTEMA COMPUTADORIZADO PARA ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO MOMENTANEAMENTE PRIVADO. Lorismario E. Simonassi¹, Weber Martins², André V. da Silva¹, Cristiane S. Gosch¹, Elisa T. Sanábio¹ e Aurea C. da S. Santos³. ¹Universidade Católica de Goiás/ ²Universidade Federal de Goiás, ³Universidade Federal do Pará.

O presente trabalho apresenta um sistema computadorizado para análise experimental de formulação de regras, controle instrucional e de comportamentos momentaneamente privados. O FORMRULES 2.0 é um sistema computadorizado que tem por base o uso de uma tela sensível ao toque (TIPS/Video Tek) e um programa desenvolvido para ambiente Windows. A tela sensível, única unidade de entrada para os sujeitos experimentais, atua com resolução de 16 por 16 em monitor colorido (SVGA) de 14 polegadas. O programa, desenvolvido nas linguagens Visual Basic e C++, inclui também chamadas às bibliotecas da API do Windows e alguns trechos em *Assembler* utilizados para otimizar o código produzido. O sistema processa saídas em texto (relatório), para visualização em vídeo e para arquivos independentes. A estrutura

básica oferecida pelo FORMRULES 2.0 para arranjo das situações experimentais é definida por uma tela principal com três *loci* de interação (áreas retangulares, de 3.5cm de largura por 5.5cm de altura, com quinas arredondadas). Um *locus* superior central (azul) apresenta estímulos visuais (letras, números) quando tocado. Os estímulos apresentados podem, também mediante toques, ser alocados a um dos dois outros *loci* na parte inferior da tela, um à direita (verde) e outro à esquerda (vermelho). Contadores estão dispostos na parte superior esquerda da tela. Interrupções programáveis da tela principal e apresentação simultânea de instruções ao sujeito podem ocorrer. O programa permite parâmetros programáveis de acordo com o experimentador: 1] o tipo e a quantidade de estímulo visual a ser apresentado, 2] que resposta de alocação do estímulo, se à direita ou à esquerda, será considerada correta, 3] a quantidade de tentativas até a interrupção para solicitação de relatos verbais e de respostas que venham a indicar comportamentos privados, 4] o tipo de instrução a ser dada ao sujeito nas interrupções e 5] o tipo de condição a ser apresentada em relação ao tipo de estímulo visual a ser utilizado. O sistema registra respostas do sujeito em relação às contingências programadas, as latências e conseqüências do responder (sons, pontos e a palavras) a cada tentativa, o ponto de interrupção para instrução, relato e respostas de SIM (juntamente com a latência) nas tentativas solicitadas. Testes e experimentos realizados em computadores 486 sobre o efeito de variáveis controláveis pelo FORMRULES 2.0 demonstraram que o sistema é fidedigno e confiável. A implementação de situações de operante livre e do registro automático dos relatos verbais pelo sistema é o objetivo futuro do desenvolvimento. (CNPq)

-oOo-

CT 1.03

O TESOURO DE HAVILOK 1.0: SISTEMA COMPUTADORIZADO PARA ANÁLISE EXPERIMENTAL DO EFEITO DE INSTRUÇÕES E DESCRIÇÃO DE CONTINGÊNCIAS. Lorismario E. Simonassi¹, Weber Martin², Jorge M. de Oliveira-Castro², Cláudio I. de Oliveira¹, ¹Universidade Católica de Goiás, ²Universidade de Brasília.

Um problema que tem causado incômodo aos analistas do comportamento é o desinteresse dos sujeitos experimentais em relação as tarefas apresentadas nas situações experimentais. A solução tentada nesse trabalho foi a utilização de recursos de animação para produção de um vídeo - game. O tesouro de HAVILOK 1.0 é um resultado inicial de um esforço multidisciplinar de implementação de um sistema computadorizado para análise experimental da descrição de contingência e do efeito de instruções. Este sistema computadorizado tem por base o uso de uma tela sensível ao toque (TIPS/Video Tek) e um programa desenvolvido para ambiente Windows. A tela sensível, única unidade de entrada para os sujeitos experimentais, atua com resolução de 16 por 16 em monitor colorido (SVGA) de 14 polegadas. O programa, desenvolvido nas linguagens Visual Basic e C++, inclui também chamadas às bibliotecas da API do Windows e alguns trechos em *Assembler* utilizados para otimizar o código produzido. O sistema processa saídas em texto (relatório), para visualização em vídeo e para arquivos independentes. A estrutura básica para o arranjo das situações experimentais constituiu-se da apresentação de duas telas principais nas quais há locais de interação. Estas telas apresentaram cildadas que o sujeito pode solucionar tocando a tela sensível. Os toques em locais específicos são seguidos de animações que sinalizam acertos ou erros.

Contadores são dispostos na parte superior esquerda e direita da tela. Nessa estrutura, O TESOURO DE HAVILOK 1.0 permite a manipulação de instruções, de acordo com o interesse do experimentador. Pode-se programar: 1] diferentes instruções de como solucionar as ciladas, 2] números de vezes que se pede relato durante as sessões, 3] números de tentativas para a sessão, 4] critério de encerramento da sessão, 5] números de vidas disponíveis. O sistema registra: 1] os acertos e erros dos sujeitos, 2] as combinações de estímulos apresentados em cada tentativa, 3] acordo e desacordo entre respostas e interações.

-oOo-

CT 1.04

CONSTRUINDO RECURSOS DIDÁTICOS PARA ESTUDAR O DESENVOLVIMENTO INFANTIL. Nancy V. F. de Almeida, Maria Stella C. de A. Gil, Cinthia A. Piccinato, Graziela Siebert. Universidade Federal de São Carlos.

O trabalho ora apresentado exemplifica parte de um conjunto de recursos pedagógicos a serem utilizados nas disciplinas de Psicologia do Desenvolvimento oferecidas a cursos de graduação da UFSCar. A experiência com essas disciplinas tem mostrado a necessidade de se introduzir procedimentos de ensino que criem fases intermediárias entre a aquisição de conceitos e o exercício profissional, evitando as lacunas usualmente presentes na formação do aluno, de modo a aproximá-lo dos fenômenos que precisa identificar e descrever, favorecendo sua participação ativa no próprio processo de aprender. Com o objetivo de criar condições favoráveis à articulação prático-conceitual, vêm sendo produzidos recursos didáticos constituídos por pequenos textos, acompanhados de vídeoteipe. Tais textos são elaborados a partir dos registros em vídeo, de episódios de interação adulto-criança e criança-criança, cujas atividades são previamente planejadas para atender ao ensino, pesquisa e extensão, realizados no âmbito do Laboratório de Interação Social. Trechos/episódios do vídeoteipe são, portanto, acompanhados de pequenos textos, cuja função é orientar a "leitura" que os alunos devem fazer dos processos interativos, identificando neles aspectos do desenvolvimento passíveis de análise e interpretação, de acordo com conceitos tratados na literatura da área. Os procedimentos adotados na elaboração desses recursos didáticos seguem os seguintes passos: planejamento de intervenção com crianças de seis a 24 meses de idade; execução das atividades planejadas; registro em vídeo daquelas atividades que atendem aos objetivos didáticos propostos; descrição minuciosa dos episódios registrados; análise das descrições com ênfase nos aspectos do desenvolvimento a serem trabalhados; redação dos textos; confronto texto-vídeoteipe correspondente por leitor/ouvinte ingênuo; redação final do texto. Dentre os recursos didáticos assim obtidos, serão apresentados três textos e respectivas ilustrações, exemplificando o material construído.

-oOo-

CT 1.05

REL 1.0: SISTEMA COMPUTADORIZADO PARA O ENSINO DE DISCRIMINAÇÕES SIMPLES E CONDICIONAIS. Sebastião Alessandro Linhares dos Santos, Ane Margareth Monte Verde da Silva, Marcelo Quintino Galvão Baptista e Grauben Assis. Universidade Federal do Pará.

O desenvolvimento e avaliação de software para a Análise Experimental do Comportamento tem evoluído no Brasil, refletindo a

crescente demanda de pesquisas, principalmente para analisar, controlar e registrar dados com sujeitos humanos em Laboratório. Interfaces gráficas (como o Windows na plataforma de micros PC ou o Power Macintosh) aumentaram a interatividade usuário-computador, popularizando essas tecnologias no ambiente acadêmico. No presente estudo é demonstrado um sistema computadorizado para análise, controle e registro de dados experimentais em procedimentos de treino e testes para formação de classes de estímulos ordinais, discriminações simples, condicionais e contextuais. O REL 1.0 é um sistema executável em micros PC 486 ou Pentium equipado com monitor de tela sensível ao toque ou mouse. O programa, desenvolvido em linguagem VISUAL BASIC para ambiente Windows, permite incorporar figuras das bibliotecas da API do Windows (tipo BitMap ou Windows MetaFile), desenhos produzidos pelo Paintbrush ou ainda fotos digitalizadas. O sistema processa saídas através de relatórios impressos e visualização em vídeo. O programa oferece três modalidades: 1) uma estrutura com matrizes selecionáveis que variam quanto a quantidade de *loci* de interação (de duas a cinco). Toques nos *loci* geram a apresentação de estímulos visuais; 2) uma segunda estrutura apresenta uma matriz com cinco *loci* de interação, incorporando inclusive cores; 3) uma terceira estrutura com uma matriz selecionável (de duas a nove) de *loci* de interação, permite a apresentação de instruções na tela e o deslocamento de figuras de uma parte a outra do vídeo. O REL 1.0 programa várias contingências: 1) a seqüência de blocos de treino e testes de relações condicionais ou ordinais entre estímulos, 2) estímulos visuais (letras, palavras, símbolos, dígitos, figuras, etc.), 3) a quantidade de relações modelo-comparações em um bloco de tentativas e o número de tentativas em cada bloco, 4) a base probabilística para apresentação do modelo e dos estímulos de comparação ao longo das tentativas e 5) controle das tonalidades de cores (fading in ou fading out). O programa permite interrupções ao longo de cada sessão experimental e registrar, a cada tentativa, as respostas corretas e incorretas, latência, as conseqüências programadas (sons, mensagens na tela ou pontos através de um contador visível na parte superior do vídeo) e o *locus* de ocorrência do estímulo de comparação na matriz. Experimentos conduzidos com adultos e crianças, demonstraram a confiabilidade do software. Presentemente, testes vêm sendo conduzidos com o sistema usando sujeitos infra-humanos.

-oOo-

CT 1.06

INTERNET: O QUE O PSICÓLOGO PRECISA TER E SABER PARA FICAR "PLUGADO". Maria Imaculada Cardoso Sampaio e Aparecida Angélica Z. Paulovic Sabadini. Universidade de São Paulo.

Apresenta esclarecimentos básicos sobre o que o pesquisador, em particular o estudioso da Psicologia, precisa ter e saber para estar "plugado" na maior rede mundial de computadores existente na atualidade: a Internet. Descreve o equipamento básico necessário, os softwares disponíveis e os serviços essenciais para conexão à rede, que são oferecidos através dos chamados provedores de acesso; esses provedores geralmente existem como BBS's (Bulletin Boards Systems). Arrola os principais serviços operacionais e experimentais disponíveis na Internet: E-mail (Eletronic-Mail), WWW (World Wide Web), FTP (File Transfer Protocol), Usenet, Telnet, SNMP (Simple Network Management Protocol), I-phone e Listservers, assim, como, o jargão utilizado pelos "internautas" na rede, que consiste na descrição dos ter-

mos: Download, Host, Cliente, BBS, Chat, HTML, Browser, Intranet, Java, URML, Link e Site. Aponta algumas instituições internacionais e nacionais voltadas para auxiliar o profissional da área da Psicologia na busca de informações e serviços e oferece um caminho para o pesquisador iniciar suas pesquisas de forma dirigida através dos Sites:

- American Psychological Society - APS) e Hanover College Psychology Department - <http://psych.hanover.edu>). Permite ao usuário da Internet recuperar vários tipos de informação. São periódicos eletrônicos, informações sobre sociedades, artigos do APS Observer, cursos de Psicologia, eventos de interesse na área e outras opções voltadas para o profissional da Psicologia.

- American Psychological Association - APA) - <http://www.apa.org>). A APA é responsável pelos Sites: a) PsychNETSM - oferece informações sobre convenções e conferências, livros publicados pela APA e muitas outras opções; b) PsycINFO[®] - inclui referências bibliográficas com resumos de artigos de periódicos do material publicado em mais de 45 países e garante ao pesquisador da Psicologia e áreas afins a mais completa atualização profissional.

- Sistema Integrado de Bibliotecas da USP - SIBi) - <http://www.usp.br/sibi/sibi.html>). Instituído em 1981, o SIBi tem como objetivo "criar condições para o funcionamento sistêmico das bibliotecas da USP, a fim de oferecer suporte ao desenvolvimento do ensino e da pesquisa." O Banco de Dados Bibliográficos da USP (DEDALUS) disponível na Internet, contém os registros bibliográficos das 38 bibliotecas, permitindo a recuperação e localização de livros, teses e dissertações, publicações seriadas com suas respectivas coleções, produção bibliográfica gerada na Universidade desde 1985 e filmes e vídeos existentes nas bibliotecas.

- Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT). Tem como política aproximar e articular entre si as di-

versas redes e unidades de informação em ciência e tecnologia no país. Alguns dos produtos e serviços disponíveis na Internet são: a) Rede Antares (<http://www.ibict.br/antares>) - permite o acesso a base de dados de 14 instituições brasileiras; b) Diretório Eletrônico de Revistas Brasileiras em C&T (<http://200.18.223.9/revistas/>); c) Comut On Line - Programa de Comutação Bibliográfica (<http://www.200.18.223.9/comut>) - permite ao usuário a solicitação de cópias xerox de artigos de periódicos e partes de documentos.

- Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME) - <http://www.bireme@bireme.br>). Congrega hoje mais de 37 países e soma mais de 600 bibliotecas e Centros de Documentação em Saúde. Alguns dos serviços de pesquisa em bases de dados bibliográficos disponíveis no sistema são: a) LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde - inclui referências bibliográficas e resumos de mais de 600 títulos de periódicos, além de teses, livros, e capítulos de livros, anais de congressos e relatórios técnicos e governamentais; b) MEDLINE - produzida pela US National Library of Medicine, contém referências bibliográficas e resumos da literatura em ciências da saúde publicada em mais de 3.700 revistas desde 1966. A BIREME oferece também o Serviço de Comutação Bibliográfica On Line.

Conclui que a Internet aparece como uma ferramenta importante para o profissional que necessita manter-se atualizado com o que se pesquisa no mundo. As facilidades incrementadas a cada dia na rede permitem ao pesquisador o acesso ao universo de informação gerada eletronicamente, necessitando para tanto apenas do equipamento e da utilização de alguns serviços.

-oOo-